UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ALBA LÍGIA DE ALMEIDA SILVA

TRAJETÓRIA MEMORIALÍSTICA DA BIBLIOLECONOMIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

JOÃO PESSOA
2025

ALBA LÍGIA DE ALMEIDA SILVA

TRAJETÓRIA MEMORIALÍSTICA DA BIBLIOLECONOMIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para fins de avaliação.

Linha de Pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Professora Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA
2025

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586tt Silva, Alba Lígia de Almeida.
Trajetória memorialística da biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba / Alba Lígia de Almeida Silva. - João Pessoa, 2025.
403 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Biblioteconomia - História. 2. Biblioteconomia - Memória. 3. Memória institucional - UFPB. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. II. Título.

UFPB/BC CDU 02(043)

Elaborado por GRACILENE BARBOSA FIGUEIREDO - CRB-15/794



ALBA LÍGIA DE ALMEIDA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito parcial para o título de Doutora.

Defendida em: 10 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEI
Data: 14/08/2025 18:57:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Presidente/ Orientador (a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
MARIA CLEIDE RODRIGUES BERNARDINO
Data: 18/08/2025 22:26:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino
Examinador (a) Interno (a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBU(
Data: 19/08/2025 10:12:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
ANA CLAUDIA CRUZ CORDULA
Data: 17/08/2025 14:59:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula
Examinador (a) Externo (a) – PPGDARQ/UFPB/UEPB

Documento assinado digitalmente
ANA CLAUDIA MEDEIROS DE SOUSA
Data: 14/08/2025 19:51:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Ana Claudia Medeiros de Sousa
Examinador (a) Externo (a) – PPGCI/UFBA

Documento assinado digitalmente
EDNA GOMES PINHEIRO
Data: 18/08/2025 23:22:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Edna Gomes Pinheiro
Suplente Interno(a) –PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
MONICA MARQUES CARVALHO GALLOTTI
Data: 16/08/2025 13:40:18-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Mônica Marques Carvalho Gallotti
Suplente Externo (a) – PPGGIC/UFRN

Documento assinado digitalmente
ALBA LIGIA DE ALMEIDA SILVA
Data: 19/08/2025 12:49:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Alba Ligia de Almeida Silva
Doutoranda

À minha inesquecível mãe, Eunice de Almeida Silva (*in memoriam)*, por me transmitir os valores mais preciosos da vida: o estudo, o trabalho e, acima de tudo, o amor ao próximo.

Ao meu amado irmão, Bibliotecário Alex Darlan de Almeida Silva (*in memoriam*), por me introduzir à Biblioteconomia, por ter sido mais que um irmão (um amigo leal) e por me acolher carinhosamente como uma filha.

A eles, dedico!



AGRADECIMENTOS

Com gratidão profunda, agradeço **a Deus**, que é “Todo Poder e Bondade”, que me fortalece a cada novo dia. É Ele quem sustenta meus passos nas horas difíceis, ilumina meus caminhos com sabedoria e me concede forças para continuar, mesmo diante dos desafios e dificuldades. Sem Ele, nada seria possível.

À minha orientadora, Profª Drª **Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira**, professora exemplar que a Biblioteconomia me apresentou ainda nos anos 1990, quando iniciei minha trajetória acadêmica aqui na UFPB. Desde então, ela tem acompanhado de perto minha caminhada, sempre me incentivando a evoluir no campo acadêmico. Hoje, tenho a honra de tê-la como orientadora no doutorado, responsável por me conduzir pelos caminhos fascinantes da Memória e da História Oral. Serei eternamente grata por tudo o que aprendi ao seu lado e por sua generosidade intelectual e humana ao longo dessa jornada.

À Banca Examinadora:

À Professora Drª Ana Cláudia Cruz Córdula, detalhista e dedicada em tudo que faz, deixo meu sincero agradecimento. Nosso primeiro encontro se deu fora do ambiente acadêmico, quando, como fisioterapeuta, ela cuidava com sensibilidade e profissionalismo da minha mãe, acometida pelo mal de Alzheimer. Naquele momento, jamais poderíamos imaginar que, no futuro, estaríamos lado a lado como colegas de trabalho, que ela avaliaria minha tese e que construiríamos uma grande amizade. Sou profundamente grata por essa trajetória compartilhada e pelos laços que a vida academicamente nos permitiu fortalecer.

À Professora Drª Ana Cláudia Medeiros Sousa, pelo aceite em compor a banca examinadora e por sua valiosa contribuição para esta pesquisa, expresso meu profundo agradecimento. Sua participação enriqueceu significativamente este trabalho, trazendo reflexões e sugestões fundamentais para seu aprimoramento.

À Professora Drª Edna Gomes Pinheiro a qual tenho muito carinho, admiração e respeito desde quando foi minha professora na graduação. Grata pelo seu olhar atento e minucioso com que leu cada página dessa pesquisa.

À Professora Drª Maria Cleide Rodrigues Bernardino, é uma pessoa admirável, de espírito leve e sempre disposta a colaborar. Tive a honra de conhecê-la na Universidade Federal do Cariri (UFCA), em Juazeiro do Norte. Agradeço profundamente pela leitura atenta e pelas contribuições valiosas oferecidas na condição de avaliadora desta pesquisa. Sua análise criteriosa

e suas considerações pertinentes foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho. Expresso, assim, minha sincera gratidão.

À Professora Drª Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, minha orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia, expresso minha profunda gratidão por toda a generosidade, carinho e respeito com que sempre me tratou desde os tempos da graduação. Foi uma grande alegria e honra tê-la, hoje, como membro da banca examinadora da minha tese. Sua presença que reafirma a importância do vínculo construído ao longo de minha trajetória acadêmica.

À Professora Drª Maria Nilza Barbosa, minha profunda gratidão pela generosa e afetuosa contribuição nos momentos iniciais desta jornada. Seu carinho, delicadeza e doçura comigo foram fundamentais para que esse caminho começasse com acolhimento e inspiração. Seu apoio permanece vivo na memória deste percurso.

À Professora Dra. Monica Marques Carvalho Gallotti, que tive o privilégio de conhecer ainda durante minha graduação, deixo minha mais profunda gratidão. Profissional competente em tudo o que faz, agradeço por ter aceitado o convite para avaliar esta tese. Seu olhar atento, enquanto bibliotecária e pesquisadora, foi fundamental para a construção e o aprimoramento deste trabalho. Registro também, com alegria, essa amizade que a Biblioteconomia me proporcionou e que se fortaleceu no período em que atuei como bibliotecária no Rio Grande do Norte. Guardo com carinho as memórias afetivas daquele tempo, especialmente das caronas que compartilhamos nas viagens para João Pessoa. Esses momentos estão guardados com afeto em meu coração.

Aos Docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, pelos importantes ensinamentos e diálogos que serviram de alicerce para o desenvolvimento da pesquisa;

Às professoras Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento e Alzira Karla Araújo da Silva, chefes do Departamento de Ciência da Informação, pelo apoio e amizade durante o período em que me dediquei ao Doutorado, compreendendo minha necessidade de afastamento da sala de aula;

Às secretárias do Departamento de Ciência da Informação, Aline dos Santos Deiró e Lays Yane Bezerra Franco, meu sincero agradecimento pelo excelente trabalho, pela dedicação e pela presteza no atendimento. Sempre contribuíram de forma valiosa para a fluidez e o acolhimento no ambiente acadêmico.

À Coordenação de Biblioteconomia por permitir a coleta de dados no Arquivo do Curso;

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória Patrimônio (GECIMP) pelo acolhimento, discussões acadêmicas e trocas de experiencias. Minha eterna gratidão.

Ao Arquivo do CCSA-UFPB, em especial a arquivista Natasha pela recepção e apoio ao localizar as informações necessárias à pesquisa;

À Biblioteca Central Zila Mamede (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), e as Bibliotecárias Maria do Socorro Nascimento e Clediane Marques e a equipe da Sala Zila Mamede.

Aos entrevistados; Adolfo Júlio Porto de Freitas, Edna Gomes Pinheiro, Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, Emeide Nóbrega Duarte, Dulce Amélia de Brito Neves, Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, Joana Coeli Ribeiro Garcia, Marynice de Medeiros Matos Autran, Rosa Zuleide Lima de Brito e Terezinha Elizabeth da Silva, por concederem um pouco do seu tempo e abrirem as gavetas de suas memórias, minha eterna gratidão.

Ao meu esposo Guilherme Ataíde Dias, pelo incentivo constante à vida acadêmica, pelos conselhos sábios, pelo amor incondicional à nossa família, bem como aos dias partilhados, às memórias construídas, aos prazeres divididos e sonhos realizados.

Aos meus filhos, razão de minha existência**, Alice de Almeida Dias e Francisco de Almeida Dias** que, mesmo sendo ainda crianças (com apenas 11 e 09 anos), confortam meu coração diariamente com gestos e palavras de uma profundidade que transcende a infância. Só o amor verdadeiro é capaz de expressar tamanha grandeza e bondade.

Às minhas irmãs e aos meus irmãos: Albacleide de Almeida Pinheiro, Albanice Almeida do Nascimento, Albaneide de Almeida Silva, Ruy Alexley de Almeida Silva, Alex Darlan de Almeida Silva (*in memorian*) e Alan Douglas de Almeida Silva , que sempre torceram por mim e vibraram com cada uma de minhas conquistas, dedico minha eterna gratidão e amor.

Aos meus sogros Heronides Dias de Barros e Maria das Graças Ataíde Dias, que me acolheram em sua família com o carinho e a atenção de verdadeiros pais. Com zelo, cuidado e generosidade, sempre me fizeram sentir parte do seu lar. Minha eterna gratidão por tanto afeto.

À minha cunhada Luciana Ataíde Dias Santiago, sempre atenciosa e afetuosa. Compartilhamos não apenas os laços familiares, mas também a experiência acadêmica como colegas no doutorado. Grata pelo companheirismo ao longo desses anos.

A Gilmar Martins de Carvalho Santiago pelo e incentivo constante e conversas agradáveis.



À Rosana Nóbrega e Haroldo Wanderley, que fazem parte da minha vida de forma especial, sempre torcendo por mim e celebrando com entusiasmo cada conquista. A presença e o carinho de vocês são motivos de grande alegria e gratidão em minha jornada.

À Keila Pontes e Roberlito de Marques, minha sincera gratidão por sempre celebrarem comigo cada conquista. O amor e o entusiasmo de vocês foram fontes de força e alegria nesse processo.

À prima e amiga Francineide de Almeida Martins, pela amizade, carinho, conversas e tantas trocas que nos enche o coração.

À Dra Adriana Toscano de Brito, minha psicóloga que durantes anos me sustenta emocionalmente. Graças ao seu trabalho de excelência eu estou superando obstáculos. Meu eterno carinho e reconhecimento.

À amiga de infância, Ana Virgínia de Moura Ramos *(in memoriam*), pela linda história de amizade que construímos ao longo de mais de quatro décadas. Sempre com o sorriso e o coração cheio de amor compartilhamos tantas fases da vida. Hoje, meu coração é só saudade, mas, sei que você está comigo, pois sinto sua presença.

À amiga e pesquisadora, Mírian de Albuquerque Aquino, pela amizade e parceria durante o período que passamos juntas na UFPB

Às amigas que a Biblioteconomia me presenteou: Elaine Cristina de Brito Moreira, Alzira Karla Araújo da Silva, Angélica Maria Ferreira Lopes, Maria de Lourdes Cardoso, Danielle Harlene Moreno, Mônica Paiva, Raquel Guimarães, Ana Virginia de Queiroz Melo, Adriana Carla Silva de Oliveira, Maria de Lourdes Teixeira da Silva, Maria Rodrigues da Silva, Keina Cristina Santos Sousa, Maria Isabel Rocha de Lucena, Elda Cristiane Bulhões de Farias.

Às amigas do Terrazzo Imperial: Patrícia Dantas, Daya Pennafort, Magna Brunet, Daniele Guedes, Sarah Fernandes, Isabel Ventura e Maria Elizabeth (Bebeta) pela amizade e parceria com as demandas das crianças no corre-corre do dia a dia. Muitíssimo obrigada.

Aos meus amados Alok, Ursino e Bella, meus pets, que, com olhares, silêncios e demonstração de carinho, ensinam diariamente sobre amor, lealdade e a beleza das pequenas coisas.



Sobre as Memórias

A memória se apresenta de diversas formas /
Individual, coletiva, social, virtual

Por isso é melhor falarmos em "memórias"/
Sempre no plural

As memórias estão nos livros /
Estão em nossos corpos e também na cidade

Estejam onde estiverem /
Elas precisam representar nossa diversidade

As memórias estão nos objetos e nos textos /
As memórias são pedra, carne, sangue

Em seus diversos contextos /
Elas são tudo, menos estanques

As memórias são o tato, o olfato, o paladar /
Envolvem todos nossos sentidos

Nessa constante experiência do estar /
São formadas pelos significados atribuídos

As memórias não são heranças /
Pois as formamos em nossa ação

Elas estão abertas às mudanças /
Frutos de nossa representação

As memórias são o passado /
Mas também o presente e o porvir

Elas são constantemente ressignificadas /
Nos movem e nos fazem transgredir

Não podemos resgatar as memórias /
Pois elas estão em constante transformação

Enquanto protagonistas dessa história /
Trazemos as memórias na mão

As memórias são complexas /
Halbwachs, Nora, Gondar
Todos desejam estudá-las /
Mas ninguém, no fundo, consegue as explicar

Há as memórias do torturado /
E também as do torturador

Estudá-las é tarefa árdua /
Pois nos revelam o horror

As memórias são dialéticas /
Suscetíveis às intempéries do tempo

Sua concepção é política e ética /
Mas sempre moldada pelo nosso pertencimento

Há os lugares de memória /
Repletos de informação

Mas o que os categoriza como tal /
É a nossa acreditação

As memórias são a lembrança /
Mas também são o esquecimento

Provocam fúria, pavor, esperança /
Ou qualquer outro sentimento

Existe, claro, uma memória fisiológica
Neurônios e processos químicos explicados pela razão

Mas a memória que me toca e que me trouxe até aqui
Até parece não estar no cérebro, mas sim no coração
Luís Fernando Massoni. (2024)

RESUMO

Este estudo aborda a memória institucional e os elementos que a constituem como portadores de significados múltiplos para um determinado grupo, atuando como fatores de identificação coletiva. O conceito de memória institucional é discutido em articulação com o de informação, entendida como matéria-prima das sociedades pós-modernas, na perspectiva lyotardiana. Nesse contexto, os espaços de memória assumem um relevante encargo informacional, uma vez que os registros documentais neles preservados são interpretados como componentes de narrativas memorialísticas, capazes de revelar trajetórias individuais e institucionais. A pesquisa investiga como os documentos institucionais e os relatos orais contribuem para a compreensão da memória científica e social da Biblioteconomia paraibana, a partir da trajetória do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ao longo dos últimos cinquenta anos. O objetivo geral consiste em compreender a memória constituída pela trajetória histórica e social do Curso de Biblioteconomia da UFPB em cinco décadas de existência. Como objetivos específicos, busca-se: mapear os *médiums* de memória do Curso no período de 1969 a 2019; traçar as ações históricas e sociais dos docentes, delineando seu perfil institucional e sua relação com o contexto regional; investigar o processo de institucionalização acadêmica e social do Curso; e identificar os desdobramentos de sua atuação na formação universitária e nas articulações com a sociedade paraibana. Para o alcance dos objetivos propostos, foram analisados indícios de memória presentes em documentos oficiais e institucionais do Curso. A metodologia adotada insere-se em uma perspectiva documental, fundamentada no método indiciário e na história oral, interpretados a partir de uma abordagem qualitativa, o que possibilitou um recorte espacial e temporal da trajetória do Curso. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, realizadas de forma remota e presencial, com sujeitos diretamente vinculados à história da instituição. Os resultados evidenciam que o cinquentenário do Curso de Biblioteconomia da UFPB, revelado pelas memórias registradas e evocadas, aponta para uma gênese institucional sólida, marcada por permanências e transformações que expressam sua contínua evolução. O estudo propõe a criação de um Memorial Digital da Biblioteconomia da UFPB e demonstra a profunda articulação entre memória, informação e documento, evidenciando que a memória institucional ultrapassa a mera evocação do passado, configurando-se como um vetor de significados capaz de iluminar o presente e projetar perspectivas para o futuro.

Palavras-chave: Biblioteconomia-história; memória institucional; biblioteconomia paraibana; Universidade Federal da Paraíba.

ABSTRACT

This study addresses institutional memory and the elements that constitute it as carriers of multiple meanings for a given group, acting as factors of collective identification. The concept of institutional memory is discussed in articulation with that of information, understood as the raw material of postmodern societies, from a Lyotardian perspective. In this context, spaces of memory assume a significant informational role, since the documentary records preserved within them are interpreted as components of memorial narratives capable of revealing individual and institutional trajectories. The research investigates how institutional documents and oral testimonies contribute to the understanding of the scientific and social memory of Paraíba librarianship, based on the trajectory of the Librarianship Program at the Federal University of Paraíba (UFPB) over the past fifty years. The general objective is to understand the memory constituted by the historical and social trajectory of the UFPB Librarianship Program across five decades of existence. As specific objectives, the study seeks to: map the memory media of the Program from 1969 to 2019; trace the historical and social actions of faculty members, outlining their institutional profile and their relationship with the regional context; investigate the process of academic and social institutionalization of the Program; and identify the outcomes of its activities in university education and in its interactions with Paraíba society. To achieve the proposed objectives, memory traces present in official and institutional documents of the Program were analyzed. The methodology adopted is situated within a documentary perspective, grounded in the evidentiary method and oral history, interpreted through a qualitative approach, which enabled a spatial and temporal delimitation of the Program's trajectory. Data collection was carried out through interviews conducted both remotely and in person with individuals directly linked to the institution's history. The results show that the fiftieth anniversary of the UFPB Librarianship Program, as revealed by recorded and evoked memories, points to a solid institutional genesis marked by continuities and transformations that express its ongoing evolution. The study proposes the creation of a Digital Memorial of Librarianship at UFPB and demonstrates the profound articulation between memory, information, and document, showing that institutional memory goes beyond the mere evocation of the past, configuring itself as a vector of meanings capable of illuminating the present and projecting perspectives for the future.

Keywords: memory and information; librarianshi; institutional memory; Paraíba Librarianship; Federal University of Paraíba.

RÉSUMÉ

Cette étude aborde la mémoire institutionnelle et les éléments qui la constituent en tant que porteurs de significations multiples pour un groupe donné, agissant comme des facteurs d'identification collective. Le concept de mémoire institutionnelle est discuté en articulation avec celui de l'information, comprise comme la matière première des sociétés postmodernes, dans une perspective lyotardienne. Dans ce contexte, les espaces de mémoire assument une fonction informationnelle majeure, dans la mesure où les documents qui y sont conservés sont interprétés comme des composantes de récits mémoriels, capables de révéler des trajectoires individuelles et institutionnelles. La recherche analyse la manière dont les documents institutionnels et les récits oraux contribuent à la compréhension de la mémoire scientifique et sociale de la bibliothéconomie paraibana, à partir de la trajectoire du Cours de bibliothéconomie de l'Université fédérale de Paraíba (UFPB) au cours des cinquante dernières années. L'objectif général consiste à comprendre la mémoire constituée par la trajectoire historique et sociale du Cours de bibliothéconomie de l'UFPB sur cinq décennies d'existence. Les objectifs spécifiques sont les suivants : cartographier les médiums de mémoire du Cours sur la période de 1969 à 2019 ; retracer les actions historiques et sociales du corps enseignant, en définissant son profil institutionnel et sa relation avec le contexte régional ; analyser le processus d'institutionnalisation académique et sociale du Cours ; et identifier les retombées de son action dans la formation universitaire et dans les articulations avec la société paraibana. Pour atteindre les objectifs proposés, des indices de mémoire présents dans des documents officiels et institutionnels du Cours ont été analysés. La méthodologie adoptée s'inscrit dans une perspective documentaire, fondée sur la méthode indiciaire et l'histoire orale, interprétées à partir d'une approche qualitative, ce qui a permis une délimitation spatiale et temporelle de la trajectoire du Cours. La collecte des données a été réalisée au moyen d'entretiens, menés à distance et en présentiel, auprès de personnes directement liées à l'histoire de l'institution. Les résultats montrent que le cinquantenaire du Cours de bibliothéconomie de l'UFPB, révélé par les mémoires enregistrées et évoquées, met en évidence une genèse institutionnelle solide, marquée par des permanences et des transformations qui expriment son évolution continue. L'étude propose la création d'un Mémorial numérique de la bibliothéconomie de l'UFPB et démontre la profonde articulation entre mémoire, information et document, soulignant que la mémoire institutionnelle dépasse la simple évocation du passé pour se configurer comme un vecteur de significations capable d'éclairer le présent et de projeter des perspectives pour l'avenir.

Mots-clés: mémoire; information; bibliothéconomie; mémoire institutionnelle; Bibliothéconomie paraibana; Université Fédérale de Paraíba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Etapas da Pesquisa.....	43
Figura 2 -	Pesquisadora coletando dados da pesquisa.....	44
Figura 3 -	Coleta de dados no Arquivo do Departamento de Ciência da Informação (DCI/UFPB).....	45
Figura 4 -	Sequência de atividade para coleta de dados documentais	46
Figura 5 -	Docentes por Geração.....	52
Figura 6 -	Arqueologia da Biblioteconomia da UFPB.....	55
Figura 7 -	Fachada principal do edifício da Biblioteca Nacional do Brasil (1910)	65
Figura 8 -	Linha do tempo da Biblioteconomia no Brasil nas três primeiras décadas do século XX.....	66
Figura 9 -	Linha do Tempo da Biblioteconomia no Brasil entre as décadas de 1940 a 1960.....	67
Figura 10 -	Primeiro Boletim da FEBAB (volume 1 – 1967).....	68
Figura 11 -	Relato da Seção do Tema I no Boletim Informativo (V.1/1967).....	70
Figura 12 -	Bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo (1915-2001).....	71
Figura 13 -	Evolução da Biblioteconomia no Brasil entre as décadas de 1970 a 1990.....	73
Figura 14 -	Primeiros Periódicos de Biblioteconomia no Brasil.....	74
Figura 15 -	Primeira edição da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG / v.1 n.1 (1972).....	75
Figura 16 -	Capa da primeira edição da revista Ciência da Informação v.1 n.1 (1972).....	78
Figura 17 -	Sumário da revista Ciência da Informação v.1 n.1 (1972)....	79
Figura 18 -	Capa da primeira edição da RBBD (v.1 n.1/3,1973).....	80
Figura 19 -	Sumário da primeira edição da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (v.1 n.1/3(1973).....	81
Figura 20 -	Cadastro Nacional de Cursos	86

Figura 21 - Relatório de Consulta avançada por Curso..... 86
Figura 22 - Cursos de Biblioteconomia ofertados em Instituições Públicas Federais no Nordeste brasileiro..... 88
Figura 23 - Bibliotecário Edson Nery da Fonseca..... 91
Figura 24 - Bibliotecária Zila da Costa Mamede..... 95
Figura 25 - Diploma de Curso Superior em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro..... 95
Figura 26 - Reprodução do Ambiente de trabalho de Zila Mamede na BCZM-UFRN..... 97
Figura 27 - Ofício sobre o Convênio entre o Curso de Biblioteconomia da UFPB e a UFRN..... 98
Figura 28 - Aluna Antônia de Freitas Neta..... 99
Figura 29 - Relatório de Estágio UFRN e UFPB, 1978..... 100
Figura 30 - Relatório das Atividades de Estágio..... 100
Figura 31 - Conclusão do Relatório de Estágio..... 101
Figura 32 - Aluna Maria do Socorro de Azevedo Borba..... 102
Figura 33 - Relatório de Estágio de Maria do Socorro de A. Borba..... 102
Figura 34 - Sobre o Estágio na UFRN..... 103
Figura 35 - Relatório de Atividades de Estágio no Setor de Aquisição... 103
Figura 36 - Colação de Grau de Maria do Socorro Borba em 1979..... 104
Figura 37 - Depoimento sobre o Convenio entre UFRN e UFPB..... 105
Figura 38 - Tempos de Ditadura Militar na Paraíba..... 113
Figura 39 - Fundação da Faculdade de Filosofia (FAFI)..... 116
Figura 40 - Ata da Criação do Curso de Biblioteconomia da UFPB em 06 de janeiro de 1969..... 117
Figura 41 - Assinaturas da Primeira Ata de Criação do Curso de Biblioteconomia..... 117
Figura 42 - Primeira turma de Biblioteconomia..... 118
Figura 43 - Criação do DBD no ICFCH – 1970..... 119
Figura 44 - Currículo do curso de Biblioteconomia na década de 1970..... 120
Figura 45 - Colação de Grau da Primeira turma em 1972..... 121

Figura 46 - Ata da Primeira Reunião do Colegiado do..... 122
Figura 47 - Resolução 16/74 do CONSEPE(UFPB) Curso em 1974..... 123
Figura 48 - Portaria 11/74 sobre Duração Mínima do Curso..... 124
Figura 49 - Capa do Processo de Reconhecimento do Curso..... 125
Figura 50 - Decreto de Reconhecimento do Curso em 1975..... 126
Figura 51 - Termo de Compromisso, 1976..... 127
Figura 52 - Ofício 460/77 Convênio entre a UFRN e a UFPB em 1977... 128
Figura 53 - Ofício 97/77 sobre avaliação de estágio na UFRN..... 130
Figura 54 - Portaria de Coordenador de Curso 1979..... 131
Figura 55 - Cronologia do Curso de Biblioteconomia na Década de 1970..... 132
Figura 56 - Resoluções de 1969 a 1981..... 133
Figura 57 Resolução Nº15/80..... 134
Figura 58 - Resolução 24/80 – Criação do Mestrado em Biblioteconomia..... 135
Figura 59 - Divulgação das inscrições para a Especialização 136
Figura 60 - Estrutura Curricular do Curso de Biblioteconomia 1982..... 137
Figura 61 Resolução de Alteração da Estrutura Curricular..... 138
Figura 62 - Resoluções para Progressão funcional docente..... 140
Figura 63 - Ampliação do da equipe docente do DBD..... 141
Figura 64 - Reinvindicação dos alunos para contratação de professores..... 142
Figura 65 - Resultado do Concurso Público para Professor do DBD..... 143
Figura 66 - Quadro de Docentes do DBD em 1989..... 144
Figura 67 - Representante do DBD no Comitê de Pesquisa do CCSA... 145
Figura 68 - Cronologia do Curso de Biblioteconomia na década de 1980..... 146
Figura 69 - Placa dos 21 anos de Biblioteconomia na Paraíba (1970-1991)..... 147
Figura 70 - Primeiro número da I&S (v.1 n.1 1991)..... 149
Figura 71 - Ofício nº 299/93 Programação Mestrado..... 150

Figura 72 - Resolução nº 17/92 (Criação do Curso Noturno)..... 151

Figura 73 - Fluxograma do Curso Noturno..... 152

Figura 74 - Eleição para Chefe do DBD (1993)..... 153

Figura 75 - Tramitação da Eleição (1993)..... 154

Figura 76 - Biblioteca Setorial do CCSA-UFPB (1993)..... 155

Figura 77 - Gestão da Biblioteca (199--)..... 155

Figura 78 - Redução da Carga Horária do Curso (1994)..... 156

Figura 79 - Placa Comemorativa aos 25 anos do Curso de Biblioteconomia..... 157

Figura 80 - Folder do evento 25 anos do Curso de Biblioteconomia 161

Figura 81 - Certificado de Participação no CBBD (1975)..... 161

Figura 82 - Congresso Brasileiro de Biblioteconomia nos anos 80 e 2000..... 162

Figura 83 - Cronologia do Curso de Biblioteconomia na Década de 1990..... 162

Figura 84 - Fluxograma do curso Noturno..... 164

Figura 85 - Placa dos 40 anos da Biblioteconomia..... 165

Figura 86 - Placa dos 50 anos do Curso (1969-2019)..... 166

Figura 87 - Docentes do DCI UFPB (2019)..... 168

Figura 88 - Veredas Memorialísticas da Biblioteconomia na UFPB..... 171

Figura 89 - Categorização das placas por período..... 171

Figura 90 - Placa dos Concluintes do Primeiro Semestre de 1975.1.... 173

Figura 91 - Placa dos Concluintes de Dezembro de 1976..... 175

Figura 92 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período 1977.1..... 177

Figura 93 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1981.2..... 179

Figura 94 - Placa dos Concluintes de 1982..... 181

Figura 95 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1984.1..... 183

Figura 96 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1984.2..... 185

Figura 97 - Placas dos Concluintes do Primeiro Período de 1986.1 186

Figura 98 - Placas dos Concluintes do Segundo Período 1986.2 188

Figura 99 - Placa dos Concluintes do Segundo Período 1987.2..... 189

Figura 100- Placas dos Concluintes do Primeiro Período 1988.1..... 191

Figura 101	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1988.2.....	192
Figura 102	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1989.2.....	193
Figura 103	Placa dos Concluintes do Primeiro Período 1990.1.....	197
Figura 104	Placa dos Concluintes do Segundo Período 1991.2.....	199
Figura 105	Placa dos Concluintes do Primeiro Período 1992.1.....	200
Figura 106	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1993.2.....	202
Figura 107	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1994.1.....	204
Figura 108	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1995.2.....	205
Figura 109	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1996.1.....	207
Figura 110	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1996.2.....	209
Figura 111	Placas dos Concluintes do Primeiro Período de 1997.1.....	211
Figura 112	Placas dos Concluintes do Segundo Período de 1997.2.....	212
Figura 113 -	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1998.1.....	214
Figura 114	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1998.2.....	217
Figura 115 -	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1999.2.....	218
Figura 116	Placa dos Concluintes do Primeiro Período do ano 2000.1	221
Figura 117	Placa dos Concluintes do Segundo Período do ano de 2000.2.....	223
Figura 118	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2001.1.....	225
Figura 119	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2002.1.....	228
Figura 120	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2002.2.....	230
Figura 121	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2004.1.....	231
Figura 122	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2004.2.....	234
Figura 123	Placa dos Concluintes do segundo Período 2005.2.....	235
Figura 124	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2007.2.....	237
Figura 125	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2008.1.....	239
Figura 126	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2008.2.....	241
Figura 127	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2009.1.....	243
Figura 128	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2009.2.....	245
Figura 129 -	Relato “Pessoas e Encontros na Ciência da Informação.....	246
Figura 130	Relato “Pessoas e Encontros na Ciência da Informação”...	247
Figura 131	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2010.2.....	249

Figura 132	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2011.....	252
Figura 133	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2011.....	253
Figura 134	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2012.....	255
Figura 135	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2013.....	256
Figura 136 -	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2015.....	258
Figura 137 -	Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2015.....	259
Figura 138 -	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2016.....	261
Figura 139 -	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2017.....	261
Figura 140	Solenidade de Posse das Reitoras Margareth Diniz e Bernardina Freire.....	263
Figura 141	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2018.....	264
Figura 142	Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2019.....	265
Figura 143	Bibliotecária na Biblioteca Central da UFPB de 1976 a 1978	271
Figura 144	Portaria 17/76 da Reitoria da UFPB.....	271
Figura 145	Certificado do Curso de Classificação em 1976.....	272
Figura 146	Projeto de Dissertação (1983).....	273
Figura 147	Participação no 15º CBBD no Rio de Janeiro em 1989.....	275
Figura 148	Com a Professora Francisca Arruda Ramalho.....	281
Figura 149	Com colegas docentes do Departamento de Biblioteconomia e Documentação.....	282
Figura 150	Reunião Projeto de Extensão.....	287
Figura 151-	QR Code para acesso ao trecho da entrevista sobre a família.....	304
Figura 152	Joana Colei e sua filha Adriana.....	305
Figura 153 -	Joana Coeli com Colegas do Departamento de Biblioteconomia e Documentação.....	313
Figura 154	Comemoração do Título “Professora Titular” - Dulce Amélia.....	314
Figura 155	Na Chefia Departamental.....	337
Figura 156	Entrevista online com Professora Emeide Nóbrega.....	339
Figura 157	Colação de Grau de seus alunos e orientandos.....	351
Figura 158	Emoção em sua defesa de Tese em Portugal.....	351

Figura 159 Encontro e Diálogos em Ciência da Informação em Coimbra..... 354
Figura 160 Professores no DCI em rotina de trabalho e orientação de alunos..... 355
Figura 161 Marynice e seus colegas de Departamento..... 356
Figura 162 Protótipo do site do Memorial Digital de Biblioteconomia (Página Inicial)..... 380
Figura 163 Protótipo do site do Memorial Digital de Biblioteconomia (Entrevistas & Personalidades)..... 381
Figura 164 - Protótipo do site do Memorial Digital de Biblioteconomia (Galeria)..... 382

SUMÁRIO

1 O LIMIAR DA HISTÓRIA..... 23

2 PERSCRUTANDO CAMINHOS E SEUS DESDOBRAMENTOS..... 40

2.1 A PESQUISA DOCUMENTAL: ENTRE REGISTROS, ESTANTES E DOCUMENTOS..... 41

2.2 HISTÓRIA ORAL: DANDO ESCUTA AOS PROTAGONISTAS..... 48

2.3 O MÉTODO INDICIÁRIO E O *MÉDIUMS* DE MEMÓRIA..... 53

3 TRAJETO MEMORIAL: ENTRE SILÊNCIO E ESQUECIMENTO..... 58

3.1 MEMÓRIA INSTITUCIONAL E SEUS ELEMENTOS FUNDANTES..... 60

3.2 UM BREVE DESENHO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL..... 63

3.3 BIBLIOTECONOMIA NO NORDESTE BRASILEIRO..... 88

4 TECENDO MEMÓRIAS: CINQUENTENÁRIO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFPB..... 112

4.1 VEREDAS MEMORIAIS DA BIBLIOTECONOMIA NA UFPB: REVELANDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DAS PLACAS DE FORMATURA..... 169

4.2 PLACAS DE FORMATURA COMO REGISTROS MEMORIALÍSTICOS NOS ANOS DE 1970 172

4.3 MEMÓRIAS REGISTRADAS NAS PLACAS DE FORMATURA NOS ANOS DE 1980..... 179

4.4 PLACAS DE FORMATURA COMO OBJETOS DE MEMÓRIAS NOS ANOS DE 1990..... 195

4.5 MOSTRA MEMORIALÍTICAS DAS PLACAS DE FORMATURA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO ANO 2000..... 220

5 A MEMÓRIA E SUAS NARRATIVAS: ABRINDO AS CORTINAS DA HISTÓRIA ORAL..... 268

5.1 PROFESSORA GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E SILVA 269

5.2 PROFESSOR ADOLFO JÚLIO PORTO DE FREITAS..... 277

5.3 PROFESSORA DULCE AMÉLIA DE BRITO NEVES..... 289

5.4 PROFESSORA JOANA COELI RIBEIRO GARCIA..... 303

5.5 PROFESSORA MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE..... 315

5.6 PROFESSORA EDNA GOMES PINHEIRO..... 328

5.7 PROFESSORA EMEIDE NÓBREGA DUARTE..... 338

5.8 PROFESSORA MARYNICE DE MEDEIROS MATOS AUTRAN..... 345

5.9 PROFESSORA ROSA ZULEIDE DE BRITO NEVES..... 358

5.10 PROFESSORA TEREZINHA ELIZABETH DA SILVA..... 369

6 ENTRE REGISTROS E MEMÓRIAS: PROSPECTIVA DE UM MEMORIAL DIGITAL PARA A BIBLIOTECONOMIA DA UFPB..... 378

7 CULTIVO DE LEMBRANÇAS: DESFECHO MEMORIALÍSTICO..... 384

REFERÊNCIAS 388

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO 402

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA..... 403

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO: IMAGEM, ÁUDIO, DADOS PESSOAIS..... 404



Fonte: https://br.freepik.com/fotos-premium/ampulheta-e-livros_32194194.htm

1 O LIMIAR DA HISTÓRIA

> *"Através de um olhar distanciado dos acontecimentos, olhar mediatizado pelo tempo que passa, exploramos as tendências ocultas confinadas no passado, que se impõem ao presente pela força do próprio tempo. A memória institucional parece invadir as fronteiras do quadro temporal, para suscitar questões do vivido ao que ainda não se viveu." (Thiesen, 1997, p.8)*

Ao olharmos para o passado com distanciamento, podemos explorar tendências ocultas que influenciam o presente devido à força do tempo. Isso ocorre, sobretudo, com a memória pessoal, assim como a institucional, que ultrapassa as barreiras temporais, despertando questões sobre o que já foi vivido e o que ainda não foi experimentado. Nessa esfera de entendimento, refletir sobre a memória institucional é refletir sobre os elementos que a compõem e que guardam significados diversos para um grupo, atuando como fatores de sua identificação. No contexto de memória institucional, Thiesen (2013, p.31) ressalta que,

> [...] a memória institucional abrange a memória organizacional, mas, não se limita a ela. São relações de força que determinam o plano institucional que, por sua vez, define a organização. A questão da instituição é a legitimidade.

A autora destaca a relevância da memória institucional na compreensão de uma organização, argumentando que essa memória, mesmo abrangendo a memória organizacional, não se limita a ela, pois existem relações de poder que determinam o contexto institucional.

Ao destacar a legitimidade, Thiesen (2013) afirma que a compreensão da memória institucional é fundamental para entender a natureza da organização, pois esse tipo de memória está ligado à informação, que seria a matéria-prima das chamadas sociedades pós-modernas, referindo-se ao "estado da cultura após as transformações que afetaram as regras do jogo da ciência, da literatura e das artes no final do século XIX." (Lyotard, 1988, p.15). Em consonância com esse

entendimento, a memória é "[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidades, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades contemporâneas" (Le Goff, 2003, p. 69).

Entendemos, entretanto, a relevância da busca por uma identidade não apenas intelectual, mas também coletiva, principalmente quando relacionado à sociedade contemporânea, visto que é um fator substancial e possui uma característica indispensável para a compreensão de si mesmo, assim como também da coletividade social.

Nesse sentido, ao olhar para o passado institucional nos vemos mergulhadas em uma vinculação, quase que umbilical com a memória da Biblioteconomia. Isso porque o nosso interesse pela área surgiu em um ambiente familiar, ao ter um irmão bibliotecário e, a partir de então, apreender a constelação dos fazeres da profissão e interessar-nos por ela. No mercado de trabalho, vivenciamos experiências em bibliotecas de várias Instituições de Ensino Superior no estado da Paraíba e fora dele. Desenvolvemos atividades profissionais em entidades de classe, universidades, faculdades e escolas. Sem sequer esquecer os que nos antecederam no lastro histórico da profissão que escolhemos e abraçamos, ser e atuar como bibliotecária sempre nos foi balsamo.

No espaço acadêmico, após a conclusão da graduação em Biblioteconomia na UFPB, retornamos algumas vezes à UFPB buscando qualificação e aperfeiçoamento. Nela, realizamos a Especialização (Gestão Estratégica de Unidades de Informação) e Mestrado (Ciência da Informação) em paralelo com nossas atividades de Gestão em Unidades de Informação. Ainda no cenário acadêmico, realizamos, ao longo do tempo, estudos em torno da Gestão da Informação, mas, foi através de temáticas relacionadas à memória que vislumbramos a possibilidade de ressignificação do passado-presente no âmbito da Ciência da Informação, especificamente na trajetória da Biblioteconomia.

Nesse sentido, observa-se que a ação do tempo pode ter um efeito de destacar e articular novas condições sociais, econômicas e científicas dos espaços e das condições de vida pessoal e profissional de nossos contemporâneos, pois a ação do tempo é natural, inerente a nossa vontade e que

atinge vários aspectos da humanidade. Já as questões sociais, políticas, econômicas e científicas podem sofrer alterações pela ação do tempo. Ao refletir sobre o tempo, reportamo-nos a satisfação com o (re)visitado, ou o novo que permitirá associações e evocações de circunstâncias conjunturais que serão trazidas para o presente, pois

> [...] a opinião que temos uns dos outros [...] só são fixas na aparência [...], pois se modificam "[...] auxiliadas pelas desagregações contínuas do esquecimento, numa vida que é feita de uma renovação perpétua de células [...]" (Proust, 2004, p.121).

Nesta citação Proust (2004) reflete sobre a natureza mutável das opiniões que temos uns dos outros, sugerindo que elas não são fixas ou permanentes, mesmo que possam parecer assim. Ele compara esse processo às "desagregações contínuas do esquecimento" e à "renovação perpétua de células", trazendo uma perspectiva orgânica e dinâmica para as relações humanas e a memória. A metáfora biológica usada pelo autor ressalta que, assim como o corpo humano está em constante transformação com a renovação de suas células, nossas percepções e opiniões sobre as pessoas, sobre as instituições também estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Essas alterações são impulsionadas pelo esquecimento e pela forma como novas experiências e contextos moldam nossa visão do outro.

Em essência, ele aponta para a fluidez da memória e da subjetividade, mostrando que o modo como enxergamos os outros está em constante recriação, assim como nós mesmos mudamos ao longo da vida. E que a memória pode se revelar fundamental para o (re)encontro com os pares ou mesmo com a história. Nesse sentido, Murguia (2010, p. 8), ao discorrer sobre espaços de memória, nos alerta sobre os lugares de memórias e seus encargos informacionais "[...] no sentido de lembrar os acontecimentos, pessoas e lugares que realmente existiram e cujas provas podemos encontrar nesses lugares [...]".

De acordo com Nora (1993), lugares de memória (lieux de mémoire) são locais, objetos, práticas ou símbolos nos quais a memória coletiva se cristaliza e se preserva. Eles surgem quando a memória viva, ou seja, a transmissão

espontânea de experiências e tradições dentro de uma comunidade, começa a desaparecer. Assim, os lugares de memória são criados pela necessidade de manter e organizar a memória em um contexto em que o passado não é mais parte natural da vida cotidiana. Para o autor, esses lugares se revelam um tríplice acepção, lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são também lugares simbólicos onde essa memória coletiva (vale dizer, essa identidade) se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Nora (1993) argumenta que a memória tradicional, que antes era viva e comunitária, foi substituída pela história, uma reconstrução intencional e crítica do passado. Ele considera que os lugares de memória emergem como uma resposta a essa ruptura, sendo criados artificialmente para compensar a perda da memória orgânica. Nesse sentido, defende o autor que a memória é viva, emocional e coletiva, transmitida entre gerações de maneira direta. Enquanto a história é a representação intelectual e analítica do passado, muitas vezes desvinculada da experiência imediata.

Nesse sentido, os lugares de memória operam, portanto, como pontos de ancoragem que conectam o presente ao passado, todavia, construídos em um contexto de distanciamento temporal e cultural. Os lugares de memória, segundo Nora (1993), não são apenas instrumentos de preservação do passado, mas também refletem as tensões entre memória e história, identidade e esquecimento, continuidade e ruptura.

Ante o exposto, inferimos que o objetivo da memória é evocar eventos, pessoas e lugares cujas provas podem ser encontradas nesses lugares. Isso preconiza que memória é fundamentada em evidências concretas, tendo como objetivo salvaguardar o fato histórico, garantindo a clareza da informação difundida de geração em geração.

Nessa perspectiva, destacamos os documentos como *Mediums* de memória (Assmann, 2011) e elementos de narrativas memorialísticas que podem revelar a trajetória de um indivíduo ou de uma instituição, pois possuem informações e registros pertinentes a trajetórias, por meio de informações oficiais

como atas de reuniões, relatórios técnicos, correspondências, fotografias, vídeos, ou mesmo informações orais, verbais entre outros. *Mediums*, que podem ser considerados fontes de informação capazes de favorecer o entendimento do contexto histórico em que uma pessoa ou organização está ou esteve inserida. Especificamente, quando revisitados sob a ótica do passado no presente, a exemplos dos documentos que compõem o curso de Biblioteconomia da UFPB. Nessa esteira compreensiva inferimos que estes podem descortinar a sua própria trajetória histórica e social nos últimos 50 anos por meio de uma vasta e plural gama de informações, materializadas, tornando possível sua preservação e disseminação. Tornando-se capaz de documentar-se, uma vez que este pode ser: "[...] memória histórica, administrativa ou epistemológica podendo ser recuperável. Antes de tratar a memória como uma informação, é preciso entender o histórico de como a memória foi trabalhada e ressignificada ao longo do tempo [...]" (Pereira, Serafim e Molina, 2016, p. 1161).

Nesse cenário, um documento pode ser compreendido e exemplificado não apenas pela junção de símbolos, imagens e palavras, mas também por outros elementos. A representação e recuperação da informação através dessa combinação manifestam seus significados. Dessa forma, esses conteúdos são interpretados, contribuindo para a construção do conhecimento, visto que esse processo é fundamental para a comunicação humana, pois permite que conceitos sejam compartilhados, acessados e compreendidos. Todavia, documentos possuem uma grande diversidade de formatos, como imagem, texto, som, áudio, vídeo, papel, fitas magnéticas, discos rígido ou digitais, todos entendidos nesta pesquisa como *médiums* de memória, possibilitando sua recuperação através de um sistema de busca, usando termos por palavras-chave ou algoritmos de processamento de linguagem natural. Possibilidade do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, buscam explorar as práticas mais diversas e eficazes referentes à produção, tratamento, representação e, consequentemente, a recuperação da informação. Isso inclui a organização e indexação em sistemas específicos, permitindo o acesso e compreensão da informação registrada, capazes de servir a memória histórica, quer seja individual ou coletiva.

Para Halbwachs (2004), os eventos do passado, são transformados em memórias coletivas. Corroborando com esse pensador, também consideramos que a memória e a recordação são elementos significativos em algumas áreas de estudo, no campo das ciências sociais aplicadas, precipuamente na Ciência da Informação, sobretudo na última década teóricos e pesquisadores tem se debruçado sobre a temática, ampliando o número de pesquisas nesse campo, acreditando que esses elementos sofrem impactos e influências advindas não apenas de processos individuais, mas também de grupos sociais. Esse mesmo autor, justifica que a memória individual não é um elemento inerte, mas sim uma construção social, gerada e fundamentada pelas relações sociais e que nossa anamnese é ajustada de acordo com as perspectivas e adequações dos grupos sociais nos quais estamos inseridos, sendo assim classificada como "memória coletiva". O autor justifica sua interpretação ao afirmar:

> Suponhamos que eu passeie só. Diremos que desse passeio eu não possa guardar senão lembranças individuais, que não sejam senão minhas? Não obstante, passeei só somente na aparência. Passando por Westminster, pensei no que me havia sido dito por um amigo historiador (ou, o que dá no mesmo, no que havia lido sobre ela em uma história). Atravessando uma ponte, considerei o efeito de perspectiva que meu amigo pintor havia assinalado (ou que me havia surpreendido num quadro, numa gravura). E me dirigi, orientado pelo pensamento de meu plano. (Halbwachs,1990, p. 9).

Pactuamos do pensamento do autor ao afirmar que o processo de recordação, as lembranças são estimuladas e analisadas com base nos laços sociais que construímos. Premissa partilhada por Candau (2005) ao referir-se aos sociotransmissores, elementos presentes na vida social das pessoas, manifestados por meio da oralidade, de objetos, lugares e outros aspectos. De acordo com o autor, esses elementos se assemelham aos neurotransmissores cerebrais, pois têm a capacidade de evocar memórias, sem excluir o seu contexto social, visto ser essencial para a recordação. As lembranças são mais perceptíveis quando evocadas em situações congêneres ao original. Nesse sentido, frisamos a magnitude da continuação da memória coletiva, ao compor a identidade de indivíduos ou grupos, transcendendo o tempo e as gerações.

Ainda segundo as contribuições de Halbwachs (2004), memória coletiva e memória social são sinônimas, por parte de autores(as), como Paul Ricoeur (2007), Vera Dodebei (2010), Jöel Candau (2005), Ecléa Bosi (1994) e Pierre Nora (1993), Azevedo Netto (2002).

Le Goff (2003) partilha do mesmo entendimento e ressalta que a memória coletiva é uma construção social, esculpida pela história, cultura e lembranças partilhados de forma social. Ele justifica que a memória contribui significativamente para compor e dar sentido à história social de um indivíduo ou grupo, ressaltando que sua perda pode afetar e contribuir para a ruptura de grupos sociais. Além, disso, a memória é mutável com o passar do tempo, mesmo assim contribui para o fortalecimento identitário.

Ancorada nesse entendimento, sobre a importância dos *médiums* de memória na sociedade, defendemos sua guarda e difusão como processos essenciais, pois estes exercem funções relevantes na preservação da cultura e, sobretudo, na salvaguarda da memória histórica, e, por conseguinte o acesso aos registros informacionais, ou melhor em sentido lato acesso aos *médiums* de memória, considerando que este possibilita que acontecimentos passados sejam estudados, pesquisados e disseminados, em áreas como psicologia, sociologia, antropologia e história, bem como no campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia e áreas congêneres. Nessa esteira de raciocínio Bellotto (2005) destaca três tipos de difusão possíveis de acesso aos *médiums* de memória:

> **a)** a *difusão educativa*, que compreende uma relação entre a instituição arquivo e as instituições de ensino por meio de visitas e conhecimento dos documentos; **b)** a *difusão editorial*, que, por meio de publicações, divulgam os produtos e serviços do arquivo; **c)** a *difusão cultural*, voltada para projetos culturais com diversas temáticas. (Bellotto, 2005, p. 104).

Tal possibilidade, favorece o acesso aos *médiums* em suas mais variadas estruturas ou suportes, como documentos impressos e digitais, imagens, vídeos e outros, dando a conhecer, bem como tirando do silenciamento informações que podem subsidiar a preservação e o acesso a memória coletiva e social. Essa

preservação colabora para o desenvolvimento de uma sociedade crítica e de um educar para nunca mais, fortalecendo a memória social e coletiva, sobretudo quando entre em evidencia o documento enquanto médium de memória. A esse respeito, Frohmann (2008), nos alerta sobre a importância da retomada da atenção ao documento, uma vez que:

> [...] se 'documento' nomeia a materialidade da informação, e se a materialidade é importante para o entendimento dos aspectos públicos e sociais da informação, então os estudos da documentação tornam-se importantes para os estudos da informação. A documentação se torna o meio de materialização da informação. Estudar a documentação é estudar as consequências e os efeitos da materialidade da informação. (Frohmann, 2008, p. 21-22).

Partilhando desse entendimento, Dodebei (2010) traça uma aproximação entre informação e memória ao argumentar que:

> [...] ambas são a face material da economia representada pelo consumo de bens que transitam nas redes sociais e, ao mesmo tempo, a face material dos percursos da valorização de bens culturais e da preservação de patrimônios. (Dodebei, 2010, p. 59).

Compreendemos que tanto a informação quanto a memória, do ponto de vista social, se complementam, visto que representam um consumo e valorização da cultura e a preservação de patrimônios. Não é à toa que Dodebei (2010) ressalta que a informação e a memória são indivisíveis, pois se complementam na esfera social. Visto serem relevantes no que se refere à construção da identidade individual e social, isso nos instiga a refletir sobre algumas questões a respeito da utilização de procedimentos de classificação e organização documental, visando a recuperação posterior da informação e da memória coletiva e social, que permite um maior acesso e eficiência para os campos informacionais dos materiais de memória disponíveis, isto é, uma vez armazenada, a disseminação se relaciona com outros.

Portanto, pensar no aspecto da difusão enquanto processo de disseminação e de compartilhamento torna-se relevante nas questões

relacionadas à memória, justificando dessa maneira uma atenção maior no momento da produção, registro, seleção, aquisição, organização, classificação e preservação da informação. Quando refletimos sobre a aproximação entre informação e memória, percebemos que elas se influenciam reciprocamente, pois a informação é registro contido na memória, sendo essa memória a responsável por guardar, armazenar e recuperar as informações ali contidas, visto que a informação precisa ser armazenada para ter utilidade e a memória necessita dessas informações para ser ativada, em vista disso uma depende da outra e se complementam.

Por outro lado, há que considerar a contribuição das tecnologias de comunicação e informação nesse processo, visto que a tecnologia promove a aproximação entre esses dois elementos: informação e memória, pois contribui no armazenamento de um grande volume de informação e consequentemente o seu rápido acesso por meio de sistemas automatizados. Assim, compreendemos que os documentos (por conterem informações) são *médiuns* de memória capazes de disponibilizar, para (re)conhecimento da sociedade, as memórias em torno da constituição e trajetória de determinada instituição, fomentando a disseminação dessa trajetória no âmbito social, cultural e educacional. Nesta linha de raciocínio, consideramos o encargo informacional da memória no contexto do curso de Biblioteconomia da UFPB como espaço de informação, capaz de suprir essas necessidades, graças ao trabalho dos bibliotecários, pesquisadores e cientistas da informação, bem como de outros profissionais envolvidos no ciclo da informação, no qual a memória se insere.

O presente estudo examinou o acervo documental e informações coletadas ao longo da pesquisa, tais como documentos oficiais impressos, decretos, resoluções, projetos, atas de reuniões, relatos orais dos docentes e registros fotográficos que retratam a memória do Curso de graduação em Biblioteconomia, que por vezes se mistura com o a memória do antigo Departamento de Biblioteconomia e, atualmente Departamento de Ciência da Informação, bem como a do Mestrado em Biblioteconomia atual Mestrado em Ciência da Informação, isso porque os atores sociais integrantes desta pesquisa atuaram e atuam, em alguns casos nos três espaços.

Urge destacar ainda o processo de criação do Curso de Graduação em Biblioteconomia, que teve como patrono o professor Afonso Pereira da Silva[1], ao qual se dedicou com afinco à sua implantação e contou com o apoio do Instituto Nacional do Livro. Como resultado, o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba foi criado em 06 de janeiro 1969, por meio da Resolução 01/69, quatorze anos após a fundação da Instituição. Em vista disso, o contexto em torno do cinquentenário do curso na UFPB e os documentos registram essa trajetória, enquanto *médiums* de memória, possibilitam, quando interpretados refletir sobre os aspectos significativos do Curso, bem como seus silenciamentos.

Dessa forma, compreendemos que a memória quando associada a dois elementos: a informação materializada e o momento vivido, pode trazer extensores memoriais que capazes de evocar aspectos sociais, políticos, culturais educacionais do campo investigado. Nessa perspectiva ela pode se apresentar como uma grande colcha de retalhos no qual, os elementos evocados pontuam particularidades e influências acumuladas ao longo do tempo, contribuindo de forma contínua para a construção de narrativas futuras. Segundo Baumann (2011, p.121, grifo nosso), "É verdade que "uma vez" os homens das cavernas "descobriram o amanhã". Mas, a história é tanto um processo de esquecer como de aprender, e a memória é famosa por sua seletividade. Entendendo que a memória, por ser própria do ser humano, é considerada fundamental para a construção dos indivíduos e grupos sociais, por armazenar e recuperar informações enquanto elementos importantes para formação, desenvolvimento e preservação da história. Assim sendo, entendemos a relevância da memória no sentido de promover a construção social através da disseminação de histórias objetivando a formação da identidade coletiva. Dessa forma, a memória é edificada

[1] Afonso Pereira da Silva nasceu em Bonito de Santa Fé, cidade da microrregião de Cajazeiras, no Alto Sertão paraibano, em 30 de outubro de 1917. Tornou-se um homem dedicado à causa da educação. Envolvido em diversas atividades como professor, diretor de teatro, escritor, deputado e jornalista. Como professor, lecionou diversas disciplinas e foi um dos fundadores da Universidade Federal da Paraíba, onde também atuou como professor de economia. Dedicou-se incansavelmente à educação e cultura na Paraíba. Fundou a Fundação Padre Ibiapina, que criou mais de 114 instituições educacionais, e foi reconhecido como o maior professor do Brasil pelo Senado Federal. Sua atuação abrangeu desde o ensino fundamental até o ensino superior, com a criação de ginásios, escolas comerciais, escolas rurais, escolas técnicas, entre outras. Infelizmente, faleceu em 8 de junho de 2008, deixando um legado de dedicação à educação e cultura do povo paraibano. Por fim, seu nome está eternizado na história da educação paraibana como um verdadeiro educador imortal. (AAP, 2024). Disponível em https://arquivoafonsopereira.com.br/patrono/quem-foi-afonso-pereira/

a partir dos registros que conectam o passado ao presente, especialmente na documentação desenvolvida pela Biblioteconomia na UFPB. Além disso, é essencial revelar as contribuições de indivíduos que desempenharam papéis fundamentais na construção do curso, destacando assim a importância de desvelar a memória da biblioteconomia.

Compreendendo que a memória, por ser inerente ao ser humano, é fundamental para a construção dos indivíduos e grupos sociais, pois armazena e recupera informações, elementos essenciais para a formação, desenvolvimento e preservação da história. Dessa forma, entendemos a relevância da memória como promotora da construção social, possibilitando a troca e disseminação de histórias com o objetivo de formar uma identidade coletiva. Esse processo de construção da identidade ocorre à medida que as pessoas se reconhecem e se identificam com o espaço em que vivem, estabelecendo conexões e relações que se desenvolvem a partir dessa identificação. Assim, a memória não é apenas um repositório de dados, mas um elemento ativo na formação, construção e fortalecimento das relações humanas e sociais, além de direcionar as experiências compartilhadas que definem uma coletividade. Nesse contexto, a documentação produzida pela Biblioteconomia na UFPB, bem como as contribuições de pessoas que participaram do seu desenvolvimento, desempenham um papel fundamental tanto para os avanços da profissão como para a construção identitária na Paraíba.

Nesse aspecto, a memória, ao ser tratada como informação por diversas áreas, assume um caráter interdisciplinar, tornando-se um ponto de convergência nos espaços de informação. Essas áreas abordam a memória sob perspectivas distintas, mas todas a reconhecem como elemento fundante à identidade coletiva e individual. No campo da Ciência da Informação, a memória é compreendida como informação por meio da junção de dados tratados, registrados e organizados para sua posterior recuperação, acesso e uso. Todo esse processamento técnico deriva da informação e é realizado à luz das normas da biblioteconomia, como a classificação e indexação, que são essenciais para preservação da memória. Vale ressaltar que a memória, enquanto informação, viabiliza a discussão e uso de metodologias em diversas áreas do conhecimento, objetivando sua preservação, difusão e acesso. Assim, é elementar refletir sobre a constituição e preservação da

memória institucional, tanto para compreender seu valor quanto para questionar o processo de formação e conservação.

A memória institucional está inicialmente relacionada à história da instituição, refletindo sua cultura e valores. Entretanto, discutir a constituição e preservação dessa memória também expressa proteger a instituição contra possíveis interpretações equivocadas de fatos e acontecimentos que marcaram sua história. À vista disso, sua preservação e disseminação vão além da promoção da geração de novos conhecimentos, mas da construção de sua memória.

Por conseguinte, a memória institucional da Biblioteconomia na UFPB é uma narrativa elaborada sobre o passado (Nora, 1993), além de apresentar suas principais formas de expressão, tais como: a difusão de uma narrativa sobre o curso e seus valores; a trajetória memorialística, científica e social da Biblioteconomia na Paraíba, a partir dos contextos do espaço de informação e suas realizações ao longo do tempo. Essa memória encontra-se na instituição sob a forma de documentos, impressos, desde a sua fundação, em 1969, e segue uma periodização por décadas até os anos 2019, apresentando acontecimentos e ações considerados relevantes. Nesse percurso, foi realizada uma abordagem da dinâmica institucional frente às questões de informação desses quadros memorialísticos, sendo necessário recuar no tempo para buscar também a compreensão das instituições na contemporaneidade.

Baseado nessa assertiva, entendemos que a necessidade de questionar a relação entre *informação-memória-documento*, se faz necessária para evidenciar as ações da institucionalização como ruptura de indícios dos instrumentos de reprodução e como força eficaz de conservação das relações sociais. A forma de estruturação dos coletivos de ação, relativamente autônoma, será relevante a esse estudo, concebendo o modelo da organização que preencheu alguns espaços discursivos. Assim, vislumbrou-se a transição dos significados de memória e das instituições às formas corporativas da organização, nos meandros do entrelaçado *saber-poder*, uma vez que alguns elementos sociais do passado podem surgir nas narrativas e comparações com a Biblioteconomia de hoje, visto que a memória institucional pode influenciar no que diz respeito as questões políticas e sociais e que vêm intervindo constantemente na biblioteconomia, seja nas questões

técnicas da profissão ou nos valores relacionados ao desenvolvimento profissional. Assim, através dos fatos colhidos em cada recuperação da informação por meio de imagens, documentos, relatos, acontecimentos históricos e sociais que marcam esse percurso e sua relação com o momento atual, na maioria dos casos, essas informações surgem revestidas de autenticidade, saudosismo e olhos marejados por alguns momentos, movidas pela emoção de sujeito entrevistado. As memórias obtidas através desses relatos têm contribuído para tecer uma narrativa contínua com novos sentidos de ressignificação e redefinição de uma experiência individual, apoiada na construção de elementos essenciais e trilhada por caminhos diferenças de suas rupturas, crescimentos e inovação.

Essa reflexão nos convida a analisar sobre o juízo de valor que geralmente fazemos em relação ao outro indivíduo baseado sobretudo em sua aparência, porém que podem sofrer alterações ao longo do tempo. Desse modo, reiteramos que a coletividade do curso de Biblioteconomia da UFPB está longe de ter traços homogêneos. Entendemos, entretanto, que a memória, por conseguinte é o único modo de percorrermos os labirintos documentais produzidos na trajetória do curso em questão, e com isso ressignificar sua história revelando à sociedade sua importância científica e social. Portanto, ao tornarmos conhecidas as memórias intrínsecas aos registros documentais, refletimos sobre seu papel como elemento fundamental para a construção social da realidade, vivenciada ao longo desses cinquenta nos de existência.

Na via de tal assertiva cabe indagar: ***Como se constitui a trajetória histórica e social do curso de Biblioteconomia na Paraíba, no período de 1969 a 2019 de existência na UFPB?***

Ante ao exposto, **a pesquisa apresenta como tese** que a Biblioteconomia na Paraíba emerge da relação universidade e sociedade no contexto das carências social e técnica e se insere na UFPB, a partir do ensino, da pesquisa e extensão universitária, assentada em uma abordagem social da informação.

Para maior embasamento teórico enfatizamos a relação entre informação, documento e memória priorizando seus elementos fundantes, principalmente associados à memória institucional, pois entendemos que:

> A memória não é apenas de ordem individual, mas também coletiva, um constructo social que toma parte na constituição de identidades. Pensar a memória de uma instituição é refletir sobre os elementos que, por integrá-la, guardam significados de ordens diversas para um grupo como fatores de sua identificação, tanto como forma de coesão interna, como de exteriorização de uma imagem perante outros grupos. (Scherer, Weber, 2015, p. 204)

Nesse cenário, a memória institucional é constituída por vários elementos, onde sua identidade deve ser transmitida e percebida pela sociedade visto que, a constituição dessas memórias ocorre "mediante a seleção de determinadas experiências passadas em detrimento de outras consideradas negativas [...] algumas são relegadas ao silenciamento e ao esquecimento." (Scherer, Weber, p. 214, 2015). Tais experiências e expectativas são mutáveis e podem sofrer alterações em suas estruturas de acordo com a sociedade em que estão inseridas.

Neste lastro de compreensão, e com vistas a respondermos à questão norteadora de pesquisa, traçamos os seguintes **objetivos: o geral** que visa compreender a memória constituída pela trajetória histórica e social da Biblioteconomia no período de 1969 a 2019" na UFPB. **E como objetivos específicos**: Mapear os *médiums* de memória do Curso de Biblioteconomia da UFPB (1969–2019), compreendendo seus suportes documentais, simbólicos e institucionais.; analisar as atuações acadêmicas e institucionais dos docentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB, visando delinear seu perfil profissional e suas articulações com o contexto regional. Analisar o processo de institucionalização acadêmica e social do Curso de Biblioteconomia na UFPB; identificar os desdobramentos do Curso de Biblioteconomia na formação universitária e suas articulações com a sociedade paraibana.

Nesse cenário, o estudo está estruturado em sete seções: a primeira seção ***O Limiar da história*** apresenta um panorama da temática investigada através de sua contextualização, expondo a justificativa, a problemática, bem como o enunciado da tese, a motivação, os objetivos gerais e específicos propostos.

A segunda seção, **Perscrutando *Caminhos e seus desdobramentos,*** apresentamos o itinerário percorrido para desenvolver o estudo. Para tanto, a pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa e de caráter documental associada a história oral. Tomando o método indiciário como pressuposto analítico das informações coletadas, pois entendemos a memória coletiva como um fenômeno social que se coloca em relação não apenas ao passado, mas também com o contexto atual, mediado por representações coletivas dos sujeitos da pesquisa.

Em seguida, em o ***Trajeto Memorial: entre silêncio e esquecimento,*** apresentamos o diálogo conceitual ancorado nos precursores teóricos do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação e autoridades que abordam as temáticas de: informação, memória, documento e história oral, como também um breve histórico da Biblioteconomia no Brasil, para um maior embasamento desse estudo.

Quanta à quarta seção, ***Tecendo Memórias: cinquentenário do curso de Biblioteconomia na UFPB,*** aporta um diálogo entre autores e os achados documentais, considerados enquanto elementos necessários e fundamentais no que diz respeito a coleta de dados para a análise. Nesse contexto, destacamos documentos que fazem parte do acervo institucional do Curso, a exemplo de atas de reuniões, Projeto Político Pedagógico (PPP), Ofícios, Regulamentos, registros imagéticos entre outros.

Na quinta seção, ***A Memória e suas narrativas: abrindo as cortinas da história Oral***, apresentamos a fala dos sujeitos, coletadas através de entrevistas coletadas por meio da história oral, preservando suas narrativas e características da oralidade. Esse capítulo busca “interpretar a realidade, algumas vezes opaca, em busca de características menos visgosas, de indícios que permitiram decifrá-la e compreendê-la” como bem destaca o historiador italiano Carlo Ginzburg (2004). Para tanto, utilizamos o método indiciário, para analisar os dados da pesquisa.

Entre registros e memórias: prospectiva de um Memorial Digital para a Biblioteconomia da UFPB, apresentamos um espaço digital criado para preservação e disseminação da memória do curso de Biblioteconomia da UFPB.

Na última seção ***Cultivo de Lembranças: desfecho memorialístico,*** apresentamos as considerações relevantes ao desenvolvimento desse estudo, bem como sugestões para o desenvolvimento de futuras pesquisas na área ciência da informação e afins.



Fonte: https://editorialpaco.com.br/o-que-e-ficha-catalografica-e-por-que-ela-e-importante/

2 PERSCRUTANDO CAMINHOS E SEUS DESDOBRAMENTOS

> *O documento escrito constitui uma fonte preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (*Cellard, 2008, p.98).

A diversidade de registros documentais, presentes em uma ampla gama de suportes e campos da ciência, é extensa. No entanto, a interpretação e utilização desses materiais são fundamentais para a pesquisa, uma vez que os documentos constituem em elementos e evidências únicas de acontecimentos específicos. Nesse sentido, é essencial enfatizar:

> A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p.2).

É irrefutável a relevância da informação enquanto documento escrito para a preservação da memória e construção do conhecimento, valioso à pesquisa em diversas áreas, principalmente em Ciências Humanas, Sociais e na Ciência da Informação. Localizar, interpretar e resgatar as informações contidas nos registros documentais (aqui entendido como *médiums* de memória), possibilita o acesso e a visibilidade de evidências que ajudam a entender contextos culturais, políticos, econômicos e históricos, sendo essenciais para o desenvolvimento científico. Esses registros possuem valor histórico e, a depender de sua tipologia, podem tornar-se frágeis e suscetíveis a danos físicos. Tal vulnerabilidade está relacionada ao seu estado de conservação, às ações da natureza, ao tempo e, principalmente, ao acondicionamento inadequado desses acervos. Preservar esses *médiums* é,

portanto, preservar a memória cultural, científica e social da humanidade. Numa perspectiva documental, o estudo tem um caráter qualitativo, pois,

> [...] não está relacionada a representatividade numérica, mas relaciona-se com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, busca explicar o porquê das coisas se, quantificar valores, tenta apreender a totalidade do contexto de quem está vivenciando a situação (Paiva; Oliveira; Hillesheim, 2021, p.21-22).

Assim, delineou-se um caminho metodológico com vistas a compreender a função informacional da memória no contexto do cinquentenário da Biblioteconomia na UFPB. Para tanto, articulou-se a pesquisa bibliográfica e documental associada à história oral, interpretadas à luz do método indiciário, compreendido como tática de aproximação com o empírico, visando a possibilidade para novas descobertas.

2.1 A PESQUISA DOCUMENTAL: ENTRE REGISTROS, ESTANTES E DOCUMENTOS

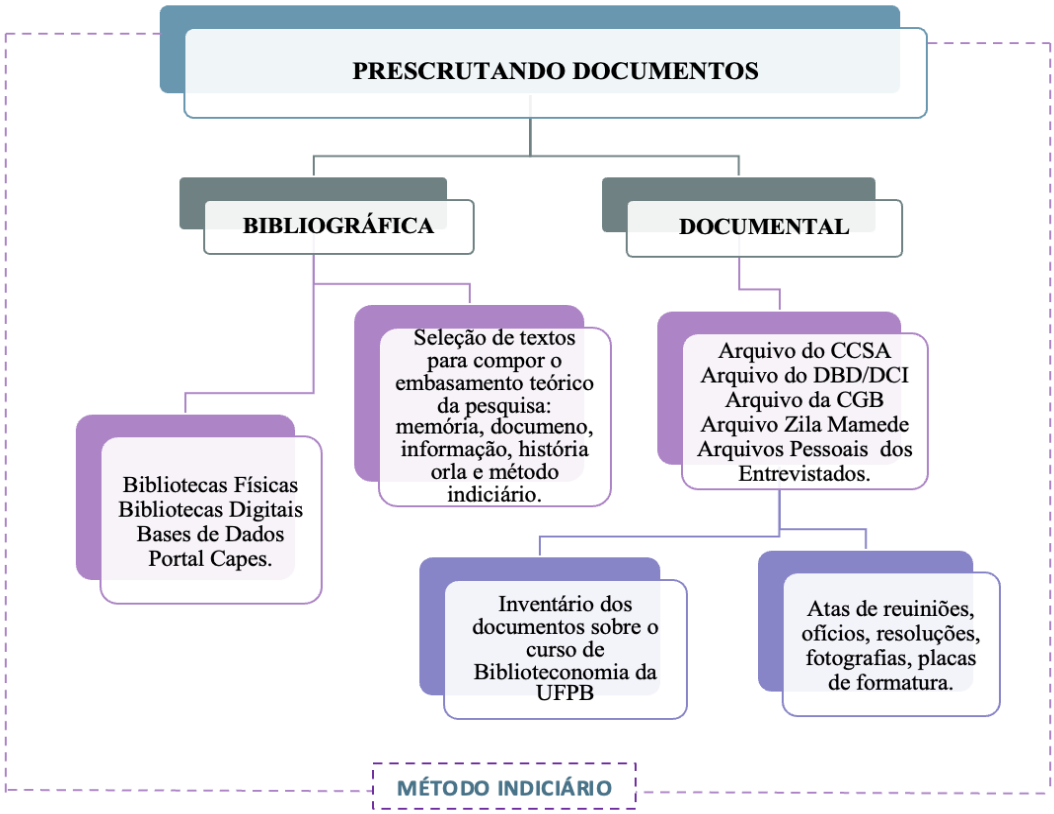
O interesse em investigar a memória do Curso de Biblioteconomia motiva-nos a traçar caminhos em busca de respostas. Nesse sentido, a aplicação da pesquisa documental implica mergulhar em diversas fontes de informação, especialmente em documentos, pois esse tipo de pesquisa “se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 5). Todavia, a pesquisa documental é amplamente utilizada nas Ciências Humanas e Sociais, como também na Ciência da Informação, sendo fundamental para a recuperação, tratamento e análise da informação. Nessa perspectiva, pode ser compreendida como "o tipo de pesquisa que se utiliza de documentos escritos, impressos ou não, como fonte principal para a coleta de dados e informações sobre um determinado assunto" (Severino, 2018, p.134), estando “restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.” (Lakatos e Marconi, 2003, p.174).

Deste modo, esse estudo faz uso de fontes de informação utilizadas para averiguar e analisar temáticas específicas em diferentes áreas do conhecimento, permitindo agregar a dimensão temporal à compreensão do contexto social. Para tanto, recorre-se a informações e narrativas históricas, cuja análise favorece a observação dos processos de maturação e evolução de indivíduos, grupos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades e práticas. Corroborando com essa ideia, Cellard (2008) afirma que a pesquisa documental é um instrumento fundamental para a coleta e avaliação dos dados. Por outro lado, é oportuno destacar que temos ainda a pesquisa bibliográfica que se equipara com a pesquisa documental, uma vez que:

> A *única diferença entre ambas está na natureza das fontes*. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (Gil 2008, p.52, grifo nosso).

Entendemos, entretanto, que a distinção entre ambas reside na tipologia e na diversidade das fontes utilizadas. Metodologicamente, apresentam algumas semelhanças, contudo, suas origens e tratamentos são distintos. Gil (2008) enfatiza que a pesquisa bibliográfica é realizada através de materiais e fontes publicadas, tais como livros, periódicos e outras publicações. Desse modo, as fontes bibliográficas precisam ser publicadas para se diferenciarem das fontes documentais. Embora exista distinção entre esses dois tipos de pesquisa, ambas apresentam abordagens metodológicas complementares, podendo uma iniciar -se com a revisão bibliográfica e a outra fundamentar-se exclusivamente na análise documental, objetivando alcançar uma compreensão mais profunda da temática em questão. A seguir, detalham-se as etapas da pesquisa documental:

Figura 1: Etapas da Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Entendemos que o processo da pesquisa documental requer o uso de fontes escritas e não escritas. Na Figura 1, delineiam-se as etapas desenvolvidas: a Seleção (momento de leitura de textos publicados sobre as temáticas abordadas nesta pesquisa), o Inventário (coleta de informações e validação da memória institucional do Curso através de relatos orais) e a Triagem (análise de documentos oficiais do Curso). Para melhor evidenciar essas questões, Lakatos e Marconi (2003, p. 176) destacam que:

> A maioria das sociedades são complexas, letradas, onde o acúmulo de documentos vem ocorrendo há séculos. [...]. Para que o investigador não se perca na "floresta" das coisas escritas, deve iniciar seu estudo com a definição clara dos objetivos, para poder julgar que tipo de documentação será adequada às suas finalidades. Tem de conhecer também os riscos que corre de suas fontes serem inexatas, distorcidas ou errôneas. Por esse motivo, para cada tipo de fonte fornecedora de dados, o investigador deve conhecer meios e técnicas para testar tanto a validade quanto a fidedignidade das informações.

Compreendemos que, ao longo do processo de pesquisa científica, as revelações e manifestações que emergem nem sempre refletem ao que era previamente conhecido, uma vez que muitas descobertas ocorrem de forma inesperada. Foi assim que surgiu a inevitabilidade de investigar as placas de formatura do curso de Biblioteconomia, referentes ao período de 1969 a 2019, expostas nos corredores do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), as quais compõem uma verdadeira galeria memorialística, conforme ilustrado na Figura 2:

Figura 2 – Pesquisadora coletando dados da pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

Nesse momento, o pesquisador tem a impressão de ter descoberto algo grandioso; porém percebe a necessidade de se debruçar ainda mais sobre o objeto de estudo para alcançar resultados concretos. Seguindo o processo da pesquisa documental, destaca-se que a seleção do material informacional é indispensável, embora somente seja possível a partir da coleta de dados, visto ser "[...] crucial para a obtenção de informações confiáveis e fundamentadas, permitindo ao pesquisador analisar criticamente as fontes e extrair conclusões pertinentes sobre o tema investigado" (Cotrim, 2017, p.123).

No âmbito desse paradigma, a coleta e análise voltam-se às particularidades, através dos indícios reveladores (pistas, dados vestigiais, signos, entre outros) que apontam para uma realidade complexa, não diretamente experimentável, apoiando-se na possibilidade de inferi-la e interpretá-la a partir de seus efeitos. Tal paradigma caracteriza-se metodologicamente pela não separação entre sujeito e objeto. Nesse contexto, buscou-se localizar os documentos oficiais

referentes ao Curso de Biblioteconomia produzidos no Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD), hoje Departamento de Ciência da Informação (DCI), da UFPB, conforme Figura 3:

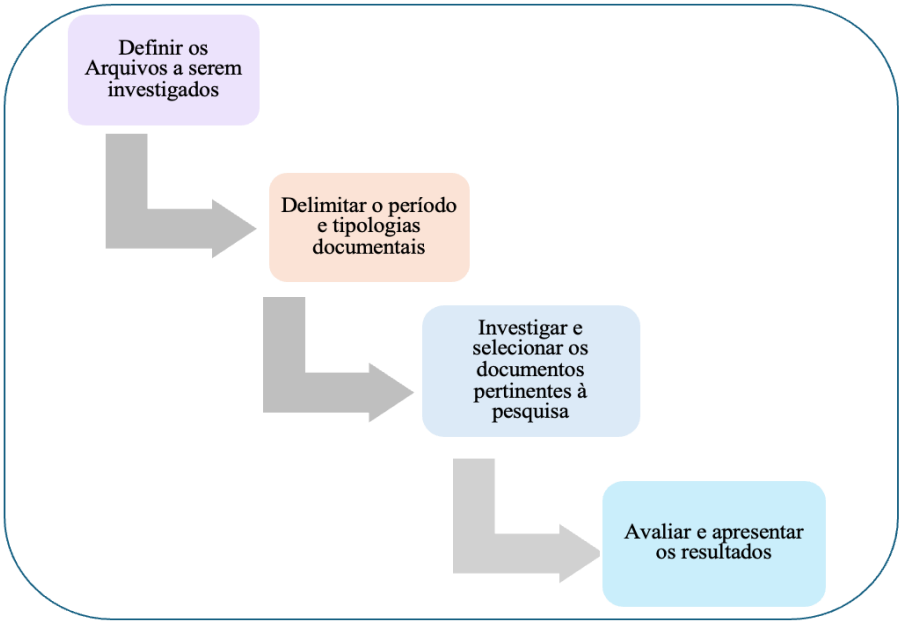
Figura 3 – Coleta de dados no Arquivo do Departamento de Ciência da Informação (DCI/UFPB)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

Acreditamos que “a análise documental é uma técnica de pesquisa que pressupõe um trabalho detalhado, minucioso e, ao mesmo tempo, criterioso e seletivo de interpretação do texto e das mensagens contidas nos documentos” (Minayo, 2015, p.81). Por esse motivo, tornou-se imprescindível esmiuçar não apenas o arquivo do DCI-UFPB, mas também o Arquivo Geral do CCSA, o Arquivo da Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia (CGB), ambos da UFPB, e o Arquivo Zila Mamede (AZM), localizado na Biblioteca Central da UFRN. Desse modo, adotou-se uma sequência para coleta de dados nesses arquivos, conforme ilustrado na Figura 4:

Figura 4 – Sequência de atividade para coleta de dados documentais



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A coleta de dados nesses arquivos estendeu-se por alguns meses, uma vez que, no início da pesquisa, o Brasil atravessava a pandemia da Covid-19, e algumas medidas de proteção se fizeram necessárias e obrigatórias como o isolamento social. Durante os dois anos de pandemia, as atividade acadêmicas eram remotas (formato online), o que levou a universidade a adotar um regime parcial de atendimentos presenciais, provocando obstáculos quanto ao acesso a alguns ambientes administrativos da instituição.

Nesse percurso, iniciou-se a coleta de dados documentais no arquivo do DCI-UFPB. O arquivo permanente encontra-se organizado em armários, com caixas sinalizadas e seu acervo acondicionado em Caixas Arquivo (tipo polionda), o que contribuiu consideravelmente para a sua preservação. No arquivo, foram localizados os seguintes documentos: atas de reunião, relatórios técnicos, Projeto Político Pedagógico, correspondências, memorandos, ofícios, declarações, relatórios das eleições para chefia do departamento, bem como arquivos imagéticos que retratam a história do curso, tanto em sua dimensão social quanto científica.

O segundo arquivo pesquisado foi o Arquivo Geral do CCSA, composto por toda documentação produzida pelas coordenações de cursos de Graduação e Pós-Graduação, pelos Departamentos e pela Direção que compõem o CCSA. Ao investigar o acervo neste arquivo, constatou-se que os documentos referentes aos anos iniciais do Curso de Biblioteconomia não foram encaminhados para compor o arquivo permanente do CCSA.

O terceiro arquivo analisado foi o da CGB, localizado em um espaço reservado no interior da própria Coordenação. Os documentos encontram-se acondicionados em caixas específicas, o que contribuiu para preservação dos documentos ali arquivados.

O quarto e último investigado foi o AZM, localizado em uma sala exclusiva no primeiro andar da Biblioteca Central Zila Mamede na UFRN. A motivação para a coleta de dados nesse arquivo surgiu a partir da análise dos documentos localizados no arquivo da CGB, nos quais constatamos informações relevantes sobre o convênio entre a UFRN e a UFPB, com o objetivo de qualificar os funcionários da Biblioteca Central da UFRN. Nesse sentido, realizou-se deslocamento ao estado do Rio Grande do Norte, com vistas a localização de documentos de caráter comprobatório e histórico.

Apesar do empenho na coleta documental, que envolveu vários dias de pesquisa nos arquivos, com análise minuciosa de caixa por caixa e documento por documento em busca de informações relevantes e comprobatórias, enfrentaram-se desafios significativos ao longo do processo. Durante essa etapa, observaram-se nos arquivos do DCI e CGB, algumas lacunas técnicas, a ausência de uma política de gestão documental, a falta de organização e de ambiente adequados para a preservação desse acervo. Os documentos encontram-se armazenados em pastas e acondicionados dentro de armários de alvenaria e gaveteiros com pastas suspensas, o que compromete sua conservação. Desse modo, diante da impossibilidade de localizar determinados documentos e considerando a importância das informações obtidas oralmente, tornou-se necessário adotar a história oral como estratégia complementar e de suporte à reconstrução da memória da Biblioteconomia paraibana. Visto que esses achados memorialísticos,

> [...] são fruto do acaso e não da curiosidade deliberada. Surge em algum momento da pesquisa onde a sensação é de ter encontrado uma pista relevante e ao mesmo tempo a consciência aguda da ignorância sobre o que é ou o que significa [...]. (Ginzburg, 2004, p.11)

À vista disso, essa riqueza de detalhes será evidenciada nas análises deste estudo, à luz da história oral, revelando as nuances memoriais da Biblioteconomia na UFPB. Para tanto, o método indiciário fundamenta-se no princípio de que a realidade pode, em alguns aspectos, apresentar-se opaca, mas os indícios oferecem a possibilidade de decifrá-la.

2.2 HISTÓRIA ORAL: DANDO ESCUTA AOS PROTAGONISTAS

Tendo como base essa sustentação teórica, a metodologia adotada para a análise dos achados documentais buscou identificar a relação informação-e-memória, presente nos arquivos do Curso de Biblioteconomia da UFPB e, principalmente, nos relatos coletados por meio das entrevistas realizadas com os sujeitos que construíram para o desenvolvimento do curso. Com base na narrativa pautada através da história oral, Lozano (2006, p.16, grifo do autor) enfatiza que tal procedimento é

> [...] destinado a constituição de novas fontes para pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas especificas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”.

Portanto, compreende-se a relevância da história oral como fonte de informação para pesquisas científicas e como um meio de produção de conhecimentos históricos e científicos, uma vez que se destina à formação de novas fontes de informação, capazes de contribuir significativamente para os estudos relacionados à memória. Essa prática fundamenta-se em depoimentos

extraídos e coletados de forma sistemática e metodológica. Assim, produzir história oral é produzir conhecimento histórico. Nesse cenário,

> [...] a história oral permite evidenciar que a "palavra dita e gravada não existe como fenômeno ou ação isolada. Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gestos, lágrimas, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo expressões faciais [...]. (Meihy; Holanda, 2017, p. 14).

A partir dessa reflexão, torna-se evidente a possibilidade de dar visibilidade aos sujeitos ocultos, que não são mencionados na história oficial de uma instituição, destacando a relevância de suas narrativas orais para preservação não apenas da memória institucional, mas também da memória coletiva e social. Observa-se, ainda, que a história oral poder ser usada como um instrumento em prol dos grupos oprimidos e socialmente excluídos, contribuindo significativamente para a democratização da produção histórica. Com base nessa riqueza de detalhes e por meio da história oral, explorou-se a memória da Biblioteconomia na UFPB. Essa abordagem é fundamental para a coleta de dados, pois valoriza os assuntos da pesquisa e suas narrativas, permitindo o relato de suas trajetórias acadêmicas, científicas e sociais, bem como da própria história do curso de Biblioteconomia da UFPB. Por meio desses relatos, apresentam-se fatos e situações que irão elucidar o presente, assumindo um papel de destaque e legitimidade no escopo deste estudo. Para Meihy e Holanda (2017, p.15):

> História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados.

Não obstante, entende-se que a história oral envolve uma combinação de procedimentos necessários e fundamentais para compilação da memória, uma vez que, "o espaço e o tempo da história oral são o "aqui" e o "agora", e o produto é um documento." (Meihy e Holanda, 2017, p. 14). Portanto, buscar e interpretação

de fatos históricos e sociais são destacados por Thiesen (1997, p.7) ao ressaltar que:

> A história das ciências e das sociedades é rica em exemplos de esquecimentos, seja em sua vertente segregadora do outro, nas inúmeras formas de silencio, repressão e exclusão, ou mesmo nas representações míticas que integram o universo mais amplo das práticas sociais. Toda época tem seu regime de verdade. Daí a necessidade de desneutralizar os fenômenos sociais e a própria noção de memória, inúmeras vezes entendida como mera volta ao passado, num movimento de resgate daquilo que ficou retido do passado no presente: heranças, persistências, legados.

Esses fenômenos sociais carregam consigo informações e memórias que precisam ser elucidados e interpretadas, visto que “o fenômeno da memória, no quadro das instituições, tem características especiais, razão pela qual buscamos identificar o processo de institucionalização das práticas sociais[...]” (Thiesen, 1997, p.8). Nota-se que a memória institucional apresenta características específicas, visando a compreensão e identificação do processo institucional e de suas práticas sociais, as quais se transformam ao longo dos anos. Ao considerar a memória nos espaços de informação, estabelece-se uma relação direta com seus acervos e suas tipologias, pois é por meio deles que se tornam possíveis a interpretação de fatos específicos representados nos documentos. Esses registros evocam memórias, seja por meio de uma fotografia, seja por uma lembrança, contribuindo, sobretudo, para o armazenamento, a recuperação e uso da informação. Dessa forma, destacam-se duas vertentes da memória: a de curto prazo e a de longo prazo.

A primeira vertente tem a função de armazenar informações temporárias, enquanto a segunda preserva a informação de maneira permanente, possibilitando o resgate de dados valiosos e essenciais para a construção da história coletiva e social. Nesse cenário, a informação e a memória são elementos fundamentais nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, tornando-os protagonistas de suas próprias histórias.

A partir desse momento, iniciamos o processo de localização dos docentes do curso de Biblioteconomia, abrangendo o período de 1969 a 2019. A busca teve início por meio do contato direto com docentes do DCI-UFPB. Os vínculos,

especialmente de amizade entre muitos deles, facilitaram o acesso às informações de contato, como endereços eletrônicos e números do telefone. Para aqueles cujos contatos estavam desatualizados, adotamos outras estratégias de busca, incluindo pesquisas em redes sociais, na tentativa de localizá-los. É importante destacar que essa etapa teve início durante a pandemia da Covid-19, o que dificultou o acesso a esses docentes, pois, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde:

> Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto desse novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI 2005). Essa decisão buscava aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. **Em 11 de março de 2020**, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença no mundo.. A decisão foi tomada pelo diretor-geral da OMS após **Em 5 de maio de 2023, a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19**receber a recomendação do Comitê de Emergência encarregado de analisar periodicamente o cenário da doença. (OPAS, 2025, grifo nosso)

Com o fim da pandemia, a busca por esses docentes foi retomada. Foram realizadas inúmeras ligações, mensagens por aplicativos e envios de e-mails. Alguns responderam positivamente ao convite para conceder entrevistas, enquanto outros não retornaram às mensagens, não puderam ser localizados ou enfrentaram impedimentos decorrentes de questões de saúde.

Para o agendamento das entrevistas, adotamos duas modalidades: presencial e *online*, utilizando o aplicativo Google Meet. A modalidade presencial possibilitou, além do contato direto com os docentes, alguns em suas próprias residências e outros na UFPB, o acesso aos seus acervos pessoais, compartilhados durante as entrevistas. Esse acesso permitiu o resgate de memórias por meio de registros imagéticos de eventos e atividades acadêmicas ao longo da trajetória docente. As informações obtidas viabilizaram a exploração de conteúdos escritos, fotografias de eventos científicos, reuniões de trabalho, conferências, entre outros. Para melhor organizar esses relatos e analisar seus

conteúdos, foram selecionados docentes que ingressaram no Curso de Biblioteconomia da UFPB nas três primeiras décadas, 1970, 1980 e 1990, por corresponderem ao período mais longínquo da história do curso. Nessa perspectiva, após a definição das gerações, elaboramos uma lista com os nomes dos docentes de cada geração, com base em informações obtidas oralmente por um dos docentes do curso. A partir dessa listagem preliminar, buscamos sua comprovação por meio de documentos constantes no Arquivo do DCI/UFPB e, em seguida, dividimos docentes em três grupos, a sabe:

Figura 5 - Docentes por Geração



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Após a identificação dos nomes dos docentes e sua organização em grupos por geração, com seus respectivos quantitativos, adotamos o uso de seus nomes próprios, mediante o consentimento dos entrevistados que foram localizados, saber:

- **1ª Geração (1970):** Gláucia Guimarães da Silveira e Silva
- **2ª Geração (1980):** Adolfo Júlio Porto de Freitas (1989), Dulce Amélia de Brito Neves (1988), Joana Coeli, Ribeiro Garcia (1988), Maria Elizabeth Baltar carneiro de Albuquerque (1989).

- **3ª Geração (1990):** Edna gomes Pinheiro (1998), Emeide Nóbrega Duarte (1995), Marynice de Medeiros Matos Autran (1998), Rosa Zuleide Lima de Brito (1993) e Terezinha Elizabeth da Silva (1992).

Além disso, para enriquecer o embasamento teórico, estabelecemos um diálogo com diversos autores que abordam as temáticas exploradas nesta pesquisa, visando à construção de uma narrativa mais consistente e aprofundada.

2.3 O MÉTODO INDICIÁRIO E OS *MEDIUMS* DE MEMÓRIA

A proposta da pesquisa busca evidenciar a memória coletiva e institucional, compreendida como fenômeno social no qual as representações são detectadas nas falas dos participantes. Para tanto, com vistas a interpretação e compreensão dos dados, adotamos como procedimentos analítico o método indiciário, que permite investigar várias questões e diferentes momentos (Becker, 1999). Este método permite e facilita a criação da estrutura do conjunto informacional a ser analisado, partindo-se de um ponto específico para a construção das bases de sustentação da análise. Esse método também foi aplicado ao planejamento do modo de observação quanto à elaboração de reflexões para articular indícios, fragmentos e relações entre objetos e conceitos. Entre esses objetos, destacam-se os documentos, considerados como *médiums* de memória que compõem acervos institucionais e de caráter pessoal, a exemplo dos documentos oriundos dos acervos de ex-docentes, bem como daqueles produzidos a partir das entrevistas de história oral, fotografias entre outros registros que, de algum modo, se constituem significativos para a preservação da memória da Biblioteconomia na UFPB.

Diante desse cenário, iniciou-se o processo de entrevistas com os participantes da pesquisa, com o objetivo de garantir o máximo de informação e dados relevantes. Reconhecemos que o acesso a esses indivíduos foi delicado, visto que alguns não puderam ser entrevistados devido a fatores como falecimento, doenças graves ou por não terem sido localizados em decorrência de aposentadoria, mudanças de endereço, entre outros motivos. Essas dificuldades enfrentadas ao longo do processo, influenciaram diretamente as escolhas e

seleções realizadas. Por outro lado, as histórias orais dos participantes, após transcritas e materializadas em documento, possibilitaram, em conjunto com outros *médiums* de memória recuperados, ressignificar a memória da Biblioteconomia na UFPB.

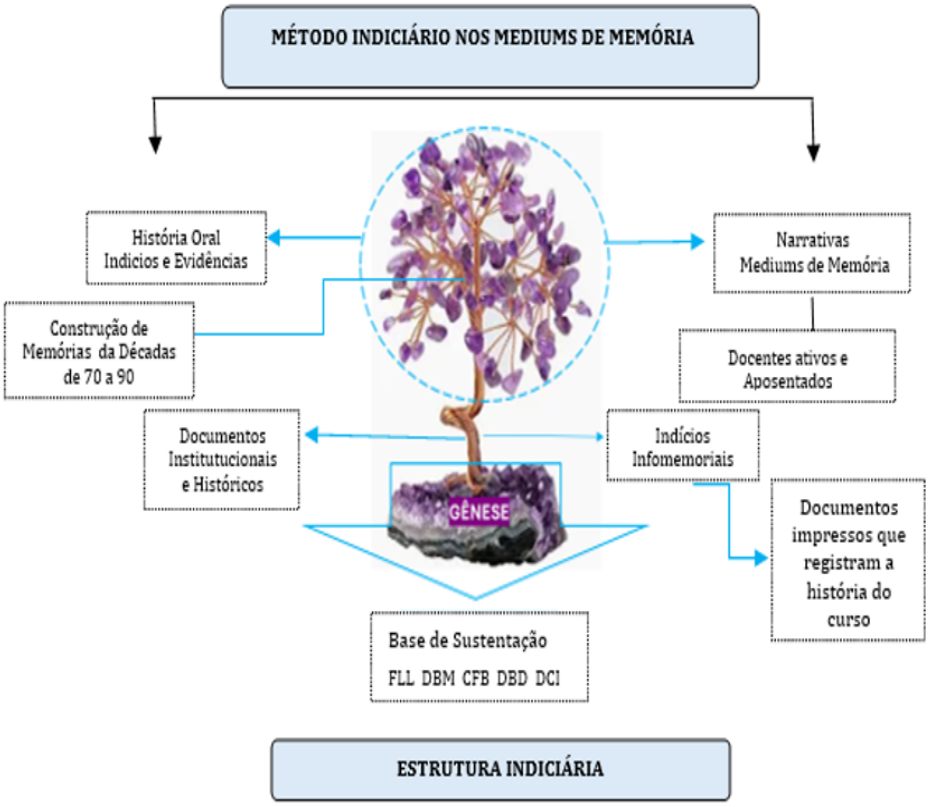
Para fins de análise, e conforme mencionado anteriormente, adotamos o Método Indiciário para entender e interpretar os dados. Esse método busca captar a veracidade social com base em indícios e evidências. Nessa perspectiva, Santos e Silva (2016, p.1257 *apud* Ginzburg, 1986),

> [...] compara alguns métodos de investigação e propõe um novo paradigma no âmbito das ciências humanas: o indiciário. Esse modelo de investigação surge como uma alternativa ao paradigma galileano, configurando-se como um modo de pesquisar aquilo que escapa à noção tradicional de ciência.

Assim, evidencia-se a necessidade de o pesquisador manter um olhar atento e crítico às metodologias e métodos pré-estabelecidos nas Ciências Humanas e Sociais, bem como sugerir a inserção do método indiciário. Contrapondo-se à generalização, à objetividade e à quantificação, próprios de um modelo positivista da ciência, o paradigma indiciário introduz no campo das pesquisas o valor da singularidade (Touni, 2010). Por ser a entrevista uma técnica de coleta interessante e estimulante, devido ao diálogo entre o entrevistador e entrevistado, os indícios permitem captar a essência da narrativa, incluindo suas informações mais subjetivas, emoções e lembranças significativas que marcaram a história dos entrevistados. Seguindo essa vertente, Lakatos e Marconi (2010), destacam pontos importantes na aplicação da entrevista, tais como: identificar a opinião dos entrevistados sobre fatos marcantes, detectar eventos ocorridos e perceber as emoções afloradas durante o diálogo, entre outros aspectos. Com nessa abordagem, elaboramos rotas possíveis com vistas a extrair as facetas mais profundas da memória dos entrevistados. Assim, estabelecemos a seguinte sequência: **a)** A participação dos sujeitos na Biblioteconomia a partir de uma dimensão coletiva e social; **b)** da salvaguarda da memória científica, cultural e social do curso, através dos *médiums* de memória associada a história oral dos

docentes que fizeram parte dessas décadas do curso. Assim, a relação com o método indiciário nesse estudo, pode ser observada através da Figura 6:

Figura 6: Arqueologia da Biblioteconomia da UFPB[2]



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Figura 6 expressa, de forma visual e simbólica, a proposta metodológica desta pesquisa, ao utilizar o método indiciário para evidenciar a memória do Curso de Biblioteconomia na UFPB a partir dos *médiums de memória* (documentos, narrativas orais, imagens, registros institucionais). Em sua base, observa-se a solidez, a origem e o valor histórico do Curso. Trata-se de um desenho que engloba tempo e informação, ressaltando a construção e preservação da memória. Conforme explicitado, de acordo com as fontes de informação, concebidas

[2]A figura retratada com a Arqueologia do Curso de Biblioteconomia da UFPB foi elaborada a partir da imagem de uma árvore de pedra ametista. A escolha dessa imagem ocorreu pelo fato desse tipo de pedra ser um dos símbolos emblemáticos da biblioteconomia. Os símbolos são descritos na Resolução 034, de 30 de abril de 2011, que determina que o anel de grau deve conter: a Pedra Ametista, originária do grego *Amethystos*, de cor violeta; a Lâmpada de Aladim, que simboliza a perene vigília e a atividade intelectual; e o Livro Aberto, que simboliza a informação. Disponível em: https://www.crb14.org.br/index.php?art=10

enquanto *médiums* de memória, localizadas no acervo do Curso de Graduação em Biblioteconomia, no Departamento e no arquivo do CCSA, no Acervo de Zila Mamede na UFRN, bem como nos relatos dos entrevistados, esboçamos um traçado da memória da Biblioteconomia na UFPB, incluído suas diversas possibilidades de construções, considerando as variáveis ensino, pesquisa e extensão. Doravante, os relatos foram acompanhados de imagens e reminiscências subjetivas, captadas e registradas ao longo das narrativas sobre as cinco décadas de existência do curso. Quanto às tipologias documentais que compõem o traçado histórico do curso, destacam-se: atas de reuniões, portarias, ofícios, fotografias dos seus docentes em eventos científicos nacional e locais, além de reuniões acadêmicas e eventos sociais da época. Nesse acervo, constatamos indícios capazes de revelar as questões sociais, políticas e acadêmicas discutidas pelos docentes naquele período. A partir dessas rememorações, verifica-se que informação e memória não se desligam, trazem consigo expressiva representatividade e significados. Essa reflexão está respaldada no pensamento de Meihy e Holanda (2017, p. 24) afirmam que: “Nos dias de hoje, parece haver ampla concordância de que vivemos num mundo em que, contraditoriamente, se encoraja a amnésia e, ao mesmo tempo, se oferece à nossa fruição uma iluminada gama de informações”. Na atualidade, vivenciamos numa sociedade antagônica e paradoxal, que, apesar de estar inundada de informação disponível em diversas mídias digitais, também parece incentivar o esquecimento dos fatos sociais, políticos, históricos e científicos.

Nas décadas de 1970 e 1980, por exemplo, não havia plataformas digitais, e a informação era acessada e disseminada exclusivamente em formato impresso. Dessa forma, como um dos procedimentos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos traçar rotas para desvendar os documentos que comprovem a história da Biblioteconomia na UFPB. Ao ter acesso ao acervo documental do curso, identificamos a grandiosidade das informações e seu estado de conservação e preservação. Entre os inúmeros tipos de documentos encontrados, iniciamos nossa apreciação e análise com o documento que comprova a Criação do Curso de Biblioteconomia na UFPB e seus desdobramentos, que serão explicitados a partir dos próximos capítulos.



Fonte: criada por IA, 2025.

3 TRAJETO MEMORIAL: ENTRE SILÊNCIOS E ESQUECIMENTO

> *"As instituições são tomadas como formas fundamentais de saber-poder, que emergem no seio das sociedades e possuem duas faces simétricas: lembrar e esquecer. Pois a memória, como alvo político, passa por determinados discursos e está aliada aos critérios de verdade vigentes na sociedade."(Thiesen, 1997, p.4)*

Numa perspectiva memorialística, Thiesen (1997) destaca que as Instituições são fontes de "*saber-poder",* profundamente conectadas à construção da memória social e coletiva. Essas instituições apresentam e conservam duas "faces simétricas": a lembrança e o esquecimento. A partir desses elementos, elas manipulam e controlam a memória da sociedade, transformando-se em espaços de poder, principalmente político, com potencial para moldar a sociedade à qual pertencem. Compreendemos, desse modo, que os discursos institucionais convergem para um trabalho de sociabilidade através da acumulação de capitais sociais e simbólicos. Segundo Pierre Bourdieu (1989), um dos mais importantes intelectuais do século XX, o capital social refere-se às relações que podem proporcionar benefícios ao indivíduo, como emprego, aumento salarial, facilidades e influências políticas. Já o capital simbólico diz respeito às questões relacionadas ao privilégio, *status* social.

Quanto à memória institucional, destaca-se a trilogia informação-documento-memória em sua multidimensionalidade, ressaltando-se os aspectos essenciais, pois seu discurso contribui para a formação de uma imagem que a identifica perante a sociedade. A relação entre memória e informação é intrínseca: enquanto a primeira tem a função de armazenar a informação recebida, a segunda é o conteúdo em si, como ressalta Le Coadic (1996, p.55) ao afirmar que "Informação é o conhecimento registrado em um suporte para comunicação. Sua essência reside na capacidade de proporcionar significado e contexto ao receptor." Dessa forma, as informações acumuladas na memória são classificadas e selecionadas conforme sua especificidade. Desse modo, "a informação deve ser compreendida como um fenômeno que vai além do simples dado. Ela envolve

contexto, significado e utilidade, configurando-se como um fator chave para o desenvolvimento social, cultural e econômico" (Vergueiro, 2005, p. 47). Assim, entendemos que a informação é um elemento essencial para a construção da memória, pois possui características relevantes da experiência passada, levando em conta expectativas específicas. Desse modo, a memória constitui-se a partir do fato compilado, tornando-a um elemento que não é neutro em relação a eventos passados, visto que a memória contribui para a formação cultural, política e social, pois esses fatos históricos são fundamentais para entender sua natureza subjetiva. Desse modo, o que diferencia a experiência é como os eventos e acontecimentos passados são elaborados e trazidos à tona no presente. A compreensão da realidade envolve tanto possibilidades realizadas quanto falhas. Essas experiências, assim como as expectativas, tendem a evoluir ao longo do tempo, refletindo desse modo as mudanças históricas em curso.

Nesse contexto, buscamos descortinar as informações que permeiam a história da Biblioteconomia da UFPB, coletando dados atrelados a documentos que refletem a memória enquanto um agente potencializador capaz de ser ressignificado. É essencial compreender que os documentos, enquanto *médiums de memória*, possuem características fundamentais, tais como a comprovação de direitos e extensores memoriais (foco central desta pesquisa), cujas informações podem subsidiar a ressignificação da memória institucional. Frohmann (2008) assinala a importância de se atentar para o documento, uma vez que:

> [...] se 'documento' nomeia a materialidade da informação, e se a materialidade é importante para o entendimento dos aspectos públicos e sociais da informação, então os estudos da documentação tornam-se importantes para os estudos da informação. A documentação se torna o meio de materialização da informação. Estudar a documentação é estudar as consequências e os efeitos da materialidade da informação (Frohmann, 2008, p. 21-22).

Nesse sentido, defendemos que o documento, enquanto *médiums* de memória, por conseguinte, um extensor memorial, um elemento sócio transmissor (Candau, 2019). As informações nele materializadas, possibilitam que as memórias, uma vez armazenadas, possam se recuperadas e partilhadas, quebrando o silenciamento, independentemente das características e das formas

reveladas pelo documento. Assim, o documento contribui para a ressignificação da memória do Curso de Graduação em Biblioteconomia na Paraíba.

Entendemos, assim, que não voltamos no tempo para reviver os momentos passados, mas para refletir sobre eles, agregando a experiência presente aos acontecimentos vividos. Ao lembrar, estamos repensando e representando, visto que "a lembrança não é a simples repetição do passado, mas uma recriação onde o vivido e o presente se entrelaçam, produzindo novas significações." (Bosi, 1994, p. 55). Isso posto, refletir sobre a função da memória na Ciência da Informação é concebê-la como peça fundamental, cuja função primária é a recuperação da informação. Ainda nos reportando as faces simétricas enfatizadas por Thiesen (1997) no início deste capítulo, é oportuno ressaltar que

> O esquecimento é uma forma de preservação da memória; aquilo que não é relevante para o presente é relegado ao esquecimento, permitindo que a memória se concentre naquilo que é significativo (Bosi, 1994, p. 78).

Nesse contexto, o esquecimento atua como um sistema de proteção para a memória, selecionando apenas o “essencial” para o presente. Esse processo seletivo garante que os recursos cognitivos sejam dedicados ao armazenamento de informações significativas, preservando assim para a continuidade e a coerência das identidades individual, coletiva, institucional e social. Assim, o esquecimento não deve ser visto apenas como perda, mas como uma função vital da/para a memória. Nessa direção, a trilogia informação-memória-documento, no universo institucional através dos acervos investigados e dos discursos orais coletados nas entrevistas, tornou-se possível revisitar o passado e construir a narrativa que concebe a trajetória da Biblioteconomia na Paraíba.

3.1 A MEMÓRIA INSTITUCIONAL E SEUS ELEMENTOS FUNDANTES

A memória é um elemento que possui inúmeras características e pode ser analisada em diversas áreas do conhecimento. Para Assmann (2011), os fundamentos da memória cultural contribuem para a formação social, sendo constituída por um conjunto de características, áreas e instituições distintas. A

autora defende que a memória não se resume apenas em um amontoado de informações, independentemente de seu suporte físico, mas configura-se como um elemento indispensável para formação e estruturação social. Nessa esteira de raciocínio,

> [...] os próprios documentos constituem superfícies de inscrição de informações e, ainda mais, a materialidade da informação. [...] a verdade é dependente do tempo e vemos inúmeras vezes os fantasmas do passado saírem das sombras trazendo novas informações responsáveis por mudar os rumos de diversas pesquisas históricas. (Thiesen, 2023, p. 11-12).

A maneira como a memória é construída em ambientes acadêmicos pode instigar e direcionar o modo como a sociedade deve perceber certos acontecimentos históricos, políticos e culturais. Dessa forma, entende-se como a memória coletiva pode ser manipulada e alterada por regimes políticos e totalitários com o objetivo de dominar e controlar os fatos históricos e, assim, extinguir ou silenciar determinados grupos sociais.

Quanto à memória institucional, entendemos que está relacionada aos fatos e aos registros dos documentos acumulados ao longo dos anos, contribuindo para a formação da história de uma entidade, instituição ou organização. A preservação dessa memória permite à instituição corrigir possíveis erros e tomar decisões mais eficazes, baseadas nas vivências e experiências anteriores. Assim, a memória institucional possui diversos elementos consolidadores que a definem como tal, os quais são, em sua maioria, compostos por documentos de características distintas. Dentre esses elementos destacam-se: os patrimônios históricos; os acervos e documentos institucionais; os acervos culturais que retratam os valores e cultura organizacional. Além disso, incluem-se o histórico institucional e local, a identidade da instituição; sua formação, definição e consolidação, a geração de informações decisivas, suas relações sociais e a gestão da informação e do conhecimento (Thiesen, 2013).

Dessa forma, “O instituído e o instituinte (as duas faces da instituição) fazem suas jogadas nas dinâmicas das relações sociais”. (Thiesen, 1997, p. 9). Percebemos que a originalidade da memória institucional está associada a informações, relatos e interações sociais. A autora também destaca a importância

da memória oficial, exemplificada pelos documentos gerados pela instituição e pelos relatos dos membros que fizeram parte de sua história, a preservação e legitimidade da memória institucional. Isso evita interpretações distorcidas perante a sociedade. Nesse contexto, destacamos também a memória coletiva, como “um elemento essencial na construção da identidade dos indivíduos e dos grupos, pois é através dela que se estabelece um vínculo entre o passado, o presente e o futuro, permitindo a continuidade e a coesão social." (Pollak,1992, p.201). Essa identidade deve ser transmitida à sociedade por meio de um instrumento memorável que represente seu contexto, sua cultura e sua socialização. Nesse caso, a memória não é interpretada como algo estagnado ou estático, mas como elemento participante e fundamental para manter sua identidade. Na literatura *Pollakiana*, observa-se ênfase nos elementos documentais que compõem a identidade institucional, pois são essenciais para atribuição de significados aos acervos documentais subsequentes. Em vista disso, a relação da instituição com a sociedade, sob o ponto de vista de Thiesen (2013), reflete-se nas formalizações das culturas, abrangendo maneiras de pensar, hábitos, usos e costumes das diferentes sociedades. Assim, a memória institucional “[...] é o reflexo dessa trajetória, não como *mimesis*, mas como um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas” (Thiesen, 2013, p. 168). Desse modo, a memória institucional é formada pelas ações das instituições, de seu contexto, de suas relações externas e de suas trajetórias, associando o passado e o presente. e contribuindo para elaboração e construção da memória institucional.

Investigar a memória institucional é acessar as histórias de seus integrantes, que se reconhecem como parte da instituição, e, nesse processo construem suas identidades individuais e, consequentemente, coletivas. Essas identidades são essenciais para o desenvolvimento da instituição (Fontanelli, 2005).

Alicerçada na memória institucional e entendendo o Curso de Biblioteconomia da UFPB como um desses espaços de memória, a narrativa do seu cinquentenário fundamenta-se em suas representações, as quais incluem documentos impressos, imagéticos, entre outros. Nesse contexto, compreendemos que a base da memória institucional é constituída por elementos

documentais encontrados em arquivos, acervos, bibliotecas e demais unidades informacionais, além oriundos da oralidade. Na esteira das ideias de Mori (1989), durante o processo de evocação dessas lembranças através de indivíduos, é possível observar informações fortes e de caráter memorialístico em suas narrativas, visto que:

> [...] no âmbito da memória institucional, lembrar e esquecer constituem dois momentos de um único e mesmo movimento. Para que determinadas lembranças aflorem é necessário que outras fiquem adormecidas, contidas, silenciadas ou mesmo esquecidas. (Thiesen, 1997, p. 39).

No contexto da memória institucional, lembrar e esquecer são fenômenos interligados, envolvendo escolhas que podem ser rememoradas ou esquecidas, pois "a memória é um grande armazém onde se dispõe de ferramentas e insumos para a construção e manutenção de uma edificação." (Mendonça e Pinho, 2016, p.93). Ao abordar a memória institucional, referimo-nos à compilação de todo o arcabouço informacional produzido nesses espaços de informação. Isso envolve o esforço de desvelar, por meio de uma narrativa memorialística, a identidade institucional, relembrando os acontecimentos sociais e científicos relevantes daquela época histórica.

3.2 UM BREVE DESENHO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Ao pensar em Biblioteconomia, estabelece-se, automaticamente, uma relação com bibliotecas e livros. Nesse contexto, a Biblioteca de Alexandria, marco na história das bibliotecas e da Biblioteconomia, sendo conhecida como umas das mais antigas e importantes do mundo. Para além de sua arquitetura exuberante e seu acervo composto por obras raras e valiosas, surgiu, "entre os séculos VII e VIII a.C [...], representando o ápice desse período. Considerada uma das maiores bibliotecas já conhecidas, sobreviveu a muitos saques e catástrofes naturais" (Santos; Rodrigues, 2012, p. 118). Nesse cenário, as bibliotecas sempre foram vistas como espaços de preservação e informação por possuírem acervos e

manuscritos de relevância à humanidade, a exemplo da Biblioteca Nacional do Brasil, reconhecida pela UNESCO como uma das maiores do mundo,

> [...] considerada pela UNESCO uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, é também a maior biblioteca da América Latina. O núcleo original de seu poderoso acervo, calculado hoje em cerca de dez milhões de itens, é a antiga livraria de D. José organizada sob a inspiração de Diogo Barbosa Machado, Abade de Santo Adrião de Sever, para substituir a Livraria Real, cuja origem remontava às coleções de livros de D. João I e de seu filho D. Duarte, e que foi consumida pelo incêndio que se seguiu ao terremoto de Lisboa de 1º de novembro de 1755. (Biblioteca Nacional..., 2021).

Com um vasto acervo que abrange milhões de obras até os dias atuais, ela representa um importante centro de informação. Historicamente, esses espaços de informação encontram-se, unicamente, nas "[...] bibliotecas dos mosteiros, conventos e de colégios religiosos, bem como em bibliotecas particulares." Santos (2010, p.52). Entre os anos de 1911 e 1915, alguns acontecimentos marcaram a história da Biblioteconomia no Brasil. Todavia, pensando em salvaguardar, coletar, registar tecnicamente e permitir o acesso à informação,

> [...] a Biblioteconomia é considerada uma das mais antigas disciplinas que se ocupa do acesso à informação e de sua transmissão porque está intrinsecamente ligada ao surgimento da biblioteca. [...] a necessidade de organizar, conservar e divulgar os documentos, desde o início da escrita até a época moderna, levou as bibliotecas a criarem uma série de procedimentos e métodos que, apesar de possuírem caráter eminentemente técnico, visando à resolução de problemas práticos, formaram um conjunto de técnicas e de questões envolvendo a rotina dessas técnicas que, ao longo do tempo, se constituíram na base da futura disciplina Biblioteconomia. Desse modo, podemos dizer que desde seu início os saberes biblioteconômicos estão voltados para a reflexão sobre a aplicação das práticas e normas à criação, organização e administração das bibliotecas (Santos; Rodrigues, 2013, p.116-117).

No entanto, foi aprovado em 1911 o novo Regulamento da Biblioteca Nacional, “com grandes inovações administrativas e culturais. Pela primeira vez

criou-se um Conselho Consultivo, [...] do qual faziam parte todas as chefias, que discutia os diversos problemas [...] e planejamento de eventos culturais" (Biblioteca Nacional, 2024).

Figura 7 – Fachada principal do edifício da Biblioteca Nacional do Brasil (1910)



Fonte: Biblioteca Nacional, Brasil, 2024

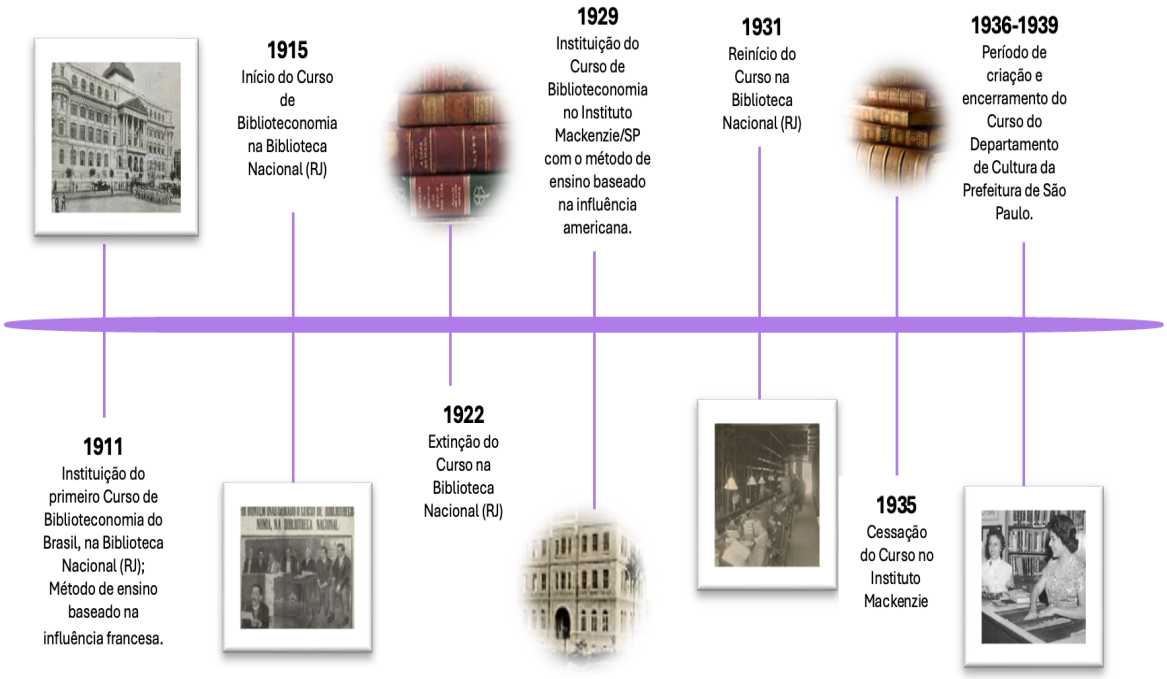
Percebe-se, entretanto, que a influência da Biblioteca Nacional foi benéfica resultando inclusive na criação de cursos universitários, contribuindo sobretudo para o desenvolvimento dos bibliotecários e bibliotecárias envolvidos (as), capazes de atuar em diversas esferas do conhecimento. Por conseguinte, no ano de 1915,

> É criado o primeiro Curso de Biblioteconomia, dentro da própria Biblioteca Nacional, para especializar os funcionários. O curso, cujas atividades foram iniciadas em 1915, foi o primeiro da América Latina e o terceiro no mundo. Seguia o modelo da École de Chartres, na França, que era o melhor da época. Além do ensino teórico, havia a parte prática, que era feita na própria Biblioteca. (Biblioteca Nacional, 2024)

Nesse cenário, outro ponto relevante foi a fundação do segundo Curso de Biblioteconomia, oferecido pelo Instituto Mackenzie, na cidade de São Paulo/SP que se consolidou como uma referência na formação acadêmica, por oferecer uma estrutura curricular que unia a teoria e prática. A proposta do curso era formar

profissionais preparados para os desafios da gestão e organização de acervos, no final da década de 20, como demonstra a Figura 8:

Figura 8 – Linha do tempo da Biblioteconomia no Brasil nas três primeiras décadas do século XX



Fonte: Adaptado de (Mueller, 1985; Castro, 2000)

A criação do curso no Instituto Mackenzie foi significativa para a consolidação da Biblioteconomia como campo acadêmico e profissional no Brasil, ampliando as oportunidades no mercado de trabalho. Assim, tanto a Biblioteca Nacional quanto o Instituto Mackenzie contribuíram para a profissionalização e valorização dos(as) bibliotecários(as) brasileiros(as), reforçando sua importância no contexto das transformações tecnológicas e culturais daquela época. Observa-se, contudo, o surgimento de novos cursos, além da reestruturação e atualização dos já existentes, como demonstrado na Figura 9:

Figura 9 – Linha do Tempo da Biblioteconomia no Brasil entre as décadas de 1940 a 1960



Fonte: Adaptado de (Mueller, 1985; Castro, 2000)

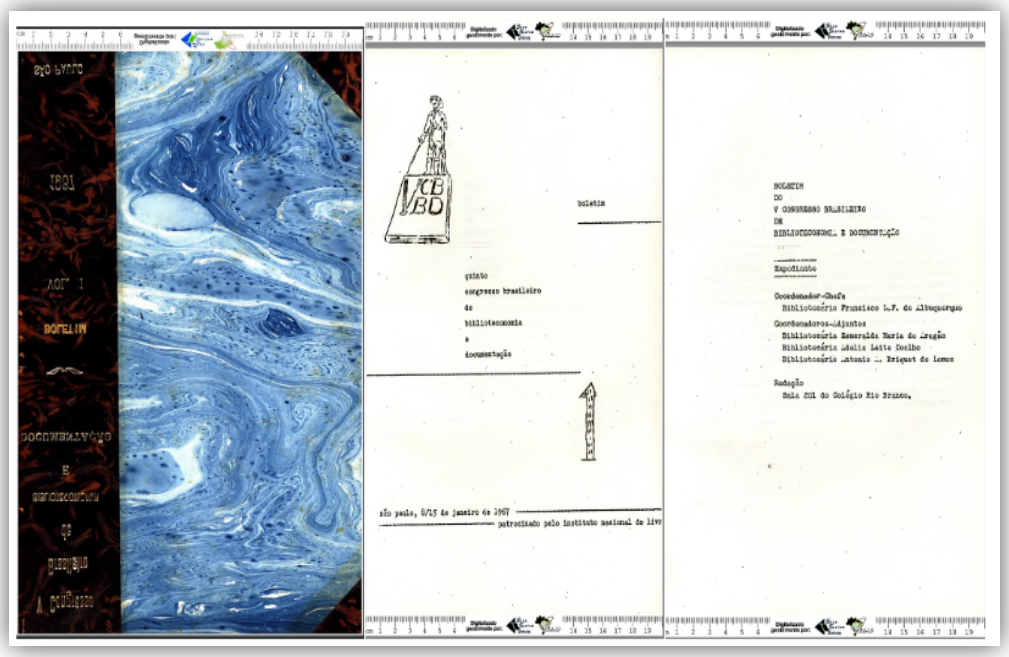
Ao pesquisarmos sobre os fatos que marcaram a década de 1950, destacamos que o Curso de Biblioteconomia no Brasil foi reconhecido como uma área em desenvolvimento e, por esse motivo, tornou-se fundamental atravessar um processo de reconhecimento e profissionalização. Nesse sentido, a Biblioteconomia brasileira recebeu também atenção especial às questões sociais e políticas, o que contribuiu para que as bibliotecas fossem mais valorizadas e indispensáveis ao desenvolvimento social, cultural e intelectual da sociedade. A partir desse reconhecimento rigoroso pelos órgãos de fomento, foi fundada no final da década de 1950, a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), mais precisamente em 26 de julho de 1959, conceituada como,

> [...] uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de São Paulo, com prazo de duração indeterminado. É constituída por entidades-membro – associações e sindicatos de bibliotecários e cientistas da informação, instituições filiadas e pelos órgãos: deliberativos – Assembleia Geral e Conselho Diretor; executivo – Diretoria Executiva; de fiscalização – Conselho Fiscal;

> de assessoria – Comissões Brasileiras e Assessorias Especiais. Desde seu nascimento, a FEBAB tem como principal missão **defender e incentivar o desenvolvimento da profissão**. Tem como objetivos congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras; interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando o aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação (FEBAB, 2024, grifo nosso).

Nos anos 1960, a FEBAB destacava, entre seus objetivos, "[...] a defesa e o incentivo ao desenvolvimento da profissão". Alinhada a essa perspectiva, a federação promoveu, ao longo das décadas, diversas ações que contribuíram significativamente para esse avanço. Desse modo, lançou o Boletim Informativo, criado para divulgar eventos relevantes para a Biblioteconomia no Brasil. O volume 1, datado de janeiro de 1967, traz as informações sobre o 5º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, conforme Figura 10:

Figura 10– Primeiro Boletim da FEBAB (volume 1 – 1967)



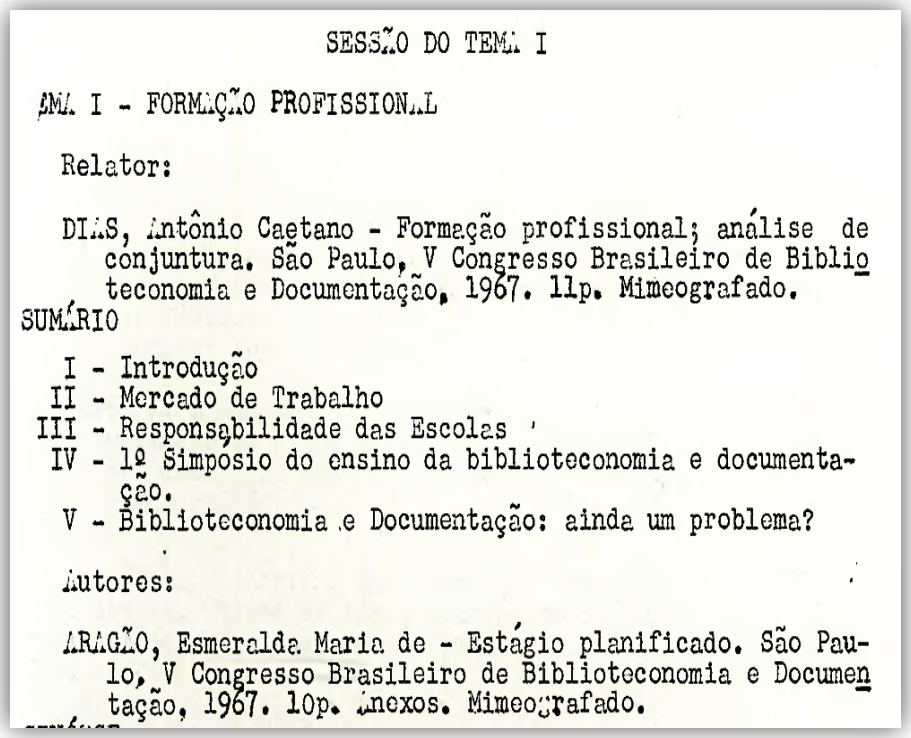
Fonte: FEBAB, 2024.

O Boletim foi elaborado pelas bibliotecárias Esmeralda Maria de Aragão, Adélia Leite Coelho e pelo bibliotecário Antônio Briquet de Lemos, os quais formavam a equipe de Coordenadores-Adjuntos e Francisco L. F. de Albuquerque o Coordenador-Chefe. Vejamos a proposta do Boletim Informativo:

> [...] informar sobre o andamento do V Congresso. Pretendemos noticiar os principais acontecimentos ocorridos no dia anterior e indicar as atividades programadas para o dia seguinte. Veicular opiniões, críticas e sugestões dos congressistas. Servir de traço-de-união entre todos os que aqui nos encontramos com o máximo propósito de valorizar a Biblioteconomia, enriquecendo-a com o debate aberto de ideias novas e o conhecimento de experiências frutíferas. Afirma que prometera â Comissão Executiva proporcionar os meios técnicos para que o Boletim saísse impresso pelo sistema offset esquivou-se â última hora, o que forçou a Redação a transportar todo o material para estênceis, obrigando-nos a abandonar as capas já cortadas e impressas tipograficamente. Esta é a razão por que sai atrasado o primeiro número. Mas, tudo isso é superável. O que importa ressaltar hoje é que, passados 13 anos da realização do I Congresso, os bibliotecários brasileiros podem contar uma história de progresso e de luta, como a que está tão vivamente documentada na exposição do 12 andar deste Colégio. Valemo-nos da oportunidade para enaltecer a dedicação e o desprendimento dos pioneiros, muitos dos quais tem hoje, ao nosso lado, o privilégio e a alegria de ver que sua semente germinou viçosa. (FEBAB, 1967).

É importante destacar o empenho da equipe do Boletim Informativo, diante das dificuldades enfrentadas para realizar as tarefas e divulgar o material. No relato do Informativo, essa situação torna-se evidente, inclusive com o registro do atraso no envio do material impresso para divulgação. No evento registrado no Boletim, foram discutidas temáticas apontadas como relevantes para o desenvolvimento da área e que permanecem atuais, tais como: O mercado de trabalho, formação profissional e a responsabilidade das Escolas de Biblioteconomia. Desse diálogo surgiu, inclusive, a realização do Primeiro Simpósio de Ensino da Biblioteconomia e Documentação, como pode ser observado na Figura 11:

Figura 11 – Relato da “Sessão” do Tema I no Boletim Informativo (V.1/1967)



SESSÃO DO TEMA I

TEMA I - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Relator:

DIAS, Antônio Caetano - Formação profissional; análise de conjuntura. São Paulo, V Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1967. 11p. Mimeografado.

SUMÁRIO

I - Introdução
II - Mercado de Trabalho
III - Responsabilidade das Escolas
IV - 1º Simposio do ensino da biblioteconomia e documentação.
V - Biblioteconomia e Documentação: ainda um problema?

Autores:

ARAGÃO, Esmeralda Maria de - Estágio planificado. São Paulo, V Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1967. 10p. Anexos. Mimeografado.

Fonte: FEBAB, 2024

As discussões sobre as práticas da profissão sempre foram constantes nos eventos da área e, até os dias atuais, temáticas dessa natureza continuam sendo debatidas com o objetivo de promover melhorias para o ambiente de trabalho e o pleno reconhecimento profissional. A criação do Boletim Informativo da FEBAB contribuiu significativamente para essas conquistas, além de conceder a merecida visibilidade aos profissionais e às suas práticas. Por conseguinte, a coleção completa do Boletim reúne 78 fascículos, cuja última edição foi publicada em dezembro de 1972. Nesse cenário, destaca-se, a atuação de uma profissional de grande significância para o fortalecimento da profissão: Laura Garcia Moreno Russo, representada na Figura 12:

Figura 12 - Bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo (1915-2001)



Fonte: https://nordestinadosaler.com.br/?s=laura+russo[3] (2021)

Laura Russo, como ficou conhecida, recebeu grande destaque devido à sua relevante atuação: "[...] foi uma bibliotecária brasileira pioneira na atuação na regulamentação da profissão no final da década de 1950. Foi, ainda, a responsável por fundar a FEBAB, sendo sua primeira presidenta." (Lima, 2021). Exerceu o cargo de direção por alguns anos na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Incansável na luta por melhorias na profissão, suas contribuições foram além do previsto:

> *[...] elaborou a primeira versão do Código de Ética Profissional do Bibliotecário em 1961*, sendo aprovado dois anos depois, no IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, sob responsabilidade da FEBAB. No ano de 1966, o *Código de ética assume o status de lei, sendo de responsabilidade do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB),* com o propósito de exercício e da ética profissional. (Lima, 2021, grifo nosso)

Evidenciamos a relevância do Código de Ética como instrumento essencial para regulamentar a prática da Biblioteconomia no Brasil, assegurando que os profissionais trilhem caminhos éticos e pragmáticos. A FEBAB, cuja missão é

[3] NORDESTINADOS A LER: Blog Literário configura-se como uma ferramenta de divulgação da cultura literária nordestina, com ênfase na valorização e visibilidade da produção literária feminina da região.

> [...] defender e incentivar o desenvolvimento da profissão", teve a função de criar e aprovar o código. Já o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) foi incumbido, a partir de 1966, da responsabilidade de assegurar e garantir a aplicabilidade e execução legal do código. Por fim, ao reconhecer a excelência na atuação profissional da Bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo, o Conselho Regional de Biblioteconomia da 8ª Região (CRB-8) no estado de São Paulo, em 1998 lançou o Prêmio Laura Russo, "que tem como objetivo reconhecer as iniciativas culturais e de incentivo ao uso da biblioteca e estímulo à leitura em São Paulo. (CRB-8, 2011).

Alicerçado a essas questões, nos anos 1960, a profissão de bibliotecário passou a ser regulamentada pela Lei 4084/1962[4], que estabeleceu a formação superior, a nível de graduação em Biblioteconomia para exercer legalmente a profissão e o desempenho suas atividades.

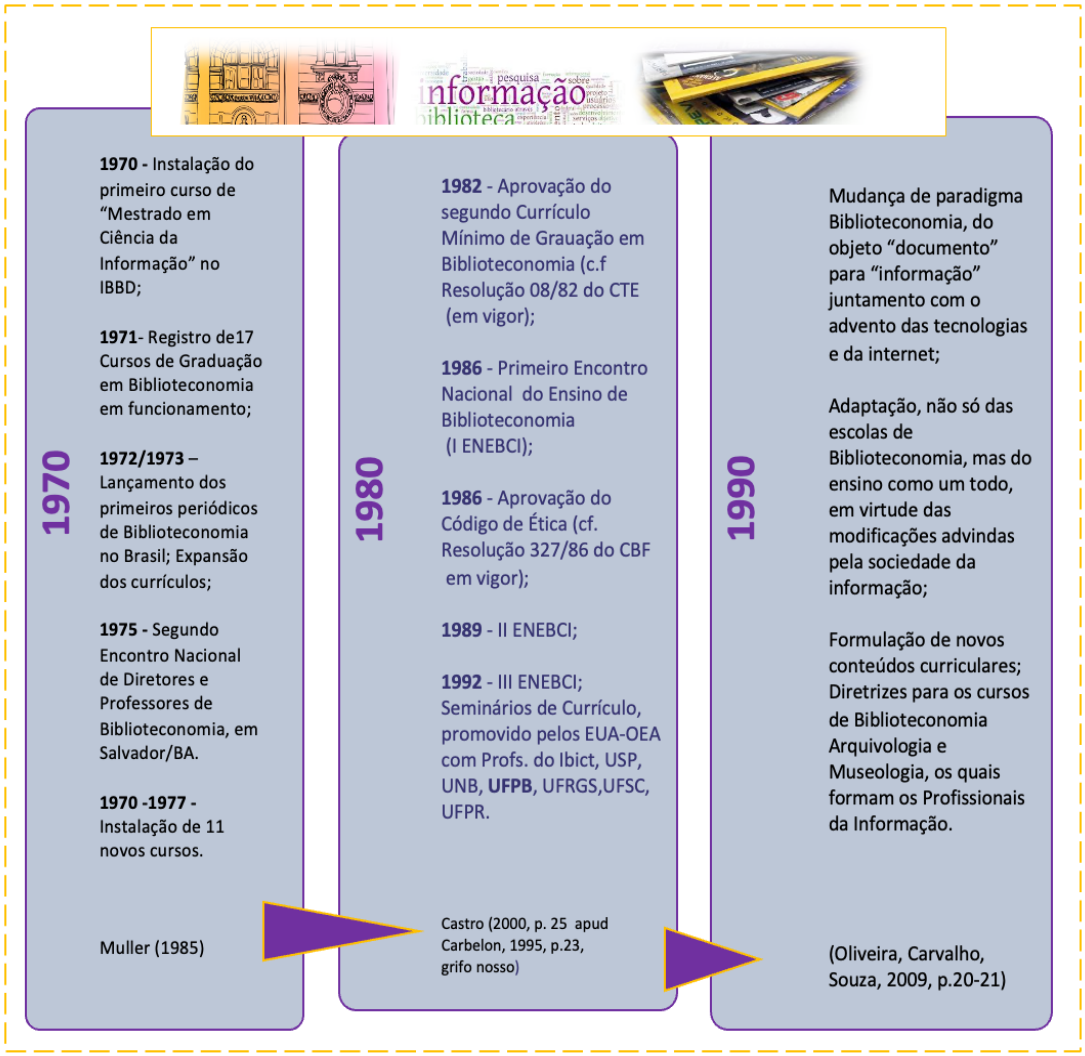
Ao principiarmos a década de 1970, percebe-se que, o "[...] decorrer dos anos, a Biblioteconomia se adaptou às mudanças da sociedade e às suas exigências[...]" (Reiss; Tamagno; Backes, 2015, p. 59), o que contribuiu para o surgimento de mais 17 cursos de graduação, do primeiro curso de Mestrado do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) e, posteriormente, para a criação das primeiras associações profissionais, além da implementação de políticas públicas, do Sistema Nacional de Bibliotecas e Plano Nacional do Livro (PNL).

Além da expansão dos conteúdos curriculares dos bibliotecários nos anos 1970, registrados entre 1972 e 1973, ocorreu o advento dos primeiros periódicos de Biblioteconomia no Brasil. Os periódicos científicos são fundamentais para o desenvolvimento científico do país. Tanus e Araújo (2022, p. 671) corroboram essa ideia ao afirmarem que: "o periódico é um dos caminhos por meio do qual se podem empreender estudos de natureza histórica e epistemológica e que atesta um momento ou um conjunto de ideias", visto que é considerado um canal formal

[4] Lei 4.084/1962. Art. 2º O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido:
a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas;
b) aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente.
Parágrafo único. Não será permitido o exercício da profissão aos diplomados por escolas ou cursos cujos estudos hajam sido feitos através de correspondência, cursos intensivos, cursos de férias etc. disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4084-30-junho-1962-353848-normaatualizada-pl.html

de comunicação científica entre os pares, neste caso, no campo da Ciência da Informação.

Figura 13 – Linha do Tempo da Biblioteconomia no Brasil entre as décadas de 1970 a 1990

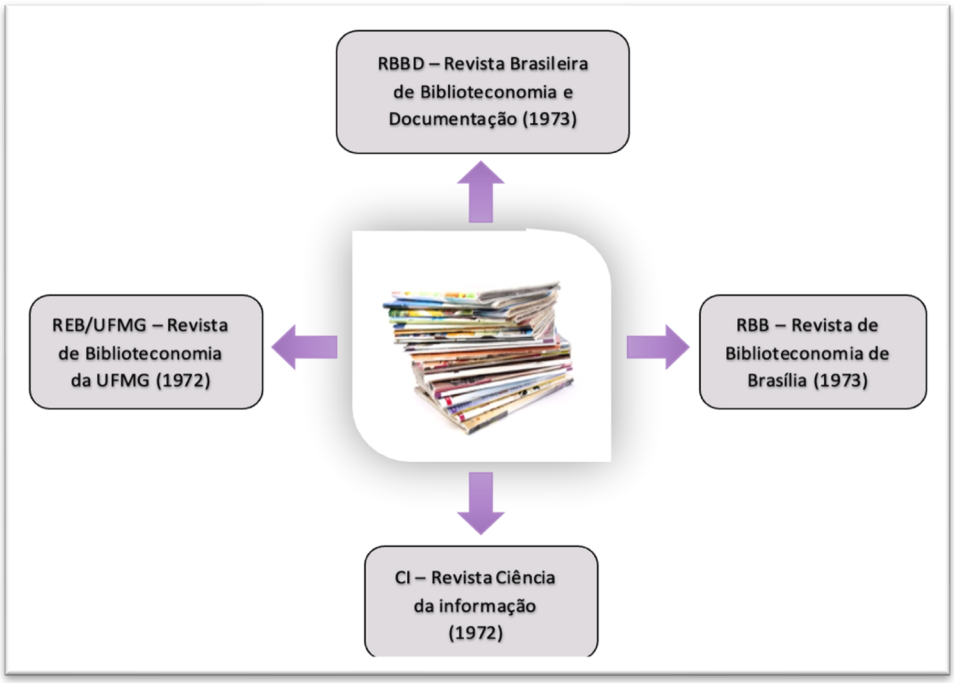


Fonte: Adaptado pela autora, 2024

Os primeiros periódicos da área da Biblioteconomia no Brasil foram: Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (REB/UFMG), Ciência da Informação, Revista de Biblioteconomia de Brasília e Revista de Biblioteconomia e Documentação conforme demonstrado na Figura 14:

Figura 14 - Primeiros Periódicos de Biblioteconomia no Brasil

.



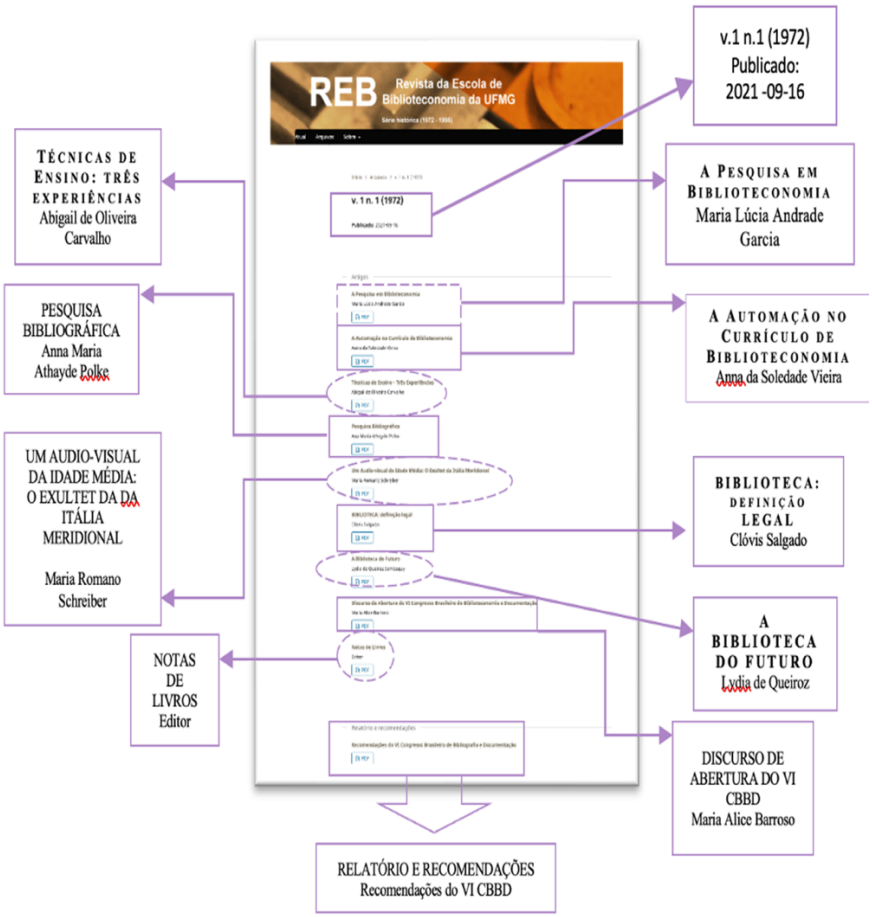
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

A Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, foi criada em 1972 e teve seu primeiro número publicado no mesmo ano,

> [...] revelando-se desde então como uma significativa fonte de informação para difusão do conhecimento científico produzido no campo da Biblioteconomia brasileira e internacional de forma inovadora, empreendedora e a frente de seu tempo desde a década de 70. Este empreendimento, sem dúvidas, contribuiu com a construção do protagonismo científico e acadêmico da então Escola de Biblioteconomia da UFMG, que se tornou em fevereiro do ano 2000, a Escola de Ciência da Informação da UFMG. (REB, 2024).

A partir da coleta de dados realizada nos arquivos digitais da REB-UFMG, observamos que a Revista é organizada a partir de duas seções: Artigos e Relatos e Recomendações. Na seção Artigos, destacamos as temáticas que eram pesquisadas pelos profissionais no início dos anos 70.

Figura 15 – Primeira edição da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG / v.1 n.1 (1972)



Fonte: REB/UFPMG, 2024

Observa-se uma diversidade de temas abordados, que integravam o contexto conceitual, histórico e técnico da profissão. Entre os descritores que merecem destaque estão: Pesquisa em Biblioteconomia, Pesquisa Bibliográfica, Biblioteca – Definição, Biblioteca – Futuro, Ensino de Biblioteconomia, Biblioteconomia – Currículo e Audiovisual na Idade Média. É importante destacar que, entre as temáticas discutidas nessa primeira edição, o artigo “A automação do currículo de Biblioteconomia” já apresentava uma discussão extremamente relevante para o futuro da biblioteconomia brasileira. Ressaltamos um trecho desse artigo, escrito pela professora e bibliotecária Anna da Soledade Vieira, na qual a autora apresentar uma: “Visão retrospectiva e panorama atual do ensino da automação em diferentes Escolas de Biblioteconomia estrangeiras e nacionais.” (Vieira, 1972, p.12). Nesse sentido, o advento da automação de bibliotecas no Brasil ocorreu no início dos anos 1990, expandindo-se com o surgimento dos

primeiros softwares para gerenciamento de acervos e de bibliotecas, como o *Pergamum*, sendo um exemplo pioneiro. O software é

> [...] uma ferramenta de gestão da informação, presente no mercado há mais de 20 anos, utilizada em bibliotecas, arquivos e museus [...] se deu no ano de 1996 com o objetivo de criarmos uma grande rede de bibliotecas no Brasil. Nestes anos o software e a sua equipe de desenvolvimento adquiriram experiência e relevância no mercado nacional nas áreas de serviços e tecnologia, construindo um software para gestão de bibliotecas[...] (Pergamum, 2024).

A inserção de ferramentas dessa natureza tem contribuído significativamente para o avanço na gestão de centros de informação, através de normas e ferramentas internacionais que são essenciais ao planejamento e aos serviços oferecidos aos seus usuários. O material inclui ,também, a seção “Nota do Editor”, escrita pela Professora Maria Romano Schreiber, da Escola de Biblioteconomia da UFMG, descrevendo sobre:

> O controle do fluxo da informação científica e técnica, em âmbito internacional, vem sendo estudado por sociedades científicas e organizações nacionais e internacionais, destacando-se, de modo especial, as iniciativas da UNESCO (Schreiber, 1972, p.80).

Sob esse olhar, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) vêm desempenhando um papel essencial na promoção do acesso aberto à informação científica e técnica em âmbito mundial. Entende-se que o monitoramento e a gestão desse fluxo informacional são imprescindíveis para assegurar que os pesquisadores, tanto em nível nacional quanto internacional, tenham acesso à informação científica, promovendo a evolução das pesquisas. Nesse contexto, a revista *Ciência da Informação* destacou-se como um dos periódicos precursores na década de 1970 no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Segundo Valentim, Penna e Franco (2024):

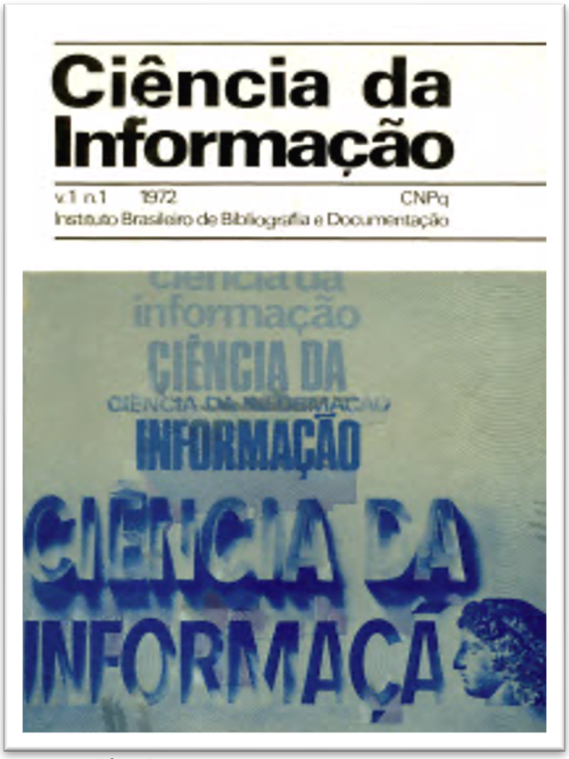
> O periódico Ciência da Informação, publicado desde 1972, representa um marco pioneiro no âmbito da Ciência da Informação brasileira. Vinculado inicialmente ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atualmente conhecido como Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A iniciativa de publicação foi motivada pela implementação do primeiro Mestrado em Ciência da Informação do Brasil e da América Latina, realizado pelo IBBD em 1970. O principal objetivo do periódico era disseminar a produção científica nacional nesse campo, bem como os resultados do referido mestrado, conforme destacado por Hagar Espanha Gomes (1996), editora e diretora do IBBD na época [...].

Desse modo, motivada pela criação do primeiro curso de Mestrado em Ciência da Informação no Brasil, a revista "Ciência da Informação" consolidou-se como o principal canal de disseminação da produção intelectual na área, publicando pesquisas desenvolvidas tanto por pesquisadores nacionais quanto por estrangeiros.

> O contato com pesquisadores estrangeiros, tanto da Inglaterra como dos Estados Unidos, trouxe a possibilidade de formação da equipe, de um direcionamento dos estudos, até então feitos de forma um tanto aleatória. A única revista existente até então era restrita a profissionais de biblioteconomia e documentação a profissão tinha sido regulamentada em 1962, e o espírito corporativo era muito forte. Mas o Instituto, sempre estimulou a participação de bacharéis de outras áreas em suas atividades e cursos. Precisávamos de um canal para atrair todo este pessoal. (Gomes, 1996)

É oportuno destacar o impacto positivo da participação de pesquisadores internacionais no desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil. A seguir, serão abordadas as informações presentes na primeira edição da revista *Ciência da Informação*. A capa da primeira edição da revista Ciência da Informação, em formato impresso, publicada em 1972, é possível identificar o registro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), responsável pelo fomento à pesquisa científica e ao desenvolvimento da ciência no país, conforme ilustrado na Figura 16:

Figura 16 – Capa da primeira edição da revista Ciência da Informação v.1 n.1 (1972)

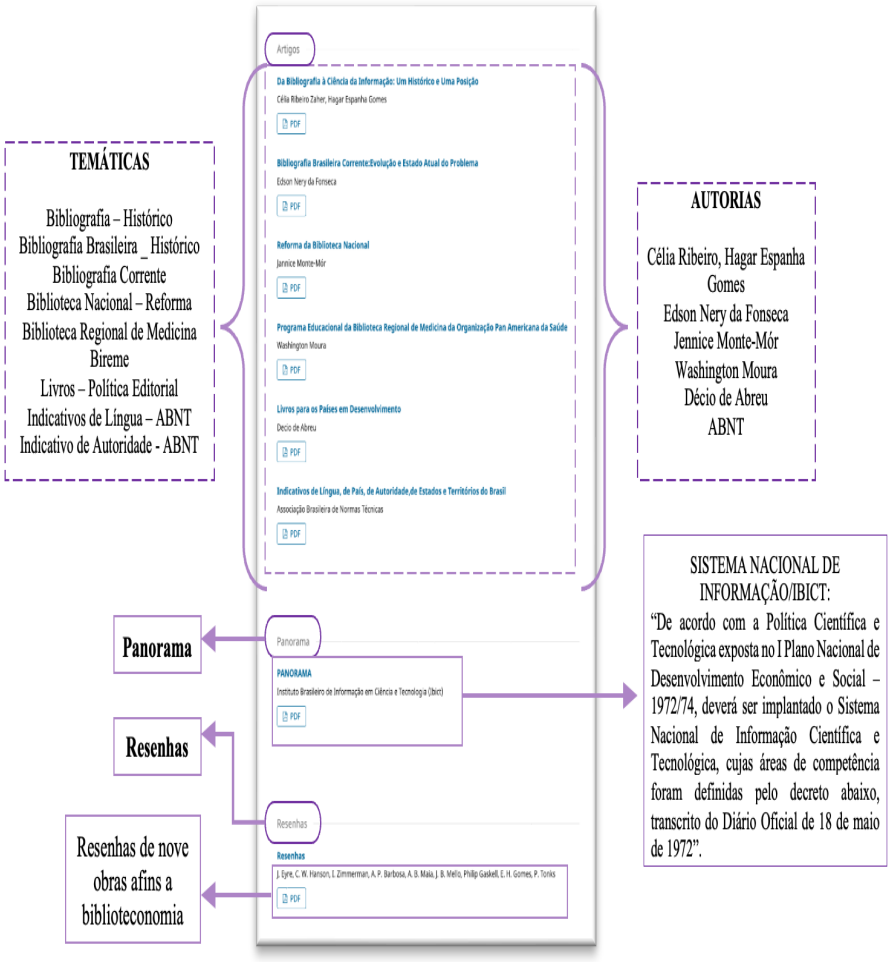


Fonte: Ciência da Informação, 1972.

Nesse sentido, junto ao CNPq, o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), foi criado para "[...] estabelecer uma eficiente rede de informações e documentação, a fim de bem servir ao desenvolvimento da pesquisa técnico-científica em todo o país" (Sambaquy 2020, p.13), principalmente para a área da Ciência da Informação.

Ao explorar o Sumário da edição representada na Figura 17, constatamos que o volume está dividido em três seções: Artigos, Panorama e Resenhas. A seção de Artigos reúne sete textos científicos elaborados por autores consagrados, como Célia Ribeiro, Hagar Espanha Gomes, Edson Nery da Fonseca, Jannice Monte-Mór, Washington Moura e Décio de Abreu. Nos manuscritos, esses autores abordam diversas temáticas relevantes para os campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Figura 17 – Sumário da revista Ciência da Informação v.1 n.1 (1972)



Fonte: Ciência da Informação, 1972.

Entre os descritores que compõem as temáticas centrais dos artigos, destacam-se: Bibliografia – Histórico, Bibliografia Brasileira – Histórico, Bibliografia Corrente, Biblioteca Nacional – Reforma, Biblioteca Regional de Medicina, BIREME, Livros – Política Editorial, Indicativos de Língua – ABNT e Indicativo de Autoridade – ABNT. Assim, identificam-se discussões que contribuíram significativamente para a construção e consolidação da área, as quais, até os dias atuais, continuam em constante evolução.

Na sequência dos periódicos que revolucionaram a Biblioteconomia no Brasil nos anos 1970, apresentamos a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBD), que "é o segundo periódico mais antigo ainda em atividade

da Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiras, de responsabilidade da FEBAB, desde 1973". (RBBD, 2024). Vejamos na Figura 18:

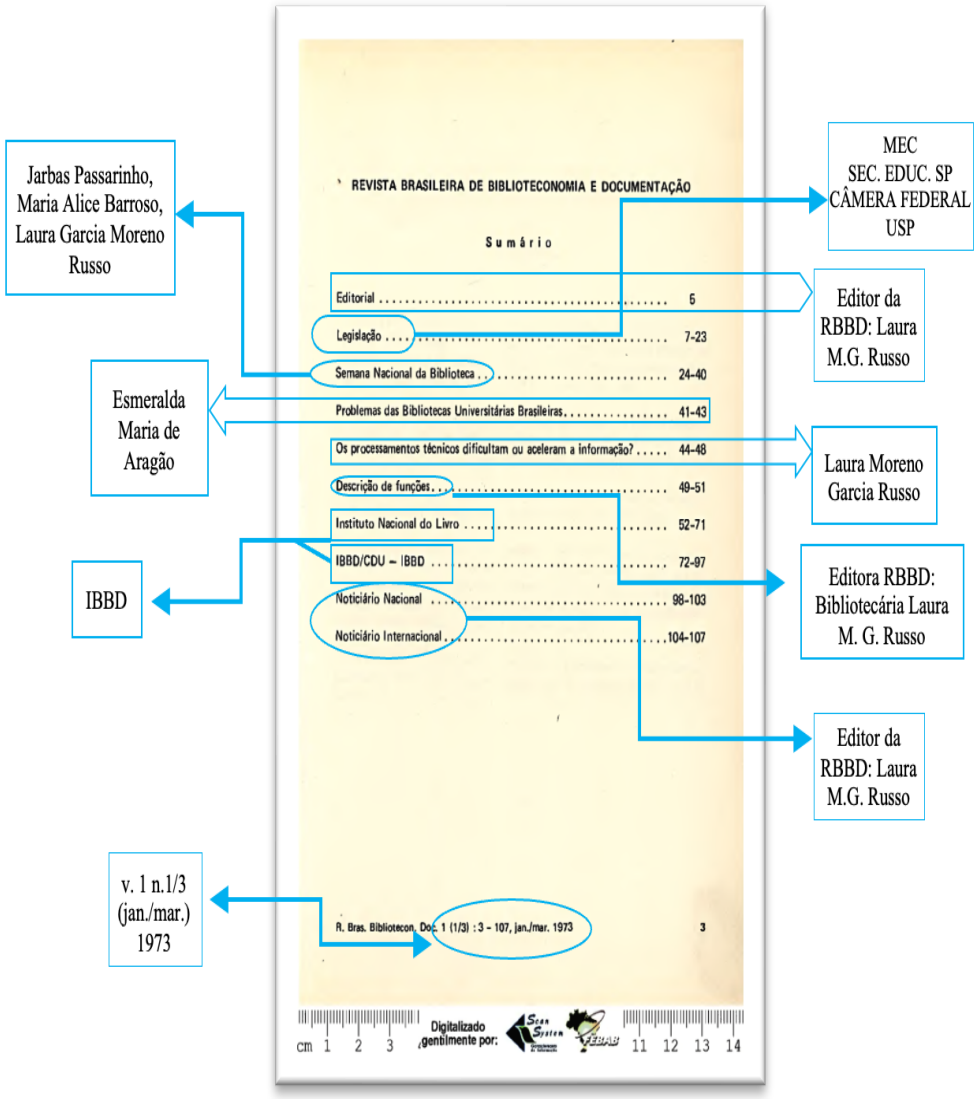
Figura 18 – Capa da primeira edição da RBBD (v.1 n.1/3,1973)



Fonte: RBBD, 1973.

Ao apreciar e analisar a capa da primeira edição da RDBD, observamos elementos visuais que remetem ao universo da Biblioteconomia, como a estante com livros organizados. No entanto, a inclusão de marcações em *braille* na arte da capa transmite uma mensagem subjetiva, ao destacar a importância das temáticas de inclusão. Tal escolha gráfica demonstra uma atenção especial às pessoas portadoras de deficiência visual, que compõem o perfil dos usuários das bibliotecas, tanto no Brasil como no exterior. As reflexões acerca dos conteúdos dos artigos publicados nesse primeiro número da RBBD apresentam a "Descrição de funções" do bibliotecário, incluindo: "Selecionar, adquirir, catalogar, classificar e reproduzir material em Braille e atender aos deficientes visuais." (RBBD, 1973, p.43). É oportuno ressaltar que as temáticas relacionadas à inclusão vêm sendo debatidas na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com veemência até os dias contemporâneos.

Figura 19 – Sumário da primeira edição da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (v.1 n.1/3(1973)



Fonte: RBBD, 1973.

De acordo com a Figura 19, destacam-se os conteúdos descritos no Sumário do volume 1, número 1/3 (1973) da RBBD. O "Editorial", elaborado pela editora da revista, a bibliotecária Laura Russo que apresenta a primeira edição. Em "Legislação" e "Semana Nacional da Biblioteca" apresenta os discursos proferidos pelas autoridades presentes no lançamento da RBBD. Entre eles, merece destaque o discurso proferido pelo Ministro da Educação e Cultura, Senador Jarbas Passarinho, realizado na cerimônia de encerramento da Semana Nacional da Biblioteca, em São Paulo, no dia 19 de março de 1973. Outro destaque é o discurso relevante é o da Diretora do Instituto Nacional do Livro, a bibliotecária e escritora

Maria Alice Barroso, também proferido no encerramento da Semana Nacional da Biblioteca em São Paulo (RBBD, 1973, p. 26), além de outras manifestações de personalidades e autoridades presentes na ocasião.

Na seção “Problemas das bibliotecas Universitárias Brasileiras”, a autora destaca que:

> Os problemas das Bibliotecas Universitárias brasileiras estão em função de fatores socioeconômicos, determinados pelas diversas áreas em que se divide o país. Há, em regra geral, falta de definição dos objetivos, carência de verbas e desatualização dos acervos. (Aragão, 1973, p.36)

Ao comparar o artigo citado anteriormente com os problemas relatados em bibliotecas especializadas, observa-se que o artigo “Os processamentos técnicos dificultam ou aceleram a informação?” aborda questões relacionadas à catalogação, classificação e aos serviços ofertados pelas bibliotecas brasileiras, as quais também enfrentam problemas semelhantes. No artigo “Instituto Nacional do Livro, IBBD/CDU-IBBD”, são assinalados informes relevantes para a área da Biblioteconomia. Quanto às seções “Noticiário Nacional” e “Noticiário Internacional”, reúnem informações sobre bolsas de estudos, eventos, convênios, entre outros. Dessa forma, o surgimento e a consolidação dos periódicos de Biblioteconomia no Brasil foram essenciais para os avanços da área.

Ao adentramos a década de 1980, observa-se uma ampliação significativa nos currículos, iniciada ainda no final de 1979. Nesse período, alguns termos e nomenclatura foram modificados, a exemplo da substituição da palavra "documento" por "informação", bem como o surgimento de novas temáticas, como “Estudos de Usuário” e “Competências em Informação”. A partir de 1982, através da Resolução 08/82 do Conselho Federal de Educação (CFE), foi aprovado o segundo Currículo Mínimo de Graduação em Biblioteconomia. Desse modo, tanto o Ministério da Educação (MEC) quantos os órgãos a ele subordinados, sentenciaram as alterações dos currículos que estavam em vigor, instituindo:

> [...] um novo currículo mínimo para os cursos de Biblioteconomia, fixando o ano de 1985 como prazo máximo para o início de implementação dos novos currículos plenos.
> Currículo mínimo é a denominação dada a uma relação de matérias (assuntos) descritas mediante ementas, cujos

> conteúdos devem constituir o cerne dos programas de formação profissional. Esses conteúdos são adaptados por curso, segundo suas necessidades e possibilidades, dando origem às disciplinas que formarão parte significativa dos programas de ensino de cada escola, denominados currículo pleno. (Mueller, 1988, p.71).

Evidencia-se que, entre os anos de 1915 e 1980, foram registrados trinta e um cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil, sendo o mais antigo, o Curso de Biblioteconomia e Documentação da UNIRIO (Rio de Janeiro), fundado em 1915. Na Região Nordeste, foram criados quatro cursos: Universidade Federal da (1942), Universidade Federal de Pernambuco (1950), Universidade Federal do Ceará (1956) e a Universidade Federal da Paraíba (1969), sendo o curso da Universidade Federal da Bahia o mais antigo da região nordeste. Cada curso seguia as recomendações estabelecidas pelos órgãos superiores, como requisitos legais para a concessão do diploma de Bacharel em Biblioteconomia.

> Os cursos de graduação em Biblioteconomia foram introduzidos nas universidades brasileiras em 1962, quando a profissão foi elevada à condição de "nível superior". Nesta época, e por causa disto, foi estabelecido o primeiro currículo mínimo para os cursos, que vigorou até 1982, marcando por duas décadas, toda a formação profissional para Biblioteconomia no País. Esse currículo de 1962 se constituía de uma lista de 13 matérias, sem descrição ou comentários; o currículo prescrevia, também, a duração mínima de três anos letivos para os cursos, a qual, em 1968, foi expressa em 2050 horas/aula. Examinando-se a natureza dos assuntos incluídos nas matérias desse currículo mínimo, é possível distinguir dois grandes grupos, um de assuntos técnicos e outro com conteúdo cultural e humanístico. Os currículos plenos decorrentes desse mínimo seguiam muito de perto o modelo proposto. Em geral, enfatizaram técnicas específicas como a classificação, a catalogação e a notação bibliográfica. As disciplinas culturais, muito amplas em seus programas e curtas no tempo disponível, levaram em geral a um conhecimento superficial e pouco significativo, frustrando a intenção da formação humanística. (Mueller, 1988, p.73)

A inserção dos cursos superiores de Biblioteconomia nas instituições de ensino no Brasil constituiu um marco para o desenvolvimento e valorização profissional. Porém, a proposta curricular adotada nos anos iniciais foi pautada em duas vertentes: a formação técnica e a formação humanística. As disciplinas técnicas, como Catalogação (hoje denominada Representação Descritiva da

Informação) e Classificação (Representação Temática da Informação), atendiam às necessidades de organização física das bibliotecas e de seus acervos ficando a formação humanística responsável em oferecer soluções para as demandas de uma sociedade em processo de modernização, posteriormente designada como Sociedade da Informação e do Conhecimento. Resgatar os fundamentos da Biblioteconomia, especialmente no que se refere aos currículos, revela-se de grande relevância, pois, a partir de seus registros, é possível perceber essa evolução, destacando os avanços e o desenvolvimento da formação dos bibliotecários que ingressarão no mercado de trabalho.

Ainda na década de 1980, no universo da Biblioteconomia brasileira, destaca-se o ano de 1986, marcado pelo Primeiro Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia (ENEBCI), evento significativo para a área, no qual foram debatidas temáticas relevantes para a melhoria e evolução do ensino da Biblioteconomia. Nesse mesmo ano, foi aprovada a atualização do Código de Ética (Resolução 327/86 do CFB) que estabelecia adequações nas diretrizes para a evolução da profissão de Bibliotecário. Dentro desse contexto de evolução, a década de 1990, a Biblioteconomia deu um salto ainda maior onde:

> A mudança de paradigma da Biblioteconomia, do objeto "documento", para a "informação", juntamente como advento das novas tecnologias, e por conseguinte, da Internet, acarretaram uma ampliação do campo de atuação do bibliotecário. (Oliveira, Carvalho, Souza, 2009, p.20, grifo do autor).

Nesse período, as questões técnicas relacionadas ao tratamento e à organização da informação em suportes físicos passaram por uma transformação emblemática, a partir da transmutação da nomenclatura "documento" para "informação". O predomínio do documento como cerne da questão, provocava de certa forma, uma limitação nas funções concedidas ao bibliotecário, pois restringindo sua atuação, sobretudo ao gerenciamento de acervos físicos. Com a uma nova perspectiva centrada na "informação", o profissional começou a vislumbrar processos dinâmicos incorporados a novos conteúdos e práticas, tais como mediação, organização, acesso e uso da informação inseridos em diferentes formatos e plataformas. Esse movimento, impulsionado pelo avanço das

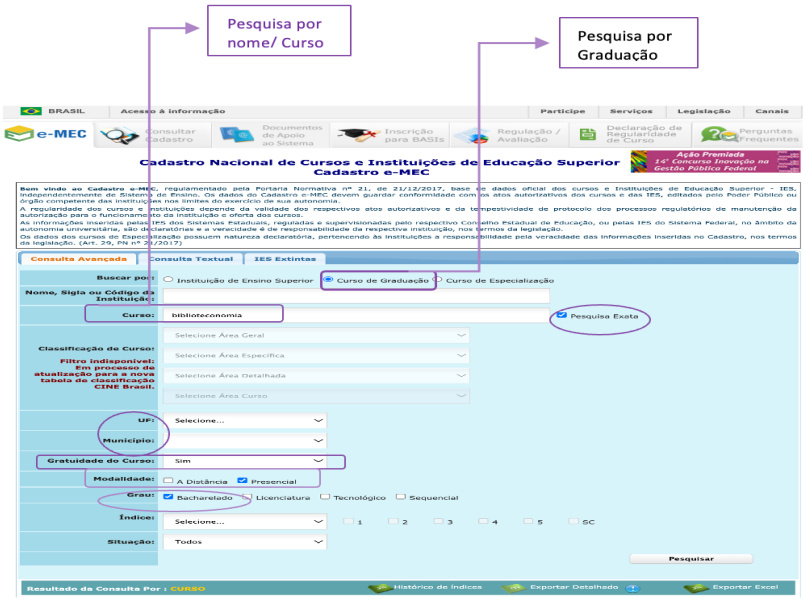
tecnologias digitais e pela disseminação da Internet, expandiu significativamente as fronteiras do campo de atuação dos bibliotecários. Dessa forma, com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação, o universo da Biblioteconomia ganhou ambientes virtuais além de uma diversidade de tipologias documentais caracterizando a necessidade de novas formas de armazenamento, recuperação e consequentemente a validação dos dados.

Nesse cenário, o bibliotecário passou a desempenhar funções progressistas, sendo reconhecido como gestor da informação, devido as inúmeras competências informacionais desenvolvidas e do domínio de plataformas repositórios digitais. Ainda destacando as corroborações de Oliveira, Carvalho e Souza (2009, p. 20): o final dos anos 1990, foi marcado pelo "conjunto de discussões visando formular novos conteúdos curriculares [...] que foram incorporadas às escolas no século seguinte".

Desse modo, nas décadas subsequentes, no Brasil, o ensino de Biblioteconomia firmou-se para solucionar problemas de bibliotecas específicas. Com isso, o curso passou a se difundir efetivamente em todo o território nacional, tanto pelo crescimento do número de novas escolas quanto pela difusão das técnicas de organização e tratamento da informação, que passaram a suprir necessidades além de uma única instituição. (Oliveira, Carvalho, Souza, 2009).

Com o passar dos anos, os Cursos foram emergindo de acordo com as demandas profissionais e sociais, tanto em instituições públicas federais quanto nas estaduais. Para identificar o quantitativo de cursos por instituição, recorremos ao Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, do Ministério da Educação e Cultura (e-MEC) conforme Figura 20:

Figura 20 - Cadastro Nacional de Cursos



Fonte: e-MEC, 2024.

Ao iniciarmos a busca no Cadastro Nacional de Cursos, selecionou-se a opção “Curso de Graduação”, seguida da indicação do nome do curso, da modalidade presencial, da gratuidade e do grau bacharelado. A partir desses dados, o sistema gerou um relatório detalhado com informações sobre todos os cursos de Biblioteconomia cadastrados no país.

Figura 21 – Relatório de Consulta avançada por Curso

Código da IES	Sigla da IES	Nome da IES	Categoria Administrativa	Organização Acadêmica	Situaçao da IES
2	UNB	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Pública Federal	Universidade	Ativa
573	UFES	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	Pública Federal	Universidade	Ativa
583	UFC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	Pública Federal	Universidade	Ativa
55	USP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Pública Estadual	Universidade	Ativa
43	UDESC	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	Pública Estadual	Universidade	Ativa
4	UFAM	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS	Pública Federal	Universidade	Ativa
9	UEL	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	Pública Estadual	Universidade	Ativa
577	UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	Pública Federal	Universidade	Ativa
43	UDESC	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	Pública Estadual	Universidade	Ativa
569	UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	Pública Federal	Universidade	Ativa
584	UFG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	Pública Federal	Universidade	Ativa
693	UNIRIO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Pública Federal	Universidade	Ativa
579	UFPB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	Pública Federal	Universidade	Ativa
575	UFMG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	Pública Federal	Universidade	Ativa
18759	UFCA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI	Pública Federal	Universidade	Ativa
578	UFBA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	Pública Federal	Universidade	Ativa
570	UFRN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	Pública Federal	Universidade	Ativa
55	USP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Pública Estadual	Universidade	Ativa
699	UNIR	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA	Pública Federal	Universidade	Ativa
56	UNESP	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO	Pública Estadual	Universidade	Ativa
548	UFMA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO	Pública Federal	Universidade	Ativa
693	UNIRIO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Pública Federal	Universidade	Ativa
586	UFRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	Pública Federal	Universidade	Ativa
580	UFPE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	Pública Federal	Universidade	Ativa
25352	UFR	Universidade Federal de Rondonópolis	Pública Federal	Universidade	Ativa
3	UFS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	Pública Federal	Universidade	Ativa
586	UFRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	Pública Federal	Universidade	Ativa
572	UFF	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	Pública Federal	Universidade	Ativa
12	FURG	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE	Pública Federal	Universidade	Ativa
585	UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	Pública Federal	Universidade	Ativa
756	UESPI	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ	Pública Estadual	Universidade	Ativa
7	UFSCAR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	Pública Federal	Universidade	Ativa
581	UFRGS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Pública Federal	Universidade	Ativa

Fonte: e-MEC, 2024

Baseado no relatório gerado pelo e-MEC, é possível verificar o quantitativo dos cursos, as categorias administrativas (federal ou estadual) categoria acadêmica (universidade) e a Situação da Instituição de Ensino Superior -IES (ativa). A partir desses dados, procede-se à distribuição dos cursos por região, acrescentando-se a data de criação de cada um deles:

- **Região Norte:** Universidade Federal do Amazonas/UFAM [5] (1966), Universidade Federal do Pará –UFPA (1963) e Universidade Federal de Rondônia –UNIR (2008).
- **Centro-Oeste:** Universidade de Brasília –UNB (1966) [6]e Universidade Federal de Goiás –UFG (1979).
- **Região Nordeste:** Universidade Federal de Alagoas –UFAL (1998), Universidade Federal da Bahia –UFBA (1942) [7], Universidade Federal do Cariri –UFCA (2006), Universidade Federal do Ceará –UFC (1964), Universidade Federal do Maranhão –UFMA (1969), Universidade Federal da Paraíba –UFPB (1969), Universidade Federal de Pernambuco –UFPE (1950), Universidade Estadual do Piauí –UESPI (2002), Universidade Federal de Sergipe – UFS (2008) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN (1996).
- **Região Sudeste:** Universidade Federal de São Carlos –UFSCAR (1994), Universidade Estadual do Estado de São Paulo UNESP-Marília (1977), Universidade de São Paulo –USP (1966), Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO/CAMPUS PASTEUR 458 (1911)[8], Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO (2005), Universidade do Rio de Janeiro –UNIRIO (2010), Universidade Federal Fluminense –UFF (1963), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2010). Universidade Federal de Minas Gerais –UFMG (1966), e Universidade Federal do Espírito Santo –UFES (1975),
- **Região Sul:** Universidade Estadual de Santa Catarina –UDESC (1973), Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC (1973), Universidade

[5] Na Região Norte, o curso mais antigo é o da UFAM que foi criado em 1966.
[6] Na Região Centro-Oeste, o mais antigo é o da UNB, criado em 1966.
[7] Região Nordeste, a UFBA tem o curso mais antigo, criado em 1942.
[8] No Sudeste, o mais antigo e pioneiro no Brasil foi o da UNIRIO criado em 1911.

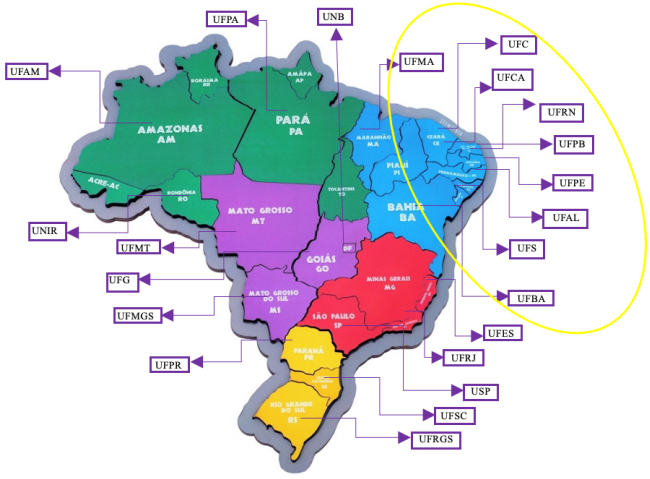
Estadual de Londrina –UEL (1972)[9] e Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS (1947).

O curso de Biblioteconomia, conforme exposto, é ofertado em diversos estados do Brasil. Neste estudo, priorizam-se e destacam-se exclusivamente os cursos ofertados por **Instituições Públicas Federais, com ênfase naqueles localizados na Região Nordeste**, por esta incluir o estado da Paraíba, que oferta o curso objeto dessa pesquisa e que será abordado na seção subsequente.

3.3 BIBLIOTECONOMIA NO NORDESTE BRASILEIRO

O Nordeste brasileiro é composto por nove estados (Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia, Alagoas, Sergipe, Piauí e Paraíba), e a maioria deles oferece, há algumas décadas, o Curso de Graduação em Biblioteconomia no formato presencial. Conforme mencionado anteriormente, esta análise aborda exclusivamente as instituições federais. Dessa forma, o estado do Piauí não será incluído, uma vez que a Universidade Federal do Piauí (UFPI) não oferta o curso de Biblioteconomia.

Figura 22 - Cursos de Biblioteconomia ofertados em Instituições Públicas Federais no nordeste brasileiro



Fonte: Mapad do Brasil (https://www.elo7.com.br/mapa-do-brasil-)adaptado pela autoa, (2024).

[9] Na Região Sul, o curso mais antigo é o da UEL, criado em 1972.

No estado do Maranhão, o curso foi fundado em 1969,

> [...] a partir da necessidade de qualificar profissionais para atuarem nas bibliotecas de São Luís, notadamente na Biblioteca Pública Benedito Leite e nas Bibliotecas da UFMA, passando por mudanças na sua estrutura pedagógica para se adequar à realidade e às demandas da sociedade maranhense. [...] Desde a sua criação, o Curso de Biblioteconomia da UFMA sofreu quatro reformas curriculares cujos resultados podem ser mensurados nas mudanças processadas no curso ao longo dos trinta e sete anos de existência, como por exemplo a qualidade da produção monográfica, as pesquisas acadêmicas desenvolvidas por professores e alunos, a eficiência dos serviços oferecidos a 6 sociedade, e na oferta de cursos de especialização que contribuíram para que o Curso atingisse um grau de maturidade compatível com a filosofia da Universidade, estando integrado às perspectivas de desenvolvimento do Estado do Maranhão. (Projeto [...], 2022, p.5-6)

Desde sua criação, o curso passou por algumas reformas curriculares que resultaram, ao longo de sua existência, em pesquisas acadêmicas desenvolvidas por seus docentes e discentes, como também em serviços ofertados à sociedade, a exemplo de cursos de especialização. Esses avanços contribuíram para o fortalecimento não apenas do curso, mas para o desenvolvimento social e científico da sociedade local. É importante destacar que:

> No processo *de formação do bibliotecário a preocupação com a preservação da memória da produção intelectual dos indivíduos, das instituições, das regiões e das sociedades faz parte de sua perspectiva* filosófica, assim como pensar políticas que venham disponibilizar informações para apoiar atividades de pesquisa, produção e lazer, agregando valor à informação e adequando às necessidades do usuário. (Projeto [...], 2022, p.1, grifo nosso)

O Projeto Pedagógico apresenta uma atenção voltada à preservação da memória no curso de Biblioteconomia da UFMA, ao destacar a importância da preservação da memória intelectual individual, coletiva e institucional, assim como o acesso posterior a essas memórias. Nesse sentido, essa preocupação contribui para o desenvolvimento intelectual de seus usuários e, consequentemente, para a sociedade maranhense. É oportuno ressaltar que um

> [...] fator relevante a considerar na trajetória da Biblioteconomia Maranhense, foi a participação do Cônego Ribamar Carvalho, então reitor da Fundação Universidade do Maranhão - FUM (instituída pela Lei nº 5.152 de 21/10/1966), que reuniu todos os esforços no sentido de criar, em 10 de março de 1969, pela Resolução 84, o Curso de Biblioteconomia. Havia uma demanda crescente pelo profissional bibliotecário para atuar nas bibliotecas das Faculdades de Ensino Superior e no Projeto da Biblioteca Central, o que já justificava a instituição do curso, além de todo o potencial de práticas biblioteconômicas competentes de que as instituições universitárias, entre outras, iriam se beneficiar. (Projeto [...], 2022, p.19)

A necessidade de consolidação do curso na região era evidente, em virtude da demanda crescente por profissionais da área nas instituições de ensino, informação e documentos do Maranhão. O percurso da Biblioteconomia no estado não difere da construção da Biblioteconomia no Brasil, uma vez que sua construção esteve vinculada, num primeiro momento, à necessidade de qualificação dos profissionais que atuavam nas bibliotecas maranhenses, em especial na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL) e na Biblioteca da Escola Técnica Federal do Maranhão. A biblioteca pública, inserida na vida cultural maranhense desde 1829, foi a primeira a se beneficiar de práticas bibliotecárias mais modernas, com base nas diretrizes desenvolvidas nacionalmente. Tanto profissionais da BPBL quanto da Biblioteca da Escola Técnica Federal do Maranhão participaram dos cursos oferecidos pela Biblioteca Nacional. Esses cursos eram ofertados em temo integral e tiveram sua primeira colação de grau em 28 de maio de 1971, com a formação de 42 bibliotecários. Desde sua criação, em 1969, o curso passou por três reformas curriculares para ajustá-las às necessidades e aos interesses da sociedade maranhense.

Em Pernambuco, o **Curso de Biblioteconomia da UFPE** foi fundado em 1948, a partir de um projeto da Diretoria de Documentação e Cultura (DDC) da Prefeitura Municipal do Recife (PMR), voltado à criação de bibliotecas populares no município. No ano posterior, a Prefeitura Municipal do Recife:

> [...] enviou um grupo de profissionais para uma visita técnica às instalações da Biblioteca Nacional, com o intuito de levantar informações sobre a estrutura curricular do Curso de Biblioteconomia ofertado pela instituição. No ano seguinte, o reitor Joaquim Amazonas da Universidade do Recife,

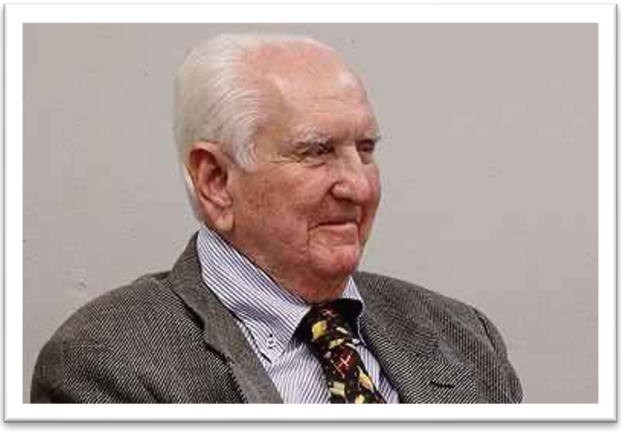
> "entusiasmado com o movimento iniciado pela Prefeitura da Capital, instituiu o Curso de Biblioteconomia na Universidade, após aprovação em reunião do Conselho Universitário. (Projeto [...], 2008).

À época de sua criação, o curso ofertava disciplinas como "bibliografia, classificação e catalogação de livros, organização e gestão de bibliotecas, história dos registros do conhecimento, além de literatura e psicologia" (Projeto Político..., 2018). O Curso tinha a extensão de dois anos e funcionava junto à Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife. O currículo do curso,

> [...] integrou conhecimentos de bibliografia, classificação e catalogação de livros, organização e gestão de bibliotecas, história dos registros do conhecimento, literatura e psicologia. A primeira turma graduou-se em 1952. O reconhecimento aconteceu por meio do Decreto nº 59.114, de 23 de agosto de 1966. Quatro anos depois, o curso foi transferido para o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a partir da criação do Departamento de Biblioteconomia. Em 1975, o Departamento de Biblioteconomia transferiu todas as suas atividades para o recém-criado Centro de Artes e Comunicação, onde permanece até os dias atuais. No ano de 1998, o departamento passou a ser denominado Departamento de Ciência da Informação para atender às transformações sociais e tecnológicas relacionadas ao campo científico. (UFPE [...], 2020)

O curso de Biblioteconomia da UFPE teve forte influência de um dos nomes mais marcantes da Biblioteconomia brasileira, o Edson Nery da Fonseca.

Figura 23 - Bibliotecário Edson Nery da Fonseca



Fonte: Correio Brasiliense, 2014.

Segundo Verri (2019, p.39):

> [...] foi bibliotecário, bibliógrafo, professor, fundador e defensor de cursos de graduação e de pós-graduação em Biblioteconomia no

> século X. A atuação desse notável bibliotecário é, hoje, pouco divulgada no âmbito da Ciência da Informação, embora tenha sido um nome forte em todos os congressos ou eventos nacionais da área, que se iniciaram no Recife, em 1954, com o primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia.

Edson Nery, como ficou mais conhecido, produziu inúmeros trabalhos voltados para à divulgação da área, abordando tanto temas técnicos quanto questões teóricas, com ênfase em 'bibliotecas escolares, universitárias, públicas, especializadas e nos serviços de informação digital [...]' (Verri, 2019, p. 40). Seu envolvimento destacou-se pela prioridade atribuída aos avanços das bibliotecas e, sobretudo, à qualificação dos profissionais da área. Em especial, seu trabalho em torno das necessidades de estruturação das bibliotecas, principalmente na região Norte/Nordeste, onde passou pela capital João Pessoa/Paraíba, e desenvolveu várias atividades nas bibliotecas da cidade. Essa passagem foi determinante para que retornasse ao Recife, em 1948, com a missão de criar o primeiro curso de Biblioteconomia na cidade. Desde então, o curso tem formado bibliotecários capacitados para o tratamento e gerenciamento dos suportes informacionais, contribuindo para o avanço científico das instituições e, acima de tudo, para o desenvolvimento social da região.

A proximidade geográfica entre Pernambuco e Paraíba, aliada ao fato de ambos os estados possuírem cursos de Biblioteconomia criados em décadas próximas, tem fomentado uma rica interação acadêmica e profissional entre os egressos e estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essa colaboração reflete um cenário onde as fronteiras estaduais são transcendidas em prol do fortalecimento da área, com trocas constantes de conhecimentos, experiências e práticas. Essa interação manifesta-se de diversas formas, como a realização de eventos conjuntos, seminários, projetos de pesquisa colaborativos e, sobretudo, pela mobilidade acadêmica de docentes e discentes entre as duas instituições. Ademais, a similaridade dos contextos culturais e sociais desses estados contribui para que as necessidades e desafios enfrentados pelos bibliotecários de ambas as regiões sejam semelhantes, facilitando o intercâmbio de soluções e estratégias aplicadas no campo da Biblioteconomia.

Na contemporaneidade, a consolidação de redes de pesquisa e a integração das comunidades acadêmicas desses cursos tornam-se cada vez mais essenciais. Essa parceria não apenas enriquece a formação dos profissionais, como também potencializa o impacto da Biblioteconomia na sociedade nordestina, promovendo o acesso à informação e a democratização do conhecimento em uma região marcada pela diversidade cultural e pela constante busca por desenvolvimento.

Dando continuidade à análise das universidades federais que ofertam o curso de Biblioteconomia, destacamos a **Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**, que fundou o curso na década de 1990, estruturado para:

> [...] capacitar o profissional a atuar de acordo com as necessidades reais da sociedade e do mercado, uma vez que no decorrer da sua formação o estudante tem a oportunidade de perpassar pelas diversas áreas que compõem o curso: Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação; Organização e Tratamento da Informação; Recursos e Serviços de Informação e Gestão de Unidades de Informação. Além da possibilidade de cursar componentes curriculares eletivos, os quais estão vinculados a outros departamentos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É previsto também o cumprimento de estágio supervisionado obrigatório e do Trabalho de Conclusão de Curso. (Projeto [...], 1996).

O curso de Biblioteconomia da UFRN tem o propósito de desenvolver, em seus discentes, uma formação reflexiva e crítica, abrangendo diversos conhecimentos, habilidades e competências. Esse processo de formação é voltado para o aprimoramento das competências gerenciais ético-políticas, essenciais para a atuação profissional. Segundo Barbosa Neto, Carvalho, Cunha (2016, p.11):

> De acordo com a resolução nº 39 de 1996 do CONSEPE-UFRN foi criado o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Segundo relatos de docentes que constituíram o primeiro colegiado do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), este foi criado no ano de 1996, no então Departamento de Biblioteconomia, quando contou com a assessoria da Universidade de Brasília (UNB), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e

> também da Pró-reitoria de Graduação da UFRN. Neste sentido, a estrutura curricular foi formada com base no 2º Currículo Mínimo estabelecido pelo CNE em 1982. (Projeto [...], 1996).

Com base na estrutura do currículo mínimo, o curso de Biblioteconomia da UFRN, instituído em 1997, seguiu as diretrizes estabelecidas pelo CNE de 1982, ofertando disciplinas que englobam (aspectos sociais e políticos), Formação Instrumental (lógica e línguas) e a formação Profissional (questões técnicas e específicas da área). É fundamental destacar que a história da Biblioteconomia no Rio Grande do Norte sofreu forte influência da bibliotecária Zila da Costa Mamede. Muito envolvida e dedicada à profissão, destacou-se como bibliotecária à frente do seu tempo. Desempenhou inúmeras atividades, gerenciando equipes, ministrando cursos e ainda compondo poesias. Paraibana, nascida em 1928, na cidade de Nova Palmeira, mudou-se para Natal (RN), ainda criança. Porém, foi na década de 1950 que ela conheceu a Biblioteconomia ao ser convidada para trabalhar como auxiliar de biblioteca no Instituto de Educação do Rio Grande do Norte que, tempos depois, tornou-se conhecido até os dias atuais como Colégio Estadual do Atheneu Norte Riograndense (Figueiredo, 2019). Durante o período em que trabalhou na Biblioteca do Instituto de Educação, desempenhou "as funções da biblioteconomia e não mais parou, pois tinha aptidão para exercer o seu "*bibliotecar* além dos limites conhecidos até ali". (Monteiro, 2019, p.1, grifo nosso).

Buscando constantemente aprimorar suas competências e avançar na profissão, Zila Mamede realizou vários cursos de qualificação. Ressalta-se que um deles foi, no estado de Pernambuco, no Primeiro Congresso de Biblioteconomia, "realizado em Recife e passou a integrar a turma do Curso Intensivo de Biblioteconomia voltado à Assistência Técnica às Bibliotecas Brasileiras, promovido pelo Instituto Nacional do Livro (INL) em 1954" (Macêdo e Cunha, 2024, p. 5).

Figura 24 – Bibliotecária Zila da Costa Mamede



Fonte: FUNCARTE, 2023

Zila Mamede, dedicou-se durante décadas à Biblioteconomia e, por meio de sua atuação como bibliotecária, contribuiu significativamente para o desenvolvimento cultural e científico da região potiguar. Nos anos seguintes, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, onde cursou o Curso Superior de Biblioteconomia, ofertado pela Biblioteca Nacional com duração de dois anos (1955-1956). A Figura 25, apresenta o diploma no curso superior de Biblioteconomia realizado na Biblioteca Nacional (RJ).

Figura 25 – Diploma de Curso Superior em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro



Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

Após a conclusão do curso, especializou-se nos Estados Unidos e regressou à capital do Rio Grande do Norte tornando-se “a primeira bibliotecária do estado e assume ao longo dos anos uma série de empregos relacionados ao mundo das bibliotecas e dos livros” (Macêdo, Cunha, 2024, p.1). Em seguida, Zila Mamede foi convidada a desenvolver e gerenciar diversos projetos no Rio Grande do Norte, todos voltados para às áreas de Educação e Biblioteconomia. Pouco tempo depois, “em 2 de maio de 1959, com a aprovação do Conselho Universitário para a instalação do Serviço Central de Bibliotecas na recém-criada Universidade Federal do Rio Grande do Norte, assumiu a direção da unidade” (Macêdo; Cunha, 2024, p. 5). A partir desse momento, dedicou-se não apenas à sua própria capacitação, mas também à qualificação de sua equipe, sempre com o objetivo de aprimorar os serviços oferecidos pela biblioteca. A partir de então, buscou

> [...] empenhar-se na busca de alternativas para capacitar pessoas para a formação do quadro técnico de bibliotecários da UFRN. Criteriosa, descobriu 25 talentos que, incentivados, adotaram a profissão bibliotecária (1964-1990), o que também favoreceu a criação do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UFRN em 1996 (DEBIB, atualmente DECIN), sonho de tempos idos, quando organizava cursos para a formação de auxiliares de bibliotecas. (Monteiro, 2021, p. 2)

Somente na década de 1970 a Biblioteca Central da UFRN foi oficialmente fundada e, a partir de então, Zila Mamede desempenhou um papel fundamental no planejamento arquitetônico e estrutural da biblioteca, permanecendo à frente de sua administração por muitos anos. Durante o período de sua gestão, destacou-se pela preocupação em capacitar sua equipe para atender às demandas da Biblioteconomia.

Dada a proximidade geográfica entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, onde a UFPB já oferecia o curso de graduação em Biblioteconomia, Zila Mamede buscou firmar parceria estratégica. Em diálogo com a coordenação do Curso de Biblioteconomia da UFPB, firmou-se um acordo que possibilitou aos membros de sua equipe a oportunidade de ingressar na graduação.

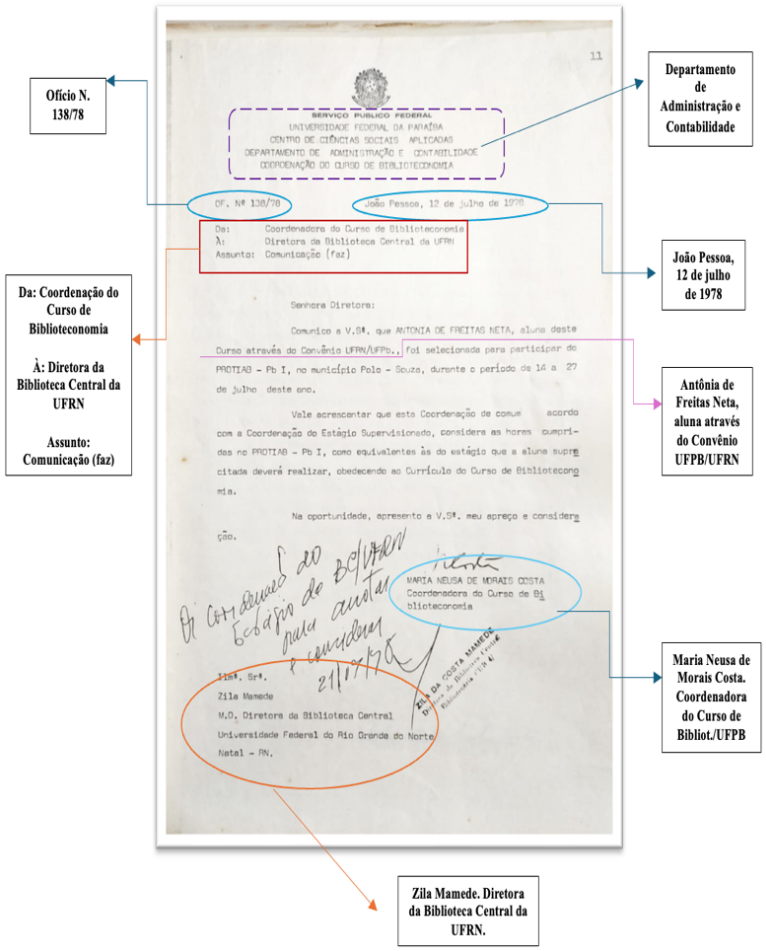
Figura 26 - Ambiente de trabalho de Zila Mamede na BCZM/UFRN



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Em julho de 1978, por meio do Ofício nº 138/78, a Coordenação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), então sob a responsabilidade da Professora Maria Neusa de Morais Costa, encaminhou comunicação oficial à Direção da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O Ofício informa a participação da aluna Antônia de Freitas Neta em atividade formativa vinculada ao Programa de Treinamento Intensivo para Alunos de Biblioteconomia – PROTIAB-PB I, a ser realizado no polo da cidade de Sousa, no interior da Paraíba. No conteúdo do documento, a coordenação destaca que a aluna foi devidamente selecionada para integrar o referido programa no mês de julho de 1978, ressaltando, ainda, que a participação na atividade seria considerada válida para o cumprimento das exigências do Estágio Supervisionado, conforme previsto na grade curricular do Curso de Biblioteconomia da UFPB.

Figura 27 - Ofício sobre o Convênio entre o Curso de Biblioteconomia da UFPB e a UFRN

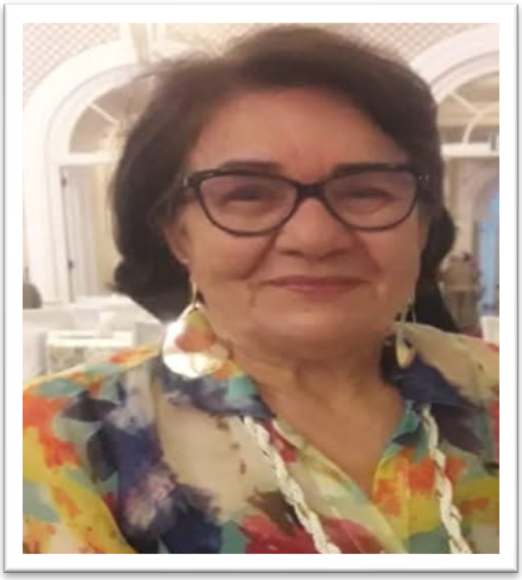


Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

Esse documento revela não apenas a articulação interinstitucional em prol da formação prática dos estudantes de Biblioteconomia no Nordeste, mas também os resultados dessa iniciativa que foi bem-sucedida, permitindo que funcionários da Biblioteca Central da UFRN cursassem Biblioteconomia em João Pessoa-PB e realizassem seus estágios supervisionados tanto na Biblioteca Central da UFRN quanto na Biblioteca Central da UFPB.

Além do Ofício sobre o Convênio entre as universidades, destacam-se os registros das atividades de estágio das alunas *Antônia de Freitas Neta e Maria do Socorro de Azevedo Borba*, que ingressaram no curso de Biblioteconomia na UFPB através do convênio citado.

Figura 28 – Aluna Antônia de Freitas Neta



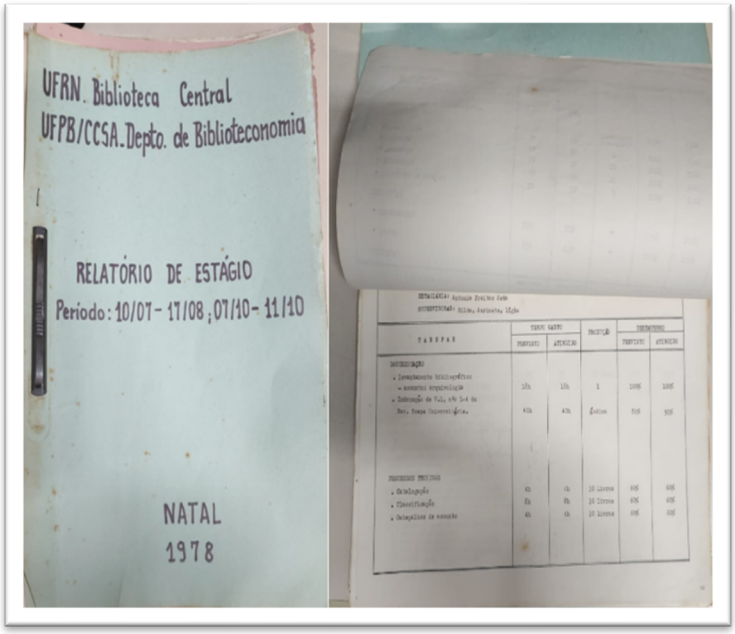
Fonte: Arquivo Pessoal de Antônia F. Neta (2020)

Quanto ao estágio obrigatório, Silva (2012, p 13), afirma que

> O Estágio Obrigatório é uma atividade acadêmica que deve assegurar integração entre teoria e prática em situação real de vida e trabalho, com vista à formação profissional e pessoal do discente. Portanto o estágio permite que o aluno conheça a realidade da profissão, estando em contato com o usuário e a troca de experiência com o profissional já formado. E o desenvolvimento dessa atividade no Curso de Graduação em Biblioteconomia ocorre tanto em instituições internas (bibliotecas centrais e setoriais), como em externas (bibliotecas organizações públicas ou privadas), onde os discentes participam do estágio curricular obrigatório, desenvolvendo atividades [...].

As atividades desenvolvidas durante o estágio obrigatório pela aluna "*Antônia de Freitas Neta*" incluíram: Levantamento bibliográfico por assunto e a indexação da Revista Tempo Universitário, volume 1, números de 1-4, como demonstrado na Figura 29:

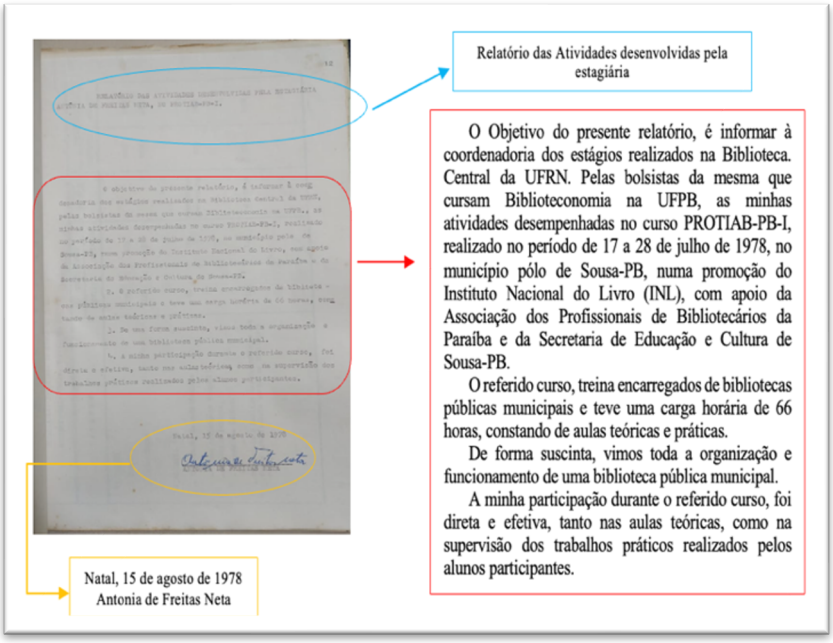
Figura 29 – Relatório de Estágio UFRN e UFPB, 1978.



Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

No Setor de Processamento Técnico, onde geralmente são realizadas atividades como catalogação, classificação e elaboração de cabeçalhos de assunto, a estagiária Antônia desempenhou suas funções acompanhando o ritmo de trabalho, os volumes de produção e os critérios de desempenho estabelecidos.

Figura 30 –Relatório das Atividades de Estágio

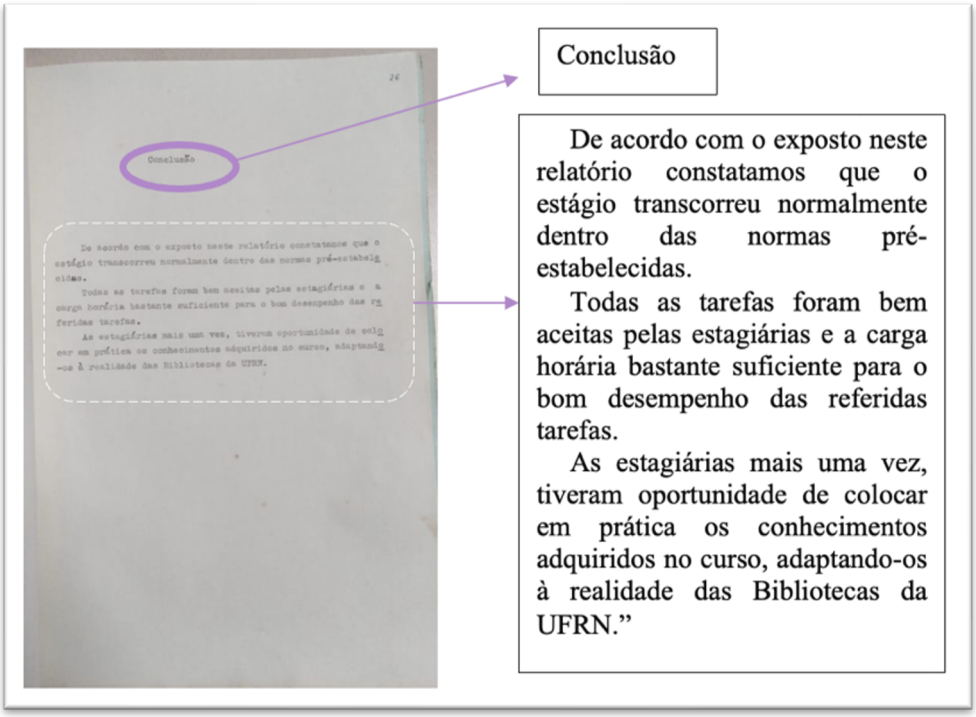


Fonte: Dados da pesquisa, (2024)

Observa-se, na Figura 30, que a estagiária relatou as atividades desenvolvidas, destacando também a importância de ter observado e vivenciado a organização e o funcionamento de uma biblioteca. Além disso, ressaltou a relevância do Instituto Nacional do Livro (INL), bem como a participação e parceria da Secretaria de Educação e Cultura de Sousa-PB.

Na conclusão do Relatório de Estágio, é possível verificar o desenvolvimento das estagiárias, conforme evidenciado na Figura 31:

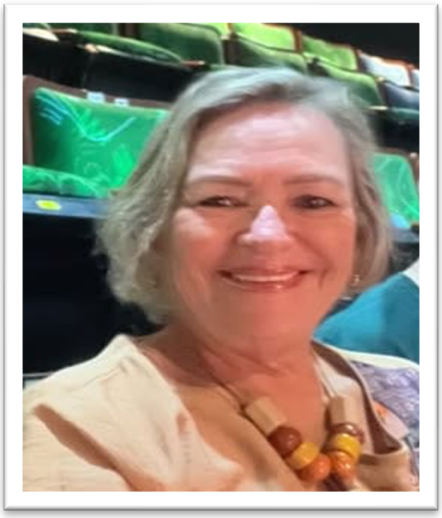
Figura 31 – Conclusão do Relatório de Estágio



Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

O estágio é uma atividade de extrema relevância para o discente, pois permite a aplicação prática e o aprimoramento dos conhecimentos adquiridos ao longo das aulas teóricas. Essa vivência contribui significativamente para uma compreensão mais ampla da realidade profissional e do mercado de trabalho, preparando o estudante para os desafios e exigências da futura atuação na área. A discente Maria do Socorro de Azevedo Borba também foi uma das quinze contempladas com o convênio e cursou Biblioteconomia na UFPB.

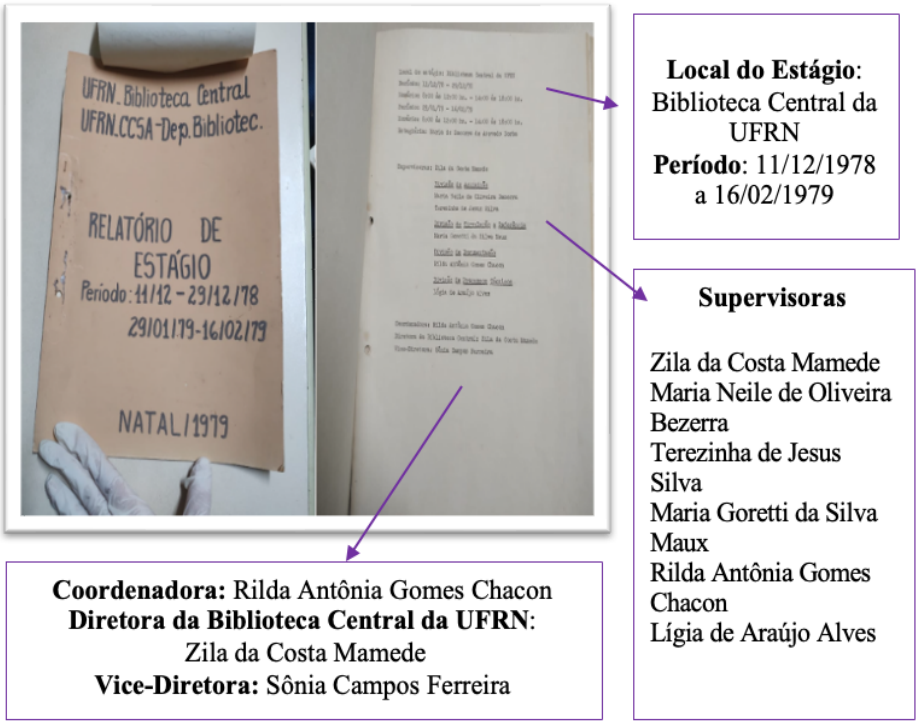
Figura 32 – Aluna Maria do Socorro de Azevedo Borba



Fonte: Arquivo pessoal da aluna, 2023

O estágio final foi realizado na no período de dezembro de 1978 a fevereiro de 1979, supervisionado por Zila da Costa Mamede, Maria Neile de Oliveira, Bezerra Terezinha de Jesus Silva, Maria Goretti da Silva Maux, Rilda Antônia Gomes Chacon e Lígia de Araújo Alves, conforme comprova a Figura 33:

Figura 33 – Relatório de Estágio de Maria do Socorro de A. Borba



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

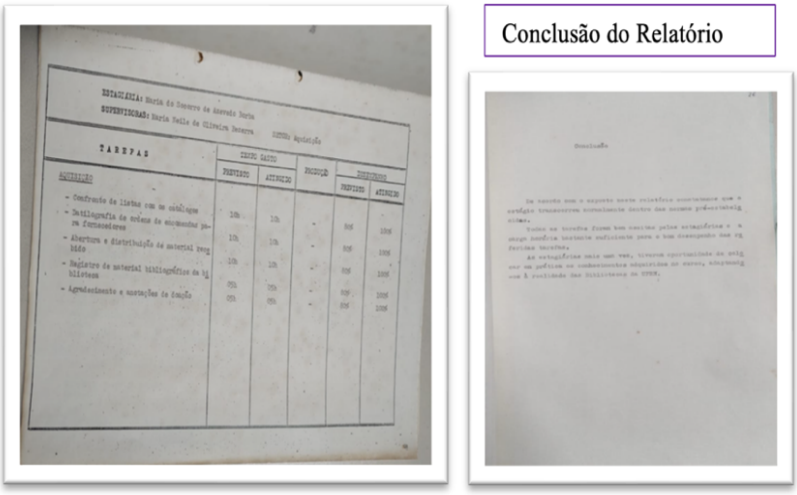
Sobre o período de estágio e suas atividades, a estagiária Maria do Socorro Borba compartilha um fragmento de suas memórias, concedido por meio de entrevista realizada em abril de 2025. Para acessar o arquivo de áudio, basta clicar no endereço eletrônico: https://qr.me-qr.com/pt/music/DGhNA73j ou escanear o QR Code disponível na Figura 34:

Figura 34 - Depoimento de Maria do Socorro de Azevedo Borba sobre o estágio na UFRN

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

As atividades desenvolvidas pela estagiária no Setor de Aquisição foram: Confronto de listas com os catálogos, Datilografia de ordens de encomendas para fornecedores, abertura e distribuição de material recebido, registro de material bibliográfico da biblioteca; agradecimento e anotações de doação, como podemos verificar na Figura 35:

Figura 35 – Relatório de Atividades de Estágio da aluna Maria do Socorro de Azevedo Borba no Setor de Aquisição



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

De acordo com o exposto nesse relatório, elaborado pelas supervisoras, a estagiária atingiu totalmente o desempenho, conforme destacado na conclusão do relatório:

> De acordo com o exposto neste relatório, constatamos que o estágio transcorreu normalmente dentro das normas pré-estabelecidas. Todas as tarefas foram bem aceitas pelas estagiárias e a carga horária bastante suficiente para o bom desempenho das referidas tarefas. As estagiárias mais uma vez, tiveram oportunidade de colocar em prática os ensinamentos adquiridos no curso, adaptando-se à realidade das Bibliotecas da UFRN"(Natal, 1979).

Desta forma, a estagiária estava apta a concluir o curso e colar grau.

Figura 36 – Colação de Grau de Maria do Socorro de Azevedo Borba em 1979



Fonte: Arquivo pessoal da formanda.

No entrelaçar das lembranças, é oportuno mencionar que,

> Essa relação existente entre tempo-memória está ligada à capacidade que a memória tem de captar o passado, através de fragmentos de lembranças, e transportá-las para o presente. A constituição dessa memória individual irá se confrontar com outras memórias e se apoiar nelas construindo a identidade cultural de uma sociedade. Os acontecimentos ocorridos ou presenciados por um indivíduo integram memórias inerentes a ele sem precisar de um referencial exterior[...] essas lembranças surgem, simplesmente, porque o presente nos remete ao passado (Braga; Freire, 2005, p.2)

Desse modo, quarenta e oito anos após sua formatura, Maria do Socorro Borba ainda recorda com clareza os momentos vividos durante aquele período. Para acessar o depoimento da ex-aluna, no qual relata sua experiência e comenta

sobre o convênio entre a UFRN e a UFPB, gravado recentemente em abril de 2025, basta acessar o endereço eletrônico: https://qr.me-qr.com/pt/music/M0IUG6tN ou escanear o QR Code (diretamente com a câmera do seu celular) disponível na Figura 37:

Figura 37 – QR Code para acesso ao depoimento da aluna Maria do Socorro de Azevedo Borba sobre o Convênio entre UFRN e UFPB



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Na esteira dessas reminiscências, após anos de significativa contribuição para a Biblioteconomia no estado do Rio Grande do Norte, Zila Mamede faleceu precocemente em 1985, deixando um legado essencial para o avanço da área, especialmente na UFRN. Em sua homenagem, seu acervo pessoal foi transferido para a biblioteca da universidade, que passou a se chamar Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM). Esse acervo foi cuidadosamente organizado com um duplo propósito: preservar sua memória e fomentar o desenvolvimento das pesquisas científicas na referida área.

Atualmente, a BCZM-UFRN disponibiliza todo o material para consulta pública na Sala Zila Mamede, localizada no primeiro andar da biblioteca. Este espaço não apenas celebra o legado de uma das figuras mais importantes da Biblioteconomia no Brasil, como também se consolida como um ambiente dedicado à pesquisa e à disseminação do conhecimento.

Dando continuidade à análise das universidades federais que compõem o Nordeste brasileiro, destaca-se a **Universidade Federal do Ceará (UFC),** que iniciou a oferta do Curso de Biblioteconomia em 1965. Na época, o curso priorizava atividades voltadas ao processamento técnico, como evidenciado pelas

disciplinas oferecidas, entre elas Catalogação, Classificação, Bibliografia e Documentação (Projeto [...], 2008). Observa-se, contudo, que a proposta curricular desse período enfatizava disciplinas de caráter prático, com foco na execução de atividades técnicas e na gestão de acervos bibliotecários.

> O Decreto de reconhecimento de nº 70.168 de 18 de fevereiro de 1972 foi publicado no Diário Oficial da União de 21/02/1972, página 1.406. Está vinculado ao Centro de Humanidades da UFC, que agrega os seguintes Departamentos: Ciências da Informação, Ciências Sociais, Estudos da Língua Inglesa, suas literaturas e Tradução, História, Letras Estrangeiras, Letras-Libras e Estudos Surdos, Letras Vernáculas, Literatura e Psicologia. A formação do Bibliotecário no Ceará iniciou-se com a instalação do Curso de Biblioteconomia na UFC, em 1965, priorizando as atividades direcionadas ao processamento técnico, visivelmente demonstrado pelas disciplinas ofertadas na época, destacando-se Catalogação, Classificação, Bibliografia e Documentação. Nessa época enfatizava-se uma formação eminentemente prática com aspectos ligados apenas aos acervos de bibliotecas. (Brasil [...], 1972)

Décadas depois, em 2006, a UFC expandiu suas atividades e serviços, instalando um campus na Região do Cariri, na cidade de Juazeiro do Norte, que passou a ofertar também o Curso de Biblioteconomia. Após alguns anos de funcionamento na região, foi consolidada a Universidade Federal do Cariri (UFCA) pela lei 12. 826 de 5 de junho de 2013. O Curso objetiva

> Promover e facilitar o acesso às informações, organizar o planejamento de centros de documentação e auxiliar a normatização e a classificação de documentos (digitais ou não) são funções dos/as profissionais formados/as em Biblioteconomia (Projeto [...], 2006).

O curso no campus Cariri tem como missão:

> [...] espera-se formar um profissional com habilidades gerenciais e tecnológicas, capazes de desenvolver a função técnica, política e social com capacidade para interpretar a realidade dessa sociedade contemporânea no que compete a gestão da informação para subsidiar o exercício da cidadania, assim como para a tomada de decisão em diversos estádios organizacionais da sociedade, como forma de promover os seus e seus crescimentos e desenvolvimentos (Projeto [...], 2006, p.7) .

O curso se propõe a desenvolver atividades e ações integradas entre docentes e discentes, focando nas questões teóricas e práticas que compõem sua estrutura curricular. Além disso, evidencia-se o engajamento da comunidade acadêmica com as diversidades sociais, promovendo uma formação que alia conhecimento técnico e reflexão crítica sobre a sociedade da informação.

O curso de Biblioteconomia da **Universidade Federal da Bahia (UFBA)** foi criado em 12 de março de 1942, com o objetivo de capacitar e formar profissionais para atuar na organização de acervos públicos e privados. Mais de uma década depois, em 1954, o curso passou a ser denominado Biblioteconomia e Documentação, integrando oficialmente os cursos ofertados pela UFBA. Ao longo de sua trajetória de sete décadas, o curso expandiu as perspectivas de atuação do bibliotecário, adaptando-se às demandas informacionais dos diversos segmentos da sociedade e acompanhando os avanços tecnológicos. (Universidade Federal da Bahia (2022).

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (2019), o ensino de Biblioteconomia na Bahia teve início em 12 de março de 1942, sob a responsabilidade da engenheira Bernadete Sinay. Sua trajetória reflete um marco pioneiro no estado, marcado por visão, iniciativa e determinação. Designada para ocupar o cargo de direção da biblioteca da Escola Politécnica da Bahia, hoje vinculada à Escola de Engenharia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bernardete percebeu a necessidade de uma formação especializada para desempenhar suas funções com excelência. Para isso, buscou qualificação em Biblioteconomia no Rio de Janeiro, uma das poucas opções de formação na área à época. Após concluir o curso, retornou à Bahia com o propósito de pôr em prática todo o conhecimento adquirido. Foi então que ela criou o primeiro curso de Biblioteconomia no estado. Essa iniciativa abriu caminhos para o desenvolvimento da Biblioteconomia na Bahia, promovendo o fortalecimento do papel das bibliotecas como espaços de gestão da informação e acesso ao conhecimento. A ação pioneira de Bernadete Sinay, portanto, consolidou um legado que continua a inspirar a área até os dias atuais.

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), foi implantado em 1998, com “o objetivo de formar Bibliotecários competentes, críticos e dinâmicos para atuar em atividades de planejamento, organização,

disponibilização e gestão da informação, em diferentes espaços sociais.” (Projeto Pedagógico, 2017). O curso ofertado pela UFAL, com duração mínima de quatro anos, busca formar bibliotecários aptos a atuar em:

> Organização e disseminação da informação na gestão de acervos (Bibliotecas, Centros de Documentação ou Informação, Centros Culturais, Serviço ou Rede de Informação e Órgãos de Gestão do Patrimônio Cultural) utilizando, para tanto, técnicas modernas e novas tecnologias de informação. A atuação desse profissional deve ser compreendida a partir de uma reflexão crítica do valor social, econômico, político e cultural do ambiente de geração e disseminação do conhecimento, objetivando a democratização do acesso aos recursos de informação como meio de assegurar o exercício da cidadania. (BiblioUfal, 2024).

Conforme proposto pelo Projeto Pedagógico, para que os profissionais possam atuar no mercado de trabalho, é de grande relevância que o aluno saia totalmente preparado. Para tanto, o curso oferta disciplinas teóricas e práticas, com vistas à capacitação total do aluno. Entre as disciplinas, destacam-se os Estágios Supervisionados Obrigatórios, quer são:

> O Estágio Supervisionado Obrigatório é componente curricular do Curso de Biblioteconomia e constitui-se pré-requisito básico para integralização do Curso. Essa modalidade de estágio compreende o Estágio Supervisionado 1 e o Estágio Supervisionado 2, ambos de 120 (cento e vinte) horas, no PPC 2017, e de, respectivamente, 99 (noventa e nove) horas e 108 (cento e oito) horas, no PPC 2019. Em ambos os PPC, os Estágios Supervisionados 1 e 2 devem ser realizados, respectivamente, no sétimo e oitavos períodos. (Projeto [...], 2017).

As atividades específicas dos Estágios Supervisionados são realizadas tanto nas bibliotecas setoriais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) quanto em bibliotecas de instituições conveniadas. Atualmente, o curso opera com dois Projetos Pedagógicos, sendo que um deles encontra-se em fase de conclusão.

A **Universidade Federal de Sergipe (UFS)** é a instituição do Nordeste, que possui o curso de Biblioteconomia mais recente, criado em 27 de maio de 2008. O objetivo principal do curso é

> Formar profissionais aptos a atuarem no gerenciamento e organização de Bibliotecas e Centros de Documentação,

> com capacidade para planejamento, assessoria e prestação de serviço em redes e sistemas de informações, de modo a atenderem às necessidades de informação da sociedade em seus aspectos sociais, culturais e científicos, exercendo uma postura crítica e reflexiva sobre o seu desenvolvimento profissional, humano e social. (Projeto [...], 2022).

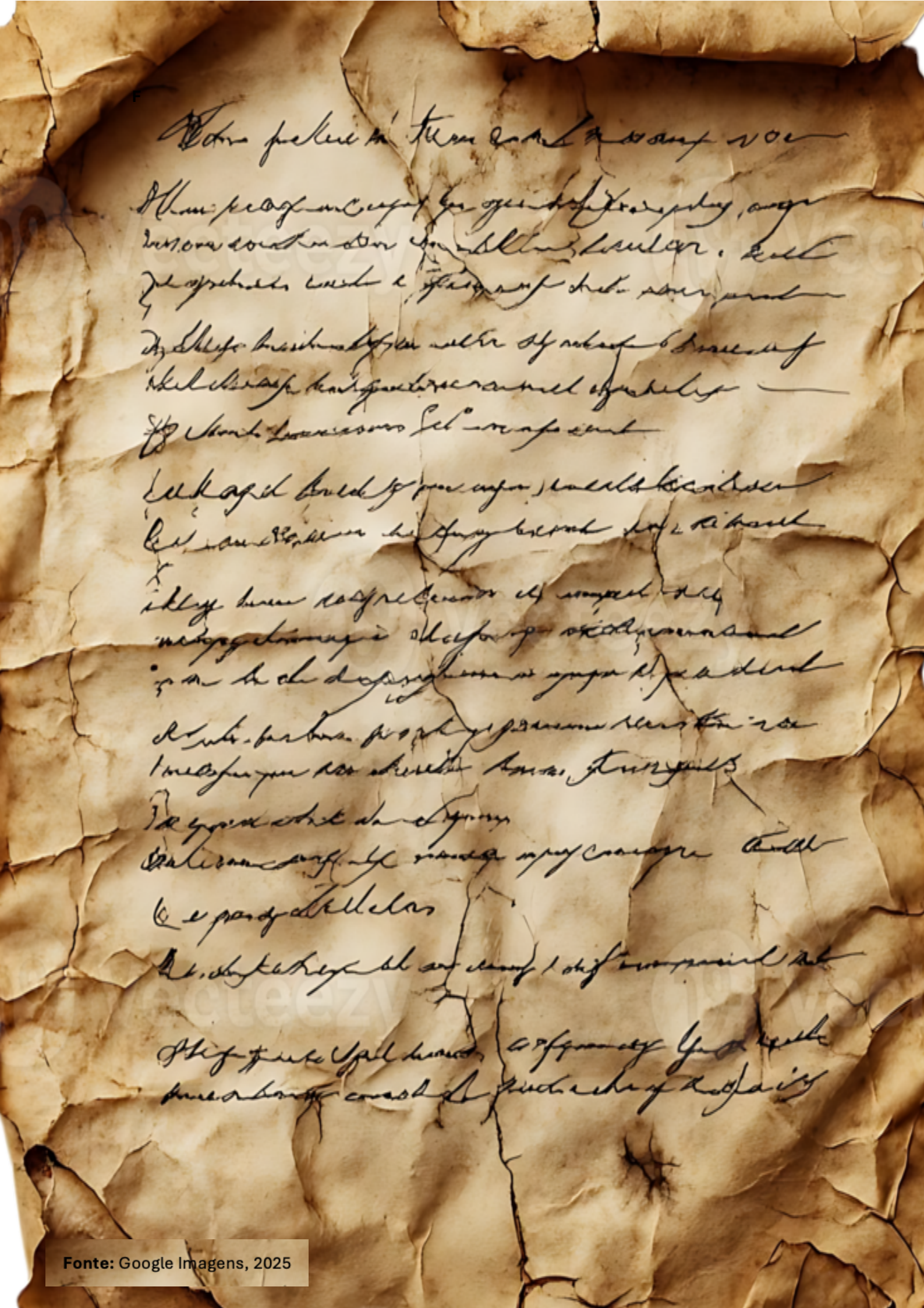
O perfil ideal de um profissional formado em Biblioteconomia, conforme descrito no Projeto Pedagógico (2022), envolve uma formação abrangente que vai além das competências técnicas tradicionais. Esses profissionais são preparados para gerenciar Unidades de Informação, desempenhando inúmeras funções que vão desde o planejamento estratégico até a gestão dos serviços de sistemas de informação, atendendo às demandas da sociedade. Além das habilidades técnicas, destaca-se a importância de uma postura crítica e reflexiva devendo adaptar-se às mudanças tecnológicas e sociais do mundo contemporâneo.

A **Universidade Federal da Paraíba (UFPB)** teve sua criação estabelecida pela Lei Estadual Nº. 1.366, de 02 de dezembro de 1955, e federalizada pela Lei Nº. 3.835 de 13 de dezembro de 1960. Sua característica "[...] é de uma instituição autárquica, de regime 7 especial, de ensino pesquisa e extensão, vinculada ao Ministério de Educação, com sede e foro na cidade de João Pessoa e atuação em todo Estado da Paraíba." Como toda instituição de ensino superior e em estado inicial, a UFPB também passou por vários processos de evolução, principalmente relacionados à construção de novas unidades, denominada de Campi. Essas unidades contemplaram as cidades vizinhas à capital João Pessoa, sendo assim distribuídas: Campus I (João Pessoa), Campus II (Campina Grande), Campus III (Areia), Campus IV (Bananeiras), Campus V (Cajazeiras), Campus VI (Sousa) e Campus VII (Patos). Com a criação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que abrangeu os campi II, V e VI.

O curso de Biblioteconomia é ofertado desde 06 de janeiro de 1969,

> [...] vinculado ao Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas (ICFCH), pela resolução nº 01/69, de 06 de janeiro de 1969, do CONSEPE. Atualmente o curso está vinculado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Em 2008 o curso passou com uma revisão em seu Projeto Político Pedagógico estruturado sua grade curricular para atender as necessidades objetivas do profissional de informação (Bibliotecário) no mercado de trabalho (Projeto [...], 2007).

Com mais de cinquenta anos de existência, o curso tem como objetivo formar profissionais interessados na carreira de bibliotecário, para atuarem em bibliotecas, centros de documentação e demais unidades de informação, gerenciando produtos e serviços informacionais. Para tanto, o aluno precisa dedicar-se a uma carga horária significativa, composta por disciplinas teóricas e práticas que abrangem diferentes áreas do conhecimento. No Capítulo seguinte, o curso será abordado com mais profundidade.



Fonte: Google Imagens, 2025

4 TECENDO MEMÓRIAS: CINQUENTENÁRIO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFPB

"[...] E aquilo que nesse momento se revelará
aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio".

*(*Um Índio. Caetano Veloso, 1976)

O trecho manifesta um olhar sobre a compreensão humana e a maneira como verdades primordiais podem permanecer veladas, não por serem complexas ou desiguais, mas por serem tão evidentes que se tornam imperceptíveis no cotidiano dos sujeitos sociais. Por outro lado, o "óbvio", nesse cenário, é aquilo que está profundamente ligado à realidade que acaba sendo esquecido ou mesmo negligenciado. Desse modo, quando memórias dessa natureza são genuinamente exibidas, não causam grandes impactos pelo fato de já serem conhecidas, mas surpreendem por terem estado sempre à disposição esperando ser reveladas. Assim, a crítica oculta e o desinteresse coletivo dessa memória, tornam-se não apenas uma surpresa, mas um reencontro com o que sempre foi valioso e esteve presente. Nesse contexto, é possível estabelecer uma reflexão sobre as memórias institucionais, as quais carregam valores culturais profundos e desempenham um papel central na organização social, influenciando dinâmicas econômicas, políticas e culturais. Registrar e refletir sobre essas memórias não apenas contribui para a preservação do patrimônio histórico e cultural das instituições, mas assume uma relevância crítica numa sociedade globalizada e em constante transformação. No entanto, em cenários onde a memória é frequentemente negligenciada ou silenciada, resgatar o que esteve oculto torna-se uma tarefa fundamental para fortalecer identidades e compreender a complexidade do tempo presente.

O curso de Biblioteconomia da UFPB, foi criado em 06 de janeiro de 1969, no apogeu da Ditadura Militar, pois,

> [...] a administração do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) foi indubitavelmente a mais repressora dentre os governos dos militares que marcaram a fase da ditadura no país, não é por acaso que o recorte temporal do seu mandato ficou conhecido como os anos de chumbo, tal alcunha deve-se ao fato da intensa repressão e violência empreendida pelo Estado aos opositores do regime (Silva; Nunes, 2017, p.2).

Naquela época, o foco da repressão estava voltado para os seguintes setores: “Serviço Nacional de Informação (SNI), Operação Bandeirantes (OBAN) e Centros de Informações das Forças Armadas” (Silva; Nunes, 2017, p.2), interrogavam aleatoriamente cidadãos comuns objetivando prendê-los sem “justa causa”, fazendo com que essas pessoas desaparecessem do convívio de seus familiares e amigos.

Figura 38 – Tempos de Ditadura Militar na Paraíba



Fonte: Agência Brasil, 2012

Nesse cenário, Janaína Gomes da Silva e Paulo Giovani Antonino Nunes ainda destacam que, “na Paraíba, no ano 1969, ocorreu uma ação armada empreendida pelo PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – que foi o assalto a fábrica de Cigarros Souza Cruz. Esse evento gerou uma grande repercussão na sociedade” (Silva; Nunes, 2017, p.2). Desse modo,

> [...] as cassações e arbitrariedades atingiram a Paraíba, da Assembleia Legislativa à Universidade Federal. O então presidente da Assembleia, Clóvis Bezerra Cavalcanti, já falecido, que depois foi vice-governador e governador do Estado, hipotecou apoio ao movimento militar e acatou sugestão do deputado Joacil de Brito Pereira para cassar os mandatos dos deputados Assis Lemos, Langstein Almeida e dos suplentes Figueiredo Agra e Agassiz

> Almeida, todos do PSB. Na Câmara Municipal de João Pessoa, presidida pelo vereador Cabral Batista, foi cassado o mandato do vereador Antônio Augusto Arroxelas. O ex-governador Pedro Gondim, que estava à frente do Executivo em março de 64 e que supostamente teria tomado posição dúbia, foi cassado quando deputado federal pelo Ato Institucional número cinco, de dezembro de 1968, por ter se solidarizado com o deputado Márcio Moreira Alves, punido por causa de discurso contrário ao movimento militar.[...], outros paraibanos ilustres como o ex-ministro do Planejamento de Goulart, Celso Furtado, o ex-ministro da Justiça, Abelardo de Araújo Jurema, os deputados Antônio Vital do Rêgo, José Joffilly, **o reitor da UFPB, Mário Moacyr Porto** [...] (Guedes, 2020, p.2, grifo nosso).

Foram “anos de chumbo” pesado em todas as esferas sociais do país. Nas universidades, a repressão era constante e se fazia presente em todos os ambientes, especialmente nas salas de aula. Estudantes e professores eram impedidos de expressar livremente suas opiniões ou de fazer qualquer tipo de reivindicação. Segundo o relato informal de um professor aposentado da UFPB, situações “misteriosas” ocorriam, sobretudo durante as aulas noturnas:

> Estávamos em sala de aula, seguindo a programação normalmente, quando, de repente, ocorreu um verdadeiro apagão na universidade — daqueles que costumam acontecer quando falta energia. Tudo acontecia de forma muito rápida, durava apenas alguns minutos. No entanto, ao acenderem-se as luzes, notávamos que alguns alunos haviam desaparecido da sala. O mais estranho era que, em outras turmas, colegas professores também relatavam o sumiço de estudantes — e, em alguns casos, até de docentes que estavam ministrando aula no mesmo momento (Barros, 2024).

O relato do professor aposentado revela aspectos marcantes da repressão vivida durante a ditadura militar dentro da própria universidade, espaços tradicionalmente compreendidos como centros de produção de informação e conhecimento. Nesse contexto, docentes e discentes eram constantemente censurados e perseguidos, vivendo sob o temor de retaliações por parte das autoridades. O tom do depoimento ganha contornos ainda mais sombrios ao mencionar episódios “misteriosos” que ocorriam durante a noite, sugerindo desaparecimentos ou ações sigilosas contra membros da comunidade acadêmica. Tal narrativa reforça a importância da memória institucional e do

registro histórico, uma vez que, como afirma Thiesen (2023, p. 33), “a memória se constrói e se reconstrói nos movimentos do tempo [...]”. Preservar esses relatos é fundamental para garantir que tais violações não sejam esquecidas, e para que sirvam como instrumento de conscientização e resistência.

Retomando para a criação do curso de Biblioteconomia na UFPB, no Campus I, situado na capital Paraibana, foi criado Curso de Biblioteconomia, em 06 de janeiro de 1969. Nessa época o curso era vinculado ao Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas (ICFCH), pela resolução n° 01/69, de 06 de janeiro de 1969, do CONSEPE. O reconhecimento do curso ocorreu “Durante o Reitorado do Dr. Guilhardo Martins Alves[10], pelo Decreto nº76.178, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão de 01 de setembro de 1975, no Governo do Presidente Ernesto Geisel” (Projeto [...], 2007, p.7).

Em sua fase inicial, o Curso baseava-se especificamente em questões técnicas da profissão, ancoradas em sua proposta curricular com disciplinas intituladas de Catalogação e Classificação, atualmente denominadas de Representação Descritiva da Informação, e Representação Temática da Informação. Naquela época, a proposta do curso estava voltada para a formação do bibliotecário, com ênfase em suas habilidades técnicas relacionadas ao planejamento, organização, direção e execução de serviços em bibliotecas, centros de documentação e informação.

Nessa perspectiva, em Primeira Sessão Ordinária do Egrégio Conselho Universitário, foi realizada no dia 6 de janeiro de 1969, precisamente às 10 horas da manhã, na Fundação da Faculdade de Filosofia, conduzida pelo Reitor Guilardo Martins Alves. A sessão contou com a presença de vários Conselheiros. No primeiro momento da reunirão, discutiram-se orçamentos destinados à Faculdade de Filosofia e suas três unidades de ensino; aquisição de bibliografias; e termos de convênios entre a Reitoria e as Escolas de Engenharia e Politécnica.

[10] Prof. Guilhardo Martins Alves, capitão médico e docente lotado na Faculdade de Medicina da UFPB, foi nomeado como Interventor Federal para exercer o cargo de Reitor no período de 1964-1967. Sendo reconduzido por mais um mandato no período 1967-1971, quando foi substituído pelo Prof. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega. (Souza Sobrinho, 1970 – Livro de Lauro)

Figura 39 - Fundação da Faculdade de Filosofia (FAFI).

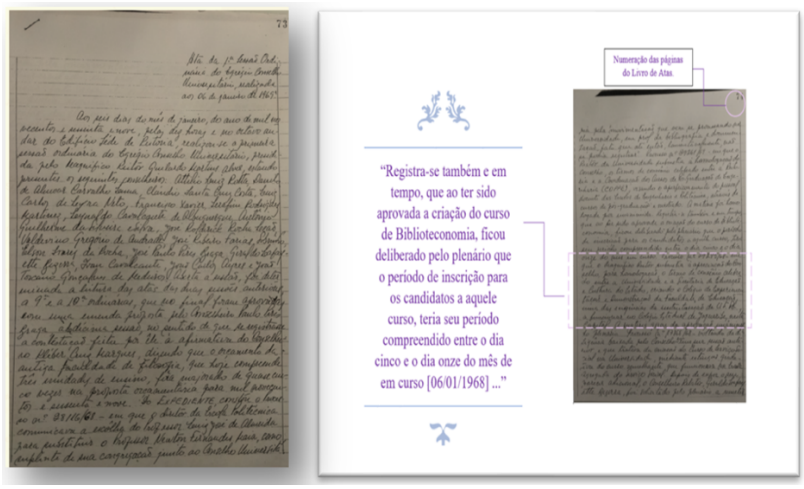


Fonte: Linha do Tempo – UFPB, 2021

Algumas decisões fundamentais para a implementação do curso foram definidas durante a Primeira Sessão. Na página 74 do Livro de Atas de 1969, destaca-se o trecho em que a criação do curso foi aprovada, juntamente com a definição do período de inscrição para os candidatos. Também foram deliberadas a homologação do termo de convênio entre a Universidade e a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, como também a criação do Colégio de Experimentação e Demonstração da Faculdade de Educação, uma das exigências para a reestruturação da UFPB. Esse Colégio passou a funcionar nas dependências do Colégio Estadual de Jaguaribe, situado nas proximidades do centro da capital paraibana, ambos permanecendo ativos e em pleno funcionamento até os dias atuais.

De acordo com a Figura 40, a seguir, constata-se que, na mesma ata, foi aprovada a criação do Curso de Serviço Social da UFPB. O curso de Biblioteconomia, assim como outras formações voltadas à área de Ciências Sociais e Humanas, também foi instituído, compondo um conjunto expressivo de ofertas acadêmicas. Esses cursos desempenharam, e continuam a desempenhar, um papel fundamental no fortalecimento do desenvolvimento educacional, social e cultural da sociedade paraibana.

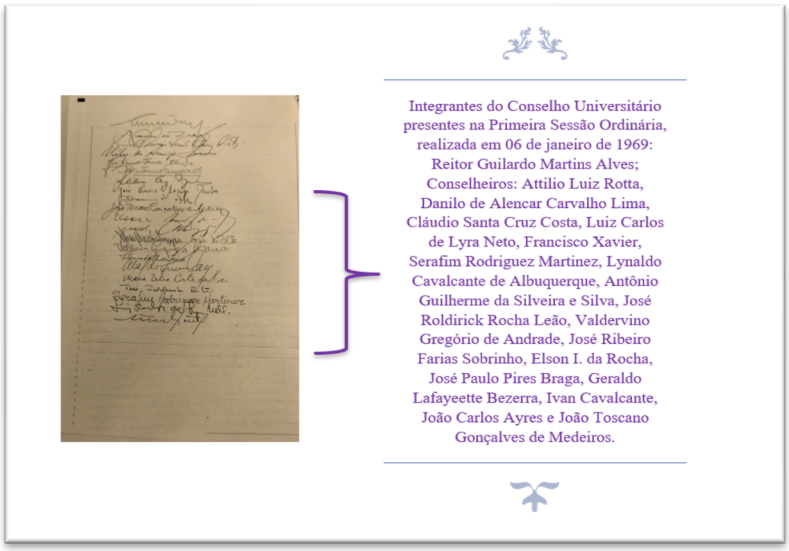
Figura 40 – Ata da Criação do Curso de Biblioteconomia da UFPB em 06 de janeiro de 1969



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao analisarmos a Ata de criação do curso de Biblioteconomia na década de 1960 sob o viés de *médiums* de memória, Aleida Assmann (2011) corrobora ao destacar que "[...] a memória viva implica uma memória suportada em mídias que é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos" (Assmann, 2011, p.19). Assim, o documento representado na Figura 40 se insere no conjunto de suportes materiais responsáveis pela preservação da memória institucional, não apenas do curso, mas da UFPB.

Figura 41– Assinaturas da Primeira Ata de Criação do Curso de Biblioteconomia



Fonte: Livro de Atas do DBD-UFPB, 2024

As decisões deliberadas pelo Conselho Universitário foram fundamentais para a consolidação da UFPB, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento social, político e científico do estado da Paraíba. Conforme ilustrado na Figura 41, é possível identificar todos os membros presentes na reunião por meio da folha de assinaturas, entre eles o então Magnífico Reitor Guilardo Martins. Ao analisarmos esse contexto histórico sob a ótica do paradigma indiciário, que, segundo Ginzburg (1989, p. 177), "trata-se da construção de um conhecimento que busca a totalidade sobre um objeto cujo acesso só se dá de maneira indireta, o que é possível por meio de sinais e indícios", evidencia-se a importância da preservação desses registros para a memória acadêmica e institucional da Biblioteconomia.

Na Figura 42 retrata a primeira turma do curso de Biblioteconomia, composta por quinze estudantes do sexo feminino, assistindo aula no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas (ICFCH), evidenciando o predomínio feminino desde suas origens:

Figura 42 – Primeira Turma de Biblioteconomia



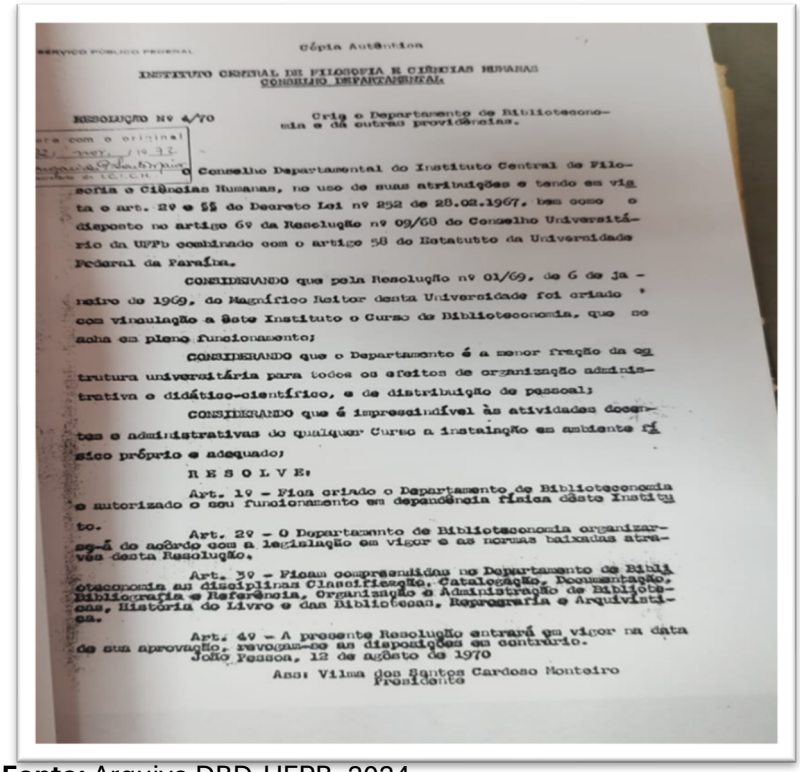
Fonte: Arquivo pessoal de Emeide Nóbrega Duarte

No ano de 1970, por meio da Resolução Nº 4/70 do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas, foi criado o Departamento de Biblioteconomia, considerando que

> O Departamento é a menor fração da estrutura da universitária para todos os efeitos de organização administrativa e didático-científico, e de distribuição de pessoal; considerando que é imprescindível às atividades docentes e administrativas de

qualquer curso a instalação em ambiente físico próprio e adequado (Resolução N.4, 1970).

Figura 43 – Criação do DBD no ICFCH - 1970



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL — Cópia Autêntica

INSTITUTO CENTRAL DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CONSELHO DEPARTAMENTAL

RESOLUÇÃO Nº 4/70 — Cria o Departamento de Biblioteconomia e dá outras providências.

O Conselho Departamental do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas, no uso de suas atribuições e tendo em vista o art. 2º e §§ do Decreto Lei nº 252 de 28.02.1967, bem como o disposto no artigo 69 da Resolução nº 09/68 do Conselho Universitário da UFPb combinado com o artigo 58 do Estatutto da Universidade Federal da Paraíba.

CONSIDERANDO que pela Resolução nº 01/69, de 6 de janeiro de 1969, do Magnífico Reitor desta Universidade foi criado com vinculação a êste Instituto o Curso de Biblioteconomia, que se acha em pleno funcionamento;

CONSIDERANDO que o Departamento é a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa e didático-científico, e de distribuição de pessoal;

CONSIDERANDO que é imprescindível às atividades docentes e administrativas de qualquer Curso a instalação em ambiente físico próprio e adequado;

R E S O L V E:

Art. 1º - Fica criado o Departamento de Biblioteconomia e autorizado o seu funcionamento em dependência física dêste Instituto.

Art. 2º - O Departamento de Biblioteconomia organizar-se-á de acôrdo com a legislação em vigor e as normas baixadas através desta Resolução.

Art. 3º - Ficam compreendidas no Departamento de Biblioteconomia as disciplinas Classificação, Catalogação, Documentação, Bibliografia e Referência, Organização e Administração de Bibliotecas, História do Livro e das Bibliotecas, Reprografia e Arquivística.

Art. 4º - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua aprovação, revogam-se as disposições em contrário.

João Pessoa, 12 de agôsto de 1970

Ana: Vilma dos Santos Cardoso Monteiro
Presidente

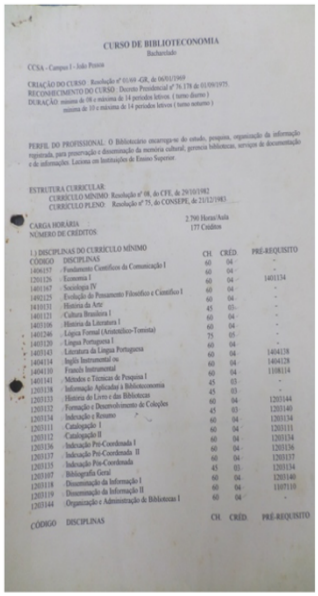
Fonte: Arquivo DBD-UFPB, 2024

Nesse contexto de criação e formalização, a Resolução em destaque na Figura 43, resolve:

> Art. 1º – Fica criado o Departamento de Biblioteconomia e autorizado o seu funcionamento em dependências físicas deste Instituto.
> Art. 2º - O Departamento de Biblioteconomia organizar-se-á de acordo com legislação em vigor e as normas baixadas através desta Resolução.
> Art. 3º - Ficam compreendidas no Departamento de Biblioteconomia as disciplinas Classificação, Catalogação, Documentação, Bibliografia e Referência, Organização e Administração de Bibliotecas, História do Livro e das Bibliotecas, Reprografia e Arquivística.
> Art. 4º - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua aprovação, revogam-se as disposições em contrário.
> João Pessoa, 12 de agosto de 1970.
> Vilma dos Santos Cardoso Monteiro, Presidente (Resolução N.4,1970).

As informações contidas na Resolução N.4/70, consolidam o Departamento de Biblioteconomia, além de mencionar o quadro de professores, ainda restrito naquele ano, composto por apenas quatro docentes. Ressalta-se também algumas disciplinas ofertadas pelo curso, destacando-se a disciplina de Reprografia e Arquivística, que abordava técnicas reprográficas de documentos e procedimentos de tratamento arquivístico. Assim, destaca-se a estrutura curricular completa em vigor na década de 1970:

Figura 44 - Currículo do curso de Biblioteconomia na década de 1970



CÓDIGO	DISCIPLINAS	CH	CRÉD.	PRÉ-REQUISITO
1406157	Fundamentos científicos da Comunicação I	60	04	-
1201126	Economia I	60	04	-
1401167	Sociologia IV	60	04	1401134
1492125	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico I	60	04	-
1410131	História da Arte	60	04	-
1401121	Cultura Brasileira I	45	03	-
1403106	História da Literatura I	60	04	-
1401246	Lógica Formal (Aristotélico-Tomista)	60	04	-
1403120	Língua Portuguesa I	75	05	-
1403143	Literatura da Língua Portuguesa	60	04	-
1404114	Inglês Instrumental ou	60	04	1404138
1404110	Francês Instrumental	60	04	1404128
1401141	Métodos e Técnicas de Pesquisa I	60	04	1108114
1203138	Informação Aplicada à Biblioteconomia	45	03	-
1203133	História do Livro e das Bibliotecas	45	03	-
1203132	Formação e Desenvolvimento	60	04	1203144
	de Coleções			
1203134	Indexação e Resumo	45	03	1203140
1203111	Catalogação I	60	04	1203134
1203112	Catalogação II	60	04	1203111
1203136	Indexação Pré- Coordenada I	60	04	1203134
1203137	Indexação Pré- Coordenada II	60	04	1203136
1203135	Indexação Pós-Coordenada	60	04	1203137
1203107	Bibliografia Geral	45	03	1203134
1203118	Disseminação da Informação I	60	04	1203140
1203119	Disseminação da Informação II	60	04	1107110
1203144	Organização e Administração de Bibliotecas I	60	04	-
1203145	Organização e Administração de Bibliotecas II	60	04	1203144
1203147	Planejamento Bibliotecário	45	03	1203145
1203128	Estudo do Usuário	60	03	1401141

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024.

Conforme indicado no documento oficial na Figura 44, o currículo apresentado, composto por vinte e nove disciplinas obrigatórias, tinha como proposta a duração mínima de oito períodos e máxima de quatorze para o curso diurno. Também estava prevista a carga horária para o período noturno, ficando

assim estabelecido: mínima de dez e máxima de quatorze períodos. O Currículo completo pode ser apreciado nos anexos desse estudo.

Dessa forma, a primeira turma do curso, após acompanhar todo o processo de estruturação e cumprir a carga horária estabelecida, estava apta a receber o Diploma de Bacharel em Biblioteconomia.

Figura 45- Colação de Grau da Primeira turma em 1972



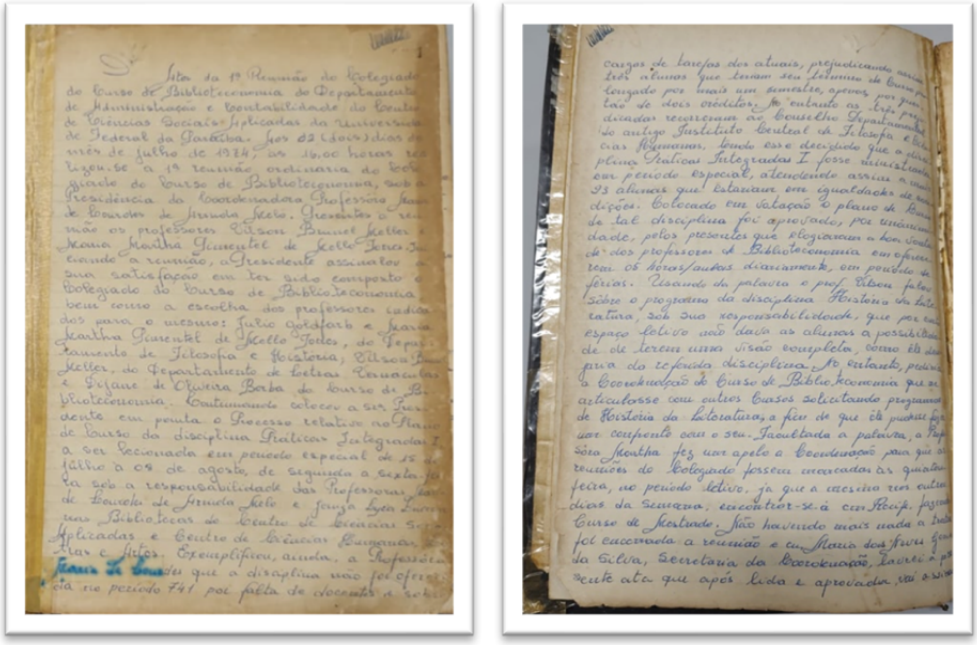
Fonte: Arquivo pessoal de Emeide Nóbrega Duarte

Dando continuidade à análise dos documentos oficiais do curso, destacam-se as duas primeiras páginas da Ata da Primeira Reunião do Colegiado do Curso de Biblioteconomia, datada de 2 de julho de 1974. Observa-se que, à época, ao ser transferido para o Campus I da UFPB, a Coordenação do Curso, inicialmente, estava vinculada ao Departamento de Administração e Contabilidade do CCSA/UFPB.

Quanto a Ata, a reunião foi presidida pela Professora Maria de Lourdes de Arruda Melo, que expressou “sua satisfação pela composição do colegiado do curso, bem como pela escolha dos professores indicados: Júlio Goldfarb e Maria Martha Pimentel de Mello Torres, do Departamento de Filosofia e História; Vilson B. Mueller, do Departamento de Letras Vernáculas; e Dijane de Oliveira Borba, do Departamento de Biblioteconomia”.

A criação do Colegiado fortaleceu e contribuiu para uma gestão mais sólida, atendendo à necessidade de diálogo e planejamento coletivo entre os docentes para o desenvolvimento do curso.

Figura 46 – Ata da Primeira Reunião do Colegiado do Curso em 1974

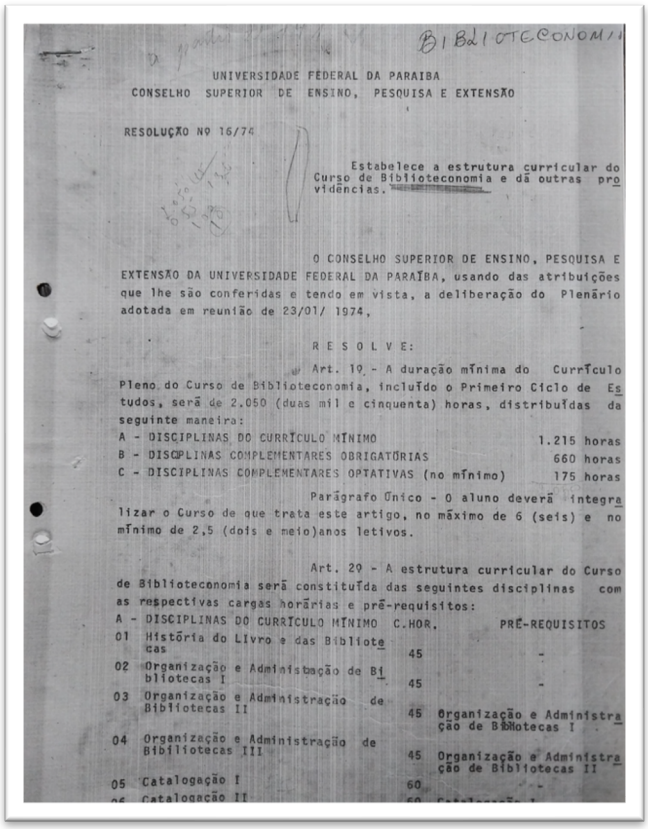


Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Os documentos oficiais do curso explicitados na figura 45, são referentes as páginas iniciais da Ata da Primeira Reunião do Colegiado do Curso de Biblioteconomia, datada de 2 de julho de 1974. Observa-se que, à época, a Coordenação do Curso de Biblioteconomia estava vinculada ao Departamento de Administração e Contabilidade do CCSA/UFPB. A reunião foi presidida pela Professora Maria de Lourdes de Arruda Melo, que expressou "[...] sua satisfação pela composição do colegiado do curso, bem como pela escolha dos professores indicados: Júlio Goldfarb e Maria Martha Pimentel de Mello Torres, do Departamento de Filosofia e História; Vilson B. Mueller, do Departamento de Letras Vernáculas; e Dijane de Oliveira Borba, do Departamento de Biblioteconomia". A criação do Colegiado fortaleceu o curso e contribuiu para uma gestão mais sólida, atendendo à necessidade de diálogo e planejamento coletivo entre os docentes, essenciais para o desenvolvimento do curso.

Nesse mesmo ano o Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE) publica a Resolução Nº 16/74, estabelecendo a estrutura curricular do curso:

Figura 47 – Resolução 16/74 do CONSEPE(UFPB)



BIBLIOTECONOMIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº 16/74

Estabelece a estrutura curricular do Curso de Biblioteconomia e dá outras providências.

O CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, usando das atribuições que lhe são conferidas e tendo em vista, a deliberação do Plenário adotada em reunião de 23/01/ 1974,

R E S O L V E:

Art. 1º - A duração mínima do Currículo Pleno do Curso de Biblioteconomia, incluído o Primeiro Ciclo de Estudos, será de 2.050 (duas mil e cinquenta) horas, distribuídas da seguinte maneira:

A - DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO	1.215 horas
B - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS	660 horas
C - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OPTATIVAS (no mínimo)	175 horas

Parágrafo Único - O aluno deverá integralizar o Curso de que trata este artigo, no máximo de 6 (seis) e no mínimo de 2,5 (dois e meio)anos letivos.

Art. 2º - A estrutura curricular do Curso de Biblioteconomia será constituída das seguintes disciplinas com as respectivas cargas horárias e pré-requisitos:

	A - DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO	C.HOR.	PRÉ-REQUISITOS
01	História do Livro e das Bibliotecas	45	-
02	Organização e Administração de Bibliotecas I	45	-
03	Organização e Administração de Bibliotecas II	45	Organização e Administração de Bibliotecas I
04	Organização e Administração de Bibliotecas III	45	Organização e Administração de Bibliotecas II
05	Catalogação I	60	-
06	Catalogação II	60	

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

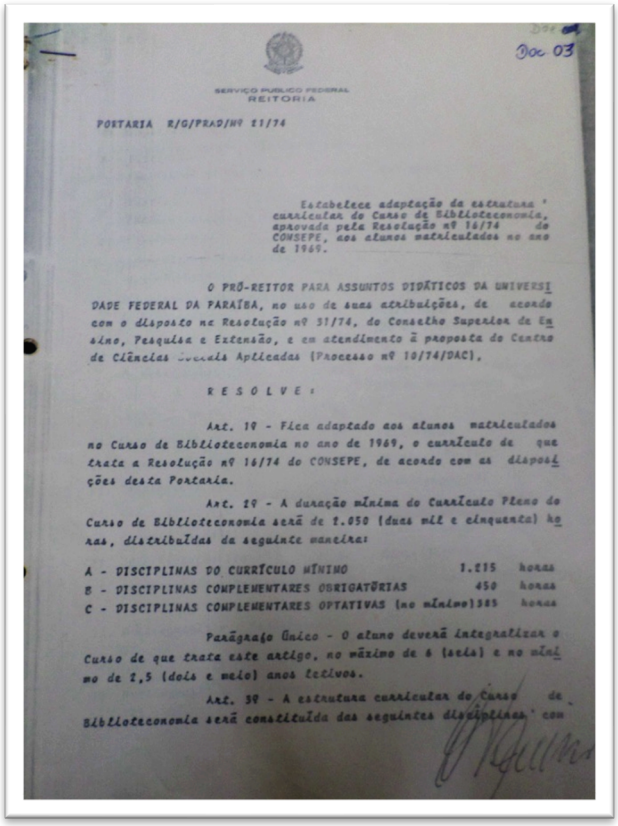
De acordo com as deliberações durante o plenário ocorrido em 23 de janeiro de 1974, a Resolução dá outras providências:

> Art. 1º - A duração mínima do Currículo Pleno do curso de Biblioteconomia, incluindo o Primeiro ciclo de estudos, será de 2.050 (duas mil e cinquenta) horas, distribuídas da seguinte maneira: A – Disciplinas do currículo mínimo 1.215 horas); B – Disciplinas complementares (660 horas); C – Disciplinas complementares optativas (175 horas no mínimo).

Após aprovada no CONSEPE, a Resolução 16/74 torna-se Portaria emitida pela Pró-Reitoria de Assuntos Didáticos da Universidade Federal da Paraíba e o do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, que resolveu o seguinte: o

tempo de permanecia no curso, a mesma resolução estabelece, através de Parágrafo Único, que “o aluno deverá integralizar o curso de que trata esse artigo, no máximo de 6 (seis) e no mínimo de 2,5 (dois e meio) anos letivos”.

Figura 48 – Portaria 11/74 sobre Duração Mínima do Curso



Doc 03

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
REITORIA

PORTARIA R/G/PRAD/Nº 11/74

Estabelece adaptação da estrutura curricular do Curso de Biblioteconomia, aprovada pela Resolução nº 16/74 do CONSEPE, aos alunos matriculados no ano de 1969.

O PRÓ-REITOR PARA ASSUNTOS DIDÁTICOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, no uso de suas atribuições, de acordo com o disposto na Resolução nº 31/74, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, e em atendimento à proposta do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Processo nº 10/74/DAC),

R E S O L V E :

Art. 1º - Fica adaptado aos alunos matriculados no Curso de Biblioteconomia no ano de 1969, o currículo de que trata a Resolução nº 16/74 do CONSEPE, de acordo com as disposições desta Portaria.

Art. 2º - A duração mínima do Currículo Pleno do Curso de Biblioteconomia será de 2.850 (duas mil e cinquenta) horas, distribuídas da seguinte maneira:

A - DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO	1.215	horas
B - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS	450	horas
C - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OPTATIVAS (no mínimo)	585	horas

Parágrafo Único - O aluno deverá integralizar o Curso de que trata este artigo, no máximo de 6 (seis) e no mínimo de 2,5 (dois e meio) anos letivos.

Art. 3º - A estrutura curricular do Curso de Biblioteconomia será constituída das seguintes disciplinas com

Fonte: Arquivo do DBD, 2024

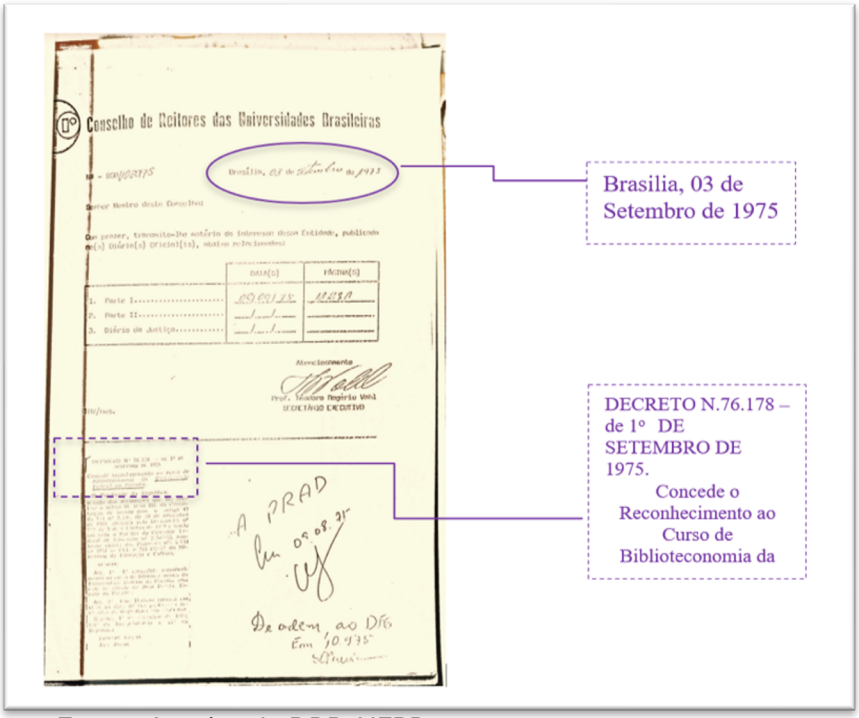
Na sequência dos documentos que marcaram o início do Curso, destaca-se o Decreto N.76.178, datado de 03 de janeiro de 1975, que se refere ao reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Obter essa avaliação do MEC é imprescindível para o curso se consolidasse, pois:

> O reconhecimento de um curso de graduação pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) é fundamental para assegurar a qualidade do ensino oferecido e a validade do diploma em todo o território nacional. Esse processo garante que a instituição atenda a padrões acadêmicos, estruturais e pedagógicos exigidos. Além disso, fortalece a credibilidade do curso perante o mercado de trabalho e a sociedade. O reconhecimento também assegura aos estudantes direitos como acesso a programas de financiamento estudantil e participação em concursos públicos. Em última análise, é uma forma de proteger o investimento educacional dos

alunos e promover o desenvolvimento profissional e científico do país (E-MEC, 2025).

O Decreto que concedeu o reconhecimento do Curso de Biblioteconomia da UFPB, foi publicado em 01 de setembro de 1975, marcando um momento de grande importância para o Curso e, principalmente, para seus discentes.

Figura 49 – Capa do Processo de Reconhecimento do Curso

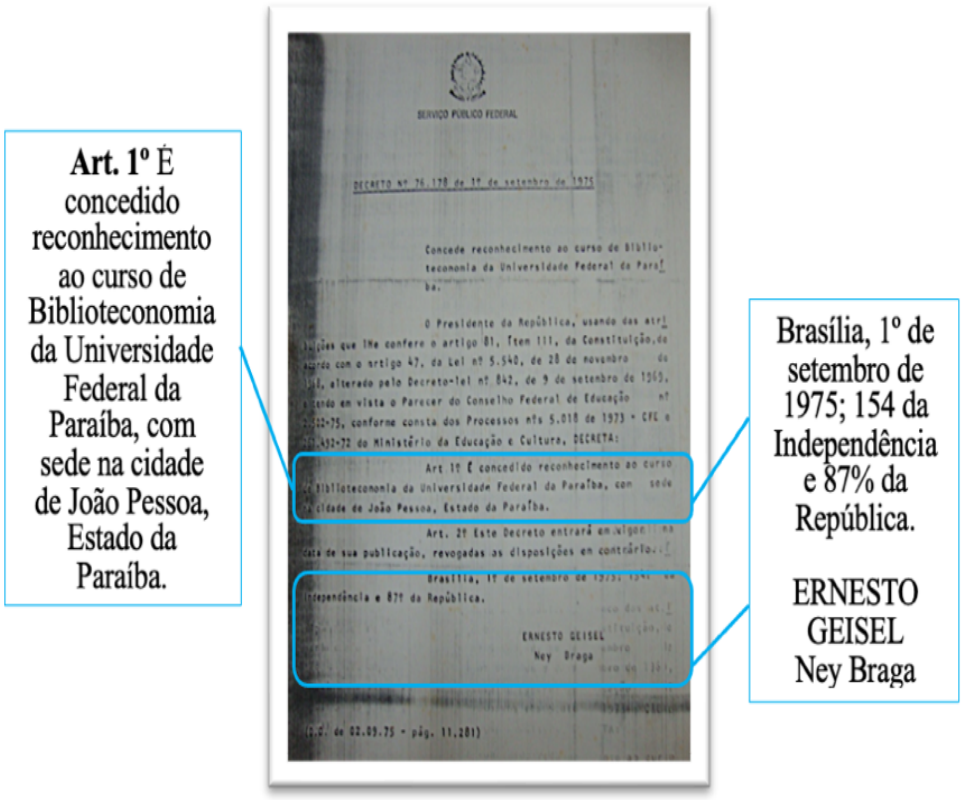


Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

A partir do reconhecimento, a graduação passa a ser oficial e registrada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), tornando seus graduados aptos a concluir o curso e a receber o Diploma de Bacharel em Biblioteconomia.

O Decreto de Reconhecimento, assinado pelo presidente Ernesto Geisel, nos leva a refletir sobre o processo de conquista de liberdades em diversos aspectos, especialmente no que se refere à mulher. Na década de 1960, o curso de Biblioteconomia era majoritariamente composto por mulheres, o que torna ainda mais significativa a sua manutenção em um contexto de ditadura militar, sobretudo no Nordeste brasileiro, onde o machismo era fortemente presente.

Figura 50 – Decreto de Reconhecimento do Curso (1975)



Fonte: Arquivo do DBD-UFPB

Assim, a assinatura do decreto representa uma conquista expressiva para a consolidação de um curso com esse perfil de egresso, reafirmando a importância da presença feminina no meio acadêmico e profissional, uma vez que:

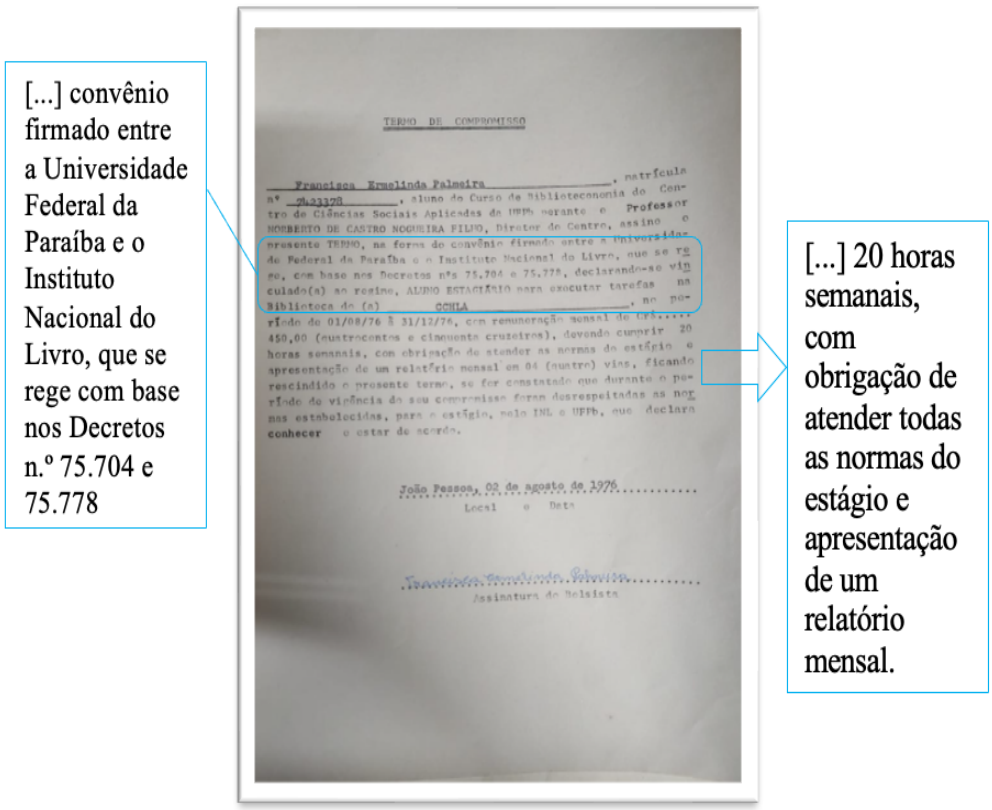
> Ernesto Geisel foi um dos presidentes do país durante a ditadura militar. Teve papel de destaque no movimento de deposição de João Goulart, e assumiu a chefia do gabinete militar do presidente Castelo Branco. Em 1966, foi promovido a general. Em março de 1967, tornou-se ministro do Superior Tribunal Militar e, entre 1969 e 1973, foi presidente da Petrobrás. Tomou posse como presidente em março de 1974. Foi durante seu governo que a ditadura começou a enfraquecer por um processo de transição à democracia, definido por ele mesmo como uma “abertura lenta, gradual e segura”. Já em seu primeiro ano no cargo, permitiu a propaganda política da oposição e aboliu a censura prévia à imprensa (Memórias da Ditadura, 2025).

A assinatura do decreto simboliza um marco relevante não apenas para a institucionalização do curso de Biblioteconomia na Paraíba, mas também para a

afirmação do protagonismo feminino em um contexto social e acadêmico ainda marcado por desigualdades de gênero, sobretudo no Nordeste brasileiro. Trata-se de um reconhecimento oficial que valida e oficializa a presença ativa das mulheres no ensino superior e, consequentemente, no mercado de trabalho, em uma época em que a participação feminina era restrita. Essa conquista reforça o papel transformador da educação como meio de inclusão e de valorização da diversidade no ambiente acadêmico e profissional.

Nesse sentido, com toda a parte administrativa e organizacional do curso já consolidada, surgiu a necessidade de firmar parcerias e convênios, visando ampliar o campo de atividades práticas, como a realização de estágios obrigatórios e não obrigatórios, a exemplo do Instituto Nacional do Livro (INL) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Figura 51 – Termo de Compromisso (1976)



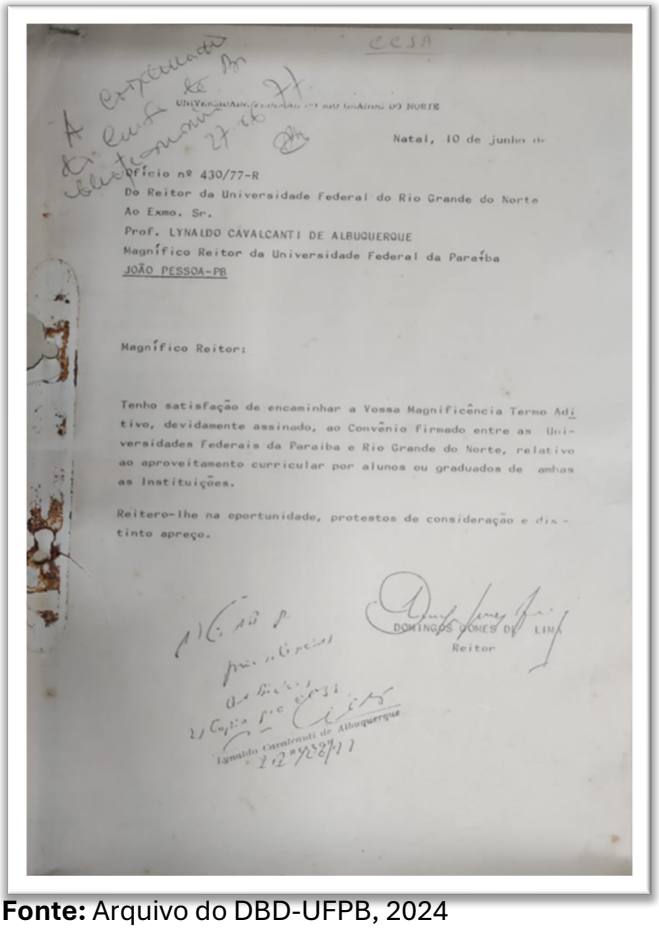
Fonte: Arquivo do DBD-UFPB

O documento apresentado na Figura 51 é um Termo de Compromisso de Estágio da aluna Francisca Ermelinda Palmeira, referente à realização de estágio

na Biblioteca do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, em agosto de 1976, por um período de quatro meses, com remuneração no valor de 450,00 (quatrocentos e cinquenta cruzeiros) mensais.

Outro convênio de grande relevância foi firmado entre a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Figura 52 – Ofício 460/77 Convênio entre a UFRN e a UFPB em 1977



CCSA

Natal, 10 de junho de

Ofício nº 430/77-R
Do Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Ao Exmo. Sr.
Prof. LYNALDO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
Magnífico Reitor da Universidade Federal da Paraíba
JOÃO PESSOA-PB

Magnífico Reitor:

Tenho satisfação de encaminhar a Vossa Magnificência Termo Aditivo, devidamente assinado, ao Convênio firmado entre as Universidades Federais da Paraiba e Rio Grande do Norte, relativo ao aproveitamento curricular por alunos ou graduados de ambas as Instituições.

Reitero-lhe na oportunidade, protestos de consideração e distinto apreço.

DOMINGOS GOMES DE LIMA
Reitor

Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

O Ofício de nº 430/77-R, de origem da Reitoria da UFRN para o Reitor da UFPB, à época Professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. Ele foi

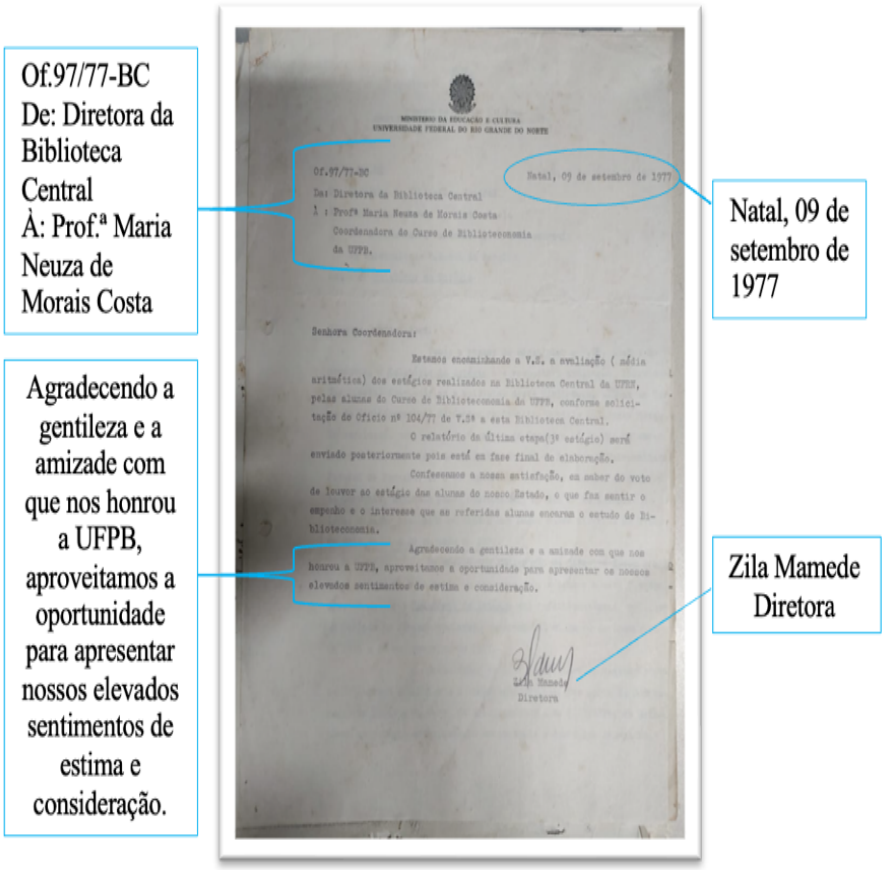
> [...] presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 1980 a 1995, morreu no dia 6 de janeiro, em Brasília, aos 78 anos. Estava internado com pneumonia desde o dia 31. Paraibano de Campina Grande, graduou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco (1955). Foi diretor da Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, UFPB (1964/71), embrião da atual Universidade Federal de Campina Grande. Foi diretor-

> adjunto do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, MEC (1968/69), reitor da UFPB (1976/80), presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, CRUB (1977/78) e diretor executivo da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica Industrial (ABIPTI). Foi coordenador de Programas Especiais do MEC (1986/98), consultor para ensino superior e ciência e tecnologia da Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica, em Manaus (1989), consultor para ciência e tecnologia do Banco do Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo (1990) e consultor do Governo do Estado da Paraíba para assuntos de ciência e tecnologia (l991/98). Recebeu inúmeros prêmios, condecorações e títulos (Agência FAPESP, 2025)

O documento analisado na figura 52, revela o teor do ofício emitido em 10 de junho de 1977, referente ao termo aditivo de estágio, devidamente assinado, relativo ao convênio firmado entre a UFRN e a UFPB, que tratava do aproveitamento curricular por alguns alunos ou graduados de ambas as instituições. O documento foi assinado pelo reitor da UFRN, Domingos Gomes de Lima. Esse convênio possibilitou a realização de estágios na Biblioteca Central da UFRN, além de favorecer a presença de alunas norte-rio-grandenses no curso de Biblioteconomia da UFPB.

Em 1977, a Diretora da Biblioteca Central da UFRN, Zila Mamede, enviou um ofício à coordenadora do Curso de Biblioteconomia da UFPB, Professora Maria Neusa de Morais Costa, informando sobre a avaliação dos estágios realizados na instituição pelas alunas da UFPB. Ressaltou, ainda, que o relatório referente ao terceiro estágio encontrava-se em fase de preparação. A diretora destacou “a satisfação em saber do voto de louvor ao estágio das nossas alunas aqui do Estado, o que faz sentir o empenho e o interesse com que as referidas alunas encaram o estudo da Biblioteconomia”.

Figura 53 – Ofício 97/77 sobre avaliação de estágio na UFRN



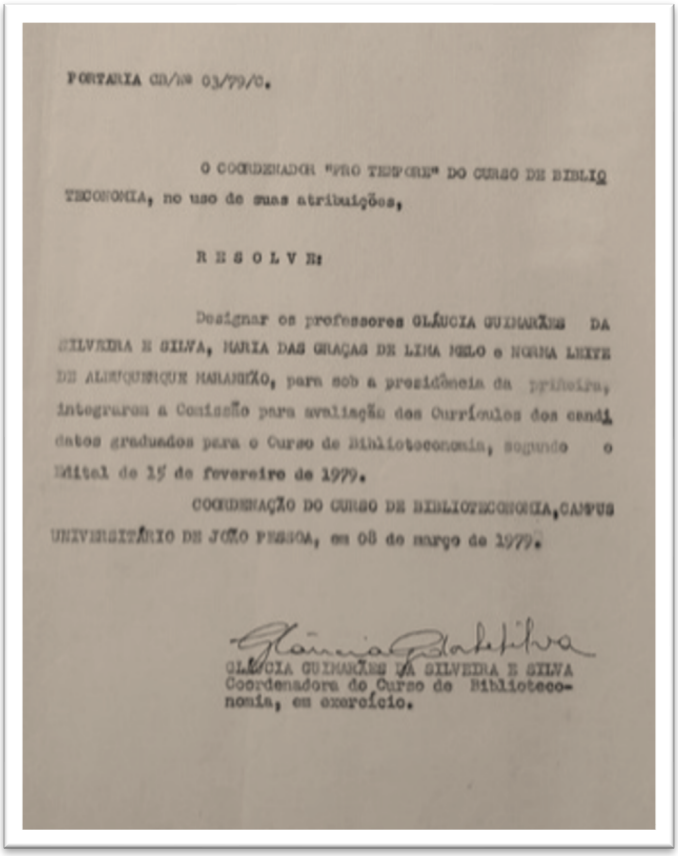
Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Assim, o curso de Biblioteconomia da UFPB revelou-se fundamental para a formação dos primeiros bibliotecários do Rio Grande do Norte, uma vez que a criação do curso naquele estado só se concretizou duas décadas depois. No ano de 1979, destaca-se a função do Coordenador de Curso de Graduação, considerada de extrema relevância, pois exerce um papel fundamental no funcionamento e no desenvolvimento do curso. Suas atribuições abrangem desde a construção e elaboração da estrutura curricular até a gestão dos alunos e da equipe docente.

Nesse contexto, a Figura 54 revela a designação *Pro Tempore* da Coordenadora do Curso, Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, como presidente da Comissão para Avaliação dos Currículos dos candidatos graduados para o curso de Biblioteconomia, conforme edital datado de 15 de fevereiro de 1979, tendo como membros em exercício as professoras Maria das Graças de Lima Melo e Norma Lins Leite de Albuquerque Maranhão. Destaca-se que a composição da comissão era predominantemente feminina, refletindo uma característica

marcante do curso, cuja comunidade acadêmica composta por discentes e docentes era majoritariamente composta por mulheres.

Figura 54 – Portaria de Coordenador de Curso 1979



PORTARIA CB/Nº 03/79/C.

O COORDENADOR "PRO TEMPORE" DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, no uso de suas atribuições,

R E S O L V E:

Designar os professores GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E SILVA, MARIA DAS GRAÇAS DE LIMA MELO e NORMA LEITE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, para sob a presidência da primeira, integrarem a Comissão para avaliação dos Currículos dos candidatos graduados para o Curso de Biblioteconomia, segundo o Edital de 15 de fevereiro de 1979.

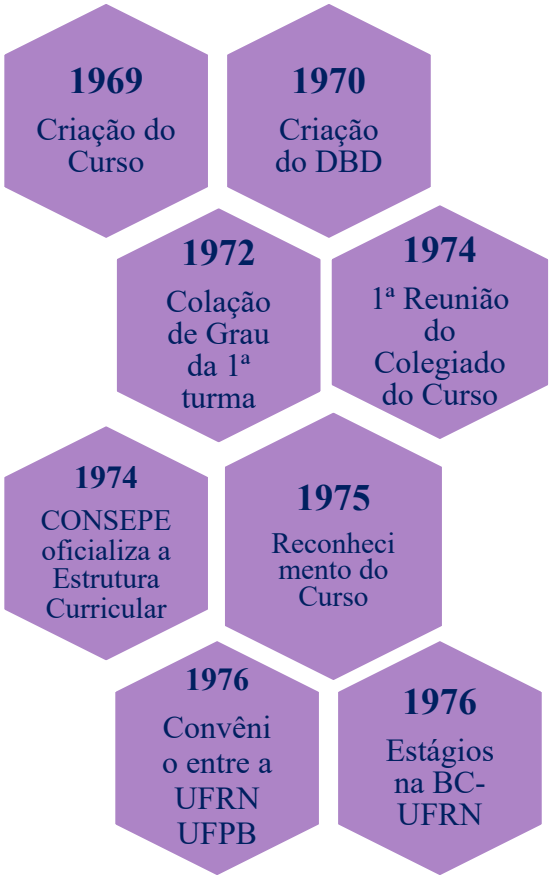
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE JOÃO PESSOA, em 08 de março de 1979.

GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E SILVA
Coordenadora do Curso de Biblioteconomia, em exercício.

Fonte – Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Além disso, é relevante mencionar que a Portaria CB/N.03/79 foi publicada em uma data significativa: o Dia Internacional da Mulher. Assim sendo, o coordenador do curso tem o dever de assegurar que a estrutura curricular esteja organizada de acordo com as Diretrizes Educacionais estabelecidas por órgãos superiores, como o Ministério da Educação e Cultura, atendendo também às exigências do mercado de trabalho. Cabe a ele elaborar e atualizar periodicamente as disciplinas ofertadas, garantindo que todos os conteúdos estejam alinhados aos objetivos do curso, fator essencial para a formação dos discentes. A seguir, apresenta-se a linha do tempo do curso durante a década de 1970:

Figura 55 – Cronologia do Curso de Biblioteconomia na Paraíba na Década de 1970



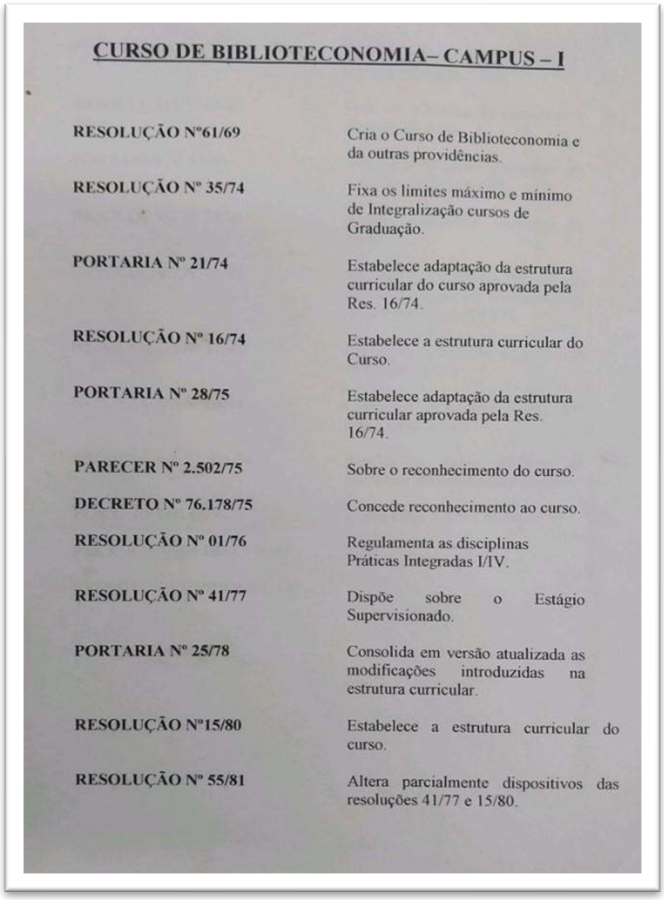
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Iniciando a década de 1980, a busca por registros oficiais do curso de Biblioteconomia prosseguiu no Arquivo do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) da UFPB. Esse arquivo está organizado em pastas registradoras AZ, pastas suspensas e caixas arquivo, devidamente sinalizadas. É possível verificar a organização de uma dessas pastas, contendo documentos datados do período de 1969 a 1981. Entre os documentos, destacam-se as Resoluções de Criação do Curso, informações sobre a integralização dos cursos de graduação, estrutura curricular, disciplinas práticas e estágio supervisionado.

De acordo com as resoluções que regem o curso, o ensino de Biblioteconomia ofertado na UFPB passou, ao longo dos anos, a consolidar um perfil de formação diferenciado, com o objetivo de desenvolver competências e

habilidades essenciais ao processo de construção da cidadania e à inserção do discente no contexto social.

Figura 56 – Resoluções de 1969 a 1981



CURSO DE BIBLIOTECONOMIA– CAMPUS – I

RESOLUÇÃO Nº61/69	Cria o Curso de Biblioteconomia e da outras providências.
RESOLUÇÃO Nº 35/74	Fixa os limites máximo e mínimo de Integralização cursos de Graduação.
PORTARIA Nº 21/74	Estabelece adaptação da estrutura curricular do curso aprovada pela Res. 16/74.
RESOLUÇÃO Nº 16/74	Estabelece a estrutura curricular do Curso.
PORTARIA Nº 28/75	Estabelece adaptação da estrutura curricular aprovada pela Res. 16/74.
PARECER Nº 2.502/75	Sobre o reconhecimento do curso.
DECRETO Nº 76.178/75	Concede reconhecimento ao curso.
RESOLUÇÃO Nº 01/76	Regulamenta as disciplinas Práticas Integradas I/IV.
RESOLUÇÃO Nº 41/77	Dispõe sobre o Estágio Supervisionado.
PORTARIA Nº 25/78	Consolida em versão atualizada as modificações introduzidas na estrutura curricular.
RESOLUÇÃO Nº15/80	Estabelece a estrutura curricular do curso.
RESOLUÇÃO Nº 55/81	Altera parcialmente dispositivos das resoluções 41/77 e 15/80.

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Nesse sentido, é importante destacar que, na década anterior, as atividades do Curso foram iniciadas com apenas quatro docentes, seguindo as diretrizes estabelecidas em seu Programa Político-Pedagógico (PPP).

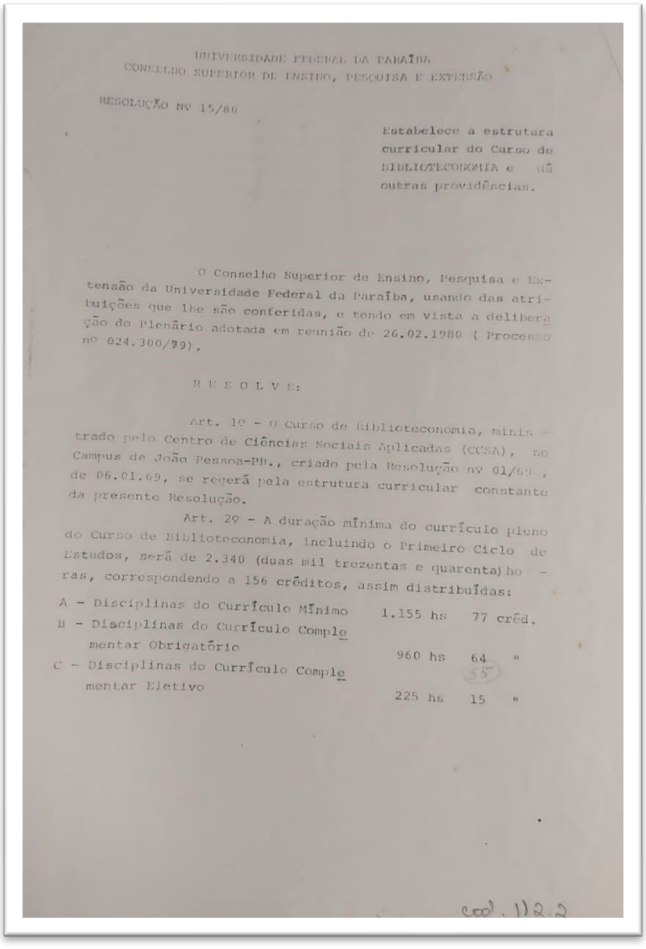
> [...] as atribuições do profissional bibliotecário estavam voltadas para o planejamento, organização, direção e execução dos serviços de bibliotecas, Centros de Documentação e Informação. Suas atividades, portanto, eram direcionadas aos Serviços de Documentação, Arquivo e Bibliotecas. As disciplinas do Curso 8 eram, predominantemente, direcionadas aos aspectos técnicos da profissão, com carga horária expressiva em Catalogação I, II, III, IV, Classificação I, II, III, Bibliografia e Referência I, II, III, Documentação, I, II. No entanto, as críticas fortes envolvendo a habilitação dos bibliotecários na UFPB deixavam claro que, a formação oferecida pelo Curso de Graduação em Biblioteconomia

> levava os futuros profissionais a um desempenho abaixo das expectativas de seu público-alvo: os usuários. (Projeto [...], 2007, p.8).

É notório que, à época, a proposta curricular do curso estava mais voltada para práticas eminentemente técnicas, priorizando o desenvolvimento de atividades como a organização de acervos, a execução de serviços de catalogação e classificação, e a manutenção de centros de documentação. Essa ênfase reduzia a formação crítica e a capacidade de inovação dos futuros profissionais, que, em muitos casos, eram preparados para atuar de maneira mais tecnicista nas instituições, sem uma abordagem mais ampla sobre o papel social da Biblioteconomia e da informação.

A primeira Resolução da década de 1980 refere-se à estrutura curricular do Curso:

Figura 57 - Resolução Nº15/80



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº 15/80

Estabelece a estrutura curricular do Curso de BIBLIOTECONOMIA e dá outras providências.

O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Paraíba, usando das atribuições que lhe são conferidas, e tendo em vista a deliberação do Plenário adotada em reunião de 26.02.1980 (Processo nº 024.300/79),

R E S O L V E:

Art. 1º - O Curso de Biblioteconomia, ministrado pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), no Campus de João Pessoa-PB., criado pela Resolução nº 01/69 , de 06.01.69, se regerá pela estrutura curricular constante da presente Resolução.

Art. 2º - A duração mínima do currículo pleno do Curso de Biblioteconomia, incluindo o Primeiro Ciclo de Estudos, será de 2.340 (duas mil trezentas e quarenta)horas, correspondendo a 156 créditos, assim distribuídas:

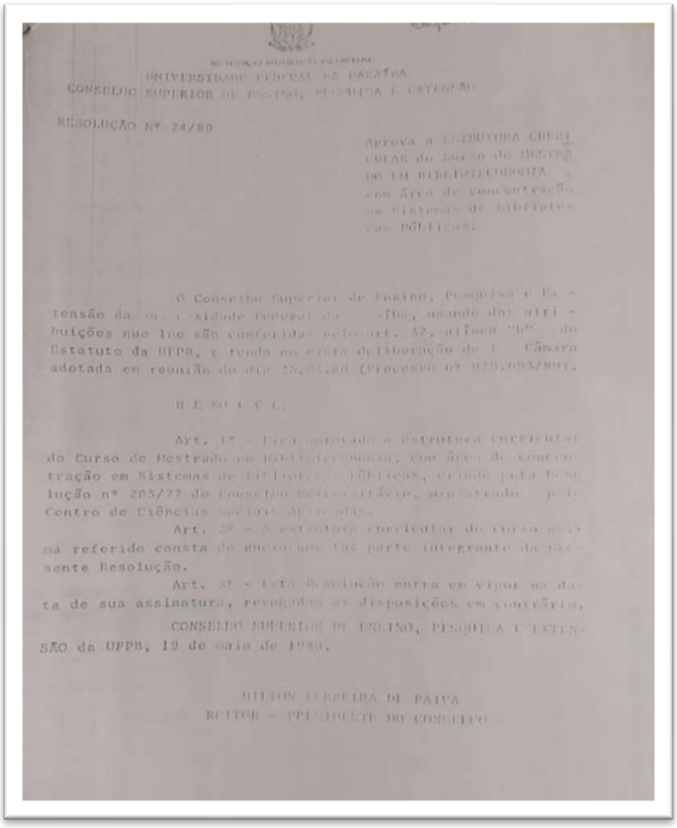
A - Disciplinas do Currículo Mínimo	1.155 hs	77 créd.
B - Disciplinas do Currículo Complementar Obrigatório	960 hs	64 "
C - Disciplinas do Currículo Complementar Eletivo	225 hs	15 "

cod. 1182

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

A Resolução Nº15/80 estabelece “a duração mínima do currículo pleno, incluindo o Primeiro Ciclo de Estudos, que será de 2.340 (duas mil, trezentas e quarenta) horas correspondendo a 156 créditos, assim distribuídos: A- Disciplinas do currículo mínimo (1.555 horas e 77 créditos); B - Disciplinas do Currículo Complementar Obrigatório (960 horas e 64 créditos); C – Disciplinas do Currículo complementar Eletivo (225 horas e 15 créditos)”. Com a estrutura curricular consolidada, surgiu o momento de expandir para a pós-graduação, sendo criado o Curso de Mestrado em Biblioteconomia, conforme Resolução explicitado na Figura 58:

Figura 58 - Resolução 24/80 – Criação do Mestrado em Biblioteconomia



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº 24/80

Aprova a [illegible] CRIAR do Curso de MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA, com área de concentração em Sistemas de Bibliotecas PÚBLICAS.

O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da [illegible] Federal da [illegible], usando das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 32, alínea "de" do Estatuto da UFPB, e tendo em vista deliberação de 1ª Câmara adotada em reunião de dia 25/04/80 (Processo nº 020.093/80-1),

R E S O L V E:

Art. 1º - Fica aprovada a estrutura curricular do Curso de Mestrado em Biblioteconomia, com área de concentração em Sistemas de Bibliotecas Públicas, criado pela Resolução nº 203/77 do Conselho Universitário, ministrado pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Art. 2º - A estrutura curricular do curso ora referido consta de anexo que faz parte integrante da presente Resolução.

Art. 3º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua assinatura, revogadas as disposições em contrário.

CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO da UFPB, 19 de maio de 1980.

MILTON CUREAUDA DE PAIVA
REITOR - PRESIDENTE DO CONSELHO

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

A Resolução nº 24/80 aprovou a criação do Curso de Mestrado em Biblioteconomia, com área de concentração em Sistemas de Bibliotecas Públicas, instituído anteriormente pela Resolução nº 203/77 do Conselho Universitário e ministrado pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). A Resolução entrou

em vigor em 19 de maio de 1980, sendo assinada pelo então Reitor Milton Ferreira de Paiva. Contudo, somente em 1983 o curso abriu inscrições para sua primeira turma, ofertando inicialmente apenas 10 vagas. Ainda na perspectiva da pós-graduação, foi lançado o IV Curso de Especialização de Biblioteconomia com oferta de 20 vagas:

Figura 59 – Divulgação das inscrições para a Especialização



Biblioteconomia abre inscrição para curso de Especialização

Foi aberto ontem o período de inscrições para candidatos para o VI Curso de Especialização em Biblioteconomia, que será promovido, conjuntamente, pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e o Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, com a duração de seis meses.

Os organizadores do curso estão oferecendo apenas vinte vagas e já dispõem de um calendário escolar definido:

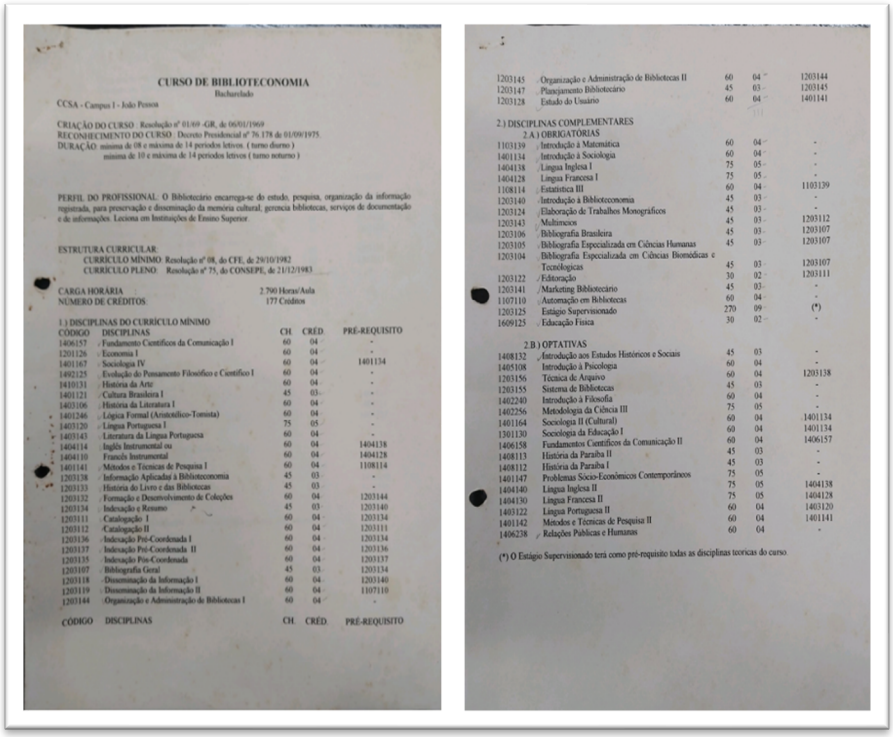
maio e encerra no dia 10 de outubro. Segundo as informações da professora Edna Torreão de Brito, coordenadora do Curso, o principal objetivo é especializar bibliotecários no tratamento do usuário e serviços ao público de bibliotecas e centros de informação.

As inscrições continuarão abertas até o dia 15 deste mês, na Coordenação do Curso, CCSA - Bloco II, Campus de João Pessoa, onde serão fornecidas

Fonte: A União (03 de abril de 1983)

Reportando-nos ao ano de 1982, a estrutura curricular do curso estava voltada para atender às necessidades do perfil do bibliotecário, que deve "encarregar-se do estudo, pesquisa, organização da informação registrada, para preservação e disseminação da memória cultural, gerência de bibliotecas, serviços de documentação e de informação e lecionar em instituições de ensino superior" conforme Figura 60.

Figura 60 – Estrutura Curricular do Curso de Biblioteconomia 1982.



CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
Bacharelado

CCSA - Campus I - João Pessoa

CRIAÇÃO DO CURSO : Resolução nº 01/69 -GR, de 06/01/1969
RECONHECIMENTO DO CURSO : Decreto Presidencial nº 76.178 de 01/09/1975
DURAÇÃO: mínima de 08 e máxima de 14 períodos letivos (turno diurno)
mínima de 10 e máxima de 14 períodos letivos (turno noturno)

PERFIL DO PROFISSIONAL: O Bibliotecário encarrega-se do estudo, pesquisa, organização da informação registrada, para preservação e disseminação da memória cultural, gerencia bibliotecas, serviços de documentação e de informações. Leciona em Instituições de Ensino Superior.

ESTRUTURA CURRICULAR:
CURRÍCULO MÍNIMO: Resolução nº 08, do CFE, de 29/10/1982
CURRÍCULO PLENO: Resolução nº 75, do CONSEPE, de 21/12/1983

CARGA HORÁRIA: 2.790 Horas/Aula
NÚMERO DE CRÉDITOS: 177 Créditos

1.) DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO

CÓDIGO	DISCIPLINAS	CH	CRÉD.	PRÉ-REQUISITO
1406157	Fundamento Científicos da Comunicação I	60	04	-
1201126	Economia I	60	04	-
1401167	Sociologia IV	60	04	1401134
1492125	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico I	60	04	-
1410131	História da Arte	60	04	-
1401121	Cultura Brasileira I	45	03	-
1403106	História da Literatura I	60	04	-
1401246	Lógica Formal (Aristotélico-Tomista)	60	04	-
1403120	Língua Portuguesa I	75	05	-
1403143	Literatura da Língua Portuguesa	60	04	-
1404114	Inglês Instrumental ou	60	04	1404138
1404110	Francês Instrumental	60	04	1404128
1401141	Métodos e Técnicas de Pesquisa I	60	04	1108114
1203138	Informação Aplicadas à Biblioteconomia	45	03	-
1203133	História do Livro e das Bibliotecas	45	03	-
1203132	Formação e Desenvolvimento de Coleções	60	04	1203144
1203134	Indexação e Resumo	45	03	1203140
1203111	Catalogação I	60	04	1203134
1203112	Catalogação II	60	04	1203111
1203136	Indexação Pré-Coordenada I	60	04	1203134
1203137	Indexação Pré-Coordenada II	60	04	1203136
1203135	Indexação Pós-Coordenada	60	04	1203137
1203107	Bibliografia Geral	45	03	1203134
1203118	Disseminação da Informação I	60	04	1203140
1203119	Disseminação da Informação II	60	04	1107110
1203144	Organização e Administração de Bibliotecas I	60	04	-

CÓDIGO	DISCIPLINAS	CH	CRÉD.	PRÉ-REQUISITO
1203145	Organização e Administração de Bibliotecas II	60	04	1203144
1203147	Planejamento Bibliotecário	45	03	1203145
1203128	Estudo do Usuário	60	04	1401141

2.) DISCIPLINAS COMPLEMENTARES

2.A.) OBRIGATÓRIAS

1103139	Introdução à Matemática	60	04	-
1401134	Introdução à Sociologia	60	04	-
1404138	Língua Inglesa I	75	05	-
1404128	Língua Francesa I	75	05	-
1108114	Estatística III	60	04	1103139
1203140	Introdução à Biblioteconomia	45	03	-
1203124	Elaboração de Trabalhos Monográficos	45	03	-
1203143	Multimeios	45	03	1203112
1203106	Bibliografia Brasileira	45	03	1203107
1203105	Bibliografia Especializada em Ciências Humanas	45	03	1203107
1203104	Bibliografia Especializada em Ciências Biomédicas e Tecnológicas	45	03	1203107
1203122	Editoração	30	02	1203111
1203141	Marketing Bibliotecário	45	03	-
1107110	Automação em Bibliotecas	60	04	-
1203125	Estágio Supervisionado	270	09	(*)
1609125	Educação Física	30	02	-

2.B.) OPTATIVAS

1408132	Introdução aos Estudos Históricos e Sociais	45	03	-
1405108	Introdução à Psicologa	60	04	-
1203156	Técnica de Arquivo	60	04	1203138
1203155	Sistema de Bibliotecas	45	03	-
1402240	Introdução à Filosofia	60	04	-
1402256	Metodologia da Ciência III	75	05	-
1401164	Sociologia II (Cultural)	60	04	1401134
1301130	Sociologia da Educação I	60	04	1401134
1406158	Fundamentos Científicos da Comunicação II	60	04	1406157
1408113	História da Paraíba II	45	03	-
1408112	História da Paraíba I	45	03	-
1401147	Problemas Sócio-Econômicos Contemporâneos	75	05	-
1404140	Língua Inglesa II	75	05	1404138
1404130	Língua Francesa II	60	04	1404128
1403122	Língua Portuguesa II	60	04	1403120
1401142	Métodos e Técnicas de Pesquisa II	60	04	1401141
1406238	Relações Públicas e Humanas	60	04	-

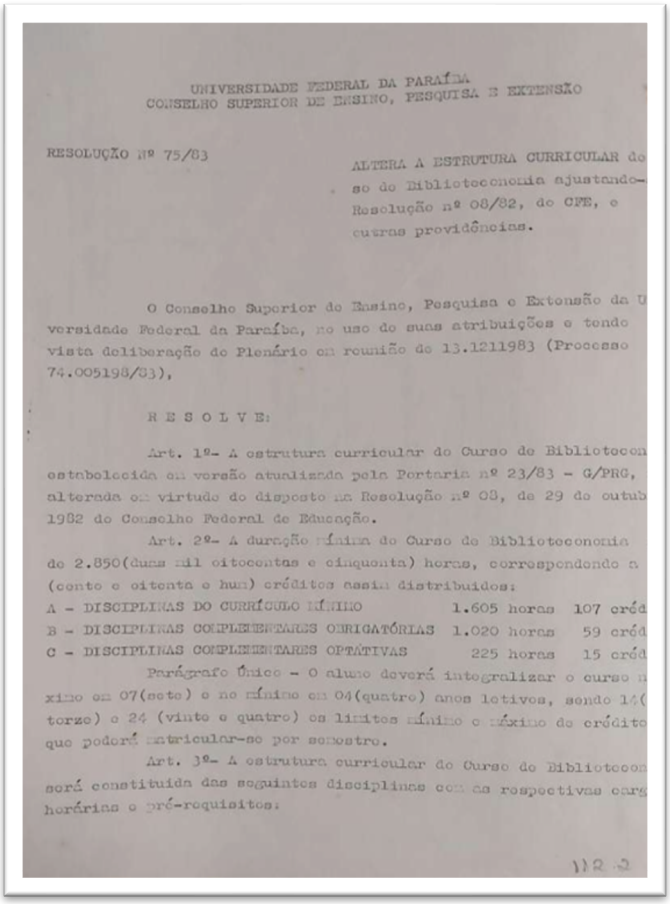
(*) O Estágio Supervisionado terá como pré-requisito todas as disciplinas teóricas do curso.

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Com a proposta curricular de 1982, quase duas décadas após a implantação do Curso, Diniz destaca que “[...] o requisito essencial do egresso dos cursos de biblioteconomia é o embasamento intelectual mais amplo com uma condição para tornar eficaz o processo de transferência da informação” (Diniz, 1998, p. 15). Contudo, observa-se que as disciplinas específicas ofertadas nesse currículo estavam voltadas à informação em um sentido mais técnico, concentrando-se no tratamento, registro e disseminação, visando à recuperação da informação pelo usuário da biblioteca.

Em 1983 o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão alterou a estrutura curricular do curso através da Resolução Nº 75/83, estabelecendo a duração mínima do Curso de Biblioteconomia em 2.850 (duas mil, oitocentas e cinquenta) horas, e, determinado que o aluno deveria integralizar o curso no máximo em 7 (sete) e no mínimo em 4 (quatro) anos letivos. No entanto, no ano posterior (1984), diante de avanços tecnológicos e sociais, percebeu-se a necessidade de atualizar a estrutura curricular, conforme Figura 61:

Figura 61 – Resolução de Alteração da Estrutura Curricular



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº 75/83

ALTERA A ESTRUTURA CURRICULAR do
so de Biblioteconomia ajustando-
Resolução nº 08/82, do CFE, e
outras providências.

O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da U
versidade Federal da Paraíba, no uso de suas atribuições e tendo
vista deliberação do Plenário em reunião de 13.121983 (Processo
74.005198/83),

R E S O L V E:

Art. 1º- A estrutura curricular do Curso de Biblioteco
estabelecida em versão atualizada pela Portaria nº 23/83 - G/PRG,
alterada em virtude do disposto na Resolução nº 08, de 29 de outub
1982 do Conselho Federal de Educação.

Art. 2º- A duração mínima do Curso de Biblioteconomia
de 2.850(duas mil oitocentas e cinquenta) horas, correspondendo a
(cento e oitenta e hum) créditos assim distribuídos:

A - DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO	1.605 horas	107 créd
B - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS	1.020 horas	59 créd
C - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OPTATIVAS	225 horas	15 créd

Parágrafo Único - O aluno deverá integralizar o curso n
ximo em 07(sete) e no mínimo em 04(quatro) anos letivos, sendo 14(
torze) e 24 (vinte e quatro) os limites mínimo e máximo de crédito
que poderá matricular-se por semestre.

Art. 3º- A estrutura curricular do Curso de Biblioteco
será constituída das seguintes disciplinas com as respectivas carg
horárias e pré-requisitos:

112

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Dessa maneira:

> A reformulação desse currículo, cuja implantação ocorreu em 1984, teve como objetivo a formação de um profissional mais comprometido com a realidade social, para atender não apenas às necessidades informacionais colocadas pelos usuários, mas, sobretudo, tornar-se um indivíduo pró-ativo e gerador de novas demandas informacionais, capaz de: tornar disponíveis e acessíveis, de maneira eficiente, materiais de apoio ao estudo e pesquisa, para educação formal, informal e permanente; antecipar necessidades informacionais e organizar serviços para atendê-las; manter atualizados os subsídios para decisões administrativas em diversos níveis de interesse nacional, regional, local, institucional e individual; criar condições que permitam a transferência de tecnologia e informação utilitária, e a democratização da cultura. (Projeto [...], 2007).

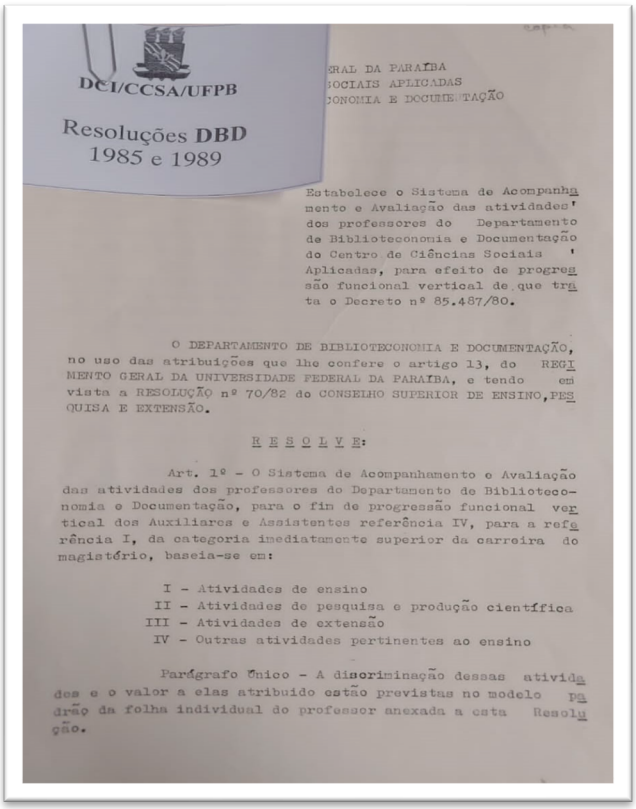
Desse modo, considerando as perspectivas relacionadas à atualização do ensino de Biblioteconomia na Paraíba, foi proposta uma reformulação curricular nos seguintes aspectos:

> o convívio diário com tecnologias de informação, enquanto ferramentas para toda e qualquer área de atuação profissional; a preocupação com uma visão gerencial no âmbito da gestão de unidades de informação; a abordagem dos suportes de informação com um todo, desvencilhando-se da ideia de informação unicamente bibliográfica; a postura interdisciplinar onde aportes teórico-metodológicos de áreas de interface como Administração, Arquivística, Diplomática, Lógica, Linguística, Comunicação, Psicologia, Sociologia, e outras concorrem para o desenvolvimento das atividades do Profissional de Informação; a minimização do número de pré-requisitos entre disciplinas, de modo a garantir maior agilidade às grades curriculares; 1 a importância da pesquisa como elemento para a qualidade do ensino de graduação, permitindo ao educando uma vivência da atividade de investigação em um contexto acadêmico; a educação continuada, pois o compromisso da Universidade com o educando é perene, ultrapassando os limites da educação formal. (Projeto [...], 2007, p.8).

Com a reformulação curricular, observou-se a atualização das temáticas abordadas, com foco no desenvolvimento das atividades específicas do bibliotecário, por meio do uso de tecnologias, do fortalecimento das competências informacionais essenciais ao profissional, da promoção da educação continuada e da gestão de unidades de informação.

Durante o período de 1985 a 1989, a atenção do curso voltou-se para a qualificação do quadro docente. Para isso, foram estabelecidas resoluções voltadas ao “acompanhamento e avaliação das atividades dos professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, para efeito de progressão funcional vertical, conforme o disposto no Decreto nº 85.487/80”, conforme ilustrado na Figura 62:

Figura 62 – Resoluções para Progressão funcional docente

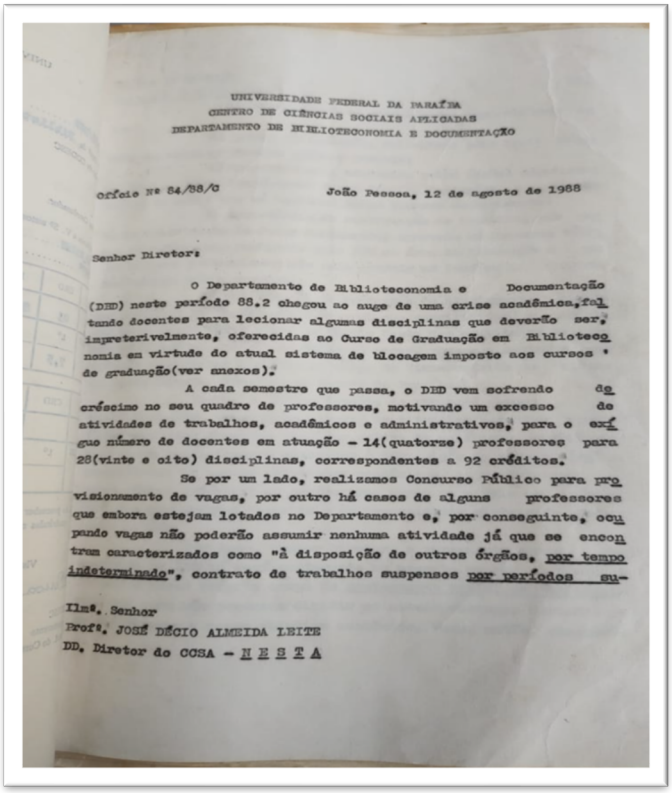


Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

As Resoluções criadas entre 1985 e 1989 estabeleciam a sistematização e o acompanhamento de todas as atividades desenvolvidas pelos professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB (DBD-UFPB), contemplando ações de ensino, pesquisa e extensão, bem como a produção científica e outras atividades relacionadas ao ensino. O objetivo dessas resoluções era assegurar a progressão funcional dos docentes lotados no Departamento de Biblioteconomia.

Em 1988, o Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB (DBD-UFPB), mesmo com o curso em pleno funcionamento há duas décadas, enfrentou dificuldades na distribuição das disciplinas obrigatórias previstas na estrutura curricular, especialmente no segundo semestre, devido à escassez de docentes com formação específica em Biblioteconomia. Diante dessa situação, foi elaborado o Ofício nº 84/88, destinado ao Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA):

Figura 63 – Ampliação do da equipe docente do DBD



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Ofício Nº 84/88/C João Pessoa, 12 de agosto de 1988

Senhor Diretor:

O Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) neste período 88.2 chegou ao auge de uma crise acadêmica, faltando docentes para lecionar algumas disciplinas que deverão ser, impreterivelmente, oferecidas ao Curso de Graduação em Biblioteconomia em virtude do atual sistema de blocagem imposto aos cursos de graduação(ver anexos).

A cada semestre que passa, o DBD vem sofrendo decréscimo no seu quadro de professores, motivando um excesso de atividades de trabalhos, acadêmicos e administrativos, para o exíguo número de docentes em atuação - 14(quatorze) professores para 28(vinte e oito) disciplinas, correspondentes a 92 créditos.

Se por um lado, realizamos Concurso Público para provisionamento de vagas, por outro há casos de alguns professores que embora estejam lotados no Departamento e, por conseguinte, ocupando vagas não poderão assumir nenhuma atividade já que se encontram caracterizados como "à disposição de outros órgãos, por tempo indeterminado", contrato de trabalhos suspensos por períodos su-

Ilmº. Senhor
Profº. JOSÉ DÉCIO ALMEIDA LEITE
DD. Diretor do CCSA - N E S T A

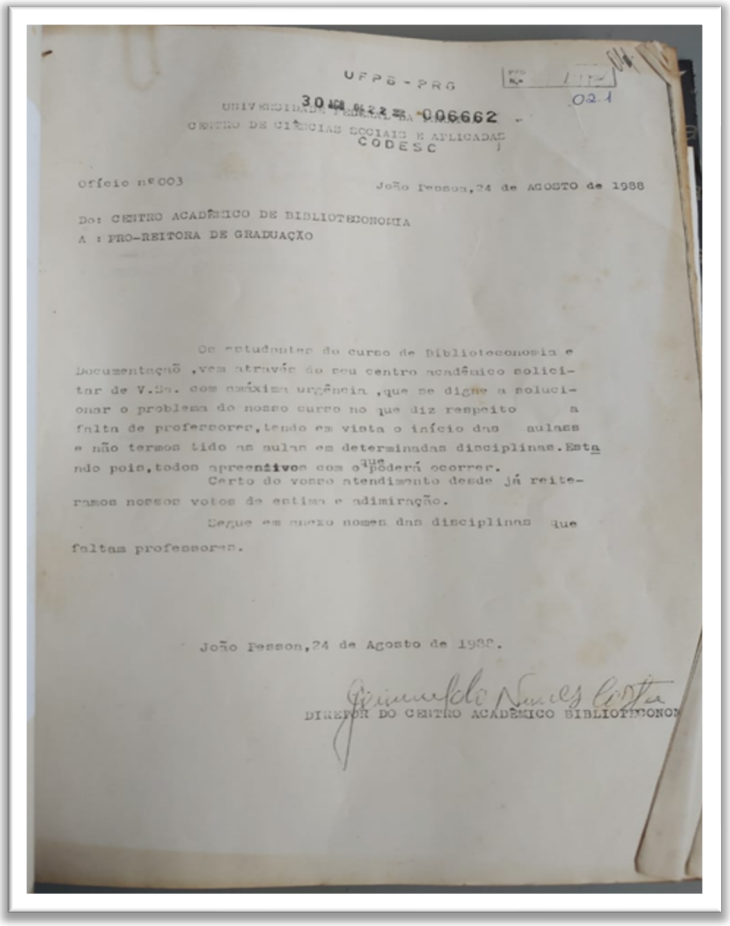
Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Destacamos, na íntegra, o pedido de apoio ao Diretor do CCSA: “O departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) neste período 88.2 chegou no auge de uma crise acadêmica, faltando professores para lecionar algumas disciplinas que deveriam ser, impreterivelmente, oferecidas no Curso de Graduação em Biblioteconomia em virtude do Sistema acadêmico vigente da época de blocagem imposto aos cursos de graduação”.

No segundo parágrafo do Ofício, explicita-se o quantitativo de professores, disciplinas e créditos existentes no curso: “A cada semestre que passa, o DBD sofreu decréscimo no seu quadro de professores, motivando um excesso de atividades de trabalho, acadêmicas e administrativas, para o exíguo número de docentes em atuação – 14 (quatorze) professores para 28 (vinte e oito) disciplinas, correspondentes a 92 (noventa e dois) créditos”. Nesse contexto, observa-se uma clara sobrecarga dos professores, decorrente do elevado número de créditos e das múltiplas atividades inerentes ao ambiente acadêmico, como ensino, pesquisa e extensão. Ainda no referido Ofício, registra-se a solicitação para a realização de concurso público, visando à contratação de docentes em regime de dedicação

exclusiva ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD). A redução do quadro de professores não era uma preocupação exclusiva da coordenação do curso, mas também dos próprios alunos, como pode ser constatado no Ofício representado na Figura 64:

Figura 64 – Reinvindicação dos alunos para contratação de professores



UFPB - PRG

021

CODESC

Ofício nº003 João Pessoa, 24 de AGOSTO de 1988

Do: CENTRO ACADÊMICO DE BIBLIOTECONOMIA
A : PRO-REITORA DE GRADUAÇÃO

Os estudantes do curso de Biblioteconomia e Documentação, vem através do seu centro acadêmico solicitar de V.Sa. com máxima urgência, que se digne a solucionar o problema do nosso curso no que diz respeito a falta de professores, tendo em vista o início das aulas e não termos tido as aulas em determinadas disciplinas. Estando pois, todos apreensivos com o que poderá ocorrer.

Certo do vosso atendimento desde já reiteramos nossos votos de estima e admiração.

Segue em anexo nomes das disciplinas que faltam professores.

João Pessoa, 24 de Agosto de 1988.

DIRETOR DO CENTRO ACADÊMICO BIBLIOTECONOMIA

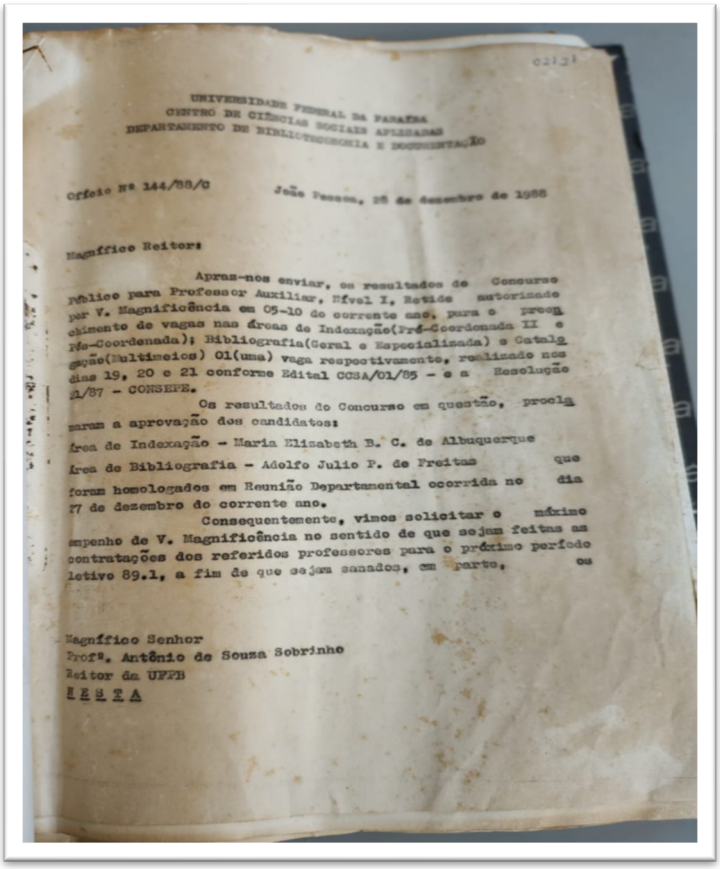
Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

O Ofício nº003, enviado pelo Diretor do Centro Acadêmico de Biblioteconomia à Pró-Reitoria de Graduação, em 24 de agosto de 1988, fazia as seguintes reinvidicações: “Os estudantes do curso de Biblioteconomia e Documentação, vem através do seu centro acadêmico solicitar de Vossa Senhoria, com máxima urgência, que se digne a solucionar o problema do nosso curso no que diz respeito a falta de professores, tendo em vista o início das aulas e não termos

tido as aulas de determinadas disciplinas. Estando, pois, todos apreensivos com o que poderá ocorrer.” O Ofício foi assinado por Genivaldo Nunes Costa.

Após todas as reinvindicações, a UFPB autoriza a realização do Concurso Público para o Magistério Superior, objetivando suprir a necessidade do DBD naquele momento. Assim, no Ofício nº144/88 consta o resultado do referido concurso:

Figura 65 – Resultado do Concurso Público para Professor do DBD



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Ofício Nº 144/88/D João Pessoa, 28 de dezembro de 1988

Magnífico Reitor:

Apraz-nos enviar, os resultados do Concurso Público para Professor Auxiliar, Nível I, Retide autorizado por V. Magnificência em 05-10 do corrente ano, para o preenchimento de vagas nas áreas de Indexação(Pré-Coordenada II e Pós-Coordenada); Bibliografia(Geral e Especializada) e Catalogação(Multimeios) 01(uma) vaga respectivamente, realizado nos dias 19, 20 e 21 conforme Edital CCSA/01/85 - e a Resolução 21/87 - CONSEPE.

Os resultados do Concurso em questão, proclamaram a aprovação dos candidatos:

Área de Indexação - Maria Elizabeth B. C. de Albuquerque

Área de Bibliografia - Adolfo Julio P. de Freitas que foram homologados em Reunião Departamental ocorrida no dia 27 de dezembro do corrente ano.

Consequentemente, vimos solicitar o máximo empenho de V. Magnificência no sentido de que sejam feitas as contratações dos referidos professores para o próximo período letivo 89.1, a fim de que sejam sanados, em parte, os

Magnífico Senhor
Profº. Antônio de Souza Sobrinho
Reitor da UFPB
N E S T A

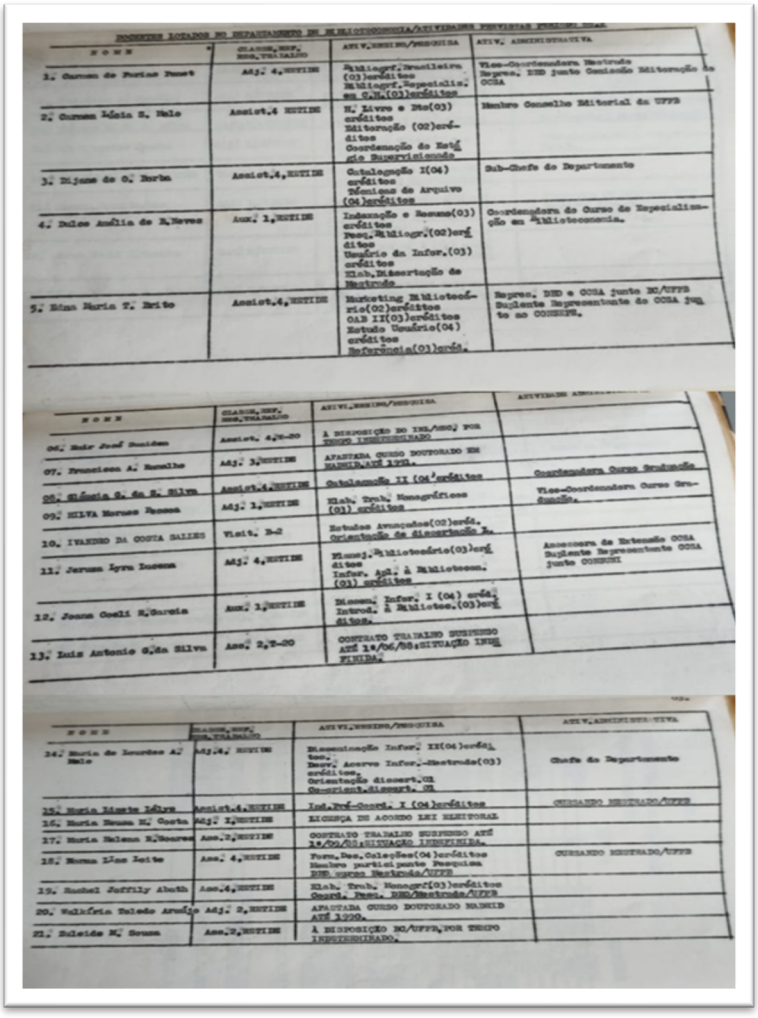
Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024.

A coordenação do Curso encaminha Ofício para o Magnífico Reitor da UFPB, Professor Antônio de Souza Sobrinho em 28 de dezembro de 1988, comunicando o resultado do concurso: “Apraz-nos enviar, os resultados do concurso público para Professor Auxiliar, Nível I, Retide autorizado por Vossa Senhoria em 05-10 do corrente ano, para o preenchimento de vagas nas áreas de Indexação (Pré-Coordenada II e Pós-Coordenada); Bibliografia (Geral e Especializada) e Catalogação (Multimeios) 01 (uma) vaga respectivamente,

realizado nos dias 19, 20 e 21 conforme Edital CCSA/01/85 e a Resolução 21/87 do CONSEPE. Os resultados do concurso em questão, proclamaram a aprovação dos candidatos: Área de Indexação – Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque; Área de Bibliografia – Adolfo Júlio P. de Freitas".

Com o curso em contínua expansão, a necessidade de ampliar o quadro docente mostrava-se constante, uma vez que a demanda estudantil crescia de forma significativa. A frequência com que os discentes buscavam novos componentes curriculares, atividades de extensão e maior diversidade nas áreas de atuação biblioteconômica evidenciava a urgência de novos investimentos em recursos humanos. Na figura 66 podemos observar o aumento no número de docentes do DBD:

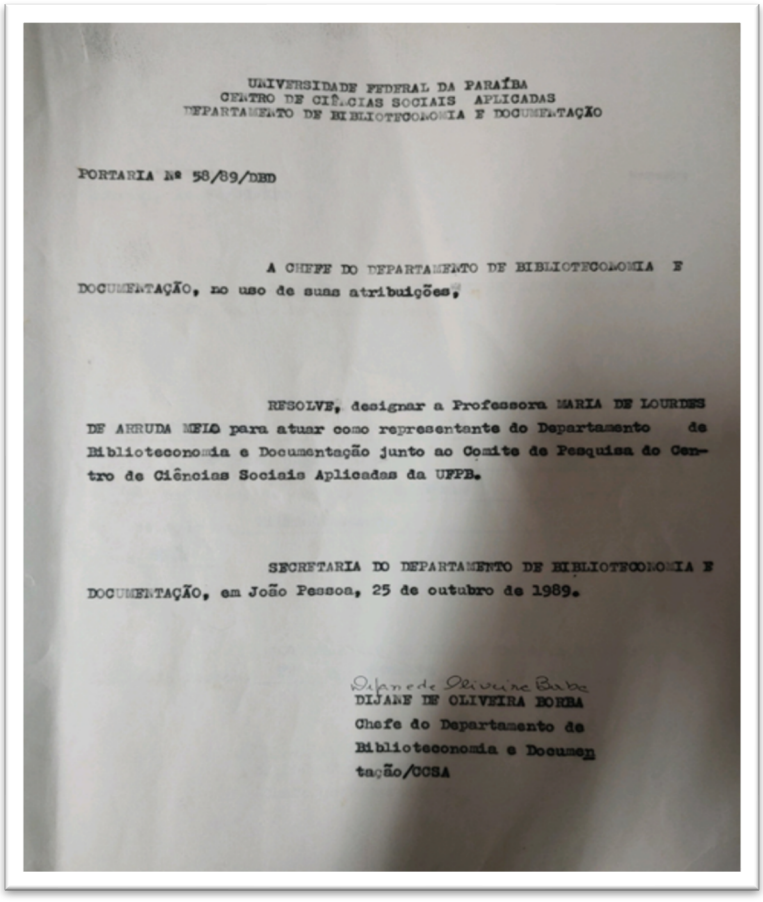
Figura 66 – Quadro de Docentes do DBD em 1989



Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

A figura em tela apresenta a lista dos docentes do DBD e as atividades administrativas desempenhadas por alguns deles: Carmen de Farias Panet (vice-coordenadora do Mestrado e representante do DBD junto à Comissão de Editoração do CCSA); Carmem Lúcia S. Melo (Membro do Conselho Editorial da UFPB); Dijane de Oliveira Borba (Sub-Chefe do Departamento); Dulce Amélia de B. Neves (Coordenadora do Curso e Especialização em Biblioteconomia); Edna Maria Torreão de Brito (Representante do DBD e CCSA junto a BC/UFPB, Suplente e representante do CCSA junto ao CONSEPE); Gláucia Guimarães da Silveira e Silva (Coordenadora do curso de Biblioteconomia); Jerusa Lyra Lucena (Assessora de Extensão do CCSA e Suplente Representante do CCSA junto ao CONSUNI); Maria de Lourdes de Arruda Melo (Chefe do Departamento); Maria Lisete Lelys e Norma Lins Leite (cursando o mestrado). Os demais docentes encontravam-se envolvidos em sala de aula e em atividades de pesquisa, conforme exemplificado na Figura 67:

Figura 67 - Representante do DBD no Comitê de Pesquisa do CCSA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

PORTARIA Nº 58/89/DBD

A CHEFE DO DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, no uso de suas atribuições,

RESOLVE, designar a Professora MARIA DE LOURDES DE ARRUDA MELO para atuar como representante do Departamento de Biblioteconomia e Documentação junto ao Comite de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB.

SECRETARIA DO DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, em João Pessoa, 25 de outubro de 1989.

Dijane de Oliveira Borba
DIJANE DE OLIVEIRA BORBA
Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação/CCSA

Fonte: Arquivo do DBD-UFPB, 2024

Os docentes do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) sempre demonstraram um forte compromisso com a profissão e com o desenvolvimento contínuo do curso. Ao longo dos anos, buscaram constantemente a qualificação acadêmica e profissional, participando ativamente de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Esse empenho foi fundamental para a consolidação e o fortalecimento da área, garantindo a formação de profissionais cada vez mais preparados para os desafios contemporâneos e para as demandas da sociedade da informação. Esse compromisso permanece, até os dias atuais, como um dos pilares da trajetória acadêmica do DBD-UFPB. A seguir, apresenta-se a linha do tempo do curso nos anos 1980:

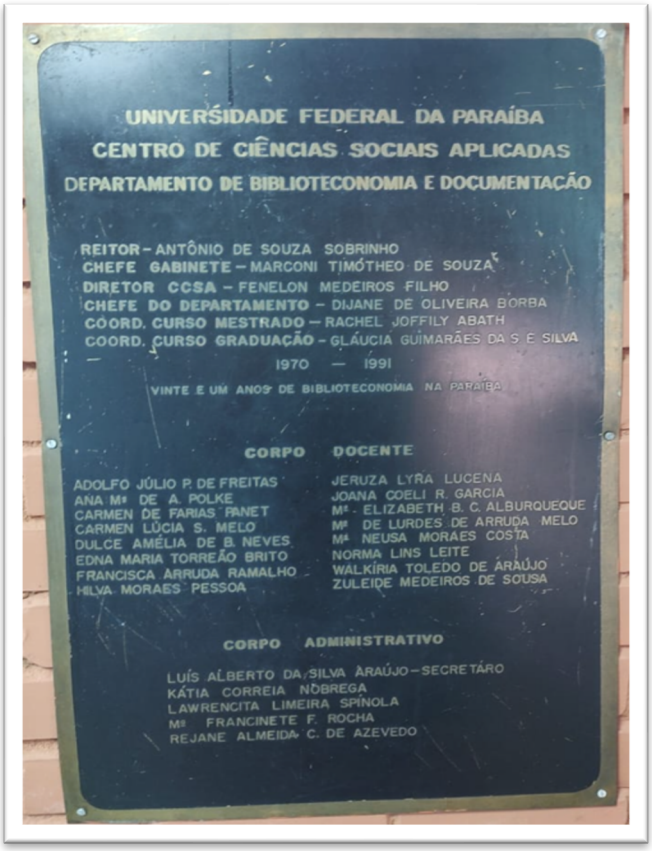
Figura 68 – Cronologia do Curso de Biblioteconomia na Década de 1980



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Ao revelar as entrelinhas memorialísticas da Biblioteconomia paraibana na década de 1990, observa-se que o Curso já apresentava uma abordagem voltada para discussões sobre temáticas relevantes à profissão, evidenciando um caráter humanista e social**.** Para tanto, o método indiciário, alicerçado no princípio de que a realidade pode, em certos aspectos, apresentar-se opaca, mas, os indícios revelam uma possibilidade de decifrá-la, buscam-se revelar alguns achados memorialísticos dos anos 1990, uma vez que esses achados, "surgem em algum momento da pesquisa onde a sensação é de ter encontrado uma pista relevante e ao mesmo tempo a consciência aguda da ignorância sobre o que é ou o que significa [...]" (Ginzburg,2004, p.11). Assim, compreende-se que, durante o processo de pesquisa científica, as revelações e manifestações que surgem não significam, necessariamente, reflexos das que já existia, pois essas revelações podem ser descobertas de maneira inusitada. Assim, iniciamos as análises dos anos 1990 apresentando elementos representativos dos vinte e um anos de existência do curso na UFPB:

Figura 69 – Placa dos 21 anos de Biblioteconomia na Paraíba (1970-1991)



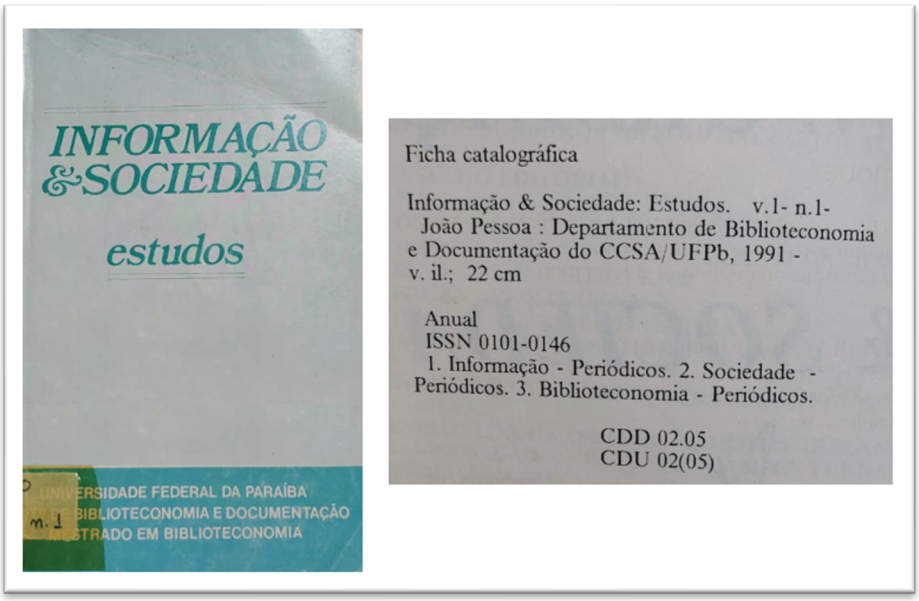
Fonte: DBD-UFPB, 2024.

A placa representada na figura 69 encontra-se afixada na recepção do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) da UFPB. Nela, constam os nomes dos dezenove docentes vinculados ao Departamento desde a sua fundação: Adolfo Júlio Porto de Freitas, Ana Maria de Ataíde Polke, Carmen de Farias Panet, Carmen Lúcia S. Melo, Dulce Amélia de B. Neves, Diane de Oliveira Borba (chefe do DBD), Edna Maria Torreão Brito, Francisca Arruda Ramalho, Gláucia Guimarães da Silveira e Silva (coordenadora do curso), Hilva Morais Pessoa, Jeruza Lyra Lucena, Joana Coeli Ribeiro Garcia, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, Maria de Lurdes de Arruda Melo, Maria Neusa Moraes Costa, Norma Lins Leite, Rachel Joffily Abath (coordenadora do Mestrado), Walkíria Toledo de Araújo e Zuleide Medeiros Sousa.

Além do corpo docente, a placa também registra os nomes dos primeiros funcionários administrativos do setor: Luís Alberto da Silva Araújo (secretário), Kátia Correia Nóbrega, Lawrencita Limeira Spínola, Maria Francinete F. Rocha e Rejane Almeida C. de Azevedo. Observa-se que o DBD contou, desde os seus primeiros anos, com uma equipe administrativa composta por cinco profissionais, os quais desempenhavam um papel fundamental no suporte e na operacionalização das atividades do Departamento.

O corpo docente do DBD sempre demonstrou forte compromisso com a Biblioteconomia, sobretudo no que se refere ao ensino, à pesquisa e à produção científica. Esse engajamento resultou, em 1991, na criação da revista Informação & Sociedade: Estudos (I&S), vinculada ao curso de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB, tendo como primeira editora a professora Zuleide Medeiros de Sousa, docente do DBD. O periódico permanece ativo e atualizado até os dias atuais, consolidando-se como uma importante fonte de informação e pesquisa na área da Ciência da Informação.

Figura 70 – Primeiro número da I&S (v.1 n.1 1991)



Fonte: Revista Informação & Sociedade: estudos, 1991

A edição referente de número 1[11], volume 1, é composta por cinco seções, a saber: ***Editorial*** *(*escrito pelo editor da revista*)*, ***Artigos de Revisão*** *(*Política de informação na pós-modernidade: reflexões sobre o caso do Brasil – Terezinha Elizabeth da Silva; A subjetividade enclausurada: O discurso científico na Biblioteconomia - Eliany Alvarenga de Araújo; Biblioteca: instituição preservadora da cultura dominante? – Livia Marques Carvalho; Política Nacional de Informação científica e tecnológica: necessidade versus realidade – Antônio Roberto Costa; Informação e mudança social na década de 90: uma perspectiva europeia – Kevin Harris; O cenário da política nacional de informação no Brasil – Ana Maria Amaral; nós que amávamos(?) tanto os livros – Paulo de Tarso Cabral Medeiros; Reminiscências de leituras – Neide Medeiros Santos. Na seção ***Comunicações de Trabalhos/Pesquisas em Andamento*** (Tentativas de ação cultural como prática discente – Edna Maria Torreão Brito, Jeruza Lyra Lucena, Joana Coeli Ribeiro Garcia). Na seção ***Entrevistas*** *(*Kevin Harris é entrevistado por alunos do curso de

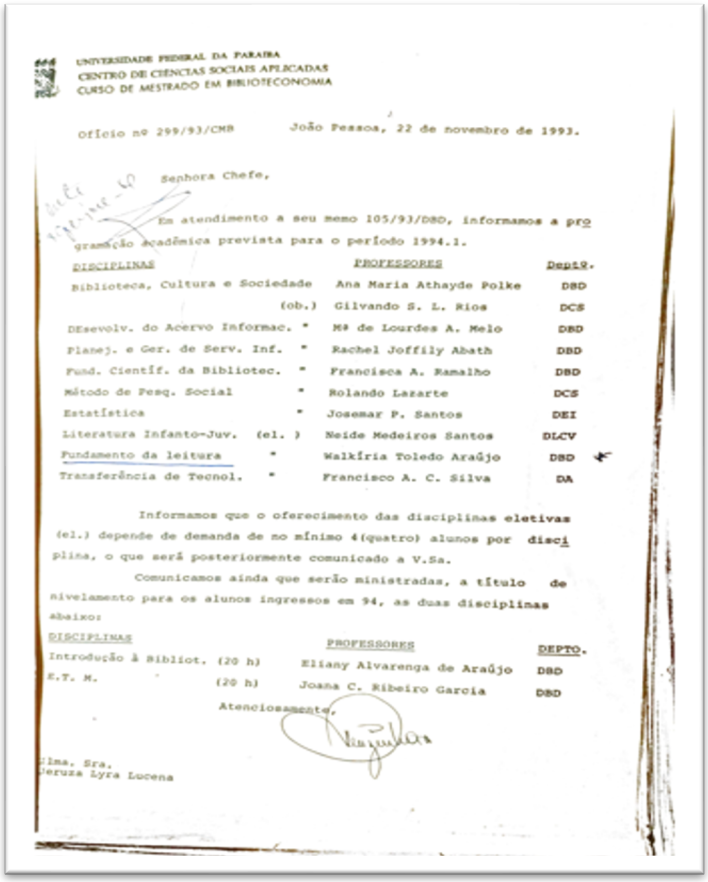
[11] Durante muitos anos, a Revista Informação & Sociedade: publicou todos os seus números e volumes mantendo o mesmo padrão gráfico.

mestrado em Biblioteconomia da UFPB – Kevin Harris). Em ***Resenhas*** *(*A reclusão da pedagogia e a pedagogia da reclusão – Neide Medeiros Santos).

Nessa perspectiva, a revista *I&S* tem contribuído significativamente para o desenvolvimento da pesquisa, consolidando-se também como uma fonte de informação de extrema relevância no campo da Ciência da Informação.

Ainda no âmbito da pós-graduação, apresenta-se, a seguir, a programação do Curso de Mestrado em Biblioteconomia:

Figura 71 - Ofício nº 299/93 Programação Mestrado



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA

Ofício nº 299/93/CMB — João Pessoa, 22 de novembro de 1993.

Senhora Chefe,

Em atendimento a seu memo 105/93/DBD, informamos a programação acadêmica prevista para o período 1994.1.

DISCIPLINAS		PROFESSORES	Deptº.
Biblioteca, Cultura e Sociedade	(ob.)	Ana Maria Athayde Polke	DBD
		Gilvando S. L. Rios	DCS
DEsevolv. do Acervo Informac.	"	Mª de Lourdes A. Melo	DBD
Planej. e Ger. de Serv. Inf.	"	Rachel Joffily Abath	DBD
Fund. Científ. da Bibliotec.	"	Francisca A. Ramalho	DBD
Método de Pesq. Social	"	Rolando Lazarte	DCS
Estatística	"	Josemar P. Santos	DEI
Literatura Infanto-Juv.	(el.)	Neide Medeiros Santos	DLCV
Fundamento da leitura	"	Walkíria Toledo Araújo	DBD
Transferência de Tecnol.	"	Francisco A. C. Silva	DA

Informamos que o oferecimento das disciplinas eletivas (el.) depende de demanda de no mínimo 4(quatro) alunos por disciplina, o que será posteriormente comunicado a V.Sa.

Comunicamos ainda que serão ministradas, a título de nivelamento para os alunos ingressos em 94, as duas disciplinas abaixo:

DISCIPLINAS		PROFESSORES	DEPTO.
Introdução à Bibliot.	(20 h)	Eliany Alvarenga de Araújo	DBD
E.T. M.	(20 h)	Joana C. Ribeiro Garcia	DBD

Atenciosamente,

Ilma. Sra.
Geruza Lyra Lucena

Fonte: DBD-UFPB, 2024.

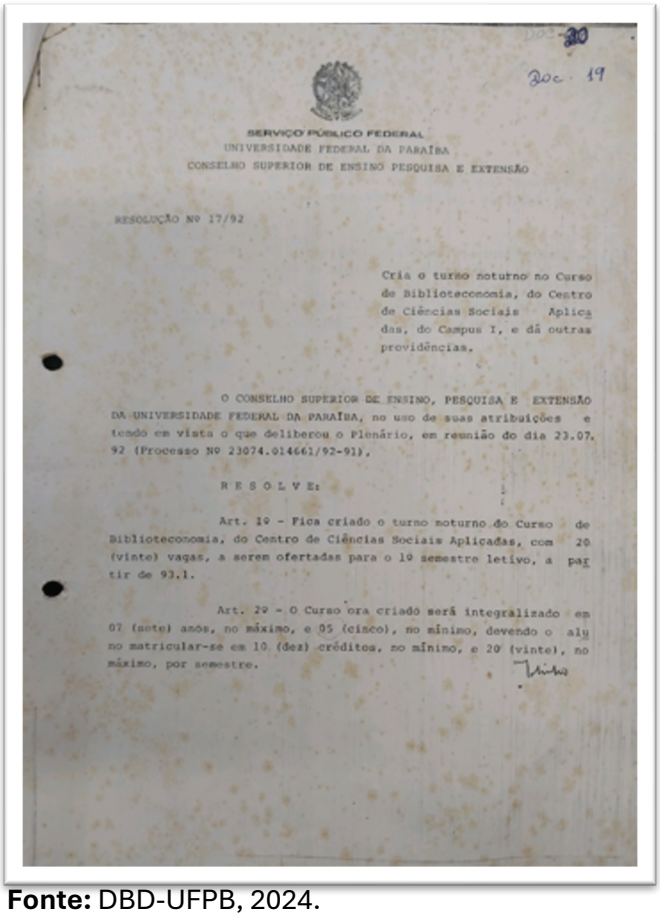
Naquela época, o curso de Mestrado apresentava disciplinas relacionadas à área da Biblioteconomia que, em certa medida, contemplavam a proposta curricular da graduação. Assim, a pós-graduação tinha como objetivo o aprofundamento dessas temáticas, por meio de disciplinas como: *Desenvolvimento do Acervo Informacional*; *Planejamento e Gerenciamento dos*

Serviços de Informação; *Fundamentos Científicos da Biblioteconomia*; *Métodos de Pesquisa Social*; *Literatura Infantojuvenil*; *Fundamentos da Leitura* e *Transferência de Tecnologias*.

Nesse mesmo contexto, foram ofertadas duas disciplinas introdutórias, com caráter de nivelamento para os alunos ingressantes naquele período, ministradas pelas professoras Joana Coeli Ribeiro Garcia (na disciplina *Estudos de Técnica de Metodologia – E.T.M*) e Eliany Alvarenga de Araújo (na disciplina *Introdução à Biblioteconomia*). O ofício com essas informações foi enviado em 22 de novembro de 1993.

Retornando ao ano de 1992, destaca-se um marco significativo na história do curso de Biblioteconomia da UFPB, conforme registrado na Resolução nº 17/92 do CONSEPE

Figura 72 – Resolução nº 17/92 (Criação do Curso Noturno)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO

Doc. 19

RESOLUÇÃO Nº 17/92

Cria o turno noturno no Curso de Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, do Campus I, e dá outras providências.

O CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, no uso de suas atribuições e tendo em vista o que deliberou o Plenário, em reunião do dia 23.07.92 (Processo Nº 23074.014661/92-91),

R E S O L V E:

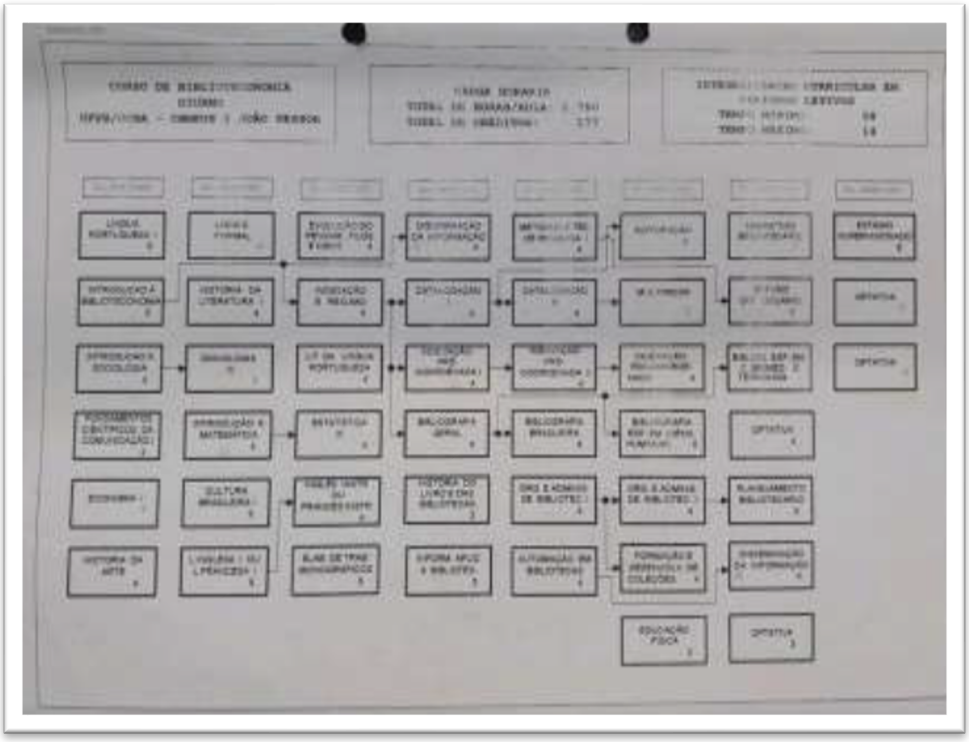
Art. 1º - Fica criado o turno noturno do Curso de Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, com 20 (vinte) vagas, a serem ofertadas para o 1º semestre letivo, a partir de 93.1.

Art. 2º - O Curso ora criado será integralizado em 07 (sete) anos, no máximo, e 05 (cinco), no mínimo, devendo o aluno matricular-se em 10 (dez) créditos, no mínimo, e 20 (vinte), no máximo, por semestre.

Fonte: DBD-UFPB, 2024.

Por meio desta resolução, representada na figura 72, foi criado o **Curso Noturno de Biblioteconomia**, bem como autorizada a oferta de 20 (vinte) vagas para ingresso no primeiro semestre letivo de 1993, compreendendo o período 1993.1.

Figura 73 – Fluxograma do Curso Noturno

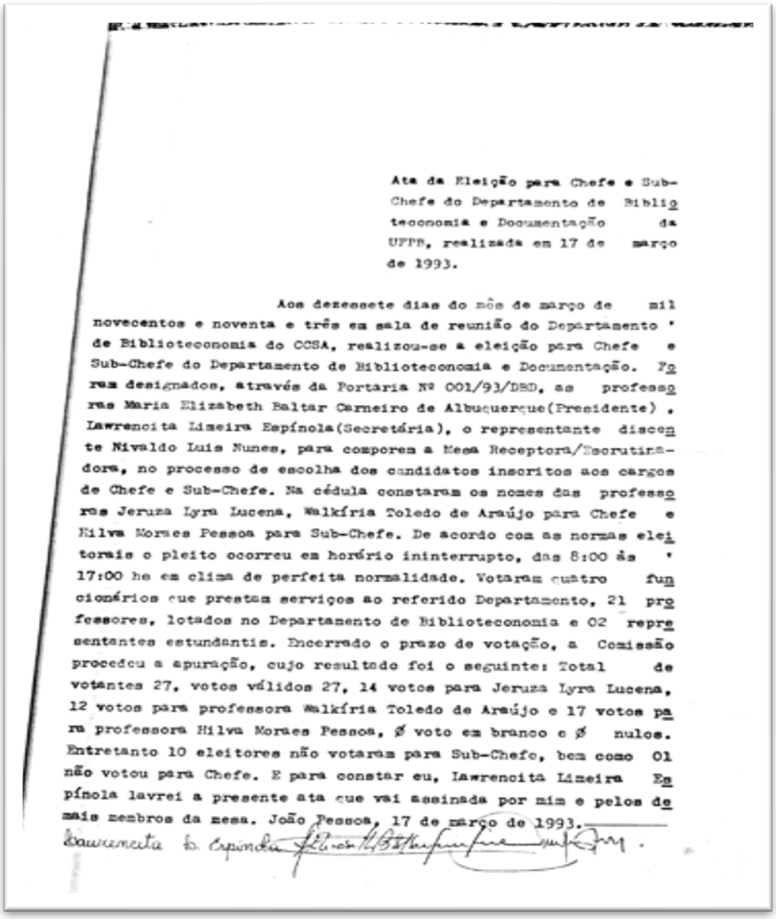


Fonte: Arquivo DBD, 2024

O Artigo 2º da referida Resolução estabelece que o curso deve ser integralizado em, no máximo, 07 (sete) anos e, no mínimo, 05 (cinco). Além disso, determina-se que os estudantes devem se matricular em um mínimo de 10 (dez) e um máximo de 20 (vinte) créditos por semestre. Desde então, o curso de Biblioteconomia da UFPB passou a ser oferecido exclusivamente no turno noturno, mantendo essa característica até os dias atuais.

Em 17 de março de 1993, ocorreu a eleição para Chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação. A mesa receptora da votação foi composta pelas professoras Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (Presidente), Lawrencita Limeira Spínola (Secretária), o Representante discente Nivaldo Luís Nunes.

Figura 74 - Eleição para Chefe do DBD (1993)



Ata da Eleição para Chefe e Sub-Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB, realizada em 17 de março de 1993.

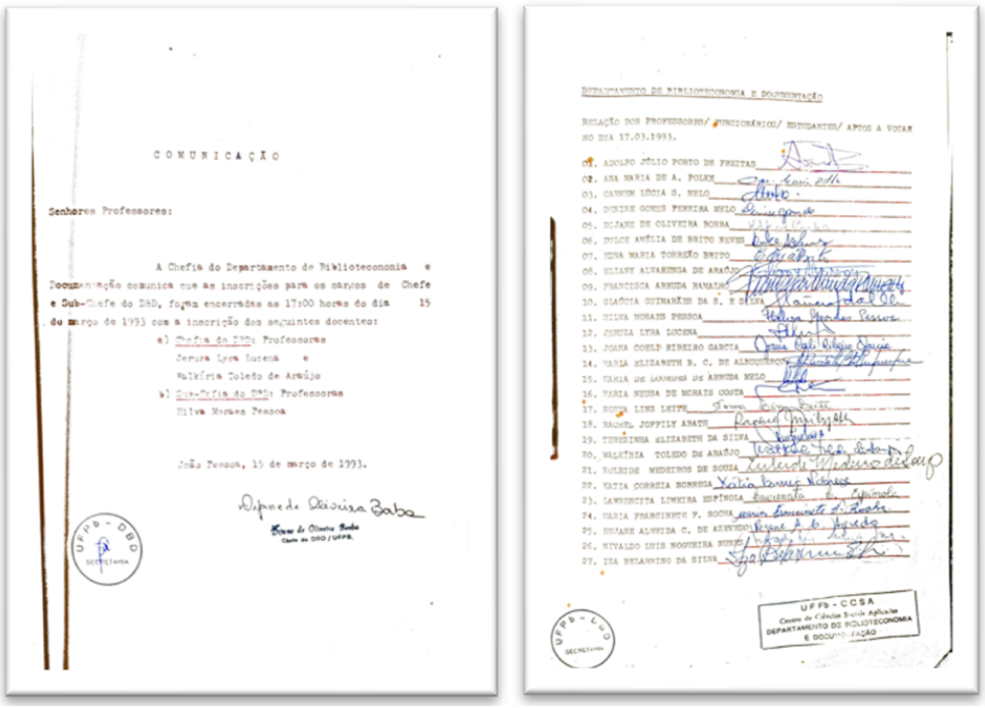
Aos dezessete dias do mês de março de mil novecentos e noventa e três em sala de reunião do Departamento de Biblioteconomia do CCSA, realizou-se a eleição para Chefe e Sub-Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Foram designados, através da Portaria Nº 001/93/DBD, as professoras Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque(Presidente), Lawrencita Limeira Espínola(Secretária), o representante discente Nivaldo Luis Nunes, para comporem a Mesa Receptora/Escrutinadora, no processo de escolha dos candidatos inscritos aos cargos de Chefe e Sub-Chefe. Na cédula constaram os nomes das professoras Jeruza Lyra Lucena, Walkíria Toledo de Araújo para Chefe e Hilva Moraes Pessoa para Sub-Chefe. De acordo com as normas eleitorais o pleito ocorreu em horário ininterrupto, das 8:00 às 17:00 hs em clima de perfeita normalidade. Votaram quatro funcionários que prestam serviços ao referido Departamento, 21 professores, lotados no Departamento de Biblioteconomia e 02 representantes estudantis. Encerrado o prazo de votação, a Comissão procedeu a apuração, cujo resultado foi o seguinte: Total de votantes 27, votos válidos 27, 14 votos para Jeruza Lyra Lucena, 12 votos para professora Walkíria Toledo de Araújo e 17 votos para professora Hilva Moraes Pessoa, Ø voto em branco e Ø nulos. Entretanto 10 eleitores não votaram para Sub-Chefe, bem como 01 não votou para Chefe. E para constar eu, Lawrencita Limeira Espínola lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da mesa. João Pessoa, 17 de março de 1993.

Lawrencita L. Espínola

Fonte: Arquivo do DBD, 2024.

Na Cédula da votação, constavam os nomes das candidatas ao cargo de chefia: Jeruza Lyra Lucena, Walkíria Toledo de Araújo e Hilva Moraes Pessoa. Com o total de votantes (27) e votos válidos (27), sendo 14 votos para Jeruza Lyra Lucena, 12 votos para Walkíria Toledo de Araújo e 17 votos para Hilva Moraes Pessoa. Não houve votos em branco nem nulos. Contudo, registra-se que 10 (dez) eleitores se abstiveram de votar para o cargo de subchefe, e 01 (um) eleitor não votou para o cargo de chefe. A ata da eleição foi lavrada pela secretária Lawrencita Spínola.

Figura 75 - Tramitação da Eleição (1993)



COMUNICAÇÃO

Senhores Professores:

A Chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação comunica que as inscrições para os cargos de Chefe e Sub-Chefe do DBD, foram encerradas as 17:00 horas do dia 15 do março de 1993 com a inscrição dos seguintes docentes:

a) Chefia do DBD: Professoras
Jerusa Lyra Lucena e
Valkíria Toledo de Araújo

b) Sub-Chefia do DBD: Professoras
Nilva Moraes Pessoa

João Pessoa, 15 de março de 1993.

DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

RELAÇÃO DOS PROFESSORES/ FUNCIONÁRIOS/ ESTUDANTES/ APTOS A VOTAR NO DIA 17.03.1993.

01. ADOLFO JÚLIO PORTO DE FREITAS
02. ANA MARIA DE A. FOLKE
03. CARMEM LÚCIA S. MELO
04. DORINE GOMES FERREIRA MELO
05. DUJANE DE OLIVEIRA BORBA
06. DULCE ANÚSIA DE BRITO NEVES
07. EDNA MARIA TORREÃO BRITO
08. ELIANY ALVARENGA DE ARAÚJO
09. FRANCISCA ARRUDA BANANA
10. GLAÚCIA GUIMARÃES DA S. E SILVA
11. NILVA MORAES PESSOA
12. JERUSA LYRA LUCENA
13. JOANA COELI RIBEIRO GARCIA
14. MARIA ELIZABETH B. C. DE ALBUQUERQUE
15. MARIA DE LOURDES DE ARRUDA MELO
16. MARIA NEUMA DE MORAIS COSTA
17. NORMA LINS LEITE
18. RACHEL JOFFILY ARAÚJO
19. TEREZINHA ELIZABETH DA SILVA
20. VALKÍRIA TOLEDO DE ARAÚJO
21. VOLNIDE MEDEIROS DE SOUSA
22. WANIA CORREIA NORONHA
23. LAWRENCITA LIMEIRA ESPÍNOLA
24. MARIA FRANCINETE F. ROCHA
25. ZUJANE ALMEIDA C. DE ARAÚJO
26. NIVALDO LUIS NOGUEIRA SUNE
27. ZIA BELARMINO DA SILVA

UFPB - CCSA
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Fonte: Arquivo do DBD, 2024.

Outro fator de impacto ocorrido nesse período foi a aprovação do,

> Regimento Interno do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Essa iniciativa unificou diversas bibliotecas dos departamentos do Centro, com o propósito de garantir um atendimento mais equitativo aos leitores e otimizar recursos, evitando a duplicação de aquisições de materiais bibliográficos e a dispersão na organização do acervo. O nome da Biblioteca homenageia o Professor Berilo Borba, primeiro diretor do CCSA e ex-reitor da Universidade Federal da Paraíba (Biblioteca Setorial, 2025).

A Biblioteca Setorial do CCSA, durante muitos anos, esteve localizada em um espaço físico em frente à Coordenação do Curso de Biblioteconomia. Era amplamente frequentada por discentes e docentes do curso, além de estar aberta à comunidade acadêmica da instituição, pois,

> inicialmente, a BSBB estava vinculada à Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia do CCSA, sob a gestão de Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque como coordenadora e da professora Eliany Alvarenga de Araújo como Vice Coordenadora. Ambas foram fundamentais na implantação e organização da Biblioteca (Biblioteca Setorial, 2025).

Nesse contexto, a Biblioteca Setorial permaneceu funcionando durante alguns anos em espaço físico localizado em frente a coordenação do curso de Biblioteconomia.

Figura 76 - Biblioteca Setorial do CCSA-UFPB (1993).



Fonte: Biblioteca Setorial do CCSA, 2025.

Alguns professores do DBD contribuíram significativamente para a estruturação da Biblioteca Setorial do CCSA, a qual também ofertou oportunidade de estágio para os estudantes do curso, além de ser utilizada para a realização de aulas práticas. Observa-se na Figura 75, que entre os gestores da Biblioteca destacam-se duas docentes do DBD: as professoras Eliany Alvarenga de Araújo e Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque:

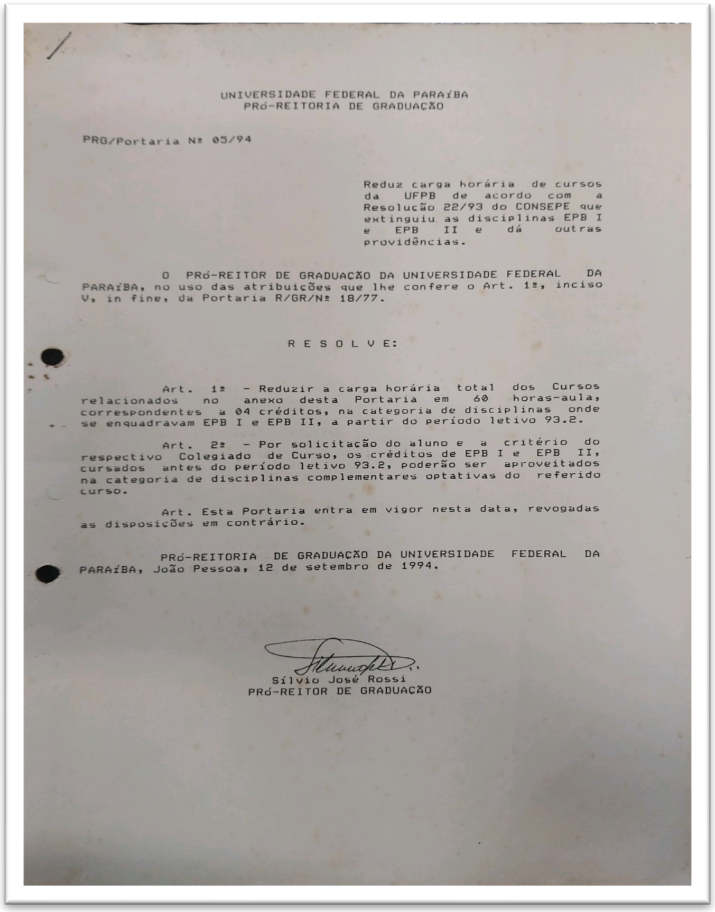
Figura 77 – Gestão da Biblioteca (1991-2024)

ANO	DIRETOR(A)
1991-1993	Eliane Campos Silva
1993-1994	Eliany Alvarenga de Araújo
1994-1997	Maria Elizabeth B. C. Albuquerque
1998-2002	Antonio Genésio de Sousa Filho
2009-2010	Eliane Campos Silva
2011-2012	Antonio Genésio de Sousa Filho
2010-2020	Ana Cláudia Lopes de Almeida
2020-2021	André Domingos da Silva Fernandes
2022-2023	Katiane da Cunha Souza
2023-2024	Ana Cláudia Lopes de Almeida
2024-	André Domingos da Silva Fernandes

Fonte: Arquivo da Biblioteca Setorial do CCSA, 2025

Após alguns anos funcionando de forma independente, não apenas a Biblioteca Setorial do CCSA, mas também todas as bibliotecas setoriais dos demais centros que compõem a UFPB passaram a ser coordenadas pelo Sistema de Bibliotecas da UFPB (SISTEMOTECA).

Figura 78 - Redução da Carga Horária do Curso (1994)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRó-REITORIA DE GRADUAÇÃO

PRG/Portaria Nº 05/94

Reduz carga horária de cursos da UFPB de acordo com a Resolução 22/93 do CONSEPE que extinguiu as disciplinas EPB I e EPB II e dá outras providências.

O PRó-REITOR DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 1º, inciso V, in fine, da Portaria R/GR/Nº 18/77.

R E S O L V E:

Art. 1º - Reduzir a carga horária total dos Cursos relacionados no anexo desta Portaria em 60 horas-aula, correspondentes a 04 créditos, na categoria de disciplinas onde se enquadravam EPB I e EPB II, a partir do período letivo 93.2.

Art. 2º - Por solicitação do aluno e a critério do respectivo Colegiado de Curso, os créditos de EPB I e EPB II, cursados antes do período letivo 93.2, poderão ser aproveitados na categoria de disciplinas complementares optativas do referido curso.

Art. Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

PRó-REITORIA DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 12 de setembro de 1994.

Sílvio José Rossi
PRó-REITOR DE GRADUAÇÃO

Fonte: Arquivo do DBD, 2024

A Pró-Reitoria de Graduação, por meio da Portaria nº05/94, reduziu em 60 horas-aula, correspondente a 04 (quatro) créditos, a carga horária total do curso de Biblioteconomia. No Art. 2º dessa Portaria, ficou estabelecido que “por solicitação dos alunos e a critério do respectivo Colegiado de Curso, os créditos de EPB I e EPB II, cursados antes do período letivo 93.2, poderão ser aproveitados na categoria de disciplinas complementares optativas do referido curso”. A Portaria foi assinada pelo Pró-reitor Sílvio José Rossi, em 12 de setembro de 1994. Nesse mesmo ano, o Curso completou **25 anos de sua fundação** e, para celebrar a data, promoveu uma vasta programação alusiva às duas décadas e meia de sua trajetória.

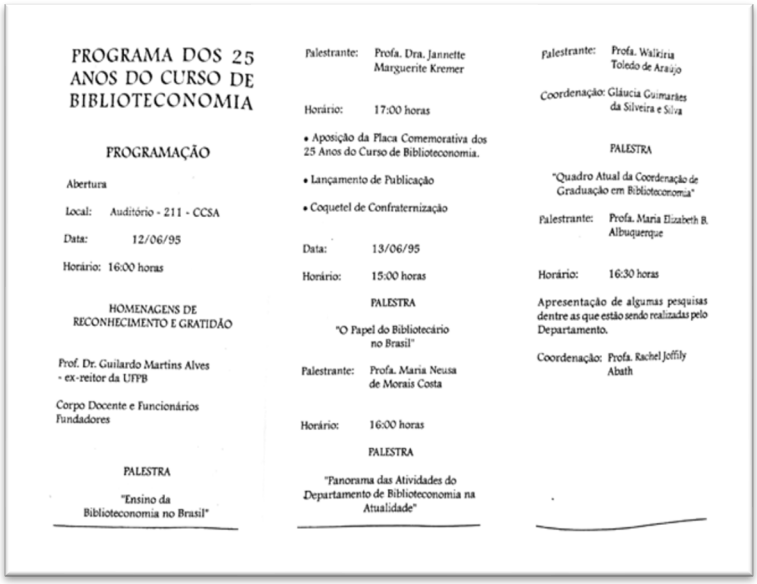
Figura 79 – Placa Comemorativa aos 25 anos do Curso de Biblioteconomia



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024

A coordenação do Curso, e parceria com seus professores, organizou um evento alusivo aos 25 anos do Curso de Biblioteconomia na UFPB, promovendo homenagens, palestras, a aposição da placa comemorativa e apresentações das pesquisas desenvolvidas pelos professores do DBD.

Figura 80 – Folder do evento 25 anos do Curso de Biblioteconomia



PROGRAMA DOS 25 ANOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

PROGRAMAÇÃO

Abertura

Local: Auditório - 211 - CCSA

Data: 12/06/95

Horário: 16:00 horas

HOMENAGENS DE RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

Prof. Dr. Guilardo Martins Alves - ex-reitor da UFPB

Corpo Docente e Funcionários Fundadores

PALESTRA

"Ensino da Biblioteconomia no Brasil"

Palestrante: Profa. Dra. Jannette Marguerite Kremer

Horário: 17:00 horas

- Aposição da Placa Comemorativa dos 25 Anos do Curso de Biblioteconomia.
- Lançamento de Publicação
- Coquetel de Confraternização

Data: 13/06/95

Horário: 15:00 horas

PALESTRA

"O Papel do Bibliotecário no Brasil"

Palestrante: Profa. Maria Neusa de Morais Costa

Horário: 16:00 horas

PALESTRA

"Panorama das Atividades do Departamento de Biblioteconomia na Atualidade"

Palestrante: Profa. Walkiria Toledo de Araújo

Coordenação: Gláucia Guimarães da Silveira e Silva

PALESTRA

"Quadro Atual da Coordenação de Graduação em Biblioteconomia"

Palestrante: Profa. Maria Elizabeth B. Albuquerque

Horário: 16:30 horas

Apresentação de algumas pesquisas dentre as que estão sendo realizadas pelo Departamento.

Coordenação: Profa. Rachel Jeffily Abath

Fonte: Acervo Pessoal do Prof. Adolfo J. P. de Freitas, 1995.

O evento comemorativo pelos 25 anos do curso de Biblioteconomia da UFPB ocorreu no Auditório 211 do CCSA, em 12 de junho de 1995. A abertura foi realizada pelo ex-reitor Guilhardo Martins Alves, que esteve à frente da instituição durante o processo de criação do curso, juntamente com professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD). A programação incluiu palestras que abordaram temáticas relevantes, como: “Ensino da Biblioteconomia no Brasil”, “O papel do Bibliotecário no Brasil”, “Panorama das atividades do Departamento do Curso de Biblioteconomia na Atualidade” e “Apresentação do quadro de funcionários”.

Destaca-se que a reflexão sobre o papel do bibliotecário e suas funções sempre foi uma preocupação central da área, e a Biblioteconomia paraibana demonstrava, desde então, esse compromisso. O bibliotecário, profissional indispensável, sobretudo no que se refere à promoção da leitura e da pesquisa. Sua atuação compreende o resgate, o tratamento técnico e a disseminação da informação, com o objetivo de garantir o acesso e o uso efetivo desse recurso, contribuindo significativamente para o desenvolvimento intelectual da sociedade em que está inserido. Além disso, os bibliotecários exercem papel relevante na oferta de serviços ligados às fontes de informação científica. Promovem treinamentos para a realização de pesquisas em bases de dados e portais de periódicos científicos, acessíveis por meio de plataformas digitais. Com essas ações, não apenas facilitam o acesso à informação, mas também promovem a cultura de forma ampla, atuando como mediadores entre o conhecimento e a sociedade global.

No que se refere ao ponto intitulado “Panorama das Atividades do Departamento de Biblioteconomia”, observa-se que os docentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB exerciam papel fundamental no fortalecimento do tripé institucional (ensino, pesquisa e extensão). Para além de suas funções docentes, esses profissionais desenvolviam pesquisas que contribuíam diretamente para o avanço da área, reforçando a relevância acadêmica e prática do curso. As pesquisas e projetos desenvolvidos não se restringiam ao ambiente acadêmico interno. Ao contrário, seus resultados eram amplamente discutidos e compartilhados com os discentes, promovendo um espaço de diálogo e

aprendizagem mútua. Esse processo de *feedback* permitia aos estudantes acompanhar os avanços da área, compreender os desafios enfrentados e participar ativamente das discussões acadêmicas.

Nesse contexto, os docentes mantinham presença constante em eventos da área, em âmbito local, regional e nacional, ampliando a visibilidade do curso e fortalecendo sua articulação com outras instituições e profissionais. Essa troca contínua de conhecimentos e experiências entre docentes, discentes e a comunidade acadêmica consolidou o curso de Biblioteconomia como espaço de excelência, comprometido não apenas com a formação de profissionais qualificados, mas também com a produção, o desenvolvimento e a disseminação do conhecimento.

Um dos eventos mais importantes da área da Biblioteconomia brasileira é o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), sendo o pioneiro e mais relevante na área, cuja primeira edição ocorreu em 1954, na cidade de Recife, Pernambuco. Desde então, o evento tem se destacado por abordar temáticas fundamentais relacionadas às atividades práticas, ao ensino e à pesquisa em Biblioteconomia no Brasil. Ao longo de sua trajetória, o CBBD consolidou-se como um espaço privilegiado de diálogo e troca de experiências entre profissionais de diversas regiões do país e do mundo, contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento das habilidades e competências informacionais de seus participantes. Com mais de sete décadas de existência, o CBBD tornou-se palco para apresentações de trabalhos científicos, conferências, oficinas, feiras de livros e exposições de produtos específicos para bibliotecas e centros de documentação. Essas atividades promovem a capacitação profissional, abordando temas como tecnologias de informação, gestão e uso da informação, entre outros tópicos essenciais para o campo.

Além de seu foco em discussões técnicas e científicas, o CBBD destaca-se por fomentar debates sobre questões culturais, sociais, políticas e de preservação da memória. Dessa forma, o evento transcende a esfera acadêmica e técnica, configurando-se também em evento de debate crítico sobre o papel da Biblioteconomia na sociedade e seu impacto no desenvolvimento cultural e social.

Nesse contexto, o CBBD permanece como um espaço vital para a valorização da profissão, o fortalecimento de redes de colaboração científica e a ampliação do conhecimento na área.

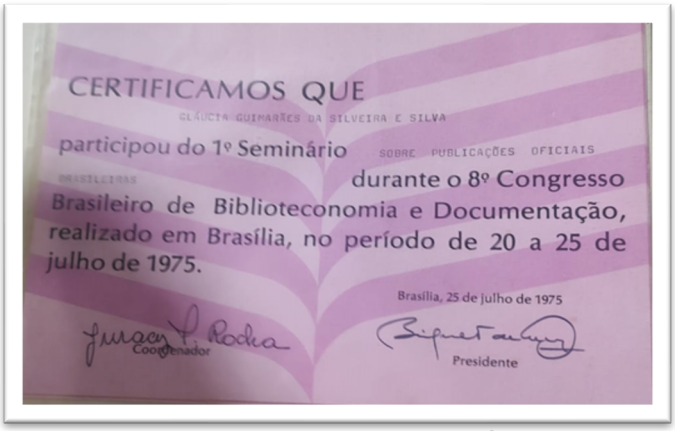
> [...] o CBBD ocorre numa parceria entre a FEBAB e uma de suas associações, cuja escolha é realizada em assembleia geral. O CBBD tem como objetivo principal constituir-se em um espaço de análise, discussão e compartilhamento das práticas, experiências e inovações das áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Como objetivos específicos, propõe-se a: Oferecer oportunidades de apresentação, reflexão e discussão de experiências, práticas e de difusão da produção técnico-científica relativa a bibliotecas, unidades de informação, ensino e pesquisa; Propiciar oportunidades para o congraçamento e atualização entre os profissionais da informação de todos os estados do Brasil; Promover o interesse por estudos e pesquisas relacionados a temas emergentes nos cenários nacional e internacional, bem como o compartilhamento de soluções de caráter global e coletivo, envolvendo todo o espectro de transformações de uma economia eminentemente informacional e suas formas de contribuição para a inovação e o desenvolvimento (Associação..., 2022,).

Uma instituição de relevância na área é a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), fundada em 1959. Trata-se de uma sociedade civil e sem fins lucrativos, que, desde sua fundação, vem contribuindo, incentivando e defendendo a profissão, sendo sua verdadeira missão. Quanto aos seus objetivos, destacam-se:

> [...] congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras; interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando o aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação (FEBAB, 2023).

Os professores do DBD participavam assiduamente de eventos relacionados à área, seja por meio da apresentação de trabalhos ou da realização de minicursos oferecidos durante a programação dos encontros.

Figura 81 – Certificado de Participação no CBBD (1975)



Fonte: Acervo pessoal da Professora Gláucia Guimarães

Nesse contexto, destaca-se a participação de alguns desses docentes na 14ª edição do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), realizada em 1987, na cidade de Recife/PE. Na imagem representada na Figura 82 registra a participação de docentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB, entre os quais se identifica o professor Adolfo Júlio Porto de Farias, atualmente aposentado, acompanhando ativamente as discussões. Na ocasião, os profissionais presentes compartilhavam produções científicas e experiências acadêmicas, debatendo suas práticas relacionadas às bibliotecas, às unidades de informação, docência, pesquisa e extensão. A participação dos docentes do Curso em eventos dessa relevância, tem sido uma prática recorrente.

Figura 82 – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia nos anos 80 e 2000.



Fonte: Acervo pessoal do Prof. Adolfo Júlio Porto de Freitas

A 19ª Edição do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD) teve como tema central “Informação para a Cidadania e o Profissional da Informação no Novo Milênio”. Na Figura 82, observa-se a participação, na condição de palestrante, de um dos docentes do curso em questão, o professor Adolfo Júlio Porto de Freitas. Esse registro evidencia o comprometimento histórico do Curso de Biblioteconomia da UFPB com a atuação de seus docentes, sempre voltado para o fortalecimento institucional, a socialização do conhecimento e a qualificação dos seus discentes.

Ao adentramos a década de 1990, destaca-se a memória do curso, conforme conforme evidenciado na figura a seguir:

Figura 83 – Cronologia do Curso de Biblioteconomia na Década de 1990



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Após três década da fundação do curso, objetivando acompanhar o desenvolvimento da Biblioteconomia no século XXI, visto que a

> Biblioteconomia mostra-se como uma das principais disciplinas determinantes para o advento da Ciência da Informação, embora, percebe-se a adversidade existente entre elas quanto à relatividade da natureza de ambas, como um único campo do conhecimento. Essa circunstância encontra-se perceptível até mesmo nas instituições acadêmicas e no contexto dos profissionais bibliotecários, arquivistas, documentalistas e museólogos (Felix et al, 2016, p. 6).

Em 2006 é criado o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, para maior expansão da área. Nessa perspectiva, o curso realizou uma revisão no Projeto Político Pedagógico (PPP), adequando-o, inclusive, à mudança do nome do Departamento de Biblioteconomia e Documentação para Departamento de Ciência da Informação, conforme Resolução do CONSEPE de 30 de julho de 2007. Nesse mesmo ano, foi elaborado o novo Projeto Político Pedagógico do curso com o objetivo de,

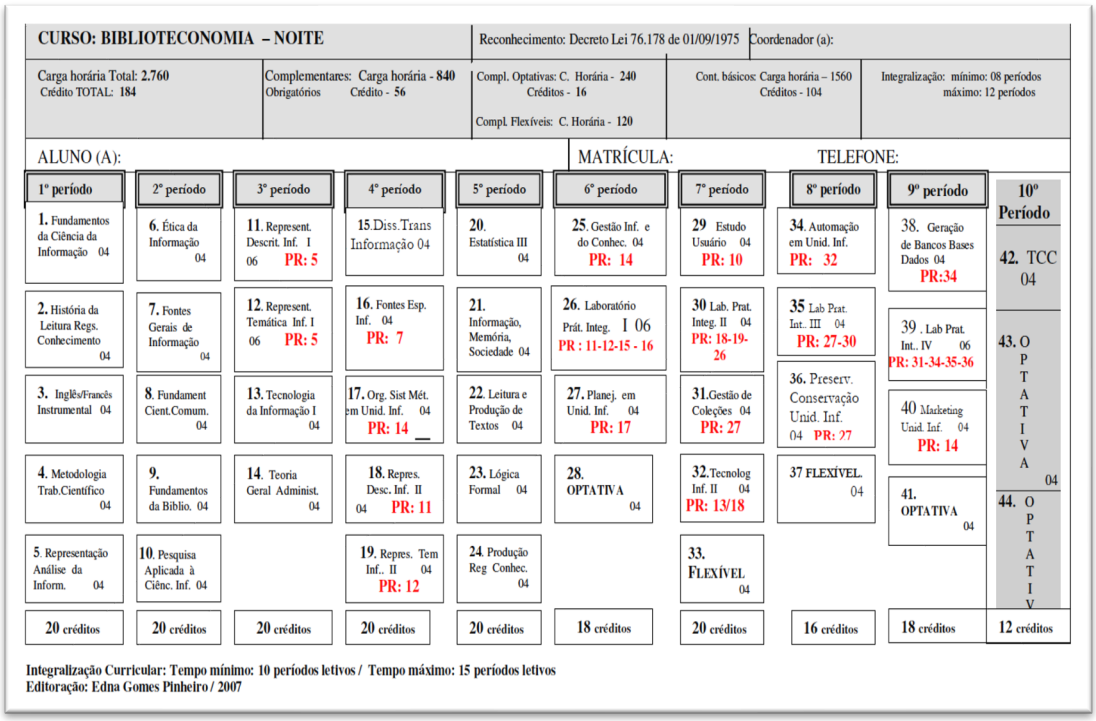
> [...] contemplar uma concepção de currículo que permita ao aluno do Curso de Graduação em Biblioteconomia interagir com a Pesquisa, como forma de articular e aprofundar temas de interesse, e revisitar teoria e prática como fontes de produção de novos conhecimentos; com o Ensino, com base nas teorias e procedimentos didático-metodológicos, com a Extensão, permitindo aos alunos o contato com as diversas unidades de informação presentes dentro e fora da UFPB. Essa tríade, articulada, objetiva a formação do saber construído com base em critérios de cientificidade, que permitem a atuação do bibliotecário no mundo do trabalho de forma consciente, crítica e reflexiva, e o pleno exercício de sua cidadania profissional. Com esse intuito, o PPP reflete a posição que o Curso de Graduação em Biblioteconomia ocupa no âmbito universitário e no contexto social, em termos de sua organicidade, habilidade e competência para construir o trajeto pedagógico de formação de bibliotecários, articulado à missão assumida historicamente pela UFPB (Projeto [...], 2007, p.6).

Assim, o PPP, enquanto instrumento estratégico tem como base à consolidação do compromisso do curso com a formação crítica, ética e técnica dos bibliotecários, à luz dos valores institucionais da UFPB, apresentando a proposta de um novo curso e de um novo perfil do bibliotecário, sendo

> [...] um profissional da informação qualificado para interagir com o processo de transferência da informação (da geração ao uso) e dos registros do conhecimento, interpretando criticamente a realidade social, com uma visão contributiva e consciente de seu papel social e de sua atuação no avanço científico e tecnológico do seu Estado e da região, sem desconsiderar as dimensões humanas e éticas do conhecimento, da tecnologia e das relações sociais. Isso posto, o perfil do Bacharel em Biblioteconomia deverá contemplar consistente formação teórica, diversidade de conhecimento e de práticas, que se articulam ao longo do Curso, a fim de compreender que o Curso de Biblioteconomia trata do campo teórico investigativo das unidades de informação, e do trabalho informacional que se realiza na práxis social e de produzir e difundir o conhecimento científico e tecnológico da sua área de atuação (Projeto [...], 2007, p. 24).

Nesse sentido, o novo projeto aborda as questões gerenciais, sociais e políticas, bem como as habilidades essenciais para atuação do profissional.

Figura 84 – Fluxograma do curso - Noturno



CURSO: BIBLIOTECONOMIA – NOITE | Reconhecimento: Decreto Lei 76.178 de 01/09/1975 | Coordenador (a):

Carga horária Total: 2.760 Crédito TOTAL: 184 | Complementares: Carga horária - 840 Obrigatórios Crédito - 56 | Compl. Optativas: C. Horária - 240 Créditos - 16 Compl. Flexíveis: C. Horária - 120 | Cont. básicos: Carga horária – 1560 Créditos - 104 | Integralização: mínimo: 08 períodos máximo: 12 períodos

ALUNO (A): MATRÍCULA: TELEFONE:

1º período	2º período	3º período	4º período	5º período	6º período	7º período	8º período	9º período	10º Período
1. Fundamentos da Ciência da Informação 04	6. Ética da Informação 04	11. Represent. Descrit. Inf. I 06 PR: 5	15.Diss.Trans Informação 04	20. Estatística III 04	25. Gestão Inf. e do Conhec. 04 PR: 14	29 Estudo Usuário 04 PR: 10	34. Automação em Unid. Inf. PR: 32	38. Geração de Bancos Bases Dados 04 PR:34	42. TCC 04
2. História da Leitura Regs. Conhecimento 04	7. Fontes Gerais de Informação 04	12. Represent. Temática Inf. I 06 PR: 5	16. Fontes Esp. Inf. 04 PR: 7	21. Informação, Memória, Sociedade 04	26. Laboratório Prát. Integ. I 06 PR : 11-12-15 - 16	30 Lab. Prat. Integ. II 04 PR: 18-19-26	35 Lab Prat. Int.. III 04 PR: 27-30	39 . Lab Prat. Int.. IV 06 PR: 31-34-35-36	43. OPTATIVA 04
3. Inglês/Francês Instrumental 04	8. Fundament Cient.Comum. 04	13. Tecnologia da Informação I 04	17. Org. Sist Mét. em Unid. Inf. 04 PR: 14	22. Leitura e Produção de Textos 04	27. Planej. em Unid. Inf. 04 PR: 17	31.Gestão de Coleções 04 PR: 27	36. Preserv. Conservação Unid. Inf. 04 PR: 27	40 Marketing Unid. Inf. 04 PR: 14	
4. Metodologia Trab.Científico 04	9. Fundamentos da Biblio. 04	14. Teoria Geral Administ. 04	18. Repres. Desc. Inf. II 04 PR: 11	23. Lógica Formal 04	28. OPTATIVA 04	32.Tecnolog Inf. II 04 PR: 13/18	37 FLEXÍVEL 04	41. OPTATIVA 04	44. OPTATIVA 04
5. Representação Análise da Inform. 04	10. Pesquisa Aplicada à Ciênc. Inf. 04		19. Repres. Tem Inf.. II 04 PR: 12	24. Produção Reg Conhec. 04		33. FLEXÍVEL 04			
20 créditos	20 créditos	20 créditos	20 créditos	20 créditos	18 créditos	20 créditos	16 créditos	18 créditos	12 créditos

Integralização Curricular: Tempo mínimo: 10 períodos letivos / Tempo máximo: 15 períodos letivos
Editoração: Edna Gomes Pinheiro / 2007

Fonte: (Projeto Pedagógico, 2007)

Desse modo, a elaboração de novas propostas para o Curso obedece a uma orientação voltada ao reconhecimento do ambiente social, situando o papel do

bibliotecário como um profissional sintonizado ao contexto da sociedade (Ferreira,1977).

O fluxograma do Curso, composto por dez períodos, corresponde a uma carga horária de 2.760 horas-aula e um total de créditos 184. As disciplinas complementares obrigatórias somam 840 horas e 56 créditos. Esse fluxograma é completo e bem fracionado, permitindo um equilíbrio entre as disciplinas ofertadas. Quanto as disciplinas complementares optativas somam 240 horas e 16 créditos, enquanto as flexíveis, 120 horas. A integralização mínima é de 08 períodos e a máxima de 12.

Ao nos aproximarmos do marco dos 40 anos do curso, destaca-se, como objeto de valor memorial, a primeira placa do Departamento de Ciência da Informação (DCI). Na placa comemorativa dos 40 anos do curso, observa-se um aumento significativo no quadro docente, totalizando 23 (vinte e três) professores vinculados ao Departamento de Ciência da Informação (DCI). O corpo técnico-administrativo, por sua vez, é composto por apenas 3 (três) servidores.

Figura 85 – Placa Alusiva aos 40 anos da Biblioteconomia na Paraíba



Fonte: Arquivo da CGB, 2024

A placa também registra homenagens aos professores fundadores do curso: Carmen de Farias Panet, Dijane de Oliveira Borba, Jeruza Lyra Lucena e

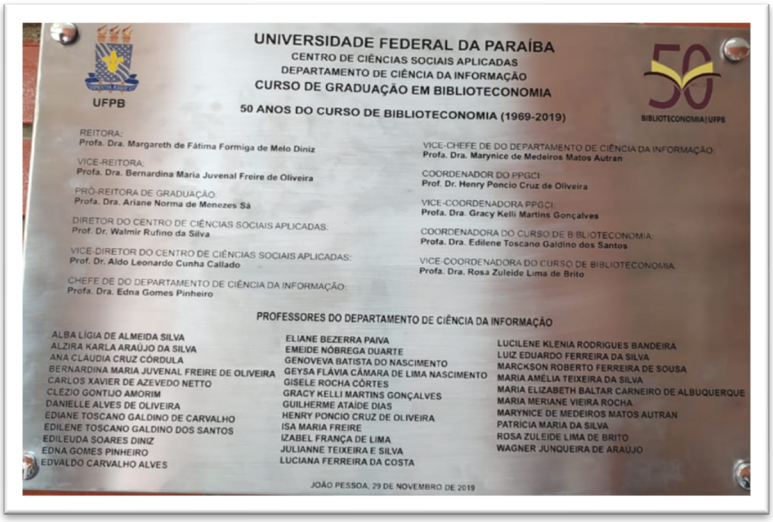
Maria de Lourdes de Arruda Melo, além da secretária Maria das Neves Gomes da Silva. Destacam-se, ainda, como representantes da gestão à época, a saber: coordenadora do curso, Jemima Marques de Oliveira; o chefe do DCI, Gustavo Henrique de Araújo Freire; e a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Isa Maria Freire.

Um marco significativo na história da Biblioteconomia na UFPB foi a nomeação da professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, docente do Departamento de Ciência da Informação (DCI), para o cargo de vice-reitora da instituição, ao lado da reitora Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz. Sua presença na alta gestão universitária representa um importante reconhecimento institucional à área da Biblioteconomia, evidenciando sua relevância acadêmica e política no contexto da UFPB. Nesse sentido, revelar a memória do curso nos faz refletir que,

> [...] por memória, entende-se a capacidade de reter e recordar fatos ocorridos, remetendo às informações daqueles momentos [...] essas informações são essenciais para a construção do que somos hoje e, por essa razão, faz-se necessário ações de preservação dessa memória, pois memória esquecida, é memória perdida [...] (Mafezolli; Prado, 2023, p. 3).

Assim, na esteira das recordações, o ano de 2019 foi marcado pelo cinquentenário do curso de Biblioteconomia, ocasião em que os professores do DCI programaram um evento alusivo à data.

Figura 86 – Placa Alusiva aos 50 anos do Curso de Biblioteconomia (1969-2019)



Fonte: CGB, 2024

No dia 29 de novembro de 2019, realizou-se, no auditório 211 do CCSA, uma noite comemorativa em alusão aos 50 anos do curso de Biblioteconomia. A programação contou com a participação de docentes do Departamento de Ciência da Informação (DCI) que compuseram a mesa de abertura do vento. Na ocasião, foi apresentada uma retrospectiva da trajetória do curso, desde sua implantação até o ano de 2019. Convidados e professores que integraram as primeiras décadas do curso e puderam comparecer à celebração foram homenageados, em reconhecimento às relevantes contribuições à da Biblioteconomia paraibana.

Na placa dos 50 anos do curso, registra-se toda a equipe completa dos docentes em exercício do DCI: Alba Lígia de Almeida Silva, Alzira Karla Araújo da Silva, Ana Cláudia Cruz Córdula, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Carlos Xavier de Azevedo Neto, Clézio Gontijo Amorim, Danielle Alves de Oliveira, Ediane Toscano Galdino de Carvalho, Edilene Toscano Galdino dos Santos, Edileuda Soares Diniz, Edna Gomes Pinheiro, Edvaldo Carvalho Alves, Eliane Bezerra Paiva, Emeide Nóbrega Duarte, Genoveva Batista do Nascimento, Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento, Gisele Rocha Côrtes, Gracy Kelli Martins Gonçalves, Guilherme Ataíde Dias, Henry Pôncio Cruz de Oliveira, Isa Maria Freire, Izabel França de Lima, Julianne Teixeira e Silva, Luciana Ferreira da Costa, Lucilene Klênia Rodrigues Bandeira, Luiz Eduardo Ferreira da Silva, Marckson Roberto Ferreira de Sousa, Maria Amélia Teixeira da Silva, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, Maria Meriane Vieira Rocha, Marynice de Medeiros Matos Autran, Patrícia Maria da Silva, Rosa Zuleide Lima de Brito e Wagner Junqueira de Araújo, totalizando 34 (trinta e quatro) docentes. Um número bastante expressivo tendo com bases as décadas anteriores. Na figura 87 apresentamos o registro imagético dos professores que puderam comparecer ao evento:

Figura 87 – Docentes do DCI UFPB (2019)



Fonte: DCI-UFPB, 2024

Na Figura 87, verifica-se pela sequência da identificação os docentes estão organizados, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Gisele Rocha Côrtes; Luiz Eduardo Ferreira da Silva; Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento; Maria Amélia Teixeira da Silva e Danielle Alves de Oliveira. Da esquerda para a direita, no piso: Emeide Nóbrega Duarte; Alzira Karla Araújo da Silva; Edilene Toscano Galdino dos Santos; Eliane Bezerra Paiva; Edna Gomes Pinheiro; Alba Lígia de Almeida Silva; Joana Coeli Ribeiro Garcia; Profa. Ana Cláudia Cruz Córdula; Marynice de Medeiros Matos Autran; Genoveva Batista do Nascimento; Ediane Toscano Galdino de Carvalho; Isa Maria Freire; Maria Meriane Vieira da Rocha; Luciana Ferreira da Costa; Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira; Gracy Kelli Martins Gonçalves; Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque e Rosa Zuleide Lima de Brito.

Pode-se observar que, mesmo após cinco décadas do curso de Biblioteconomia na UFPB, a presença feminina não ocupa apenas às cadeiras das salas de aula, mas se consolida como campo da docência. Isso ocorre porque,

> [...] a inserção das mulheres no curso de biblioteconomia se dá concomitantemente à institucionalização desse curso, na década de 1920. Isso ocorreu porque havia facilidade para ingressar no curso, sendo quase todos oferecidos no turno matutino. Com o sufrágio de 1930, as mulheres passam a ser cidadãs a partir da conquista do voto, o que faz com que seja mais acessível sua inserção na esfera pública, o que de toda forma é um processo

> lento: eram restritos o acesso à educação e ao trabalho (Forrest, 2014, p.36).

Pode-se inferir que a inserção masculina no campo da Biblioteconomia ainda ocorre de forma lenta e gradual, reflexo de questões estruturais e sociais persistentes na sociedade, como o machismo e a discriminação presentes em determinadas áreas do conhecimento, especialmente no universo acadêmico. Alinhando-nos às reflexões de Forrest (2014, p. 39), compartilhamos da perspectiva de que, "[...] em função das mudanças advindas do crescente uso das tecnologias e sua interação com a profissão, foi despertado o interesse dos homens por estas, aumentando o número de profissionais do sexo masculino." Nesse sentido, observa-se um processo gradual de inserção masculina na Biblioteconomia, impulsionado sobretudo pelas transformações tecnológicas que têm reconfigurado as práticas profissionais na área.

4.1 VEREDAS MEMORIAIS DA BIBLIOTECONOMIA NA UFPB: REVELANDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DAS PLACAS DE FORMATURA

O paradigma indiciário traz para o campo das pesquisas uma abordagem singular (Touni, 2010). Nesse sentido, é necessário que o pesquisador mantenha um olhar atento e crítico às metodologias e métodos pré-estabelecidos, principalmente no campo das ciências humanas e sociais. A inserção do método indiciário torna-se fundamental, pois se contrapõe à generalização, objetividade e quantificação, características do modelo positivista da ciência. Entre a diversidade dos suportes informacionais utilizados nesta pesquisa, destacam-se as Placas de Formatura, compreendidas como elementos de representação da informação e de preservação da memória, pois registram informações relevantes sobre o curso, a instituição, o ano de conclusão e os concluintes dos novos profissionais que ingressam no mercado de trabalho. As placas, entretanto, são símbolos de recordação e memória, pois:

> Muito do que se internaliza como memória é fruto da narrativa que faz parte da linguagem humana e se constitui em meio de comunicação desde os primórdios, e assim se compõe essa

> pesquisa: da reunião entre imagem e palavra se articula uma memória coletiva e possivelmente institucional, e um repensar a respeito da configuração da representação do conhecimento em Sistemas de Informação universitários (Mendonça; Pinho, 2016, p. 93).

Entre os caminhos e corredores do CCSA encontram-se expostos verdadeiros acervos, ricos em informação, afixados nas paredes que exibem a história dos cursos e seus atores. Através das informações contidas nas placas é possível, mesmo que de forma subjetiva, capturar situações específicas vivenciadas pelos concluintes naquele momento e a partir de então serem interpretadas sob diversas esferas, como acontecimentos sociais, políticos, educacionais, de gênero, etnia, entre outros. Dessa forma, a placa de formatura torna-se uma grande aliada para a preservação da memória, sobretudo, as memórias coletivas, institucionais e sociais.

Para a composição do acervo das Placas de Formatura do Curso de Biblioteconomia da UFPB, realizou-se uma pesquisa *in loco,* com o objetivo de identificar os dados. A investigação concentrou-se nas turmas concluídas ao longo das cinco décadas que abrangem o cinquentenário do curso, de 1969 a 2019. Durante a coleta dos dados, constatou-se, de forma imediata, a ausência de inúmeras placas, gerando lacunas significativas na memória histórica do curso. Tal constatação despertou a necessidade de investigar as razões por trás desse fenômeno, levando-nos a descobrir que algumas placas foram removidas para reparos, outras se deterioraram ao longo dos anos e algumas permaneceram preservadas, a depender da resistência do material utilizados na sua confecção. As placas ainda expostas, apresentam desgaste da pintura e corrosão causada pela ferrugem. Essas perdas materiais evidenciam a necessidade de uma política de preservação desse acervo tão relevante para a memória da Biblioteconomia Paraibana.

Nessa perspectiva, as veredas Memorialísticas do Curso de Biblioteconomia da UFPB, localizadas no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Bloco I, apresentam uma galeria de placas de todos os cursos oferecidos nesse Centro, juntamente com seus respectivos anos de fundação: Administração (1963), Administração Pública (2013), Arquivologia (2008), Biblioteconomia (1969), Ciência

de Dados para Negócios (2020) , Ciências Atuariais (2010), Ciências Contábeis (1956), Ciências Econômicas (1948), Gestão Pública (2016) e Relações Internacionais (2010).

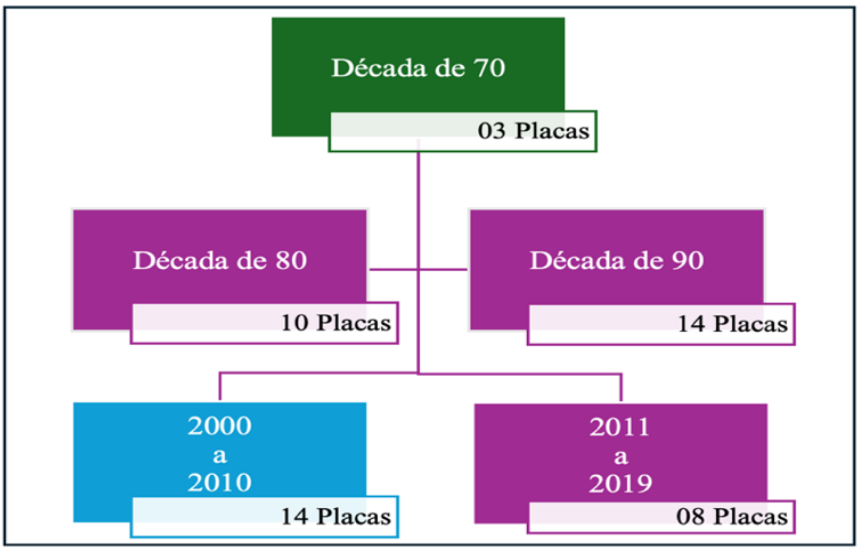
Figura 88- Veredas Memorialísticas da Biblioteconomia na UFPB



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2024

Inicialmente, procedeu-se à localização das placas, organizando-as por décadas e registrando-as por meio de fotografias (registradas pela pesquisadora), considerando que estão afixadas nas paredes dos corredores do CCSA. Posteriormente, as placas localizadas foram organizadas cronologicamente por ano. Ao todo, foram identificadas 48 (quarenta e oito) placas, abrangendo as cinco décadas de 1969 a 2019, como demonstrado na figura 89:

Figura 89 – Categorização das placas por período



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A análise fundamenta-se nas informações contidas nessas placas, com o objetivo de revelar elementos que remetam à história e à memória do curso.

4.2 PLACAS DE FORMATURA COMO REGISTROS MEMORIALÍSTICOS NOS ANOS DE 1970

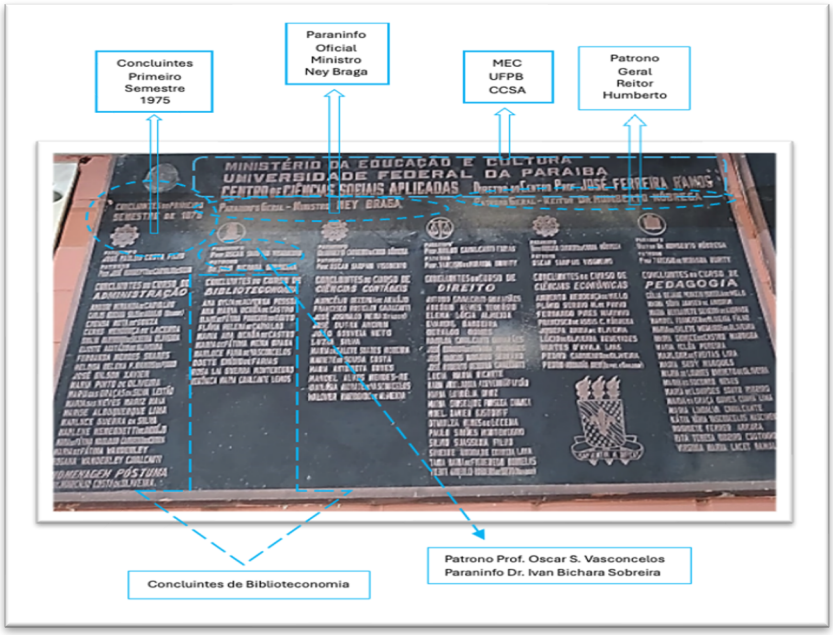
As placas de formatura, mais do que meros registros visuais, constituem importantes elementos de memória coletiva, conforme assegura Lima (2024), especialmente durante a década de 1970. Esse período, marcado por transformações sociais e culturais, conferiu às placas um papel significativo na preservação da história das turmas concluintes, evidenciando valores acadêmicos e o reconhecimento institucional.

Na década de 1970, tais placas ultrapassavam a função de um simples objeto com agrupamento de nomes, incorporando símbolos que refletiam a identidade do curso e a relevância das profissões em formação. Elementos como livros, lâmpadas de Aladim e papiros eram frequentemente utilizados, representando, respectivamente, o conhecimento, a iluminação intelectual e a preservação da cultura. Cada detalhe estético e textual era cuidadosamente elaborado, revelando o compromisso com a valorização do ensino superior. Além disso, essas placas registravam a presença de professores, patronos, paraninfos e outras autoridades acadêmicas e políticas, evidenciando as conexões entre o ambiente universitário e as dinâmicas sociais da época. No caso específico da Biblioteconomia, as placas revelavam, de forma expressiva, a feminização da profissão e a presença das mulheres na formação e no fortalecimento do campo acadêmico e profissional.

Na placa dos concluintes do primeiro semestre de 1975, destaca-se o registro de figuras notáveis, pois entre os anos de 1975 e 1978, a educação superior na Paraíba passou por importantes avanços e colaborações institucionais. Nesse cenário, como Paraninfo Geral da turma, foi homenageado o então Ministro da Educação e Cultura, Dr. Ney Braga, que desempenhou um papel estratégico na formulação e implementação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento das

universidades federais brasileiras, com atenção especial à região Nordeste. Observa-se, ainda, que à época, a hierarquia institucional adotada para a composição do cabeçalho dos documentos obedecia a seguinte ordem: Ministério da Educação e Cultura, Universidade Federal da Paraíba e Centro de Ciências Sociais Aplicadas, como demonstrado na Figura 90, a seguir:

Figura 90 - Placa dos Concluintes do Primeiro Semestre de 1975.1



Fonte: Dados da pesquisa, 2024

O Reitor da UFPB, Dr. Humberto Nóbrega, foi convidado para ser o Patrono Geral dos formandos do CCSA, enquanto o título de Patrono da Turma de Biblioteconomia foi concedido ao Professor Oscar Sampaio Visgueiro, então Pró-Reitor para Assuntos Didáticos na UFPB. O Paraninfo da Turma foi o Dr. Ivan Bichara, figura importante na política paraibana, que, em 1974, foi escolhido indiretamente para o governo do estado da Paraíba por intermédio do Presidente Ernesto Geisel, do então governador Ernani Sátiro e do ex-ministro José Américo de Almeida (Acervo Raro, 2024). Nesse contexto, o desempenho e a influência dessas personalidades, alinhadas às diretrizes do Ministério da Educação, possibilitaram a implementação de ações que impactaram positivamente o desenvolvimento do ensino superior na Paraíba. Esses esforços contribuíram significativamente para o avanço educacional e social do estado, consolidando sua posição no cenário acadêmico nacional. A análise da placa em questão, revela um recorte

interessante, visto que constam registros de vários cursos na mesma placa, o que a torna uma placa coletiva. Nela estão registrados os concluintes de seis cursos: Administração, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito e Pedagogia, sendo este último, um dos cursos que compõe o Centro de Educação localizado ao lado do CCSA e o de Direito que no ano anterior, em 1973 que segundo Gomes (2020):

> Sob os auspícios do governo militar, a UFPB implanta a Reforma Cêntrica e a Faculdade de Direito é extinta, seu Curso de Direito passou a integrar o Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA, juntamente com outros cursos da área de Ciências Humanas; o acervo administrativo, os assentamentos escolares e tudo que se referia a sua memória desde a fundação passou para o Campus I da UFPB.

Desse modo, somente em 1988 "através da portaria nº 90/88, baixada pelo Reitor Antônio de Sousa Sobrinho, é criado o Centro de Ciências Jurídicas, desvinculando o Curso de Direito do Centro de Ciências Sociais Aplicadas" (UFPB, 2007). Verifica-se ainda, que na placa dos concluintes de 1975 há a presença integral de discentes do sexo feminino no curso de Biblioteconomia, a saber: Ana Dylia de Alvarenga Pessoa, Ana Maria Uchôa de Castro, Eliane de Fátima Pinheiro do Egito, Flávia Helena de Carvalho, Maria Ana Uchôa de Castro, Maria de Fátima Meira Braga, Marluce Paiva de Vasconcelos, Odete Emídio de Farias, Rosa Lia Guerra Montenegro e Verônica Maria Cavalcante Lemos. A expressiva presença feminina no Curso nessa época,

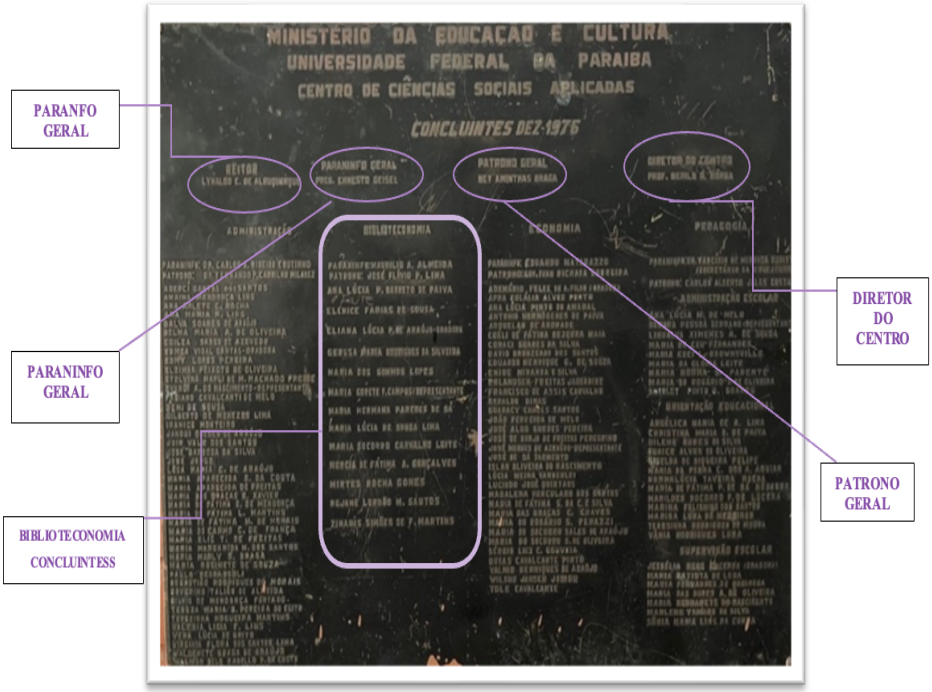
> O curso do Colégio Mackenzie foi o primeiro a adotar tal orientação. Sob a influência da bibliotecária norte-americana Dorothy Muriel Gedds Gropp9 [...] seu currículo possuía disciplinas ligadas à catalogação, classificação e referência. Encerrando suas atividades em 1935, o curso cedeu espaço para um criado pela Prefeitura de São Paulo, sob a administração de Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes [...]. Nesse sentido, refletir sobre a constituição dos currículos de Biblioteconomia dos cursos brasileiros pode ser um dos caminhos para se compreender a constituição da profissão bibliotecária como uma profissão feminina (Pires, 2016, p.40).

Nessa perspectiva, além de ofertarem uma base bem fundamentada no que se refere às questões técnicas da profissão, esses currículos refletem um processo histórico que contribuiu para delinear a percepção da Biblioteconomia como uma

profissão intensamente ligada ao papel feminino na sociedade. Esse vínculo evidencia tanto o protagonismo das mulheres na área, quanto os desafios enfrentados para o reconhecimento pleno de sua relevância no campo acadêmico e profissional, na contemporaneidade. Por tratar-se de um curso totalmente feminino, o quantitativo de concluintes apresentavam um número inferior aos de outros cursos. Nesse caso apenas dez discentes integraram a lista de formandas do primeiro semestre de 1975 na UFPB.

Seguindo para a segunda placa de formatura, ainda na década de 1970, destacamos a dos Concluinte de dezembro de 1976, dos cursos de Administração, Biblioteconomia, Economia e Pedagogia, conforme Figura 91:

Figura 91— Placa dos Concluintes de Dezembro de 1976



Fonte: Dados da pesquisa, 2024

A frugalidade continua sendo uma característica bastante presente em placas dessa época, pois esta foi produzida exclusivamente em metal, com as palavras cravejadas e seguindo a ordem hierárquica institucional: iniciando pelo Ministério da Educação e Cultural, seguida do nome da Universidade e consequentemente do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), ao qual os cursos pertencem. Assim, a placa destaca o Reitor da UFPB, Professor Lynaldo

Cavalcanti de Albuquerque, “Paraibano de Campina Grande, formou-se em Engenharia Civil onde mais tarde se tornaria professor titular, Chefe do Departamento de Estrutura e Construção, Diretor da Escola Politécnica, chegando ao cargo de Reitor da UFPB em 1977”. (CNPQ, 2024). O Paraninfo Geral, o então Presidente Ernesto Geisel, “um dos presidentes do país durante a ditadura militar. Teve papel de destaque no movimento de deposição de João Goulart e assumiu a chefia do gabinete militar do presidente Castelo Branco.” (Memórias [...], 2024). O escolhido para ser o Patrono Geral foi Ney Aminthas Braga, que,

> [...] foi convocado pelo presidente Geisel para compor seu ministério, sendo destinado a Pasta da Educação e Cultura. Voltaria fortalecido a se destacar por medidas inovadoras. Instituiu o Crédito Educativo, o Fundo de Assistência ao Atleta Profissional, o Conselho Nacional de Direitos Autorais, a Política Nacional de Educação Física e Desporto, o Programa Nacional de Pós-Graduação; criou o Concine, a Funarte, enfim, iniciativas modernizantes e objetivas (Vargas; Carneiro, 1994, p.87).

Grandes contribuições no campo da educação foram realizadas pelo Patrono Geral dos concluintes. A placa destaca também o Diretor do CCSA, Berilo Ramos Borba, que era Professor Titular de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas. Os concluintes de Biblioteconomia tiveram como Paraninfo da Turma, Maurílio Augusto de Almeida, formou-se em Medicina pela UFPE em 1950 e, anos depois, fundou a Faculdade de Medicina da UFPB, reconhecido como Professor Emérito. A turma ainda teve como Paraninfo o ilustre José Flavio P. Lima. Os registros na placa confirmam que a turma era constituída exclusivamente por treze (13) mulheres, a saber: Ana Lúcia P. Barreto de Paiva, Elenice Farias de Sousa, Eliana Lúcia P. de Araújo que foi a Oradora de turma, Gerusa Maria Rodrigues da Silveira, Maria dos Santos Lopes, Maria Gorete F. Campos – Representante de turma, Maria Hermana Paredes de Sá, Maria Lucia. De Sousa Lima, Maria Socorro Carvalho Leite, Maria de Fátima A. Gonçalves, Mirtes Rocha Gomes, Rejane Lordão M. Santos e Zinaris Simões de F. Martins.

Dentre o acervo de placas do Curso de Biblioteconomia, apresentamos a última da década de 1970, que permanece afixada no hall do CCSA-UFPB, conforme ilustrado na Figura 92:

Figura 92 – Placa dos Concluintes do Primeiro Período 1977.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa dos concluintes do primeiro semestre de 1977 apresenta elementos novos e simbólicos, como a gravura da Lâmpada de Aladim ao centro, um ícone da biblioteconomia que, desde a antiguidade, representa a incansável vigília nas atividades intelectuais e nas investigações científicas.

A turma de 1977 se destacou pelo número reduzido de formandos, apenas seis (6), em comparação com as turmas de 1975 e 1976. O predomínio do sexo feminino reflete a feminização da Biblioteconomia no Brasil, um fenômeno que ocorreu em paralelo à criação dos cursos destinados à formação de bibliotecárias (Pires, 2016, p. 38). Os formandos de 1977 incluíram Alba Gomes, Gilzete da Silveira, Helenise Assis de Oliveira (representante de turma), Júlia Pereira de Oliveira, Maria Firmino da Silva, Nívia Marta Soares Gomes e Oneide Donato de Souza. Outro ponto de destaque é a inclusão de um elemento inusitado na placa: um espaço dedicado às homenageadas do curso, as professoras Maria de Lourdes de Arruda Melo e Maria Neusa de Marais Costa, cujo trabalho e dedicação marcaram a trajetória da formação em Biblioteconomia. Dessa forma, as placas de formatura da década de 1970 preservaram a memória coletiva e institucional que

marcaram aquele período, constituindo-se hoje em documentos essenciais para compreender e revelar a evolução do ensino no campo da Ciência da Informação.

4.3 MEMÓRIAS REGISTRADAS NAS PLACAS DE FORMATURA NOS ANOS 80

As placas de formatura dos anos 1980 carregam um valor inestimável como registros de memória coletiva, institucional e sobretudo social. Essas peças, geralmente confeccionadas em metal, acompanhadas por bases de mármore, eram cuidadosamente projetadas para capturar a essência das turmas concluintes, perpetuando suas histórias e suas contribuições no âmbito acadêmico. Durante essa década, as placas se consolidaram-se como um reflexo da identidade dos cursos, apresentando, na maioria das vezes, símbolos representativos da profissão, como livros e pergaminhos.

A história das placas referente à década de 1980 está representada em uma coleção de dez (10) peças confeccionadas em metal.

Quadro 1 : Categorização das Placas referente ao Período de 1981 a 1989

ANO	PERÍODO DE CONCLUSÃO	QUANTIDADE
1981	Primeiro Segundo	-- 01
1982	Sem indicação	01
1983	Não localizadas	--
1984	Primeiro Segundo	01 01
1985	Não localizada(s)	--
1986	Primeiro Segundo	01 01
1987	Primeiro Segundo	-- 01
1988	Primeiro Segundo	01 01
1989	Primeiro Segundo	-- 01
TOTAL		**10**

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A primeira placa a inaugurar esse período foi elaborada em formato de livro, um dos símbolos da biblioteconomia, pois representa um dos elementos técnicos trabalhados na profissão. A placa em tela, referente ao período conclusivo do curso de 1981.2, destaca o livro não apenas como símbolo do conhecimento, mas também como o principal instrumento de trabalho do bibliotecário, reforçando sua importância e centralidade na profissão. Do ponto de vista institucional, merece destaque o cabeçalho da placa, que apresenta o nome do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, reafirmando a identidade e a legitimidade acadêmica do curso.

Figura 93 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1981.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Outro aspecto de grande relevância é o expressivo número de 27 mulheres concluintes no segundo semestre de 1981 (Carmem Lúcia Matias da Silva, Celsa Assis Rolim, Cilene Freire Alves, Dalvanira Araújo Moreira, Edleuza Mirian Borges Cavalcante, Eliana de Fátima de Alcântara Paiva, Eliane de Fátima Ramalho Jales,

Francisca de Assis Casimiro, Ivone dos Santos, Josefa Cristina Gonçalves da Silva, Josefa Maria do Socorro, Lina do Socorro Ataíde de Melo, Maria Aparecida Lima Costa, Maria das Mercês Albuquerque M. Bezerril, Maria de Fátima Lira, Maria do Socorro Moura Bezerra, Maria Eliete Nóbrega, Maria José de Lima Lucena, Maria Lusinete de Melo Guerra, Marlene da Cunha Marques, Mirian do Egito Andrade, Nilda Dantas de Miranda, Porcina Formiga dos Santos, Rildeci Medeiros, Sirleide Rodrigues Chaves, Tânica Virgínia B. do Nascimento e Wilza da Costa Ramalho – Representante da Turma), refletindo a predominância feminina na área e a significativa presença das mulheres na formação bibliotecária.

As placas também registravam as homenagens prestadas a professores, patronos, paraninfos e outras figuras relevantes, destacando a relação de respeito e gratidão entre alunos e mestres. Ao mesmo tempo, esses artefatos marcavam as especificidades de cada turma, como suas composições e perfil dos discentes, o número de formandos e outros aspectos ímpares. As autoridades mencionadas na placa dos concluintes de 1981.2 incluem: Reitor (Berilo Ramos Borba,) o Diretor do CCSA (Wilson Guedes Marinho), a Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (Jerusa Lyra de Lucena) que foi uma das primeiras docentes do Curso, e a Coordenadora (Walkiria Toledo de Araújo). Entre os homenageados, destacam-se: Celso Furtado, renomado economista e intelectual brasileiro, como Paraninfo; Paulo de Tarso Benevides Gadelha como Patrono Geral; Dom José Maria Pires (Arcebispo da Paraíba durante os anos de 1966 a 1995) como Patrono da Turma; e Edna Maria Torreão Brito como Madrinha. Desse modo, as placas não apenas gravavam as homenagens destacando a relação de respeito e gratidão entre alunos, mestres e pessoas de destaque na sociedade, mas também reforçavam as especificidades de cada turma, como suas composições de gênero, a quantidade de formandos e até os desafios superados ao longo do percurso acadêmico.

Figura 94 - Placa dos Concluintes de 1982



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa dos concluintes de Biblioteconomia referente ao ano de 1982, elaborada com metal, apresenta como elemento de destaque o papiro e a lâmpada de Aladim, elementos que representam os pilares da profissão do bibliotecário: o papiro, por ser o registro do conhecimento, e a lâmpada, pela iluminação do saber. Outro ponto marcante na placa é o nome da turma, que tradicionalmente homenageia um professor, evidenciando o reconhecimento e a gratidão dos formandos por aqueles que contribuíram para a formação dos bibliotecários. Assim, a turma homenageou a professora Dijane de Oliveira Borba. Seguindo o registro das autoridades registradas na placa, destacamos: Reitor (Berilo Ramos Borba) Diretor do CCSA (Wilson Guedes Marinho), a Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (Jeruza Lyra de Lucena), a Coordenadora do Curso (Walkíria Toledo de Araújo). Como Paraninfo (Manoel Marleno Barros), Patronos (José Silvino Sobrinho e Inácio Pedrosa Sobrinho). A Madrinha da turma foi a Professora Rachel Joffily Abath que:

> [...] foi uma importante decana da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil que viveu intensamente a academia. Como dito por seu filho André, professora Rachel se graduou em Biblioteconomia pelo antigo curso da Biblioteca Nacional e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mais tarde, realizou Mestrado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba e PhD em Políticas Sociais pela University of Manchester, Inglaterra. [...] Da Universidade Federal da Paraíba foi professora durante 24 anos, entre os anos de 1979 e 2003, até quando se aposentou nesta instituição [...] (Costa et al., 2012, p.53).

A professora Rachel Joffily Abath, dedicou-se intensamente ao ensino, à pesquisa e à extensão durante seu período como docente na UFPB, além de ter desempenhado funções administrativas na instituição. Destacou-se também como

> Coordenadora do 1º curso de Mestrado em Biblioteconomia das Regiões Norte e Nordeste do Brasil, entre os anos de 1987 a 1993, da Universidade Federal da Paraíba. Nessa época, sob sua coordenação este curso chegou ao seu maior conceito, classificado como B+ pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, organismo vinculado ao Ministério de Educação do Governo do Brasil (Costa *et al.*, 2012, p. 54).

Além das informações em destaque, a placa exibe a terminologia "Bibliotecônomos", amplamente utilizada na área até o final dos anos de 1980. O registro apresenta vinte e três concluintes, dos quais apenas um é do sexo masculino: o formando Hamilton Queiroz de Andrade. Nesse contexto, as placas adquiriram um caráter memorialístico ainda mais evidente, tornando-se não apenas objetos físicos, mas verdadeiros marcos históricos, capazes de preservar memórias de um período singular. A seguir, serão destacadas as placas dos concluintes do Primeiro e Segundo Períodos do ano de 1984.

Figura 95 – Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1984.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa referente ao período de 1984.1 mantém o padrão de composição estabelecido desde a década anterior. Confeccionada predominantemente em metal, apresenta uma estética minimalista, com poucos elementos textuais e ilustrativos. Entre os símbolos que compõem sua estrutura, destacam-se a ilustração de um livro aberto e a lâmpada de Aladim, ambos recorrentes em placas de formatura anteriores. Esses elementos reforçam a simbologia da busca pelo conhecimento e da preservação do saber, características marcantes da profissão de bibliotecário.

Entre as personalidades presentes e homenageadas, destaca-se o Paraninfo da Turma, Severino Maroja, político de destaque no estado da Paraíba e Prefeito do município de Santa Rita, região metropolitana de João Pessoa (PB), demonstrando as relações políticas e sociais presentes entre a universidade e a sociedade. Desse modo, a turma teve como Madrinha, a Professora Francisca Arruda Ramalho, que:

> [...] fez sua carreira docente na capital do estado, em João Pessoa, ingressando como Professora no antigo Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB em 1977(COSTA;

> SUAIDEN, 2014). Aposentou-se por duas vezes pela UFPB. Na primeira vez, retornou ao trabalho no atual Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPB através da transferência de vaga por aprovação em concurso público na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). (Costa, 2019, p.148)

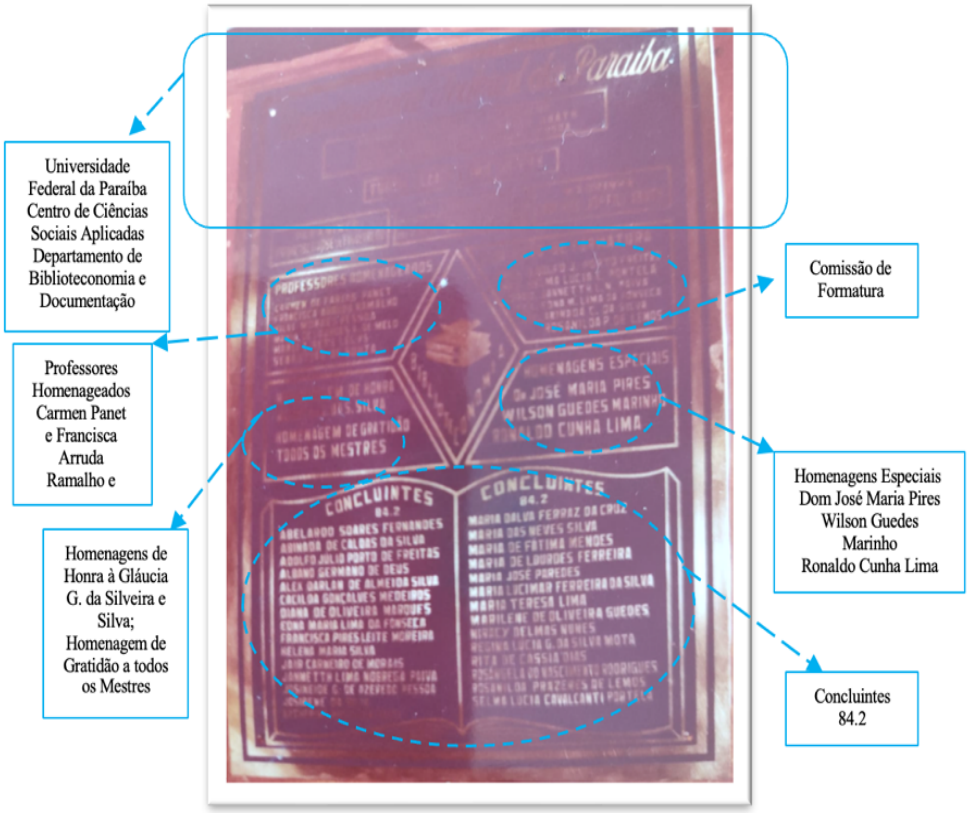
Desse modo, a professora Francisca Arruda Ramalho contribui significativa para o desenvolvimento do curso de Biblioteconomia na Paraíba e no Brasil. Como Patrona da Turma de 1984, foi convidada a professora Maria de Lourdes de Arruda Melo, que também lecionou por muitos anos no curso ,até sua aposentadoria. Além disso, outros professores foram homenageados como forma de agradecimento pelo compartilhamento e troca de saberes durante a graduação, como: Dijane de Oliveira Borba, Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, Hilva Moraes Pessoa, Maria Lizete Lelys, Sebastião de Souza, Walkíria Toledo de Araújo e Carmem de Farias Panet.

Seguindo o perfil do Curso de Biblioteconomia da UFPB quanto ao sexo (no sentido biológico) dos discentes, a turma de 1984.1 era composta por onze (11) concluintes, dos quais apenas um (01) era do sexo masculino: Agamenon Ramalho Palitot. Nesse aspecto, Pires (2016, p.30) corrobora ao destacar que: “as fronteiras entre profissões masculinas e femininas vêm sendo quebradas e diminuídas, como no caso da Biblioteconomia.” Portanto, a composição da turma evidencia a relevância de uma transformação social, apontando para um futuro de maior igualdade e diversidade na Biblioteconomia.

A segunda placa do mesmo ano, refere-se à turma do Período 1984.2, conforme pode ser observado na Figura 96. Os concluintes desse período registraram, por meio das informações contidas na placa de formatura, suas vivências sociais, políticas e religiosas ao homenagear personalidades como: o Diretor do CCSA-UFPB, Professor Wilson Guedes Marinho; o político Ronaldo Cunha Lima, que na época exercia o cargo de prefeito de Campina Grande (Paraíba) durante o mandato de 1983-1989; e o Arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires. Além disso, algumas professoras do curso também receberam homenagens especiais em reconhecimento e gratidão, conforme explicitado na placa. Destaca-se, entretanto, que a referida placa não foi localizada nas galerias do CCSA-UFPB.

Contudo, foi possível acessar o álbum de formatura de um dos concluintes da turma, Alex Darlan de Almeida Silva, permitindo a reprodução da fotografia. Apesar disso, a imagem registrada no álbum apresenta baixa qualidade de impressão, o que compromete a visualização dos detalhes e dificulta a identificação de outras informações relevantes contidas na placa.

Figura 96 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1984.2



Fonte: Dados da pesquisa, (2024)

Alguns nomes dos formandos de 1984.2 identificados foram: Abelardo Soares Fernandes, Abinadá de Caldas da Silva, Adolfo Júlio Porto de Freitas, Albano Germano de Deus, Alex Darlan de Almeida Silva, Cacilda Gonçalves Medeiros, Diana de Oliveira Marques, Edna Maria Lima da Fonseca, Francisca Pires Leite Moreira, Helena Maria Silva, [...], Maria Dalva Ferraz da Crus, Maria das Neves Silva. Maria de Fátima Mendes, Maria de Lourdes Ferreira, Maria José Paredes, Maria Lucimar Ferreira da Silva, Maria Tereza Lima, Marilene de Oliveira Guedes, Miracy Belmas Nunes, Regina Lúcia da Silveira Mota, Rita de Cássia Dias, Rosangela do

Nascimento Rodrigues e Selma Lúcia Cavalcanti Portela. Observa-se, ainda, a predominância do público feminino.

Um aspecto relevante a ser ressaltado é a trajetória do formando *Adolfo Júlio Porto de Freitas*. Após concluir o curso, além de atuar como bibliotecário em diversas instituições na cidade de João Pessoa, direcionou sua carreira para a docência, sendo aprovado em concurso público para o Magistério Superior na UFPB. Desse modo, tornou-se professor do Curso de Biblioteconomia da UFPB, colaborou significativamente, ao longo de décadas, para a formação de novos bibliotecários.

Ao analisarmos a placa do Período 1986.1, observa-se que os concluintes seguem a inspiração das turmas anteriores, trazendo como símbolo principal o livro aberto na placa de formatura, conforme Figura 97:

Figura 97 – Placas dos Concluintes do Primeiro Período de 1986.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A Figura 97 remete ao pensamento do historiador e filósofo iluminista francês Voltaire, afirmando que: "Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora." Nota-se que a placa em questão apresenta algumas características que a diferenciam da turma anterior, a começar pelo número reduzido de

formandos, totalizando apenas oito: Alda Lopes de Lacerda, Carme Alice Gomes Schimmelpfeng, Edileuza Câmara Calazans, Elisabete Sirino da Silva, Jande Cavalcanti Queiroz, Kátia Gomes Lourenço, Sônia Duarte de Carvalho e Verônica de Lourdes Uchoa Rezende.

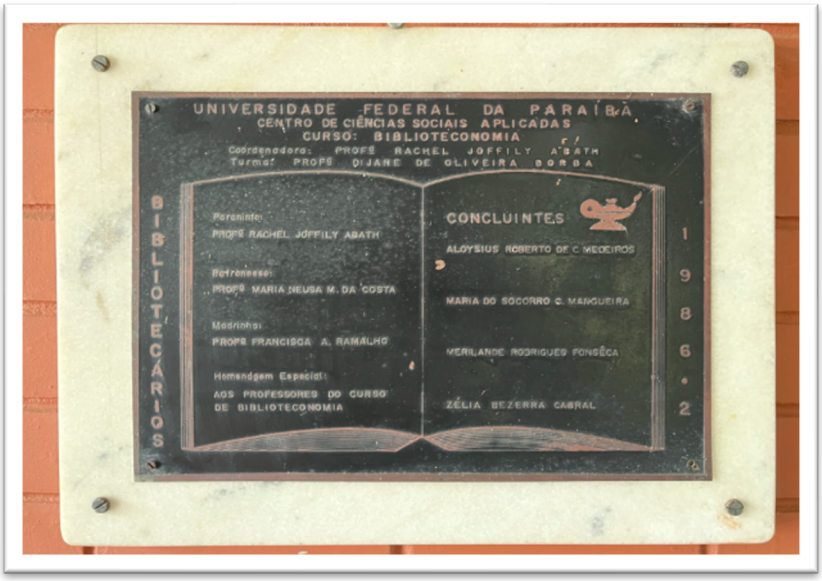
Os concluintes da turma 1986.1 prestaram homenagens a alguns políticos da época, concedendo-lhes o título de Paraninfos: os deputados Afrânio Bezerra e Aluízio Campos. Como Padrinho da turma, foi escolhido o deputado Roberto Paulino. Destaca-se, ainda, a presença significativa de religiosos convidados para serem homenageados pelos concluintes desse período. Nessa turma, sobressai Dom Helder Câmara, que foi nomeado Patrono Geral. A relevância de Dom Helder é ressaltada por Condini ao frisar:

> Ele que foi, ao mesmo tempo, um religioso, um poeta, um profeta, que construiu ao longo da história do século XX um modelo e uma pedagogia da esperança para os excluídos sociais. Este homem tornou-se, com sua luta, a voz dos que não têm voz no Brasil e na América Latina; um nome de referência mundial quando se trata dos direitos humanos. Sua vida religiosa, desde sua ordenação em 1922, em Fortaleza, até o final do seu bispado, em 1985, como Arcebispo de Olinda e Recife, foi caracterizada pelo aspecto polêmico de sua postura política e religiosa, diante da realidade de cada época (Condini, 2004, p. 11).

Dom Hélder Câmara dedicava-se às causas sociais e à defesa dos menos favorecidos, sendo uma figura extremamente influente por muitos anos. Além de sua trajetória religiosa, destacou-se como poeta e compartilhava das ideias de Paulo Freire, promovendo uma pedagogia da esperança voltada para os mais necessitados. O uso de expressões como 'voz dos que não têm voz' reforça seu caráter engajado e transformador na luta por justiça social no Brasil e na América Latina.

Na placa dos concluintes do Segundo Período de 1986.2, observa-se um número reduzido de formandos, totalizando apenas quatro, dos quais apenas um é do sexo masculino (Aloysius Roberto de C. Medeiros), enquanto as demais são mulheres: Maria do Socorro Mangueira e Marilande Rodrigues Fonsêca. A placa mantém os elementos simbólicos da profissão, presentes em turmas anteriores, como pode ser observado na Figura 98:

Figura 98 – Placas dos Concluintes do Segundo Período 1986.2

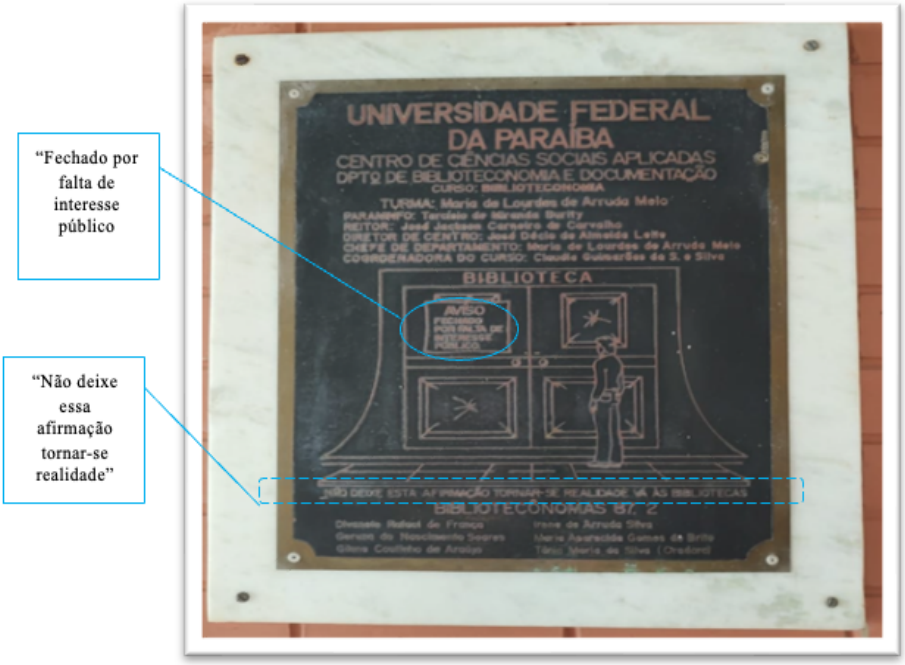


Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A turma 1986.2 prestou homenagens especiais a todos os professores do curso de Biblioteconomia, destacando como Paraninfa a Professora Rachel Joffily Abath, a Patronesse Professora Gerusa Neusa M. da Costa e a Madrinha Professora Francisca Arruda Ramalho.

Partindo para a placa dos formandos da Turma 1987.2, através da Figura 99, destaca-se um aspecto peculiar: a presença de uma reivindicação expressa pelos concluintes. No canto superior esquerdo da art,e criada exclusivamente para essa turma, lê-se a frase: “AVISO — Fechado por falta de interesse público”, evidenciando uma crítica marcante. Entende-se que o objetivo era retratar situações de descaso em que, supostamente, as bibliotecas públicas se encontravam naquele ano. A imagem de um indivíduo chegando a uma biblioteca e encontrando as portas fechadas simboliza desafios e dificuldades estruturais como a falta de infraestrutura, de materiais de trabalho e a escassez de bibliotecários, comprometendo o funcionamento da biblioteca. Por outro lado, há indícios de que, dentro dessa mesma biblioteca, existiam pessoas engajadas na luta por seu pleno funcionamento. Os concluintes desse período associam-se a essa causa, clamando por atenção da sociedade e, consequentemente, do poder público.

Figura 99 - Placa dos Concluintes do Segundo Período 1987.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

No rodapé da arte projetada na placa, que representa a imagem de uma calçada, lê-se outra frase de protesto: "Não deixe essa afirmação tornar-se realidade. Vá às bibliotecas." Esse apelo sugere que a responsabilidade pelo socorro se estende também aos próprios usuários, incentivando-os a frequentar as bibliotecas e, assim, pressionar o poder público a atender às reivindicações e reparar os problemas identificados.

Nos anos 1980, os alunos do curso de Biblioteconomia já demonstravam preocupação e interesse em reivindicar melhores condições na própria instituição que oferecia o curso. Buscavam a inclusão de laboratórios e bibliotecas para aprimorar suas aulas práticas e estágios, além de se envolverem em ações em prol de melhorias para os profissionais já inseridos no mercado de trabalho. Podemos destacar ainda outros pontos relevantes na placa como o número reduzido de apenas seis formandos. Durante algumas décadas, o curso de Biblioteconomia apresentou grande oscilação no número de egressos, geralmente inferior ao de outros cursos do mesmo centro de ensino, como Contabilidade, Administração e Economia. Esses cursos, por sua vez, registravam um número significativamente maior de concluintes em seus eventos de formatura. Vale ressaltar que, como as

cerimonias de colação de grau ocorriam nos mesmos períodos, nas mesmas datas e no mesmo auditório, essas diferenças no quantitativo de formandos entre os cursos tornam-se mais evidentes.

Sobre as autoridades escolhidas para compor a placa de formatura dos concluintes do segundo período de 1987, destacam-se: Tarcísio de Miranda Burity, Governador da Paraíba entre 1987 e 1991; José Jackson Carneiro de Carvalho, Reitor da UFPB; José Décio de Almeida Leite, Diretor do CCSA-UFPB; Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, Coordenadora do Curso de Biblioteconomia; e Maria de Lourdes de Arruda Melo, chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, que também foi homenageada pela turma, dando seu nome à placa.

Na análise da Figura 100, observa-se que a arte criada para a placa de formatura da Turma 1988.1 tem como destaque um leitor com um livro aberto, representando a busca pelo conhecimento. Ao contemplar a arte na placa, somos convidados a refletir, através da simbologia do livro aberto à frente da face do leitor, que:

> Disponibilizar informação é promover a geração de conhecimento, que por sua vez produzirá mais informação e assim sucessivamente; somente com uma política nacional de desenvolvimento em ciência e tecnologia, mas não só a partir dela, viabilizar-se-á manutenção desse fluxo (Xavier; Costa, 2010, p. 80).

A disseminação da informação para a geração de conhecimento é uma responsabilidade intrínseca à prática biblioteconômica. A mensagem implícita na placa sugere que o compartilhamento e o acesso à informação desempenham um papel fundamental na aquisição de novos saberes, impulsionando o desenvolvimento científico. Além disso, a arte da placa indica a necessidade de políticas públicas que apoiem os Centros de Documentação e diversas especialidades de bibliotecas, com destaque para as públicas e escolares. Por outro lado, os bibliotecários, como agentes transformadores nesses espaços de informação, têm um papel essencial na garantia do direito ao acesso à informação. Nesse sentido, o esforço coletivo e a responsabilidade compartilhada tornam-se

primordiais para assegurar que as bibliotecas cumpram seu papel na sociedade, promovendo a inclusão e o desenvolvimento intelectual.

Figura 100 – Placas dos Concluintes do Primeiro Período 1988.1



Fonte: dados da pesquisa (2024)

A placa da Turma 1988.1, que homenageia a Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, apresenta também como destaques os nomes do Professor José Jackson Carneiro de Carvalho (Reitor), do Professor José Dércio de Almeida Leite (Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas) e da própria Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, na condição de coordenadora do Curso de Biblioteconomia. Como Patrono, os concluintes convidaram o Engenheiro Haroldo Coutinho de Lucena, à época vice-governador do Estado da Paraíba, e como Paraninfo, Severino Maroja, então prefeito da cidade de Santa Rita – PB. A turma teve a honra de contar com o Professor Antônio de Sousa Sobrinho como Padrinho. Outros nomes de relevância não puderam ser identificados devido ao desgaste e aos efeitos do tempo sobre o material da placa, comprometendo a integridade de parte das informações gravadas.

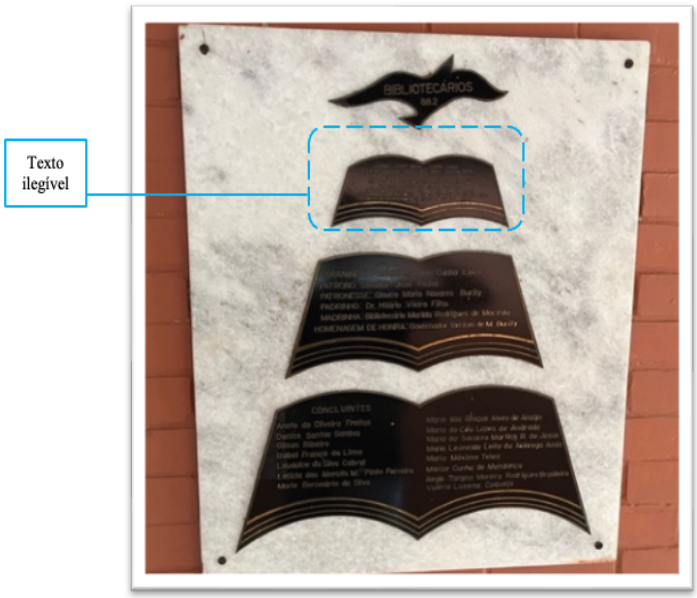
Ainda imersos nos voos e viagens que um livro aberto nos proporciona por meio da leitura, apresentamos a placa dos formandos do Segundo Período de 1988.2 conforme ilustrado na figura 101. Ao direcionarmos o olhar para a placa, percebe-se uma mensagem subliminar transmitida por meio da representação de

livros abertos, sugerindo caminhos a serem explorados através da leitura. Nesse contexto,

> Sabendo-se que a leitura possui um valor essencial para manter a sociedade civilizada e, ainda que o seu entendimento possa pressupor uma ação capaz de promover mudanças pessoais, e ainda a sua aquisição, aparentemente simples, varia de pessoa para pessoa, dependendo da capacidade cognitiva de cada pessoa, saber ler se constitui em uma ação capaz de romper os limites do texto para cocriar novas possibilidades de interpretação da narrativa (Novo; Lins; Santos, 2022, p.88).

No topo da composição, a imagem de um pássaro em pleno voo simboliza a expansão do conhecimento, permitindo que o leitor, metaforicamente, ganhe asas. Essa construção visual reforça a ideia de que a leitura é um processo dinâmico e transformador, conectando o indivíduo ao universo do saber científico e cultural. Mais do que um simples ato de decodificação de palavras, a leitura transcende as barreiras simbólicas e tem o poder de impactar a sociedade e seus sujeitos.

Figura 101 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1988.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Além disso, destaca-se o papel do bibliotecário como agente essencial nesses ambientes de acesso à informação. Especialmente nas bibliotecas escolares, ele atua não apenas como guardião do acervo e desenvolve trabalhos

técnicos, mas também como mediador da leitura, incentivando o pensamento crítico e promovendo o engajamento dos leitores com o conhecimento. Portanto, o bibliotecário:

> Tem duas funções primordiais: a primeira a educativa e a segunda a cultural. A educativa é um instrumento de autoeducação, utiliza o livro como o método de interação, a biblioteca, a informação e a busca do conhecimento. A cultural oferece o complemento da educação formal por meio de múltiplas possibilidades de leitura, ampliação de conhecimentos e deias do mundo em os alunos das bibliotecas escolares estão inseridos (Vieira, 2012, p.20).

Assim, entendemos que os concluintes dessa turma já demonstravam uma preocupação ativa com iniciativas dessa natureza, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento intelectual e a formação crítica dos usuários. Ainda sobre essa placa, ressaltamos que as informações nela registradas estão se deteriorando, o que dificulta sua interpretação e reconhecimento.

Ao avançarmos para o ano de 1989, apresentamos a placa dos concluintes do Segundo Período, que exibe um gráfico de barras, simbolizando crescimento. Nesse contexto, o gráfico destaca o símbolo do diploma, representando um dos degraus conquistados ao longo da jornada acadêmica, como podemos observar na figura 102:

Figura 102- Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1989.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na placa em questão, lê-se a frase: “*somos contribuidores dessa evolução*”. Nesse contexto, para além da evolução do profissional,

> é preciso buscar apoio em função de mudanças políticas das instituições, a necessidade do bibliotecário em provocar o surgimento de parceiros capazes de assimilar suas ideias e levar o projeto ao alcance de seus objetivos, da necessidade de se criar grupos de pesquisa para analisar tendências, desejos, necessidades na biblioteca, da importância da capacidade de liderança para criar, propor, participar, se tornar visível para a comunidade [...] (Lindemann; Spudeit; Corrêa, 2016, p.708-709).

Desse modo, o sentimento expresso na frase "*somos contribuidores dessa evolução*" reflete também uma responsabilidade coletiva e um avanço não apenas profissional, mas a contribuição que o bibliotecário oferece na sociedade contemporânea. Assim, o termo "contribuidores" enfatiza o papel ativo daqueles que participam do desenvolvimento, enquanto "evolução" sugere um processo contínuo de melhorias e transformações. Essa construção textual pode ser aplicada a diversos âmbitos e campos da ciência, evidenciando que a mudança não ocorre de forma isolada, mas sim por meio do engajamento conjunto de profissionais e indivíduos comprometidos com o avanço.

Enfatizamos aspectos relevantes que a placa dos formandos do período 1989.2 nos revela: a Turma “Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva” é composta por dezesseis mulheres, o que corrobora com a constatação de que “nos cursos mais antigos há uma explosão do número de mulheres bibliotecárias na segunda e terceira décadas de funcionamento dos mesmos [...] e a explosão ocorre na década de 1960 e 1970” (Pires, 2016, p. 79-81).

Além do gráfico presente na placa, outra inovação registrada é a menção à Aula da Saudade, uma tradição nas cerimônias de formatura. Esse momento especial permite que os concluintes convidem um professor para ministrar a última aula do curso, revivendo memórias marcantes da trajetória acadêmica. Assim, a turma da Professora Gláucia Guimarães, como era chamada, escolheu os seguintes docentes para Aula da Saudade: Carmen de Farias Panet, Edna Maria Torreão Brito, Dulce Amélia de Brito Neves e Gláucia Guimarães da Silveira e Silva. Como Patrono, Marconi Timótheo de Souza (Chefe de Gabinete da Reitoria),

Professor da UFPB (Hilário Vieira Filho), Diretor do CCSA-UFPB e Padrinho da Turma (Professor Fenelon Medeiros Filho), Chefia do Departamento de Biblioteconomia (Djane de Oliveira Borba) e Professor Antônio de Souza Sobrinho (Reitor).

Encerrando a década de 1980, a próxima seção, dará destaque às memórias preservadas nas placas de formatura dos anos 1990.

4.4 PLACAS DE FORMATURA COMO OBJETOS DE MEMÓRIAS NOS ANOS DE 1990

Ao explorarmos as narrativas e memórias registradas nas placas de formatura dos anos 1990, percebe-se que a memória se configura como um elemento essencial da identidade coletiva. A interação entre os indivíduos não apenas assegura a continuidade dessas lembranças, mas também possibilita a ressignificação e reconstrução de narrativas compartilhadas. Nesse entendimento,

> A memória pode ser interpretada como reminiscências do passado onde surgem no presente, no pensamento de cada sujeito, ou como forma da nossa capacidade de guardar quantidade de informações de fatos que foram vividos no passado, devido ao nosso convívio social com outras pessoas, a nossa lembrança necessita de uma comunidade afetiva (Peres, 2021, p. 73).

A memória, nesse contexto, não se configura como um repositório individual, mas um espaço onde as experiências do passado ressurgem no presente, moldadas pelas interações pessoais, coletivas e sociais.

A galeria de placas de formatura da década de 1990, abrangendo o período de 1990 a 1999, deveria contar com vinte placas, considerando que cada ano letivo é dividido em dois períodos, nos quais ocorrem as solenidades de formatura e colação de grau. Nesse contexto, foram localizadas treze placas, como explicitado:

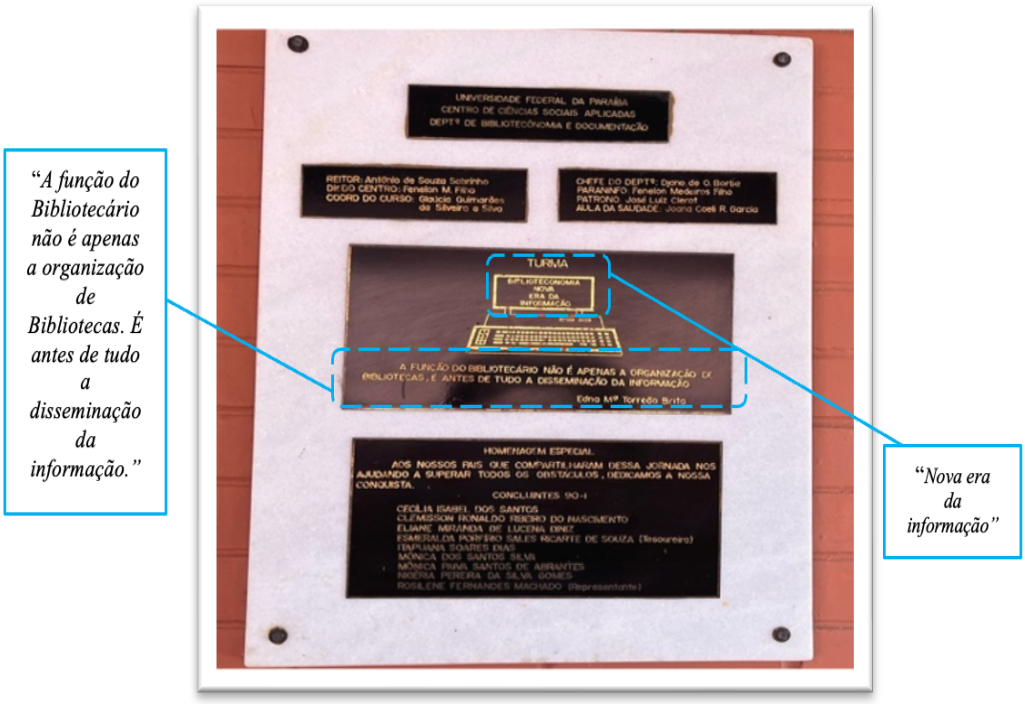
Quadro 2 : Categorização das Placas referente ao Período de 1990 a 1999

ANO	PERÍODO DE CONCLUSÃO	QUANTIDADE
1990	Primeiro Segundo	01 --
1991	Primeiro Segundo	01 --
1992	Primeiro Segundo	01 --
1993	Primeiro Segundo	-- 01
1994	Primeiro Segundo	01 --
1995	Primeiro Segundo	-- 01
1996	Primeiro Segundo	01 --
1997	Primeiro Segundo	01 01
1998	Primeiro Segundo	01 01
1999	Primeiro Segundo	01 01
TOTAL		**13**

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A primeira turma de concluintes da década de 1990, referente ao Primeiro Período e intitulada “Nova Era da Informação”, era composta por nove mulheres e apenas um homem. A placa que marca o início dessa década destaca a inserção das tecnologias na Biblioteconomia. Nela, observa-se, pela primeira vez desde a década de 1970, a representação de um computador com tela e teclado visíveis. Nesse contexto, o início dos anos 1990 foi marcado por uma explosão da informação e das tecnologias no Brasil. A partir de então, novas perspectivas para a área da Biblioteconomia começaram a emergir, como bem destacou Murilo Bastos da Cunha naquela década:

Figura 103 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período 1990.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

No início dos anos 1990, ocorreu uma explosão da informação e das tecnologias no Brasil. A partir de então, novas perspectivas na área da biblioteconomia começaram a emergirr, como bem destacou Murilo Bastos da Cunha naquela década:

> O advento das novas tecnologias de informação tem mudado, consideravelmente, o peso relativo das publicações impressas em relação aos outros suportes de informação, no que diz respeito ao processo global de difusão dos conhecimentos (Cunha, 1996, p. 182).

Entretanto, o autor já antecipava um cenário digital em expansão, com novas perspectivas para o desenvolvimento das coleções e para a diversificação dos suportes informacionais. No mesmo período, ocorreu a chamada "explosão bibliográfica" impulsionada pelos periódicos científicos eletrônicos. Assim, Ida Regina Chitto Sumpf corrobora ao frisar que:

> A grande mudança, no entanto, está ocorrendo nesta década de 90, por meio das redes de telecomunicações para a transmissão eletrônica. Como as revistas publicadas neste formato ainda estão em um estágio inicial de desenvolvimento, muitos padrões, procedimentos e possibilidades ainda não estão definidos ou questionados quanto à sua validade [...]. Os leitores, em seus próprios computadores pessoais, acoplados a um modem para utilização das linhas telefônicas, acessam rapidamente a homepage da revista que querem consultar, a lista de autores, de artigos, os resumos e o texto integral, de acordo com suas necessidades (Stumpf, 1996, p.6).

Nesse sentido, os concluintes da turma 1990.1 já se preparavam para ingressar na era da Tecnologia da Informação aplicada à área de Biblioteconomia. Uma frase marcante da Professora Edna Maria Torreão de Brito, presente na placa de formatura, reforça essa ideia ao destacar que: "*A função do Bibliotecário não é apenas a organização de Bibliotecas. É antes de tudo a disseminação da informação."* Essa afirmação enfatiza que o profissional possui inúmeras competências, e que sua atuação vai além das funções técnicas.

A placa apresenta ainda o Reitor, Professor Antônio de Souza Sobrinho, o Diretor do Centro (CCSA-UFPB)e Paraninfo, Professor Fenelon M. Filho, A Coordenadora do Curso de Biblioteconomia, Professora Gláucia Guimaraes da Silveira e Silva, A chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Professora Djane Borba. A Aula da Saudade foi ministrada pela Professora Joana Coeli Ribeiro Garcia e o Patrono, o professor José Luiz Clerot.

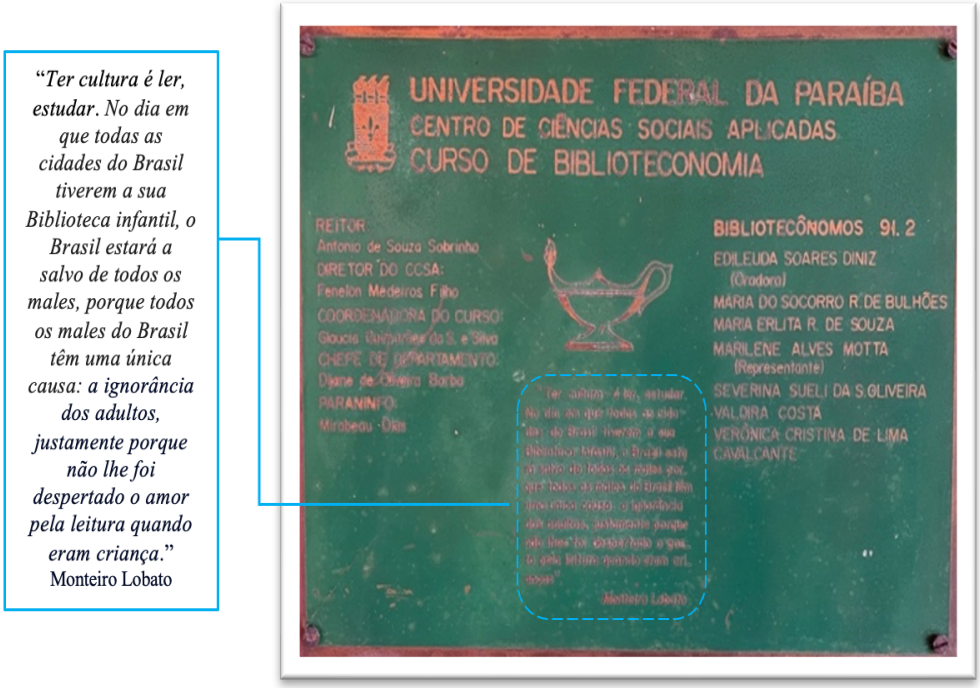
Continuamente, trazemos para a discussão a placa da Turma do Segundo Período de 1991, Figura 104. Sua arte é original e remete a modelos de décadas anteriores, destacando a Lâmpada de Aladim, símbolo já mencionado anteriormente. No entanto, os concluintes dessa turma deram ênfase especial a um pensamento de Monteiro Lobato, trazendo -o para reflexão e debate:

> *Ter cultura é ler, estudar. No dia em que todas as cidades do Brasil tiverem a sua Biblioteca infantil, o Brasil estará a salvo de todos os males, porque todos os males do Brasil têm uma única causa: a ignorância dos adultos, justamente porque não lhe foi despertado o amor pela leitura quando eram criança*." Lobato enfatiza que o futuro do Brasil depende de uma base sólida alicerçada em quatro pilares desde a infância: educação, cultura, leitura e bibliotecas.

> Ele também destaca que a ausência desses elementos contribui para os desafios sociais, políticos e econômicos do país. (Monteiro Lobato, [s.d.]

Um detalhe que chama a atenção na Figura 104, além do número reduzido de concluintes (apenas sete), é a presença de Edileuda Soares Diniz, que foi a oradora da turma. Após alguns anos dedicando-se à atuação como bibliotecária, ela seguiu uma trajetória de excelência e, certo tempo depois, passou a integrar o quadro de docentes efetivos do Curso de Biblioteconomia da UFPB.

Figura 104 - Placa dos Concluintes do Segundo Período 1991.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Por fim, a placa 91.2 destaca ainda Professor Antônio de Souza Sobrinho (Reitor), o Diretor do Centro (CCSA-UFPB) Professor Fenelon M. Filho, a Coordenadora do Curso de Biblioteconomia, Professora Gláucia Guimaraes da Silveira e Silva, A chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Professora Djane de Oliveira Borba e o Paraninfo, Professor Mirabeau Dias.

Em relação as placas do ano posterior, é importante frisar que algumas placas que registram a história do Curso de Biblioteconomia e da sua Instituição,

além de sofrerem com os efeitos do tempo, também não estão disponíveis ou afixadas nas estruturas físicas do CCSA-UFPB por diversos motivs. Assim, a placa da *Turma: Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva*, referente ao ano de 1992, está em processo de apagamento. Dessa forma,

> Os lugares da memória podem ser comparados à memória de longo alcance, graças à preservação de seus suportes materiais. Assim, a Ciência da Informação "esqueceu-se" que o esquecimento faz parte da memória, pois o paradigma da área é uma extensão da materialidade dos livros, dos textos e do signo fixo e territorializado (Monteiro; Carelli, 2007, p.2).

Contudo, as placas de formatura são elementos concretos de memória que, com o passar dos anos, estão sujeitas ao apagamento, como pode ser verificado na Figura 105:

Figura 105 – Placa dos Concluintes do Primeiro Período 1992.1



Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

No entanto, não se pode descartar a possibilidade de que esse apagamento tenha sido motivado por questões políticas, sociais ou institucionais. Afinal, muitos

dos homenageados pelas turmas concluintes são figuras influentes e de destaque, tanto dentro da própria instituição quanto na sociedade paraibana.

Não é possível identificar com clareza, nessa placa, os nomes dos nove formandos. No entanto, o espaço destinado aos registros dos homenageados permanece preservado, permitindo sua transcrição: Reitor (Antônio de Souza Sobrinho), Diretor do CCSA-UFPB e Padrinho (Fenelon Medeiros Filho), Chefe de Departamento de Biblioteconomia (Djane de Oliveira Borba), Coordenadora do Curso (Gláucia Guimarães da Silveira e Silva), Paraninfo (Bráulio Pereira Lins), Patrono (Valter Inácio de Paiva), Patronesse (Carmen Isabel Carlos Silva), Madrinha (Stefânia Maroja). A Aula da Saudade mais uma fez ficou sob o comando da Professora Joana Coeli Ribeiro Garcia r o título de Honra ao Mérito, a Professora Edna Maria Torreão Brito.

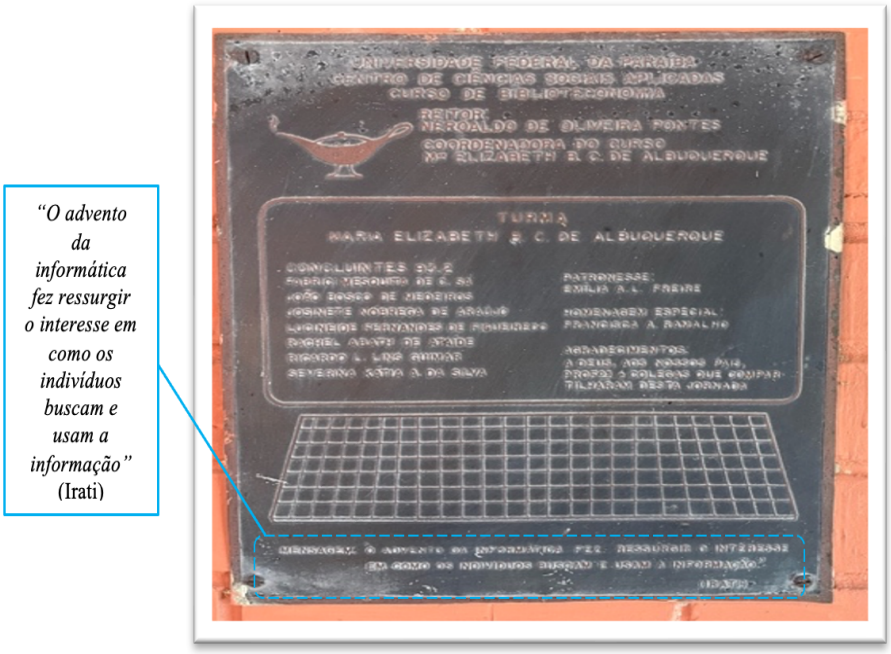
Ao revisitarmos a história da placa de 1993.2, destacamos a reflexão de Jonatas Ferreira e Aécio Amaral, que enfatizam: “Falar de memória é falar de uma certa estrutura de arquivamento que nos permite experiências socialmente significativas do passado, do nosso presente e de nossa percepção do futuro”. (Ferreira; Amaral, 2008, p.139). Nesse contexto, a visão de futuro presente na turma que leva o nome da *Professora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque* está relacionada com à introdução das tecnologias e da internet na rotina do bibliotecário. Murilo Bastos da Cunha corrobora ao destacar que:

> É possível que, ainda na década de 90 haja um boom no uso de bases de dados, especialmente sob a forma de CD-ROM e também por meio da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), [...]. As evoluções tecnológicas que estão ocorrendo no exterior terão reflexos positivos no Brasil. O uso do microcomputador pelas bibliotecas está aumentando e, com certeza, os bancos de dados brasileiros serão menos burocráticos, terão interfaces de acesso mais amigáveis, serão mais ágeis na atração de novos clientes e no oferecimento de produtos informacionais (Cunha, 1994, p183).

Ainda nesse cenário, os concluintes do período de 1993.2 já estavam imersos em novas discussões sobre as possíveis mudanças nas atividades técnicas do bibliotecário, bem como sobre a necessidade de adaptações e o desenvolvimento de novas competências. Essa transformação fica evidente na

ilustração principal da placa da turma, de um computador simbolizando a crescente inserção da tecnologia, especialmente nas bibliotecas. Além disso, a mensagem escolhida pelos formandos e destacada na ilustração reforça essa perspectiva: *"O advento da informática fez ressurgir o interesse em como os indivíduos buscam e usam a informação"* (Irati), como podemos verificar na figura 106:

Figura 106 – Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1993.2



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Ainda sobre a placa em questão, observa-se que a turma segue o mesmo padrão de anos anteriores, apresentando um número reduzido de formandos. Nesse caso, são apenas sete concluintes, sendo cinco mulheres e dois homens. Os agradecimentos foram dedicados "*a Deus, aos nossos pais, professores e colegas que compartilharam desta jornada*." A homenageada especial da turma foi a Professora Francisca Arruda Ramalho, e a patronesse, Emília A. L. Freire. Além disso, a placa registra a coordenadora do curso, Professora Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, e o então reitor da UFPB, Professor Neroaldo de Oliveira

Pontes, reconhecido por seu incentivo à educação e à cultura no estado da Paraíba ao longo de vários anos.

Ao ingressarmos no ano de 1994, os brasileiros viviam grandes expectativas em diversas áreas (social, econômica e política). O país se preparava para uma eleição presidencial marcada pela disputa entre Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Outra grande expectativa recaía sobre o automobilismo, com a esperança de mais uma vitória do piloto Ayrton Senna no Grande Prêmio de San Marino, em Ímola (Itália). Símbolo de força e superação para os brasileiros, Senna representava o espírito de perseverança e determinação que inspirava toda a nação, visto que Senna,

> [...] foi um homem de caráter e talento indiscutíveis. Durante sua jornada, passou por duros obstáculos, que com muita fé e determinação, resultaram em grandes aprendizados. A superação, a garra e os ensinamentos são marcos que fazem o legado de Ayrton Senna ainda vivo em nossas memórias (Senna, 2025).

Com esse mesmo espírito de perseverança do Ayrton Senna, os concluintes de Biblioteconomia do período 94.1 acreditavam em seus sonhos e lutavam por suas conquistas. Por esses motivos, resolveram prestar homenagem especial ao piloto Ayrton Senna com a seguinte frase, gravada na parte inferior da placa: *"AYRTON SENNA ("Aquele que ajudou um país inteiro a subliminar suas tristezas"*).

Na Figura 107, observa-se uma placa inédita, de caráter mais moderno em comparação às anteriores. Embora ainda apresente um dos principais símbolos da profissão (o livro), a placa apresenta um *design* diferenciado, com as informações impressas em papel e protegidas por uma lâmina de vidro transparente. Apesar de todo o cuidado para preservar os registros e a memória da turma, que leva o nome da Professora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, o tempo, inevitavelmente, se encarregou de, aos poucos, dissipar essa história, através do apagamento das informações registradas nesse objeto. Entendemos, portanto, que:

> Preservar o patrimônio é, portanto, missão inerente à área da documentação. Em face dessa prerrogativa pode-se dizer que bibliotecários, arquivistas, museólogos, historiadores,

> arqueólogos entre outros profissionais partilham da ideia de que preservar é preciso. Nesse sentido, observa-se que há uma crescente busca pela preservação patrimonial, sobretudo, quando se atrela o patrimônio às questões memorialísticas (Oliveira; Lima, 2014, p. 5052-5053).

Nessa conjuntura, o resgate e a preservação do patrimônio institucional da UFPB, especialmente no que se refere à memória do curso de Biblioteconomia por meio das placas de formatura, assumem extrema relevância. Vale ressaltar que a placa dos sete concluintes dessa turma, apresenta outras informações significativas, como a escolha da Professora Joana Coeli Ribeiro Garcia para ministrar a Aula da Saudade, bem como a concessão do título de Honra ao Mérito ao Professor Adolfo Júlio Porto de Freitas e as Professoras Edna Maria Torreão Brito e Francisca Arruda Ramalho.

Figura 107– Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1994.1



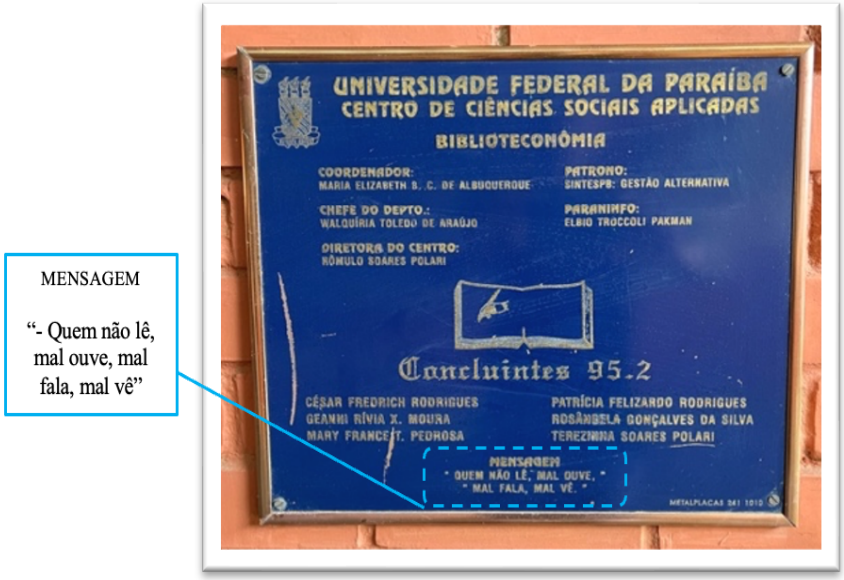
Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa também destaca o represente dos pais, Severino Lacerda, e a Comissão de Formatura, cujos nomes, infelizmente estão estão ilegíveis.

O Patrono Geral foi o Deputado José Lacerda Neto, enquanto a Patronesse foi Vera Maria Nóbrega de Lucena. Como Paraninfos, foram convidados Rômulo Soares Polari e Mauro Cézar Moreira de Carvalho. Entre as demais figuras de destaque, registram-se o Reitor Neroaldo Pontes de Azevedo, o Diretor do CCSA-UFPB Rômulo Soares Polari, a Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Professora Walkíria Toledo de Araújo, e a coordenadora do Curso de Biblioteconomia, Professora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque.

O quinto ano da década de 1990 apresenta a placa dos formandos do Segundo Período. Nela, está registrada a mensagem da turma, composta por cinco mulheres e um homem, enfatizando a importância do acesso à informação e ao conhecimento. Essa ideia é expressa na seguinte frase de Monteiro Lobato: *"Quem não lê, mal ouve, mal fala, mal vê"*, como podemos constatar na Figura 108:

Figura 108 – Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1995.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A frase do Monteiro Lobato, escolhida pelos concluintes de 95.2, indica que as reflexões foram voltadas para a importância da leitura e para o papel do bibliotecário enquanto mediador nos espaços de informação. Afinal, a leitura,

> [...] propicia muitos benefícios como diálogo não só entre o livro e o leitor. Até porque a leitura vai muito além, pois, a mesma envolve a percepção, conhecimento, pensamento, histórias individuais de vida e contexto social que está inserido o leitor (Vieira, 2012, p.15).

Por outro lado, promover o debate sobre a leitura e sua relevância para a sociedade nos leva a refletir sobre os compromissos reforçados pelos Bibliotecários dessa turma. Esses compromissos foram atrelados à luta para garantir que todos os indivíduos inseridos na sociedade tivessem acesso a informação à informação, à leitura e ao conhecimento, compreendendo que esse caminho se dá por meio das bibliotecas, sejam escolares, públicas ou privadas.

Desse modo, refletir sobre a mensagem subliminar de luta por uma sociedade mais igualitária no que diz respeito ao acesso à informação é essencial. Nesse contexto, é oportuno frisar "que é impossível conceber o problema da evocação, bem como o da evocação das lembranças, se não se aplicar aos quadros sociais reais que servirão de referência nesta construção da memória" (Silva *et al.*, 2019, p.17).

As autoridades mencionadas na placa de formatura, como a Coordenadora do Curso, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, a Chefe do Departamento, Professora Walkíria Toledo de Araújo, além dos os Professores Rômulo Soares Polari (Diretor do CCSA) e Élbio Trócolli Pakman que atuou como Paraninfo, apoiaram a mesma luta. Assim como os professores, o Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior do Estado da Paraíba (SINTESPB) também aprovou a placa dos formandos, reafirmando o compromisso com a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Ainda no cenário dos avanços tecnológicos na década de 1990, a Biblioteconomia estava vivenciando grandes transformações na área. A automação de bibliotecas foi um marco nos anos 90 e a necessidade de adequação dessas unidades informacionais foi necessária. O profissional também precisou se adaptar a essa nova realidade que era de fato, um grande desafio. Contudo, a placa de formatura do Período 96.1 ressalta muito bem esse período que foi um divisor de águas na biblioteconomia, como podemos observar na figura 109:

Figura 109 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1996.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Diante dessa nova realidade, os concluintes da Turma*: "Bibliotecários da Revolução Tecnológica*", finalizaram o curso e ingressaram no mercado de trabalho, demonstrando que:

> De acordo com a evolução tecnológica que cerca as operações técnicas da biblioteca, o computador ganhou espaço na execução dessas tarefas, enquanto o material da biblioteca continuava sendo essencialmente o impresso. Tal fase é a da biblioteca automatizada, muito possivelmente aquela em que se encontra a vasta maioria das bibliotecas ainda hoje (Jesus; Cunha, 2019, p. 7).

É oportuno destacar que, apesar do avanço tecnológicos voltadas para as bibliotecas, um número ainda bastante significativo de instituições não atingiu os padrões tecnológicos necessários para automatizar serviços e acervos. No Brasil, por exemplo, ainda existem escolas que não disponibilizam bibliotecas para seus alunos. Com o objetivo de mudar essa realidade, a Lei 12.244[12], de 24 de maio de 2010, localizada em seu Art. 1º ordena que: "As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos

[12] Lei 12.244 de Maio de 2010 – Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm

termos desta Lei" (Planalto, 2010). Essa iniciativa representa uma evolução no que se refere à inclusão, acesso e democratização da informação.

Dessa forma, os concluintes do Primeiro Período de 1996 chamam a atenção da sociedade por meio da seguinte citação de Luíz Milanesi, registrada na placa de formatura: *"A biblioteca ao ordenar os registros do conhecimento humano, reúne discursos contraditórios e assim se torna uma fonte de conflitos, um ninho de desordem. Explode o dogmatismo de um conhecimento único muito próximo a fé e à verdade absoluta. Passa a incomodar as pessoas com o demônio das possibilidades múltiplas."*

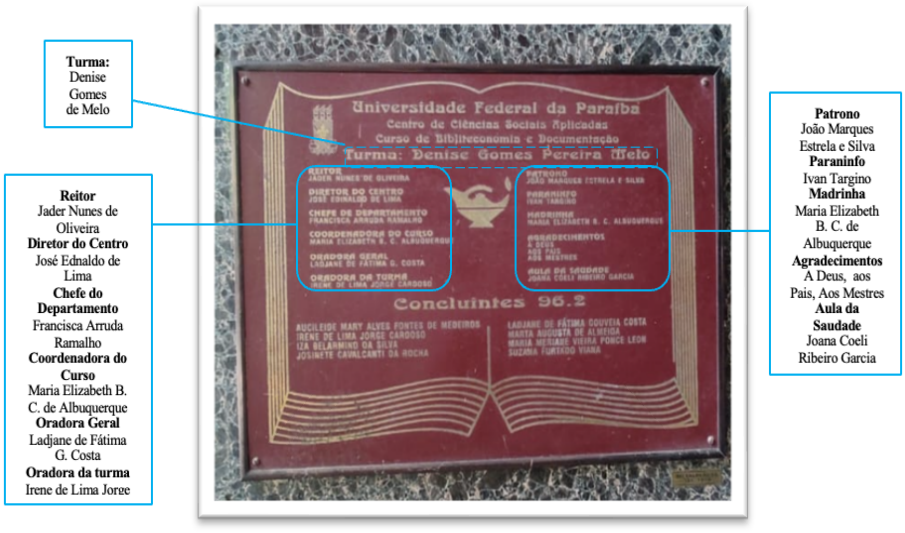
Podemos deduzir que o pensamento do Luíz Milanesi, reproduzido na placa dos Bibliotecários de 96.1, expressa o sentimento daquela turma ao considerar a biblioteca como um espaço de reflexões, questionamentos, conhecimento e, sobretudo, de democracia. Além disso, "o demônio das possibilidades múltiplas" pode ser compreendido como a representação do conflito de ideias, evidenciando a biblioteca como um ambiente dinâmico e democrático. Dessa forma, uma biblioteca deve ser não apenas um local de acesso à informação, mas também um espaço para o desenvolvimento intelectual.

Ainda sobre a placa em questão, a abordagem da relação entre informação e memória por meio das placas de formatura remete ao pensamento de Laurinda Rosa Maciel e Álvaro de Oliveira Senra (2023), que afirma: "[...] na interpretação dos fragmentos que a memória preserva constrói-se a lógica das ações: a sua história, o lastro que confere contornos, estabilidade e significado à sua identidade" (Maciel; Senra, 2023, p.94). Assim, compreendemos os verdadeiros significados memorialísticos manifestados na figura 110 e os complementamos com as outras informações relevantes: Durante esse período, o Reitor foi o Professor Neroaldo Pontes de Azevedo, com vice o Professor Roberto Silva da Siqueira. A gestão do Centro de Ciências Sociais Aplicadas ficou sob a direção do Professor Rômulo Soares Polari, enquanto a Chefia do Departamento foi liderada pela Professora Walkíria Toledo de Araújo. A Coordenação do Curso, Professora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque. Turma composta por treze mulheres, escolheu como Paraninfo o político Cícero Lucena, então Prefeito de João Pessoa-PB. O Patrono, Jader Nunes de Oliveira e a Patronesse, a Coordenadora do Curso. Os

concluintes também escolheram como Madrinha, a Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva. A Aula da Saudade ficou sob o comando da Professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. O Patrono foi Jader Nunes de Oliveira, e a Patronesse, a própria Coordenadora do Curso. Além disso, os concluintes elegeram como Madrinha a Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva. A emblemática Aula da Saudade foi conduzida pela Professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Ao visualizarmos o livro aberto através da Figura 110, que resgata a memória dos concluintes do Período 1996.2, deparamo-nos com uma placa de modelo tradicional, adornada pela ilustração de um livro aberto, símbolo da Biblioteconomia da promoção do acesso à leitura e ao conhecimento. A turma era composta por oito formandas (Eucicléide M. A. Fontes de Medeiros, Irene de Lima J. Cardoso, Iza Belarmino da Silva, Josinete Cavalcanti da Rocha, Ladjane de Fátima Gouveia Costa, Maria Augusta de Almeida, Maria Meriane Vieira Ponce Leon e Suzana Furtado Viana), reafirmando o caráter historicamente feminino da profissão, que por décadas foi predominantemente exercida por mulheres. Entre essas formandas, destaca-se a Bibliotecária Maria Meriane Vieira Ponce Leon, que ao longo de sua trajetória trilhou os caminhos da docência e passou a integrar a equipe docente do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, ministrando aulas no curso de Biblioteconomia e Arquivologia.

Figura 110 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1996.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

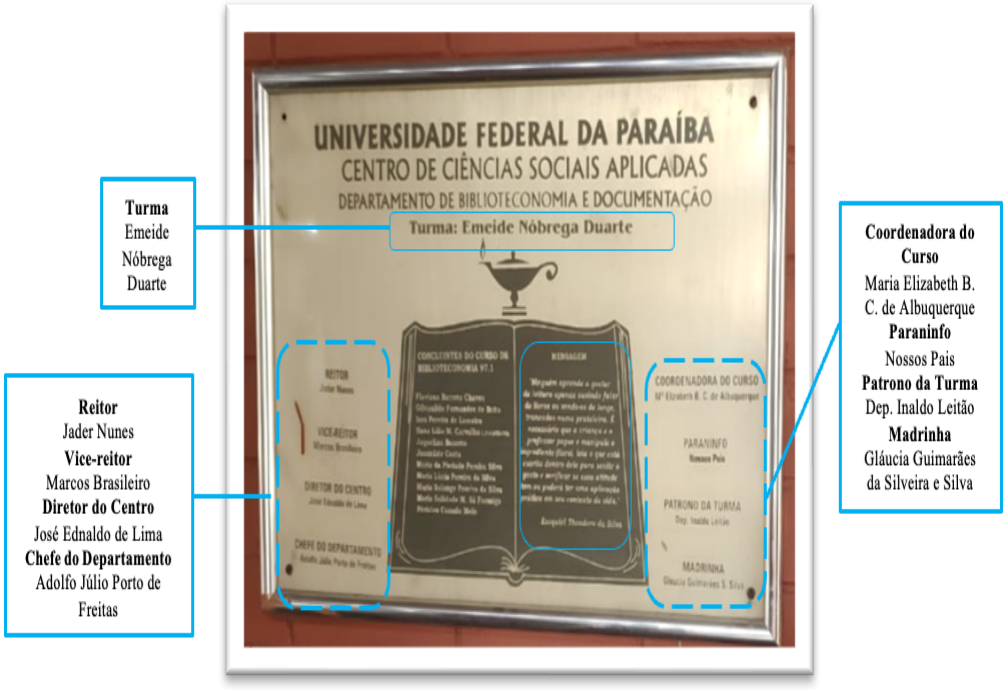
Diante de mais uma evidência de que a Biblioteconomia, especialmente até a década de 1990, era predominantemente uma profissão feminina, destaca-se a reflexão da bibliotecária Beatriz Alves de Souza:

> [...] a Biblioteconomia como a Enfermagem, o Serviço Social, e a Psicologia, entre outras profissões, caracterizadas como femininas, têm enfrentado ao longo da história dificuldades de se impor perante a sociedade. Os profissionais que atuam nessas áreas têm que constantemente provar suas competências para permanecerem no mercado, além de participarem sempre em patamar de desigualdade, se comparados com as profissões consideradas masculinas. Todos esses aspectos direcionam para a necessidade de se estudar as questões de gênero na Biblioteconomia como forma de repensar o papel das bibliotecárias na sociedade, bem como de criar mecanismos que possibilitem a construção da igualdade, equidade e empoderamento das mulheres nessa profissão (Souza, 2014, p. 32-33).

Entendemos, contudo, que o empenho pela equidade nessas áreas de estudo e atuação é essencial e necessário, uma vez que a sociedade contemporânea ainda apresenta evidentes desigualdades de gênero. Nesse sentido, a Biblioteconomia não deve ser vista apenas como um campo de estudo inserido no guarda-chuva da Ciência da Informação, mas como uma ciência comprometida com a transformação social.

Seguindo para a Turma do período 1997.1, denominada "*Emeide Nóbrega Duarte"* conforme indicada na placa de formatura, confeccionada em metal como podemos observar na Figura 111:

Figura 111 - Placas dos Concluintes do Primeiro Período de 1997.1



Fonte: Dados da pesquisa, (2024)

Os onze formandos escolheram uma reflexão de Ezequiel Theodoro da Silva para simbolizar o momento que vivenciavam: ***"****Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo de longe os livros trancafiados numa prateleira, é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente "livro", leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida"*. Nesse contexto, o bibliotecário, enquanto agente revolucionário da informação e imerso no universo da leitura, busca incansavelmente aproximar o usuário as mais variadas fontes de informação, pois:

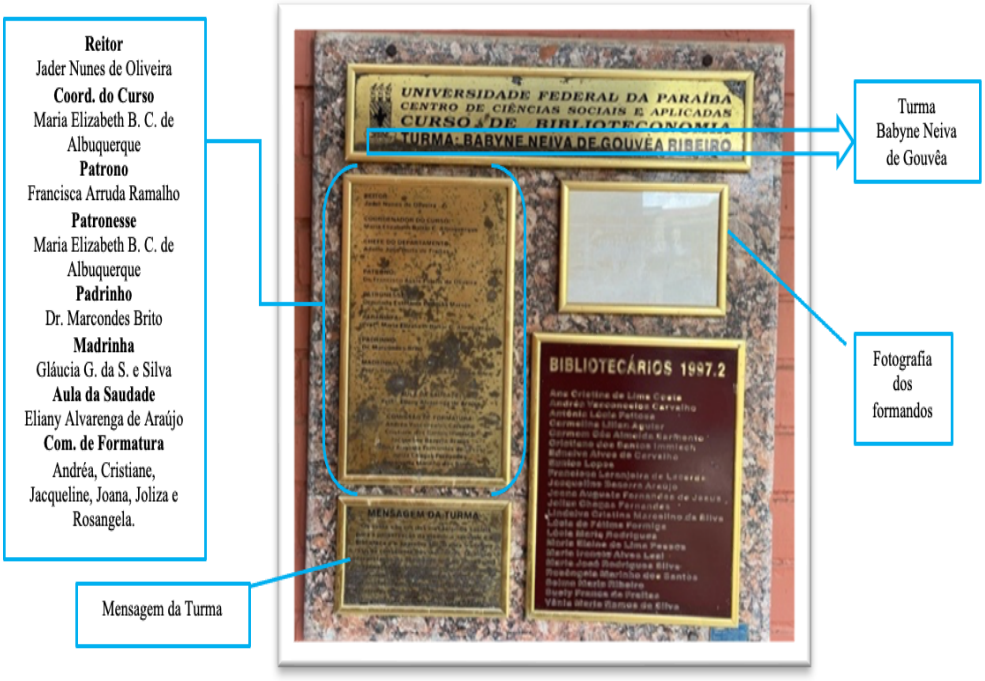
> Os fatos e os acontecimentos históricos são registrados e perpetuados em diversos artefatos informacionais, como em livros, periódicos, microfilmes, músicas, películas, cinema e bases de dados digitais, entre outros, com a possibilidade relativamente manifesta de serem acessados por diversas gerações. Com efeito, muitos dos registros informacionais sobre a história social são organizados, mantidos e gerenciados em museus e arquivos.[...]. Nesses ambientes, sujeitos diversos, como estudiosos, historiadores, pesquisadores e cidadãos comuns, entre outros, podem conhecer a própria história e refletir sobre o seu papel na sociedade, sendo ela parte importante para

> o desenvolvimento da sociedade como um todo. (Santos *et al*, 2023, p. 153-154)

Assim, a placa nos revela o engajamento dessa turma com temáticas e interesses sociais, evidenciando, sobretudo, o compromisso em contribuir para o avanço e o desenvolvimento da sociedade por meio da prestação de serviços que valorizam a informação e a leitura como ferramentas essenciais de transformação. Dessa forma, reforça-se o papel social da Biblioteconomia em possibilitar o acesso à informação e ao conhecimento.

Nesse cenário, trazemos para a discussão as memórias da Turma concluinte do período 1997.2. A placa de formatura, cuja base é de mármore, agrega cinco pequenas plaquetas que, juntas, narram o último momento vivido na universidade pelos formandos. Assim, o primeiro aspecto que chama atenção na placa, ilustrada na Figura 112, é o apagamento da fotografia dos formandos, que se apresenta totalmente desbotada e sem nenhuma condição de identificação.

Figura 112 - Placas dos Concluintes do Segundo Período de 1997.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Desse modo, é oportuno destacar que,

> Em qualquer tempo, a memória é evocação do passado, o tempo que ficou perdido e não voltará mais. A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado, quando evocado (Ribeiro, 2001, p.1).

Apesar do apagamento da fotografia, as vinte e uma concluintes desse período marcaram de forma significativa o encerramento do curso e prestaram homenagens especiais. Um exemplo disso foi a escolha do nome da turma: "*Bebyne Neiva de Gouvêa Ribeiro*", em homenagem à Bibliotecária da UFPB que ocupou, por diversas gestões consecutivas, o cargo de Diretora da Biblioteca Central (BC) da Universidade. Ao longo de sua tragetória, Bebyne contribuiu valiosamente para a melhoria e o bom funcionamento da BC-UFPB. Atualmente, encontra-se aposentada.

As concluintes desta turma eternizaram na placa de formatura a seguinte mensagem:

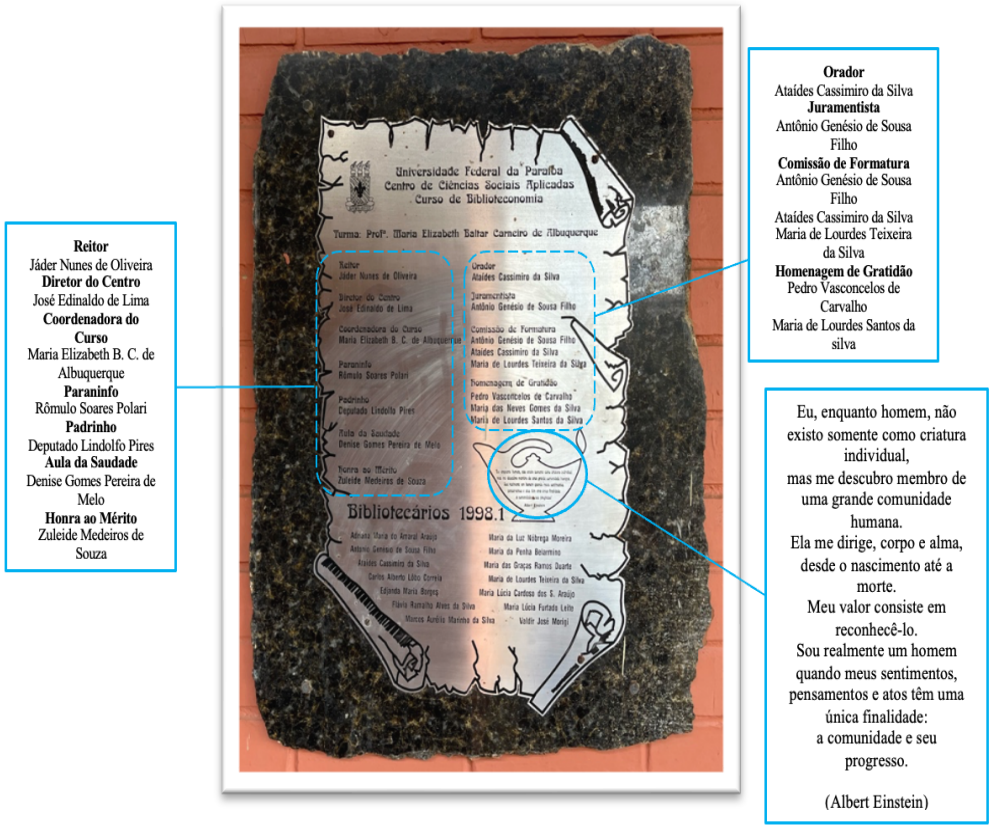
> Os livros são um dos mecanismos sociais para a preservação da memória nacional e a Biblioteca é o aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos. Qualquer interpretação da sociedade tem de incluir uma explicação deste elemento social e de sua função na vida comunitária. Assim a Biblioteconomia toma o lugar que lhe cabe entre os fenômenos a serem discutidos em qualquer sistema de ciência social (Turma 1997.2).

A reflexão deixada pela turma 97.2 ressalta a função dos livros e das bibliotecas enquanto elementos fundamentais para a construção do conhecimento, destacando sobretudo a importância da Biblioteconomia. Entretanto, é possível trazer para a discussão a relação entre informação e memória, visto que "[...] pode ser considerada, na medida em que um determinado elenco de informações que se referem ao passado de um grupo são reunidas e relacionadas entre si [...]" (Azevedo Netto, 2009, p.14).Entendemos, portanto, que a memória de um grupo social é composta por um amontoado de informações sobre vivencias passadas, estruturadas e elucidadas continuamente.

Observa-se ainda que, entre os professores e autoridades mencionados na placa de formatura, destaca-se a Professora Eliany Alvarenga de Araújo, escolhida para ministrar a Aula da Saudade. Ela atuou como docente do Curso de Biblioteconomia no período de 1992 a 2008, lecionando disciplinas como Organização e Administração de Bibliotecas, Marketing e Introdução à Biblioteconomia. Desenvolveu diversos projetos de pesquisa e, entre as atividades administrativas exercidas, destaca-se o cargo de vice-diretora da Biblioteca Central da UFPB, entre os anos de 1992 e 1993. Em 2008, retornou à sua terra natal, Goiânia, por motivo de redistribuição de vaga, passando a atuar na Universidade Federal de Goiás, onde permanece até o presente momento.

Ao principiar o ano de 1998, destacamos a primeira turma que recebe o nome de Professora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, como pode ser observada na Figura 113:

Figura 113 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 1998.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa em tela, nos remete ao pergaminho, um material usado na Antiguidade e Idade Média, para registrar a escrita. Inspirando-se nesse simbolismo, sua composição da placa foi elaborada a partir da representação de um pergaminho em metal, sobreposto a um fragmento de mármore. Dessa forma, os concluintes gravaram nela os registros alusivos à conclusão do curso.

A Honra ao Mérito, foi concedida à Professora Zuleide Medeiros de Souza, que integrou por vários anos o quadro de docentes efetivo efetivos do Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Entre suas importantes contribuições, destaca-se a criação do periódico *Informação & Sociedade: Estudos (I&S)*, que:

> Nasce em 1991,coordenado pela professora Zuleide Medeiros de Souza, advindo de necessidade dos docentes do Mestrado em Biblioteconomia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que na ocasião, estruturavam a reforma curricular da pós-graduação, acrescendo-lhe um canal de registro e disseminação de comunicações científicas (Silva; Garcia, 2006, p.9).

Desse modo, a Professora Zuleide contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento intelectual e para a disseminação de pesquisas científicas nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com impacto que perdura até os dias atuais.

Outro ponto que merece destaque foi sua atuação no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação ao integrar a Comissão Brasileira da Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU). Registros no “Relatório de Atividades da Segunda Diretoria em possada em 18 de julho de 1969 [...] 4 – Situação em 1971 [...] 4.1.3 – Foi encomendada a Zuleide Medeiros de Souza a revisão da classe 63 e 64” (RBBD, 1973, p.72).

Os concluintes do período 1998.1 também prestaram homenagem à Professora Denise Gomes Pereira de Melo, convidando-a para ministrar a Aula da Saudade. A Professora Denise é egressa do Curso de Biblioteconomia da UFPB e atuou como docente por muitos anos, contribuindo significativamente para a formação de diversas gerações de profissionais. Atualmente, encontra-se aposentada.

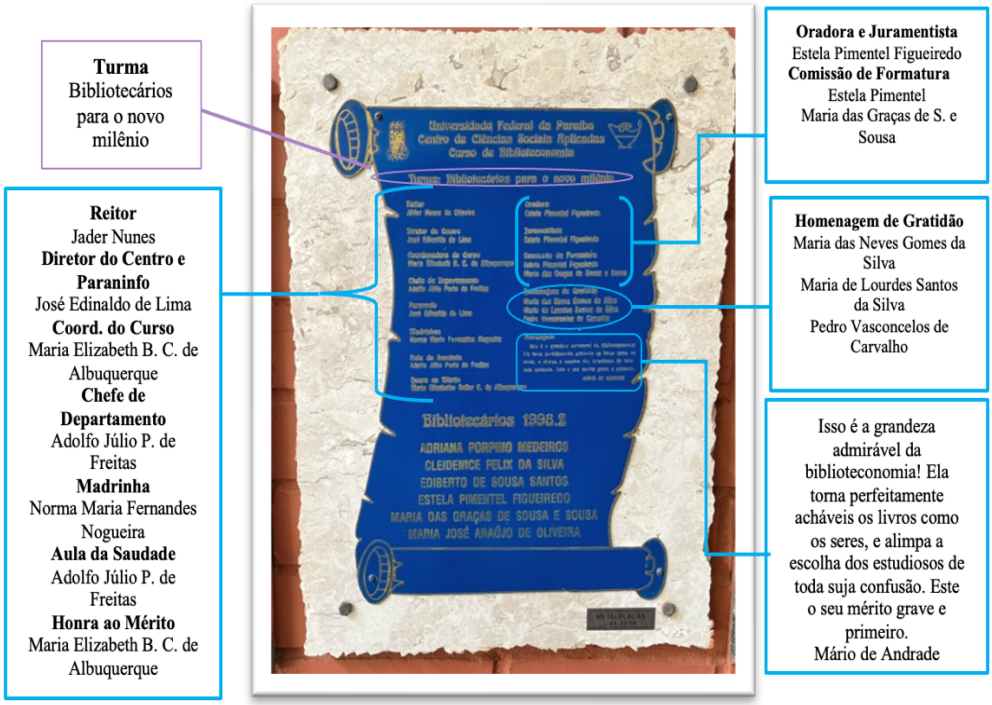
A mensagem deixada pela turma, eternizada na placa de formatura, traz uma reflexão do físico alemão, Albert Einstein, foi: *"Eu, enquanto homem, não existo somente como criatura individual, mas me descubro membro de uma grande comunidade humana... Sou realmente um homem quando os meus sentimentos, pensamentos e atos têm uma única finalidade: a comunidade e seu progresso"*.

Nesse sentido, os quatorze concluintes expressaram seu compromisso com a coletividade ao se dedicarem à construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e pautada no amplo acesso à informação e ao conhecimento.

Ao primeiro contato visual com a placa ora analisada, referente à turma " Bibliotecários para o novo milênio" na Figura 114, nos dá indícios de que essa turma, composta por seis concluintes, estava reflexiva quanto as possíveis transformações sociais, políticas, culturais e tecnológicas que se anunciavam com a chegada do novo milênio, ou seja, o ano 2000. Nesse âmbito, "a memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os "quadros sociais" nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si" (Schimidt; Mahfoud, 1993, p. 289). Assim, a concepção de memória perpassa ao simples fato de guardar informação, contribuindo para a construção de memórias coletivas e históricas.

A turma de 1998.2 demonstrava consciência do contexto histórico em que estava inserida, antecipando-se às transformações trazidas pela chegada do novo milênio. Percebia-se, assim, a necessidade de avanços na profissão, a valorização de novas competências informacionais, a incorporação de inovações no campo científico, bem como a entrada das tecnologias da informação e comunicação, acompanhadas da intenção de projetar um futuro mais conectado.

Figura 114 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1998.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Imersos nesse contexto, os concluintes também propõem uma reflexão sobre o papel desempenhado pelo bibliotecário nos espaços de informação, especialmente no que diz respeito à aproximação do usuário ao universo da leitura. Essa reflexão é evidenciada pelas palavras do poeta Mário de Andrade, registradas como a Mensagem da Turma: "*Isso é a grandeza admirável da Biblioteconomia! Ela torna perfeitamente acháveis os livros como os seres, e alimpa a escolha dos estudiosos de toda suja confusão. Este o seu mérito grave e primeiro"* demonstrando a valorização do profissional e a relevância da Biblioteconomia para o desenvolvimento intelectual e científico.

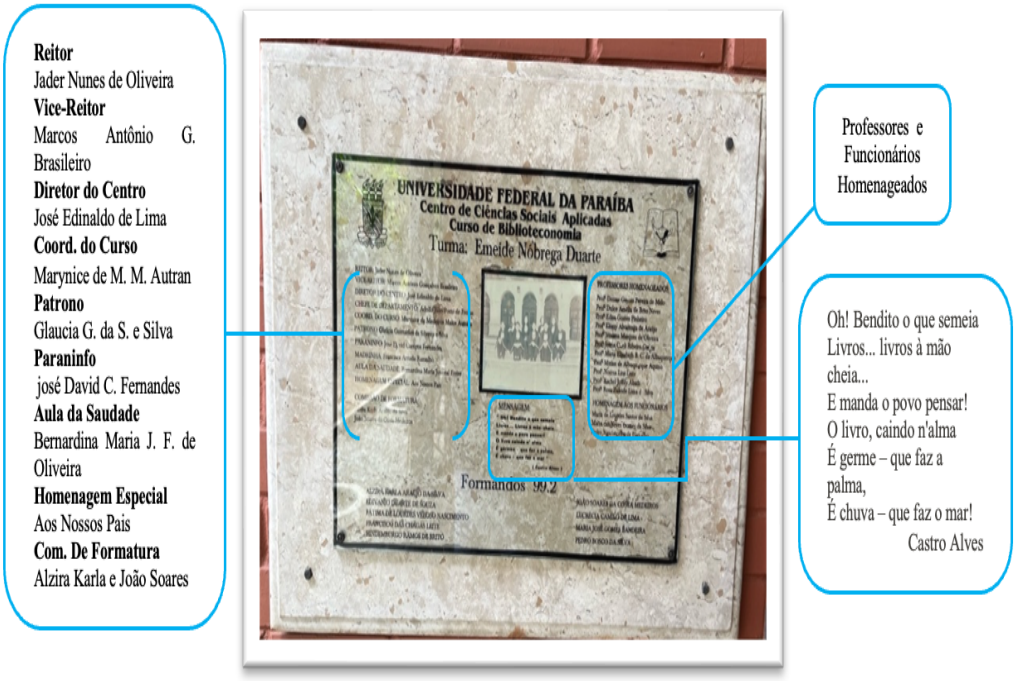
Ao analisar a última placa de formatura dos anos 1990, observa-se um modelo mais moderno em comparação aos anteriores. Ela apresenta uma lâmina de vidro transparente sobreposta a uma base de mármore, contendo informações impressas e a fotografia da turma, na qual os formandos aparecem trajando as vestimentas típicas utilizadas nas solenidades de Colação de Grau.

A turma, intitulada *"Emeide Nóbrega Duarte",* prestou homenagem à professora que, durante várias décadas, lecionou nos cursos de graduação e pós-

graduação, além de desenvolver importantes projetos de pesquisa, especialmente na área de gestão da informação e do conhecimento. Atualmente, encontra-se aposentada.

Os concluintes do período 99.2 também prestaram homenagens a professores e funcionários, como forma de reconhecimento e gratidão pela contribuição ao longo da trajetória acadêmica**.** Entre os homenageados, destacam-se Gláucia Guimarães da Silveira e Silva (Patrono), a professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, convidada para ministrar a Aula da Saudade, e a Homenagem Especial dedicada aos pais dos formandos, conforme evidenciado na Figura 115:

Figura 115 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 1999.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Apesar da baixa nitidez das informações contidas na placa analisada, é possível identificar que a turma, composta por apenas nove alunos, era relativamente pequena, um fato recorrente nos períodos de conclusão ao longo dos anos. Entre os integrantes dessa turma, destaca-se Alzira Karla Araújo da Silva, que, ao concluir a graduação em Biblioteconomia, buscou aprimorar sua formação por meio do Mestrado em Ciência da Informação, realizado na mesma instituição

em que se graduou. Em 2004, ingressou no Magistério Superior da Universidade Federal da Paraíba, após aprovação em concurso público, passando a integrar o quadro docente do Departamento de Ciência da Informação, onde leciona disciplinas tanto na graduação quanto na pós-graduação, a saber:

> Disseminação da Informação, Metodologia do Trabalho Científico, Gestão da Informação e do Conhecimento, Marketing em Unidades de Informação, Planejamento em Unidades de Informação, Estudo de Usuários da Informação, Organização, Sistemas e Métodos, Teoria Geral da Administração. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na linha de pesquisa Ética, Gestão e Políticas de Informação. Disciplinas já ministradas: Gestão da Informação e do Conhecimento, Redes Sociais na Comunicação Científica (Silva, 2025, p.2).

Nesse contexto de recordação, a memória nos permite evocar lembranças. Pois,

> [...] as narrativas rememoradas pertencentes aos indivíduos, as experiências vivenciadas no âmbito coletivo e a diversidade de artefatos produzidos por eles se tornam fontes alternativas de informação, que possibilitam os historiadores, ao utilizarem esse método, captar informações que muitas vezes não são possíveis de serem identificadas nos tradicionais registros de informações. (Silva; Martins, 2022, p.10).

Dessa forma, destacamos também a trajetória do formando Edivânio Duarte de Souza, que seguiu o caminho da docência ao ingressar no programa de pós-graduação em Ciência da Informação da UFPB, no período de 2001 a 2004. Pouco tempo depois, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas, atuando no ensino de disciplinas tanto na graduação quanto na pós-graduação.

A turma 99.2 registrou na placa de formatura, como Mensagem, a importância do ato de ler, utilizando um trecho do poema de Castro Alves: *"Oh! Bendito o que semeia Livros à mão cheia E manda o povo pensar! O livro, caindo n'alma É germe – que faz a palma, É chuva – que faz o mar!"* O trecho destaca o papel fundamental do bibliotecário nesse processo, ressaltando que o livro e o acesso à informação podem contribuir de forma significativa para transformações sociais, intelectuais e pessoais.

Encerrando o ciclo da década de 1990, avançamos para o Novo Milênio, na próxima seção.

4.5 MOSTRA MEMORIALÍTICA DAS PLACAS DE FORMATURA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO ANO 2000

A primeira parte do acervo de placas de formatura, correspondente ao período de 2000 a 2010, deveria ser composta por 22 placas; no entanto, apenas quatorze foram localizadas, afixadas nas paredes dos corredores das salas de aula do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB. Essa ausência nos leva a refletir sobre o apagamento da memória em instituições públicas, pois, de acordo com Monteiro e Carelli (2007, p. 2), “os lugares da memória podem ser comparados à memória de longo alcance, graças à preservação de seus suportes materiais”. Portanto, a ausência de oito placas compromete a narrativa histórica do Curso de Biblioteconomia, sugerindo que esse apagamento pode ter sido causado pela ação do tempo ou, ainda, pela falta de manutenção desses suportes físicos, que são fundamentais para a preservação da memoria coletiva e institucional.

No quadro 3 , categorizamos as placas de acordo com o ano e o período de conclusão, e o quantitativo.

Quadro 3: Categorização das Placas referente ao Período de 2000 a 2010

ANO	PERÍODO DE CONCLUSÃO	QUANTIDADE
2000	Primeiro Segundo	01 01
2001	Primeiro Segundo	01 --
2002	Primeiro Segundo	01 01
2003	Primeiro Segundo	-- --
2004	Primeiro Segundo	01 01
2005	Primeiro Segundo	-- 01
2006	Primeiro Segundo	-- --
2007	Primeiro Segundo	-- 01
2008	Primeiro Segundo	01 01
2009	Primeiro Segundo	01 01
2010	Primeiro Segundo	-- 01
TOTAL		**14**

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A turma que estreia o ano 2000, é a dos concluintes do primeiro período (2000.1), composta por dez mulheres e três homens. Intitulada “BIBLIO.COM”, a turma providenciou uma placa em mármore com três plaquetas em aço contendo as informações sobre o curso, os concluintes, os homenageados, as autoridades, os professores e funcionários. A aula da saudade foi ministrada pela Professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, como pode ser observado na Figura 116:

Figura 116 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período do ano 2000.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Segundo Ribeiro (2025, p.1) “A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro [...]. Assim, não poderíamos deixar de destacar a presença da formanda “*Alba Lígia de Almeida Silva”*, que, durante alguns anos atuou como Bibliotecária em diversas instituições privadas da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Sempre comprometida com a qualificação profissional, buscou aprimorar sua formação por meio da pós-graduação. Em 2008, ao concluir o Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), prestou, simultaneamente, concurso público para o magistério superior em duas instituições: a própria UFPB e a Universidade Federal do Cariri (UFCA), em Juazeiro do Norte, Ceará. Aprovada em ambos, optou inicialmente pela UFCA, primeira a convocar os candidatos aprovados. Contudo, poucos meses após sua posse e mudança para o Ceará, a UFPB realizou sua convocação, o que levou ao retorno à sua terra natal, João Pessoa, Paraíba.

Nessa condição, a primeira formanda da turma 2001.1 passou a integrar o quadro docente do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, lecionando nos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia até o momento, compartilhando com os discentes a experiencia adquirida ao longo de sua trajetória como gestora de bibliotecas universitárias.

Retomando uma informação que chama bastante atenção, destaca-se o nome escolhido para representar a turma: “BIBLIO.COM”. Essa denominação remete diretamente à inserção das tecnologias digitais no universo da Biblioteconomia, refletindo um momento de intensas discussões sobre a total automação das bibliotecas, o uso de softwares livres, o surgimento das bibliotecas digitais e virtuais, o desenvolvimento de Bases de Dados voltadas à pesquisa cientifica e ao acesso às publicações periódicas, inicialmente em *CD-ROM* e, posteriormente, em formatos digitais.

Nesse contexto, Viana (2017, p. 52) destaca que “os computadores, em modelos especialmente adaptados para o trabalho de documentação, seriam, com certeza, a grande e benéfica solução do bibliotecário dos anos 2000”. Em consonância, Jesus e Cunham (2019) corroboram essa perspectiva ao apresentarem uma reflexão sobre a função das tecnologias no âmbito do exercício profissional do Bibliotecário, apontando seu impacto nas inúmeras transformações das práticas técnicas e informacionais desenvolvidas em unidades de informação, tanto em espaços físicos quanto em ambientes virtuais. Destacam, ainda, que,

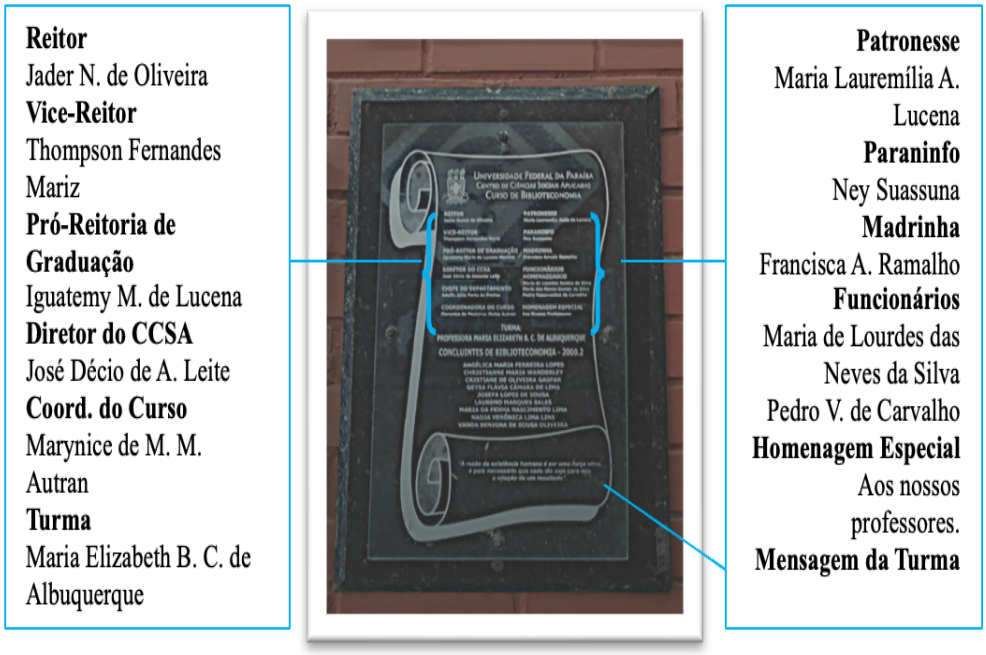
> [...] essa transição ainda está se desenvolvendo e políticas de construção e desenvolvimento das bibliotecas tanto físicas quanto digitais ainda têm muito a evoluir. Abordar os aspectos que os visionários da virada do século estudaram ajuda a entender o rumo que se previa para a biblioteca e o que foi alcançado e alterado em relação à visão inicial. (jesus; Cunha, 2019, p.26)

Após duas décadas e meia dessas discussões, podemos considerar que “a história vem sendo reescrita ao longo do tempo por força das vozes do passado que insistem em emergir do silêncio” (Thiesen, 1997, p.8). Revisitar esses conteúdos nos permite inferir que diversos avanços ocorreram nesse campo da ciência, amplamente publicizados por autores e profissionais que refletiram sobre

os caminhos projetados para o futuro das bibliotecas. Essa literatura revela não apenas os avanços alcançados, mas também a consolidação das bibliotecas enquanto espaços de acesso à informação, à memória e ao conhecimento.

A segunda turma a concluir o Curso foi a 2000.2, de acordo com a Figura 117, homenageou a Professora Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque e destacou, em sua placa comemorativa, a seguinte mensagem: *"A razão da existência humana é ser uma força ativa, e, pois, necessário que cada dia seja para nós a criação de um resultado"*. Diferentemente da turma anterior, os concluintes desse período acreditavam que a coragem, a força e, sobretudo, a dedicação ao trabalho seriam os pilares para alcançarem grandes resultados. Assim, percebe-se que o principal objetivo desses recém-bibliotecários era dedicar-se à sua carreira, impulsionando transformações sociais expressivas através do seu trabalho. Na relação dos concluintes, observa-se a presença de oito mulheres e apenas um homem, característica recorrente nas turmas anteriores.

Figura 117 - Placa dos Concluintes do Segundo Período do ano 2000.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Diante do exposto, destaca-se a figura do Professor Thompson Fernandes Mariz, à época Vice-Reitor, como uma personalidade de relevância para o estado da Paraíba.

> [...] nascido em Antenor Navarro, hoje São João do Rio do Peixe, Paraíba, ingressou na UFPB em 1982, mediante concurso público de provas e títulos. Graduado e Mestre em Engenharia Química, pela UFPB, na Área de Processos Físicos de Separação, e Doutor em Engenharia Química pela Universidade Federal de Campina Grande [...] Exerceu variados cargos administrativos na UFPB, tais como: Coordenador de Curso de Engenharia de Materiais, Chefe de Departamento de Engenharia de Materiais, Vice-Diretor e Diretor do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), Pró-Reitor para Assuntos do Interior (1997/2001) e Vice-Reitor (2001/2002), além de ter sido representante titular dos docentes do CCT no Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão – CONSEPE. (Coisas de Cajazeiras, 2015, p. 1)

O professor Thompson também contribuiu significativamente para o desenvolvimento da UFPB, demonstrando dedicação tanto no ensino de graduação quanto de pós-graduação, especialmente durante o período em que ocupou cargos administrativos na instituição. Outro nome relevante que merece destaque na turma 2000.2 é o do Ney Suassuna que, “entre os anos 1990 e 2000, foi um dos políticos mais influentes de Brasília. Ministro da Integração Nacional no governo Fernando Henrique Cardoso e vice-líder de Lula no Congresso” (Crosoé, 2020, p.1).

A presença de personalidades da política paraibana na relação dos concluintes nos permite refletir sobre a relação entre e memória e informação, principalmente no que se refere àquelas registradas em suportes informacionais, visto que,

> [...] a memória é fonte da história, mas também instrumento de resistência [...] uma luta permanente de grupos minoritários contra o esquecimento produzido nas relações de saber-poder, com vistas a inscrever seu passado na memória coletiva e na história (Thiesen, 2023, p.40).

Ressaltar pessoas que se destacaram, especialmente na política, é uma forma de contribuir para a preservação da memória coletiva e histórica. Na turma dos concluintes 2000.2, destaca-se a trajetória da formanda *Geysa Flávia Câmara de Lima*, que, após sua graduação, atuou como bibliotecária em diversas

instituições de ensino, tendo sido aprovada em concurso público para o cargo de bibliotecária na UFPB. Anos mais tarde, ingressou na pós-graduação como discente e, posteriormente, foi aprovado em novo concurso público para cargo do magistério superior na mesma instituição. Em 2009, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPB passando a lecionara tanto na graduação em Biblioteconomia quanto na Arquivologia.

No ano de 2001, destacamos a turma "Desbravadores da Informação", composta por quatro mulheres e três homens. Entre os formandos, sobressai-se *Luciana Ferreira da Costa*, que, nove anos após sua graduação, tornou-se docente no Departamento de Ciência da Informação da UFPB. Desde então, vem contribuindo significativamente para o desenvolvimento e os avanços da Biblioteconomia por meio de suas pesquisas científicas. É relevante iniciarmos a leitura da placa 2001.1 à luz da memória, visto que, "a memória é objeto de estudo para vários campos do saber. Na Ciência da Informação ela é sinônima de preservação [...] (Monteiro; Carelli, 2007, p.1):

Figura 118 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2001.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Entre os homenageados, autoridades e professores mencionados na placa de formatura, observam-se também figuras recorrentes nas placas de turmas anteriores, como Jader Nunes, José Décio, entre outras. Porém, faremos um destaque especial à então coordenadora do Curso, Professora Jemima Marques de Oliveira *(in memorian),*

> [... que dedicou sua vida ao ensino da Biblioteconomia, à gestão do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ao Movimento Associativo, ao compromisso de lutar pelas bibliotecas e pela categoria profissional do Bibliotecário na Paraíba. A sua trajetória, representatividade e legado para a Biblioteconomia, os Bibliotecários e as bibliotecas e além como a defesa da educação de qualidade, o movimento feminista e a participação político-social se constituem espólio de sua vida vivida, preenchida e dedicada a estas bandeiras defendidas incansavelmente! (Costa, 2024, p.2).

A Professora Jemima teve uma atuação marcante e representativa no Curso de Biblioteconomia na UFPB, destacando-se como docente e militante em pautas relacionadas à promoção da leitura e à inserção de bibliotecas escolares nas instituições públicas de ensino. Como docente, uma das disciplinas lecionadas por ela, foi Introdução à Biblioteconomia, disciplina esta que ministrava com maestria pois,

> em todas as vertentes de ações pela Biblioteconomia, Bibliotecas e Bibliotecários, Jemima atuou na formação de uma legião de egressos em Biblioteconomia, preocupou-se, persistente e incansavelmente, com o cenário do livro, da leitura, da biblioteca e da cultura na Paraíba, criando o grupo Povo do Livro da Paraíba1e defendeu, junto ao poder público municipal, também estadual de João Pessoa, a criação do Sistema Municipal de Bibliotecas de João Pessoa (o que, lamentavelmente, quiçá revoltante, faleceu sem ver este objetivo alcançado em tantos anos de luta efetiva!), vagas em concursos para os Bibliotecários a partir de orçamento na Lei Orçamentária Anual (LOA) para este fim e para as bibliotecas, visto a profissão ser regulamentada pela Lei 4.084 de 30 de junho de 1964, sendo, portanto, prerrogativa dos Bacharéis em Biblioteconomia o exercício da profissão. **(**Costa ,2024, p.2).

Recordar Jemima Marques é inevitavelmente evocar lembranças e sentimentos da época em que éramos graduandos no curso. Jemima era uma

professora que exalava alegria, com seu sorriso sempre contagiante. Em sala de aula, estabelecia diálogos com os alunos a partir de suas próprias experiências acadêmicas e transmitia os princípios da Biblioteconomia de forma excepcional.

Na esteira dessas reminiscências, enfatizamos que,

> [...] a memória é um desses rastros que o historiador pode transformar em fonte. Um resquício que persiste em continuar entre nós, que nos ajuda a estabelecer laços de identidade individual e coletiva. É por meio da recordação que muitas conexões [...] são criadas no âmbito pessoal e coletivo (Barroncas, 2012, p.125).

Recordação e conexão estão presentes na placa dos concluintes 2001.1, ao nominarem-se como “Desbravadores da Informação”. No início do ano 2000, as discussões acadêmicas estavam fortemente voltadas para a inserção das novas tecnologias de informação nas bibliotecas, sobretudo porque,

> [...] o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), especialmente após a chegada das tecnologias de dados móveis, consolida o fenômeno pós-verdade por consequência da maior exposição dos usuários a um grande volume de informação, representando um desafio para a ciência e também para bibliotecários e profissionais da informação (Sousa, 2017, p. 2391)

Imersos nessas discussões, os novos bibliotecários projetavam perspectivas voltadas à oferta de produtos e serviços inovadores, bem como à gestão eficiente das bibliotecas, demonstrando preocupação em garantir a qualidade dos atendimentos e acompanhar os novos desafios da área.

No primeiro semestre de 2002, a turma concluinte era composta por dezesseis formandos, dos quais apenas três do sexo masculino. Esse dado comprova que, mesmo após três décadas desde a criação do curso de Biblioteconomia na UFPB, ele ainda se mantém como uma formação predominantemente feminina. A turma, denominada *“Rosa Zuleide Lima de Brito”,* presta merecida homenagem a tal professora que, desde 1993, vem contribuindo para o desenvolvimento do curso na UFPB. Professora Rosa,

> tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudo de usuários, biblioteca pública e escolar, Arquivologia -classificação documental, representação temática da informação. Atualmente vice coordenadora do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (Brito, 2023, p.1).

Rosa Zuleide desenvolve, ainda, projetos de pesquisa voltados à Representação Temática da Informação em Arquivologia, além de coordenar diversas ações de extensão. Entre elas, destaca-se o projeto "Organização, tratamento e recuperação: valorizando o acervo audiovisual e fotográfico de cultura popular", desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular da UFPB, criado em 2016. Outro ponto que merece destaque na placa da turma está relacionado a formanda “Genoveva Batista do Nascimento”.

Figura 119 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2002.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Genoveva Batista, após concluir a graduação em Biblioteconomia, também buscou qualificar-se na área, ingressando na pós-graduação. Anos mais tarde, em 2009, prestou concurso para o magistério superior no Departamento de Ciência da Informação da UFPB, sendo aprovada. Assim, integrou-se ao corpo

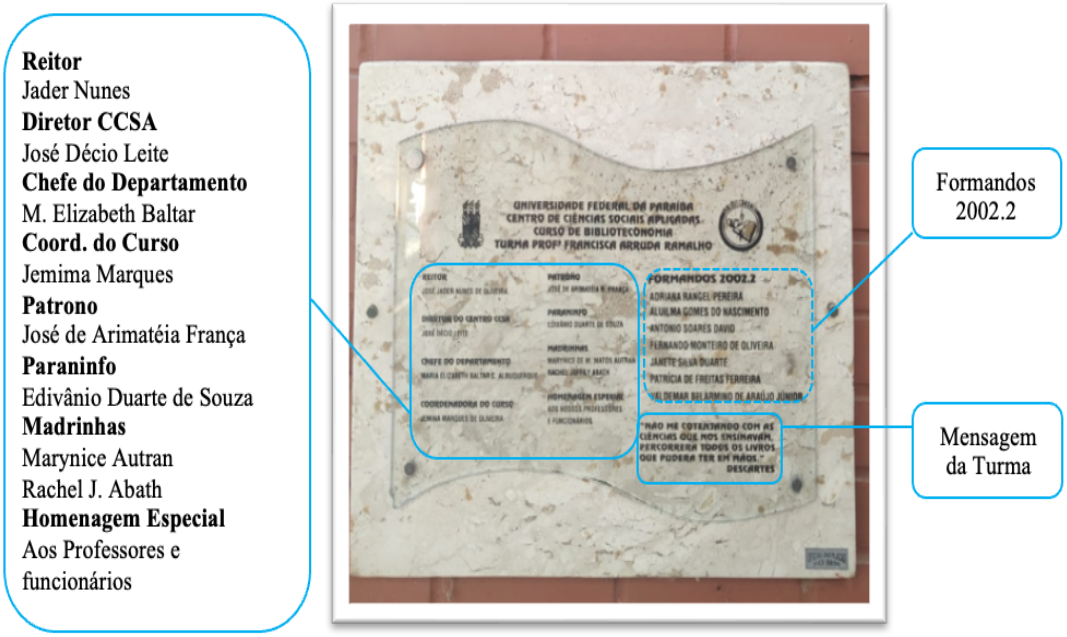
docente da instituição, contribuindo para o fortalecimento do ensino e da pesquisa na área, sendo,

> [...] professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão das Organizações Aprendentes (PPGOA/UFPB). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa LabTech Design Sociomaterialidade e Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental, Ensino de Ciências/Biologia e Biodiversidade e Malacológica (GPEBioMA). Tem experiência na área de ciências humanas e aplicadas, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem, formação docente, fontes de informação, tecnologias digitais, EaD, metodologia, ação cultural e leitura (Nascimento, 2025, p.1).

Envolvida e comprometida com a área, Professora Genoveva desenvolve diversos projetos de pesquisa e extensão, com foco nas tecnologias intelectuais e no ensino virtual. Entre as formalidades de praxe, observa-se na placa, nomes dos homenageados como professores, funcionários e outras informações habituais. Porém, cabe destacar a mensagem da turma: " *Nunca perca a fé na humanidade, pois ela é como um oceano. Só porque existem algumas gotas de água suja nele, não quer dizer que ele esteja sujo por completo (Ghandi, [s.d.])*. Essa citação pode ser interpretada como uma mensagem de encorajamento diante dos novos desafios que se aproximam com a conclusão de um curso superior. Prestes a ingressar no mercado de trabalho, a turma deixa uma mensagem simples, envolvente e, sobretudo, repleta de esperança e fé. Mesmo diante dos obstáculos que possam surgir ao longo do caminho, o essencial é seguir em frente, acreditando na humanidade e, principalmente, nas possibilidades de transformação social.

Finalizando o ano de 2002, apresentamos a placa do segundo período, elaborada a partir de uma lâmina de vidro afixada sobre um bloco de mármore claro. Seguindo o ritual e os protocolos das solenidades de formatura, como podemos observar na Figura 120:

Figura 120 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2002.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A turma do segundo período, intitulada *"Francisca Arruda Ramalho"*, demonstrava, por meio da mensagem impressa na placa, uma postura investigativa e uma incansável busca pelo conhecimento, através da informação e da leitura: *Não me contentando com as ciências que nos ensinavam, percorrera todos os livros que poderá ter em* mãos (Descartes). Nesse sentido,

> [...] voltamos ao jogo de subjetividades, escolhas e necessidades que existem por trás da construção da memória. As memórias não são somente recebidas, mas também são buscadas e selecionadas. Falar de uma simples imposição do passado seria negar o caráter criativo, subjetivo e imaginativo da memória e do esquecimento. As memórias são constantemente construídas e desconstruídas, renunciadas e ressuscitadas (Barroncas, 2012, p.126-127).

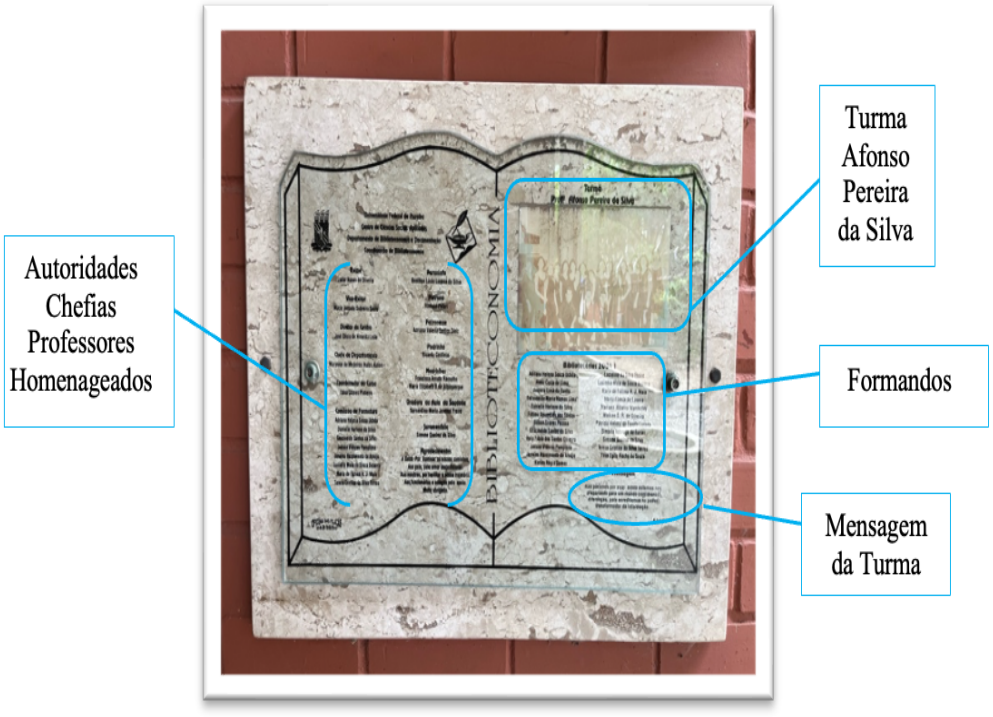
Nesse cenário, observa-se um sentimento de busca constante pelo conhecimento, intrínseco ao perfil do bibliotecário, que está sempre em processo de aperfeiçoamento, visando garantir o acesso, o uso e a disseminação da informação. Há uma lacuna entre os anos de 2004 e 2005, uma vez que não foi possível identificar o motivo pelo qual as placas dos formandos desses anos não

se encontram disponíveis para apreciação nos corredores do CCSA-UFPB. Diante disso, torna-se oportuno trazer à discussão a noção de lugares de memória, pois,

> [...] desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares da memória da humanidade, pelo qual, a perspectiva da memória é vista como preservação. Ao preservar documentos, os lugares da memória guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país e, com isso, a Ciência da Informação desconsiderou um importante aspecto da memória: o esquecimento (Monteiro; Carelli; Nicolino, 2008, p.1).

Entende-se que, em algumas circunstâncias, o que se esquece também pode comunicar e revelar algo. Ao ingressarmos no ano de 2004 e observarmos a placa representada por um livro aberto, percebemos que ela narra a história do último momento dos formandos na instituição. Nela, uma particularidade nos chama a atenção: o apagamento do registro fotográfico da turma. Como a fotografia nos faz recordar o tempo vivido, "a recordação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto a do indivíduo quanto a do grupo [...]" (Todorov, 2002, p.199, tradução nossa).

Figura 121 – Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2004.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A turma de 2004.1 é uma das mais representativas do ponto de vista quantitativo, composta por dezenove mulheres e quatro homens. Assim como ocorre com algumas placas de anos anteriores, as informações contidas nesses artefatos informacionais não estão suficientemente legíveis para uma análise adequada, sendo possível visualizá-las apenas com o uso do recurso de ampliação máxima no aplicativo Zoom. No entanto, ao recortar a imagem para inseri-la no texto e realizar a análise, a nitidez é comprometida, tornando o conteúdo praticamente indecifrável. Ainda assim, com bastante esforço, foi possível identificar algumas informações, como o nome da turma e a mensagem deixada pelos formandos: *"Não paramos por aqui, ainda estamos nos preparando para um mundo com menos diferenças, pois acreditamos no poder transformador da informação"* (A Turma, 2004*)*.

Com a chegada do novo milênio, compreendemos que grandes transformações começaram a emergir no universo da Biblioteconomia. Nesse contexto, o profissional da informação passou a necessitar de uma preparação mais ampla para acompanhar tais mudanças, especialmente no que diz respeito às chamadas competências informacionais, como destacado pelo bibliotecário Jorge Santa Anna:

> [...] as bibliotecas passam por constantes transformações, infere-se que os profissionais bibliotecários que as conduzem também são impactados com mudanças em seu perfil profissional, adquirindo novas competências, habilidades e atribuições, garantindo, dessa forma, sua adequação e consequente permanência no mercado de trabalho, garantindo que a informação seja gerenciada de forma a ser acessada e usada pelos públicos, de modo a satisfazer suas necessidades e contribuindo na geração de novos conhecimentos (Santa Anna, 2015, p.138).

Entende-se, entretanto, a necessidade de o bibliotecário gerenciar a informação por meio do uso de novas tecnologias, buscando sempre atender seus usuários de forma eficaz. Outro ponto que chama bastante atenção na placa 2004.1 é o homenageado Afonso Pereira da Silva que,

> [...] com sua aparência suave, olhos azuis e altura de 1,77m, tornou-se um homem dedicado à causa da educação. Envolvido em diversas atividades como professor, diretor de teatro, escritor,

> deputado e jornalista, sua atuação foi marcada por inovações e um espírito franciscano de servir ao próximo (AAP, 2025, p.2).

Como exposto, Afondo Pereira dedicou-se à educação, sobretudo a criação do curso de Biblioteconomia na UFPB:

> A idealização e as primeiras atitudes para criação do curso partiram de um homem que, por trabalhar muitas vezes nos bastidores, talvez não tenha recebido o reconhecimento de tal mérito, o professor Afonso Pereira, [...] tinha todo interesse e trabalhava em todos os sentidos para a implantação do Curso. Como a própria Resolução 01/69 da Universidade Federal da Paraíba(1969) nos informa, o Curso de Biblioteconomia é criado [...] (Souza; Freire, 2005, p.5).

Embora atuando nos bastidores, foi idealizador e responsável pela inserção do curso e Biblioteconomia, envolvendo-se incansavelmente nas etapas necessárias para seu firmamento na capital paraibana. Os concluintes da turma 2004.1 prestaram uma justa homenagem ao professor Afonso Pereira. Afinal, "a memória, em seu sentido plural e em um contexto sócio-histórico, é constituída pelo coletivo de pensamentos e lembranças do passado" (Souza; Freire, 2005, p. 2), eternizando sua atuação nas alamedas memorialísticas do Curso de Biblioteconomia. Nesse contexto, ao iniciarmos as análises sobre a memória dos concluintes do segundo período de 2004.2, convidamos para a discussão as autoras Silvana Drummond Monteiro e Maria Elisa Valentim Pickler Nicolino, que corroboram essa perspectiva ao afirmarem que,

> [...] a memória, enquanto fenômeno social, pode ser entendida como a História, a tradição, a cultura de um povo. Pode, ainda, ser entendida como memória coletiva, aquela que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo por ser a memória de uma sociedade.

Por conseguinte, nesse contexto, lembrar não é uma ação ímpar ou solitária, mas um ato coletivo e social, que contribui para a construção da memória de um grupo. Nesse sentido, a placa dos concluintes revela sinais de apagamento provocados pela ação do tempo. Observa-se que as informações, impressas em papel branco e inseridas entre duas lâminas de vidro sobre uma base de mármore,

estão desbotando, tornando-se indecifráveis, como podemos verificar na figura 122:

Figura 122 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2004.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A fotografia na placa em discussão, que deveria marcar simbolicamente a conclusão do curso, já não apresenta nitidez suficiente para permitir a identificação dos formandos. Assim, entendemos que,

> [...] os quadros coletivos da memória não se resumem em datas e nomes. Eles representam correntes de pensamento que reencontramos no nosso passado, porque esse foi atravessado por tudo isso. Ao lado de uma história escrita, há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo [...].(Bernardo, 2011, p. 101)

Assim, o trecho nos convida a pensar que preservar a memória de uma turma, por exemplo, não é apenas guardar uma placa ou uma fotografia, mas sim valorizar as ideias, lutas e afetos que aquela vivência carrega, mantendo-os vivos por meio da lembrança, da transmissão e da reflexão crítica. A sucessão desse apagamento continua no ano seguinte, uma vez que o registro da primeira turma a concluir o curso não foi localizado na galeria do CCSA-UFPB, ocasionando, de forma literal, o apagamento e o esquecimento da memória da turma. Tal constatação é reforçada pela compreensão de que “a memória possibilita análises densas de diferentes grupos sociais e traz para o presente não só os fatos vividos objetivamente, mas também as subjetividades dos sujeitos em questão”

(Bernardo, 2011, p. 102). A ausência desses registros memorialísticos provoca silencia parte da narrativa desses formandos, em âmbito institucional.

Quanto aos concluintes do segundo período de 2005.2, a realidade se mantém inalterada, marcada pelo quase completo apagamento das informações registradas na placa de formatura. Os únicos elementos ainda discerníveis são o nome da turma: *"Biblio o quê?"* que faz referência a um questionamento frequentemente direcionado a alguns discentes durante a graduação, como destaca Jaciane Nascimento ao mencionar que,

> [...] quando estou em uma roda de conversas e digo que estou cursando Biblioteconomia por não terem conhecimento desta palavra ou da profissão as pessoas sempre me fazem os seguintes questionamentos ¨biblio o que?¨, ¨economia dos livros?¨ E até mesmo ouço comentários do tipo ¨nossa precisa fazer um curso para pôr livros em prateleiras? (Nascimento, 2021, p. 2)

Desta forma, era comum ouvir essa pergunta ao mencionar o nome do curso, revelando, por parte de quem a fazia, a falta de conhecimento sobre os cursos existentes, não apenas na instituição, mas também em outros estados e países. Isso evidencia a invisibilidade da área, apesar de a profissão de bibliotecário ser secular. Outro elemento possível de identificação é a fotografia dos formandos, que evidencia uma predominância de mulheres entre os integrantes. De acordo com Fiuza et al. (2019, p. 145), "a fotografia vem, cada vez mais, adquirindo relevância como documento, uma forma de expressão e informação", como é possível observar na Figura 123:

Figura 123 - Placa dos Concluintes do segundo Período 2005.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nesse sentido, nota-se que os registros imagéticos passaram a compor a memória dos formandos no final dos anos 1990, conforme evidenciado na galeria de placas de formatura. Esses registros ajudam a narrar parte dessa história e, por meio deles, é possível identificar diversas características da época, como o tipo de fotografia (preto e branco ou colorida), as vestimentas e o cenário em que a imagem foi capturada. Vale destacar que "os documentos fotográficos apresentam características físicas peculiares, sendo sensíveis à luz, necessitando de um acondicionamento específico" (Fiuza et al., 2019, p. 147). Talvez esse seja o motivo pelo qual algumas fotografias em algumas placas, expostas nos corredores da universidade, apresentem falta de nitidez, coloração opaca e, consequentemente, sinais de apagamento. No rastro desse processo de apagamento, constatou-se a ausência das placas referentes aos períodos de 2006.1 e 2006.2. Assim, esse fragmento da memória dos formandos, que poderia ser revelado por meio de suas respectivas placas de formatura, acabou mergulhado no esquecimento. Não há, portanto, informações sobre a localização desses objetos simbólicos, que expliquem a razão de não estarem expostos nas paredes institucionais. Ainda imersos no contexto fotográfico, Vera Boccato e Mariângela Fujita corroboram ao afirmarem que a fotografia,

> é um documento que transmite informação registrada em um suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade (Boccato; Fujita; 200, p.85).

A construção da história dos concluintes do período 2007.2, turma *"Use a informação e conquiste o mundo"* tem início a partir da cerimônia de colação de grau com as solenidades de formatura. A placa da turma é ilustrada com fotografias dos formandos, em três momentos distintos: foto individual, comissão de formatura e cerimônia de Colação de Grau, todos vestindo a Beca[13] como ilustrado na Figura 124:

[13] Túnica preta e talar usada pelos magistrados judiciais, pelos catedráticos e pelos que vão receber título universitário. Disponível em: https://www.dicio.com.br/beca-3/

Figura 124 – Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2007.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Entende-se, entretanto, que "a linguagem fotográfica tem um código e, assim, possui um signo, um significante e um significado [...]." Nesse cenário, se a fotografia contém um enunciado, ela se torna narrativa e transmite uma informação (Boccato; Fujita, 2006, p. 86-87). É a partir dessas informações coletadas nas placas de formatura que se revelam as memórias coletivas e institucionais. Outro ponto de destaque diz respeito à mensagem deixada pelos formandos: *"O verdadeiro conhecimento como qualquer outra coisa de valor, não é para ser obtido facilmente. Deve-se trabalhar por ele, e mais que tudo, rezar por ele"*. (Thomas Arnold, [s.d.)

As pesquisadoras Emeide Nóbrega Duarte e Adelaide Helena Targino Casimiro contribuem com a discussão ao afirmarem que o conhecimento passou a ser um recurso essencial na sociedade da informação e do conhecimento (Duarte; Casimiro, 2020, p. 122). Nesse contexto, o bibliotecário do Novo Milênio deve conhecer profundamente os artefatos utilizados na nova era da informação, a fim de oferecer uma gestão da informação e do conhecimento eficaz aos seus usuários. Nessa relação intrínseca entre informação e memória, é oportuno frisar que,

> [...] os espaços de memória nascem pela necessidade de se manter vivos fatos ocorridos e que tenham significado para o meio

> no qual está inserido, proporcionando, dessa maneira, um contato mais próximo com os novos integrantes sociais sustentando a memória viva do grupo (Dantas, Rodrigues; Silva, 2019, p. 67-68).

Por meio da interpretação e análise da placa de 2007.2, evidenciamos, entre os vinte concluintes, *"Ana Cláudia Medeiros Sousa"*, representada na fotografia individual localizada na segunda posição da parte superior, da esquerda para a direita, conforme a leitura de quem observa a imagem. Sua identificação está destacada em azul na Figura 124. Após concluir sua graduação, Ana Cláudia atuou como Bibliotecária em uma biblioteca Universitária e alguns anos depois, prestou em 2016 concurso público para o magistério superior na Universidade Federal da Bahia, onde foi aprovada e classificada. Passou então a fazer parte do quadro efetivo do Curso de Biblioteconomia da UFBA, lecionando disciplinas específicas do curso. Professora Ana Cláudia, atualmente,

> Professora Adjunto do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia nos Cursos de Arquivologia e Biblioteconomia. Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFBA. Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Ensino-aprendizagem. Graduada em Biblioteconomia e em Arquivologia. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação (UFBA) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (UFPB). Atua nas áreas de Mediação da Informação; Mediação cultural; Mediação da Leitura; Organização e Representação da Informação; Memória e Identidade; Informação Musical (Sousa, 2023, p.1).

Destaca-se, ainda, que, nos últimos meses, foi aprovado pelo Departamento de Ciência da Informação da UFPB o processo de redistribuição de uma docente da Universidade Federal da Bahia para a UFPB. A referida docente passará a integrar o quadro de professores efetivos e contribuirá significativamente para o Curso de Biblioteconomia dessa universidade.

Avançando para a turma 2008.1, materializa-se a placa dos formandos, que nos apresenta uma fotografia coletiva sobreposta à imagem de uma obra rara e seus escritos. A turma, nomeada *"Professora Eliane Bezerra Paiva",* distingue-se

por ser relativamente maior em comparação aos períodos anteriores, contando com vinte alunos, dos quais cinco são homens.

Figura 125 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2008.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A homenageada da turma atuou, por alguns anos, como bibliotecária na Biblioteca Central da UFPB antes de ingressar na carreira docente. Em 2004, passou a integrar o quadro efetivo de professores do Departamento de Ciência da Informação da UFPB (DCI-UFPB), por meio de concurso público. Lecionou nos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia por duas décadas e, atualmente, encontra-se aposentada. Outra homenageada da turma foi a bibliotecária "*Sônia Suely Araújo Pessoa"*, escolhida como patronesse. Por vários anos, ela atuou como diretora da Biblioteca Central da UFPB. Durante sua gestão, acolheu inúmeros estudantes do curso de Biblioteconomia para a realização de estágios extracurriculares, além de acompanhar alunos das disciplinas práticas. Em razão dessa relação próxima e colaborativa com o curso, os concluintes da turma decidiram prestar-lhe essa justa homenagem.

Diante o exposto, os alunos registraram na placa de formatura a seguinte mensagem: "*Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana"* (Resolução CFB nº 006/66). A escolha dessas palavras revela o

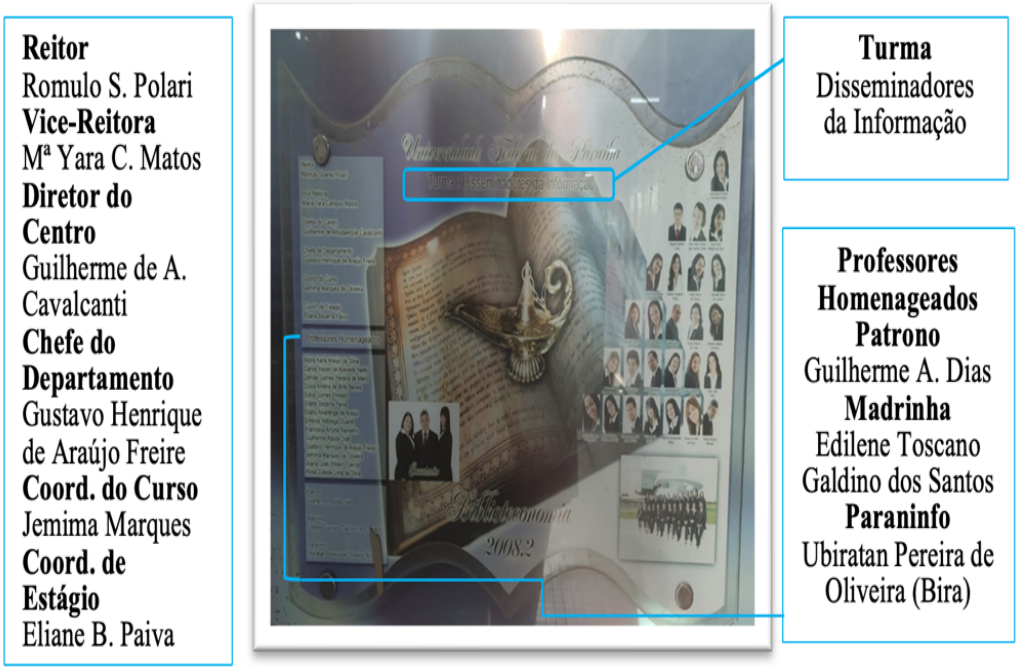
compromisso ético e social que os formandos assumem ao ingressar na profissão, demonstrando que, ao longo da trajetória acadêmica, os valores éticos foram preservados e internalizados de forma a transcenderem os limites da universidade. Dessa forma, os concluintes assumem uma postura ética e responsável diante dos desafios da profissional, reafirmando seu papel enquanto bibliotecários comprometidos.

Encerrando o ano de 2008, apresentamos a turma *"Disseminadores da Informação"*, Figura 126, composta por vinte e seis formandos, um número relativamente maior em comparação às turmas anteriores. A placa comemorativa faz referência a símbolos emblemáticos da Biblioteconomia, com destaque para a lâmpada de Aladim. Ela apresenta diversas ilustrações e fotografias dos formandos. Por ter sido confeccionada em papel com ilustrações coloridas e protegida apenas por uma placa de vidro, sua durabilidade é comprometida. A exposição constante à luz, tanto artificial quanto natural, especialmente à luz solar, contribui para o desgaste do material, uma vez que as placas ficam expostas nos corredores da Universidade, onde há intensa incidência de luz. Assim, buscar os indícios de memórias nesses objetivos institucionais, nos mostra que,

> [...] na verdade, os quadros coletivos da memória não se resumem em datas e nomes. Eles representam correntes de pensamento que reencontramos no nosso passado, porque esse foi atravessado por tudo isso. Ao lado de uma história escrita, há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência, pode-se dizer mesmo que não só os fatos, mas também a maneira de ser e de pensar de outrora, fixam-se na memória e são ressignificados na vivência do presente (Bernardo, 2011, p.100-101).

Essa reflexão de Teresinha Bernardo evidencia a subjetividade da memória, demonstrando que a memória coletiva vai além dos registros formais e está intrinsecamente ligada às vivências e ao processo cognitivo que se perpetua ao longo do tempo.

Figura 126 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2008.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Entre os docentes professores e autoridades registradas na placa, destaca-se a presença do professor *Gustavo Henrique de Araújo Freire,* que atuou como Chefe do Departamento de Ciência da Informação (DCI). Gustavo Freire ingressou no quadro de docentes efetivos do referido departamento em 2006, permanecendo até o ano de 2014. Durante sua trajetória na UFPB, atuou tanto na graduação quanto na pós-graduação, ministrando disciplinas como Introdução à Biblioteconomia, Fundamentos da Ciência da Informação e Gestão de Políticas de Informação. No exercício da chefia do departamento, contribuiu significativamente para o fortalecimento e desenvolvimento do Curso de Biblioteconomia da UFPB. Em 2015, transferiu-se para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde permanece em atividade até os dias atuais.

Outro destaque dessa turma é a homenagem prestada à Edilene Toscano Galdino dos Santos, escolhida como madrinha da turma. Edilene formou-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1988. Atuou como bibliotecária em instituições privadas na cidade de João Pessoa/PB e, após aprovação em concurso público, integrou o quadro técnico da UFPB, exercendo a função de bibliotecária.

Entre os anos de 1995 e 2010, desempenhou suas atividades na Biblioteca Central da UFPB, onde supervisionou diversos estagiários do curso de Biblioteconomia, contribuindo de forma significativa para a formação prática desses estudantes.

Em 2011, foi aprovada em concurso para o cargo de professora do Magistério Superior, passando a compor o quadro de docentes efetivos do (DCI/UFPB). Desde então, desenvolve suas atividades acadêmicas com dedicação e excelência, contribuindo ativamente para o fortalecimento do curso até os dias atuais.

Retomando o contexto do nome da turma, *Disseminadores da Informação*, é oportuno destacar que os anos 2000 representaram, de fato, um divisor de águas para a atuação do bibliotecário, especialmente no que diz respeito à inserção das tecnologias nas unidades de informação. Esse processo impactou diretamente as habilidades e competências exigidas desses profissionais, que passaram a adaptar suas práticas para atender de forma mais eficaz às novas demandas dos usuários. Segundo Dias (2005, p.52),

> O próprio perfil que se renova com as exigências do contexto eletrônico é causador de impactos. Sem habilidades específicas para interagir nesse contexto, o profissional ficará impossibilitado de atuar eficientemente no espaço eletrônico da disseminação da informação, que compreende correio eletrônico, fax, bases de dados e outros meios eletrônicos para obtenção e transmissão de informação.

Os concluintes de 2008.2 demonstram um compromisso com as novas abordagens voltadas à atuação do bibliotecário, reconhecendo a importância de acompanhar a evolução tecnológica e, consequentemente, o surgimento de novos produtos e serviços, especialmente voltados às demandas dos usuários. Considerando o bibliotecário como mediador da informação, é fundamental que esse profissional se mantenha constantemente atualizado, uma vez que a não adaptação às transformações tecnológicas compromete diretamente sua prática e impacta negativamente as dinâmicas informacionais na contemporaneidade.

Ao analisarmos as representações e narrativas presentes na placa dos concluintes de 2009.1, observa-se que os registros imagéticos ganham destaque,

refletindo uma tendência marcante naquele período, em que o uso de imagens se tornou um recurso frequente nas produções das turmas concluintes. Assim sendo,

> [...] a fotografia é uma fonte de informação relevante, uma vez que cada imagem contém detalhes que podem fornecer elementos indiciários e representativos sobre um determinado contexto, cultura ou período (Wendt, 2024, p.129).

Observa-se, entretanto, que a turma "Bibliotecários sem fronteiras" registrou, através de fotografias, o momento final da graduação dedicado à Colação de Grau, evidenciado pelas vestimentas especificas utilizadas na solenidade. A placa, elaborada em estilo mais moderno, apresenta tanto fotografia individual dos formandos, como também a imagem da turma reunida. Além disso, presta homenagem aos professores e funcionários que compõem o curso. Entre os homenageados, destaca-se a professora "*Mirian de Albuquerque Aquino"*.

Figura 127 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2009.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Compreendendo que memória coletiva é formada por um acervo de lembranças onde, essas lembranças,

> [...] são compartilhadas por um grupo são enriquecidas pela carga emocional e pela capacidade dos indivíduos de se conectarem com os acontecimentos passados. Os sentimentos reforçam os laços afetivos entre os membros do grupo, enquanto a identificação permite que eles se reconheçam na história compartilhada , fortalecendo a sua união e senso de pertencimento. Assim, a memória coletiva não só preserva eventos históricos, mas também os preenche com significados emocionais e identitários, tornando-se um poderoso elemento na formação da identidade social e cultural (Ribeiro, 2024, p.171).

Remetendo-nos às memórias da Professora Mírian, que iniciou suas atividades no curso em 1996, destacam-se as disciplinas que ministrou na graduação: Editoração; Elaboração de Trabalhos Monográficos; História do Livro e das Bibliotecas; Informação Aplicada à Biblioteconomia; e Métodos e Técnicas de Pesquisa. Sua atuação se estendeu também à pesquisa, com projetos voltados para temáticas como Diversidade Cultural, Informação para a Educação, Gênero e Diversidade nas escolas. Além disso, integrou o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB. Em 2015, encerrou sua brilhante trajetória como docente e pesquisadora, e, atualmente encontra-se aposentada, residindo em Vitória da Conquista, Bahia.

Ao nos reportarmos à expressão “Bibliotecários sem Fronteiras”, esta pode ser interpretada como uma referência à atuação do profissional comprometido com o livre acesso à informação, ultrapassando limites físicos e geográficos. A frase também remete à ideia de bibliotecas digitais e virtuais, que expandem o alcance da informação para além dos espaços tradicionais.

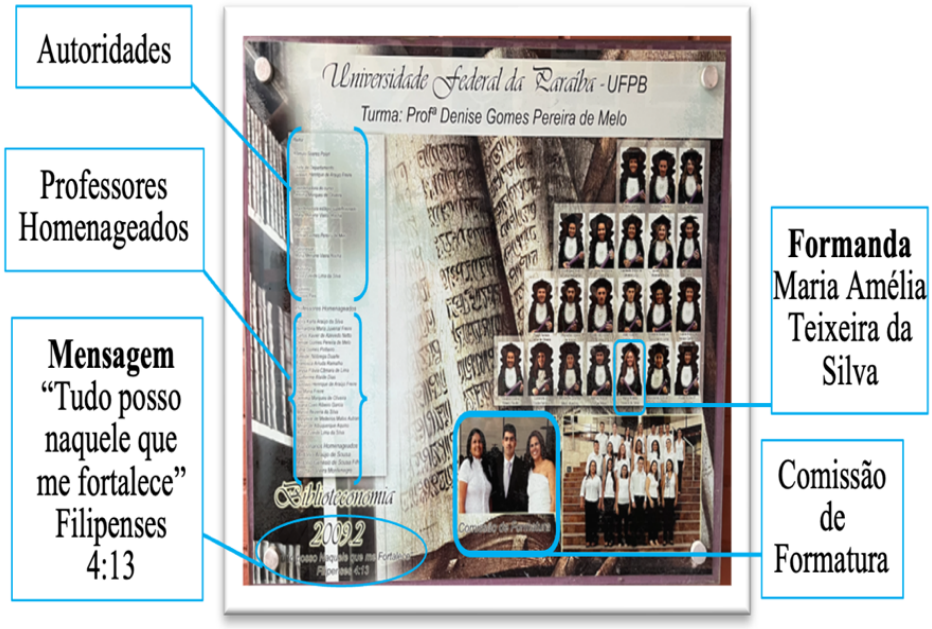
A última placa do ano de 2009, enquanto registro de memória, pode ser compreendida como “um registro estático e preciso do passado. Ela enfatiza a natureza processual e mutável da memória, sugerindo que nossas lembranças são constantemente formadas e reformadas por nossas experiências atuais” (Macedo, 2024, p.71). Nesse sentido, explorar os elementos que compõem a placa de 2009.2 nos leva a refletir que lembrar não é apenas fazer uma ligação a uma situação passada, mas sim restaurar essas vivências no tempo presente, ressignificando-as à luz das experiências atuais.

A placa dos formandos apresenta características modernas, com diversas ilustrações que remetem ao universo das bibliotecas, como a imagem de uma

estante repleta de livros. Destaca-se também o pano de fundo com um livro aberto, simbolizando o acesso à informação e ao conhecimento.

A fotografia, por sua vez, permanece como uma das marcas recorrentes nas placas da década de 1990, uma vez que a "[...]fotografia é o congelamento de um instante no tempo. Isso ocorre porque a fotografia registra a luz que está presente em um determinado momento no tempo e a armazena em um meio físico [...]" (Wendt, 2024, p.131). Nesse recorte temporal, destaca-se a trajetória da formanda *"Maria Amélia Teixeira da Silva"*, que, após concluir o curso, atuou como bibliotecária em diversas instituições na cidade de João Pessoa - PB. Sempre em busca de aprimoramento profissional, realizou cursos de pós-graduação na UFPB e, posteriormente, foi aprovada em concurso público para o magistério superior na mesma universidade. Desde então, integra o quadro de docentes efetivos do Departamento de Ciência da Informação. A professora Maria Amélia atua nos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia, além de desenvolver pesquisas relevantes nessas áreas.

Figura 128 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2009.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Quanto aos professores homenageados pelos concluintes, destaca-se a professora "*Isa Maria Freire"*, mestre e doutora em Ciência da Informação. Atuou no Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) entre 1988 e 2008, aposentando-se no cargo de Tecnologista Sênior, conforme evidenciado em recorte da publicação na *Divulga-CI – Revista de Divulgação Científica em Ciência da Informação*, da UNIRIO-RJ. Conhecida como professora Isa Freire, foi convidada pela Revista *DivulgaCI* para ser homenageada na Seção Perspectiva, voltada a pesquisadores de destaque na área da Ciência da Informação. Na ocasião, intitulou seu relato como "Pessoas e encontros na Ciência da Informação", como pode ser visualizado na Figura 129:

Figura 129 – Relato "Pessoas e Encontros na Ciência da Informação"



Divulga-CI

Revista de Divulgação Científica em Ciência da Informação

realização LABCI LABORATÓRIO ABERTO - CONTEXTO E INFORMAÇÃO

Parceria UNIR | UNIRIO

PERSPECTIVA

Pessoas e encontros na Ciência da Informação

Por **Isa Maria Freire**
isafreire2011@gmail.com

Cheguei ao Mestrado em Ciência da Informação em março de 1982. O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) estava instalado no espaço do Observatório Nacional, em São Christovão, no Rio de Janeiro. Fui levada pelas mãos das professoras Vania Maria Rodrigues Hermes de Araújo e Hagar Espanha Gomes, coordenadora do Mestrado.

A biblioteca era um presente para docentes e discentes, o sorriso da bibliotecária Ilce Cavalcanti e a boa vontade de Sebastião Silva na xerox me incentivavam a passar o dia buscando informações. Quando defendi minha dissertação o Ibict tinha sido transferido para Brasília, mas o Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) ficou no Rio de Janeiro, ocupando um espaço do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, compartilhando a área verde do campus Praia Vermelha, da UFRJ.

Também fui para Brasília, pouco tempo depois, e lá tive oportunidade de trabalhar para a Organização dos Estados Americanos, na produção de um manual de fontes de informação, e para a UNIDO, a agência da Organização das Nações Unidas para o desenvolvimento industrial.

Isa Freire é professora aposentada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, onde coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Divulga-CI, Porto Velho, v. 2, n. 2, fev. 2024. ISSN: 2965-3436 Pág. 1

Fonte: DivulgaCI (v.2, n.2, 2024)

Pouco tempo depois, Isa Freire decidiu prestar concurso para o cargo de docente do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPB, sendo aprovada. A seguir, apresentamos um trecho de seu relato pessoal, publicado em fevereiro de 2024:

> Em 2008 me aposentei e tomei o rumo do Nordeste, onde mamãe me aguardava feliz da vida, e um concurso para docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) me atiçava o ânimo. Em julho fui contratada para o Departamento de Ciência da Informação e logo depois credenciada para o Programa de Pós-

> Graduação em Ciência da Informação, que coordenei por dois anos (Freire, 2024, p.3).

Assim, sua chegada ao Departamento de Ciência da Informação (DCI) teve grande representatividade, especialmente para o curso de Biblioteconomia. Isa Freire contribuiu consideravelmente para o fortalecimento e desenvolvimento do curso, trazendo consigo uma rica bagagem de vivências e pesquisas na área. Atuou como docente das disciplinas Ética da Informação, Tecnologias Intelectuais, Comunicação da Informação e Competências Informacionais, deixando uma marca relevante em sua trajetória acadêmica. Na figura 130, destacam-se outros trechos relevantes do seu relato, que enriquecem ainda mais a compreensão de sua trajetória:

Figura 130 - Relato “Pessoas e Encontros na Ciência da Informação”



Divulga-CI

Revista de Divulgação Científica em Ciência da Informação

PERSPECTIVA

...os professores Vania Araújo (um anjo ...onipresente!) Gustavo Henrique de ...raújo Freire: nascia a Pesquisa ...rasileira em Ciência da Informação e ...iblioteconomia (PBCIB)[7], que publica ...eu 19º volume neste ano de 2024.

Em 2008 me aposentei e tomei o ...umo do Nordeste, onde mamãe me ...guardava feliz da vida, e um concurso ...ara docente na Universidade Federal ...a Paraíba (UFPB) me atiçava o ânimo. ...m julho fui contratada para o ...epartamento de Ciência da ...nformação e logo depois credenciada ...ara o Programa de Pós-Graduação em ...iência da Informação, que coordenei ...or dois anos.

No projeto apresentado à banca ...o concurso delineei os primeiros ...raços do que seria o Laboratório de ...ecnologias Intelectuais – LTi, para ...ujo modelo operacional foram ...mprescindíveis as contribuições dos ...rofessores Guilherme Ataíde Dias e ...ustavo Freire. Ambos fazem parte da ...quipe do projeto, bem como os ...rofessores Edvaldo Carvalho Alves, ...meide Nóbrega Duarte e Julio Afonso ...á de Pinho Neto; desde então, muitos ...ompanheiros de docência e pesquisa ...assaram a contribuir, como se pode ...bservar na página Equipe do LTi[8] na ...nternet.

O professor Marckson Roberto ...erreira de Souza e Jayro Pita Brito, ...estre em Ciência da Informação pela ...FPB, contribuem com a gestão do Portal LTi na internet, onde estão acessíveis inúmeros dispositivos e artefatos de informação de interesse para nossa área.

Começamos a trabalhar com os alunos da graduação através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq e UFPB. Estão na equipe, até agora, Pablo Matias Bandeira, Editor Executivo da PBCIB, cursando o doutorado na Universidade de São Paulo (USP), e Niedja Nascimento Barros, Editora Adjunta do *blog* De olho na CI[9], Mestre em Ciência da Informação pela UFPB. Em 2010 produzimos o primeiro evento do Simpósio Brasileiro de Ética da Informação, que vem tendo continuidade no espaço do Congresso Internacional em Tecnologia e Informação – TOI, criado e coordenado pelo professor Francisco Carlos Paletta na Escola de Comunicações e Artes da USP.

Em 2013 tive a alegria da comunicação[10] sobre a mandala das virtudes dos profissionais bibliotecários, escrita na boa companhia das professoras Alba Lígia de Almeida Silva e Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento, ter sido escolhida como melhor trabalho apresentado ao XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Minha alma bibliotecária vibrou!

Divulga-CI, Porto Velho, v. 2, n. 2, fev. 2024. ISSN: 2965-3436 Pág. 3

Fonte: DivulgaCI (v.2, n.2, 2024)

Segundo Maffesoli e Prado (2023, p. 1), “Lugares de memória podem ser caracterizados como espaços destinados à preservação e manutenção de registros e informações que podem ser institucionais, pessoais ou coletivas”. Nesse sentido, registramos o período em que a professora Isa Freire atuou no DCI-UFPB como docente e pesquisadora, desenvolvendo projetos de pesquisa e

extensão, além de contribuir para a produção científica por meio de publicações em periódicos em eventos da área.

Outro destaque relevante, ilustrado na Figura 130, refere-se ao prêmio recebido em 2013, durante o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), pelo melhor trabalho intitulado *"As mandalas das virtudes dos profissionais bibliotecários"*, elaborado em coautoria com Alba Lígia de Almeida Silva e Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento.

A concepção desse trabalho surgiu a partir de um convite da professora Isa Freire, no contexto da disciplina de Ética da Informação, ministrada por ela na graduação em Biblioteconomia. Na ocasião, os alunos, inspirados pelas discussões sobre ética profissional, criaram mandalas representando virtudes associadas ao exercício da Biblioteconomia. Foram momentos enriquecedores e de grande aprendizado, cujas memórias permanecem vivas entre os que participaram, especialmente em nós, enquanto coautoras.

Dessa forma, rememorar esse episódio, doze anos após a publicação original do trabalho e agora revisitado por ela, representa uma homenagem significativa. Para mim, enquanto docente, é uma honra recordar os saberes compartilhados por Isa Freire. Um ano após a publicação de seu relato na DivulgaCI, em novembro de 2024, a professora compartilha suas memórias ao afirmar:

> [...] a alegria da comunicação sobre a mandala das virtudes dos profissionais bibliotecários, escrita na boa companhia das professoras Alba Lígia de Almeida Silva e Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento, ter sido escolhida como melhor trabalho apresentado ao XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Minha alma bibliotecária vibrou! (Freire, 2024, p. 3).

Assim se desenrolou o percurso de Isa Freire na docência da UFPB: repleto de momentos marcantes e contribuições significativas. Sua notável trajetória acadêmica foi encerrada com a aposentadoria em 2022. Em fevereiro de 2025, Isa Maria Freire tornou-se uma estrela no céu, mas seu legado permanece vivo entre

nós, iluminando caminhos com seus ensinamentos e sua inestimável contribuição à Ciência da Informação.

Ao iniciarmos a análise da placa do período de 2010.2, é pertinente destacar que através desse suporte, é possível identificar inúmeras informações que podem estar nos mais diversos formatos “[...] e essas informações, por sua vez, trazem aspectos do passado, podendo contar uma história há muito esquecida, ou ainda nem conhecida” (Mafezolli; Prado, 2023, p.2).

Nesse sentido, explorar as informações registradas por essa turma, permite compreender não apenas o contexto acadêmico e social da época, mas também as representações simbólicas que perpassam a identidade dos formandos, suas aspirações profissionais e o cenário da Biblioteconomia naquele momento. Os concluintes do segundo semestre de 2010 elaboraram uma placa bastante representativa do ponto de vista informacional. Ela reúne fotografias individuais e coletivas, registros das autoridades que integram o universo institucional, além de símbolos característicos da profissão, como o livro aberto e a lâmpada de Aladim, elementos que remetem ao conhecimento, à sabedoria e à mediação da informação. O nome escolhido pela turma, “Informação é o nosso negócio”, reforça o protagonismo do bibliotecário na organização, acesso e disseminação da informação.

Figura 131 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2010.2



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Um dos primeiros destaques da placa em análise é a docente “Patrícia Maria da Silva”. Bibliotecária pernambucana, Patrícia migrou para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com o objetivo de qualificar-se no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI). Concluiu o mestrado em 2008 e, no ano seguinte, foi aprovada em concurso público para o cargo de professora efetiva do DCI-UFPB. Ao assumir o cargo, estabeleceu residência na capital paraibana e, desde então, vem contribuindo para o fortalecimento do curso de Biblioteconomia, ministrando disciplinas voltadas às Tecnologias da Informação, como Arquitetura da Informação Digital, Automação de Bibliotecas, entre outras. Além da atuação em sala de aula, desenvolve projetos de pesquisa que fortalecem a produção científica na área e promovem o avanço do conhecimento no campo da Ciência da Informação.

Outro ponto de destaque da placa dos concluintes de 2010.2 é o nome escolhido pela turma: *“Informação é o nosso negócio”*. Esse título reflete, de maneira clara e assertiva, o momento vivido pelos discentes, em que os debates acadêmicos estavam fortemente voltados às novas perspectivas de atuação do bibliotecário nos mais diversos contextos, sejam eles físicos ou digitais. Naquele período, as discussões em sala de aula evidenciavam a necessidade de adaptação às transformações tecnológicas e às exigências de um mercado cada vez mais dinâmico e competitivo. Entre as temáticas frequentes, destacava-se usabilidade estratégica da informação aplicada ao ambiente empresarial ou de negócios, revelando a compreensão da informação como um fator estratégico indispensável para a tomada de decisão. Nesse sentido, Pizarro e Davok (2008, p. 41-42) destacam que:

> [...] a gestão da informação empresarial abrange a cultura do uso de informações em seus variados aspectos, como o gerenciamento dos dados, o ambiente informacional e o comportamento do gestor em relação ao uso de sistemas de informação gerencial no processo decisório.

Entende-se, portanto, que a escolha do nome da turma representa não apenas uma identificação com as possibilidades contemporâneas da profissão, mas também uma apropriação crítica do papel do bibliotecário como agente

estratégico nos processos de gestão da informação. Essa perspectiva evidencia o amadurecimento da formação oferecida, capaz de integrar saberes tradicionais com competências voltadas à inovação e ao apoio à tomada de decisão organizacional, tão necessárias e urgentes naquele período.

Avançando para a galeria de placas correspondente ao período de 2011 a 2019, observa-se que, idealmente, o acervo deveria conter dezoito placas, considerando que, a cada ano letivo, são formadas duas turmas concluintes. No entanto, constatou-se uma lacuna memorialística: apenas dez placas foram localizadas, conforme apresentado no Quadro 4. Essa ausência de oito registros visuais e simbólicos compromete a preservação da memória institucional e das trajetórias formativas desses anos, enfraquecendo os vínculos com a história do curso.

Quadro 4: Categorização das Placas referente ao Período de 2011 a 2019

ANO	PERÍODO DE CONCLUSÃO	QUANTIDADE
2011	Primeiro Segundo	01 01
2012	Primeiro Segundo	-- 01
2013	Primeiro Segundo	01 --
2014	Primeiro Segundo	-- --
2015	Primeiro Segundo	01 01
2016	Primeiro Segundo	01 --
2017	Primeiro Segundo	01 --
2018	Primeiro Segundo	01 --
2019	Primeiro Segundo	01 --
TOTAL		**10**

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa que marca o início desse período é da turma 2011.1, composta por trinta e sete concluintes, um número expressivo que a diferencia das turmas analisadas anteriormente. Seguindo a tendência de anos anteriores, a placa inclui

diversas fotografias em ambientes externos ao espaço acadêmico, destacando-se a imagem principal, que retrata os alunos à beira-mar. Outro registro significativo ocorreu na Fortaleza de Santa Catarina,

> localizada em Cabedelo, a Fortaleza de Santa Catarina é um verdadeiro tesouro histórico da Paraíba. Com mais de quatrocentos anos de história, a fortaleza é um dos patrimônios históricos mais antigos do Brasil e oferece uma verdadeira viagem no tempo. Construída em alvenaria de pedra e cal na década de 1580, a Fortaleza de Santa Catarina tinha como principal objetivo proteger o litoral paraibano dos ataques de invasores holandeses e franceses (Jornal da Paraíba, 2023, p.2)

Podemos, portanto, inferir que a turma manifesta um apreço pelo patrimônio cultural, valorizando especialmente à História da Paraíba, ao escolher locais para registro imagético que reforçam a cultura regional.

Figura 132 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2011



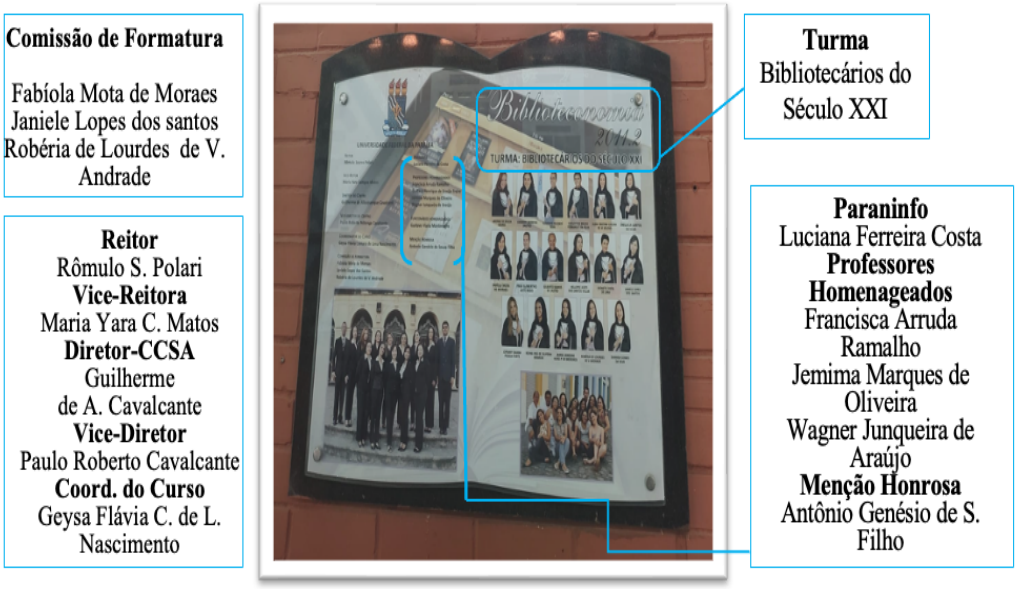
Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A próxima placa, correspondente à turma de 2011.2, é composta por um misto de fotografias que ilustram diferentes momentos e personagens da trajetória formativa. Nesse contexto,

> [...] na fotografia, a conexão entre imagem e memória é intrínseca. A fotografia registra visualmente um momento e, ao mesmo tempo, transforma-se em uma representação concreta da memória associada a esse instante. Cada fotografia é única e irreproduzível, pois fotografar implica uma relação direta com o tempo, que se move apenas em direção ao futuro (Wendt; Sehn; Silva, 2025, p.2).

Nesse sentido, entendemos que a fotografia é muito mais do que uma imagem. É um registro documental carregado de significados e memória.

Figura 133 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2011



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A placa dos concluintes destaca, com Menção Honrosa, o bibliotecário Antônio Genésio de Sousa Filho, formado no curso de Biblioteconomia da UFPB. Em 1989, ingressou na mesma universidade por meio de concurso público. Atuou como coordenador da Biblioteca Setorial do CCSA-UFPB entre 1998 e 2006, ano em que foi aprovado, em primeiro lugar, no concurso para Professor Substituto do curso de Biblioteconomia, na área de Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento. Durante sua trajetória docente, ministrou disciplinas como Indexação e Resumos, Indexação Pré-Coordenada II e Multimeios. Sua

contribuição foi marcante para o desenvolvimento das atividades da graduação, sendo reconhecido e homenageado por seus alunos.

Ao se autodenominarem “Bibliotecários do Século XXI”, os concluintes reafirmam seus compromissos com as novas demandas do mercado, especialmente no que se refere às competências informacionais exigidas aos profissionais que atuam em Unidades de Informação. Nesse sentido, é importante destacar a reflexão que Edma a. Satar (2011) do Instituto de educação da Universidade de Lisboa nos apresenta, no mesmo ano em que os alunos dessa turma concluem o curso:

> O bibliotecário do futuro deve também desenvolver competências sobre relações humanas para interagir com os patrões e clientes e desenhar um modelo de plano de negócios [...]. Deve ser competitivo, não muito pragmático, ter uma instrução sólida e alargada, aberto à mudança, cultivar redes, relações com consórcios e manter relações recíprocas com outros profissionais. É uma realidade que os bibliotecários do séc. XXI necessitem de lidar com documentos em HTML, FTP, Zip [...], como gestão da informação em ambientes virtuais (Satar, 2011, 174-175).

Nesse sentido, os dezessete formandos demonstravam estar estavam preparados e plenamente conscientes dos desafios e da realidade profissional que os aguardava.

Ao analisar a turma dos concluintes de 2012.2, observa-se uma placa bastante moderna e visualmente atrativa, ilustrada com fotografias da turma. Diferentemente das anteriores, esta placa optou por registros fotográficos em meio à natureza, utilizando o mar ao entardecer como cenário. Todos estavam trajando vestimentas brancas, possivelmente simbolizando leveza e a transição para uma nova etapa da vida: a profissional.

Figura 134 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2012



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nesse contexto, ressaltamos as reflexões sobre memória, visto que,

> [...] a sua valorização esteve presente através também de monumentos. Por isso, entendemos que os quadros de formatura têm a função de deixar marcas de um tempo considerado importante das trajetórias daqueles que estão na escola em busca da construção do saber e da sua formação, na busca de um espaço profissional (Sousa; Sousa, 2024, p. 5).

Assim, os trinta formandos que ilustram a placa em análise prestaram homenagem à professora e coordenadora do curso, nomeando a turma como "Barbie Geysa Flávia Câmara". A expressão "Barbie'" faz referência ao modo informal e bem-humorado com que a coordenadora costumava se dirigir às alunas do curso. A professora em questão é bastante estimada pela comunidade acadêmica e tem se destacado por seu empenho constante em promover melhorias para os discentes.

Nesse universo, as placas de formatura representam a memória coletiva e institucional, emolduradas por pessoas que contribuíram para a construção da história daquela instituição de ensino. Preservar essas fontes informacionais, enquanto expressões de memórias, é fundamental para a manutenção da

identidade coletiva e institucional. Nessa teia, apresentamos a placa de formatura dos concluinte de 2013.1:

Figura 135 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2013



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao analisarmos a placa apresentada na Figura 135, podemos inferir que “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (Pollak, 1989, p. 3). Dessa forma, os registros fotográficos presentes na placa foram realizados tanto de forma individual quanto coletiva, evidenciando a relevância de valorizar a individualidade de cada discente como uma expressão singular de sua trajetória. Ao mesmo tempo, o registro coletivo remete ao sentimento de pertencimento e à partilha das experiências vividas em grupo ao longo dos anos de convivência na universidade.

A turma, composta por vinte e cinco formandos, prestou homenagem à professora “*Joana Coeli Ribeiro Garcia”* ao nomear a turma com seu nome. Joana Coeli ingressou no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB em 1988, passando a lecionar disciplinas como Disseminação da Informação I, Elaboração de Trabalhos Monográficos, Planejamento de Bibliotecas, Laboratório de Práticas Integradas, entre outras.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, a professora desenvolveu diversos projetos de pesquisa, abordando temáticas fundamentais para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, como: Avaliação Aberta e Ciência Aberta, Ética, Gestão

e Políticas de Informação, *Open Peer Review* em periódicos científicos da área, e Responsabilidade Social nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Após décadas dedicadas ao ensino e à pesquisa, a professora Joana Coeli encerrou suas atividades acadêmicas, deixando um legado marcado por saudosismo entre colegas e, especialmente, entre discentes que tiveram a oportunidade de compartilhar saberes e experiências com ela. Tal reconhecimento é evidenciado pela homenagem prestada por alunos da graduação em Biblioteconomia, especificamente da Disciplina *Editoração* em 2010, que registraram no site Recanto das Letras o seguinte agradecimento:

"O que assaz nos marcou
Neste período que finda
O que o grupo celebrou
E vai celebrar ainda

Foi a proatividade
A muita capacidade
Como um sol que irradia
De Joana Coeli Garcia

Ela transformou a sala
Num fórum de qualidade
Burilando cada fala
A nos deixar com saudade

Foi construindo a onda
Clássica mesa redonda
A todos contagiou
Sua marca consagrou

Aceite, cara Joana
Nesta noite de janeiro
As flores do mundo inteiro
E o amor que emana

De um grupo agradecido
Por um momento tecido
No mais profundo saber
Alta dose de prazer

E vá sempre adiante
Diz Corina Almirante
Faça festa a vida inteira
Eduardo e João Teixeira
Você não é brincadeira
Hélio e Socorro Limeira
Esteja sempre de pé
Diz o Sander Lee José".
(Lee, 2010)

Partindo para a análise do primeiro período de 2015, a turma "Lindaci dos Santos Alves (*in memoriam*)", composta por dezesseis formandos, apresenta uma placa na cor lilás, representativa do curso de Biblioteconomia. Compreendemos que as placas de formatura funcionam como verdadeiras expressões das estações do tempo vivido, por meio dos registros visuais e simbólicos que as compõem.

Figura 136 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2015



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Voltando nosso olhar às fotografias dos concluintes, observa-se que a discente homenageada, que deu nome à turma, não teve tempo de participar dos registros fotográficos junto aos colegas. Assim, compreende-se a fotografia como uma expressão simbólica da presença, da memória e da ausência, capaz de eternizar momentos e, ao mesmo tempo, revelar lacunas deixadas por aqueles que, por algum motivo, não puderam estar ali, visto ser,

> [...] uma valiosa fonte de informação, pois cada imagem contém detalhes que podem revelar indícios e representar um contexto, uma cultura ou um período específico. As fotografias não documentam apenas o que é visível, mas, por serem recortes subjetivos, também transmitem emoções, perspectivas e nuances que enriquecem a compreensão do momento capturado. Nesse sentido, pode-se afirmar que a fotografia não apenas preserva memórias, mas também constitui uma importante fonte de informação, que merece ser analisada e interpretada (Wendt; Sehan; Silva, 2025).

Como exposto pelos autores da citação anterior, a fotografia, quando bem preservada, além de servir como fonte informacional, contribui significativamente para a interpretação de indícios memorialísticos — como os presentes na placa dos formandos. Outro fator relevante nesse contexto é a fé e o simbolismo religioso manifestados por meio da citação de uma passagem bíblica, utilizada como forma de agradecimento pela conclusão da etapa acadêmica: 'A Deus que nos guiou e

permitiu que chegássemos até aqui. Pois Ele, agindo, quem nos impedirá?' (Isaías 43:13).

Dando seguimento às análises, a turma representada a seguir, a Figura 137 apresenta, até o momento, o maior número de formandos, totalizando trinta e um. A partir da fotografia que ilustra a placa, observa-se que a maioria é composta por mulheres, havendo apenas sete homens. Esse dado nos remete à reflexão de que,

> [...] a Biblioteconomia tem sido uma área e campo do conhecimento formado majoritariamente por mulheres, no entanto, verifica-se que temáticas que permeiam o gênero ainda se encontram incipientes sendo necessária uma discussão mais ampla sobre o tema (Mueller; Martins, 2019, p.93).

Mesmo apresentando dados que evidenciam a predominância de mulheres tanto no perfil discente quanto no contexto profissional, a Biblioteconomia ainda carece de pesquisas e discussões aprofundadas sobre essas questões. Dados como esses, nos revelam a necessidade de esclarecimentos sobre o machismo e relações de poder objetivando contribuir para a igualdade nas profissões e consequentemente nas relações de gênero.

Figura 137 - Placa dos Concluintes do Segundo Período de 2015



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A turma intitulada *"Bibliotecários: Recuperando e Disseminando a Informação"* se apresenta como um grupo de futuros profissionais comprometidos

com a Biblioteconomia e conscientes das necessidades informacionais de seus usuários. Ao destacar duas atividades técnicas de grande relevância — a recuperação da informação e sua disseminação —, evidenciam sua preocupação em atender de forma eficaz a comunidade na qual a biblioteca estiver inserida. Nesse contexto, é essencial destacar que,

> [...] as bibliotecas universitárias devem estar atentas quanto à explosão informacional e ao avanço tecnológico a fim de contribuírem para o pleno desenvolvimento da habilidade do usuário em recuperar a informação obtendo os melhores resultados, em tempos de recursos eletrônicos e internet. Esta nova realidade sugere que o usuário desenvolva, aperfeiçoe e use cada vez mais suas habilidades em buscar e usar a informação. Tais habilidades os capacitam não somente a aprender de forma autônoma e a construir seu próprio conhecimento, mas, sobretudo a dar suporte ao usuário na busca por informação. Neste contexto a oferta de serviços de informação e a atuação educacional e de suporte do bibliotecário na biblioteca universitária merecem destaque. Este destaque está relacionado ao desafio de desenvolver mecanismos, serviços e atividades visando promover à independência e autonomia de seus usuários, tanto na identificação das fontes de informação quanto ao acesso e uso destes recursos (Jesus; Miranda; Dias, 2018, p. 5).

Entendemos, entretanto, que as competências informacionais são indispensáveis à rotina do bibliotecário, pois o colocam em plenas condições de atender, de maneira eficaz, às demandas informacionais de seus usuários.

Ao iniciarmos as buscas pelas placas relacionadas aos períodos de conclusão das turmas de 2016, detectamos a ausência da placa referente ao segundo período na galeria do CCSA-UFPB, não sendo possível identificar os motivos para tal ocorrência. Supõe-se que a placas tenha sofrido ações danosas e não tenham sido reparadas, como vidros quebrados, metal oxidado, entre outros. Nessa seara, segundo Monteiro e Licolino (2008, p.6) "os lugares da memória podem ser comparados à memória de longo alcance, graças à preservação de seus suportes materiais" o que infelizmente não ocorreu com a placa da turma 2016.2.

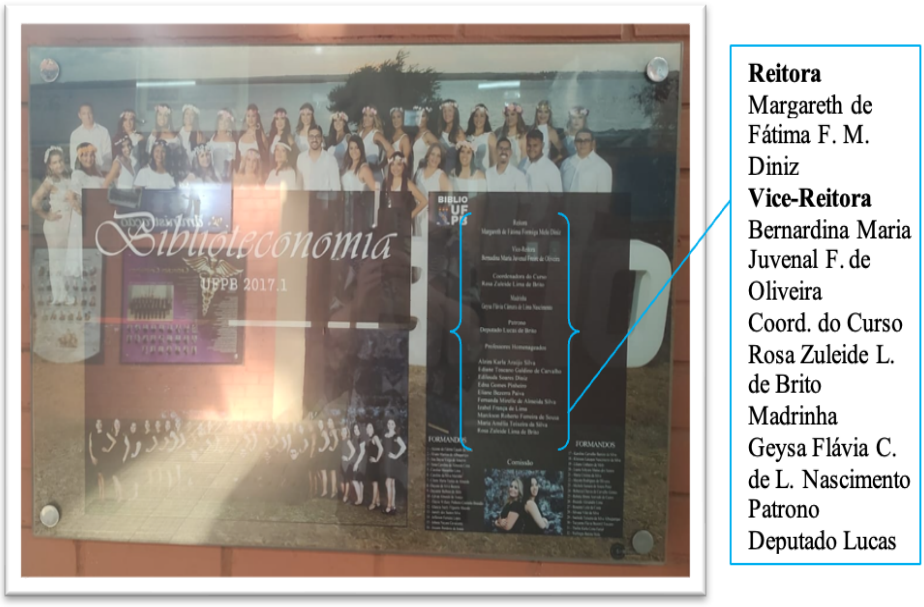
Figura 138 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2016



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A turma do primeiro período de 2016, em comparação ao ano anterior, é composta por quatorze concluintes, dos quais apenas três são do sexo masculino. Esse dado reforça o perfil predominante do curso, majoritariamente formado por mulheres, o que evidencia uma tendência já observada nas turmas anteriores. Seguindo a práxis das turmas de alguns anos anteriores, os trinta e dois concluintes de 2017.1 também recorreram aos registros fotográficos ao ilustrar a placa de formatura:

Figura 139 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2017



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Dentro da perspectiva de análise da placa apresentada na Figura 139, destacamos a vice-reitora da instituição, professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. Graduada em Biblioteconomia pela UFPB em 1988, ingressou no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da mesma universidade em 1994. Desde então, tem construído uma carreira marcada por excelência e compromisso, atuando de forma honrosa como docente e pesquisadora no referido curso e em sua área de atuação.

Com ampla produção científica, é autora de diversos artigos publicados em periódicos reconhecidos e livros especializados, além de coordenar projetos de pesquisa e extensão. Entre as principais temáticas que desenvolve, destacam-se: Patrimônio Cultural, Memória Institucional e Preservação Digital, abordadas nas linhas de pesquisa “Informação, Memória e Sociedade” e “Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes”. Além de docente e pesquisadora,

> [...] a Professora Bernardina desenvolve algumas atividades na gestão universitária da UFPB. Ela atuou como supervisora do Programa de Patrimônio, Documentação e Memória (1995-1996), foi Coordenadora de Estágio em Biblioteconomia (2000-2001), vice-coordenadora do Curso de Biblioteconomia (2002-2003), Coordenadora do Programa de Monitoria (2003-2005), atuou na gestão do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (2008-2009) – Campus I, da Biblioteca Sílvio Frank Além, coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação (2010- 2014) (Santiago, 2021, p.168).

Em 2016, Bernardina Freire inicia uma etapa marcante e significativa em sua carreira, ao tornando-se vice-reitora da UFPB na gestão da Professora Margareth Diniz, cargo nunca ocupado por nenhum docente do Departamento de Biblioteconomia atual DCI.

Figura 140 – Solenidade de Posse das Reitoras Margareth Diniz e Bernardina Freire



Fonte: Os Guedes.Com (2016)

Bernardina Freire não carrega em suas veias apenas o pulsar da docência e da pesquisa, como mencionado anteriormente, mas também o da liderança e da gestão acadêmica. Sua atuação vai além das salas de aula e dos projetos científicos, evidenciando uma vocação para conduzir processos institucionais com comprometimento, visão estratégica e dedicação à construção coletiva do saber, pois,

> [...] exerceu a função de Vice-Reitora da Universidade Federal da Paraíba (2016-2020) [...] enquanto Coordenadora do PPGCI e a organização do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação (ENANCIB), em 2015, um evento com grande repercussão acadêmica, que fizeram com que fosse convidada pela Professora Margareth Diniz a compor sua chapa para concorrer ao pleito para o segundo mandato na Reitoria da UFPB[...]. Nessa perspectiva, convite feito e recebido, era tempo de novas investidas em parceria. Em sua narrativa, a Professora Bernardina enfatizou que um dos seus pedidos era de não se tornar um elemento decorativo no reitorado (Santiago, 2021, p. 169-173).

Nesse contexto, é motivo de honra para o Curso de Biblioteconomia, assim como para toda a equipe docente que o integra, ter uma de suas docentes alcançando um posto de destaque na alta gestão universitária. Trata-se de uma

conquista que enche de orgulho todos os que fazem parte dessa comunidade acadêmica, uma vez que sua posição de certo modo trouxe maior visibilidade para o curso.

Ao iniciarmos as análises da penúltima placa de nossa pesquisa, referente ao ano de 2018, identificamos a presença de apenas uma placa de formatura, a da turma 2018.1. A placa do período 2018.2 não foi localizada na galeria das placas no CCSA, evidenciando o apagamento dessa turma, como também da memória social, coletiva e institucional da UFPB.

Figura 141 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2018.1



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

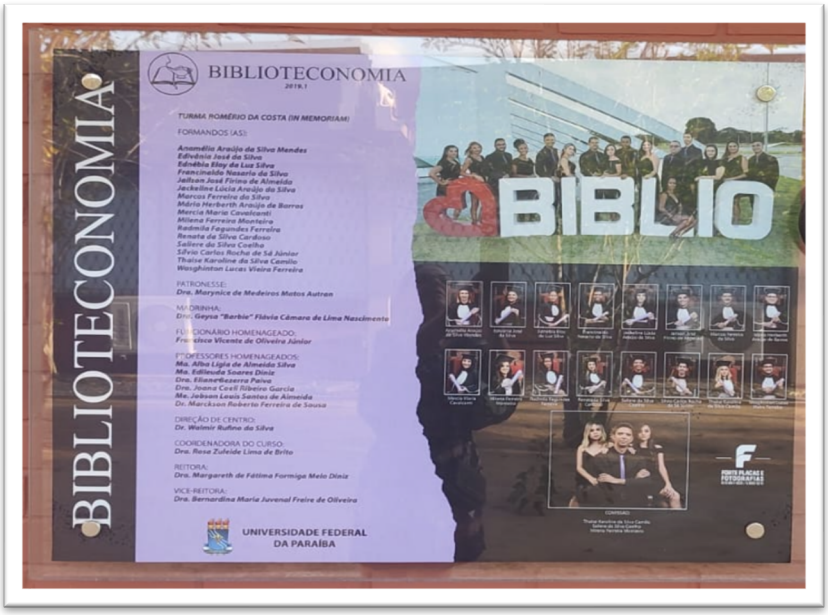
É amplamente reconhecido o valor do registro da informação e, sobretudo, da sua preservação nos mais diversos suportes, especialmente nos suportes físicos. Preservar essas informações é garantir a continuidade da memória e a salvaguarda do patrimônio histórico, assegurando que futuras gerações possam acessar e compreender os registros que moldaram a trajetória de instituições, comunidades e indivíduos. Nesse contexto,

> [...] a perda da memória social, intencional ou não, abre margem para a perda do conhecimento de interesse coletivo e para a desinformação. Na história da humanidade, destacam-se os inúmeros incêndios ocorridos na biblioteca de Alexandria, que culminaram na perda de informações e de conhecimentos de diversas áreas do saber (Santos; Lima, 2023, p.154).

Nesta direção, os autores corroboram ao evidenciar que esse apagamento, mesmo quando não intencional, não favorece o interesse público. Ao eliminar os vestígios da memória coletiva, comprometem-se as possibilidades de a sociedade aprender com a experiência acumulada ao longo do tempo.

Partindo para a última placa de nossa pesquisa, revelamos os vestígios de memórias da turma 2019.1. Para essa turma, enfatizamos dois pontos considerados relevantes nessa análise: o primeiro, a Patronesse e o segundo, o nome da turma.

Figura 142 - Placa dos Concluintes do Primeiro Período de 2019



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os formandos 2019.1 escolheram como Patronesse a professora "Marynice de Medeiros Matos Autran", que atuou durante décadas atuou no curso de Biblioteconomia da UFPB. Professora Marynice Autran ministrou várias disciplinas na graduação, entre elas: Gestão de Coleções, Produção e Registros do

Conhecimento, Comunicação Científica. Desenvolveu projetos de pesquisa voltados à Análise de Periódicos Eletrônicos, Genealogia Acadêmica e Comunicação Científica. No campo da extensão, desenvolveu vários projetos ligados à área. Sua trajetória profissional foi marcada por uma atuação sólida no ensino, na pesquisa e na extensão, tendo publicado inúmeros trabalhos científicos que continuam contribuindo para a contemporaneidade e o avanço da Biblioteconomia. Marynice aposentou-se de suas atividades acadêmicas na UFPB, no ano de 2023.

O segundo ponto de destaque é o nome da turma: ❤️BIBLIO. O símbolo escolhido pelos concluintes para eternizar na placa de formatura foi o coração. Segundo Paulo R. Prates, "o homem sempre teve a necessidade de criar símbolos, transformando, inconscientemente, objetos ou formas que passam a fazer parte de sua religião ou de sua arte visual" (Prates, 2005, p. 1026). Nesse contexto, essa expressão visual traduz o sentimento de amor e dedicação à profissão escolhida. Portanto,

> um trabalho que tenha sentido é desenvolvido por atividades que tenham importância sejam úteis e significativas para o colaborador e para a sociedade, trazendo satisfação e sentido para a vida do colaborador, fazendo com que sua realização gere prazer (Duarte; Castro, 2018, p.8).

Assim, a escolha de uma profissão com base na identificação pessoal é o diferencial para que o profissional exerça suas funções com satisfação e entusiasmo. Esses fatores serão decisivos durante ao longo da trajetória profissional, contribuindo para que ele progrida continuamente em sua carreira e, sobretudo, sirva de exemplo para aqueles que o cercam.



Fonte: Google Imagens, 2025.

5 A MEMÓRIA E SUAS NARRATIVAS: ABRINDO OS BAÚS DA HISTÓRIA ORAL

> *As entrevistas acerca da trajetória de vida pessoal e profissional de diversas pessoas que fazem parte da história da instituição [...]. Trata-se, afinal, de memórias individuais construídas ao longo de vidas, que hoje se apresentam em forma de relatos, remetendo-nos a um passado não tão distante e, ao mesmo tempo, propiciando uma série de questionamentos pertinentes e extremamente atuais. Apresenta-se como mecanismo de compreensão da sociedade através do indivíduo que nela viveu.*
> (Sobreira, 2020, p.8)

Apresentamos nesse capítulo os relatos obtidos por meio das entrevistas realizadas com os(as) docentes do Curso de Biblioteconomia da UFPB que foram localizados, cuja análise visa explicitar aspetos significativos do universo informacional e documental do Curso. Esta etapa teve como base metodológica a história oral, que se constitui por meio da interação entre dois sujeitos centrais: o(a) entrevistador(a) e o(a) entrevistado(a).

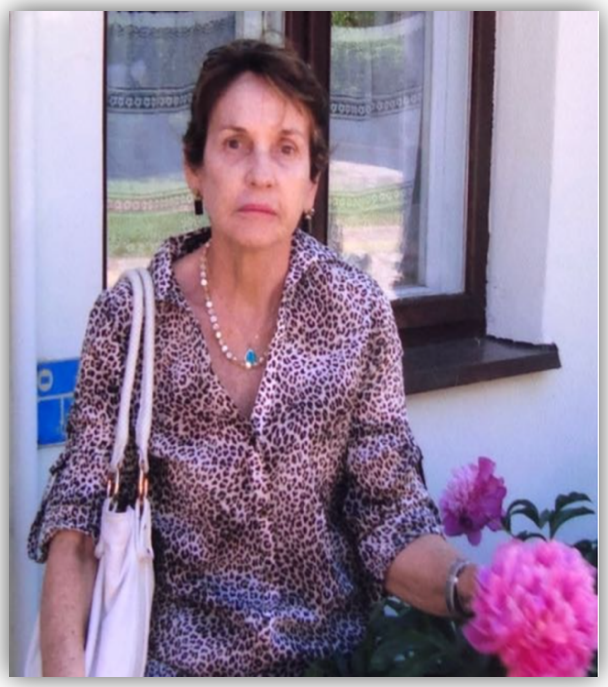
O(a) entrevistador(a) é o responsável por conduzir a entrevista a partir de um roteiro previamente elaborado, buscando orientar a conversa sem engessá-la, de modo a garantir a fluidez e autenticidade das narrativas. Já o(a) entrevistado(a) assume o papel de sujeito social e histórico, compartilhando suas vivências, memórias, perceções e trajetórias no momento da gravação. Essa interlocução dinâmica representa o núcleo da metodologia da história oral, pois possibilita a reconstrução do passado a partir das experiências individuais e subjetivas de quem vivenciou os acontecimentos. Mais do que coletar dados, esse processo valoriza a escuta atenta e a interpretação crítica das narrativas, permitindo a constituição de um panorama mais sensível, plural e detalhado da história do curso, sob a ótica daqueles que o ajudaram a construir.

Os(as) entrevistados(as) foram selecionados(as) por geração, com o objetivo de facilitar a compreensão dos contextos históricos vivenciados ao longo das décadas. Essa categorização permitiu identificar mudanças, permanências e nuances na trajetória do curso, contribuindo para a construção de um panorama histórico, abrangente e plural. Além disso, reforça a relevância da memória coletiva

como ferramenta fundamental quanto a valorização e preservação da memória do Curso de Biblioteconomia da UFPB.

Ao iniciarmos a análise das entrevistas, destacamos que o grupo pertencente à Primeira Geração (década de 1970) é composto por doze (12) docentes, apresentados na Figura 5, nos capítulos iniciais desta pesquisa. Desses, apenas *a Professora Gláucia Guimarães da Silveira e Silva* concedeu entrevista. A não participação dos demais ocorreu por diversos motivos, como problemas de saúde, dificuldade de localização ou falecimento. Apesar dessas limitações, a contribuição da docente entrevistada revela-se de grande valor, por oferecer um recorte histórico significativo. Sua narrativa destaca fatos e experiências relevantes vivenciados durante sua trajetória no curso de Biblioteconomia da UFPB, contribuindo, sobretudo, para o fortalecimento da memória institucional, como evidenciado nos relatos que se seguem.

5.1 PROFESSORA GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E SILVA



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (199?).

A paraibana Gláucia Guimarães da Silveira e Silva nasceu em uma família numerosa, composta por cinco irmãos, em João Pessoa, capital da Paraíba. Desde

cedo, aprendeu a partilhar espaços, afetos, responsabilidades e valores que moldariam sua trajetória pessoal e profissional. Sua formação escolar teve início no tradicional Colégio Lourdinas em João Pessoa(PB), instituição confessional e exclusivamente feminina, marcada por uma educação rigorosa e voltada à formação ética e disciplinar das alunas.

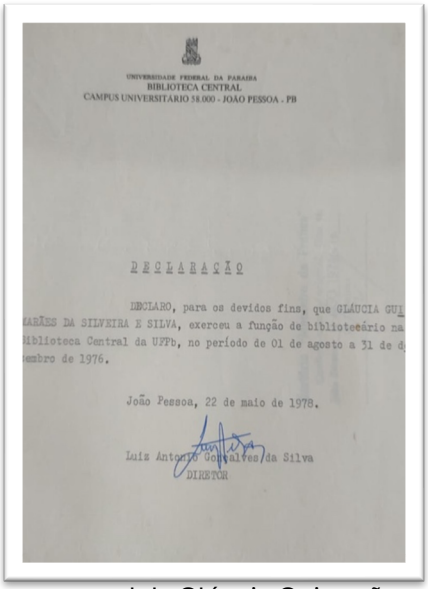
Na adolescência, Gláucia deu um passo significativo em sua formação ao ingressar no renomado Lyceu Paraibano, escola pública de referência no estado e berço intelectual de gerações. Nesse ambiente mais diversificado e desafiador, ampliou sua visão de mundo, fortalecendo sua vocação para os estudos e despertando o desejo de contribuir com a educação e a sociedade paraibana.

Assim, a trajetória de Gláucia Guimarães, desde os primeiros anos escolares, reflete a confluência entre tradição e transformação. Sua formação inicial, construída em instituições marcantes da história educacional paraibana, seria o alicerce para uma vida dedicada ao ensino, à pesquisa e ao fortalecimento da Biblioteconomia no Nordeste do Brasil.

Catalogando trajetórias

Ao iniciar sua vida profissional como Bibliotecária, Gláucia organizou diversos acervos e bibliotecas, principalmente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No período de 1º de agosto a 31 de dezembro de 1976, desempenhou a função de bibliotecária na Biblioteca Central da UFPB. Sua atuação foi posteriormente registrada em declaração oficial emitida em 22 de maio de 1978 pelo então diretor da instituição, Luís Antônio Gonçalves da Silva. O documento reconhece formalmente a contribuição de Gláucia no exercício de suas atribuições técnicas, evidenciando sua presença ativa na consolidação dos serviços bibliotecários da universidade naquele período.

Figura 143 – Bibliotecária na Biblioteca Central da UFPB de 1976 a 1978



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
BIBLIOTECA CENTRAL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO 58.000 - JOÃO PESSOA - PB

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, para os devidos fins, que GLÁUCIA GUI
MARÃES DA SILVEIRA E SILVA, exerceu a função de bibliotecário na
Biblioteca Central da UFPb, no período de 01 de agosto a 31 de d
embro de 1976.

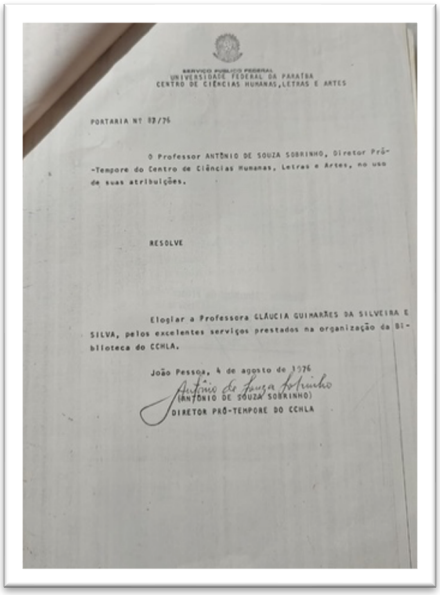
João Pessoa, 22 de maio de 1978.

Luiz Antonio Gonçalves da Silva
DIRETOR

Fonte: acervo pessoal de Gláucia Guimarães, 2023.

Em agosto de 1976, a Professora Gláucia Guimarães foi oficialmente reconhecida por sua dedicação e competência na organização da biblioteca do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba. Por meio da Portaria nº 87/76, assinada pelo Professor Antônio de Souza Sobrinho, então Diretor Pró-Tempore do CCHLA, a docente foi elogiada pelos excelentes serviços prestados, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da estrutura informacional do centro.

Figura 144– Portaria 17/76 da Reitoria da UFPB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PORTARIA Nº 87/76

O Professor ANTÔNIO DE SOUZA SOBRINHO, Diretor Pró-Tempore do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, no uso de suas atribuições,

RESOLVE

Elogiar a Professora GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E SILVA, pelos excelentes serviços prestados na organização da Biblioteca do CCHLA.

João Pessoa, 4 de agosto de 1976.

(ANTÔNIO DE SOUZA SOBRINHO)
DIRETOR PRÓ-TEMPORE DO CCHLA

Fonte: Acervo pessoal de Gláucia Guimarães, 2023.

Esse reconhecimento formal simbolizou não apenas o apreço institucional por sua atuação, mas também o impacto de seu trabalho na promoção do acesso ao conhecimento e na valorização da biblioteconomia na universidade.

Em consonância com essas atividades, já casada e mãe de três filhas, Gláucia Guimarães iniciou sua carreira docente no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1976, aos trinta e poucos anos de idade. Ingressou no magistério superior com a maturidade de quem conciliava os desafios da vida familiar com a paixão pelo ensino e pela Biblioteconomia, área à qual dedicaria décadas de trabalho e compromisso.

No início de sua caminhada acadêmica, assumiu a responsabilidade de lecionar disciplinas fundamentais para a formação técnica e crítica dos futuros bibliotecários, como Classificação, Catalogação e Estágio Supervisionado. Era um tempo em que a estrutura institucional ainda carecia de muitos recursos, mas sua dedicação supria as ausências materiais com entusiasmo, rigor metodológico e sensibilidade pedagógica. A qualificação profissional era uma preocupação constante em sua trajetória, e, sempre que possível, participava de cursos para ampliar seus conhecimentos. Em outubro de 1976 realizou Curso de Classificação durante a Semana Nacional do Livro e Centenário da Primeira edição da Classificação Decimal de Dewey (CDU):

Figura 145– Certificado do Curso de Classificação em 1976



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CERTIFICADO

Certificamos que GLÁUCIA GUIMARÃES DA SILVEIRA E SILVA freqüentou o Curso de Extensão Universitária, "CLASSIFICAÇÃO", promovido pelo Curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba e ministrado pela Professora Cordélia Robalinho Cavalcanti, no período de 25/30 de outubro de 1976 (30 horas/aula), durante as comemorações da Semana Nacional do Livro e Centenário da 1.ª edição da Classificação Decimal de Dewey.

João Pessoa, 30 de outubro de 1976

Ivanildo da Costa Lucena
Professor para Assuntos Comunitários

Berilo Ramos Borba
Diretor do CCSA

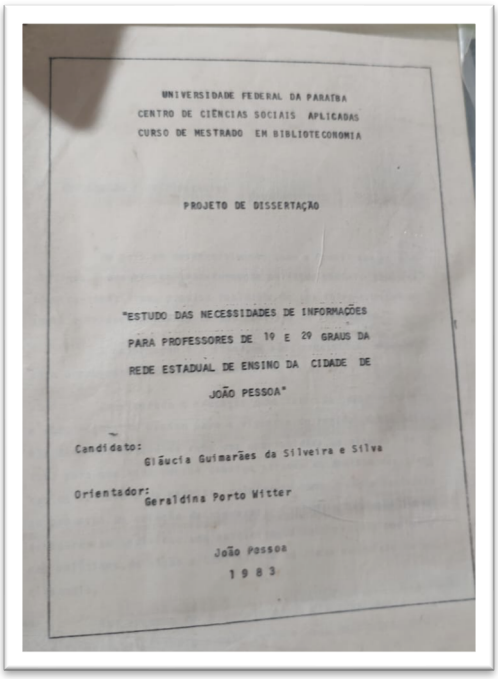
José Neutel Correia Lima
Chefe do Departamento de Administração e Contabilidade

Fonte: Acervo pessoal de Gláucia Guimarães, 2023.

Professora Gláucia rapidamente se destacou pela seriedade com que preparava suas aulas, pelo cuidado na orientação dos alunos em campo e pelo esforço constante em aproximar a teoria da prática. Ao conduzir os estágios supervisionados, incentivava a vivência direta com o cotidiano das bibliotecas, acreditando que a formação profissional se fazia também fora das salas de aula, nos corredores das instituições, no contato com o público e na escuta das realidades sociais. Assim começava sua marcante história no ensino superior, pautada pela ética, pela competência técnica e por uma firme crença no papel transformador através da educação.

Em meados da década de 1980, a professora Gláucia Guimarães alcançou um marco importante em sua trajetória acadêmica ao ser aprovada no Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesse período desenvolveu um projeto voltado às demandas sociais e educacionais do seu contexto, apresentando o trabalho intitulado *"Estudos das necessidades de informações para professores e 1º e 2º graus da rede estadual de ensino da cidade de João Pessoa"*

Figura 146 – Projeto de Dissertação (1983)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA

PROJETO DE DISSERTAÇÃO

"ESTUDO DAS NECESSIDADES DE INFORMAÇÕES PARA PROFESSORES DE 1º E 2º GRAUS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA"

Candidato: Gláucia Guimarães da Silveira e Silva

Orientador: Geraldina Porto Witter

João Pessoa
1983

Fonte: Acervo pessoal de Gláucia Guimarães, 2023.

A pesquisa, pioneira em sua abordagem, refletia a preocupação da autora em compreender as necessidades de informação e como os professores da rede pública acessavam, utilizavam as informações necessárias ao exercício da docência. Ao investigar essas lacunas, Professora Gláucia não apenas contribuiu para o campo da Biblioteconomia, mas também reafirmou seu compromisso com a valorização da educação básica e com a função social da informação. Sua dissertação representa não apenas um exercício acadêmico, mas um gesto político e pedagógico, uma resposta concreta às desigualdades informacionais vividas por professores envolvidos em um sistema educacional carente de recursos e incentivos. Dessa forma, consolidava-se como uma pesquisadora atenta às especificidades locais.

Trajetórias de compromisso e perseverança na formação de bibliotecários

Para Professora Gláucia Guimarães, ensinar era, antes de tudo, um exercício de invenção cotidiana, pois exigia mais do que vocação: demandava profunda dedicação à busca de materiais, à construção de conteúdos e ao enfrentamento de uma realidade estruturalmente precária. Para preparar suas aulas, ela não contava com plataformas digitais, repositórios ou acervos *online*. Suas ferramentas eram os livros impressos adquiridos em viagens e em livrarias do Rio de Janeiro e São Paulo (muitas vezes comprados pelo marido) e, sobretudo, a prática persistente de ler, fichar e organizar conteúdos em transparências (folhas plásticas que permitiam, através de um projetor, usando luz para reproduzir o texto na parede da sala de aula) e em cadernos.

Para à professora, tanto o Departamento de Biblioteconomia e Documentação, quanto as salas da Reitoria e a Biblioteca Central da UFPB, se tornavam extensão de sua rotina profissional. Nesses espaços ela construía suas disciplinas com método e sensibilidade, dando vida a conteúdos como Multimeios, Catalogação, Referência e o seu preferido, Classificação. A construção das aulas era feita com base no que havia disponível e no que conseguia trazer das viagens a congressos da área, eram literalmente momentos de atualização intelectual,

aquisição de acervo técnico e troca de experiências, dos quais fazia questão de incluir seus alunos, mesmo que, para isso, precisasse alugar ônibus da universidade, buscar apoio na Reitoria e negociar lanches e almoços.

Figura 147 – Participação no 15º CBBD no Rio de Janeiro em 1989



Fonte: Acervo pessoal de Gláucia Guimarães, 2013.

Mais do que professora, Gláucia Guimarães foi articuladora de diálogos acadêmicos, mediadora de experiências e defensora do direito dos alunos ao conhecimento para além da sala de aula. As chamadas "visitas técnicas" eram, para ela, um importante instrumento de extensão: os alunos visitavam bibliotecas públicas e universitárias, especialmente em cidades como Campina Grande, Recife e Natal, para comparar com as realidades distintas entre as instituições de ensino entre os estados.

No cotidiano institucional, transitava com habilidade entre a coordenação do curso, a supervisão de estágio e a docência. Mesmo na função administrativa, nunca abandonou a sala de aula. Ao contrário, fazia questão de manter-se próxima do ensino, por entender que o planejamento, a organização e a escuta dos alunos eram partes inseparáveis do processo formativo.

Em sua atuação como coordenadora, enfrentou resistências internas. Um episódio marcante foi a implantação do curso noturno, uma iniciativa para atender ao novo perfil de estudantes (trabalhadores, com menor poder aquisitivo), que só podiam estudar à noite. Para garantir a continuidade do curso, enfrentou críticas,

incompreensões e até o distanciamento de colegas, mas encontrou apoio decisivo na Reitoria, nos Pró-Reitores e no então Diretor de Centro. Sua fala ao CONSUNI ressoa ainda como um gesto de resistência e compromisso: “Se não houver o curso noturno, ele será encerrado. Os alunos são trabalhadores, precisam estudar à noite.”

Nesse sentido, a convivência no Departamento também era marcada por laços de solidariedade, mesmo diante de tensões. O "mesão" onde os professores se reuniam para preparar materiais acadêmicos, atender alunos e discutir práticas de ensino e pesquisa era símbolo de um tempo em que o trabalho intelectual era também profundamente coletivo. Colegas como Neusa Costa, Djane Borba, Francisca e Carmen Lúcia faziam parte de um ciclo de amizades e trocas, ainda que nem sempre houvesse consenso nas decisões.

Portanto, ao longo de sua trajetória na UFPB, a professora Gláucia Guimarães construiu uma prática docente que transcendia o espaço da sala de aula. Seu compromisso com o ensino ultrapassava o conteúdo disciplinar e se manifestava em ações que buscavam ampliar o horizonte crítico e formativo dos estudantes. Acreditava, com convicção, que o aprendizado não podia se encerrar nas paredes da universidade, pois era preciso provocar deslocamentos, físicos que permitissem aos alunos emergir, ver o mundo e confrontar outras realidades. “O aluno precisa emergir, ver o mundo, conhecer outras realidades”, costumava dizer, desafiando a zona de conforto de uma formação tecnicista. Mesmo diante da falta de envolvimento de alguns colegas na realização de eventos e palestras voltados à formação dos alunos sobre a profissão, mantinha-se firme em sua proposta pedagógica. Sua docência era impulsionada por um ideal de transformação social, alicerçado na convicção de que a Biblioteconomia deveria dialogar com os desafios do mundo, com as lacunas no acesso à informação e com as múltiplas expressões da desigualdade

Nesse espírito, sua atuação na extensão universitária destacou-se pela sensibilidade e compromisso social. Um dos episódios mais marcantes de sua trajetória foi o trabalho com uma biblioteca comunitária localizada no bairro Alto das Populares, em Santa Rita. Ali, em um território marcado pela carência material e pelo apagamento informacional, levava seus alunos para promover vivências que

confrontavam diretamente os modelos hegemônicos de acesso ao saber. Comparar aquele espaço com as bibliotecas universitárias não era apenas uma atividade didática: era, para ela, um exercício pedagógico de cidadania. Essas práticas, entrelaçadas com sua vivência acadêmica, evidenciam o papel da professora Gláucia como uma defensora da universidade pública comprometida com a inclusão social. Seu trabalho foi formalmente reconhecido por instâncias institucionais da UFPB, o que representou, mais do que um gesto burocrático, a validação do impacto transformador de sua atuação. Ao promover o acesso ao conhecimento, fortalecer a extensão universitária e valorizar o campo da Biblioteconomia, deixou marcas duradouras que ultrapassam documentos e registros: inscreveu-se na memória viva da formação cidadã no ensino da biblioteconomia paraibana.

5.2 PROFESSOR ADOLFO JÚLIO PORTO DE FREITAS



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

Entre a memória familiar e a construção do saber

Adolfo Júlio Porto de Freitas carrega consigo uma história moldada por heranças afetivas e valores familiares que o colocaram, desde cedo, em contato com o sentido profundo da educação. Filho mais novo entre os 22 irmãos de Manoel Joaquim de Freitas (que nasceu em 1898), um homem com pouco estudo, mas empreendedor, e de Nilde Lacerda (1920), a primeira contadora da cidade de Santa Rita e a segunda esposa do seu pai, foi educado com a convicção de que a educação seria seu bem mais duradouro. Em um tempo em que o acesso ao ensino superior era inexistente e a formação acadêmica se restringia às Academias de Comércio, consolidou-se a história de uma família cujo alicerce era a educação. Naquela época as mães projetavam sobre os filhos a missão de se tornarem médicos, engenheiros, militares, advogados ou religiosos, e a sua mãe o sonhava padre ou militar, profissões vistas como marcos de prestígio e ascensão. Porém, foi a mãe quem assumiu a tarefa de guiar os filhos por um caminho em que a educação era sem dúvida o bem mais valioso. Seu ensinamento era claro: “tudo pode ser perdido, menos a educação”. E assim aconteceu: entre médicos, advogados e engenheiros, coube a Adolfo, o caçula dos homens, trilhar seu próprio caminho, guiado pelos valores herdados e pela força da palavra materna.

A perda precoce da mãe, às vésperas de completar 18 anos, acentuou o desejo de honrar esse legado. Embora relutante, chegou a iniciar a carreira militar, mas foi uma tia, irmã de sua mãe, quem abriu novos horizontes ao sugerir-lhe um curso superior. Inspirado pela fala de Letícia, sobrinha dessa tia que trabalhava na Fundação Joaquim Nabuco (Recife) ao dizer: “Olhe, o curso de Biblioteconomia é muito bom” que Adolfo Júlio descobriu, entre a dúvida e a curiosidade, o universo ainda enigmático da Biblioteconomia.

A inscrição no vestibular, na época, exigia marcar duas opções de curso. Sem saber exatamente o que fazia um bibliotecário, escolheu a área pela influência familiar e pela afinidade inicial com arquivos e documentos. Ingressou no curso e logo foi cativado pela disciplina Técnicas de Arquivo, ministrada por Francisca Arruda Ramalho, cuja didática marcaria profundamente sua trajetória. A paixão pela organização da informação e pelos registros documentais começou a se consolidar naquele momento.

Durante sua formação, vivenciou o cenário de reformulação curricular da década de 1980, época em que o curso era marcado por uma forte presença feminina, característica comum nos Cursos de Biblioteconomia e em outras áreas como Serviço Social, Psicologia e Enfermagem. Entre poucos colegas homens, encontrou parceria em figuras como Alex Darlan, Fernando e Abelardo, com quem dividiu os desafios de permanecer vinculado à grade curricular antiga. A mobilização coletiva e o recurso administrativo permitiram que esse grupo concluísse a formação respeitando sua matriz original, como destaca:

> Entramos com um recurso solicitando que a gente permanecesse e concluísse o curso com a grade anterior. Então começou a funcionar com esses dois currículos, quebrando a regra de quantidade de créditos. Só podia cursar 12 no máximo, ou somente 18 ou 22 nos turnos manhã e tarde para poder concluir o curso. O Curso funcionava somente à tarde com disciplinas de estatística, mas ainda assim não conseguimos concluir o curso em três anos (Adolfo Júlio, 2023)

Adolfo Júlio enfrentou as exigências acadêmicas com dedicação, mesmo vindo de um percurso técnico na área de mecânica feito na antiga Escola Técnica Federal da Paraíba, completamente distinto do novo campo em que ingressava. Entretanto, transição não foi simples, mas sua determinação o levou a encontrar sentido e identidade no ofício bibliotecário.

Essa trajetória inicial, marcada por escolhas atravessadas por afetos, perdas, conselhos familiares e oportunidades inesperadas, é mais do que um relato pessoal: é um testemunho da forçada educação como fundamento da construção de uma carreira profissional. Adolfo não apenas trilhou um caminho na Biblioteconomia, mas também ajudou a delineá-lo, tornando-se, mais tarde, parte ativa da formação de novos profissionais paraibanos e sergipanos, ao mesmo tempo em que resgatava, com sensibilidade e consciência histórica, os fios que tecem sua própria origem como educador.

Das raízes familiares à formação docente: a construção de uma trajetória acadêmica na Biblioteconomia

A relação de Adolfo com a Biblioteconomia é atravessada por vínculos afetivos, compromissos familiares e oportunidades que, ao longo do tempo, foram

moldando sua identidade profissional. Sempre conectado ao conselho da mãe: "você tem que se formar. Educação é a sua dignidade". Foi sob esse legado que Adolfo ingressou no ensino superior na Universidade Federal da Paraíba, em um contexto de transição curricular, convivendo com colegas que, como ele, tentavam equilibrar expectativas e incertezas quanto ao futuro profissional.

Ao entrar no Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1982, sua graduação foi marcada pela coexistência de dois currículos: o antigo e o novo entre os anos de 1983 e 1984. Junto a colegas como Alex Darlan, Fernando e Abelardo, Adolfo optou por permanecer na matriz curricular anterior, resistindo à mudança do novo formato curricular. Essa decisão demandou esforço adicional: longas jornadas de estudo, sobreposição de disciplinas e o desafio de concluir o curso em um cenário institucional ainda carente de recursos e infraestrutura.

Desde cedo, também se identificou com a Arquivologia, área que o fascinava por seu compromisso com a organização documental. Sua experiência anterior com a formação militar facilitou seu envolvimento com arquivos institucionais, como o da Polícia Militar da Paraíba. Em 1987, foi convidado e indicado por professora Raquel Abath para assumir a implantação da Biblioteca da Faculdade Tiradentes, em Aracaju, onde vivenciou seu primeiro exercício profissional como Bibliotecário e professor no Curso de Biblioteconomia ofertado por esta Faculdade. A experiência na iniciativa privada, somada ao engajamento nas tarefas de regulamentação de curso e estruturação de acervo, foi decisiva para consolidar sua visão de uma Biblioteconomia crítica, comprometida com a sociedade.

Ainda em 1988, ingressou no mestrado em Ciência da Informação na (UFPB) trabalhando em sua Dissertação intitulada “Informação comunitária em Biblioteconomia: estudo da produção acadêmica do Curso de Biblioteconomia da UFPB” orientado pela Professora Francisca Arruda Ramalho.

Figura 148 – Com a Professora Francisca Arruda Ramalho



Fonte: Acervo pessoal de Adolfo Júlio, 2023

No final do Mestrado, prestou concurso para professor na UFPB, entre seis candidatos, para a única vaga disponível, Adolfo foi aprovado. Sua admissão em 1989 marcou o início de uma carreira docente profundamente ligada ao ensino, à gestão acadêmica e à extensão universitária. Atuando inicialmente em disciplinas como Bibliografia Especializada em Ciências Biomédicas e Tecnológicas e Elaboração de Trabalhos Monográficos, Adolfo enfrentou as limitações tecnológicas da época com criatividade e empenho, produzindo materiais didáticos datilografados e adaptando suas aulas à realidade das bibliotecas e das comunidades onde desenvolvia projetos de extensão.

Com forte atuação em Projetos de Extensão em comunidades da capital paraibana, coordenando ações em Santa Clara, Roger e na Biblioteca Popular do município de Santa Rita, articulando estudantes de diversas áreas em iniciativas interdisciplinares voltadas à inclusão e ao desenvolvimento local. Para Adolfo, a biblioteca deveria ir além do apoio técnico ao ensino: deveria constituir-se como espaço formador, capaz de provocar mudanças sociais e culturais.

Na década de 90, o Professor Adolfo assumiu a coordenação do curso de Biblioteconomia da UFPB e, em seguida, a chefia do Departamento de Ciência da Informação. Naquele momento, era o único professor homem em um corpo docente majoritariamente feminino, convivendo com figuras emblemáticas da área, como Francisca Arruda Ramalho, Jerusa Lyra, Walkíria Toledo de Araújo,

Rachel Joffily Abath, e Gláucia Guimarães da Silveira e Silva, esta última sua parceira na gestão acadêmica.

Figura 149 – Com colegas docentes do Departamento de Biblioteconomia e Documentação



Fonte: Acervo pessoal de Adolfo Júlio, 2023

Juntos, enfrentaram desafios estruturais, como a evasão decorrente da oferta exclusiva do curso em horário diurno, o que os levou a propor e implantar a modalidade noturna como alternativa de permanência estudantil e democratização do acesso ao ensino superior em universidade pública.

A experiência do Professor Adolfo é marcada por uma postura atenta de escuta e por um compromisso contínuo com a formação de seus alunos. Costumava afirmar: “A academia dá a fundamentação teórica que vai te dar visão do todo”, princípio que guiava suas ações, da organização curricular às atividades de extensão, da produção de materiais didáticos ao trabalho nos arquivos. Sua trajetória docente, profundamente entrelaçada à história do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, evidencia a centralidade da memória como fundamento da identidade docente e reforça a educação como compromisso social.

Ao assumir a coordenação do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba no início da década de 1990, o Professor Adolfo Júlio deparou-se com uma realidade marcada por limitações tecnológicas, carência de materiais didáticos estruturados e uma evasão crescente no turno vespertino. Era comum, à época, que a própria coordenação se responsabilizasse pela reprodução das provas e textos de apoio aos docentes, processo artesanal que incluía a reprodução por meio de mimeógrafo a álcool e logo depois a Xerox. Com o tempo, decidiu-se interromper esse modelo e iniciar a sistematização dos conteúdos em formato datilografado e arquivado por disciplina em um esforço pioneiro que buscava garantir continuidade e atualização do material e sobretudo curricular.

A evasão estudantil era um problema crescente. Em uma aula da saudade, o então Pró-Reitor de Graduação alertou sobre o risco iminente de desativação do Curso de Biblioteconomia, caso nenhuma medida fosse tomada. Sensível ao contexto, Professor Adolfo reuniu o corpo docente e propôs a elaboração de um Plano Diretor, no qual se delinearam ações estratégicas, dentre as quais a criação da modalidade noturna. Com essa iniciativa, tornou-se o primeiro Coordenador do Curso de Biblioteconomia noturno da UFPB, numa tentativa de democratizar o acesso e responder à nova realidade dos estudantes, muitos dos quais já inseridos no mercado de trabalho.

A experiência docente e administrativa do professor Adolfo também o colocou diante de debates recorrentes nos congressos da área, como a forte presença feminina nos cursos de Biblioteconomia, entendida como resultado de padrões culturais e históricos que restringiam às mulheres poucas possibilidades profissionais. Esse panorama, segundo ele, começou a se modificar gradualmente a partir dos anos 1990.

Nesse contexto, as transformações políticas e sociais do país também atravessaram sua trajetória. A promulgação da Constituição Federal de 1988, o fim da ditadura e a abertura democrática foram marcos que, embora não vivenciados com repressão direta, influenciaram a cultura institucional e os rumos da

universidade pública, relembra Professor Adolfo. Desse modo, ele se preocupava com a formação profissional e a inserção dos egressos no mercado de trabalho, percebendo que o currículo ainda era excessivamente generalista diante de um mundo cada vez mais especializado.

Tempos mais tarde, a proposta de criação do Curso de Arquivologia na UFPB, idealizada por ele e outros colegas, previa um núcleo comum com a Biblioteconomia e posterior especialização com tutoria individualizada. Embora a proposta não tenha avançado na forma idealizada, a visão de formação voltada para competências específicas seguia presente em sua atuação. Para Adolfo, era inaceitável que um arquivista, por exemplo, fosse lançado ao campo profissional sem domínio da terminologia jurídica, contábil ou institucional necessária para lidar com acervos especializados.

Crítico à extensão do tempo de formação, então com duração de cinco anos, ele defendia currículos mais compactos e eficientes. Apontava que instituições como os Institutos Federais estavam formando técnicos em Biblioteconomia em dois anos e meio, o que, segundo ele, obrigava as universidades a repensarem sua estrutura para não perderem relevância, destaca o professor:

> E eu acho que é muito o tempo o curso ser de cinco anos. Na atualidade não dá mais para você ficar cinco anos numa graduação. E eu tive a prova disso alguns alunos na minha época, passaram em concurso público e tivemos que fazer aquele programa de redução de carga/disciplina. Então, isso já é uma prova cabal de que esse curso não pode ter uma duração tão longa. E o que estamos vendo nos Institutos Federais: os cursos duram dois anos e meio e no máximo três. Além disso, a gente não pode se distanciar das tecnologias. Então, gestão eletrônica de documentos mesmo é algo de extrema relevância no nosso curso (Adolfo Júlio, 2023).

Com base nessas reflexões, Adolfo contribuiu com a elaboração do Plano Diretor do Departamento de Biblioteconomia entre 1997 e 1999, documento que previa, com notável antecedência, ações como o Gerenciamento de Acervos digitais, Serviços Automatizados de Informação, Análise do Comportamento Informacional e Formação Docente voltada às novas tecnologias. A chegada da

internet à UFPB em meados dos anos 1990, mas ainda tardio, para acelerar esse processo. Outro ponto recorrente em sua crítica era a lentidão na transformação das práticas do Estágio Supervisionado. Defensor do modelo tradicional, com carga horária contínua e inserção real nas instituições, entendia que o modelo fragmentado (com poucas horas semanais) reduzia o potencial formativo da experiência. Desde os anos 1990, já defendia o papel do estágio como parte fundamental da integração entre teoria e prática, aprendizado e realidade profissional.

Portanto, sua narrativa revela um docente atento às demandas da profissão, preocupado com a articulação entre currículo, prática e mercado, e profundamente comprometido com o futuro da Biblioteconomia. Entre mimeógrafos e disquetes, planos diretores e reformas curriculares, o professor Adolfo Júlio continua sendo, uma voz lúcida que pretendeu conduzir o curso de Biblioteconomia da UFPB pelos caminhos da inovação (principalmente tecnológica) e da responsabilidade social.

Ao atravessar essas décadas, entre os anos de 2009 e 2013, o Professor Adolfo trilhou um percurso acadêmico significativo no âmbito do Doutorado em Ciência da Informação, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sob a orientação da Professora Dra. Marlene Oliveira Teixeira de Melo e coorientação da Professora Dra. Mirian de Albuquerque de Aquino o processo formativo foi pautado por rigor teórico e compromisso com a pesquisa crítica e aplicada. A tese, concluída em 2013, intitulada "*A informação como fundamento para formação de novos padrões de cultura cívica no âmbito do Orçamento Participativo-(OP)"* teve como eixo central a interface entre **Ciência da Informação, informação pública e processos democráticos**. O Doutorado não apenas ampliou suas pesquisas, como também contribuiu para consolidar seu compromisso com a área de atuação.

Entre vaidades, bibliografias e projetos de extensão: a prática docente de Adolfo Júlio na Biblioteconomia da UFPB

A prática docente do Professor Adolfo Júlio foi marcada por um esforço contínuo de alinhar os conteúdos curriculares às demandas concretas da formação profissional e ao cotidiano de trabalho das bibliotecas. Em um tempo em que os recursos didáticos eram quase exclusivamente impressos e a reprodução de materiais dependia de tecnologias limitadas, preparar uma aula exigia não apenas conhecimento, mas também paciência e criatividade. A carência de infraestrutura era compensada por um compromisso ético com o ensino, que se expressava, entre outras estratégias, na organização e sistematização dos textos didáticos utilizados das disciplinas.

Seu percurso como docente foi atravessado por um ideal de formação voltada à prática profissional. Em suas palavras, era preciso preparar o aluno (futuro bibliotecário) para o mercado de trabalho, sem renunciar à possibilidade de outros caminhos, como a docência ou a pesquisa. No entanto, enfatizava que o currículo precisava estar sensível às transformações sociais e tecnológicas. Sem reforma curricular e sem um corpo docente engajado nessa direção, acreditava ele, a universidade não daria conta de formar profissionais qualificados e competentes.

A experiência com a disciplina de Bibliografias Especializadas revelou, desde o início, os desafios de lidar com ferramentas complexas como *o Chemical Abstract*, cujo manuseio exigia domínio técnico e familiaridade com sistemas de codificação. Professor Adolfo aprendeu no fazer, muitas vezes ensinando enquanto ainda compreendia os próprios limites do recurso. Ao acompanhar seus alunos à Biblioteca Central da UFPB, observava criticamente aspectos estruturais do espaço, como a iluminação inadequada e as condições precárias de conservação de acervos raros, apontando para uma realidade que exigia intervenções urgentes tanto do ponto de vista da infraestrutura quanto da preservação do patrimônio bibliográfico.

Contudo, Professor Adolfo foi mais do que um docente de sala de aula, foi também um articulador de práticas extensionistas. Atuou durante muitos anos no *“Projeto de extensão com atuação em comunidade carente Santa Clara em João Pessoa/PB”,* onde participou da fundação da Associação de Moradores e

coordenou o "*Programa Gente Jovem"*, que mobilizou estudantes de diversas áreas (da Medicina à Educação Física), em ações interdisciplinares junto à comunidade.

Figura 150 – Reunião Projeto de Extensão



Fonte: Acervo pessoal de Adolfo Júlio, 2023

O espírito colaborativo e transformador dessas atividades reforçava sua convicção de que a extensão universitária deve ser ampla e inclusiva, priorizando especialmente a escuta e o atendimento às demandas de pessoas e comunidades em situação de vulnerabilidade social.

Entretanto, ao reportar-se ao plano das relações interpessoais, o ambiente acadêmico nem sempre foi amistoso. Professor Adolfo rememora um Departamento marcado por isolamento entre os colegas docentes e competições veladas. A vaidade, segundo ele, muitas vezes sobrepunha-se ao interesse coletivo, prejudicando a coesão e o diálogo no espaço acadêmico. Ainda assim, permaneceu, contribuindo com firmeza, mesmo diante de contextos adversos.

ENTRE CONEXÕES, FRUSTRAÇÕES E LEGADO: NOTAS FINAIS DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE MARCADA PELO COMPROMISSO COM A BIBLIOTECONOMIA

A trajetória acadêmica do Professor Adolfo Júlio, construída ao longo de décadas de dedicação à formação de bibliotecários na Universidade Federal da

Paraíba, revela-se como um percurso entre conquistas significativas, reflexões profundas e lacunas que permaneceram abertas. Sua vida acadêmica foi marcada por décadas de dedicação à formação de bibliotecários na Universidade Federal da Paraíba, revelando-se, ao final, um conjunto de conquistas, reflexões e lacunas não preenchidas.

Um dos aspectos que Adolfo destaca como prática pedagógica significativa, foi a articulação entre os cursos de Biblioteconomia de diferentes instituições. Essa comunicação interinstitucional permitia o compartilhamento de experiências curriculares e práticas de ensino, ao relembrar que,

> Um ponto interessante era quando ia iniciar o semestre, os professores por área se reuniam antes para discutir programas das disciplinas para ver a compatibilidade, os conteúdos que ficavam sendo repetidos numa disciplina e outra que às vezes até o aluno diziam eu já vi na disciplina tudo isso aqui no novo mapa, equalizar os conteúdos. Essa dinâmica não existe mais (Adolfo Júlio, 2023).

Esse exercício coletivo buscava evitar sobreposições de conteúdo e garantir uma formação mais integrada aos estudantes. Segundo ele, tratava-se de um esforço de alinhamento pedagógico que, infelizmente, não mais se repete com a mesma intensidade.

Ao revisitar sua trajetória acadêmica e profissional, Adolfo rememora com carinho sua atuação em projetos de monitoria na área de Arquivologia e reafirma sua crença no valor da interdisciplinaridade. Ressalta que o curso, que começou com apenas cinco docentes, ampliou significativamente seu corpo docente com a criação da graduação em Arquivologia, passando dos trinta, o número dos professores atualmente no Departamento. Apesar disso, aponta a necessidade de intensificar os diálogos entre áreas, objetivando construir uma formação mais integrada e crítica.

Em tom quase que confessional, admite certas frustrações. Uma delas, bastante presente em suas memórias, foi não ter conseguido concretizar a implantação da Empresa Júnior do Curso ao afirmar que “o que me frustrou foi não ter conseguido criar a empresa júnior. A gente chegou a formar até um estatuto... eu tentei, tentei, mas não deu certo”. O projeto, segundo ele, representava uma

oportunidade ímpar de inserir os estudantes em experiências práticas, especialmente em arquivos privados, fortalecendo o vínculo entre formação acadêmica e o mercado de trabalho. Ainda assim, reconhece que muitas sementes foram plantadas, mesmo aquelas que não floresceram.

Sobre o ambiente institucional, Professor Adolfo reflete com serenidade: nem todas as experiências foram fáceis, mas se manteve firme na defesa de uma Biblioteconomia comprometida com seu tempo e suas demandas. Apesar de ter sido, por muito tempo, o único professor homem no Departamento, sentia-se respeitado por seus pares, mesmo em meio a divergências. Para ele, a diversidade de gênero e o avanço das tecnologias contribuíram para transformar o perfil do curso e de seus alunos, ampliando perspectivas e abrindo novos caminhos para a atuação profissional.

Ao encerrar seu depoimento, é com a serenidade de quem reconhece o valor da memória como patrimônio vivo que o professor deixa seu legado. O tempo vivido entre os corredores da UFPB, as fichas bibliográficas datilografadas, os planejamentos de currículo e os sonhos que ficaram pelo caminho compõem, juntos, a matéria de uma trajetória marcada por compromisso, generosidade e desejo genuíno de ver a Biblioteconomia crescer.

5.3 PROFESSORA DULCE AMÉLIA DE BRITO NEVES



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2023).

Filha de Neuza e Salomão, nascida em 1948, sua história se entrelaça com os caminhos da educação pública e da formação profissional em Fortaleza. Alfabetizada aos seis anos , tinha no colo da mãe seu primeiro espaço de descoberta. E descobriu que gostava muito de leitura, tinha fome de saber e sede de palavras.

> Mas quem me ensinava mais mesmo era minha mãe, porque até seis anos de idade eu era a única filha. Então, a distração dela era me ensinar. E eu gostava muito. Então, aí fui estudando. Depois, eu fui para o Colégio das Damas, porque já estava preparada, alfabetizada, e fui para o Colégio das Damas. E lá eu estudei até que eu vim para João Pessoa. Voltamos para João Pessoa, eu tinha 9 anos de idade e até hoje eu não consegui me desvencilhar do sotaque cearense. Quando chegamos aqui eu fui estudar, mas era sempre escola pública, eu sempre gostei muito de escola pública. Estudei Jaguaribe no colégio Santo Antônio, estudei em vários lugares (Dulce Amélia, 2023).

Durante sua formação escolar, ela descobriu um mundo de novas possibilidades principalmente através dos estudos e da leitura. As escolas públicas que frequentou, já com turmas mistas, ampliaram seus horizontes e fortaleceram seu desejo de aprender. Sua mãe, professora da rede pública, precisou deixar a sala de aula devido a uma severa alergia nas mãos desenvolvidas a partir do uso constante do giz, encontrando na biblioteca de Jaguaribe um novo espaço de trabalho e, para a filha, um refúgio encantado. Leitora voraz desde cedo, ela chegava a ser advertida na escola por não largar os livros nem na hora do almoço. Ler, para ela era fascinante.

A mudança para João Pessoa, aos nove anos, não apagou o sotaque cearense nem o desejo de aprender

Na tranquila João Pessoa dos anos 1960, ela encontrou o lugar onde, de fato, começou sua vida. Frequentando a biblioteca onde sua mãe trabalhava, desenvolveu desde cedo um forte apreço pelo trabalho e pela independência. Antes mesmo de completar 15 anos, começou sua trajetória profissional, motivada

tanto pela vontade de contribuir com a família quanto pelo desejo de ter seu próprio dinheiro.

Seu primeiro emprego foi como telefonista, conseguido por meio de um tio que atuava como secretário da Fazenda. Dividia a função com Gilda, em uma sala silenciosa, onde as duas dominavam a central telefônica. Mais tarde, com a saída do tio da Fazenda, foi transferida para o Palácio do Governo, ainda como telefonista, durante a gestão de João Agripino, uma experiência que, além de consolidar sua autonomia, ampliou seus caminhos profissionais.

Enquanto concluía o segundo grau, ainda sem muitas opções de cursos de graduação, ela descobriu o recém-criado curso de Biblioteconomia, no final da década de 1960. Nesse mesmo período, viveu os impactos do Golpe de 1964. Estudava no Lyceu Paraibano, um dos centros de resistência, e trabalhava no Palácio do Governo, posição que a manteve afastada das manifestações, por proteção dos colegas. Apesar do silêncio forçado, sua posição era clara: era contra o golpe. Testemunhou de perto a repressão, colegas desaparecendo e a violência nas ruas, onde até caminhar exigia cuidado para não ser atropelada pelos agentes do regime. Uma época marcada pelo medo e pela arbitrariedade.

Ela prestou vestibular para Biblioteconomia e foi aprovada. O curso funcionada na FAFI e, enquanto ainda trabalhava como telefonista, enfrentava uma rotina exaustiva, saindo diretamente do trabalho para a faculdade. As dificuldades eram muitas, especialmente pela falta de material didático: havia apenas um livro disponível para toda a turma, que precisavam compartilhar. Para suprir essa carência, os alunos recorriam constantemente à reprodução de materiais e anotações dos professores, numa realidade de poucos recursos e muito esforço coletivo e acrescenta,

> tivemos uma prova em que a professora Gerusa tinha entrado e saído da biblioteca com um livro, então as meninas diziam que era aquele livro que ia cair na prova que era sobre classificação nas tabelas. Mas quando a professora entregou a prova, era outro assunto de outro livro e não aquele que ela estava na biblioteca. Segundo Joana Coeli eu fui a única que acertei a questão. Agora eu não gostava da disciplina de Organização com a professora Djane Borba porque eu achava chato, tipo escritório. Carmen Panet lecionava Classificação e Documentação e o livro era em espanhol.

O ingresso na segunda turma do curso de Biblioteconomia, na FAFI, já na década de 1970, foi uma aposta num campo ainda pouco consolidado, marcado por carências estruturais, poucos livros, ausência de materiais e dependência de cópias compartilhadas. Mesmo assim, encontrava nos estudos uma forma de afirmação pessoal e profissional.

Após se formar em Biblioteconomia pela UFPB em 1972, ela buscou apoio do Secretário de Educação da Paraíba para conseguir uma vaga em biblioteca pública. Foi, então, designada para trabalhar na Biblioteca de Cruz das Armas, embora sem ser contratada formalmente como bibliotecária. Na época, as bibliotecas funcionavam de forma isolada, sem o conceito de biblioteca central. O ambiente que encontrou era bastante precário, com poucos recursos e estrutura deficiente. Junto a colegas, precisava constantemente solicitar livros e materiais ao secretário. Ela percebeu que a prática de alocar funcionários readaptados ou pré-aposentados nas bibliotecas era comum, especialmente nas escolares e públicas, que muitas vezes eram vistas como depósitos de pessoas sem função em outros setores. Apesar dos avanços e de uma maior conscientização atual, essa realidade ainda persiste em alguns lugares, embora hoje existam conselhos e associações que lutam por melhorias na profissão.

Dulce Amélia percebeu que realidade das bibliotecas públicas, por sua vez, revelava outro desafio: espaços marcados pela precarização, pelo uso indevido como "depósito" de servidores deslocados e pela pouca valorização técnica. Esse cenário reforçou sua busca por qualificação, que a levou até a Espanha, em Alcalá de Henares, em um curso de administração de bibliotecas, uma experiência que ampliou seus horizontes e “Foi uma coisa maravilhosa. Encontrei muita gente de Recife e de outros estados. Então, organizamos aquela biblioteca. Ficamos maravilhadas com a oportunidade e isso ficou muito na minha memória.

Ao retornar, u*m pensamento ela tinha em mente “eu tenho que estudar, se eu quiser ser alguma coisa na vida”*. E assim foi traçando seu caminho, entre livros, bibliotecas e oportunidades que surgiam, quase sempre, pela força das conversas casuais e dos encontros inesperados.

Ao deixar seu trabalho anterior, Dulce mudou-se para um pensionato. Foi ali, nesse espaço de transição, que conheceu uma jovem estagiária do Ministério

da Fazenda. Entre uma conversa e outra, surgiu a proposta despretensiosa: “Quer que eu leve seu currículo lá?” Um documento modesto, de não mais que duas páginas, foi entregue com esperança, mas também com aquela desconfiança típica de quem sabe o peso dos próprios desafios.

O inesperado aconteceu. Logo foi chamada para uma entrevista com ninguém menos que a bibliotecária-chefe do Setor de Documentação do Ministério da Fazenda que sempre foi uma referência e muito respeitada na área. A entrevista fluiu, e o resultado foi uma contratação intermediada pelo Serviço Federal de Processamento de Dados, o SERPRO, que à época já sinalizava as transformações que o tratamento da informação começava a experimentar no Brasil. O ambiente de trabalho era, por si só, um laboratório vivo para quem pensava a informação como objeto de estudo. Um grande fichário funcionava como uma base de dados manual, mas incrivelmente eficiente para os padrões da época. Nele, eram organizados atos públicos, decretos e documentos oficiais. A rotina envolvia mais do que simples organização: havia um rigoroso controle terminológico, onde cada termo precisava estar alinhado, cada nome precisava fazer sentido dentro daquela estrutura que, sem saber, antecipava os futuros bancos de dados digitais.

Indexar, catalogar decretos não eram tarefas simples. Exigia paciência e precisão. Cada ficha preenchida representava não apenas um registro, mas um elo na construção do acesso à informação pública. O que poderia parecer apenas um trabalho comum, na verdade, era um exercício de representação da informação. Então eram criados os controles terminológicos dos Decretos,

> Aí foram meus dois amores. Representação e referência. Sempre foram meus dois amores. E, então eu fui indexando, indexando. Aí, isso também é prática, né? então, o pessoal lá, eles reproduzia as fichas e colocavam nos catálogos públicos e no catálogo básico. A gente tinha um que era de
> segurança, porque se perdesse a ficha, tinha outro reserva. E tudo manual. Tudo manual. Inclusive, a gente tinha um sistema onde cada descritor para desenvolver era um termo principal, termos correlatos e a gente tinha que ler aquilo tudo, muita aplicação para fazer. Quando surgia dúvida, a gente perguntava ao colega. E foi assim! mas era maravilhoso trabalhar ali (Dulce Amélia, 2023).

O relato de Dulce Amélia nos apresenta um verdadeiro testemunho de uma geração que construiu de forma artesanal, os alicerces da gestão e da

representação da informação no Brasil. Uma história que atravessa os limites da vida pessoal e se inscreve, de maneira definitiva, na história da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

A vida de Dulce Amélia, uma bibliotecária cuja história se mistura à própria construção das bibliotecas universitárias no Brasil, é prova disso. Foi a prática, antes mesmo da sala de aula, que moldou seu olhar para a representação da informação. Quando, mais tarde, se viu ensinando indexação, percebeu com clareza que aquela base construída no dia a dia dos serviços técnicos com fichários, classificações, descritores e normas foi fundamental. Afinal, teoria e prática, nesse campo, se entrelaçam de forma indissociável.

De Brasília à Paraíba: Percursos, Mudanças e Resistências na História de uma Bibliotecária

Em 1977, Dulce Amélia encarou um novo desafio: prestou seleção para a Universidade de Brasília (UnB) e foi aprovada. Chegando lá, trabalhou diretamente com catalogação, pois a biblioteca ainda estava em construção o que tornava o trabalho uma verdadeira imersão no desenvolvimento de processos, normas e práticas da profissão. Ficou na UnB até 1978, quando prestou nova seleção, desta vez para a UFPB. Seu retorno à Paraíba não foi apenas um recomeço profissional, mas também um reencontro com sua própria rede de afetos. Instalou-se nos Serviços Técnicos Especializados da Biblioteca Central, na Seção de Referência, enquanto a biblioteca ainda funcionava no prédio do Centro de Comunicação, em frente à Caixa Econômica. Depois, participou ativamente das mudanças: da transferência para a Reitoria e, finalmente, para o prédio atual, projetado e construído especificamente para ser uma Biblioteca Central, um marco na história da instituição.

Naquela época, trabalhar no serviço público federal era um exercício de resistência e persistência. Contratos provisórios eram a regra, e a estabilidade só viria uma década depois, com a Constituição de 1988, que instituiu a obrigatoriedade de concurso público. Enquanto isso, ela conciliava o trabalho

noturno (que além de necessário era possibilitado pelo apoio familiar), com a criação do filho e os desafios da profissão.

Curiosamente, quando ingressou na universidade, não foi diretamente para a biblioteca, mas para o departamento acadêmico, reflexo de uma época em que a presença do bibliotecário ainda não era reconhecida como essencial em todos os setores. Foi preciso enfrentar seleções internas, justificar a própria existência profissional, conquistar espaços. E conquistou.

Inicialmente, Dulce foi selecionada para a Seção de Referência da Biblioteca, embora nunca tenha abandonado totalmente a paixão pela catalogação, pela classificação e, sobretudo, pela representação da informação. Era essa atividade que, para ela, fazia pulsar a essência da Biblioteconomia. Não tardou para que o desejo de aprofundar os saberes levasse à pós-graduação. Foi então que conseguiu conciliar trabalho e estudo e ingressou no mestrado, num movimento que traduzia não apenas uma ascensão pessoal, mas também o amadurecimento de toda uma geração de bibliotecários que, pouco a pouco, consolidava a profissão como campo acadêmico e científico.

Sua história, portanto, é mais do que uma memória individual: é um fragmento da própria história da Biblioteconomia brasileira, dos desafios da consolidação das bibliotecas universitárias e do reconhecimento da informação como bem público, essencial à formação, à pesquisa e à cidadania. Assim, Dulce continuou sua caminhada na pós-graduação ao afirmar que,

> Como eu já Especialização em Biblioteconomia feita em 1983, então queria agora o mestrado. Mas, a Diretora da Biblioteca (na época) olhou pra mim e disse assim “Mestrado não é pra bibliotecário. Você vai fazer? Pode fazer mestrado, mas você vai ter que pagar todas as horas que você for assistir a aula. Então, eram três expedientes. E quando tinha concentrado trinta horas, eu quase enlouqueci. Nem dormia direito. Com um filho pequeno. Às vezes, eu trabalhava até no fim de semana porque tinha que completar o horário. Uma vez que acabou essa fase, aí umas colegas vieram me dizer que o meu contrato... (as colegas da biblioteca, bibliotecárias, pois eu já era bibliotecária) que o meu contrato envolvia trabalhar nos sábados e dia e noite. A Biblioteca abria aos sábados. Aí, então, foi uma briga porque elas também não queriam fazer rodízio para trabalhar de noite (Dulce Amélia, 2023).

Mesmo com muita resistência, Dulce Amélia seguia firme em busca do mestrado e de sua qualificação. Havia sempre uma sombra que pairava sobre os corredores da Biblioteca Central. A cada fim de ano, ecoava a mesma sentença não oficial, quase um sussurro coletivo: *"Ah, esse ano o contrato não vai ser renovado..."* Era viver na corda bamba, onde o medo da descontinuidade caminhava de mãos dadas com a esperança e a certeza de quem sabia que seu trabalho tinha valor. Foi nesse cenário de instabilidade institucional da época anterior à Constituição de 1988 . Mas, graças aos movimentos sindicais, finalmente veio a efetivação. Aqueles que já tinham cinco anos de serviço conquistaram, enfim, o direito de pertencer oficialmente ao quadro efetivo da universidade. E ela estava entre eles e assim, foram dez anos como bibliotecária dedicados à Biblioteca Central, numa rotina onde se cruzavam práticas e atendimento ao usuário.

No meio do percurso, uma nova porta se abriu: o Mestrado em Biblioteconomia, ofertado pelo Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB entre 1986 e 1988. Foi aprovada e orientanda da professora Ana Maria Athayde Polke. Teve professoras respeitadas como Jerusa e Raquel Abath. As aulas do mestrado exigiam disciplina quase militar. Ela mantinha sua concentração nas atividades acadêmicas, para depois compensar as horas na biblioteca. Diferente dos demais colegas da biblioteca, que não precisavam bater ponto, ela tinha que justificar sua jornada. Era o preço da escolha. *Então, continuou suas atividades na Biblioteca. Posteriormente, surgiu o primeiro concurso* para o magistério superior,

> Eu estava terminando o mestrado e já tinha duas especializações. Aí pensei: o mestrado, já concluindo, vai contar como feito, na época do concurso. Então, vou fazer de qualquer forma. A concorrência era alta. Fiz a prova inscrita, eu olhei assim e falei, gente, está acontecendo alguma coisa estranha comigo. Muita gente pediu umas 10 folhas de papel pautado, tudo na mão, tá? 10 folhas de papel pautado. Aí eu peguei e fiz pouca folha.

Durante o processo de realização do concurso professora Zuleide Medeiros estava na Biblioteca pesquisando, quando apareceu com as mãos segurando um livro que poderia ser muito importante naquele momento: as normas de tesauro da

Unesco. Seus olhos brilharam, pois, Tesauros sempre foi uma paixão. Mergulhou no documento com a mesma sede que sempre teve pelos livros e pelas palavras bem ordenadas. Na manhã seguinte, lá estava ela, sentada na cadeira da sala de provas. Observou, entre desconfiada e intrigada, os concorrentes pedindo folha, mais folha, mais folha... Eram dez folhas pautadas para cada um. E ela? Rascunhou uma página, escreveu outra até a metade, deixou uns três dedos em branco e parou já imaginando o pior. Porém, a vida, mais uma vez, tinha planos diferentes. Quando saiu o resultado, o espanto cedeu lugar à alegria da aprovação**.** Entre sete candidatos, duas vagas, e uma delas agora tinha seu nome. O que parecia um simples episódio de uma seleção pública era, na verdade, a síntese de uma história de persistência na construção da Biblioteconomia enquanto campo acadêmico, profissional e social.

Dos tempos incertos à representação da informação

O ano era 1988. Uma década inteira havia se passado desde que Dulce Amélia adentrara, pela primeira vez, os corredores da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Dez anos de dedicação, de contratos instáveis, de rotinas que misturavam amor pelos livros, pelos processos de representação da informação, e o desafio constante de equilibrar a vida profissional com as demandas da vida pessoal sendo mãe e pai ao mesmo tempo.

Mas aquela década não poderia ser encerrada sem mais um capítulo de luta. Carregava, somados em sua trajetória, os tempos de serviço na Universidade de Brasília (UNB), no Ministério e no próprio Estado. Esse mosaico de experiências, formalizado nas folhas de registro, seria agora crucial para garantir um direito: a aposentadoria proporcional. Foi então que procurou orientação no setor de Recursos Humanos da UFPB. A servidora experiente, guiou seus passos. *“Peça a incorporação dos tempos, você tem carteira assinada, isso é direito seu”*, orientou.

Munida de coragem e convicção, ela se dirigiu diretamente ao Reitor, o Professor Antônio de Souza Sobrinho. Homem acessível, daqueles raros na gestão pública, ouviu sua demanda, refletiu por poucos instantes e, sem consultar nenhum comitê ou conselho, tomou a decisão: *“Vamos reduzir sua carga. De T40*

para T20." A decisão, embora administrativa, teve efeitos humanos profundos. O ambiente no Departamento não ficou muito agradável e com alguns julgamentos silenciosos . O silêncio, uma forma velada de punição. Com isso uma sobrecarga de disciplinas incompatível com sua nova condição horária. Resistiu. Dividiu-se, mais uma vez, entre os dois mundos: a Biblioteca e o Departamento. Quando finalmente se aposentou como bibliotecária, voltou para sala de aula com o tempo integral e agora no regime de T40. E, junto dele, a reinvenção de si mesma como docente, pesquisadora e formadora de novos profissionais.

Segundo professora Dulce Amélia, no Departamento, o cenário era de crescimento, de construção coletiva. Compartilhava espaço com Lurdinha, Djane Borba, Jerusa Lyra, Carmen Panet, Francisca Arruda, Lisete, Zuleide Medeiros e outras professoras vindas de Recife. No ano seguinte, chegariam Maria Elizabeth Baltar, Adolfo Júlio e Rosa Zuleide, estes ingressando já aprovados no concurso. Era uma geração que começava a fortalecer as bases acadêmicas da Biblioteconomia no Nordeste., especialmente na Paraíba.

Ainda que tivesse se envolvido pouco com atividades de extensão, algo que reconhecia, sem culpa, sua paixão verdadeira se revelava na pesquisa. Porém, durante alguns anos, a maternidade solo, a sobrecarga de trabalho e as demandas do cotidiano não permitiam avançar academicamente como gostaria. Mas a paixão pelo ensino, essa, nunca esmoreceu. *"Eu amava passar o dia na UFPB"* falou com o brilho nos olhos. Ir para casa era uma pausa estratégica, apenas para logo retornar, preparar aulas, estudar e produzir.

Professora Dulce Amélia sempre foi inquieta, e logo surgiu o desejo de ir além. Sentiu que era hora de buscar o doutorado. Tentou, primeiro, na Universidade de Brasília, onde sua colega Eliany Alvarenga já construía carreira e também cursava o doutorado. Dulce não foi aprovada: a prova de inglês tornou-se a primeira pedra em seu caminho. Contudo, não desistiu. Em seguida, tentou novamente, desta vez na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Dulce, não apenas obteve a aprovação, mas alcançou o primeiro lugar., como conquistou o primeiro lugar.

No Doutorado, aprofundou-se na interface entre Representação da Informação e na Metacognição, um campo que dialogava diretamente com sua

paixão original. Posteriormente, trilhou novos rumos, realizando o pós-doutorado em Portugal, onde construiu redes de colaboração que seguem vivas até hoje. Das muitas parcerias firmadas, destaca-se sua contínua interlocução com a professora Mariângela Fujita, uma das maiores referências na área de representação do conhecimento. Se sua trajetória profissional já era marcada pela resiliência, sua vida pessoal e acadêmica também fora atravessada pelos ventos da história.

Dulce Amélia carregava, na memória, as cicatrizes do período mais sombrio do país: a Ditadura Militar. Na Universidade de Brasília, onde trabalhou antes de retornar à Paraíba, presenciou de perto o terror institucionalizado. A cena era recorrente e sufocante: ônibus circulares que levavam os servidores e estudantes até o campus, parados por homens armados, exigindo documentos, apontando armas. Era preciso respirar fundo para simplesmente entrar no local de trabalho.

De dentro da Biblioteca da UNB, ela e outros colegas assistiam, impotentes, a violência contra estudantes. Bastões, choques elétricos, gritos. A reitoria era ocupada e, em seguida, esvaziada à força. A cada novo ato de repressão, uma multidão atravessava o campus, ora em fuga, ora em resistência. O saber era, ali, uma trincheira. A biblioteca, um refúgio frágil diante do autoritarismo. Todas essas memórias do medo, da luta, das pequenas vitórias e das grandes conquistas, compõem não apenas uma história de vida, mas um fragmento da própria história da Biblioteconomia na paraíba e no Brasil.

Ao ser questionada sobre as relações sociais naquela época e quais acontecimentos permanecem em sua memória, professora Dulce Amélia, destaca que as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por tempos difíceis no Brasil. A sombra da repressão da Ditadura Militar alcançava não apenas os grandes centros, mas também os ambientes acadêmicos, onde o livre pensar se tornava, muitas vezes, ato de resistência. Ela não escapou desse contexto. Carrega na memória as cenas de perseguição, de prisões e de vidas interrompidas. A repressão não era algo distante; estava na própria família. Um primo fora preso. Outro, obrigado a viver foragido por algum tempo. A violência não escolhia alvo: estudantes, professores, funcionários, todos eram suspeitos potenciais.

Em meio a esse cenário de opressão, também floresciam projetos de construção acadêmica. Paulo Mello, figura conhecida por muitos, despontava em

Brasília como referência, atuando no Planalto e na expansão do ensino superior. Foi um tempo em que, apesar das adversidades políticas, a universidade cresceu. Foi nesse ambiente de desafios e reconstruções que professora Dulce também construiu sua trajetória como docente. Apaixonou-se pela área da Representação da Informação, e encontrou no ensino da Indexação, do Resumo e da Classificação não apenas um ofício, mas uma forma de materializar sua paixão pela organização do saber afirmando: "Eu sempre gostei de Indexação e Resumo porque tinha facilidade com linguagem de indexação. Aí, depois, é só treinar." Assim justificava, com simplicidade, uma habilidade que, na verdade, se construía sobre anos de prática, estudo e sensibilidade. A capacidade de traduzir um documento em descritores precisos, de resumir o essencial, e de encontrar o lugar exato de um saber dentro de uma lógica classificatória era, para ela, uma forma de arte. Ela também confidenciou que não se encantava pela Catalogação, pois achava muito "chata, muito detalhada", mas se encantava com a Classificação e completou: "É uma viagem. Você descobre o assunto principal e, no final, define o número de chamada, o lugar que aquele conhecimento vai ocupar no acervo."

A docência na era analógica: da ficha à linguagem das máquinas

Para Professora Dulce, ensinar, naqueles tempos, era um desafio que hoje soa quase intransponível para quem só conheceu a era digital. As tecnologias disponíveis eram simples, muitas vezes precárias. A tela em vidro transparente, apoiado no escasso retroprojetor, quando disponível, era o recurso mais avançado. O material didático era quase artesanal. As aulas eram planejadas e redigidas a partir de fichas manuais, cuidadosamente ordenadas. Cada ficha representava uma parte do conteúdo, e perder uma era comprometer a sequência lógica da aula. Não havia *backups* digitais. O caderno físico, com cópias das fichas, era o que se poderia chamar, na linguagem de hoje, de "backup ou salvar nas nuvens". A escassez de materiais bibliográficos era outro obstáculo constante e as atualizações dependiam da boa vontade dos amigos. Quem ia a congressos, carregava listas de pedidos: livros, revistas, artigos, qualquer material que pudesse

atualizar o acervo pessoal ou da instituição. O congresso, mais do que espaço de divulgação científica, era ponte para a circulação de informação científica em tempos de escassez informacional. *"A gente ficava muito na contramão"*, recorda. As novidades vinham nas malas dos colegas, que traziam os ventos da mudança de outros centros de pesquisa.

Desse modo, sua trajetória como bibliotecária e docente também atravessou uma das mais profundas transições tecnológicas da área: a passagem dos sistemas manuais para os automatizados.

No início, não foi um processo delicado pois a comunicação entre os profissionais da Biblioteconomia e os da Informática era, muitas vezes, marcada por ruídos. Eles achavam que a gente era ignorante, porque não entendíamos a linguagem das máquinas. Mas, na verdade, eles é que precisavam das informações que nós, bibliotecários, sabíamos como estruturar. Houve falhas, perdas de dados, sistemas que desmoronaram. Ainda bem que existiam as fichas manuais, meticulosamente preenchidas, que garantiam que o trabalho não se perdesse totalmente. Foi preciso muito mais que adaptação tecnológica: foi preciso construir uma nova linguagem de diálogo interdisciplinar, onde quem sabia da estrutura da informação pudesse ensinar a quem sabia programar.

Nesse cenário, Dulce participou ativamente da construção dos primeiros sistemas, auxiliando na definição de campos, estruturas e parâmetros. Entendia que a lógica dos bancos de dados precisava dialogar com a lógica da representação documental, e esse entendimento foi fruto da experiência prática de mediar saberes.

Sua trajetória é, portanto, também a história de uma geração de mulheres acadêmicas que atravessaram a ditadura, a precarização dos recursos, as limitações tecnológicas e, ainda assim, se mantiveram como pilares na construção da Biblioteconomia como campo acadêmico e científico no Brasil, pois a docência, para ela, nunca foi apenas transmitir conteúdos e sim uma construção social.

Dessa forma, no contexto social, cultural e acadêmico da época, Professora Dulce explana que as relações interpessoais no ambiente de trabalho se configuravam como um dos elementos mais valorizados entre os docentes e profissionais da área da Biblioteconomia. A convivência no espaço do

Departamento era marcada por uma atmosfera de colaboração, troca de saberes e construção conjunta de experiências, apesar de determinados traços de autoritarismo que, de certa forma, refletiam o próprio contexto sociopolítico vivido no país naquele período. O ambiente acadêmico, embora permeado por desafios estruturais e limitações tecnológicas, também se constituía como espaço de fortalecimento de laços afetivos e profissionais. Estar no Departamento significava para ela, não apenas cumprir uma jornada laboral, mas sim partilhar momentos, conhecimentos e troca de ideias. O trabalho realizado em torno do chamado "mesão" simbolizava esse espírito coletivo, onde as interações ultrapassavam as demandas administrativas e acadêmicas, consolidando-se em amizades duradouras. Ainda que existissem práticas hierarquizadas, especialmente nos primeiros anos de sua inserção, com o tempo, a construção da autonomia docente e a afirmação profissional garantiam maior reconhecimento e respeito dentro do espaço institucional. Esse processo de afirmação profissional não era imediato, mas sim fruto de uma trajetória de dedicação, resiliência e constante aprendizado.

Além dos vínculos profissionais, surgiam relações pessoais de grande valor, que atravessavam a vida acadêmica e se estendiam para além dos muros da universidade. Um exemplo significativo para ela é a amizade construída com a professora Francisca Arruda Ramalho, relação que perdura até os dias atuais e que se consolidou não apenas no compartilhamento de responsabilidades acadêmicas, mas também na confiança pessoal, evidenciada inclusive nas viagens e momentos de convivência fora do ambiente profissional. As relações sociais e acadêmicas daquele período foram essenciais para a construção de uma identidade profissional coletiva, sustentada pela solidariedade, pelo compromisso com o desenvolvimento da área e pelo fortalecimento das amizades e da solidariedade entre os colegas. Portanto, a trajetória da Professora Dulce Amélia reflete mais do que escolhas individuais. Representa o percurso de uma geração que, entre resistências e persistências, construiu caminhos na Biblioteconomia da UFPB, tecendo sua própria história.

5.4 PROFESSORA JOANA COELI RIBEIRO GARCIA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Memórias afetivas e intelectuais

Ao iniciar a fase das entrevistas, entrei em contato com Joana Coeli para verificar a possibilidade de entrevistá-la. Para minha alegria, ela aceitou de forma entusiasmada e acolhedora. Em uma tarde ensolarada, fui recebida em sua residência, onde tudo já estava cuidadosamente organizado, algo bem característico de Joana Coeli. Entre os detalhes, havia até uma caixinha de lenços, pronta para acolher qualquer emoção que, porventura, resolvesse nos visitar. E por que não?

Professora Joana Coeli Ribeiro Garcia, paraibana de Picuí, cresceu em uma família numerosa e muito unida, marcada pela forte influência de seu pai, um homem de espírito político, firme em suas convicções e que fazia questão de cultivar nos filhos uma visão ampla de mundo e o incentivo à leitura, ao relembrar que:

> Minha família e vida todinha foi a rodeada de livros. E mesmo quando eu não era bibliotecária, era só a filha do casal que tinha muitos livros, eles de repente pediram para que os filhos ajudassem a montar mais estantes de livros. E essa era uma tarefa que sempre assumia porque eu sentia muito prazer em fazer.

> Então os livros que eles liam, a gente também lia. (Joana Coeli, 2022)

Embora o incentivo aos estudos sempre estivesse presente, nem todos os nove irmãos concluíram o ensino superior. No entanto, os três irmãos homens buscaram formação na Escola Técnica, cada um em áreas distintas como Eletrotécnica, Edificações e outra que, com certa emoção, ela não consegue recordar no momento. Essa formação garantiu a eles estabilidade profissional e uma vida digna, embora a perda de um dos irmãos, Saulo, traga à memória lembranças carregadas de saudade e emoção. Um trecho dessa entrevista pode ser acessado através do endereço eletrônico: https://scanned.page/p/6839cfa33fc48 ou através do QR *Code* disponível na Figura 151:

Figura 151 – QR Code para acesso ao trecho da entrevista sobre a família

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

Joana Coeli, como costuma ser chamada, construiu uma família pela qual nutre um amor imenso. Tem uma filha, a quem considera seu maior orgulho, além de dois netos, que descreve como sua paixão, e um bisneto, que, para ela, representa uma extensão ainda mais profunda desse amor: uma “cordinha a mais no coração”, como ela mesma define, emocionada.

Figura 152 – Joana Coeli e sua filha Adriana



Fonte: Acervo pessoal de Joana Coeli, 2019.

Sua vida escolar começou no Colégio Santa Rita, em Areia(PB), onde cursou o ginásio. Em seguida, passou pelo Colégio das Neves, iniciando o ensino científico e concluiu seus estudos no tradicional Lyceu Paraibano. Foi nesse período, enquanto estudava no Lyceu, que começou a se interessar pela Biblioteconomia, em grande parte devido à proximidade física com a Faculdade de Filosofia (FAFI), onde o curso era oferecido. O ambiente acadêmico, as interações e até os episódios cotidianos como ver um professor que, após a aula, costumava se dirigir à frente da Primeira Igreja Batista antes de encerrar a noite no famoso bar “Paraibambu” para interagir socialmente com colegas, fazem parte das suas memórias afetivas desse tempo.

Paralelamente aos estudos, Joana já exercia uma função pública, tendo ingressado no serviço estadual como secretária. Atuou na Secretaria de Serviço Social, sob a gestão de Isa Maia, uma mulher que deixou profunda marca em sua vida. Isa era reconhecida não apenas pela competência profissional, mas também pela capacidade de acolher, integrar e tratar todos com igualdade, independentemente de cargo ou formação. Promovia encontros, passeios e momentos de convivência, estendendo esses laços para além do ambiente de trabalho. Esse período foi, sem dúvida, um dos mais significativos na trajetória pessoal e profissional de Joana.

Desde muito jovem, Joana vivia cercada de livros. Cresceu em uma família cujo ambiente doméstico respirava leitura e conhecimento. Seus pais, grandes apreciadores dos livros, cultivaram nela e em seus irmãos o hábito de manusear, organizar e cuidar desses objetos tão valiosos. Montar estantes e reorganizar os livros era uma tarefa frequente em sua casa, e Joana, com imenso prazer, sempre se encarregava dessa missão. Esse convívio constante com os livros, desde a infância, fez com que o interesse pela Biblioteconomia nascesse de forma natural e espontânea.

Quando concluiu o Científico, não havia dúvidas sobre qual caminho seguir. A decisão já estava tomada: faria Biblioteconomia. Na época, ela trabalhava na Secretaria do Trabalho, na Avenida Visconde de Pelotas, na capital João Pessoa, o que facilitava bastante sua locomoção até a FAFI, onde funcionava o curso. Ao longo do curso, Joana contou com o apoio incondicional de duas grandes amigas, Selma Maria Lianza Dias e Lizete Lelys. Lizete, inclusive, a acolhia com frequência em sua casa para que pudesse jantar e, em seguida, voltar para a FAFI para as aulas noturnas. Esse gesto de generosidade e cuidado tornava os desafios da época mais leves e a experiência acadêmica ainda mais significativa. Assim, entre desafios, apoio de amigas-irmãs e muita determinação, Joana viveu uma fase muito feliz, na qual a realização do sonho de se tornar bibliotecária se consolidou. Para ela, cursar Biblioteconomia não foi apenas uma escolha profissional, mas a concretização de um desejo que nasceu no seio da própria história familiar.

Ao concluir seu período na Secretaria do Trabalho, Joana deu os primeiros passos no mercado de trabalho como bibliotecária na Assembleia Legislativa da Paraíba. No entanto, sua atuação ali não se deu formalmente no cargo de bibliotecária, tampouco como chefe da biblioteca, já que essa função era ocupada por uma funcionária que possuía apenas o ensino primário. Apesar disso, era a própria chefe quem recorria a Joana, reconhecendo nela o conhecimento técnico que lhe faltava. Com frequência, ela dizia: "Você pode tomar conta da biblioteca? Você entende mais disso do que eu." Assim, Joana assumia boa parte das atividades, enquanto a responsável formal se beneficiava da gratificação do cargo.

Com o tempo, Joana percebeu que aquela situação, embora injusta, era um reflexo das circunstâncias da época.

Durante sua permanência na Assembleia, a sede foi transferida da Praça Pedro Américo para o edifício localizado na Praça João Pessoa, onde permanece até os dias atuais. A biblioteca ocupava uma sala no segundo andar, dividindo espaço com os enormes aparelhos de ar-condicionado responsáveis por refrigerar todo o prédio. O frio intenso não só tornava o ambiente desconfortável, como também danificava os livros, fazendo com que as etiquetas das lombadas constantemente se descolassem.

Apesar de estar inserida no ambiente de uma biblioteca, Joana logo percebeu que suas funções estavam muito distantes do que imaginava para sua prática profissional. Nos dois ou três anos em que permaneceu lá, jamais atendeu um leitor em busca de empréstimo ou de orientação sobre os acervos. A sala de leitura, que deveria ser um espaço dedicado ao estudo e à pesquisa, havia se transformado em um local de encontros informais, onde deputados e funcionários iam basicamente para conversar, sem qualquer interesse pelos livros ou pelos serviços informacionais.

Diante desse cenário, Joana chegou à conclusão de que aquele não era o espaço no qual poderia colocar em prática os conhecimentos adquiridos na graduação. Decidida, optou por seguir outro caminho, onde pudesse, de fato, atuar como bibliotecária e exercer plenamente as funções para as quais tanto havia se preparado. Após sua saída da Assembleia Legislativa, Joana trilhou um novo caminho que se tornaria decisivo para sua trajetória profissional e pessoal. Foi na Secretaria de Planejamento que ela encontrou não apenas um ambiente propício ao desenvolvimento de suas competências como bibliotecária, mas também o despertar do interesse pela docência e pela mediação do conhecimento.

Seu ingresso na Secretaria se deu por meio de um convite do Dr. José Costa, esposo de Neusa Costa, bibliotecária formada na primeira turma de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e com quem Joana, então aluna da segunda turma, já mantinha certa proximidade. É possível supor que Neusa tenha sido uma das responsáveis por intermediar essa oportunidade,

reconhecendo em Joana as qualidades profissionais necessárias para assumir o desafio.

Ao chegar à Secretaria de Planejamento, Joana se deparou com uma realidade completamente diferente daquela vivida na Assembleia. A biblioteca já estava estruturada, herança do antigo Conselho Estadual de Desenvolvimento, criado sob a influência de nomes importantes da economia paraibana, possivelmente até de figuras como Celso Furtado. Ocupando uma grande área no sexto andar do prédio localizado no Centro Administrativo de Jaguaribe, o acervo abrangia uma vasta gama de informações especializadas, fundamentais para subsidiar os projetos e as ações da secretaria.

Ali, Joana Coeli encontrou um ambiente vibrante, onde o interesse pela informação, pela leitura e pelo estudo era algo natural e necessário. Ao contrário da experiência anterior, em que a biblioteca servia mais como espaço de encontros sociais do que como centro de informação, na Secretaria de Planejamento os técnicos e gestores recorriam constantemente aos serviços da biblioteca para embasar seus projetos e decisões.

A confiança no seu trabalho era tanta que o próprio Dr. José Costa fazia questão de incluí-la nas reuniões técnicas da secretaria. Ele argumentava que, para oferecer um serviço de excelência, Joana precisava compreender os projetos em andamento, suas demandas informacionais e os desafios enfrentados pelos técnicos. Foi nesse contexto que ela percebeu, de forma muito concreta, a relevância social do trabalho do bibliotecário, não apenas como organizador de acervos, mas como mediador ativo do conhecimento e agente de desenvolvimento.

No entanto, nem tudo foi simples. Ela também enfrentou episódios de desvalorização e incompreensão acerca da importância da biblioteca. Um episódio marcante foi a postura de um secretário de planejamento, indicado politicamente e de curta passagem pela pasta que: “diariamente, adentrava a biblioteca, puxava livros das estantes e os jogava no chão, ordenando de forma ríspida: "Tire os defuntos daqui, porque amanhã eu volto”. Apesar dessa atitude agressiva e desrespeitosa, os próprios técnicos da secretaria reagiam escondendo os livros em suas salas, protegendo o acervo e evidenciando o valor que atribuíam

àquele espaço e ao trabalho de Joana. Esse episódio, embora traumático, ficou gravado na memória de Joana como um símbolo de resistência e de valorização do conhecimento.

Anos depois, ao receber de um ex-aluno o livro “A Biblioteca de Paris”, que narra a história de uma bibliotecária que, durante a preparação da cidade para a Segunda Guerra Mundial, permitia que cada leitor levasse mais livros do que o habitual, Joana imediatamente se viu refletida naquela narrativa. Percebeu que, assim como aquela bibliotecária, também havia lutado para proteger e preservar o acervo que representava a memória e o desenvolvimento do seu estado. Foi nesse ambiente, permeado por desafios, mas também por grande reconhecimento técnico, que Joana consolidou seu amor pela pesquisa, pela informação e, sobretudo, pela partilha do conhecimento. Esse foi, sem dúvida, o ponto de virada que acendeu em seu percurso o interesse pela docência, compreendendo que formar novos profissionais seria uma extensão natural de sua missão como bibliotecária comprometida com a transformação social.

A experiência na biblioteca da Secretaria de Planejamento foi, sem dúvida, um divisor de águas na vida profissional de Joana. O ambiente, marcado pela valorização da informação, pela busca constante pelo conhecimento e pelo incentivo à leitura, ampliou não apenas suas competências como bibliotecária, mas também seus horizontes profissionais e acadêmicos.

Sob a orientação do Dr. José Costa, que nutria uma visão avançada sobre o papel dos profissionais da informação, Joana foi desafiada a ir além da graduação. Para ele, seus funcionários não poderiam se contentar apenas com a formação inicial. Foi assim que ela recebeu o incentivo e o apoio direto para ingressar em um curso de especialização no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), no Rio de Janeiro. Aceitou o desafio e, como era de se esperar, teve um desempenho excelente.

O retorno à Paraíba, no entanto, trouxe consigo uma inquietação crescente:

> A biblioteca, que antes parecia um universo vasto e cheio de possibilidades, agora parecia pequena diante do desejo de ir além. Joana sentia que precisava expandir ainda mais seus conhecimentos e sua atuação. E, mais uma vez, encontrou apoio na própria Secretaria e, especialmente, no Dr. José Costa, que não

> cansava de perguntar: "E o mestrado? Vai fazer quando?" (Joana Coeli, 2023)

Movida por esse incentivo, ela se inscreveu e iniciou o mestrado. A conquista de mais esse degrau, no entanto, não satisfez por completo sua sede de conhecimento. Pelo contrário, acendeu nela uma nova aspiração: a docência. Ela queria agora formar outros profissionais, compartilhar aquilo que havia aprendido e, de certa forma, multiplicar o impacto que a informação e a biblioteconomia poderiam ter na sociedade.

Quando a Universidade Federal da Paraíba abriu concurso para o Departamento de Biblioteconomia, Joana não teve dúvidas: era hora de dar mais um passo. Ao se inscrever, ouviu de alguns colegas da Secretaria um comentário que parecia mais uma tentativa de desestimulá-la:

> A senhora vai concorrer com uma moça cuja família nunca deixou ninguém ficar em primeiro lugar." Diante disso, respondeu com bom humor e determinação: "Não tem problema, são duas vagas. Ela fica em primeiro, e eu fico em segundo. Está ótimo pra mim. Na verdade, posso até ficar em último, desde que eu entre. Porque agora eu quero mais. Eu quero ser professora (Joana Coeli, 2023).

O desfecho, no entanto, foi surpreendente. A suposta candidata "imbatível" sequer compareceu à prova, e Joana foi aprovada no concurso. Assumiu o cargo de professora em 1988, levando consigo não apenas sua vasta experiência técnica e acadêmica, mas também uma carta de apresentação muito especial, assinada por Francisco Fernando Monte. Professor da área de Engenharia de Produção e estatístico de renome, Fernando Monte era uma figura muito querida na Secretaria do Planejamento, com quem Joana mantinha uma relação de profunda admiração e amizade. Fernando não apenas acompanhou sua trajetória na Secretaria, como também compôs sua banca de mestrado, especialmente para avaliar o rigor do uso das estatísticas em sua pesquisa. Ao aceitar escrever a carta de apresentação, ele não só atestou suas competências, como também selou o reconhecimento do quanto Joana era uma profissional comprometida, ética e profundamente apaixonada pelo que fazia.

Ao relembrar aquele momento, Joana carrega até hoje o sentimento de gratidão e a certeza de que cada etapa trilhada, por mais desafiadora que tenha

sido, foi fundamental para a construção de sua história como bibliotecária, pesquisadora e, agora, professora universitária.

Um encontro cheio de expectativas

Foi em janeiro de 1988 que Joana viveu seu grande encontro com a docência. Ingressou no Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) da Universidade Federal da Paraíba, assumindo, oficialmente, o cargo de Professora Auxiliar, munida de uma carta de apresentação que simbolizava não só sua trajetória até ali, mas também a confiança depositada em seu trabalho. Por já possuir o título de mestre, não demorou para que fosse promovida a Professora Assistente.

Chegou ao magistério cheia de entusiasmo, esperança e com a sensação de que novos horizontes se abriam. O desejo de enfrentar desafios e expandir suas possibilidades era enorme e os desafios, de fato, começaram a surgir logo no primeiro dia de aula. Ao adentrar a sala, deparou-se com uma situação que jamais esqueceria: entre os alunos, havia uma estudante com deficiência visual. Se, por si só, o enfrentamento da sala de aula já era um desafio para quem estava começando, imaginar como garantir a aprendizagem de uma aluna deficiente visual naquela época foi algo que a impactou profundamente. Surgiram questionamentos e inseguranças:

> Será que ela vai conseguir acompanhar? Será que eu vou conseguir passar o conteúdo de forma adequada para ela?" Eram tempos em que a tecnologia de apoio às pessoas com deficiência praticamente não existia. Enquanto hoje os recursos digitais oferecem suporte, naquela época, os poucos auxílios eram extremamente rudimentares (Joana Colei, 2022).

Os recursos didáticos utilizados naquela época eram restritos e o uso do retroprojetor, por exemplo, era uma das poucas ferramentas disponíveis — e mesmo assim, funcionava improvisadamente. Sem transparências prontas, utilizavam-se sacos plásticos e uma caneta especial para escrever as informações

que seriam projetadas. A aluna com deficiência visual, por sua vez, usava *reglete e punção*[14], anotando tudo que conseguia absorver pela audição atenta.

A lembrança daquela primeira turma também traz reflexões sobre a própria configuração do curso de Biblioteconomia naquele período. Tradicionalmente visto como um curso feminino, já nos anos 80 a presença masculina era rara, mas não inexistente. Joana recorda que sua turma era composta majoritariamente por mulheres, tendo apenas um rapaz que, inclusive, havia iniciado na turma anterior, mas, devido a algumas reprovações, terminou o curso junto com a sua.

Naquela época, as aulas aconteciam exclusivamente no turno da tarde pois ainda não havia oferta no período noturno. As relações entre os discentes eram próximas, a ponto de "surgirem até casamentos entre eles", um reflexo do convívio intenso e do ambiente acolhedor que o curso proporcionava. E assim, entre desafios, aprendizados e superações, Joana deu início à sua trajetória como docente, marcada desde o princípio por empatia, sensibilidade e pelo compromisso de fazer da educação um espaço verdadeiramente inclusivo e transformador.

Os anos de atuação de Joana na Universidade Federal da Paraíba, especialmente no Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD), foram marcados por intensa atividade acadêmica, mas também por ricas vivências sociais, culturais e políticas. O ambiente do departamento favorecia não apenas a produção científica, mas também as relações interpessoais, o aprendizado coletivo e o fortalecimento dos vínculos de amizade entre docentes. Na figura 153 Joana está assinando a Ata de Posse de Wilza da Costa Ramalho na Associação Paraibana de Bibliotecários da Paraíba, da gestão repassada por Jerusa Lyra Lucena para o biênio 1985-1987. A gestão que antecede a de Wilza, foi a da

[14] Sempre acompanhada da punção, a reglete é um dos primeiros instrumentos criados para a escrita braille. A ferramenta foi apresentada pela primeira vez em 1837 por Louis Braille e conta com uma prancha em MDF, um fixador de papel e um encaixe nas laterais para que o acessório seja colocado. Contém 4 linhas e 28 nichos de Braille com pinos na parte de baixo, para encaixar na prancheta. Na hora de escrever o papel é fixado sobre a prancheta e um molde com as celas braille é pressionado por uma punção nos locais demarcados para produzir o relevo dos pontos. Disponível em: https://www.gov.br/ibc/pt-br/centrais-de-conteudos/ibc-170-anos/por-dentro-do-ibc/equipamentos/reglete-e-puncao

Bibliotecária Edna Maria Torreão de Brito, de 1979 a 1981, também presente nesse registro fotográfico:

Figura 153 - Joana Coeli com Colegas do Departamento de Biblioteconomia e Documentação



Fonte: Acervo pessoal de Joana Coeli, anos 80.

Nesse sentido, havia uma dinâmica muito particular que estimulava a colaboração e o desenvolvimento dos professores: as comissões eram formadas de maneira rotativa. Se hoje Joana trabalhava em uma comissão com determinados colegas, no mês seguinte ela estava em outro grupo, com novas pessoas e novos desafios. Essa prática não era apenas uma estratégia administrativa; ela tinha um propósito pedagógico e formativo. A troca constante de saberes, experiências e olhares diferentes enriquecia não só o trabalho, mas também as relações humanas. Cada docente trazia consigo um saber específico, e, juntos, eles aprendiam, criavam e cresciam.

As relações sociais extrapolavam os muros do departamento. Era comum que os professores compartilhassem momentos de confraternização, fortalecendo laços de amizade que se entrelaçavam com os compromissos acadêmicos. Tudo isso fazia do DBD um espaço vibrante, pulsante de ideias e de convivência solidária.

Figura 154 – Comemoração pela obtenção do nível “Professora Titular” de Dulce Amélia



Fonte: Acervo de Joana Coeli, 2016.

No cenário mais amplo da universidade, Joana viveu de perto um período de grandes transformações políticas. As reuniões da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (ADUFPB), entidade representativa dos docentes, eram verdadeiros campos de debates acalorados, onde as vozes da democracia ecoavam. Eram tempos de reconstrução, de superação dos anos de repressão militar, e de fortalecimento dos movimentos de esquerda. Ela e muitos colegas se engajavam em comícios na Praça João Pessoa, participando de campanhas que marcaram profundamente a história política local e nacional. Curiosamente, sua filha, que à época cursava Comunicação, também fazia parte desses movimentos, ampliando esse elo entre gerações na luta por um país mais justo.

Ao longo de sua trajetória, Joana também se destacou além dos limites da universidade. Atuou ativamente no Conselho Regional de Biblioteconomia da 4ª Região (CRB-4), representando a Paraíba como delegada durante muitos anos. Mesmo após a criação do CRB-15, ela optou por manter seu vínculo afetivo e profissional com o CRB-4, evidenciando o quanto essa participação foi significativa em sua vida. Uma memória que guarda com carinho é a de uma festa em que Professora Zuleide Medeiros de Souza, a primeira profissional registrada no CRB-4, foi homenageada em um momento que selou o reconhecimento e a história da biblioteconomia regional.

Em 2022, Joana se aposentou, motivada por questões familiares, sobretudo para cuidar de sua irmã adoecida. No entanto, o amor pela docência falou mais alto, e, logo após esse período, ela retornou como professora voluntária, renovando seu compromisso com a educação, com a mesma energia e disposição de sempre — e, como ela mesma gosta de dizer, agora pela segunda vez, graças a Deus.

Entre pesquisas, projetos, extensão, encontros, movimentos e memórias, Joana construiu uma trajetória marcada pela paixão, o ensino, a defesa da profissão e pela certeza de que a educação é, sobretudo, uma construção coletiva, afetiva e transformadora. E, claro, entre uma história e outra, não faltava aquele momento descontraído: "Agora vamos comer pão de queijo" dizia ela, encerrando a conversa com sorriso e leveza.

5.5 PROFESSORA MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2024).

Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, nasceu no dia nove de maio na Casa de Saúde e Maternidade Santa Rita, em Recife. Segunda de cinco

irmãos, quatro meninas e um menino, cresceu em uma família onde, apesar das dificuldades enfrentadas pelos pais nos primeiros anos de casamento, nunca faltaram o essencial: afeto, dignidade e, acima de tudo, educação. Foi esse valor, cultivado como herança silenciosa e constante, que moldou o seu caminho e lhe deu as ferramentas para se tornar quem viria a ser.

Aos cinco anos, começou a trilhar sua trajetória escolar no Instituto Profissional Maria Auxiliadora, uma instituição religiosa destinada apenas a meninas, onde permaneceu até a segunda série do segundo grau. Depois, o Colégio União representaria a transição: um espaço mais amplo, com salas que reuniam quase cem alunos e que espelhava, de maneira simbólica, o universo da universidade que logo se anunciava.

O sonho era claro: arquitetura. Desde o início, essa era a visão que orientava suas escolhas. No primeiro vestibular, tentou Arquitetura, Desenho Industrial e Artes Visuais, mas, sem sucesso. No segundo, tentou novamente, desta vez incluindo Letras como terceira opção. Foi aprovada em Letras e incentivada pela família, acabou ingressando no curso, mesmo sem o entusiasmo. Ainda tentou mais uma vez, o terceiro vestibular, porém deparando-se com outra reprovação, decidiu permanecer no curso de Letras. Ironias da vida: ao final da graduação, não só concluiu com êxito, mas foi laureada e obteve o reconhecimento máximo que nunca imaginara receber.

A história de sua trajetória na Biblioteconomia não começou por vocação clara ou planejamento precavido, mas por um gesto simples e afetuoso de uma prima muito querida que a convidou, quase como quem propõe uma travessia: “Beth, vamos fazer biblioteconomia comigo?” À época, ela mal sabia o que o curso representava. Estava no último ano da graduação em Letras, envolta em uma rotina exaustiva: estudos, aulas e o estágio. Ainda assim, aceitou o convite e mergulhou, sem grandes certezas, nesse novo universo.

A escolha por não seguir o magistério foi inicialmente uma fuga. A experiência frustrante como professora em uma escola pública, marcada pelo desinteresse dos alunos e a sensação de impotência, fez com que ela jurasse nunca seguir a docência. Curiosamente, seria exatamente no campo da

Biblioteconomia que essa adormecida encontraria terreno fértil para se desenvolver.

Ainda que não soubesse, àquela altura, se estava no rumo certo, ela seguiu. Vinda do curso de Letras, já carregava consigo leituras e experiências, mas era na Biblioteconomia que começaria a descobrir um universo totalmente diferente. Sem pressa para antecipar disciplinas, optou por preencher os intervalos entre as aulas para explorar os espaços e serviços das bibliotecas do campus da UFPE. Esses momentos, inicialmente casuais, tornaram-se portas de entrada para estágios que viriam a marcar profundamente sua trajetória profissional. Foi nesses estágios que, pela primeira vez, entrou em contato direto com a prática bibliotecária. As atividades de empréstimo e o processamento técnico, não eram apenas tarefas administrativas, mas experiências fundantes, onde o fazer se entrelaçava ao aprender. Entre tantas experiências, foi no processamento técnico que encontrou sua afinidade mais clara. A estrutura invisível por trás de uma coleção organizada tornava-se, para ela, o coração do funcionamento de uma Unidade de Informação. Sem esse trabalho técnico e minucioso, dizia, seria impossível atender com eficácia às múltiplas demandas informacionais dos usuários. A recuperação e o uso da informação dependiam, antes de tudo, de uma base técnica bem construída.

Nesse cenário, Elizabeth Baltar foi tecendo sua identidade com a constância de quem aprende, faz e reflete. Aquela que iniciou sua trajetória sem saber exatamente qual caminho seguir, encontrou, nos desdobramentos da prática cotidiana e na ética do fazer bibliotecário, uma trilha firme, consciente e comprometida a futura profissão.

Durante o Curso de Biblioteconomia, uma das disciplinas que ela estudou foi a de Técnicas de Arquivos. Essa disciplina naquele momento, foi um divisor de águas. Graças a ela, foi convidada a organizar o arquivo administrativo da Biblioteca Central da UFPE, trabalho que realizou sob supervisão de professores do curso de Biblioteconomia, mesmo em caráter voluntário. Essa experiência a levou ao Banco Nacional do Norte (BANORTE), onde atuou no arquivo de Recursos Humanos. Nessa instituição pôde aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e desenvolver um projeto de organização arquivística que envolvia

documentos do BANORTE de todo o país. Foi contratada como arquivista logo após a conclusão do curso, um reconhecimento imediato à sua competência técnica e à seriedade com que encarava o trabalho.

No BANORTE, acumulou uma série de atribuições que iam muito além da gestão do acervo: leitura e distribuição diária do Diário Oficial da União, administração de assinaturas de periódicos, coordenação da reprodução e encadernação de materiais para os cursos internos e que ficam disponíveis nas estantes da biblioteca. Em pouco tempo, tornou-se responsável por duas bibliotecas fundidas em uma só, resultado de um processo de reestruturação e demissão em massa. Mais uma responsabilidade que somou às suas atividades.

Eis que sua prima ressurge com mais uma daquelas ideias que só ela seria capaz de ter!

Apesar do êxito profissional, Elizabeth Baltar ainda sentia crescer o desejo de ampliar seus horizontes. Incentivada novamente pela prima, agora já servidora concursada na UFPE como bibliotecária, disse: "*vamos tentar o mestrado? Tem um mestrado lá na Paraíba"*. Então resolvi tentar.

> Viemos para fazer a seleção em 1987 na UFPB, eu passei e ela infelizmente não. Como eu já conhecia o pessoal do BANORTE, me dirigi a um amigo e contei que havia passado na seleção do mestrado na UFPB. Aí pensei: e agora? Não tenho recursos para ir morar lá. Então o Banco me ajudou e me demitiu para eu pudesse receber um bom dinheiro. Foi com esse dinheiro que mudei para João Pessoa (Elizabeth Baltar, 2023).

Aprovada no processo seletivo, deixou Recife com apoio financeiro do próprio banco, que facilitou sua demissão para que ela pudesse se manter durante o período inicial da pós-graduação. Em João Pessoa, dividiu apartamento com Ângela Moura, bibliotecária e futura colega de docência. A bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, veio como um alívio necessário, garantindo subsistência em tempos de transição.

> Me ajudou muito essa bolsa. A coordenadora do Mestrado era Raquel Abath. Um ano depois já perto de encerrar o mestrado. Eu pesquisei o sistema de bibliotecas públicas de Pernambuco. Nessa época foi a primeira vez que saí de casa. Mas eu queria ter minha independência (Elizabeth Baltar, 2023).

Já firmada no Mestrado, sua pesquisa voltou-se ao sistema de bibliotecas públicas de Pernambuco, um tema que refletia seu interesse por políticas de informação e democratização do acesso ao conhecimento. Nessa época, “foi a primeira vez que saí de casa e com o coração apertado, mas, queria ter minha independência” ressaltou Elizabeth Baltar.

A docência se insinuava outra vez, dando sinais de que tinha lugar na sua história

No último ano do mestrado, uma nova virada: a abertura de uma vaga para docente no Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) da UFPB. Decidida pela sua independência, conciliou as exigências da pós-graduação com a preparação para o concurso. Foi aprovada para lecionar a disciplina de Indexação Pós-Coordenada, visto ser uma demanda urgente no curso, que estava sem docente na área. Com apenas três anos de atuação direta em bibliotecas, e sem nunca ter almejado a docência, encontrava-se agora diante da sala de aula novamente. Desta vez, no entanto, era diferente. Não se tratava mais de imposição, mas de escolha.

Beth Baltar ingressou oficialmente no DBD em 03 de março de 1989, perdendo automaticamente a bolsa de estudo que havia conquistado no mestrado. O salário como professora auxiliar era inferior ao valor da bolsa, mas o compromisso com o ensino e com a formação de novos bibliotecários falou mais alto.

> Então, de lá para cá, minha área de atuação desde 1989 até hoje (são mais de 30 anos de docência). Assim, de 99% das disciplinas que me ministrei são de Representação da Informação. Claro que ministrei outras como Política e Desenvolvimento de Coleções,

> Metodologias. Mas, a base mesmo sempre foi dentro da área da Representação da Informação (Elizabeth Baltar, 2023).

A partir de então, Professora Beth, carinhosamente chamada na academia, vem consolidando sua atuação docente ao longo de mais de três décadas, com dedicação quase exclusiva à área de Representação da Informação, disciplina que, para ela, se tornou um campo de pesquisa. Entre transparências, retroprojetores, mimeógrafos e fichas catalográficas, que eram as tecnologias disponíveis na época em que entrou na docência universitária, moldou uma geração de bibliotecários e bibliotecárias na UFPB. O ofício de professora, antes renegado, revelou-se não como obstáculo, mas como destino que, embora inicialmente improvisado, se mostrou profundamente coerente com sua trajetória.

Assim, a história da Professora Beth tem sido marcada por afetos, escolhas intuitivas e compromissos assumidos com seriedade. É também a história de um tempo, de uma profissão e de uma universidade e, sobretudo, um testemunho silencioso de como a docência, mesmo quando negada, pode ser reencontrada como vocação quando há disposição para o encontro, para o estudo e para o compromisso com a formação de futuros profissionais.

Turma do Bambam: lembranças de uma docência viva

Ao ser indagada sobre as relações sociais no Departamento, Professora Elizabeth Baltar demonstra que suas memórias não se acomodam em uma linha do tempo engessada. Pelo contrário, fluem levemente entre as recordações marcantes em sala de aula, momentos singulares nas atividades acadêmicas e laços de amizade que resistem ao tempo. Em suas reflexões, reconhece que há algo de indomável nas memórias que guarda, pois escapam da cronologia e se misturam com emoções, olhares e significados mais profundos.

Foi ao longo desse percurso que surgiram encontros especiais com colegas e estudantes. Entre essas relações, destaca-se, com ternura, o grupo carinhosamente chamado de “Turma do Bambam”. Os nomes que emergem da

memória são pronunciados com afeto e um toque de saudade: Zuleide Medeiros de Souza (Zú), Joana Coeli Ribeiro Garcia (a querida 'baixinha'), Edna Maria Torrezão Brito (Edinha) e Terezinha O nome do grupo carrega em si uma dupla lembrança: não apenas evocava uma figura ou personalidade, mas também remetia a um espaço concreto e afetivo: a lanchonete do Bambam, que ficava próxima às salas de aula na UFPB. Era lá que, entre um turno e outro, dividiam o tempo, o riso e o tradicional "PF ou melhor, Prato Feito". Aquela mesa simples, sob o ruído cotidiano dos universitários, tornou-se cenário de cumplicidade e debates acalorados. Momentos que contribuíram para moldar não apenas a pesquisadora, mas também a professora admirável que viria a se tornar.

Entre projetos, estantes e o compromisso com a graduação

Sua dedicação multifacetada, entre 1989 e 2007, foi dividida entre o ensino, a pesquisa, a extensão e aos inúmeros encargos administrativos, embora muitas vezes exaustivos, não lhe desviou da essência que sempre guiou sua atuação: a docência comprometida com a formação dos futuros bibliotecários da Paraíba.

Apesar das múltiplas tarefas institucionais assumidas, como participação em conselhos, comissões e coordenações, o ensino manteve-se como o eixo central da atuação docente. Ao longo dos anos, a sala de aula foi concebida não apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como lugar de diálogo e estímulo desenvolvimento intelectual dos seus alunos.

> Muitos de meus ex-alunos seguiram a carreira técnica, destacando-se em bibliotecas, arquivos e centros de documentação pelo país. Outros enveredaram pelos caminhos da pesquisa, retornando à mesma universidade e agora são meus colegas na docência e dividem comigo a "bancada" do Departamento de Ciência da Informação da UFPB (Elizabeth Baltar, 2023).

A cada reencontro há um gesto de reconhecimento com o compromisso coletivo de formar esses profissionais. Ao olhar para trás, a Professora Beth não

contabiliza apenas os anos de serviço, mas as vidas com as quais se cruzou e os horizontes que ajudou a ampliar.

Durante dez anos de atuação comprometida como Coordenadora do Curso de Biblioteconomia da UFPB, a professora participou ativamente de iniciativas voltadas à melhoria da formação acadêmica, aliando docência e gestão institucional. Um dos marcos desse período foi, em 1994, a criação da Biblioteca Setorial do CCSA, viabilizada pelo Programa de Apoio à Graduação (PROGRAD), por meio do PROLAB. À época, o então Diretor do CCSA, Professor Rômulo Soares Polari, apresentou a proposta de criação de um laboratório voltado à formação prática dos alunos do curso. A ideia, que partiu de uma escuta atenta às demandas da formação profissional, encontrou na professora uma das suas principais entusiastas e articuladoras. O projeto, idealizado para oferecer formação prática aos alunos, resultou na criação de um espaço dinâmico e estruturado para o exercício da Biblioteconomia, reunindo acervo, mobiliário e equipe técnica.

> Nesta época, as bibliotecas existentes nos Centro de Ensino da UFPB não eram reconhecidas pelo Sistema de Bibliotecas da UFPB. Eram chamadas de "bibliotecas clandestinas". O CCSA agora tinha uma biblioteca: "Biblioteca Professor Berilo Borba", em homenagem ao primeiro Diretor do CCSA. Passou então, a ser subordinada administrativamente à Direção do Centro e tecnicamente à Coordenação do Curso de Biblioteconomia (Elizabeth Baltar, 2020).

Mais que uma conquista material, a iniciativa representou um avanço pedagógico e um gesto de valorização da prática bibliotecária, refletindo o compromisso com uma formação crítica, integrada e socialmente referenciada.

Entre livros e cordéis

Em 2006, e a docência, já enraizada como missão e escolha, seguia acompanhada do compromisso inabalável com a formação crítica, a pesquisa e o fortalecimento institucional da Biblioteconomia. Nesse cenário, a professora Beth

Baltar aproximava-se de um novo ciclo, ainda que sem abandonar os compromissos acadêmicos.

Naquele ano, durante um evento do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), promovido antes mesmo do processo seletivo, a afinidade intelectual a conduziu à *Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista*. A pesquisadora, reconhecida por seus estudos em semiótica e cultura popular, coordenava o Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP), que abrigava um valioso acervo de cordéis. Durante a conversa, revelou-se a urgência de alguém que compreendesse os enredos da organização da informação, alguém que pudesse sistematizar aquele conjunto singular de produções populares. Era o ponto de interseção: literatura, memória, cultura e representação da informação, um encontro que não apenas despertou interesse, mas delineou um novo rumo para a formação doutoral que se aproximava.

O ano seguinte, 2007, trouxe para a Professora Beth, a promessa do Doutorado Interinstitucional (DINTER), aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A iniciativa, esperada há tempos no campo da Biblioteconomia da UFPB, visava ampliar a qualificação docente. O DINTER representava, naquele momento, um respiro acadêmico, a possibilidade de desenvolver projetos e fortalecer a pesquisa na área. No entanto, como é comum nas trajetórias acadêmicas brasileiras (especialmente no Nordeste), o ideal logo se viu tensionado por entraves burocráticos e limitações orçamentárias. O projeto, embora aprovado em 2007, apenas se materializou no ano seguinte quando ela já não mais integrava o grupo de docentes contempladas.

A decisão de seguir por outro caminho não foi improvisada. Desde 2007, já trilhava a formação no doutorado do PPGL, motivada por uma inquietação que ultrapassava os limites tradicionais da Biblioteconomia. Procurava um campo de interseção em que os estudos literários e culturais se conectassem à Ciência da Informação e sua transdisciplinaridade. A linha de pesquisa *"Memória e Produção Cultural"* do PPGL, vinculada à área de concentração *"Literatura e Cultura",* oferecia essa travessia metodológica e teórica. Nesse contexto, entre os debates sobre cultura popular e práticas de leitura, encontrou a base para pensar a

representação da informação para além da técnica, como mediação simbólica e social e política.

Para compreender melhor os objetivos da linha de pesquisa e, simultaneamente, demonstrar seu comprometimento com o percurso investigativo, Professora Beth ingressou como aluna especial no PPGL. A experiência e o primeiro contato sistemático com a literatura de cordel foram decisivos para a formulação do anteprojeto de doutorado. Ao observar a forma como os folhetos eram armazenados (por ordem alfabética de títulos ou nomes de autores), identificou de imediato uma lacuna metodológica. A ausência de critérios mais rigorosos de representação e indexação comprometia o acesso ao conteúdo dos documentos, revelando um vazio entre o saber biblioteconômico e as práticas adotadas nos acervos de cultura popular. Ao ser aprovada no processo seletivo em 2007, iniciou-se oficialmente o doutorado no PPGL sob orientação da Profa. Fátima Batista. A escolha pela área de concentração "Literatura e Cultura" não foi casual: tratava-se de um campo propício para a articulação entre a cultura popular e os fundamentos da organização da informação. Desse modo, o diagnóstico dos acervos do PPLP e de outras instituições revelou a necessidade urgente de desenvolver instrumentos de representação da informação que considerem as especificidades da literatura de cordel. As abordagens tradicionais, baseadas em categorias genéricas, mostraram-se insuficientes para lidar com a complexidade semântica, histórica e social desses materiais. Tal desafio evidencia a dificuldade institucional de reconhecer o cordel como objeto legítimo de estudo e documento de saber. Diante disso, a atuação de Beth Baltar reafirma um compromisso com uma Biblioteconomia voltada para a valorização de saberes marginalizados.

A tese "Literatura Popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica" que objetivou expandir a classe de Literatura nas Classificações Bibliográficas, teve repercussão internacional ao despertar o interesse do Consortiun UDC (Universal Decimal Classification Consortium) para a criação de uma proposta de extensão da Classe de Literatura Popular na CDU. O primeiro contato havia sido estabelecido quando ela compartilhou os resultados de sua pesquisa, que abordava os desafios da representação da literatura de cordel.

A resposta recebida do comitê editorial do consórcio foi acolhedora e reveladora do impacto de seu trabalho: reconheceu-se a originalidade da proposta e a importância de contar com consultores externos especializados, sobretudo em áreas pouco exploradas pelas classificações tradicionais.

A proposta de extensão da Classe de Literatura Popular na CDU, inspirada na tese da professora, deu início a um processo colaborativo com o Consortiun UDC . O editor principal sugeriu a construção conjunta de uma tabela classificatória baseada na pesquisa, com revisões sucessivas até o consenso entre as partes. Caso aprovada pela equipe editorial, a proposta seria publicada oficialmente, reconhecendo a contribuição intelectual da autora. Este episódio representa não apenas o reconhecimento internacional da pesquisa, mas também a inserção de saberes populares nos sistemas de organização da informação, reforçando o papel da Biblioteconomia crítica, inclusiva e sobretudo social.

Isso posto, a experiência no doutorado, foi mais do que uma etapa de formação. Foi um espaço de afirmação científica e cultural. A partir da vivência no PPLP e da convivência com a literatura popular, consolidou-se uma prática investigativa que desafiava os limites disciplinares, ao propor um diálogo estreito entre a Ciência da Informação e a Literatura de Cordel.

De volta ao Departamento: um reencontro afetivo e intelectual

Após concluir o doutorado, Professora Beth retornou ao Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPB em 2011, reencontrando um cenário transformado: novos docentes integravam a equipe e o Curso de Biblioteconomia passava por uma reestruturação curricular, resultado da implantação do Projeto Político Pedagógico (PPP) aprovado em 2008. Então entre os períodos letivos de 2008.1 e 2014.1, o curso viveu um período de transição, refletido nas disciplinas que passou a ministrar, como Catalogação I, Representação Descritiva da Informação, Indexação Pós-Coordenada e Representação Temática da Informação II. A partir de 2014.1, assumiu também disciplinas como Metodologia do Trabalho Científico, Representação e Análise da Informação e Trabalho de Conclusão de

Curso. No mesmo ano de seu retorno, foi credenciada como docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), atuando na linha de pesquisa "Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação" e ministrando a disciplina "Representação da Informação e do Conhecimento".

A entrada na pós-graduação marcou uma nova etapa em sua trajetória acadêmica, repleta de desafios e realizações, mas também de intensificação do trabalho. A vivência das exigências do tripé universitário como o ensino, a pesquisa e a extensão, agora em dois níveis de ensino (graduação e pós-graduação), revelou as tensões entre produtividade e condições reais de trabalho docente.

Nesse sentido, com orgulho e senso de missão cumprida, a professora recorda sua participação na criação de um dos marcos editoriais da área de Ciência da Informação no Brasil: o periódico *Informação & Sociedade: Estudos (I&S)***.** Lançado em 1991, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB, o periódico surgiu do desejo coletivo de fomentar a produção e a circulação do conhecimento científico na área, dando voz a pesquisadores comprometidos com uma Biblioteconomia. Desde então, mantém-se ativo de forma ininterrupta**,** atravessando mudanças tecnológicas e editoriais, até consolidar-se em sua versão eletrônica. Mais do que um feito institucional, a continuidade da revista representa dedicação colaborativa e compromisso com a formação de uma comunidade intelectualmente comprometida.

Portanto, mesmo diante dessas contradições, Professora Beth manteve-se firme no compromisso com a formação crítica e cidadã, encarando o retorno à sala de aula como continuidade de um processo de aprendizado permanente. Entre os registros formais do currículo e as memórias pessoais, reconhece os “feitos” como parte de um percurso coletivo, construído com esforço e dedicação.

A Atuação Docente e Política em Entidades de Classe da Biblioteconomia

A atuação profissional de Elizabeth Baltar é assinalada por uma forte atuação em entidades representativas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação manifestando um compromisso duradouro com a construção coletiva

da profissão. Ainda como discente no Mestrado, integrou o Conselho Fiscal da recém-criada Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB) retornando anos depois como membro docente. Também esteve à frente da coordenação regional da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação, atual Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), nos anos de 1996 a 1997, período em que participou ativamente das discussões sobre as diretrizes curriculares, em consonância com a nova LDB. Essas experiências foram fundamentais para impulsionar o processo de reestruturação do currículo do curso de Biblioteconomia da UFPB, resultando em um Projeto Político-Pedagógico implantado em 2008, fruto de uma construção coletiva.

Desse modo, sua atuação se intensificou por mais de quinze anos no Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), onde ocupou cargos estratégicos como coordenadora de comissões, tesoureira e diretora financeira, tornando-se a Conselheira com o maior número de gestões na história do Conselho. Mais do que uma presença administrativa, sua participação refletia (e ainda reflete) uma postura ativa e ética, em defesa do fortalecimento da profissão e da valorização do exercício profissional. Seu compromisso com a Classe Bibliotecária foi decisivo para a consolidação institucional da profissão na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Como idealizadora e articuladora da criação do CRB-15, articulou apoios e viabilizou a aprovação e concretização do Conselho.

Em todos os capítulos da sua história, evidencia-se uma profissional que entende o associativismo e a militância política como extensões do fazer docente. Suas ações demonstram sensibilidade para com as transformações sociais, engajamento na formulação de políticas educacionais e atenção ao fortalecimento institucional da área. Ao encerrar sua participação no CFB em 2021, ela conclui um ciclo significativo de dedicação às entidades de classe, deixando como legado uma prática pautada no compromisso, na memória e na defesa da Biblioteconomia, sobretudo na história da Biblioteconomia paraibana.

5.6 PROFESSORA EDNA GOMES PINHEIRO



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2020).

Edna Gomes Pinheiro é uma mulher cuja trajetória se entrelaça com a força da educação pública e os caminhos inesperados da vida. Natural do Ceará, filha de uma família simples, Edna trilhou seus primeiros passos nos bancos da escola pública, onde construiu a base sólida que lhe sustentaria ao longo da vida. Foi apenas no terceiro ano científico que migrou para o ensino privado, não por condição financeira dos pais, mas graças ao apoio de um tio muito presente, que acreditava no seu potencial e enxergava na escola particular uma chance maior de sucesso no vestibular.

Edna Pinheiro cuja trajetória é marcada pela força, resiliência e um profundo senso de responsabilidade que a acompanha desde a infância. Filha mais velha de uma família de cinco irmãos, é também a primeira da família a conquistar um diploma de nível superior, tornando-se um orgulho para sua mãe, seus irmãos e toda sua família. Sua história carrega marcas de um passado que mistura superação e perdas. Sua mãe, a filha mais velhas de um farmacêutico renomado na cidade de Crateús, no interior do Ceará, viu sua vida mudar drasticamente após a morte trágica do pai. Seu avô era um homem muito respeitado, não apenas por seu ofício na farmácia, mas também por sua forte atuação nos bastidores da

política local, ainda que nunca tenha desejado ocupar cargos públicos. Seu apoio era decisivo, e, muitas vezes, quem contava com sua influência saía vitorioso nas eleições. Foi justamente nesse contexto de disputas políticas que ele foi vítima de uma emboscada, assassinado enquanto seguia, a cavalo, em direção à fazenda da família. Após essa perda irreparável, a avó de Edna, que administrava um restaurante na cidade, precisou reorganizar a vida. Junto aos seis filhos, entre eles a mãe de Edna, migraram para Fortaleza em busca de novas oportunidades e de um recomeço. A mãe, ainda jovem, precisou trabalhar para ajudar no sustento da família, papel que, mais tarde, Edna também compreenderia bem.

Entre lembranças e possibilidades, a biblioteconomia a escolheu

Mulher sensível, reflexiva e emotiva, Edna acredita que sua forma de se emocionar, seja um defeito ou uma virtude, moldou quem ela é. Para ela, passado, presente e futuro estão profundamente conectados. Carrega o entendimento de que não se pode viver apenas olhando para trás, mas também não se deve esquecer as lições e memórias que o passado oferece. Assim, entre lembranças e possibilidades, Edna construiu e segue construindo uma história marcada por superação, amor à profissão e uma vida pautada no compromisso com o conhecimento e com as pessoas.

Desde pequena, Edna se destacava pelo compromisso com os estudos. Sempre foi uma criança aplicada, que não conheceu reprovação escolar e que desde cedo entendia, de forma muito clara, seus limites e responsabilidades. Carregava a consciência de que não tinha as chamadas “costas largas” e, por isso, sabia exatamente até onde podia ir e o que podia fazer. Esse senso de autocontrole, disciplina e responsabilidade a guiou não apenas na vida pessoal, mas também na vida profissional.

Ao longo dos anos, Edna construiu sua própria família. Casou-se, teve filhas e, hoje, celebra com alegria a presença de quatro netos. Sua história é uma trama de desafios, mas, sobretudo, de conquistas. Uma mulher que, sem nunca separar quem é no âmbito pessoal e quem se tornou no campo profissional, faz de sua própria existência um exemplo de dedicação, consciência e amor à educação.

Edna nunca planejou ser bibliotecária ou, ao menos, não de início. Na verdade, como ela mesma afirma: “foi a Biblioteconomia quem me encontrou”. Um desvio de percurso que, mais tarde, se revelaria uma escolha profundamente acertada. Mesmo tendo iniciado também o curso de Ciências Contábeis, acabou não concluindo, embora carregue até hoje os conhecimentos adquiridos naquele curso.

Sua caminhada rumo à Biblioteconomia foi marcada por escolhas muito mais ligadas à urgência de ocupar um espaço na universidade do que a uma convicção inicial pela profissão. Naquele tempo, o vestibular oferecia três opções de curso e ocorria duas vezes ao ano, no primeiro e no segundo semestre. Quando não conseguiu vaga no curso de Ciências Contábeis, seu primeiro desejo, Edna não se deixou abater. Ela queria, mais que tudo, ser universitária, vivenciar o ambiente acadêmico, fazer parte daquele mundo. Determinada, se deparou com um painel (na época, tudo escrito à mão) que listava os cursos com vagas disponíveis. Olhou para Psicologia, Ciências Sociais, refletiu... mas, logo percebeu que esses cursos eram extremamente concorridos. Com uma mente estratégica e prática, decidiu não correr riscos desnecessários.

> Quero é entrar logo na universidade, garantir minha carteira de estudante e entender como funciona esse ambiente", pensei. E foi assim que escolhei Biblioteconomia, não como primeira opção de vida, mas como uma oportunidade de entrar no espaço acadêmico (Edna Pinheiro, 2023)

Naquele período, quem passava no vestibular não ingressava imediatamente no curso escolhido. Todos os calouros precisavam cursar um ano do chamado "básico", uma espécie de nivelamento com disciplinas comuns a todas as áreas: introdução à sociologia, economia, contabilidade, português, inglês. Não importava se você era futuro médico, arquiteto ou bibliotecário, todos partilhavam as mesmas salas, organizadas por ordem alfabética. Foi nesse ambiente diverso e efervescente que Edna viveu experiências marcantes, como o namoro com um estudante da medicina, que a fez se sentir, como ela própria relata, “toda cheia”. Aquilo, de certa forma, reforçava a sensação de pertencimento a um mundo até então distante.

Após o ciclo do básico, ela, enfim, migrou para o prédio específico da Biblioteconomia, onde sua relação com o curso começou a se fortalecer. Pouco tempo depois, foi selecionada para uma bolsa de estágio em uma das bibliotecas da própria universidade. Essa oportunidade não só garantiu sua permanência nos estudos como também abriu portas para sua vida profissional.

Durante os três anos na graduação (que era a duração do curso na época), Edna estagiou continuamente, mergulhando na prática e consolidando conhecimentos. Quando concluiu o curso, já não era mais apenas uma estudante em busca de um lugar. Saiu da universidade empregada, contratada por meio de um modelo celetista, que funcionava com recursos de um caixa paralelo da instituição, utilizado para pagamento de funcionários sem concurso. Assim, ela permaneceu por uma década, trabalhando como funcionária celetista da universidade. O que começou como um caminho alternativo, quase circunstancial, revelou-se uma escolha acertada, que moldou sua trajetória profissional e, mais do que isso, lhe proporcionou realização pessoal e sentido de pertencimento.

Edna ingressou na Biblioteconomia, inicialmente, como uma alternativa para adentrar o ambiente universitário. No entanto, ainda nutria o desejo de cursar Ciências Contábeis, tanto que, no meio do ano, prestou novamente vestibular e foi aprovada. Por um tempo, conciliou três jornadas: estagiava pela manhã, cursava Biblioteconomia à tarde e, à noite, frequentava as aulas de Contabilidade, chegando até o quarto ano do curso. Durante esse período, reencontrou Marcos, colega da Contabilidade, com quem iniciou um relacionamento que mais tarde resultaria em casamento. Após casar-se, decidiu abandonar a Contabilidade, pois já estava completamente envolvida e apaixonada pela Biblioteconomia e já estava estagiando, o que foi determinante para sua transformação. Ao ingressar na biblioteca da pós-graduação, se encantou com o ambiente organizado, acadêmico e colaborativo. Ali, ela descobriu sua verdadeira vocação, principalmente no trabalho com projetos de extensão, que ressaltavam o compromisso social da profissão. Professora Edna costuma dizer aos alunos: “que nunca devemos nos arrepender do que fazemos, mas sim do que deixamos de fazer”. uma filosofia que norteou suas escolhas e sua trajetória profissional e pessoal.

Ao longo dos anos, Edna se sentiu plenamente realizada, tanto na vida pessoal quanto profissional. Casada com um homem organizado e parceiro, dedicou-se à família e, paralelamente, investia em sua trajetória dentro da Biblioteconomia. Não tinha dúvidas: seu caminho seria ali, construindo uma carreira sólida, que incluiria, mais tarde, mestrado e doutorado.

Desde cedo, demonstrou determinação. Na época que estagiava na biblioteca de pós-graduação da universidade (uma instituição carente de bibliotecários formados), recebeu apoio e orientação de uma socióloga que atuava como responsável técnica. Essa mentora, que desejava se dedicar exclusivamente à pesquisa, prometeu prepará-la para assumir seu lugar. E assim aconteceu: logo após a formatura, Edna foi contratada como bibliotecária pela Universidade Federal do Ceará. Nesse cenário, sua carreira foi extensa e diversa. Trabalhou por 19 anos na universidade e 14 anos no Lyceu do Ceará, acumulando experiências tanto em bibliotecas escolares quanto universitárias.

Na universidade, foi protagonista na transformação da biblioteca onde atuava, lutando para que ela deixasse de ser vista como um espaço isolado e conquistasse o status de Biblioteca Setorial, com gestão autônoma, mesmo sem reconhecimento formal da chefia. Assim, sua jornada na biblioteconomia foi marcada pela busca constante por melhorias, pelo compromisso com a profissão e pela dedicação à formação de novos profissionais, especialmente quando ingressou na docência como professora substituta na Universidade Federal do Ceará (UFC) período no qual conciliava sua paixão pela biblioteconomia com o desejo de compartilhar conhecimento. Ela sempre buscou atualização constante, participando de inúmeros cursos e especializações, especialmente nas áreas de ciência, tecnologia, gestão e bibliotecas públicas.

Iniciando sua carreira docente e construindo histórias

Formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), dedicou-se à profissão com amor e entrega. Sua vinda para João Pessoa (Paraíba), não estava nos seus planos. Mudou-se acompanhando o marido Marcos, que fora transferido. A mudança não foi fácil, pois deixar sua terra natal, sua história e seus

afetos, especialmente levando consigo duas filhas pequenas, de 10 e 11 anos, demandou coragem e resiliência. No entanto, a vida na Paraíba se revelou generosa e, hoje, após 25 anos, Edna se sente plenamente realizada, tanto no aspecto profissional quanto pessoal.

Seu ingresso definitivo como docente concursada ocorreu em 1996 na UFC. No entanto, foi em 13 de março de 1998 que chegou ao Departamento de Biblioteconomia da UFPB, por determinação judicial, já que enfrentava dificuldades em conseguir sua redistribuição formal. Durante esse período transitório, a universidade de origem continuava responsável por seu pagamento. Essa situação perdurou até 2001, quando foi, enfim, oficialmente incorporada ao quadro de Docentes efetivos da UFPB.

Foi nesse ambiente que aconteceu sua amizade com a professora Marynice de Medeiros Matos Autran. Ambas ingressaram praticamente juntas no Departamento, em um momento de recomeço pessoal e profissional, o que fortaleceu a afinidade entre elas. Tanto que, no primeiro jantar Natalino longe de sua família, Edna foi acolhida na casa de Marynice, dando início a uma amizade sólida, que perdura até hoje.

Ao longo de sua carreira, Edna manteve um olhar sensível para as questões sociais que afetavam a sociedade nordestina, como a fome, a seca e o trabalho informal. Seu trabalho na biblioteca transcendeu as atividades técnicas: dialogava constantemente com professores especialistas nas questões econômicas e sociais da região, o que lhe permitiu não só aprofundar seu entendimento sobre esses temas, como também colaborar ativamente na organização do acervo, inclusive criando um comitê com docentes para auxiliar na classificação dos livros mais complexos. Essa trajetória apresenta uma profissional comprometida, que transformou desafios em oportunidades, unindo técnica, ensino e responsabilidade social em sua atuação. Vivenciou de perto os desafios sociais e econômicos do país, especialmente no Nordeste, temas recorrentes nas pesquisas desenvolvidas na universidade. Foi nesse ambiente que se envolveu ativamente com os professores, muitas vezes participando de debates e até ministrando palestras sobre temas como seca, pobreza, informalidade e os impactos das políticas públicas na região.

Ao longo de seu percurso, Professora Edna sempre valorizou as parcerias no ambiente de trabalho. Para ela, construir boas relações interpessoais era essencial, especialmente no contexto acadêmico e profissional. Mesmo sem manter uma convivência íntima fora do trabalho, fazia questão de cultivar respeito, colaboração e amizade no espaço profissional. Edna trabalhou por mais de dez anos de forma irregular, como terceirizada, até que, no governo de José Sarney, um decreto permitiu a efetivação de servidores que haviam trabalhado por cinco anos consecutivos ou dez anos alternados em órgãos públicos. Ela foi uma das beneficiadas, passando a ser servidora pública sem concurso formal.

Apesar de não desejar ser professora inicialmente, pois sua paixão era a atuação como bibliotecária, o contexto e as oportunidades acabaram conduzindo sua carreira para a docência. Ingressou como professora substituta ao lado de colegas que também eram bibliotecários, como Virgínia Bentes Pinto, Casimiro e Fátima Araripe, fruto de uma seleção informal após um curso de especialização em Ciência e Tecnologia. Ainda assim, resistiu por um tempo a prestar concurso para professora efetiva, priorizando seu trabalho na biblioteca. Foi apenas na última oportunidade disponível, motivada pelas circunstâncias, pelos colegas e principalmente pelo marido, que decidiu participar, selando definitivamente sua transição para a carreira docente, onde também se encontrou e fez história. Com a aprovação, surgiu um impasse: a diretora da biblioteca não queria renunciar, temendo que a unidade ficasse desassistida. Ainda assim, o reitor interveio, garantindo sua permanência na universidade, agora no cargo de professora, já que não poderia acumular a função de bibliotecária.

Ao ingressar como docente efetiva no curso de Biblioteconomia da UFPB, sua experiência prévia foi imediatamente reconhecida. As disciplinas técnicas, especialmente aquelas voltadas à organização da informação, eram naturalmente destinadas a ela, que já dominava a prática da catalogação, da Classificação Decimal Universal (CDU) e dos processos de desenvolvimento de coleções. Como o cenário tecnológico da época era bastante precário, as aulas eram preparadas manualmente e sem recursos tecnológicos. Mesmo assim, ela ministrou com excelência diversas disciplinas, entre elas: Catalogação Descritiva I e II, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Catalogação de Materiais Especiais, incluindo

mapas e multimídias, e a disciplina de CDU. Sua atuação foi fundamental na formação de gerações de bibliotecários, unindo teoria, prática e uma vivência profissional rara.

Ainda em fase de adaptação na UFPB, ela logo percebeu que a dinâmica acadêmica era bem diferente da que conhecia na Universidade Federal do Ceará. Não era apenas uma mudança de colegas, mas também de gestão, de didática e de funcionamento institucional. Apesar das diferenças, foi acolhida com muito respeito e carinho, o que facilitou sua adaptação, uma característica que ela reconhecia em si mesma, atribuindo à sua natureza determinada e resiliente. Ainda assim, enfrentou alguns desafios. No entanto, sentiu uma resistência velada, não contra sua pessoa, mas relacionada à sua titulação. Na época, não possuía mestrado, condição exigida para ascender ao cargo de assistente, o que a manteve como auxiliar por cerca de dez anos, mesmo acumulando responsabilidades de chefia e uma trajetória consolidada.

A redistribuição para a nova instituição não foi simples. Houve entraves, especialmente porque a vaga disponível pertencia a uma professora doutora, o que acentuou ainda mais as tensões quanto à sua condição acadêmica. Só após duas décadas de formada é que conseguiu cursar o mestrado, o que representou, além de uma conquista pessoal, uma superação das barreiras impostas por um sistema que, muitas vezes, valoriza mais o título formal do que a experiência e o conhecimento prático acumulado. Assim, o ambiente de trabalho era marcado por fortes personalidades e discussões acaloradas.

> As reuniões do Departamento, muitas vezes, se tornavam tensas, com embates verbais que deixavam alguns colegas em situações desconfortáveis. Eu, sempre fui pacata e conciliadora, então ficava impactada pela forma ríspida com que alguns colegas se tratavam, especialmente em episódios de desrespeito que me deixava profundamente incomodada (Edna Pinheiro, 2023).

Apesar desse clima, seu espírito colaborativo se destacou. Vinda de uma experiência consolidada em Fortaleza, ela trazia consigo a prática de oferecer cursos e capacitações, especialmente voltados para bibliotecários do interior, que muitas vezes atuavam sem a formação necessária. Aproveitava as oportunidades de projetos de extensão, como o Fluex, para promover esses cursos, organizando

a parte pedagógica enquanto contava com colegas para mobilizar os participantes, tudo feito na base do telefone, já que não existiam as facilidades tecnológicas de hoje.

Mesmo em meio às divergências e resistências iniciais, ela construiu relações de trabalho produtivas, encontrando espaço para contribuir de forma significativa tanto na formação de profissionais quanto no fortalecimento da área de Biblioteconomia na região.

Durante sua vida acadêmica, ela percebeu claras diferenças entre sua experiência na Universidade Federal do Ceará e a realidade que encontrou na UFPB. No Ceará, havia uma forte articulação entre o curso, a associação e o conselho profissional, que constantemente promoviam cursos de formação e atualização para os bibliotecários, remunerando os docentes envolvidos. Na UFPB, sentiu falta dessa integração, pois as iniciativas ainda eram incipientes e pouco consolidadas.

Professora Edna conquistou respeito e espaço, principalmente por seu forte envolvimento com projetos de extensão. Suas ações sempre estiveram muito voltadas para o social, especialmente na área da biblioterapia, prática que iniciou ainda no Ceará, levando ações culturais a asilos e hospitais. Ela se tornou uma das pioneiras na utilização da biblioterapia na região, desenvolvendo projetos voltados para idosos e crianças com câncer. Contudo, a falta de reconhecimento da área no meio acadêmico a levou a ocultar o termo “biblioterapia” de seus projetos de pesquisa, o que acabou dificultando a visibilidade e recuperação de seus trabalhos. Ainda assim, sua contribuição foi significativa, tanto no ensino, quanto na extensão, levando a Biblioteconomia para além dos muros da universidade e fortalecendo sua dimensão social.

Ao indagar sobre a Biblioteconomia de ontem e de hoje, Professora Edna destaca que percebe um avanço significativo na área. Pois, no passado, a atuação dos bibliotecários estava muito restrita ao ambiente técnico das bibliotecas, sem espaço ou incentivo para a pesquisa e a produção científica. As limitações eram grandes, especialmente pela dificuldade de acesso à formação continuada, como mestrados e doutorados. Hoje, no entanto, observa uma Biblioteconomia mais consistente, madura e com maior identidade profissional. Enxerga que os

bibliotecários conquistaram novos espaços, ampliaram suas competências e passaram a ser reconhecidos também como pesquisadores, fundamentais em uma sociedade movida pela informação.

Edna Pinheiro participou ativamente da construção e reformulação dos cursos de Biblioteconomia e de Arquivologia da UFPB, assumindo papéis como coordenadora de curso e chefe de departamento.

Figura 155 – Na Chefia Departamental



Fonte: Acervo do DCI-UFPB, 2018

Agora, caminhando para a aposentadoria, sente-se tranquila, convicta de que cumpriu sua missão e deixou uma contribuição sólida para a profissão e para a sociedade.

> Eu contribuí com esse olhar que a partir de então, tudo que surgir, vai surgir de um ponto que foi deixado. É como um pesquisador, faz uma pesquisa, embora aquela pesquisa não seja inédita, mas ele parte com o ponto que você deixou. É assim que a ciência cresce, é assim que a ciência se fortalece, e eu acredito que o curso de biblioteconomia tenha se fortalecido com essa conduta. As pessoas entendendo que as coisas acontecem sempre para se fortalecer, sempre no ponto de onde alguém deixou. E o que a gente aprende. Não é para sermos mais do que ninguém, é exatamente para darmos a possibilidade das outras pessoas crescerem juntas (Edna Pinheiro, 2023).

Portanto, a Professora Edna sente-se, hoje, realizada por sua trajetória, tanto no Ceará quanto na Paraíba, onde atuou de forma expressiva na formação profissional, na promoção da responsabilidade social e na defesa da ética, compreendida não apenas como um princípio profissional, mas como uma conduta de vida.

5.7 PROFESSORA EMEIDE NÓBREGA DUARTE



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2023).

Atravessávamos os momentos finais da pandemia de Covid-19 quando entrei em contato com a professora Emeide para saber de seu interesse e disponibilidade em contribuir com minha pesquisa de doutorado. Com muito carinho e prontamente, ela aceitou o convite. Optamos por realizar a entrevista em formato online, uma vez que ainda havia certa apreensão quanto à transmissão do vírus.

Figura 156 – Entrevista *online* com Professora Emeide Nóbrega



Fonte: Dados da pesquisa, 2022

Emeide Nóbrega Duarte, conhecida academicamente como Professora Emeide Nóbrega, nasceu em Guarabira, Paraíba. Filha de Raimundo de Gouveia Nóbrega, advogado e juiz do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, e de Tereza Martins Nóbrega, professora formada pelo curso Normal. Cresceu em uma família numerosa, sendo a segunda de onze filhos (três mulheres e oito homens). Desde cedo, assumiu responsabilidades no ambiente doméstico, auxiliando nos cuidados com os irmãos mais novos, em meio a uma rígida rotina familiar voltada para os estudos, imposta com rigor pelo pai.

Sua trajetória educacional teve início em instituições de ensino religioso e público na Paraíba. Estudou no Colégio Sagrada Família e, posteriormente, no Colégio Modelo Estadual de João Pessoa, onde concluiu o primeiro ciclo do ensino secundário em 1965. Três anos depois, em 1968, concluiu o segundo ciclo no tradicional Lyceu Paraibano, cursando disciplinas clássicas como latim, francês, filosofia e sociologia, formação que a preparou para o ingresso no ensino superior.

Emeide Nóbrega construiu uma sólida carreira acadêmica. Graduou-se em Biblioteconomia, área na qual também obteve o mestrado. Posteriormente, concluiu o doutorado em Administração e realizou pós-doutorado em Ciência da Informação. Tornou-se professora do ensino superior na Universidade Federal da Paraíba, mantendo o nome acadêmico de solteira em respeito à sua produção científica. Ao longo da vida, além da trajetória universitária, constituiu uma família com três filhos e nove netos.

Sua história é marcada pela dedicação aos estudos, pelos valores familiares e por uma trajetória acadêmica notável no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no Brasil.

No final da década de 1960, a Professora Emeide vivenciava um período de grande expectativa e entusiasmo com a abertura do curso de Biblioteconomia. Sua escolha por essa área foi fortemente influenciada por uma vizinha em João Pessoa, a bibliotecária Rejane Teixeira (in memoriam), que atuava na biblioteca da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em Pernambuco. Rejane era reconhecida por sua elegância, postura ética e paixão pela profissão. Ao ouvi-la relatar, com dedicação e encanto, suas atividades profissionais, Emeide sentiu-se imediatamente atraída por aquele universo. Ao recordar esse momento, destaca que:

> como não conhecia bem o curso e seria a primeira turma, então não tínhamos muita informação a respeito, mas pelo que ela falava, a sua postura..., me chamou muito a atenção, principalmente sua elegância no sentido da ética, da educação, na forma de falar e tratar as pessoas. Então pensei: vou fazer esse curso! (Emeide Nóbrega, 2023).

Pouco tempo depois, em janeiro de 1969, foi publicado o edital para ingresso no Curso de Biblioteconomia por meio de vestibular, que exigia habilitação nos conteúdos de português, sociologia, história e inglês, sendo ofertadas 60 vagas. Ao prestar o exame, Emeide foi uma das 25 aprovadas, fato que lhe causou imensa alegria, especialmente ao seu pai, que ouviu, emocionado, o nome da filha ser anunciado em um rádio de pilha. Até hoje, ela considera essa escolha uma das mais acertadas de sua vida.

Durante seu caminho na universidade, Emeide também se destacou como atleta. Jogadora de voleibol, integrou a equipe titular da UFPB, do Clube Cabo Branco e da Seleção Paraibana, conquistando diversas medalhas e realizando inúmeras viagens, experiências que marcaram profundamente essa fase de sua vida.

Ao rememorar sua atuação profissional anterior à docência, a Professora Emeide destaca que iniciou sua carreia como bibliotecária entre 1972 e 1973, quando assinou seu primeiro contrato de trabalho na Secretaria de Planejamento

e Coordenação Geral do Estado da Paraíba. Nesse período, desempenhou atividades de indexação de leis e decretos governamentais.

Em 1973, a perda de seu pai abalou profundamente sua vida emocional e financeira, sobretudo em razão dos irmãos que ainda cursavam o ensino superior. Apesar das dificuldades, manteve-se firme e, em 1974, ingressou no curso de Especialização em Documentação Científica no então Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Para dedicar-se integralmente aos estudos, afastou-se temporariamente da Secretaria de Planejamento, cursando disciplinas que aprofundaram seus conhecimentos técnicos e teóricos. Ao final do ano, solicitou exoneração para assumir um novo cargo como bibliotecária da UFPB, no Centro de Ciências Agrárias (CCA), em Areia.

A partir de 1976, Emeide exerceu funções técnicas e de gestão na biblioteca do CCA, com destaque para o trabalho manual de indexação de artigos de periódicos. Em 1977, casou-se com um professor do campus e fixou residência em Areia, onde construiu sua família com três filhos. Em 1981, afastou-se do cargo para cursar o mestrado em Biblioteconomia, em João Pessoa. Após a conclusão, retornou em 1984 para reassumir a chefia da biblioteca, função que exerceu por mais de uma década.

Com o título de mestre, passou a lecionar em cursos de Pós-Graduação no CCA-UFPB, experiência que despertou o desejo de realizar o doutorado na Universidad Complutense de Madrid, em 1992. No entanto, compromissos familiares impediram a concretização desse projeto naquele momento. Somente dezessete anos depois, retornou definitivamente à cidade de João Pessoa, encerrando um longo e produtivo ciclo de vida e carreira em Areia, marcado pela dedicação à Biblioteconomia, ao ensino e à construção de uma trajetória acadêmica sólida e inspiradora.

Ao final de 1994, já com o mestrado concluído e atuando como bibliotecária, Emeide deu um novo passo na carreira profissional ao ser aprovada em concurso público para professora substituta na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Assumiu o cargo no Departamento de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), na área de Administração de Bibliotecas, em regime de dedicação exclusiva. Essa experiência, que se estendeu até 1995, marcou sua transição do exercício técnico da Biblioteconomia para a carreira docente, ampliando sua atuação no campo acadêmico.

Ao rememorar a sociedade do período em que ingressou na universidade, a Professora Emeide ressalta que se tratava de uma época de intensa repressão política. Recorda, com pesar, o clima de medo que permeava o ambiente acadêmico, especialmente diante das prisões de colegas envolvidos em diretórios estudantis. Em algumas ocasiões, as luzes das salas de aula eram apagadas e, ao serem religadas, alguns estudantes já não estavam mais presentes, levados pelas forças da repressão e jamais vistos novamente. Eram os chamados "revolucionários", considerados subversivos pelo regime militar. Entre os afetados estava também um tio de Emeide, ativo no movimento estudantil, que relata, ainda hoje, com humor amargo, ter sido um "subversivo" obrigado a se esconder por muito tempo. Esses acontecimentos deixaram marcas profundas em sua memória, revelando o ambiente tenso e perigoso vivenciado pelos jovens politicamente engajados naquele período sombrio da história brasileira.

Emeide também recorda, com nostalgia e bom humor, os desafios enfrentados para preparar conteúdos acadêmicos em um contexto de recursos tecnológicos extremamente limitados. As pesquisas eram realizadas exclusivamente em livros, os textos datilografados e reproduzidos em mimeógrafos, com seu característico cheiro, ainda hoje lembrado. As aulas eram ministradas com o auxílio de transparências projetadas em retroprojetores. Apesar das dificuldades e do acesso restrito à literatura, docentes e discentes conseguiam cumprir suas tarefas com empenho e criatividade. Como relembra:

> hoje a gente pensa: como era que conseguíamos preparar tanto conteúdo com pouca tecnologia? (risos)... era tudo a partir dos livros das bibliotecas, tudo impresso, transcrevia para as transparências e projetava no retroprojetor; os textos rodavam nos

> mimeógrafos bem cheirosos (risos). O acesso à literatura era bem limitado. Com muita dificuldade, mas fazíamos (Emeide Nóbrega, 2023).

Na contemporaneidade, ela se surpreende com a capacidade que possuíam de produzir tanto conteúdo com tão poucos recursos, evidenciando o forte compromisso com o ensino e a educação.

Durante o período como professora substituta na UFPB, a Professora Emeide vivenciou uma rotina intensa e inteiramente presencial. Como o curso funcionava no turno vespertino, dedicava o dia inteiro às atividades acadêmicas, permanecendo no Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) e realizando suas refeições na própria universidade. Todas as atividades — reuniões, aulas e interações cotidianas — eram presenciais, em uma época em que a tecnologia ainda não possibilitava reuniões on-line. À noite, complementava sua carga horária na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, espaço que transcendia suas funções técnicas e se configurava como local de convivência, troca de ideias e fortalecimento de vínculos acadêmicos e pessoais.

Ao ingressar no DBD, percebeu inicialmente a formação de grupos entre os colegas, mais pautados por afinidades pessoais do que por interesses acadêmicos, o que lhe causou certa estranheza. Com o tempo, contudo, compreendeu tais dinâmicas como naturais nos espaços universitários. Eventuais divergências de ideias surgiam, mas eram encaradas como parte do convívio e do crescimento coletivo. De modo geral, recorda as relações docentes como produtivas, colaborativas e voltadas ao fortalecimento do curso de Biblioteconomia.

Tecendo a memórias

Durante sua caminhada acadêmica, a Professora Emeide construiu uma carreira pautada pelo compromisso com o ensino, a pesquisa e a extensão, dimensões que sempre integrou com entusiasmo. Relata não ter enfrentado dificuldades na adaptação à docência, pois, ao ingressar no DBD/UFPB, já havia atuado como professora convidada na disciplina Redação Técnica do Trabalho

Científico em cursos de pós-graduação do Centro de Ciências Agrárias. No ensino, lecionou todas as disciplinas da área de Gestão de Unidades de Informação.

Na monitoria, desenvolveu projetos voltados ao fortalecimento das disciplinas Elaboração do Trabalho Científico (ETM) e metodologia do Trabalho Científico (MTC), cujos alunos bolsistas foram premiados. No campo da pesquisa, atuou como coordenadora de projetos PIBIC entre 1996 e 2023 e integrou o Comitê Científico do PIBIC junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPG), experiências que a consolidaram como uma docente profundamente comprometida com a investigação científica.

Exerceu ainda as funções de vice-coordenadora do Curso e de coordenadora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), propondo a substituição do relatório técnico pelo relatório de pesquisa como atividade final do curso de Biblioteconomia.

Entre os inúmeros momentos marcantes, destaca-se a fundação do Grupo de Pesquisa Informação, Aprendizagem e Conhecimento (GIACO), reconhecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O grupo consolidou uma expressiva produção científica, foi premiado e obteve destaque em diversas publicações, ocupando, sem dúvida, um lugar especial em suas memórias.

Outro momento significativo foi a coordenação do Curso de Especialização em Gestão de Unidades de Informação, vinculado ao Departamento de Biblioteconomia da UFPB. O convite para assumir essa função ocorreu logo após seu retorno do doutorado, conferindo ainda mais significado à experiência. Ela recorda com carinho a integração da equipe de coordenação e o envolvimento ativo dos docentes do Departamento de Ciência da Informação. O curso apresentou elevada taxa de conclusão onde 38 dos 40 alunos concluíram e foi encerrado com a publicação de uma coletânea dos trabalhos defendidos.

Essa experiência reforçou em Emeide a convicção de que o profissional da informação deve buscar constante qualificação e compartilhar seu saber. Com saudade dos eventos e dos momentos vividos ao longo de sua trajetória, ela expressa gratidão por contribuir com esta pesquisa por meio de sua narrativa

memorialística, reafirmando seu amor pela docência e pela construção coletiva do conhecimento.

5.8 PROFESSORA MARYNICE DE MEDEIROS MATOS AUTRAN



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2015)

Nascida em uma família pequena, mas gigante em afeto, composta por seus pais e um irmão biológico, ela carrega na memória as lembranças de uma infância marcada pelo amor, pela simplicidade e pelas histórias que atravessaram gerações. Apesar do núcleo familiar restrito, sua mãe, uma mulher de forte personalidade e espírito generoso, acolheu e criou, com o mesmo cuidado e afeto, quatro irmãos de coração, dos quais três ainda estão vivos.

Seu pai, natural de Cajazeiras, era médico, iniciou seus estudos de medicina na Bahia e os concluiu no Rio de Janeiro onde a vida lhe abriu caminhos não apenas profissionais, mas também afetivos. Além da medicina, também se dedicou à vida pública, sendo prefeito de Cajazeiras e, posteriormente, deputado. Foi durante esse período, enquanto sua mãe era estudante da Escola Normal, que

seus caminhos se cruzaram. A mãe, também paraibana, era dona de uma beleza marcante e de uma postura determinada. Uma de suas histórias favoritas é quando, contrariando a vontade do pai, cortou os cabelos longos, fez uma trança e, num gesto de afirmação, a enviou a ele dentro de uma caixa de sapato e, mesmo assim, ele a achou ainda mais encantadora.

O episódio da trança cortada talvez seja o retrato mais simbólico da personalidade da mãe: uma mulher decidida, que não hesitava em reafirmar sua liberdade, mesmo diante das convenções e expectativas de seu tempo. E foi desse encontro de temperamentos, ele, mais reservado, mas espirituoso no círculo íntimo; ela, expansiva e firme que nasceu sua história.

Sua infância foi feliz e cheia de memórias afetivas na fazenda da família, em Cajazeiras. No entanto, como era comum na época, veio o momento de partir em busca dos estudos, algo que, à época, não era tão acessível quanto hoje, abandonando a segurança da terra natal para trilhar outros caminhos. O acesso à educação não era fácil, embora Cajazeiras fosse reconhecida como “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”, as oportunidades educacionais, especialmente para as mulheres, ainda eram limitadas. Porém, havia algo que sempre acompanhou sua trajetória: a coragem para abraçar o desconhecido.

Inicialmente, ingressou à universidade movida pelo desejo de cursar Letras, mas, motivada por colegas e incentivada por Afonso Pereira (referência na Biblioteconomia e o grande responsável para criação do referido curso na UFPB) que garantiu que ali havia um caminho promissor, decidiu trilhar o caminho da Biblioteconomia, mesmo sendo naquela época uma área pouco conhecida. Essa decisão, fundamentada e apoiada pela família, especialmente pelo pai, foi um marco em sua trajetória, abrindo portas para uma vida dedicada à educação, ao conhecimento e à transformação social. Com o apoio do pai, não imposto, mas conquistado pela informação e pela confiança em Afonso Pereira, seguiu firme na decisão. E, assim, entre escolhas, desafios e afetos, construiu sua história acadêmica e profissional. Uma história que se entrelaça com o compromisso com a educação, com o desejo de fazer a diferença e, sobretudo, com a convicção de que cada passo dado foi, e continua sendo, uma afirmação de sua identidade, de seus valores e de sua missão na contemporaneidade.

Era 1969. Um tempo em que escolher a biblioteconomia não era algo tão comum, nem tão claro para muitos. Mas, para ela, foi como se uma porta se abrisse para um mundo silencioso, feito de palavras, saberes e encontros inesperados. Foram três anos de curso (1970, 1971 e 1972) vividos com intensidade, rodeada de colegas que, décadas depois, ainda fazem parte das suas lembranças, dos seus encontros, das conversas que teimam em atravessar o tempo.

A vida acadêmica era só o começo. Logo em 1972, um convite bateu à sua porta, vindo do professor José Elias. Era uma proposta irrecusável: ajudar na organização do setor de periódicos da Escola Politécnica, em Campina Grande. O convite foi aceito, junto com a colega Marilda, e assim começou uma nova etapa. Chegar na cidade de Campina era como desembarcar em um universo desafiador, cheio de possibilidades e, claro, de incertezas. O trabalho era agradável, produtivo e realizado com satisfação. O que não vinha, no entanto, era o tão prometido contrato. Promessa vai, promessa vem, e nada. O contrato, nunca se materializava. Oito meses passaram. O entusiasmo deu lugar à inquietação. Era hora de tomar uma decisão. E, com aquela coragem que só quem carrega no peito o desejo de algo melhor consegue reunir, ela decidiu: "Vou-me embora. Vou tentar a sorte em outro lugar." O destino foi Brasília. A capital do país parecia distante, mas havia nela uma promessa de futuro mais sólido. Em menos de uma semana, já estava empregada. Começou sua jornada na Escola Americana de Brasília, um ambiente totalmente novo, diferente, plural, e que abriria para ela janelas que nem imaginava existir. Foram dois anos de uma experiência ímpar e transformadora. Ali, além de crescer profissionalmente, teve a oportunidade de realizar um sonho que, para muitos, parecia inalcançável: uma viagem de trabalho fora do país. Foi uma verdadeira imersão. Visitou bibliotecas de escolas americanas, conheceu outros modelos, outras formas de pensar o espaço da informação, e tudo isso foi se somando à bagagem que carregava, uma mala onde cabiam não só livros, mas também novas memórias. E assim ela seguia, traçando seu caminho, tecendo cada capítulo da vida parecia se encadernar perfeitamente ao anterior, formando uma

história que, mais tarde, serviria de inspiração para muitos outros que escolheriam trilhar os caminhos da biblioteconomia.

Rotas e livros: caminhos traçados pela biblioteconomia

Quando decidiu mergulhar no mundo da Biblioteconomia, ela não imaginava que aquele seria apenas o primeiro capítulo de uma longa narrativa repleta de deslocamentos, descobertas e recomeços. Era, sem dúvidas, uma abertura de horizontes.

Ainda em Brasília, surgiu uma oportunidade que parecia promissora: uma especialização oferecida pelo Ministério das Minas e Energia, focada em bibliotecas especializadas na área. Havia uma promessa tentadora: uma bolsa de estudos para realizar o curso e, no final, a contratação garantida. Mas havia também um preço a pagar: renunciar ao emprego estável na Escola Americana. Escolher, mais uma vez, era preciso. E ela escolheu arriscar: o curso era na Universidade de Brasília (UnB). Seis meses de imersão, com professores brilhantes, muitos deles já conhecidos de sua trajetória anterior. Salas cheias, colegas vindos de diferentes cantos do país, todos com o mesmo desejo: qualificar-se e garantir um futuro. Mas, como às vezes acontece na vida, o que parecia certo, desmoronou. A notícia que ninguém seria contratado caiu como uma bomba. Foi uma grande decepção. Alguns colegas abandonaram o curso, tomados pela frustração. Mas, Marynice concluiu, porque sabia que o conhecimento, esse, ninguém tira. E, logo encontrou uma saída e procurou os contratos temporários. Até que, em 1975, apareceu a oportunidade que mudaria tudo: a Embrapa. Era o começo de uma aventura que a levaria para além dos limites conhecidos. Primeiro, para um pequeno município no interior do Rio Grande do Sul. Lá, foi a primeira bibliotecária do Centro de Pesquisa do Trigo. Chegou quando tudo ainda era proposta. Cada prateleira montada, cada sistema organizado, cada catálogo era também uma afirmação de que sim, ali havia trabalho, havia ciência, havia futuro.

Mas o horizonte se alargou mais uma vez. Numa visita inesperada, o diretor do Centro do Cerrado apareceu com uma proposta: “Você não quer ir para o Cerrado?” E assim, mudou-se para Brasília. Começar do zero parecia já uma velha

conhecida. Foram alguns anos até que outra porta se abriu e dessa vez, internacional. Uma consultoria canadense ligada à Embrapa viabilizou um projeto pessoal grande: fazer o Mestrado em Biblioteconomia pela Dalhousie University (1979), Halifax, no Canadá. Ela e outras quatro colegas embarcaram para dois anos de estudos, aprendizado e vivências. Entre uma disciplina e outra, entre pesquisas e bibliotecas, ainda houve tempo para uma temporada de três meses, mergulhada nas bibliotecas mais emblemáticas da Europa. E foi ali, atravessando fronteiras e acumulando memórias e conhecimento, que a vida resolveu misturar trabalho e amor. Marynice conheceu Fernando, que estava em Nova Iorque na época, e ali nasceu uma amizade. Fernando voltou para o Brasil antes, para trabalhar em São Paulo, e ela, pouco tempo depois, ao voltar para seu país, decidiu que queria ficar mais perto dele. Foi então que pediu transferência para o Rio de Janeiro.

No Rio casou-se com Fernando. Durante os 15 anos que morou em terras cariocas, novos desafios foram surgindo como a organização de centros de pesquisa e bibliotecas. Foram 15 anos no Centro de Tecnologia Agrícola e no Centro de Pesquisa de Solos, ambos da Embrapa.

Paralelamente, seus irmãos começaram a trilhar caminhos fora do país, e ela, sempre que podia, pedia licença no trabalho e cruzava fronteiras novamente. Mas havia um incômodo que começou a crescer: “acho que estou sendo abusiva com tantos pedidos de afastamento do trabalho”. Até que uma bela noite, Marynice e Fernando saíram para comemorar o aniversário dele e antes, resolveram parar na casa do Marceneiro que estava fazendo a escada giratória para casa deles. Então, aconteceu o inesperado:

> Fernando desceu do carro e foi falar com o marceneiro. De repente, vieram uns bandidos para nos assaltar. Foi um horror, né? Porque, quando o Fernando voltou, eles já o amarram, o outro assaltante já estava com o revolver apontado para mim. Então nos jogaram no banco de trás do carro e saímos, todos no carro com um dos bandidos dirigindo. Eram três bandidos. Enfim soltaram a gente, ainda bem que não foi no mato e aí pedimos ajuda numa casa e por acaso o dono da casa era da polícia. No mesmo instante já entrou em contato com as viaturas etc. Fomos pra casa, lembrei que a mamãe estava em casa com a minha tia e ficaram assustados quando nos viram. Duas horas depois, encontraram o carro que já estava sendo queimado. Ficamos mais de um ano traumatizados, sem conseguir sair à noite. Nós não conseguíamos sair à noite. Então falei para o Fernando: Não

> adianta a gente ficar aqui, porque não estamos vivendo. Como você já está aposentado, vou pedir demissão para irmos embora daqui do Rio... e saímos de lá (Marynice Autran, 2023).

E partiram entendendo que a vida é feita de fases. Umas mais curtas, outras longas. Mas, em todos elas há mudança, há recomeço.

Do impresso à era digital: duas décadas e meia dedicadas à Universidade

Foi em 1998 se aproximou para ficar, da Universidade Federal da Paraíba. O concurso parecia, naquele momento, um chamado certeiro. Com o mestrado já concluído, o ingresso no Departamento de Biblioteconomia e Documentação foi quase um encontro natural, como se a vida, de tanto costurar caminhos, já soubesse para onde levá-la.

Começava uma nova jornada na vida de Marynice, que se estenderia por exatos 25 anos de sala de aula, de diálogos, de produção científica, de desafios acadêmicos até o ano de 2023. O início foi cheio de descobertas e a docência, embora não fosse totalmente nova, ganhou ali um novo significado. Cada disciplina ensinada era também uma disciplina aprendida. A universidade, naquele tempo, tinha seus próprios ritmos e suas próprias faltas. Nada de plataformas online, bibliotecas digitais ou bases de dados. O conhecimento estava nos livros impressos disponíveis nas estantes da biblioteca, ou nas mãos dos colegas que, solidariamente, emprestavam seu acervo. Marynice relata que preparar uma aula exigia não só estudo, mas também muita pesquisa e dedicação. Porém, nos anos 90, os primeiros indícios da chegada da internet nas universidades brasileiras sopraram. Vieram os periódicos eletrônicos, os CDs de bases de dados, os primeiros passos da pesquisa digital. Aos poucos, aquele universo analógico começava a se misturar com o digital numa transformação silenciosa, mas irreversível. Além da sala de aula, ela também mergulhou no desafio da gestão pública. Atuou como vice-coordenadora e coordenadora de curso, subchefe e chefe do departamento. Viu gerações inteiras de alunos chegarem cheios de dúvidas e saírem prontos para ocupar o mercado de trabalho.

Figura 157 – Colação de Grau de seus alunos e orientandos



Fonte: Acervo pessoal de Marynice Autran, 2018.

No meio desse percurso, a vida ofereceu mais uma chance de expansão: o doutorado no exterior. Mais uma vez, fez as malas e, com elas, levou a curiosidade, o desejo de novos conhecimentos e experiências acadêmicas.

Figura 158 – Emoção em sua defesa de Tese em Portugal



Fonte: Acervo pessoal de Marynice Autran, 2018

Voltou ainda mais enriquecida, pronta para seguir contribuindo com a universidade que, de certo modo, também se tornara sua casa. E assim, entre livros físicos e digitais, entre papeis, bytes e memórias, ela escreveu suas memórias que, mesmo tendo encerrado um ciclo em 2023 com sua aposentadoria.

A trajetória da Professora Marynice no Departamento de Ciência da Informação da UFPB foi construída entre disciplinas, desafios e transformações tecnológicas que mudaram, para sempre, a sua forma de ensinar e de acessar o conhecimento. Ao ser questionada sobre quais disciplinas ministrou ao longo de sua carreira no curso de Biblioteconomia da UFPB, ela destaque o seguinte:

> Ah, foram várias! Disseminação da informação, foi uma delas. Organização de Administração de Bibliotecas. Gestão e Desenvolvimento de Coleções. Elaboração de Trabalhos Monográficos. Teve uma época que eu ministrei Fontes de Informação Especializadas e eu adorava, porque tinha o Chemical, que eu trabalhava muito bem, porque eu já tinha experiencia com o Chemical porque na tecnologia agrícola e alimentar, os pesquisadores usavam demais esse recurso. Então, aprendi com eles a manusear e interpretar o Chemical. Eu sabia de ponta a ponta e era tudo impresso. Outras disciplinas que eu também gostava: a de Coleções, Editoração, Produção e Registro do Conhecimento (Marynice Autran, 2023).

Ensinou diversas disciplinas enfatizando com especial carinho, foi a de Fontes de Informação Especializadas, pois tinha fascínio por essa disciplina, especialmente quando se tratava do Chemical Abstracts, uma fonte robusta, técnica e complexa, que poucos dominavam de verdade. Mas ela, sim, sabia decifrar seus códigos, navegar por seus registros, interpretar cada detalhe com uma habilidade refinada nos tempos em que atuou junto à escola agrícola e alimentar, onde pesquisadores faziam do Chemical uma ferramenta indispensável para a realização das pesquisas.

Naquela época, todo o material bibliográfico era em formato impresso, tornando o processo de pesquisa mais lento e trabalhoso. Se hoje bastam alguns cliques para localizar materiais bibliográficos completos, naqueles tempos era preciso esforço redobrado,

> assinaturas internacionais, pagamentos em moedas estrangeiras, idas ao Banco Central, esperas intermináveis pelos navios ou aviões que traziam os periódicos. A gestão de coleções era quase

> uma arte diplomática, uma negociação constante com editoras e fornecedores de diferentes países (Marynice Autran, 2023).

Marynice recorda como foi impactante vivenciar estágios no exterior, especialmente em bibliotecas dos Estados Unidos e do México, onde a informatização já estava plenamente implementada, e o uso de bases de dados digitais era uma realidade consolidada. Ao retornar ao Brasil, a professora relata que, muitas vezes, sentia uma mistura de frustração e esperança:

> Aqui, quase nada daquilo existia. A defasagem tecnológica era gritante, e a vontade de promover mudanças se tornava urgente". Foi só no início dos anos 2000 que, enfim, o cenário começou a mudar de forma concreta. As primeiras bases de dados começaram a ser contratadas por algumas instituições brasileiras. Foi quando lançaram oficialmente o Portal de Periódicos da CAPES. Parecia um milagre! Aquilo que antes exigia malabarismos financeiros e logísticos, agora estava, finalmente, ao alcance dos pesquisadores brasileiros (Marynice Autran, 2023).

Ela recorda, com nitidez, como a Embrapa, onde também trabalhou, enfrentava desafios monumentais. Cada centro de pesquisa precisava fazer sua própria assinatura de periódicos.

> Custos absurdos, contratos internacionais, negociações complexas. Chegou um ponto em que a própria Embrapa precisou buscar empréstimos com o Banco Mundial, tamanha era a pressão para garantir acesso à informação. Foram mais de um milhão de dólares, apenas para periódicos científicos. Isso mesmo: um milhão de dólares, quando dólar ainda parecia coisa de outro mundo para muitos brasileiros. A situação era tão alarmante que uma empresa internacional de bases de dados abriu, simplesmente, uma filial no Brasil, só para atender a demanda da Embrapa. Uma época intensa, desafiadora, mas que também proporcionava experiências únicas, inclusive viagens à matriz da empresa, para conhecer de perto os bastidores daquele imenso e caro mercado de informação científica (Marynice Autran, 2023).

Ao olhar para trás, ela vê com clareza o quanto tudo mudou. Da dependência do impresso à velocidade dos documentos digitais. E, principalmente, reconhece que, embora os suportes tenham mudado, a essência permaneceu: conectar pessoas à informação e ao conhecimento. E foi isso que ela fez, por décadas, com paixão e compromisso durante sua trajetória profissional.

Ao abordar sobre o avanço da biblioteconomia e a criação de novos cursos no Brasil, principalmente cursos de Pós-Graduação, Marynice destaca que quando começou a era dos Mestrados em Biblioteconomia, o IBICT foi o primeiro a ofertar o curso denominado Mestrado em Ciência da Informação, apesar de muitos pelo Brasil a fora serem denominados em Biblioteconomia. Depois é que, todos os cursos de pós-graduação na área já eram em Ciência da Informação.

Outro ponto interessante do nosso diálogo foi ao indagá-la sobre as possíveis dificuldades de conseguir apoio da institucional para participar de eventos científicos, estando ou não cursando uma pós-graduação, a professora Marynice frisa que "Não. Desde que tivesse trabalho aprovado, pelo menos a minha turma, as pessoas que eram mais próximas, que sempre tinham algum trabalho aprovado".

Figura 159 - Encontro e diálogos em Ciência da Informação em Coimbra



Fonte: Acervo pessoal de Marynice Autran, 2017

Ao relatar sobre os pilares de sustentação (ensino, pesquisa e extensão) da universidade, professora Marynice destaca que envolveu-se mais com o ensino e a pesquisa, pois a extensão ela trabalhou esporadicamente (2016 – Biblioterapia para velhos jovens/idosos: Viver é envelhecer, nada mais; 2017 – Biblioterapia para idoso: ler é aprender a viver e depende de você; 2020 – A UFPB no combate a Covid-19: Biblioterapia para idoso e a aventura de envelhecer sem ficar velho) em projetos desenvolvidos e coordenados pela colega e professora Edna Gomes Pinheiro. Professora Marynice também contribuiu e participou duas reformas curriculares no

Curso de Biblioteconomia e ressalta que “muita coisa realmente melhorou no curso.

Quando o Departamento tinha cheiro de café

Para Marynice, nem sempre as paredes do departamento da UFPB foram tão silenciosas. Houve um tempo em que aquele espaço transbordava vida, risadas, vozes cruzadas, discussões sobre teorias, projetos e sobre as miudezas do cotidiano. Um tempo em que o cafezinho era quase um rito coletivo, e a presença não era só uma obrigação funcional, mas parte de uma cultura de convivência, de pertencimento. Chegavam-se cedo. Mesmo que as aulas começassem no turno da tarde, pela manhã o departamento já estava cheio. Era hora de preparar materiais, revisar textos, discutir encaminhamentos acadêmicos e, claro, jogar conversa fora. Porque sim, era ali também que se alinhavam estratégias, mas também se compartilhavam preocupações, planos e afagos. O Departamento era sempre movimentado pelos colegas, fosse para pedir um livro emprestado, fosse para perguntar de um artigo, fosse simplesmente para dizer “já tem café?”

Figura 160 – Professores no DCI em rotina de trabalho e orientação de aluno



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Nesse cenário, quando o curso migrou para o período noturno, o costume de se encontrar no fim da tarde permaneceu. Os colegas começavam a chegar, um após o outro. O Departamento se tornava, de novo, aquele espaço de encontros, troca de ideias e até silêncios compartilhados. Havia algo de coletivo que não se limitava ao formal e ao ambiente de trabalho.

Outra recordação valorosa de Marynice é sobre a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas que, segundo, era quase uma extensão do Departamento. Ali, professores circulavam com frequência, buscavam referências, atualizavam leituras e, muitas vezes, esticavam as conversas. Segundo ela, a universidade, naquele tempo, não era só um lugar de trabalho. “Era quase um segundo lar e o Departamento, de fato, ficava aberto nos três turnos, pois sempre havia um colega lá”.

Porém, aos poucos, tudo começou a mudar. O que antes parecia sólido passou a se dissolver, inicialmente de forma quase imperceptível. As tecnologias foram chegando, trazendo a possibilidade de trabalhar em casa, enviar e-mails em vez de se deslocar até a sala do colega, resolver pendências por meio de aplicativos de mensagens e compartilhar documentos pela internet. Aquilo que representava agilidade, fluidez e avanços tecnológicos, ao mesmo tempo, também inaugurava um caminho de distanciamento entre as pessoas no plano presencial e no contato físico.

Figura 161 - Marynice e seus colegas de Departamento



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023

Outro fator que também influenciou significativamente as relações humanas nos últimos tempos foi a Pandemia da Covid-19. O isolamento social institucionalizou um hábito que, até então, se insinuava. As rotinas mudaram. As pessoas, também. A volta nunca foi completa. O Departamento que nunca fechava, passou a ser encontrado, frequentemente, com as portas trancadas e o silêncio ocupando os espaços onde antes ecoavam vozes, passos, gargalhadas. Professora Marynice pontua muito bem esse episódio:

> Obviamente que a pandemia contribuiu, mas antes da Pandemia já começou a diminuir. Antes da pandemia estávamos sempre, ou a chefe ou a vice (eu e Edna) eu brincava com ela dizendo: mulher vai comer...porque ela esquecia até de comer. E eu dizia, ela é uma pessoa diabética, não pode ficar muito tempo sem se alimentar. Mas aí veio a pandemia e foi uma mudança de comportamento total. Vários aspectos, tanto de comportamento social, quanto também da dinâmica e na rotina tanto dos professores quanto dos alunos. Corredores, salas, estacionamento...tudo vazio. Após a pandemia, pensávamos que a rotina voltaria totalmente ao normal. Mas, de fato, não voltou e nada é mais como antes... então isso tudo morreu, lamenta. (Marynice Autran, 2023).

Nem a dinâmica política se manteve a mesma. Houve um tempo em que ela própria se viu engajada, atuando ativamente nas assembleias da Associação dos Docentes da UFPB, nas discussões acaloradas da época da presidência de Fernando Henrique Cardoso, quando os debates fervilhavam nos corredores e nas reuniões da Reitoria. Era um tempo, em que o embate político, embora duro, era também um exercício de coletividade. Hoje, os rompimentos parecem atravessar até os laços familiares, gerando “rachaduras” irreparáveis. Mesmo assim, o tempo não passou em vão. Professora Marynice viu a Biblioteconomia crescer, ganhar espaço, abrir mestrados, consolidar doutorados, expandir fronteiras antes nem imaginadas. E se as relações mudaram, se o calor do departamento cedeu lugar às interações digitais e às portas fechadas, ainda assim há algo que ficou. Talvez não o cafezinho diário, nem o mesão ocupado por horas, mas a memória viva, latente e de que ali se construiu mais do que conhecimento. Construiu-se uma história institucional, coletiva e social. Uma história feita de reformas curriculares, de discussões sobre disciplinas, de escolhas que moldaram não apenas o curso, mas também gerações de profissionais. Uma história que, mesmo entre os silêncios do

presente, ainda ecoa entres os colegas e nas salas de aulas, mesmo que, às vezes, só na lembrança de quem viveu e que degustou aquele cafezinho no famoso e indescritível mesão (como era chamado) do Departamento.

5.9 PROFESSORA ROSA ZULEIDE LIMA DE BRITO



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2022).

Rosa Zuleide Lima de Brito nasceu em Goiânia, pernambucano, e iniciou seus estudos aos cinco anos de idade, viu sua vida tomar os trilhos da mudança. Aos três anos, sua família deixou as terras da usina para tentar uma vida na área urbana de Igarassu. A escola pública foi seu primeiro portal para um universo até então desconhecido. Era um tempo em que estudar não era tarefa simples, especialmente para quem nascia mulher e no interior. Seu pai, sentia-se inseguro em deixá-la ir pra longe estudar. Mas Rosa, sabia que o mundo ia muito além dos limites da usina. E foi assim, com mais coragem que recursos, que ela conseguiu convencê-lo a deixá-la seguir.

Aos nove anos, uma nova travessia. Rosa e sua família deixaram a zona rural e migraram para o espaço urbano. Era mais que uma mudança de endereço, era a ruptura com o ciclo rural. Na cidade, ela concluiu a quarta série e, como era

comum à época, enfrentou o temido exame de admissão para ingressar no ginásio. Mais uma vez, a escola pública foi seu chão e seu abrigo. Naquele tempo, as opções acadêmicas não eram tão vastas como hoje. As possibilidades eram restritas, especialmente para quem, como Rosa, vinha de origens humildes e tinha que equilibrar o desejo de aprender com as limitações financeiras da família. Ela sonhava com a contabilidade, ofício que representava, de certa forma, a possibilidade de romper com o ciclo da precariedade. Mas havia um obstáculo: só havia escola de contabilidade no ensino noturno e particular. O pai não aprovava a ideia. Não via sentido na filha sair de casa à noite para estudar. Mas Rosa, desde cedo, aprendeu que resistir e juntou-se a companhia de outros jovens da vizinhança que também buscavam estudar, com isso seu pai cedeu. E Rosa foi. No começo, sonhava em ser advogada, quem sabe assistente social, algo que lhe permitisse entender e ajudar as pessoas. Tentou o vestibular, mas a concorrência era alarmante e foi mais forte que o desejo naquele momento. Não passou. Mas quem disse que isso seria motivo para desistir?

Veio o cursinho comunitário, montado com muito esforço por estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, e junto dele, o acaso ou talvez o destino tenha colocado em seu caminho a palavra que mudaria sua vida: *Biblioteconomia*. Um nome estranho, difícil até de pronunciar para quem nunca havia pisado numa biblioteca de verdade. Mas foi escutando aquele colega descrever o curso, cheio de cultura, livros, saberes e gente sábia, que Rosa sentiu algo acender dentro de si. “É isso. É isso que eu quero!”, decidiu. No ano seguinte, Rosa inscreveu-se em um cursinho, montado por estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, jovens que, tendo vencido suas próprias batalhas, estendiam agora a mão a quem vinha depois. Ali, sentada em uma sala improvisada, cercada de colegas que, como ela, sonhavam em ocupar espaços numa universidade, Rosa fez uma pergunta simples e, ao mesmo tempo, definitiva: **“**Quais são os cursos na área de Humanas que valem a pena fazer?”

> Aí foi bem interessante, porque ele me falou que era um curso muito bom, um curso que dava uma formação muito geral com relação à cultura, que era um curso elitista também porque poucas pessoas conheciam. Eram pessoas cultas, de uma cultura muito ampla. E, por ser assim, pessoas, leituras que se dedicavam

> a essa área, eu achei muito interessante, porque durante a minha vida eu não tive contatos com bibliotecas. Eu sabia que existia e de certa forma aquilo me atraía. Aí eu resolvi fazer, eu disse: vou estudar e vou fazer esse curso, até porque na minha época meu pai era pobre, ele tinha uma aposentadoria pequena e eu só posso estudar em universidade pública (Rosa Zuleide, 2024).

Rosa buscava mais do que uma profissão. Buscava um caminho que dialogasse com suas raízes, com sua história e com seu desejo de transformar a si mesma. A escolha foi assertiva. A busca por um curso público e gratuito, num tempo em que o pai passava por uma situação financeira precária, era uma condição que não podia ser ignorada.

O dia do resultado foi uma mistura de angústia e esperança. Os nomes dos aprovados e classificados eram divulgados pelo rádio, pelo jornal, ou, para os mais ansiosos, direto no mural da universidade, pois não havia internet. De coração na mão, ela procurou, linha por linha, nome por nome, até que encontrou. Foi então aprovada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco.

Junto com aquele turbilhão de emoções, chegou o dia de iniciar as atividades na graduação. Veio então, o encantamento. A primeira visita à Biblioteca Central da UFPE foi surpreendente. Quatro andares de livros, estantes que pareciam não ter fim. Era tanta informação, tanta história, que Rosa quase se perdeu ali, entre espanto e fascínio. “Meu Deus do céu... como é que eu vou viver num mundo desse?”, pensou. E então ela decidiu pertencer àquele mundo. Os desafios começaram a surgir junto com o seu primeiro estágio cursando ainda o segundo período. Veio também a conta apertada, a preocupação diária de como pagar o transporte. Seu pai fazia contas e mais contas, e sempre havia aquele medo de faltar dinheiro até para a feira da semana. Um tio ajudou, emprestou um trocado. Mas Rosa, sempre organizada e honesta, prometeu: “Quando eu começar a estagiar, eu pago”. E pagou.

O crédito educativo foi um alívio. Quando o primeiro salário caiu, parecia milagre. Rosa então mergulhou no universo dos livros com toda a força. Estagiou na Biblioteca Central da UFPE e depois na Biblioteca Pública no bairro 13 de maio. Organizou acervos, preparou coleções que seriam enviadas para o interior do estado, viveu de perto o que até então só conhecia de ouvir falar. E, como quem atrai bons ventos, foi chamada para participar de um projeto da Fundação Nacional

do Livro-Infantojuvenil. Paralelamente, continuou ajudando no setor de Processamento Técnico da UFPE, onde catalogava, classificava e fazia pesquisas na ALC da Biblioteca do Congresso. Um dia, a vida lhe surpreendeu novamente. Recebeu um convite quase especial: trabalhar no Palácio dos Manguinhos, organizando a documentação de Dom Hélder Câmara, por ocasião do jubileu de prata do arcebispo. Foi lá, entre papéis históricos e registros valiosos, que percebeu que sua missão no mundo ia muito além do registro e organização da informação, ela estava ali para preservar a memória.

Quando o contrato terminou, a vida mais uma vez mostrou que sabia cuidar de quem não desiste. Rosa Zuleide havia passado num concurso para a Universidade Católica, e não demorou a ser chamada. Trabalhava com carteira assinada, salário bom, mas também horas longas. Casada e com planos de ter filhos, percebeu que a rigidez do trabalho não combinava mais com seus sonhos de futuro.

O serviço público parecia promissor. Lá havia mais estabilidade, mais espaço para ser mãe e seguir trabalhando com dignidade. E assim, de 1982 até 1993, Rosa atuou no serviço público em Pernambuco. Até que, em busca de novas perspectivas, fez as malas e seguiu para João Pessoa, onde escreveria mais um capítulo da sua vida. Uma história feita de resistência, de livros, de conhecimento e de uma bibliotecária que ousou sonhar e que nunca mais deixou de aprender.

Entre livros, filhos e coragem: travessia de Rosa até João Pessoa

A vida tem seus caminhos curiosos, alguns se desenham lentamente, outros se abrem de forma abrupta. Foi assim que Rosa percebeu que, às vezes, é preciso mais do que coragem, é preciso decisão.

Depois do casamento e da chegada dos filhos, sua rotina foi, pouco a pouco, sendo moldada pelas demandas da casa, da maternidade e do trabalho. As responsabilidades cresceram, e com elas, um certo comodismo que, embora necessário, trazia também uma inquietação silenciosa. Mas o destino gosta de surpreender quem se recusa a parar. No final da década de 1980, uma Especialização surgiu como uma brecha no tempo. Uma formação voltada às

bibliotecas públicas e escolares, promovida em parceria com a universidade dando a possibilidade de dispensa do trabalho durante o período das aulas. E assim, Rosa agarrou a oportunidade e foi estudar novamente. Os dias se dividiam entre as longas aulas e as visitas constantes ao hospital, onde seu pai, em Pernambuco, travava uma batalha silenciosa contra a doença. O tempo da Especialização foi também o tempo da despedida, pois seu pai partiu antes que ela concluísse o curso. Foram momentos difíceis e voltar ao trabalho depois de tudo parecia, à princípio, reconfortante. Mas não demorou para Rosa perceber que algo não estava certo. O mundo havia mudado, a profissão havia se transformado, e ela, que sempre foi inquieta, sentia-se defasada. "Meu Deus do céu... Eu não posso ficar assim, parada, vendo o tempo passar", pensava. Foi então que, numa conversa despretensiosa, nasceu a ideia que mudaria novamente sua vida. Ela e duas colegas começaram a sonhar alto. "Vamos fazer o mestrado na Paraíba?", sugeriu uma delas. Rosa, entre o medo e a euforia, respondeu o que a vida toda lhe ensinou: Vamos!

A dor do luto ainda era recente, quase sufocante. Em 1990, fez as malas, organizou a vida e, com a coragem típica de quem não aceita ser refém das circunstâncias, partiu para João Pessoa. O processo seletivo foi um capítulo à parte. A prova, centrada em bibliotecas comunitárias, parecia ter sido escrita para ela. Afinal, seu trabalho anterior, desenvolvido junto à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, serviu como base sólida para preencher cada linha da redação. Quando saiu o resultado, lá estava seu nome não só aprovado, mas no primeiro lugar, com direito a bolsa de estudos. Foi um misto de alegria e pavor. Alegria por realizar um sonho que, até então, parecia distante demais. Pavor porque, junto com a conquista, vinha também a necessidade de deixar tudo para trás: casa, emprego estável, família e, sobretudo, a segurança do conhecido.

Com duas filhas pequenas (uma de cinco, outra de quatro anos e um sobrinho que ela criou como filho), Rosa fez as malas de novo. O marido ficou vindo aos finais de semana, numa logística maluca que só quem é mãe, trabalhadora e estudante entende. Na bagagem, além das roupas e dos livros, levava também uma dose generosa de medo, coragem e esperança. Aprendeu a dirigir em tempo

mínimo porque precisava. Afinal, João Pessoa exigia dela mais do que força de vontade, exigia autonomia.

Quando pisou na Universidade Federal da Paraíba pela primeira vez, foi recebida com um abraço simbólico de Raquel Joffily Abath, professora que, sem saber, seria uma das figuras mais marcantes daquela nova etapa. Foi Raquel quem, ao abrir as portas da sala da pós-graduação, também abriu um espaço de acolhimento. E assim, emocionada, Rosa entendeu que a vida não espera. O mestrado foi mais que um título. Foi reinvenção, foi resistência, foi transformação. E, quem diria, seria também o início de uma nova história, que faria de João Pessoa não apenas um destino acadêmico, mas o seu lar definitivo.

DE TRANSPARÊNCIAS E TELEGRAMAS: ROSA E A DOCÊNCIA

Havia um tempo em que o saber precisavam caber em transparências feitas à mão. Um tempo em que a docência se construía na ponta do lápis especial, comprado com o próprio recurso, para escrever nas lâminas que seriam projetadas na parede de uma sala de aula. Foi nesse cenário que Rosa trilhou seu caminho até se tornar professora no Curso de Biblioteconomia da UFPB.

O concurso veio como quem chega sem avisar, batendo na porta da vida com força. Era 1992, e Rosa mal respirava. Seu tempo era dividido entre orientar alunos, cuidar de tarefas domésticas, da família, de tudo. Quando o edital apareceu, parecia mais uma provocação do destino do que uma oportunidade real. Lurdinha, colega e amiga, não deixou passar. "Por que você não faz?", perguntou, como quem sabe que às vezes é preciso empurrar a vida frentes através do incentivo. Rosa respondeu sem pestanejar: "Não, Lurdinha. Eu não tenho a menor condição. São 20 temas para estudar! Como é que eu vou dar conta?"

Foi então que Bernardina, Liana e mais uma terceira, se juntaram numa espécie de pacto de coragem.

> Mulher, faz! A gente se ajuda. Cada uma estuda cinco temas. Você faz cinco, eu faço cinco, Liana faz cinco e a outra faz mais cinco. Depois a gente troca os resumos. Assim ninguém carrega o peso sozinha. Então criei coragem e resolvi fazer. Seja o que Deus quiser**.** Sentei-me, estudei, virei noites. No dia da prova, enfrentei concorrentes que já ostentavam títulos de mestrado, coisa que eu ainda não tinha. Entreguei a prova com a mesma mistura de alívio

> e incerteza e voltei para casa, para a rotina, sem grandes expectativas (Rosa Zuleide, 2023).

Em pouco tempo foi com um telegrama com a mensagem sobre sua aprovação e a necessidade de posse imediata. Mais uma conquista em sua vida. Assim, no dia 4 de abril de 1993, Rosa cruzava oficialmente os portões da UFPB como professora efetiva. A Especialização que ela havia feito lá atrás, em 1989, foi a ponte que a levou até aquele novo começo. E assim, sem perceber, começava uma jornada que já soma mais de três décadas de história**.**

O Departamento de Biblioteconomia e Documentação (DBD) era em um espaço físico menor e não existia por exemplo um ambiente reservado para a Chefia. O único computador disponível para os professores era artigo de luxo, mesmo assim, tinha até quem monopolizasse o uso, conta Rosa Zuleide.

Segundo Professora Rosa, era o tempo das transparências. O professor tinha que comprar o lápis especial para escrever e depois pagar imprimir. Além desse recurso, era necessário reservar o equipamento para poder projetar as transparências. Ela relata, inclusive que contava com o auxílio de funcionários (Pedro, Lurdinha e Maria das Neves) da coordenação do curso para ajudá-la a transportar e a ligar o equipamento em sala de aula.

Outro ponto relevante e de destaque sobre o trabalho administrativo realizado naquela época diz respeito aos,

> Os processos acadêmicos dos alunos eram todos feitos à mão. Carimbo, caneta, papel, pastas organizadas com rigor. Nada se perdia, nada escapava. Era um trabalho quase artesanal, cheio de zelo, de compromisso e, principalmente, de amor pela profissão (Rosa Zuleide, 2023).

Ao ser indagada sobre a rotina no DBD, ela relata que os colegas professores chegavam cedo, assinavam o ponto de frequência, trocavam ideias e compartilhavam saberes, dúvidas e angústias acadêmicas. Naquele ambiente ainda sem computadores pessoais, sem internet, sem os recursos tecnológicos de hoje, o que havia era colaboração, improviso e muita criatividade.

Naquela época, para ser professora tinha que ter, antes de tudo, muita determinação para enfrentar não só a sala de aula cheia, mas também a escassez de recursos, o peso das incertezas e o desafio constante de aprender para ensinar. Professora Rosa recorda com saudosismo a primeira vez que entrou em sala, não mais como aluna, mas como professora. Ministrava as disciplinas de Multimeios**,** Classificação **e** Catalogação**.** O livro de autoria de Maria de Lourdes Rocha Perota virou sua Bíblia de cabeceira. Porém, como o material para as aulas práticas era escasso ela recorreu algumas vezes ao Professor Adolfo Júlio em busca de materiais para serem usados em suas aulas práticas.

Diante a dificuldade de acessar material bibliográfico para estudar e preparar as aulas, professora Rosa aproveitava algumas oportunidades para então, adquirir livros. Foi então que pediu que estava viajando para comprar exemplar do livro de Sebastião de Souza, sobre Classificação Decimal Universal - CDU que ensinava, quase como quem decifra um enigma, os mistérios da CDU. Ter esse livro em mãos foi como receber um tesouro! Aquele exemplar se tornou seu manual e entre consultas às tabelas e adaptações de exercícios, ela ia desvendando os segredos da classificação. Se hoje o desafio é lidar com o excesso de informações, naquela época o desafio era exatamente o oposto: a ausência. Faltavam livros especializados, manuais técnicos, recursos. Restavam, porém, a criatividade.

Professora Rosa enfatiza que, na sala de aula majoritariamente feminina, o ambiente refletia o perfil do curso. O DBD também tinha essa marca: Professor Adolfo Júlio reinava solitário no universo dos homens, até que, anos depois, chegou o Professor Carlos Xavier de Azevedo Netto para “quebrar o reinado de Adolfo”, como ela relembra entre risos.

Com o passar dos anos, Rosa percebeu que algo mudou. O curso, que antes era praticamente feminino, começou a atrair mais homens. E não foi à toa. As tecnologias de informação e comunicação, as redes sociais e os novos formatos de acesso e uso da informação acabaram por transformar também o perfil dos estudantes. Ela mesma pôde comprovar isso anos depois, quando assumiu algumas aulas de Fundamentos da Ciência da Informação. Fez questão de perguntar aos alunos por que tinham escolhido a Biblioteconomia. A resposta surpreendeu: boa parte tinha descoberto o curso pelas redes sociais. E ela, que um

dia se virou com transparências e retroprojetores, se viu agora no meio de um novo fenômeno: a Biblioteconomia viralizando nas redes e plataformas digitais ofertadas atualmente. Mas não era só o perfil dos alunos que mudava. A própria dinâmica no Departamento se transformava.

> Antes, tudo era mais próximo, mais comunitário. Professores que almoçavam juntos, que discutiam projetos, que se ajudavam. Havia grupos, claro, afinidades naturais, mas havia também muita troca, muita presença. Hoje, a proximidade física se perdeu. Estamos todos juntos, é verdade, mas nos aplicativos de conversas, e-mail, redes sociais, reuniões online... e, paradoxalmente, mesmo juntos no digital, estamos mais distantes do que nunca (Rosa Zuleide, 2023).

Diante desse contexto acadêmico, ao ser questionada sobre o ensino, a pesquisa e a extensão, professora Rosa recorda com clareza que,

> naquela época, era tudo muito integrado. Se não havia bolsas de monitoria como hoje, havia projetos de extensão que faziam a diferença. Eu mesma, sete anos num projeto voltado para escolas públicas, junto com a colega e professora Walkyria Toledo de Araújo. Em seguida, contribui no de Biblioterapia junto com Bernardina Freire e em seguida com o grupo do AMEM- Casa de Idosos da Paraíba (Rosa Zuleide, 2023).

Professora Rosa Zuleide, faz questão de destacar que foi só bem mais tarde, especialmente nos governos dos anos 2000, que a pesquisa e a pós-graduação ganharam mais força, mais incentivo, mais estrutura, ressaltando que antes, fazer pesquisa era quase um ato de resistência, mas sempre com aquele espírito de quem faz porque acredita. Porém, o que nunca mudou foi a essência da docência: esse equilíbrio entre o desafio e a paixão e que, seja na folha das transparências ou na tela do *tablet*, a missão segue a mesma: ensinar para transformar.

ENTRE GIZ, INFLAÇÃO E PERSISTÊNCIA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA BIBLIOTECÁRIA

Quando ingressou na universidade como docente, Rosa carregava consigo não só o orgulho da conquista. Eram os anos finais da década de 1980 e o início dos

anos 1990 época de grande inflação no país. O contexto político, trazia a ascensão de um novo projeto nacional. O então presidente Fernando Collor de Mello surgia como promessa de modernização, de ruptura com velhas práticas e de controle da inflação. Para muitos, inclusive para Rosa, havia uma certa esperança. Contudo, essa expectativa logo se findou. As políticas econômicas propostas pelo Governo, embora tivessem impacto imediato sobre a inflação, não foram positivo principalmente para às classes médias e trabalhadoras. Segundo, Rosa "acabou com o povo"! sintetizando, em poucas palavras, o sentimento coletivo de frustração. Dessa forma, no início de sua carreira docente, Rosa experimentou uma breve sensação de prosperidade. Seus relatos sobre aquele período revelam um tempo em que, apesar das dificuldades financeiras, o salário docente lhe garantia uma vida confortável.

> A gente era rico e não sabia naquela época. Ele melhorou muito o nosso salário, muito, muito mesmo. Era, juro a você que sobrava dinheiro. Toda semana eu saía, eu frequentava restaurantes com a minha família e era uma maravilha. Eu tinha um bom salário. Salário digno. Mas, depois veio quem? Quem é que assume? Fernando Henrique Cardoso e começou a sucatear a universidade. Eu lembro que eu comprava o giz para dar aula, eu mesma pagava a impressão do material de aula. Tudo que eu precisava no âmbito da sala de aula e pesquisa era com o meu dinheiro. Que ainda estava dando, né? Porque eu tinha um bom salário. Mas, ele cortou, não deu um centavo de reajuste. Foram oito anos de penúria de novo, e pronto, foi lá pra baixo. Eu votei em Fernando Henrique, crente de que ele ia melhorar, porque ele era um professor e ia ter essa consciência de que a educação é a base de tudo. E não foi, nada disso (Rosa Zuleide, 2023).

Professora Rosa, como tantos outros docentes do país, depositou expectativas no então sociólogo, professor e intelectual. Contudo, o que se viu foi a intensificação de um processo de precarização: congelamento salarial, ausência de reajustes, desvalorização das carreiras docentes e um progressivo sucateamento das estruturas públicas. Mas sua caminhada seguiu firme e veio a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, no início dos anos 2000, um novo horizonte começou a se delinear. As políticas públicas de expansão do ensino superior, os investimentos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e a criação de novos cursos e universidades públicas trouxeram ânimo, esperança e reconstrução e a expansão nas universidades do Nordeste, como novos códigos de

vaga e possibilidades de carreira se abriram para profissionais da informação. Rosa reconhece que, embora as melhorias não tenham sido suficientes para recuperar tudo que foi perdido, representaram, sem dúvida, um avanço significativo.

Voltando as atenções para o questionamento sobre a relevância do curso de Biblioteconomia para a Paraíba, professora Rosa afirma que sim, pois viu, ao longo dos anos, as portas se abrirem não só para quem sonhava ser bibliotecário, mas para quem sequer sabia o que era essa profissão.

Quantas vezes presenciei, em sala ou na coordenação, aquele desabafo encantado: “Eu não sabia que a Biblioteconomia era isso! Eu estou deslumbrada**!**” E era nesse momento que eu reforçava que ser bibliotecário não é ser coadjuvante na história da informação. Posteriormente a Ciência da Informação surgiu ocupando espaços. Mas, ela frisa que, não foram os tecnólogos, nem os engenheiros, nem os cientistas da informação que ensinaram o mundo a organizar, a descrever, a recuperar e disseminar a informação. Foram os bibliotecários**!** E sim, a tecnologia é necessária. Mas quem estrutura, quem dá sentido, quem conecta saberes somos nós, Bibliotecários.

E talvez seja esse o maior ensinamento que ela carrega, tanto para os que chegam sem informação sobre curso, quanto para os que, como ela, decidiram fazer da Biblioteconomia não apenas uma profissão, mas uma causa.

Portanto, seus relatos transcendem as memórias pessoais, configurando-se como testemunhos históricos que evidenciam de que modo as estruturas políticas, econômicas e sociais interagem de forma direta com os projetos, tanto pessoais quanto profissionais, daqueles que constroem cotidianamente os campos da educação e da informação no Brasil.

5.10 PROFESSORA TEREZINHA ELIZABETH DA SILVA



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2020).

Mineira, nascida e criada em Uberlândia, Terezinha Elizabeth da Silva cresceu em um ambiente familiar conservador cercada por três irmãos que, em sua proteção excessiva, impunham limites à sua autonomia. Vivenciou na infância e juventude os traços de uma educação tradicional. Oito anos de formação em colégio de freiras moldaram uma vivência escolar rígida e estritamente feminina em um tempo em que, os encontros com os rapazes se restringiam às festas partilhadas com os estudantes do colégio de padres. A transição para a escola pública no antigo segundo grau representou o início de uma nova fase.

Já no final da adolescência, movida pelo desejo de liberdade e pela aspiração de viver uma experiência fora do ambiente familiar, ela opta por prestar vestibular em cursos que não existiam em sua cidade natal. A escolha por Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, simboliza não apenas uma busca profissional, mas também um gesto de emancipação. Ingressa na universidade e, para se manter financeiramente na capital, passa a trabalhar em uma escola de padres, mais especificamente na biblioteca da instituição.

O despertar da biblioteconomia

Foi no espaço da biblioteca escolar e a mediação de um padre bibliotecário, formado na Itália, que Terezinha descobre sua verdadeira paixão: a Biblioteconomia. As reuniões noturnas com o bibliotecário e suas narrativas sobre bibliotecas europeias, aliadas ao exercício prático diário, acenderam nela um encantamento que logo se tornaria sua profissão. No segundo ano do curso de Jornalismo, decide pela transferência e, então, mergulha de forma plena na formação em Biblioteconomia. Seu desempenho acadêmico notável a levou a ser laureada ao final da graduação.

Mesmo após a conclusão do curso, continuou por um tempo na escola, até que uma reforma administrativa cortou serviços, incluindo a biblioteca. Desempregada, retorna a Uberlândia e, com coragem e iniciativa, elabora um projeto de reformulação para a biblioteca pública da cidade. A proposta foi apresentada diretamente à Secretaria de Cultura, e foi aprovada. A partir de então, é contratada e ali permanece por quatro anos. Essa experiência ocorreu num contexto político efervescente, o início da redemocratização brasileira após o regime militar. Em 1982, o prefeito recém-eleito, com uma visão inovadora, promoveu ações de participação popular e políticas culturais que marcaram profundamente sua prática profissional.

Nesse ambiente, Terezinha Elizabeth, já bibliotecária, passou a associar sua atuação à ideia de democracia informacional. A biblioteca pública não era apenas espaço de livros, mas de cidadania, de escuta e de diálogo com o povo. Foi essa experiência concreta com políticas públicas de informação que acendeu nela o desejo de seguir na vida acadêmica por meio da pesquisa, motivando sua entrada no mestrado e abrindo os caminhos para sua carreira como professora universitária.

A construção de sua identidade docente foi sendo moldada, assim, entre práticas cotidianas, engajamento com o social e o despertar para a pesquisa — compondo uma narrativa exemplar de dedicação, resiliência e compromisso com a transformação do acesso à informação e à cultura no Brasil.

A experiência vivida por Terezinha no contexto das políticas públicas e da biblioteconomia revela uma trajetória de engajamento e reorientação de caminhos moldados pelo conhecimento como instrumento de transformação. Depois de

anos atuando na Biblioteca Pública de Uberlândia, sua atuação foi profundamente influenciada pelas transformações políticas que atravessaram o país nas décadas de 1980 e 1990. A redemocratização trouxe, ainda que brevemente, um ambiente propício para experimentações políticas e culturais, especialmente no âmbito local. No entanto, a mudança de cenário político na prefeitura, com o retorno de uma liderança conservadora, trouxe consigo o fechamento de portas. Ciente de que sua permanência não seria mais bem-vinda em uma gestão que não acolhia vozes críticas, optou por sair antes que fosse desligada e pensou:

> quer saber, eles vão me mandar embora mesmo, então eu vou pedir minha demissão porque eu sou uma voz contrária. Então, foi aí que resolvi fazer a seleção do mestrado em Belo Horizonte e em João Pessoa. Como passei nas duas e eu já havia estudado na UFMG, optei por João Pessoa, pois tinha ido lá em 1982, quando participei do CBBD. Então, refleti: quer saber, eu vou pra Paraíba. (Terezinha Elizabeth, 2023).

Essa ruptura tornou-se, paradoxalmente, a abertura para uma nova fase de sua vida: o ingresso na pós-graduação.

João Pessoa: raízes emocionais e formação afetiva

Aprovada em dois programas de mestrado, Terezinha Elizabeth decidiu pela Paraíba, movida por uma memória afetiva da cidade que havia visitado anos antes. A escolha pela UFPB marcou o início de um ciclo de compromissos e realizações acadêmicas. Chegar à Paraíba, contudo, não foi simples. A liberação da bolsa da CAPES demorou e os primeiros meses foram desafiadores financeiramente. Apesar das dificuldades, defendeu com êxito, em 1992, a dissertação intitulada “Território da utopia/área de risco: política cultural, venturas e desventuras da experiência de Uberlândia/MG”, sob a orientação do professor Paulo de Tarso Cabral de Medeiros. O trabalho recuperava criticamente a experiência vivida em sua cidade natal, demonstrando maturidade intelectual e sensibilidade política para compreender os limites e possibilidades das políticas culturais em contextos locais. O território da utopia, expressão que intitula sua

dissertação, não era apenas uma figura de linguagem, mas uma dimensão da prática bibliotecária informada pela esperança e pela ação.

Com a conclusão do mestrado, Terezinha foi aprovada em concurso público para o Magistério Superior, no Departamento de Biblioteconomia da UFPB. Assim, entre os anos de 1992 e 1997, lecionou disciplinas como Metodologia da Pesquisa, Indexação e Resumo. Sua prática docente era ancorada na pesquisa e no uso intensivo dos recursos informacionais disponíveis. Frequentava assiduamente a Biblioteca Central da UFPB, bem como a Biblioteca Setorial do CCSA. Quando não encontrava os livros e revistas necessários, investia com recursos próprios, demonstrando um forte comprometimento com a qualidade da formação oferecida aos seus estudantes.

Ao ser indagada sobre a presença feminina na área, o curso de Biblioteconomia, como ela mesma relata, mantinha um perfil majoritariamente feminino, com turmas compostas um percentual de aproximadamente 99% por mulheres, ao afirmar que,

> na minha turma da graduação só tinha um rapaz e além de ser o único homem ele era casado. Lembro que na UFMG as turmas eram 99% compostas por mulheres. Acho que essa realidade feminina no curso de biblioteconomia ainda não mudou totalmente porque a maioria dos homens acha que biblioteconomia não é uma profissão eles. (Terezinha Elizabeth, 2013).

Essa realidade, que ela já havia vivenciado na graduação em Belo Horizonte, era comum a muitos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Ela observava que essa configuração de gênero na área era atravessada por estigmas e preconceitos sociais: a profissão era, muitas vezes, considerada “imprópria” para homens, associada a baixos salários e à desvalorização simbólica das atividades informacionais. Sua análise crítica sobre a misoginia estrutural que afastava os homens da profissão e reforçava estereótipos reforça seu olhar atento às relações de poder no campo profissional. Durante os anos em que Professora Terezinha Elizabeth integrou o Departamento de Biblioteconomia da UFPB, entre 1992 e 1997, sua rotina acadêmica se consolidou em torno de práticas cotidianas que mesclavam trabalho, convivência e compromisso institucional. Pela manhã,

chegava cedo ao campus, onde permanecia durante o dia, dividindo almoços com colegas em pequenos restaurantes situados nos arredores das salas de aulas, prática comum entre professores que, como ela, faziam da universidade um espaço contínuo de presença. Dentre essas companhias, destaca a professora Elizabeth Baltar, com quem chegou a compartilhar moradia e afinidades de trabalho, criando laços que extrapolavam o espaço acadêmico. Ela ressalta que a vida no Departamento era marcada por uma convivência profissional que, embora informal em alguns momentos, era profundamente comprometida com os rumos da formação em Biblioteconomia.

Professora Terezinha foi testemunha e partícipe de um período de reestruturação e debate no campo da Ciência da Informação. Entre suas memórias, destaca o envolvimento com a criação da ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação), fundada durante o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), realizado em Belo Horizonte em meados da década de 1990. Ao lado da professora Joana Coeli Ribeiro Garcia, contribuiu para esse momento histórico que reuniu nomes como Aldo Barreto e Nélida Gonzalez de Gómez, figuras centrais na consolidação do campo informacional no Brasil. Terezinha ainda guarda com carinho o texto que escreveu em coautoria com Joana, documento que simboliza não apenas uma produção intelectual, mas também uma intervenção político-acadêmica num cenário em transformação.

Esse período foi atravessado também por fortes tensões políticas e institucionais. Em sua memória, ressoa a transição da ditadura militar para o regime democrático, marcada por episódios simbólicos como a campanha das Diretas Já e a primeira eleição presidencial direta, que opôs Lula e Collor. Ainda que esses eventos tenham ocorrido antes de sua chegada à UFPB, suas repercussões se faziam sentir nos corredores da universidade, por meio das camisas, dos debates, das posições assumidas por alunos e professores. A polarização política era perceptível até mesmo nas relações internas do campus, onde desentendimentos entre diretores de centro e reitores refletiam a diversidade de visões sobre o papel da universidade pública no novo Brasil que se formava.

Professora Terezinha também recorda os desafios enfrentados pela pós-graduação na UFPB nesse período. O Mestrado em Biblioteconomia passou por um processo de descredenciamento, o que exigiu uma mobilização coletiva para sua reestruturação visto que um novo projeto submetido à CAPES, não apenas resgatou a viabilidade do programa, mas também ofereceu bases mais sólidas para sua continuidade. Sua atuação nesses espaços reafirma seu perfil comprometido com o avanço institucional e com a valorização da pesquisa na área.

Embora reconheça que o curso de Biblioteconomia, naquele momento, ainda carregasse traços conservadores (fruto também da inserção da área em um centro tradicional como o CCSA, que abrigava cursos como Administração, Economia e Contabilidade), Professora Terezinha nunca se esquivou dos embates. Defendia, com firmeza, posições progressistas em um ambiente que, por vezes, resistia a mudanças mais intensas. Para ela, a docência era uma prática que exigia principalmente engajamento político.

Sua passagem pela UFPB é um retrato de uma docente que compreendia a universidade não como um espaço neutro, mas como um território de disputas, de criação de saberes e de construção de sentidos compartilhados. Com seus pares, construiu projetos, enfrentou crises, celebrou conquistas e contribuiu de forma decisiva para o fortalecimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no Brasil.

A travessia doutoral em Campinas

Após alguns anos no Departamento de Biblioteconomia da UFPB, Professora Terezinha seguiu novos rumos acadêmicos que reafirmaram sua vocação para o ensino e a pesquisa. Em 2001, iniciou o doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aprofundando sua reflexão interdisciplinar com uma tese ousada e sensível, intitulada “Livros sobre livros: livro-cinema em Greenaway”. A pesquisa, orientada pela Professora Iara Lis Franco Schiavinatto, explorou as interfaces entre literatura, cinema e cultura visual, um campo ainda pouco explorado na Biblioteconomia tradicional. Essa investigação não apenas

reafirmou seu perfil investigativo, mas demonstrou uma busca constante por novas formas de compreender e pesquisas.

Ao concluir o doutorado, Terezinha prestou concurso para a Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2007, sendo aprovada e integrando o quadro docente com entusiasmo renovado. Embora tenha ministrado disciplinas também no campo da Arquivologia, sua atuação se concentrou fortemente na Biblioteconomia, onde participou ativamente da criação de um Mestrado Profissional, consolidando a pós-graduação como espaço de formação. Aposentou-se formalmente da UEL em 2011, mas o vínculo afetivo e intelectual com a instituição permaneceu. Como professora voluntária, segue contribuindo com o Programa de Pós-Graduação, especialmente na disciplina Política de Informação, que ela identifica como sua verdadeira paixão acadêmica.

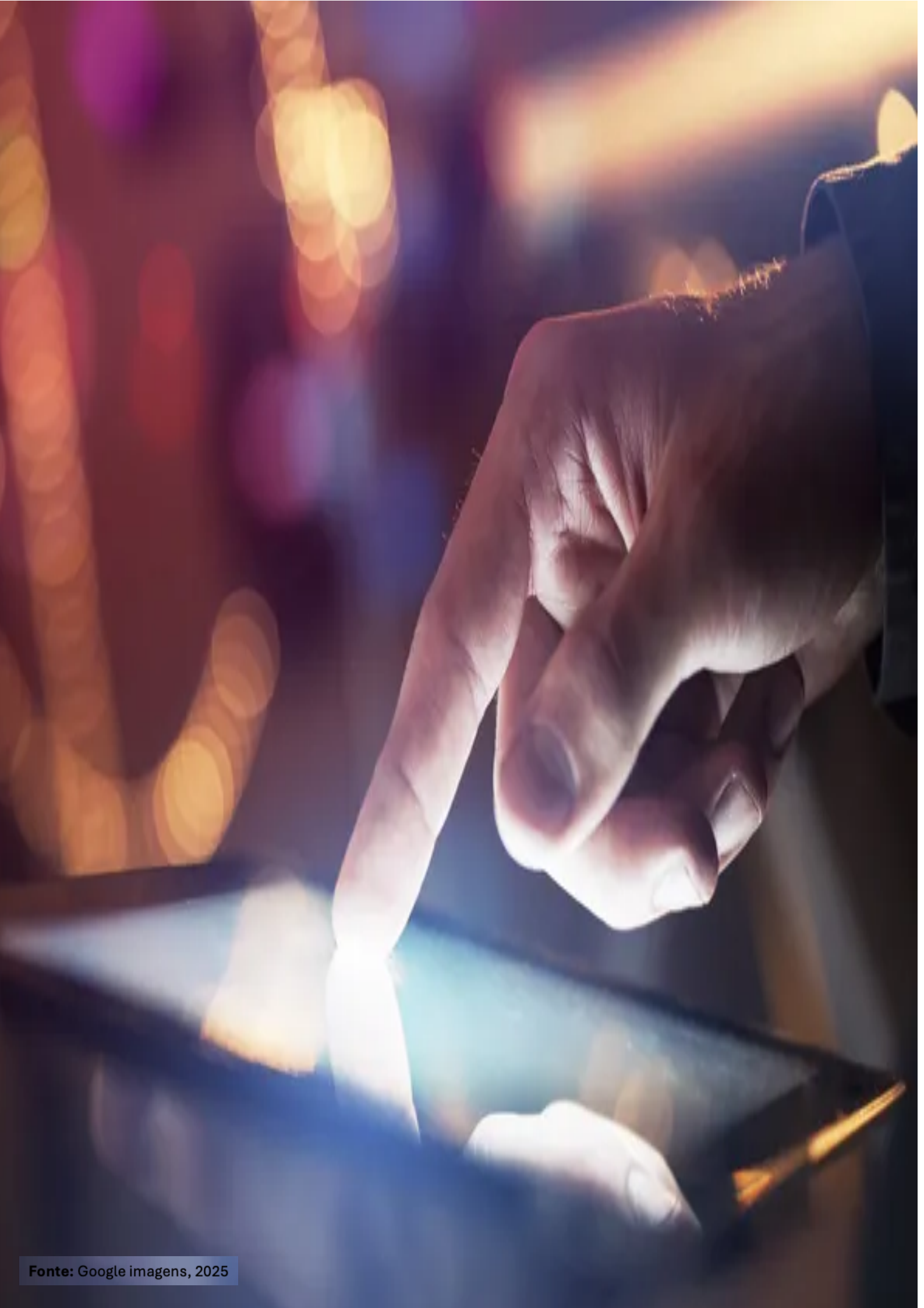
Nova inserção profissional, saudosismo por João Pessoa e algumas reflexões

Em 2017, uma nova mudança em sua vida foi motivada por razões familiares. Com os pais idosos e residindo em Brasília, Professora Terezinha optou por acompanhá-los mais de perto. Aprovada em concurso para bibliotecária da Câmara dos Deputados, reencontrou na capital federal uma nova possibilidade de inserção profissional. Atualmente, leciona em um Mestrado Profissional voltado ao Poder Legislativo, onde ministra disciplinas com Gestão da Informação, Gestão da Informação e do Conhecimento, Seminário de Pesquisa e Seminário de TCC. A experiência em um espaço institucional como o Legislativo acrescentou outra camada ao seu repertório acadêmico, permitindo-lhe dialogar com as exigências práticas da informação aplicada à gestão pública e à formulação de políticas.

Em sua fala, transparece o afeto duradouro pela UFPB: "saí, mas meu coração ficou", diz com saudade. O período vivido em João Pessoa, especialmente entre os anos 1990, moldou sua identidade acadêmica e deixou amizades que perduram até hoje. O reencontro com esses afetos se dá anualmente nos congressos e eventos da área, onde sua presença é constante.

Ao refletir sobre a Biblioteconomia atual, Terezinha destaca uma mudança que lhe parece determinante: a transformação tecnológica. Relembra que seu primeiro computador foi adquirido em João Pessoa, na década de 90, em um programa da reitoria que subsidiava a inclusão digital entre docentes. A partir daquele momento ela viu a tecnologia alterar drasticamente o cotidiano profissional, da pesquisa à sala de aula. Hoje, diz ela, "não conseguimos mais viver sem ela". Mas alerta: “mesmo com tanta tecnologia, precisamos humanizar as relações de trabalho”. O que a tecnologia trouxe de avanço, argumenta, precisa ser acompanhado por uma ética do cuidado, por vínculos calorosos e sensíveis no ambiente de trabalho.

Portanto, essa perspectiva revela não apenas uma docente atenta com os rumos e os desafios da profissão, mas também uma pesquisadora que compreende a importância da dimensão humana nos processos formativos. Para ela, o avanço da Biblioteconomia deve estar vinculado às questões sociais e culturais.



Fonte: Google imagens, 2025

6 ETRE REGISTROS E MEMÓRIAS: PROSPECTIVA DE UM MEMORIAL DIGITAL PARA A BIBLIOTECONOMIA DA UFPB

> A memória é reconstruída no presente e passa por atualizações, ressignificações, reenquadramentos. Lembrar é uma faculdade natural, mas a memória, em seu sentido amplo, constitui um processo complexo de reconstrução social que não se confunde com um reservatório de dados a serem “resgatados”. [...]Como lembrar de um fato, informação, acontecimento cuja presença ou rastro jamais circulou senão em canais restritos? [...] (Thiesen, 2023, p.45).

A reflexão proposta por Icléia Thiesen (2023) nos remete aos chamados 'silêncios da memória', expressão utilizada pela própria autora para referir-se a fatos e situações cuja limitada disseminação compromete seu acesso e os torna suscetíveis ao apagamento na memória coletiva

Assim, durante o desenvolvimento desta pesquisa, manifestou-se a necessidade de criar um protótipo de ambiente informacional digital (Memorial) com a finalidade de preservar e disseminar a memória da Biblioteconomia, tanto no contexto paraibano quanto nacional. A proposta surge diante da constatação da escassez de iniciativas sistematizadas voltadas à valorização histórica e institucional da área, especialmente no que se refere à história dos cursos, dos bibliotecários, docentes e as produções científicas. Nesse sentido, o desenvolvimento do Memorial Digital busca não apenas conservar registros significativos, mas também tornar acessíveis, de forma organizada e dinâmica, as fontes de informação relevantes para pesquisadores, docentes, discentes e demais interessados no campo da Biblioteconomia. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que articula memória, e o acesso à informação.

Desse modo, a criação do ***Memorial Digital de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (MDB-UFPB)*** se propõe a ser um **espaço digital dinâmico**, constituído a partir de registros documentais oficiais e originais do Curso de Biblioteconomia que comprovam sua história e narrativas produzidas ao longo do tempo por todos os sujeitos que contribuíram para a consolidação da Biblioteconomia na Paraíba. Incluem-se nesse escopo os profissionais formados

pela instituição que hoje atuam em diversas regiões do Brasil e no exterior, reafirmando a relevância da formação oferecida pela UFPB.

Por isso, além de seu valor histórico e identitário, o projeto assume uma **dimensão informacional significativa**, ao reunir e disponibilizar fontes de informação especializadas sobre o campo da Biblioteconomia. O MDB objetiva ser um **recurso digital de referência**, destinado a estudantes, pesquisadores, docentes e profissionais da área, contribuindo para o acesso à informação.

Do ponto de vista científico, o MDB-UFPB extrapola sua função primária de disponibilizar informações históricas, ao inserir-se nos debates contemporâneos sobre memória, patrimônio informacional e acesso ao conhecimento em contextos acadêmicos. Essa iniciativa representa uma ação estratégica de valorização da trajetória da Biblioteconomia, compreendida como campo de saber e prática social, ao mesmo tempo em que reafirma o compromisso da universidade pública com a democratização do conhecimento e a preservação da memória institucional. Nesse sentido, o Memorial configura-se como uma ferramenta de articulação entre passado e presente, contribuindo para a consolidação de uma cultura informacional mais inclusiva, crítica e historicamente fundamentada.

O MDB-UFPB propõe-se a aplicar tecnologias digitais que assegurem sua continuidade, manutenção e atualização, garantindo a efetividade das ações voltadas à preservação e disseminação da memória. Paralelamente, busca-se vinculá-lo a um projeto de pesquisa institucionalizado na UFPB, com o intuito de garantir sua permanência por meio da participação de discentes bolsistas e da captação de recursos financeiros oriundos de editais de fomento. Essa estratégia visa não apenas à perpetuação do Memorial, mas também ao fortalecimento do engajamento discente na pesquisa e na prática profissional, promovendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão que são os pilares indissociáveis da universidade pública, especialmente na UFPB.

Nessa perspectiva, O MDB-UFPB está sendo estruturado a partir de múltiplas seções, que de maneira integrada, oferecem informação e documentação histórica, científica e cultural da Biblioteconomia da UFPB, como também outras informações relevantes sobre a área.

Figura 162 – Protótipo do site do Memorial Digital de Biblioteconomia (Página Inicial)



Fonte: desenvolvido pela pesquisadora com arte de Graziella Lorrany, 2024.

A seção **"Sobre"** apresenta os objetivos e fundamentos que orientam a criação do Memorial, destacando sua função social e acadêmica na preservação da memória institucional e profissional, como também informações sobre a equipe responsável pelo MDB. A **"Linha do Tempo"** constitui um recurso visual e cronológico que organiza os principais marcos históricos do curso, como sua fundação, reformas curriculares, projetos institucionais, eventos científicos e outras ações que marcaram sua trajetória. Essa estrutura facilita a compreensão da evolução da Biblioteconomia.

A área de **"Documentos Históricos"** disponibiliza digitalmente registros institucionais relevantes, Estrutura Curricular do curso, convênios e outros arquivos que evidenciam a história do curso e de sua atuação na formação dos bibliotecários.

Na seção **Entrevistas & Personalidades**, o Memorial reúne depoimentos de professores e bibliotecários que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da área, oferecendo um olhar subjetivo e enriquecedor sobre os percursos individuais e coletivos que moldaram a Biblioteconomia na Paraíba.

Figura 163 – Protótipo do site do Memorial Digital de Biblioteconomia (Seção Entrevistas & Personalidades)



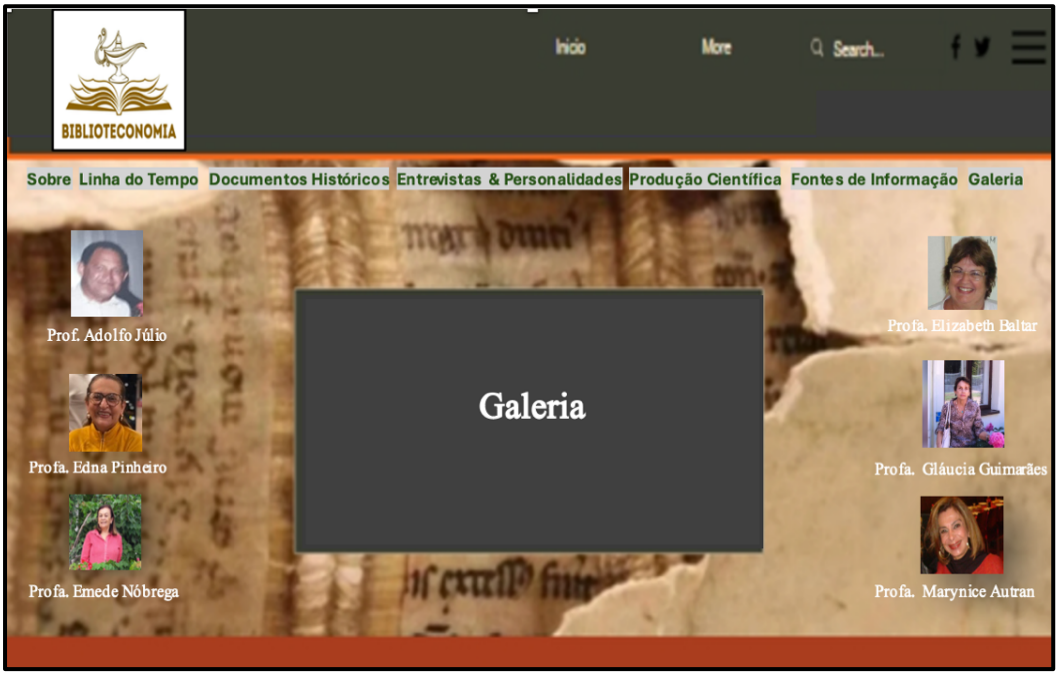
Fonte: desenvolvido pela pesquisadora com arte de Graziella Lorrany, 2024

Dando continuidade as seções que compõem do site do MDB-UFPB, ressaltamos a "**Produção Científica"**, composta pelos *links* com os acessos aos trabalhos completos de Conclusão de Curso (TCCs) de Biblioteconomia da UFPB, no âmbito da graduação e da pós-graduação, visando disseminar a produção intelectual da comunidade acadêmica.

A seção de "**Fontes de Informação"** disponibiliza *links* de acesso às Bases de Dados, Bibliotecas Digitais, Periódicos Científicos na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como outras plataformas informacionais relevantes para a formação e a atuação de bibliotecários.

Por fim, a seção "**Galeria de Fotos"** apresenta registros visuais das instalações físicas do curso, eventos acadêmicos, turmas formadas, placas de formatura, homenagens e momentos importantes da Biblioteconomia na UFPB, compondo uma narrativa imagética e memorialística.

Figura 164 – Protótipo do site do Memorial Digital de Biblioteconomia (Seção Galeria)



Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora, com arte de Graziella Lorrany, 2024.

Conclui-se, portanto, que o MDB-UFPB se consolida como um instrumento estratégico de preservação da memória e de fortalecimento da identidade acadêmica e profissional, alinhado ao papel social da universidade pública. Sua existência reafirma o compromisso com a valorização da história, o incentivo à produção científica e a democratização do conhecimento, pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais informada, crítica e inclusiva.



Fonte: https://br.freepik.com/fotos/livro-antigo-aberto-caneta-escrevendo/3

7 DESFECHO MEMORIALÍSTICO

A reflexão sobre a memória, especialmente a institucional, permite acessar camadas profundas do passado que influenciam a constituição do presente. Ao transcender os limites da memória pessoal, a memória institucional se configura como uma dimensão complexa, na qual forças simbólicas e relações de poder moldam a identidade das organizações. Conforme destaca Thiesen (2013), essa memória ultrapassa os registros formais da organização, integrando disputas, afetos e significados compartilhados que conferem legitimidade à instituição. A compreensão essas dimensões revela-se fundamental para os estudos da informação, especialmente no contexto das sociedades contemporâneas, nas quais a informação e a memória convergem como pilares estruturantes da identidade social.

Nesse cenário, o conceito de lugares de memória, de Pierre Nora (1993), assim como os estudos de Halbwachs (2004), Le Goff (2003), Assmann (2011) e Candau (2005), reforçam e embasam a importância dos registros documentais como suportes tangíveis da memória coletiva. Desse modo, ao analisá-lo à luz da Memória Oral e do Método Indiciário no campo da Ciência da Informação, tornou-se possível compreender como a memória institucional é um componente ativo da construção identitária, podendo ser recuperado, preservado, compartilhado e capazes de ressignificar sentidos históricos e afetivos apagados ou silenciados ao longo dos anos. Assim, o Curso de Biblioteconomia da UFPB emergiu como um espaço simbólico de memória, cuja história é continuamente atualizada por meio dos vínculos sociais e documentais que sustenta.

Nesse contexto, a memória coletiva, entendida como uma construção social partilhada, é amplamente discutida por autores como Maurice Halbwachs (2004), Le Goff (2003), Paul Ricoeur(2007 e Pierre Nora(1993), ao afirmarem que a memória social contribui significativamente para a formação identitária de indivíduos e grupos, sendo moldada pela cultura, pela história e pelas relações sociais. Sua preservação, no entanto, depende dos chamados *médiums* de memória, como documentos, imagens e narrativas, que atuam como registros concretos de vivências e acontecimentos. Tais registros, ao serem mantidos e

difundidos, garantem a continuidade de tradições e conhecimentos, além de possibilitarem novas interpretações do passado à luz do presente.

A difusão da memória por meio de arquivos e documentos, em diversos formatos, é essencial para fortalecer a consciência histórica e crítica da sociedade. Bellotto (2005) propõe diferentes formas de disseminação da memória institucional (educativa, editorial e cultural), como estratégias fundamentais nesse processo. Complementarmente, Frohmann (2008) e Dodebei (2010) defendem que memória e informação são indissociáveis, compondo juntas a base material da cultura e da valorização do patrimônio social.

Nas trilhas desse conhecimento, esta pesquisa surgiu do desejo de compreender a história do Curso de Biblioteconomia da UFPB, especialmente por ter vivenciado a partir da formação nesta graduação. Assim, ao longo do percurso investigativo, tornou-se possível afirmar que a indagação central: “Como se constitui a trajetória histórica e social do curso de Biblioteconomia na Paraíba, no período de cinco décadas?” foi plenamente atendida. Contudo, o estudo evidenciou a profunda articulação entre *memória, informação e documento*, demonstrando que a memória institucional não se limita à evocação do passado, mas atua como vetor de significados, capaz de inspirar o presente e projetar perspectivas para o futuro.

Quanto aos objetivos, ressaltamos que foram atendidos pois o acervo documental analisado (atas, ofícios, decretos, regimentos, projeto pedagógico, placas de formaturas, fotografias e relatos orais) configurou-se como *médiums* de memória, sendo essencial para interpretar os sentidos atribuídos ao curso ao longo de suas cinco décadas de existência e seus desdobramentos acadêmicos, científicos e sociais. Compreendemos, entretanto, que a memória institucional e coletiva não apenas registra o passado, mas orienta caminhos futuros, reafirmando sua importância como fonte de identidade e reflexão crítica sobre o papel da Biblioteconomia na contemporaneidade.

Seguindo nossa investigação, numa proposta arqueológica da Biblioteconomia, unindo o método indiciário e a história oral, a pesquisa comprovou que, através dos relatos coletados nas entrevistas, revisitar o passado não é um exercício nostálgico, mas um gesto de responsabilidade com o presente

e com as futuras gerações. Assim, a pesquisa trouxe registros e vivencias que foram explicitadas pelos docentes do Curso durante as entrevistas expondo suas trajetórias acadêmicas e sociais no âmbito da Biblioteconomia da UFPB.

As histórias narradas foram permeadas por saudosismo e emoção, à medida que os entrevistados rememoravam suas vivências com colegas no âmbito do Departamento e da universidade. Nas entrelinhas dessas emoções, algumas lembranças permaneceram silenciadas, ora por lapsos de memória, ora por questões éticas ou pessoais. Entrevistar esses professores (e bibliotecários por formação), que considero verdadeiras personalidades da Biblioteconomia paraibana, foi para mim uma grande honra, pois muitos deles fizeram parte da minha trajetória acadêmica, iniciada em 1995, quando ingressei no curso de Biblioteconomia da UFPB.

A cada entrevista, um misto de sentimentos me envolvia, e, não raras vezes, fui mais tomada pela emoção do que os próprios entrevistados. Poder conhecer os bastidores da construção do curso na UFPB representou uma imensa satisfação pessoal e profissional. Foram momentos singulares, nos quais esses docentes mostraram-se generosos ao contribuir com a pesquisa e, com sensibilidade peculiar, abriram as gavetas de suas memórias, revelando em certos casos, pensamentos e vivências que até então permaneciam confidenciais.

Nesse sentido, os indícios memorialísticos foram plenamente alcançados e, ao final deste percurso, reafirma-se que o cinquentenário do Curso de Biblioteconomia da UFPB, evidenciado pelas memórias registradas e evocadas, revela uma gênese sólida, marcada por permanências e transformações que afirmam sua contínua evolução.

Portanto, durante o desenvolvimento desta pesquisa, emergiu de maneira natural a necessidade de criar um espaço informacional digital voltado à preservação e à disseminação da memória da Biblioteconomia, principalmente na Paraíba. Essa constatação resultou na proposta de criação do Memorial Digital da Biblioteconomia da UFPB (MDB-UFPB), idealizado como um ambiente informacional que responda à lacuna de iniciativas voltadas à memória da área, particularmente no que se refere à trajetória do curso, às experiências dos profissionais e à produção científica. O MDB-UFPB se configura como um espaço

que articula memória e acesso à informação, reunindo e disponibilizando registros documentais, narrativas orais e fragmentos de vivências que compõem o mosaico histórico da Biblioteconomia na Paraíba e além dela.

Nesse horizonte, a proposta do MDB é sustentada também por uma perspectiva de continuidade e engajamento de outros pesquisadores. Sua manutenção prevê o uso de tecnologias digitais para assegurar a atualização contínua. Para tanto, almeja-se vinculá-lo a Projetos de Pesquisa e Extensão institucionalizados na UFPB (a partir dos Editais previstos para a Pesquisa e a Extensão), incentivando participação discente, enquanto espaço de aprendizagem e desenvolvimento intelectual.

Portanto, esta pesquisa propõe a abertura para novas investigações, tanto no campo da Biblioteconomia quanto no da Ciência da Informação, que reconheçam na memória um instrumento pujante de reflexão.

REFERENCIAS

AGÊNCIA FAPESP (BRASIL). **Lynaldo Cavalcanti morre aos 78 anos**. Disponível em: https://agencia.fapesp.br/lynaldo-cavalcanti-morre-aos-78-anos/13299 Acesso em: 24 de abr. 2025

ARQUIVO AFONSO PEREIRA (AAP). A vida e o legado de Afonso Pereira da Silva: um educador imortal. Disponível em: https://arquivoafonsopereira.com.br/patrono/quem-foi-afonso-pereira/ Acesso em: 15 de abr. 2025

ASSMANN, A. **Espaços de recordações**: formas e transformações da memória cultural. São Paulo: editora Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Signo, sinal e informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, PPGCI/UFPB, v.12, n.2, p.1-13, 2002

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória – as relações na pesquisa. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, *[S. l.]*, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/412. Acesso em: 7 abr. 2025.

BARRONCAS, Ramon. A memória, o esquecimento e o Compromisso do historiador. **Em tempos de história**. Brasília, n. 21, ago. – dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/issue/view/1555 Acesso em: 12 abr. 2025

BAUMANN, E. S. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea.** Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BECKER, Howard, S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BERNARDO, Teresinha. Memória: suas possibilidades nas ciências sociais. **Aurora**, v. 11, 2011. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/5527 Acesso em: 13 de Abr. 2025

BIBLIOUFAL. Curso de Biblioteconomia / Universidade Federal de Alagoas. https://biblioufal.wordpress.com/institucional/historico/

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD (Portugal)**, v., n. 2, 2006. Disponível: https://brapci.inf.br/v/82351 . Acesso em: 14 de abr. 2025

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994

BRASIL. Decreto nº 70.168, de 18 de fevereiro de 1972. **Concede reconhecimento ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará**, em Fortaleza, Estado do Ceará. Diário Oficial da União. Seção 1, Brasília, DF, 21 fev. 1972, p. 1406. Revogado pelo Decreto de 25 de abril de 1991.... Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-70168-18-fevereiro-1972-418627-norma-pe.html Acesso em: 18 de mar. 2025

CANDAU, Jöel**. Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005

CELLARD, A. A análise documental. *In:* POUPART, J. *et al*. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CODINI, Martinho. **Dom Hélder Câmara**: modelo de esperança na caminhada para a paz e a justiça social. Dissertação de Mestrado (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifica Universidade de São Paulo) – PUC/SP, São Paulo, 2004. 134f. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1998/1/Martinho%20Condini.pdf

COISAS DE CAJAZEIRAS. **O eterno reitor Thompson Mariz**. Disponível em: https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/o-eterno-reitor-thompson-mariz/. Acesso em: 11 abr. 2025

Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo-8a região. (2011). *Biblioteconomia Paulista: construindo caminhos*. São Paulo: Guanabara Koogan Ltda. ISBN 978-85-277-1890-5

CORDULA, A.C.C. **Políbio Alves entre Contos e Encantos**: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si. 2015. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. 262f.

COSTA, Luciana Ferreira da; Francisca Arruda Ramalho. Biblioteconomia e Ciência da Informação: genealogia acadêmica da professora emérita da Universidade Federal da Paraíba. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 144-161, dez./mar., 2018/2019. Acesso em: 03 jul. 2024. Acesso em 03 jul. 2024 Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1525/pdf

COSTA, L. F.; *et al*. Em memória da professora Rachel Joffily Abath: origens, vida acadêmica, saudades e imagens. **Biblios (Peru)**, v., n. 46, 2012. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/69703

COSTA, L. F. da. Jemima Marques de Oliveira: origens, vida, contribuições, lembranças e saudades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, *[S. l.]*, v. 20, p. 1–20, 2024. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/2067. Acesso em: 11 abr. 2025.

COSTA, Cosme Guimarães da. **Código de ética profissional do bibliotecário**: 15 anos depois.2024, Disponível: http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/370/1/Artigo_C%C3%B3digo%20de%20%C3%89tica%20Profissional%20do%20Bibliotec%C3%A1rio%2015%20anos%20depois.pdf Acesso em: 23 nov. 2024

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2017. p. 123

CROSOÉ. **O senador quase sincero**. Disponível em: https://crusoe.com.br/edicoes/132/o-senador-quase-sincero/. Acesso em: 11 abri 2025

CUNHA, Murilo Bastos da. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. Ci. Inf., Brasília, v. 23, n. 2, p, 182-189, maio/ago 1994 Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/download/545/545/546 Acesso em: 10 mai. 2024

DIAS, Simone Lopes. **A disseminação da informação mediada por novas tecnologias e a educação do usuário na biblioteca universitária**. Marilia: UNESP – Universidade Estadual Paulista Campus de Marília Faculdade de Filosofia e Ciências. Mestrado em Ciência da Informação (Dissertação). 2005. 139p. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/dias_sl_me_mar.pdf. Acesso em: 17 de abr. 2025

DODEBEI, V. Memória e informação – interações no campo de pesquisa. In: MARANON, E. I. M. (org.) **MEMÓRIA**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

DUARTE, Larissa Rafaelly; CASTRO, Eliana Maria Cunha. Amor, trabalho e conhecimento: as fontes da vida. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, n.7, p.1-7, jun. 2018. Disponível em: file:///Users/alba/Downloads/diagramacao,+Artigo+1+RLAPC+no+Modelo+Larissa+Amor+Trabalho+e+Conhecimento+n+7_+2018.pdf Acesso em: 23 de abr. 2025

E-MEC. **Ministério da educação**. Disponível em: https://emec.mec.gov.br/emec/nova Acesso em 15 de abr. de 2025

FEBAB. Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/items/show/705 Acesso 18 de mar. de 2025

FELIX, V. L.; MARTINS, G. K.; BARROS, A. C.; PEREIRA, F. C. M.; LOYOLA, R. A. A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUA INTERDISCIPLINARIDADE: ANALOGIAS E CONVERGÊNCIAS DECORRENTES DA INTER-RELAÇÃO COM A BIBLIOTECONOMIA. **Folha de Rosto**, v. 2, n. Especial, p. 5-11, 13 dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/143 Acesso em: 29 de abr. 2025

FERREIRA, J.; AMARAL, A. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, p. 137-166, abr. 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2004/1751 Acesso em: 04 jun. 2024

FIGUEIREDO, Gildete Moura de. Cronologia sobre Zila: 1953-2019. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 14, n. 3, p. 64-97, 2019.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação**: uma interação necessária. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Fontanelli-Memoria.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

FORREST, Niara Paz Romero**. Gênero e relações de poder na Biblioteconomia: FCI e BCE. 1966 – 2014.** Brasília, 2014. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8590/1/2014_NiaraPazRomeroForrest.pdf Acesso em: 30 de abr. 2025

FREUD, Alexandre. Entrevistas de história oral em dados como dados gerados em processo. **Tempos históricos** Paraná, v.17, 2013, p.28-62

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e político da informação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina; LARA, Marilda Lopes Gines de (orgs.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação**. Marília (SP): Fundepe Editora, 2008.

FUNCARTE. Disponível:https://blogdafuncarte.com.br/2023/09/13/95-anos-da-eterna-luz-literaria-de-zila-mamede/

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Sinais:** raízes de um paradigma indiciário. In. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOMES, Hagar E. Entrevista a Lena Vania R. Pinheiro. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 25, n. 3, p. 292-295, set./dez.1996. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/624/627. Acesso em: 02.jul. 2024.

GUEDES, Nonato. 56 anos do golpe: cassações e arbitrariedades atingiram a Paraíba. Memória...**Osguedes.** 2020. Disponível em: https://www.osguedes.com.br/2020/03/31/56-anos-do-golpe-cassacoes-e-arbitrariedades-atingiram-a-paraiba/ Acesso em: 23 de abr. 2025

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO COMISSÃO BRASILEIRA DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1/3, 1973. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/43637. Acesso em: 07 abr. 20225

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao presente. **Informação & Informação**, *[S. l.]*, v. 24, n. 3, p. 311–334, 2019. DOI: 10.5433/1981-8920.2019v24n3p311. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38022. Acesso em: 10 abr. 2025.

JESUS, M. C. de; MIRANDA, N. C. M. C. de; DIAS, C. da C. O papel do bibliotecário no processo de recuperação da informação. **Anais do Workshop de Informação, Dados e Tecnologia - WIDaT**, *[S. l.]*, v. 2, p. 4–11, 2018. DOI: 10.22477/ii.widat.136. Disponível em: https://labcotec.ibict.br/widat/index.php/widat2023/article/view/136. Acesso em: 22 abr. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, J. **História e memória**: escrita e literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEE, Sander. Agradecimento à professora Joana Coeli Ribeiro Garcia. **Recanto das letras. 2010.** Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/discursos/2256231 Acesso em: 20 de abr. 2025

LIMA, Everton Fernades de. Geografia das placas: do mineral ás práticas sócio-histórica e infomemoriais. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/31413/1/EvertonFernandesDeLima_Dissert.pdf Acesso: 03 fev. 2025

LIMA, Mayara. Nordestrinados a ler (https://nordestinadosaler.com.br/2021/06/laura-russo/)

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bf/Lyotard_Jean-Francois_O_pos-moderno_3a_ed.pdf

MACEDO, Priscila de Queiroz. Grafittis como expressão de memórias. In.: MASSONI, Luís Fernando; BORGES, Jussara. **Expressões de memória**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

MAFEZOLLI, Elisiane; PRADO, Jorge Moisés Kroll do. Os Lugares de Memória na Produção Científica da Ciência da Informação. Brazilian Journal of Information Science: research trends, vol. 17, publicação contínua, 2023, e023030. DOI: 10.36311/1981-1640.2023.v17.e023030. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/download/14330/15047/56840 Acesso em: 20 de abr. de 2025

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2ed. São Paulo: Contexto, 2017. 175p

MEMÓRIAS DA DITADURA. Ernesto Geisel (Biografias da Ditadura). Disponível em: https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/ernesto-geisel/ Acesso em: 25 de abr. 2025

MENDONÇA, Roseane Souza de; PINHO, Fabio Assis. Memória institucional por meio da organização documental de fotografias. **Ci. Inf. e Doc**., Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 90-110, mar./ago. 2016. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v7i1p90-110

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 81).

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E. Ciberespaço, memória e esquecimento**. DataGramaZero**, v.9, n.6, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335055139_A_Ciencia_da_Informacao_Memoria_e_Esquecimento. Acesso em: 12 de abr. 2025

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E; NICOLINO, Maria Elisa Valentim Picler. **A ciência da informação, memória e esquecimento**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 08., 2007. **Anais** [...] VIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2007.

MUELLER, Suzana Machado Pinheiro. Avaliação do estado da arte em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, 17 (1): 71-81, jan./jun. 1988.

MULLER, Luciana Kramer Pereira; MARTINS, Carlos Wellington Soares. Uma profissão feminina, mas não feminista? Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1363/1173 Acesso em 22 de abr. 2025

MURGUIA, E. I. Apresentação. In: MARANON, E. I. M. (org.) **MEMÓRIA**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

NASCIMENTO, Genoveva Batista do. **Currículo lattes.** Disponível em: http://lattes.cnpq.br/5601656144053464. Acesso em: 12 de abr. 2025

NASCIMENTO, Janine. **“Biblio o que?”,** Bibliotecas do Maranhão, 2021. Disponível em: https://bibliotecasma.org/biblio-o-que/#google_vignette Acesso em 14 de abr. 2025

NOVO, Hildenise Ferreira; LINS Ivana Aparecida Borges; SANTOS, José Carlos Sales dos. Leitura e Biblioteca: caminhos para a libertação. **REVISTA PRÁXIS EDUCACIONAL** v. 17, n. 47, p. 86-102, ago. 2021. Vitoria da Conquista. Bahia, Brasil. Acesso em: 11 nov. 2024. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n47/2178-2679-apraxis-17-47-86.pdf

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História.** São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NIETHAMMER, L. Conjuntura e identidade coletiva. In: **Revista ética e história oral**: Projeto História, São Paulo, n. 15, abr., 1997.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da

arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs). **Cultura Popular:** nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p.27-51.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; LIMA, I. F. A memória da editora universitária da UFPB: história de vida dos servidores na construção da memória da instituição. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, 2014.

OPAS. **Histórico da emergência internacional de Copvid-19**. Disponível em: https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19

LINDEMANN, C.; SPUDEIT, D.; CORRÊA, E. C. D. Por uma Biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 707–723, 2016. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1211 Acesso: 27 jul. 2024

PAIVA, Adriana Borges de, OLIVEIRA, Guilherme Saramago de, HILLESHEIM, Maria Cristina Piolla. ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA TÉCNICA DE PESQUISA QUALITATIVA. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-33, 2021.

PEREIRA, Felipe Caldonazzo de Almeida, SERAFIM, Jucenir da Silva MOLINA, Letícia Gorri Molina. MEMÓRIA PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR. In.: **XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS (SEPECH), Humanidades, Estado e desafios didático científicos.** Londrina, 27 a 29 de julho de 2016. Disponível em: https://pdf.blucher.com.br/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt13_163.pdf. Acesso em 14 de jul. 2024

PERES, Sônia Maria Zanezi. Maurice Halbwachs e a memória coletiva e individual. **Revista Missioneira**. Santo Ângelo. v. 23, n. 2, p. 71-78 jul./dez. 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v23i2.693. Disponível em: https://san.uri.br/revistas/index.php/missioneira/article/download/693/356/2383 Acesso em: 10 ago. 2024

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 25, n.3, 1996 . Entrevista. Disponível em:

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade [manuscrito]** : panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 134 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AE6MYV/1/disserta_ao_hugo_avelar.pdf Acesso em: 15 de jun. 2024

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, v.5, n. 10, 198-215, 1992

POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa,** Lisboa, n. 2, p. 19-33, primavera, 1988.

PORTALPÓS (Blog). Ser apaixonado pela profissão é fundamental para o sucesso?
Disponível em: https://blog-prd.portalpos.com.br/apaixonado-profissao-sucesso/ Acesso em: 23 de abr. 2025

PRATES, Paulo R. **Símbolo do Coração. Disponível**: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3sKWMWQK/?format=pdf&lang=pt Acesso em 23 de abr. de 2025

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal do Maranhão, 20. Disponível em: http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/VoxFpKFSbrfu2g6.pdf Acesso em: 05 de abr. de 2025.

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal do Ceará, 2008. Disponível em: https://biblioteconomia.ufc.br/pt/sobre-o-curso/ppc/ Acesso em: 20 de abr. de 2025

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal do Cariri, 2006. Disponível em: https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp-content/uploads/2019/08/BiblioteconomiaUFCA-Projeto-Pol%C3%ADtico-Pedag%C3%B3gico-2006.pdf Acesso em: 01 de mar. De 2025

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal de Alagoas, 2017. Disponível em: https://ichca.ufal.br/pt-br/graduacao/biblioteconomia/documentos/projeto-pedagogico/projeto-pedagogico-do-curso-de-biblioteconomia-2017.pdf/view Acesso em: 07 de mar. De 2025

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1996. Disponível em: https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=2000006 Acesso em: 01 de mar. 2025

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal de Sergipe, 2022. Disponível em: https://cienciainformacao.ufs.br/pagina/13016-projeto-pedag-gico-do-curso--p Acesso em: 12 de fev. 2025

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal da Paraíba, 2007. Disponível em: https://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/documentos/ppp%20do%20curso%20de%20biblioteconomia Acesso em: 20 de mar. De 2025

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. de Mário Quintana. Paulo: Globo, 2004.

REVISTA da Escola de Biblioteconomia da UFMG, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb Acesso em: 05 de mai. De 2025

RIBEIRO, R. D. P. **Memória e contemporaneidade**: as tecnologias da informação como construção histórica. [*S. l.*: *s. n.*], 2025. Disponível em: https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/memoria/13.shtml Acesso em: 09 abr. 2025

RIBEIRO, Cira Adriana Martins. Telenovelas como expressão de memória. In.: Expressões da Memoria. Organização Luís Fernando Massoni, Jussara Borges. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. (Tradução Alain François.)

REVISTA Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBD), 2017, *1*(1/3), 43–44. Recuperado de Descrição de funções. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/802 Acesso em 24 de mai. De 2025

ROCKEMBACH, M. Difusão em arquivos: uma função arquivística, informacional e comunicacional. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 98-118, jan./jun., 2015.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. O IBBD e a informação científica no Brasil. **Ci. Inf. Rev**., Maceió, v. 7, n.1, p. 10-18, jan./ abr.2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/10193/7413. Acesso: 25. Jun, 2024

SANTA ANNA, J. O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado <p> The librarian in face of social transformation: the guardian becomes an uninstitutionalized profesional. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 138–157, 2015. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/985. Acesso em: 13 abr. 2025.

SANTOS, Eliaquim Ferreira dos (et al). Entre o apagamento da memória e a reescrita da história: a desinformação acerca da escravidão no Brasil. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, Jan/Jun 2023. Acesso em: 27 jun. 2024. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/issue/view/2598

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Rio Grande – RS, n. 1, p. 1-15, jun. 2009.

SATAR, Edma A. Expectativas dos Bibliotecários do século XXI. **Primas.com,** n. 15, 2011. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/issue/view/156 Acesso em 20 de abr. 2025

SCHERER, Bruno Cortês; WEBER, Beatriz Teixeira. História e memória institucional: a "sociedade espírita estudo e caridade", Santa maria – RS (1927-2012). **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v.14, n.28, p.197-218, jul./dez, 2015. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/issue/view/202. Acesso em: fev. 2025

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiencia. **Psicologia USP,** São Paulo, v.4, n.1/2, p. 285-298, 1993. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf Acesso em: 07 abr. 2025

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 134.

SILVA, Alzira Karla Araújo da. **Currículo lattes**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/9118083826048075. Acesso: 08 de abr. 2025
]
SILVA, Alzira Karla Araújo da; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Os 15 anos de história de Informação & Sociedade: Estudos. **Inf. & Soc.:**Est., João Pessoa, v.16, n.1, p.9-10, jan./jun. 2006. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/437/1490. Acesso em: 07 abr. 2025

SILVA, Janaína Gomes da; NUNES, Paulo Giovani Antonino Nunes. ST 05: "Os anos de chumbo" da ditadura militar na paraíba (1969-1974). Disponível em: https://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/298-45120-28042017-224421.pdf Acesso em: 23 de abr. 2025

SILVA, Joselene de Fátima Brito da. **A importância do estágio obrigatório na formação do bibliotecário: estudo de caso na Biblioteca do Centro de educação da UFPB**. João Pessoa, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia). Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14612/1/JFBS06062019.pdf Acesso em 20 de abr. de 2025

SILVA, L. E. F. da; OLIVEIRA, B. J.F. de. Mnemosyne infor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a

Ciência da Informação. **Inf. &Soc**.: Est., João Pessoa, v.24, n.1, p. 135-143, jan./abr. 2014.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. 2 ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

SILVA, Ellen Pereira da, et al. O arquivo da SODS na UFPB: partículas da memória e da história. In.: OLIVEIRA, Bernardina Freire de et al. **Patrimonio, informação e memória:** tríade para a construção e fortalecimento identitário. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 305p.
SILVA, I. O.; MARTINS, G. K. Apropriação da memória pela Ciência da Informação e o papel legitimador das Instituições de Memória. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 109562, 2022. DOI: 10.19132/1808-5245282.109562. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/109562. Acesso em: 8 abr. 2025.

SOUSA, A. M. de. O papel do bibliotecário como mediador da informação na era da pós-verdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, *[S. l.]*, v. 13, p. 2390–2402, 2017. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/956.
Acesso em: 12 abr. 2025.

SOUSA, Beatriz Alves de. **O Gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os**. Florianópolis, SC, 2014. 270p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Disponível: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129392/329405.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 03 nov. 20224

SOUZA, Emília Eulina Pereira de, BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA UFPB: o Arquivo da Faculdade de Medicina da Paraíba (1952-1954). **Informação em Pauta.** Fortaleza, CE, v.5, n.1 jan./jun. 2020, p.162-180. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v5i1.2020.43676.162-180

SOUZA, Liliane Braga Rolim H. de.; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. Afonso Pereira: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana. **Biblionline**, v.1, n. 1, 2005. Disponível: https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/560/404 Acesso em: 15 de abr. 2025

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação.** Rio de Janeiro, v. 25, número 3, 1996 – Artigos. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/download/637/641/642 . Acesso em: 08 jun. 2024

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 169p. Tese (Doutorado em ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia/IBICT. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

THIESEN, Icléia. **Da (im)possibilidade do esquecimento. In.:** THIESEN, Icléia; SILVEIRA, Fabrício J. N. da. Paradoxos do esquecimento: memória, história e informação. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023. p.27-50

TODOROV, Tezvetan. **Memoria Del mal, tentación Del bien** – Iindagación sobre El siglo XX. Barcelona: Ediciones Península, 2002. Disponível em: https://www.derechopenalenlared.com/libros/todorov_tzvetan_memoria_del_mal_tentacion_del_bien.pdf Acesso em: 12 de abr. 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Graduação Biblioteconomia da UFPE comemora 70 anos de fundação. **Notícia**s, 2020. Acesso: jul., 2024. Disponível em: https://www.ufpe.br/sib/noticias/-/asset_publisher/jr5LXgpb6GYC/content/graduacao-em-biblioteconomia-da-ufpe-comemora-70-anos-de-fundacao/40745

VALENTIM, Marta Lígia Pomim, PENNA, Polyana Gentil, FRANCO, Shirley Carvalhêdo. **Ciência da Informação**, Brasília, 2024. (Histórico do periódico). Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/journal-history#_ftnref1. Acesso 02. Jul. 2024

VERGUEIRO, W. (2005). **Informação e Conhecimento**: Fundamentos e Aplicações. São Paulo: Cultura Acadêmica.

VIANA, M. M. M. Uma breve história da automação de bibliotecas universitárias no Brasil e algumas perspectivas futuras. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, *[S. l.]*, v. 12, n. 1, 2017. Disponível em: https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/34181. Acesso em: 10 abr. 2025.

VIEIRA, Anna da Soledade. A automação no currículo de biblioteconomia. **R. Esc. Bibllotecon**. Belo Horizonte: UFMG, v.1,n.11, p.12, mar./set., 1972

VIEIRA, Darci Rodrigo Merengue. **O bibliotecário como mediador da leitura: entre o livro e os usuários de três bibliotecas escolares públicas estaduais de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2012. 50f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia. Acesso em: 18 de jun. 2024. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69733/000872493.pdf?seque

XAVIER, Rodolfo Coutinho Moreira, COSTA, Rubenildo Oliveira da. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito? **Ci**. Inf., Brasília,

DF, v. 39 n. 2, p.75-83, maio/ago., 2010. Acesso em: 01 jul. 2024. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1278/1456

WENDT, Lucas George. Fotografias como expressões de memórias. In.: Massoni, Luís Fernando; Borges, Jussara (Orgs.). **Expressões de Memória**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2024. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/livro/expressoes-memoria/ Acesso em: mar. 2025

WENDT, L. G.; SEHN, A. P.; SILVA, M. C. da. Fotografia: entre fontes de informação e suportes de memória. **Revista Fontes Documentais**, *[S. l.]*, v. 8, n. Ed. Especial, p. e81253, 2025. DOI: 10.9771/rfd.v8i0.64651. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/6465 Acesso em: 20 abr. 2025.

APENDECE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIAS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

João Pessoa,
Ilma Profa. Dra.

Ao cumprimentar V.Sª vimos apresentar a doutoranda **ALBA LIGIA DE ALMEIDA SILVA,** regularmente matriculada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, matrícula nº 20201008860, sob minha orientação, e cuja **tese intitulada "*Memória Científica e Social da Biblioteconomia: 50 anos de trajetória na Paraíba",*** com o objetivo de compreender a função da memória no contexto dos espaços de informação, constituídos pela trajetória histórica, científica e social da Biblioteconomia na Paraíba no período de cinco décadas de existência na UFPB", período o qual V.Sª integrou o corpo docente e muito contribuiu para construção dessa trajetória.

Ao apresentá-la, solicitamos sua colaboração no sentido de conceder entrevista, sobre o período de sua atuação junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação, hoje Ciência da Informação, considerando que a pesquisadora adotará como *abordagem metodológica a História Oral*. Por oportuno, ressaltamos que todas as informações mencionadas só serão utilizadas com a autorização expressa e assinada pelo entrevistado.

Na certeza de contar com seu apoio, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

Profª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Drª
Orientadora

APENDECE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIAS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

Esta entrevista foi realizada durante a pesquisa para atender as necessidades da Tese de Doutorado de Alba Ligia de Almeida Silva, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.

COLETA DE DADOS NO CAMPO

Título:
Objeto de pesquisa:
Técnica: Entrevista Narrativa **-** Temática
Tempo de duração:
Tipo de entrevista: Individual
Procedimento de registro: Programa Google Meet (gravação em imagem e som)
Data:
Local: João Pessoa/Paraíba
Entrevistada:
Pesquisadora: Alba Ligia de Almeida Silva

DADOS DO ENTREVISTADO

1) Nome completo:
2) Nome social:
3) Data de nascimento:
4) Naturalidade:
5) Profissão/Ocupação: Professor(a) de Ensino superior
7) Escolaridade:
8) Cor/raça/etnia:
9) Estado civil: ( ) Casada ( ) Solteira ( ) Viúva ( ) Divorciada ( )
Outra:_____
10) Tem filhos/as: Quantos? Idade/s:

APENDICE 4

QUESTÕES DE PESQUISA

Neste momento daremos início a Entrevista com _____, a horas _____, e pedimos autorização para gravar. João Pessoa -------.
Eu sou Alba Ligia, o objetivo desta entrevista é para atender as necessidades da tese intitulada "Memória Científica e Social da Biblioteconomia: 50 anos de trajetória na Paraíba", que tem o objetivo de compreender a função da memória no contexto dos espaços de informação, constituídos pela trajetória histórica, científica e social da Biblioteconomia na Paraíba no período de cinco décadas de existência na UFPB.

1) Nasceu onde? me fale um pouco de sua história, de seus pais de sua infância);
2) Como se deu sua formação educacional...vida escolar
3) Qual a motivação da escolha pela Biblioteconomia? Como aconteceu essa escolha?
4) Fale um pouco sobre sua atuação no mercado profissional, antes de se tornar docente.

   Como foi o seu encontro com a docência?
5) Em que ano você ingressou no Departamento de Biblioteconomia da UFPB?
6) Que lembranças você tem da Sociedade naquela época? Que acontecimentos políticos, econômicos e sociais você destacaria?
7) Nos fale de sua construção docente (Como você preparava os conteúdos, como os priorizava, e como localizava a literatura disponível naquela época?)
8) Que disciplinas você ministrou?
9) Como era a dinâmica social/profissional (as pessoas, a rotina de trabalho) do Departamento à época?
10) Como se dava as relações sociais, culturais e acadêmicas do DBD/DCI?
11) Como foi sua participação no campo do ensino, da pesquisa e da extensão universitária?
12) Que fatos você destacaria em sua trajetória docente no âmbito do DBD/DCI?
13) Você gostaria de acrescentar algo mais? Você teria fotos, ou documentos que ache pertinente para retratar suas memórias?

APENDICE 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIAS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS

Autorizo a pesquisadora Alba Ligia de Almeida Silva para utilização, divulgação e reprodução de imagens, áudio e dados pessoais por mim relatados, para fins da elaboração de sua Tese intitulada: **"Memória científica e social da Biblioteconomia: 50 anos de trajetória na Paraíba"**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

Confesso que li a transcrição da entrevista realizada por ela, sendo a mesma revisada por mim e reenviada com este Termo de Autorização, estando eu ciente do uso de minhas palavras e imagens para a referida pesquisa.

A pesquisadora Alba Ligia de Almeida Silva, sob a orientação da Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, poderá utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia digital e eletrônica (*Internet*); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmica e científica.

Nome:		
Endereço:		
Cidade	Estado	CEP
RG	CPF	
Telefone	Celular	
E-mail:		

João Pessoa, ____ de _____de____.

_____
Assinatura do entrevistado

Testemunhas: _____